

Soraia Carolina de Mello

**DISCUSSÕES FEMINISTAS NA IMPRENSA PARA
MULHERES: REVISTA CLAUDIA E O TRABALHO
DOMÉSTICO (1970-1989)**

Tese submetida ao Programa de Pós-
Graduação em História da
Universidade Federal de Santa
Catarina para a obtenção do título de
Doutora em História.
Orientadora: Prof^a Dr^a Cristina Scheibe
Wolff.

Florianópolis
2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Mello, Soraia Carolina de
DISCUSSÕES FEMINISTAS NA IMPRENSA PARA MULHERES: :
REVISTA CLAUDIA E O TRABALHO DOMÉSTICO (1970-1989) / Soraia
Carolina de Mello ; orientadora, Cristina Scheibe Wolff -
Florianópolis, SC, 2016.
460 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa
de Pós-Graduação em História.

Inclui referências

1. História. 2. Trabalho doméstico. 3. Revista Claudia.
4. Feminismos. 5. Donas de casa. I. Wolff, Cristina
Scheibe. II. Universidade Federal de Santa Catarina.
Programa de Pós-Graduação em História. III. Título.

***Discussões feministas na imprensa para
mulheres: revista Cláudia e o trabalho
doméstico (1970-1989).***

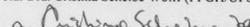
Soraia Carolina de Mello

Esta Tese foi julgada e aprovada em sua forma final para obtenção do título de:

DOUTORA EM HISTÓRIA CULTURAL

Banca Examinadora

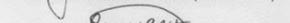

Prof.ª. Dra. Cristina Scheibe Wolff (PPGH/UFSC)


Prof.ª. Dra. Ana Rita Fonteles Duarte (UFC)


Prof.ª. Dra. Maise Caroline Zucco (UFBA)


Prof.ª. Dra. Inés Perez (Universidad Nacional de Mar del Plata)


Prof.ª. Dra. Joana Maria Pedro (PPGH/UFSC)


Prof.ª. Dra. Raquel de Barros Pinto Miguel (UFSC)

Prof.ª. Dra. Janine Gomes da Silva (suplente interna, PPGH/UFSC)

Prof.ª. Dra. Núcia Alexandra Oliveira (suplente externa, UDESC)


Prof.ª. Dra. Cristina Scheibe Wolff
Coordenadora do PPGH/UFSC
Florianópolis, 07 de março de 2016.

AGRADECIMENTOS

Esta tese, que acredito não fugir à regra nesse aspecto, foi fruto de um trabalho individual, muitas vezes bastante solitário, mas absolutamente inviável sem a contribuição, direta ou indireta, de algumas pessoas.

Inicialmente, meu grande agradecimento à minha família, importante incentivadora dos meus estudos. Meus irmãos e principalmente mãe, pai, Wirlle, Simão, obrigada pelo afeto, paciência, inspiração e suporte. A lista de contribuições de vocês a este trabalho poderia ser interminável. Ao Fernando por fomentar minha confiança, entender minhas ausências e principalmente pelo amor incondicional. Ao pequeno Pancho pela companhia inestimável no decorrer de toda a escrita.

À minha orientadora Cristina Scheibe Wolff, não apenas por compartilhar seu conhecimento e pela orientação nos momentos em que precisei de ajuda, perdida no volume de fontes, mas também pelo constante encorajamento, cuidado e respeito com a minha pesquisa e os meus ritmos de trabalho. Muitos dos aspectos que enxergo como positivos nesta tese são decorrentes da sua paciência e incentivo, que foram imprescindíveis no decorrer dessa dura trajetória.

Aproveito a oportunidade para também agradecer à professora Inés Pérez, pela amizade, por toda a atenção, a orientação e o apoio burocrático durante meu doutorado sanduíche na Universidad Nacional de Mar del Plata (UNMdP), na Argentina. Suas contribuições foram de grande importância para a realização desta tese. Do mesmo modo, agradeço às colegas e aos colegas do Grupo de Estudios sobre Familia, Género y Subjetividades da UNMdP, pela amistosa acolhida. Especial agradecimento à Paula Aguilar, da Universidad de Buenos Aires, pelos comentários sobre meu texto de qualificação.

Meus agradecimentos às professoras que aceitaram o convite para participação da banca, e em especial à professora Mara Coelho de Souza Lago e à Ana Rita Fonteles Duarte, pelas sugestões fundamentais fornecidas no exame de qualificação desta tese.

A coleta das fontes utilizadas nesta pesquisa não seria possível sem a acolhida de Luciana Fornazari Klanovicz e sua família, Jó e Luka, que alteraram toda a sua rotina por dias e me receberam com muito carinho em sua casa no período de pesquisa em Guarapuava. Da mesma forma, agradeço à Carol Cruz e ao Leonardo Cunha pela "invasão" de duas semanas na sua residência em São Paulo, e ao Vinicius Possebon em Campinas. Agradeço aos funcionários do Arquivo Histórico

Municipal de Guarapuava (PR), localizado na Unicentro (Universidade Estadual do Centro-Oeste); e da Biblioteca da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), onde a maior parte da pesquisa ocorreu. Especial agradecimento à Maria Paula Costa, que me disponibilizou seu acervo pessoal de revistas Claudia para que as primeiras análises que geraram esta tese pudessem sair do projeto.

Às professoras/es do Programa de Pós-Graduação em História e do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas. Às/aos colegas de pós-graduação e, principalmente, às companheiras de pesquisa – professoras e alunas – do Laboratório de Estudos de Gênero e História (LEGH) e do Instituto de Estudos de Gênero (IEG). No LEGH aprendi e desenvolvi meu ofício, e encontrei amizades para a vida inteira, assim como parcerias e interlocuções fundamentais para o aprofundamento dos debates historiográficos ligados aos estudos feministas e de gênero. Meu especial agradecimento a Gabriela Miranda Marques e Elias Ferreira Veras, com quem pude estreitar ainda mais os laços de amizade, compartilhar angústias e questionamentos sobre a elaboração da tese, além de dividir experiências profissionais. Além disso tudo, Maise Caroline Zucco, Joana Vieira Borges e Cintia Lima Crescêncio contribuíram diretamente, com bibliografia e constantes diálogos no decorrer do processo.

Agradeço às pessoas com quem pude conviver nas duas edições do curso Gênero e Diversidade na Escola, realizadas em Santa Catarina, nas quais atuei durante esses anos de doutoramento. À Caroline Jaques Cubas, Cristina Varela, Olga Regina Garcia e Rosemeri Moreira pelo incentivo na escrita. À Marinês Ribeiro e Melina Ayres pelas indicações bibliográficas. À Samira Peruchi Moretto principalmente por sua amizade, mas vale citar o apoio constante, os incontáveis socorros e a leitura da tese!

Às minhas amigas, feministas: Lis Pavin, Elisabete Weber, Ana Paula Pruner, Virginia Valdez, Ana Terra e Flora Lorena, pela inspiração e por estarem comigo durante todo esse processo. Pela amizade, pelas risadas, conversas e diversas acolhidas.

Por fim agradeço ao Reuni e à Capes, seja pelas bolsas de estudos, seja no apoio ao doutorado sanduíche; fomentos sem os quais esta pesquisa seria inviável.

RESUMO

A revista *Claudia* é um ícone editorial brasileiro, voltado às donas de casa de camadas médias. Seu surgimento, no início da década de 1960, com a proposta de ser a revista da mulher moderna, acrescido da presença de uma colunista feminista, Carmen da Silva, fez com que os feminismos emergidos no Brasil na década de 1970 fossem tema de circulação habitual na publicação. A tese analisou esses debates feministas em *Claudia* com foco na questão do trabalho doméstico feminino entre 1970 e 1989. Foi possível perceber diferentes apropriações de *Claudia* dos debates feministas contemporâneos à sua publicação acerca do trabalho doméstico. Isso se deu observando simultaneamente o conteúdo de *Claudia* e as publicações feministas do período, tanto periódicas quanto bibliográficas. A tese também se dedicou a analisar as formas como *Claudia* abordou o trabalho doméstico das donas de casa, apresentando os conceitos feministas de trabalho doméstico e aqueles encontrados na revista. As transformações de conceitos como o de trabalho doméstico, decorrentes de transformações sociais gerais e da atuação dos feminismos das décadas de 1970 e 1980, presentes na revista *Claudia*, também são foco da análise. Do mesmo modo, são observadas as formas como o discurso publicitário, tão volumoso na publicação, por momentos se apropriou e por tantos outros ignorou as questões feministas acerca do trabalho doméstico. As possibilidades e limites dos discursos feministas veiculados na imprensa comercial voltada para as mulheres são considerados na análise, que investiga sob um olhar historiográfico as negociações e disputas que possibilitaram a um magazine com proposta bastante conservadora trazer em suas páginas, repetidas vezes, no recorte temporal proposto, as problematizações, argumentos e proposições dos feminismos a respeito do trabalho doméstico.

Palavras-chave: Trabalho doméstico; Revista *Claudia*; Feminismos; Donas de casa; Imprensa para mulheres.

ABSTRACT

The Claudia magazine is a publishing icon in Brazil aimed at middle class housewives. Its emergence, at the beginning of the 1960s, with the proposal of being the magazine of the modern woman, plus the presence of a feminist columnist, Carmen da Silva, made the Brazilian's feminisms emerged in the 1970s a normal circulating theme in the publication. The thesis analyzed these feminist debates in Claudia focusing on the issue of women's domestic work between 1970 and 1989. It was possible to perceive different appropriations by Claudia of contemporary feminist debates about the issue of housework. This occurred by simultaneously watching Claudia's content and feminist publications of the period, both periodicals and bibliographical references. The thesis is also dedicated to analyse the ways in which Claudia addressed the domestic work of housewives, featuring feminist concepts of domestic work and those found in the magazine. The transformation of concepts such as domestic work, due to general social changes and the agency of the feminists of the 1970s and 1980s, present in Claudia magazine, are also the focus of the analysis. Likewise, it is observed the ways in which advertising discourse, so thick in the publication, at times it appropriated the feminist discussion of housework and other ignored it. The possibilities and limits of feminist discourses conveyed in the trade press focused on women are considered in the analysis, which investigates with a historiographical gaze the negotiations and disputes that make possible for a magazine with rather conservative proposal introduces in its pages, repeatedly, in the time frame proposed, the problematizations, the arguments and propositions of feminisms about housework.

Keyword: Domestic work; Claudia Magazine; Feminisms; Housewives; Women's press.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Gráfico da taxa de participação por gênero, Brasil 1960 - 2009.....	46
Figura 2: Tirinha sobre as horas do dia da dona de casa, Brasil Mulher	57
Figura 3: Charge dona de casa/empregada, Mulherio	59
Figura 4: Vidas paralelas. Especial – Mujer Ilet	62
Figura 5: Charge rainha do lar, Folhetim	66
Figura 6: Enfrente a rotina da limpeza com um sorriso, Claudia	76
Figura 7: Preocupações de mãe, Claudia	78
Figura 8: Que bom, amanhã é domingo!, Claudia	81
Figura 9: Crianças preferem brinquedos feitos por você, Claudia	88
Figura 10: Viva Melhor, novembro de 1971, Claudia	103
Figura 11: Viva Melhor, maio de 1976, Claudia	104
Figura 12: Viva Melhor, maio de 1978, Claudia	107
Figura 13: Viva Melhor, fevereiro de 1980, Claudia	108
Figura 14: Viva Melhor, novembro de 1981, Claudia	110
Figura 15: Viva Melhor, março de 1983, Claudia	113
Figura 16: Viva Melhor, novembro de 1986, Claudia	116
Figura 17: Viva Melhor, julho de 1987, Claudia	118
Figura 18: As santas prisioneiras do amor, Claudia	131
Figura 19: Tirinha divórcio, Claudia	139

Figura 20:	Tirinha Julieta, a descasada,	Claudia	140
Figura 21:	Pai e filha brincando,	Claudia	146
Figura 22:	Ele também pode ser o rei do lar,	Claudia	149
Figura 23:	Total de revistas consultadas por década		160
Figura 24:	Conteúdo destacado sobre trabalho em	Claudia	161
Figura 25:	Ser independente sem sair de casa,	Claudia	181
Figura 26:	O sonho não é impossível,	Claudia	186
Figura 27:	Representações acerca do trabalho feminino em	Claudia	190
Figura 28:	Anúncio Leite Ninho,	Claudia	224
Figura 29:	Anúncio Bamerindus,	Claudia	232
Figura 30:	Anúncio Singer,	Claudia	234
Figura 31:	Anúncio Frigidaire,	Claudia	236
Figura 32:	Anúncio feijão Alfredinho,	Claudia	243
Figura 33:	Anúncio cera Polwax,	Claudia	244
Figura 34:	Coleção Ternurinha,	Mulherio	254
Figura 35:	Anúncio boneca Amelinha,	Claudia	256
Figura 36:	Anúncio secadores Walita,	Claudia	262
Figura 37:	Anúncio talheres Hercules,	Claudia	270
Figura 38:	Anúncio Teflon II,	Claudia	274
Figura 39:	Anúncio limpa vidros Nifti,	Claudia	275

Figura	40:	Anúncio	óleo	Violeta,	Claudia	279
Figura	41:	Anúncio	lavadora	Lavínia,	Claudia	284
Figura	42:	Anúncio	linhas	Corrente,	Claudia	285
Figura	43:	Anúncio		Varig,	Claudia	289
Figura	44:	Super		Mulher,	Claudia	346
Figura	45:	Será que	Amélia	é mulher	de verdade? ,	Claudia
						349
Figura	46:	Nenhuma	dona	de casa	é de ferro,	Claudia
						377
Figura	47:	Meu	marido	não	me ajuda! ,	Claudia
						385

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	17
2 . PRIMEIRO CAPÍTULO – O QUE É TRABALHO DOMÉSTICO?	41
2.1. OS DEBATES MAIS RECENTES.....	42
2.2. A DONA DE CASA NOS FEMINISMOS DAS DÉCADAS DE 1970 E 1980	53
2.3. O TRABALHO DOMÉSTICO NA REVISTA CLAUDIA.....	73
3. SEGUNDO CAPÍTULO – O TRABALHO DOMÉSTICO EM CLAUDIA: TRANSIÇÕES E RESSIGNIFICAÇÕES DE CONCEITOS ENTRE AS DÉCADAS DE 1970 E 1980	93
3.1. “VIVA MELHOR”	100
3.2. CASAMENTO	120
3.3. TRABALHO	153
4. TERCEIRO CAPÍTULO – PUBLICIDADE E TRABALHO DOMÉSTICO	193
4.1. VENDER PARA DONAS DE CASA É VENDER AMOR.....	210
4.2. VENDER PARA MENINAS NÃO É VENDER PARA MENINOS	245
4.3. FEMINISMO VENDE?	259
5. QUARTO CAPÍTULO – FEMINISMO E TRABALHO DOMÉSTICO NAS PÁGINAS DE CLAUDIA	295
5.1. CARMEN DA SILVA DISCUTE O TRABALHO DOMÉSTICO	319
5.1.1. A LEITURA DOS ARTIGOS.....	328
5.2. FEMINISMO E TRABALHO DOMÉSTICO: PARA ALÉM DE CARMEN.....	372
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	409
7. FONTES.....	419
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	421
9. APÊNDICES	443

1. INTRODUÇÃO

Esta tese se dedica a observar as formas como a revista **Claudia** se apropriou dos discursos dos feminismos acerca do trabalho doméstico nas décadas de 1970 e 1980. Se as reivindicações feministas dos anos 1960 e 1970 a respeito do trabalho doméstico não remunerado tivessem se traduzido em profundas transformações na divisão tradicional do trabalho entre homens e mulheres nos lares (como em muitos sentidos ocorreu com o trabalho feminino na esfera pública), talvez esta pesquisa se dedicasse a pensar em como “chegamos onde estamos”, como estas transformações foram possíveis, quais embates e disputas foram travados para que tais transformações pudessem se dar, quais rupturas possibilitaram tais mudanças. Mas de forma geral, o cenário é outro.

Apesar das estatísticas animadoras no que se refere a jovens casais, sobre como as relações estão mudando na divisão de tarefas nos lares¹, os avanços parecem tímidos, e outras pesquisas atuais têm produzido estatísticas que mostram que a tradicional divisão de tarefas nos lares se mantém ("Em uma década, tempo gasto semanalmente por homens em afazeres domésticos cresceu só oito minutos")², principalmente após o casamento.³ Muitas vezes esta disparidade na

¹ Em pesquisa publicada em dezembro de 2012, entrevistando mulheres em São Paulo e em Recife, percebe-se que entre as mulheres mais jovens (18-34 anos), que vivem em domicílio com conjugue, há um número maior de homens executando tarefas domésticas do que entre as mais velhas (35-64 anos). Entretanto, a diferença não é gritante. Na atividade "passar roupa", por exemplo, entre as jovens temos 17% de conjugues (esposos, namorados etc.) que passam a roupa em suas casas, enquanto entre as mais velhas esse número é de 12%. A média altíssima de 86% do trabalho restante de passar roupa ainda é tarefa feminina. **Trabalho remunerado e trabalho doméstico** – uma tensão permanente. Data popular / SOS Corpo, dezembro de 2012. Disponível em <http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/images/stories/PDF/pesquisas/pesq_trabalho_data_popular_sos_corpo.pdf> Acesso em 01/04/2013.

² "Divisão do trabalho em casa tem avanços só da porta para fora". **O Globo online**. 03.11.2012. Disponível em <<http://oglobo.globo.com/economia/divisao-do-trabalho-em-casa-tem-avancos-so-da-porta-para-fora-6628065>> Acesso em 01/04/2013.

³ Dados muito interessantes sobre o uso do tempo de casais em afazeres domésticos, que abrangem questões qualitativas específicas sobre a divisão de tarefas nos lares, como "Você acha que o trabalho doméstico deveria ser dividido por igual entre homens e mulheres?" ou "Os homens, mesmo que queiram, não sabem fazer o trabalho de casa", podem ser encontrados em

divisão de tarefas em casa é disfarçada pela colaboração, a famosa “ajudinha” dos homens nas responsabilidades domésticas, que continuam sendo aceitas como femininas. Quer dizer, ao se admitir que lavar a louça ou estender a roupa é ajudar a esposa em casa, admite-se também que a obrigação de realizar tais tarefas é dela, e o cônjuge neste caso está fazendo um favor, realizando uma gentileza, e não simplesmente executando um trabalho indispensável à sua manutenção e sobrevivência, assim como de sua família.

Nos últimos anos questões referentes à diversidade e expansão de direitos de minorias têm ganhado espaço no Brasil. Entretanto, estas conquistas progressistas têm causado reações enérgicas de grupos mais conservadores. Para ilustrar um pouco a situação, acho interessante citar duas notícias divulgadas no mesmo dia, 20 de março de 2013. A primeira notícia, "Senado aprova proposta que amplia direito de domésticas"⁴, fala da Proposta de Emenda Constitucional (PEC) 66/12 do Senado que concede a trabalhadores/as domésticos/as direitos adquiridos pelos demais trabalhadores/as nos anos 1940, como jornada máxima de 8 horas diárias, adicional noturno, hora extra, licença maternidade, seguro desemprego e recolhimento de FGTS obrigatório. As reações de grupos conservadores não trouxeram nada de novo: alarde sobre desemprego em massa, reclamações sobre como unidades domésticas não são empresas e, portanto, não têm como arcar com estes encargos, afirmações sobre a inviabilidade de controlar a jornada uma vez que o trabalho é efetuado dentro dos lares, em ambiente privado. Todo esse alarde por pouco, uma vez que para as famílias que já registravam as trabalhadoras, o acréscimo nos encargos calculados em 2013 seriam de cerca de R\$100 (a não ser nos casos de hora-extra), o

pesquisa promovida pela Fundação Perseu Abramo e o SESC em 2010. Esta pesquisa indica que na média, as mulheres gastam quase 30 horas semanais em afazeres domésticos, enquanto os homens gastam pouco mais de 8 horas. **Mulheres brasileiras e gênero nos espaços público e privado.** Pesquisa de opinião pública. SESC /Fundação Perseu Abramo, agosto de 2010. Outro exemplo que traz dados nesse sentido é POESCHL, Gabrielle. Desigualdades na divisão do trabalho familiar, sentimento de justiça e processos de comparação social. *Análise Psicológica*, (2010), 1 (XXVIII) : 29-42, p. 29.

⁴ "Senado aprova proposta que amplia direito de domésticas." *O Povo online*. 20/03/2013. Disponível em <http://www.opovo.com.br/app/opovo/radar/2013/03/20/noticiasjornalradar.3025469/senado-aprova-proposta-que-amplia-direito-de-domesticas.shtml>> Acesso em 02/04/2013.

que não pesaria muito no orçamento de famílias que mantêm empregadas mensalistas.

Grupos feministas e organizações da categoria, além de grande parcela da população, comemoraram a PEC como a superação de um passado paternalista ligado à servidão e o reconhecimento da importância e do caráter profissional do emprego doméstico. Defende-se inclusive que esse esforço de valorização da profissão pode colaborar para manter mais mulheres nesse emprego que, diante das melhorias, pode oferecer alguma vantagem em relação aos empregos de meio período em *telemarketings*, por exemplo, que têm se apresentado como opção à mulheres que abandonaram o emprego doméstico devido à sua desvalorização, seu estigma e suas condições precárias de trabalho e vínculo empregatício.⁵

Para o trabalho doméstico não remunerado, foco desta tese, essa conquista também representa, em muitos sentidos, uma superação da naturalização das funções domésticas femininas. O reconhecimento da profissionalização traz a ideia subjacente de que é um trabalho, que exige aprendizado, esforço. Não é algo que as mulheres nascem sabendo fazer, nem que fazem simplesmente por amor, porque gostam, porque é inerente a elas. É uma profissão como qualquer outra, que presta um serviço essencial para a sobrevivência de todas as pessoas e para a reprodução social. Responsabilizar as mulheres, e somente elas, por esse trabalho, que não é reconhecido como trabalho por estar associado ao privado e ao amor familiar, é colocar sobre elas um peso muito grande, que se traduz em duplas jornadas, impossibilidade de se dedicar a outros projetos, e sentimentos de inferioridade e culpa quando não conseguem se dedicar como gostariam, tanto ao trabalho que exercem gratuitamente para a família, quanto a sua carreira profissional. Espera-se que uma maior profissionalização das domésticas colabore para a valorização e visibilidade do trabalho doméstico como um todo.

A segunda notícia divulgada em 20 de março de 2013, que ajuda a ilustrar os embates que se acirram entre ampliação de direitos democráticos e reações conservadoras, dialoga diretamente com a questão acima exposta. Em "Marco Feliciano diz que direitos das mulheres atingem a família", **O Globo** comenta uma entrevista que teria sido concedida pelo então presidente da Comissão de Direitos Humanos

⁵ ANTUNES, Ricardo. "A revolta da sala de jantar". **Estadão.com.br** 30/03/2013. Disponível em <http://www.estadao.com.br/noticias/suplementos,a-revolta-da-sala-de-jantar,1015042,0.htm>> Acesso em 02/04/2013.

e Minorias (CDHM) da Câmara dos Deputados, membro da Frente Parlamentar Evangélica e pastor da Assembleia de Deus, a um livro intitulado **Religiões e política: uma análise da atuação dos parlamentares evangélicos sobre direitos das mulheres e LGBTs no Brasil**, produzido pelo Instituto de Estudos da Religião (ISER). Pelo teor da declaração divulgada na entrevista, reproduzo o trecho aqui na íntegra

'Quando você estimula uma mulher a ter os mesmos direitos do homem, ela querendo trabalhar, a sua parcela como mãe começa a ficar anulada, e, para que ela não seja mãe, só há uma maneira que se conhece: ou ela não se casa, ou mantém um casamento, um relacionamento com uma pessoa do mesmo sexo, e que vão gozar dos prazeres de uma união e não vão ter filhos. Eu vejo de uma maneira sutil atingir a família; quando você estimula as pessoas a liberarem os seus instintos e conviverem com pessoas do mesmo sexo, você destrói a família, cria-se uma sociedade onde só tem homossexuais, você vê que essa sociedade tende a desaparecer porque ela não gera filhos', diz ele na página 155, em declaração dada em junho de 2012.⁶

A reportagem segue com depoimentos de um pesquisador envolvido no livro citado e da professora da Universidade Federal Fluminense (UFF) Hildete Pereira de Melo, pesquisadora considerada referência em relações de gênero e mercado de trabalho.

O simples fato de uma figura pública, marcada pelo fundamentalismo religioso e intolerância, ter ocupado um cargo voltado a objetivos que muitas vezes são antagônicos ao grupo político que a elegeu e do qual faz parte, já elucida o embate de forças, progressistas de um lado, e conservadoras de outro, que vêm se travando em diferentes instâncias do poder público no Brasil – vale citar, com forte participação popular. Mas para além disso, o comentário reproduzido acima nos faz pensar em quantos direitos adquiridos estão sob ameaça

⁶ "Marco Feliciano diz que direitos das mulheres atingem a família". **O Globo online**. 20/03/2013. Disponível em <<http://oglobo.globo.com/pais/marco-feliciano-diz-que-direitos-das-mulheres-atingem-familia-7889259>> Acesso em 02/04/2013.

neste momento, e como a expansão da noção de direitos humanos, o que a historiadora Lynn Hunt coloca como "a cascata de direitos"⁷ universais que surge com a Declaração da Independência dos EUA em 1776 e com a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão francesa, em 1789, reafirmadas e expandidas pela Declaração Universal dos Direitos Humanos da ONU, em 1948, não tem seus caminhos abertos para fluir livremente. Portanto, é entre a aprovação de leis progressistas, como a possibilidade legal de pais serem dispensados do trabalho para cuidarem dos filhos doentes⁸; contra o risco da justiça perder sua laicidade, através da PEC 99/11 (só para apontar outros exemplos de 2013), que esta tese foi escrita.

Diante disso, e levando em conta as já citadas profundas permanências no que se refere à responsabilização das mulheres pelo trabalho doméstico em suas famílias, pode-se alegar que esta pesquisa é movida muito mais pelo incômodo das permanências do que pela percepção de significativas mudanças. Não se está aqui, de forma alguma, tentando afirmar que o trabalho doméstico tenha algo de a-histórico ou natural. A base teórica deste trabalho, que pode ser entendida como uma crítica histórica feminista, leva-o ao caminho exatamente oposto. Talvez seja por isso que a questão incomode tanto e por isso que, após escrever uma dissertação sobre o tema, resolvi me dedicar por mais alguns anos ainda ao mesmo.

Ao mesmo tempo, não é intenção desta pesquisa buscar qualquer espécie de explicação cartesiana para a permanência dessa divisão do trabalho nos lares, apesar da larga inserção das mulheres em profissões nas quais antes elas não tinham espaço. Dados indicam que em outras profissões essa inserção não foi tão grande⁹, e algo como uma ideologia tradicional, uma subjetivação conservadora, sempre pode ser apontada como a grande vilã quando questões materiais (mas não somente), como

⁷ HUNT, Lynn. **A invenção dos direitos humanos**: uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 215.

⁸ "Projeto permite até 30 faltas no trabalho para cuidar de filho". Disponível em <<http://www.senado.gov.br/noticias/senadonamidia/noticia.asp?n=841753&t=1>> Acesso em 08/07/2013.

⁹ KLANOVICZ, Luciana Rosar Fornazari. História, Gênero e Ciência: mulheres engenheiras no sul do Brasil. **Revista Venezolana de Estudios de la Mujer**, v. 16, p. 105-122, 2011. Disponível em <http://academia.edu/1282722/Historia_Genero_e_Ciencias_mulheres_engenheiras_no_sul_do_Brasil_History_Gender_and_Science_Female_Engineers_in_Southern_Brazil> Acesso em 10/04/2013.

a do trabalho doméstico feminino permanecem, mantêm-se, por razões que nos parecem mais culturais do que materiais.

De qualquer maneira, acredito que voltar nossa atenção às problematizações feministas acerca do trabalho doméstico e algumas das apropriações¹⁰ que meios de comunicação vistos como conservadores, voltados às mulheres e ao consumo, promoveram acerca destas problematizações, pode nos ajudar a pensar nas mudanças tímidas e permanências profundas, e nos sentidos que damos hoje às nossas leituras de décadas atrás. Questões que não são necessariamente atuais, nos parecem muito atuais, em parte pela forma pela qual nos apropriamos delas, em parte pelos problemas que são apontados lá (no passado, não tão remoto, mas suficientemente distante para conceber maiores transformações do que as que podemos perceber) e que identificamos aqui. Problemas os quais muitas vezes são diferentes, são outros, mas nos parecem os mesmos.

As permanências a respeito do trabalho doméstico feminino não são anacrônicas, não são deslocadas de um passado distante de forma intocada para nossos dias, mas talvez a elas seja interessante que assim pareçam ser. Se remetermos essas questões a um passado remoto e imemoriável, se investirmos em estudos que busquem explicações científicas e evolutivas que justifiquem essas divisões, se borrarmos o reforço diário e constante necessário para que cada pessoa – homens e mulheres, nesse caso – entenda seu lugar nessa divisão, é mais fácil naturalizá-la. Afinal de contas, nossas sociedades chegaram onde chegaram (seja lá qual “lugar” especial seja este) fundamentadas nessa divisão, não é mesmo?

O projeto desta tese surgiu a partir da observação dos embates discursivos entre imprensa feminista e imprensa feminina no Brasil nas décadas de 1970 e 1980, com enfoque na questão do trabalho doméstico. Em pesquisa anterior, centrada nas discussões feministas acerca do

¹⁰ A noção de apropriação é utilizada nesta tese para indicar as formas pelas quais a revista **Claudia** utiliza, se apropria, quase sempre ressignificando, ideias, conceitos e motes dos feminismos. Quer dizer, os usos que a revista dá às ideias feministas, ora fidedignas a alguns dos discursos dos feminismos (sobretudo na coluna de Carmen da Silva), ora em oposição a eles, são aqui observados como apropriações, ainda que seja diferente da noção de apropriação utilizada na história da leitura.

trabalho doméstico no Cone Sul, nas décadas de 1970 e 80¹¹, minhas fontes foram produções escritas dos feminismos estudados, principalmente periódicos. E foi através de um destes periódicos, o paulistano **Mulherio** (1981-1988), que emerge a questão que me instigou a realizar a pesquisa atual.

Em uma pequena matéria em 1987, o **Mulherio**¹² divulga um debate sobre imprensa feminina ocorrido no evento de comemoração dos quarenta anos do Museu de Arte de São Paulo (MASP), no qual se encontraram teóricas feministas e editoras de revistas femininas comerciais de grande circulação. O título da matéria, “Revistas femininas: com modelitos e sem feminismo”, demonstra o conteúdo da crítica feminista às revistas femininas. Apesar da própria matéria trazer algumas ponderações a respeito dessa crítica, baseada em trabalho acadêmico¹³ e nos comentários da então editora da revista **Claudia** – presente no evento em meio a outras editoras de revistas femininas da Abril¹⁴ –, o tom geral é de acusação de conservadorismo e imposição de modelos padronizados e opressores de aparência e comportamento.

Esta tese foi concebida com o objetivo de buscar, na imprensa feminina comercial, apropriações e meios de divulgação das ideias transformadoras dos feminismos a respeito do trabalho doméstico. A análise se realiza avaliando as possibilidades da cultura de massa, devido seu amplo alcance e acesso e apesar de seu usual conservadorismo, em contrapartida às ideias radicais e profundamente transformadoras que podem ser encontradas em alguns setores da imprensa alternativa e militante. Essa imprensa militante, a “imprensa nanica” de baixa tiragem e difícil acesso, tinha representantes ainda mais marginais no caso dos periódicos feministas, uma vez que seu acesso de

¹¹ A pesquisa resultou na publicação de MELLO, Soraia Carolina de. **Trabalho doméstico: coisa de mulher?** Debates feministas no Cone Sul (1970-1989). Rio de Janeiro: Multifoco, 2011.

¹² **Mulherio**. São Paulo, Ano 7, nº 29, maio/junho de 1987, p. 22.

¹³ A matéria se refere a SARTI, Cynthia e MORAES, Maria Quartim de. Aí a porca torce o rabo. In: BRUSCHINI, Cristina e ROSEMBERG, Fúlvia (orgs). **Vivência** – história, sexualidade e imagens femininas. São Paulo: Fundação Carlos Chagas/Editora Brasiliense, 1980.

¹⁴ A Editora Abril é uma editora brasileira, fundada em 1950 por Victor Civita, a qual inaugurou suas publicações com o gibi do **Pato Donald**. É famosa pelos empreendimentos bem sucedidos, e por ter inovado no mercado editorial, em especial na década de sessenta, com publicações como **Veja**, **Zé Carioca**, **Quadro Rodas** e **Claudia**.

modo geral era mais complicado do que aquele aos periódicos de esquerda.¹⁵

Posto isso, a revista **Claudia** foi aqui eleita como representante da imprensa voltada para mulheres¹⁶, e as justificativas dessa escolha são inúmeras. Primeiramente, como o foco das discussões feministas que se busca encontrar nas revistas é o daquelas sobre o trabalho doméstico, uma revista voltada à dona de casa parece ser o tipo ideal.

Temos também a impecável periodicidade da revista, mensalmente publicada desde outubro de 1961, o que abarca e extrapola o recorte temporal desta pesquisa, e oferece um volume grande de fontes, 240 exemplares em duas décadas.¹⁷ Sobre esse fator, é

¹⁵ O **Brasil Mulher**, por exemplo, contava com uma tiragem de 10 mil exemplares, raramente vendidos em bancas; enquanto **O Pasquim** começou com 20 mil exemplares e atingiu a tiragem de 200 mil exemplares em meados dos anos 1970, sempre presente nas bancas. A revista **Claudia**, só para termos uma dimensão da disparidade, teve 150 mil cópias em sua primeira edição em 1961; em setembro de 1979 contou com 380 mil exemplares mensais, distribuídos em praticamente todo o território nacional.

¹⁶ Apesar da revista **Claudia** contar com uma maioria de mulheres em seu corpo editorial no recorte temporal da pesquisa, inclusive em cargos de chefia, nem sempre as chamadas revistas femininas são ou foram produzidas por mulheres. Em decorrência disso utilizo em alguns momentos "imprensa voltada para mulheres" ou "revistas para mulheres" para lembrar que, se seu público alvo é basicamente feminino, nem sempre essas publicações são gerenciadas e/ou produzidas por mulheres.

¹⁷ Dos 240 exemplares de **Claudia** lançados entre 1970 e 1989, consultei 168: números 101, 104, 106-111, 116, 118-123, 125-131, 133-136, 138, 139, 141-145, 147-154, 156, 159, 161-165, 167-169, 171, 174-185, 187-190, 192-232, 234, 236-238, 240-244, 246-248, 252-255, 257-259, 262, 264, 265, 272, 274, 282, 284, 299-302, 304-310, 312, 314, 315, 317-319, 322-332, 334, 339. Alguns deles estavam incompletos, mas não muitos. Esta consulta foi realizada em dois acervos diferentes: o acervo pessoal de Maria Paula Costa, que fez sua pesquisa de doutorado sobre a revista **Claudia**, e me cedeu acesso às revistas utilizando o espaço físico do Arquivo Histórico Municipal de Guarapuava (PR), localizado na Unicentro (Universidade Estadual do Centro-Oeste); e o acervo da Biblioteca da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). A Biblioteca Municipal Mário de Andrade, em São Paulo, informou-me ter o acervo completo da revista. Entretanto, seu setor de periódicos estava em reforma no período em que coletei as fontes, reforma esta que se estendeu por alguns meses. Dessa forma, o acervo só reabriu no final de dezembro de 2012, quando eu tinha acabado de voltar de minha terceira e última viagem de coleta de fontes, e portanto não foi visitado.

importante levar em conta as vantagens de se utilizar periódicos de publicação mensal e contínua como fonte. Diferente de outras fontes, mais efêmeras e fluidas, ou da busca por outros registros de acontecimentos em si, os quais não se dão de forma linear nem apresentam sempre um sentido, o periódico é produzido para se apresentar exatamente dessa forma linear, com um sentido, ainda que seja cíclico (como no caso das revistas femininas, que costumam guiar suas pautas pelo calendário e as estações do ano, e invariavelmente se repetem com os anos). Se por um lado, tem-se claro que é uma fonte produzida para ser periódica (o que significa que essa linearidade no discurso é de alguma forma artificial); por outro, a constância na publicação e o volume de fontes ajudam a visualizar quando algo novo aparece, quando mudanças, mesmo que sutis, surgem, e os casos nos quais essas mudanças são pontuais ou vêm para ficar.

A **Claudia**¹⁸ desponta como inauguradora, no Brasil, de uma espécie de magazine, exportado de um modelo norte-americano – em especial a estadunidense *Good Housekeeping*, fundada em 1885 e que em 1968 contava com uma tiragem de cerca de 5,5 milhões de cópias mensais¹⁹ –, que inova por trazer grande número de textos, além das usuais imagens das revistas femininas, e fala sobre o cotidiano e assuntos "femininos", voltada ao público brasileiro. Até então, a maior parte dos modelos de revistas femininas no Brasil eram importados e traduzidos, o que não criava uma grande identificação das leitoras com as revistas. A **Claudia** na década de 1970 já tinha deixado de usar gravuras em suas capas, priorizando nestas e em seu interior as fotografias de modelos brasileiras, e a grande maioria dos textos, talvez com exceção dos contos, eram de autoria de brasileiros/as.

A presença da feminista Carmen da Silva, escrevendo na coluna "A arte de ser Mulher", entre 1963 e 1985, ano de seu falecimento, é um ponto que também chama a atenção para **Claudia**. Apesar da aversão pessoal de Carmen da Silva por qualquer espécie de trabalho doméstico, como nos conta Ana Rita Fonteles²⁰, sua abordagem feminista sobre o tema é encontrada repetidas vezes na publicação. Claro que Carmen

¹⁸ Importante mencionar a centralidade do magazine no mercado editorial brasileiro no período estudado.

¹⁹ NEHRING, Maria Lígia Quartim de Moraes. **Família e feminismo**: reflexões sobre papéis femininos na imprensa para mulheres. São Paulo. Tese (Doutorado em Ciências Políticas), USP, 1981, p. 89.

²⁰ DUARTE, Ana Rita Fonteles. **Carmen da Silva**: o feminismo na imprensa brasileira. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2005, p. 101.

escrevia para o público-alvo da revista, geralmente introduzindo as questões, tomando cuidado para não ir "longe demais"²¹, e seus artigos passavam por edições, mas ainda assim ela representava uma voz dissonante, com presença constante no magazine, o que não se encontrava nas demais revistas comerciais do período.

Como meu olhar sobre a problemática do trabalho doméstico feminino neste período vem de leituras feministas, tanto de periódicos quanto de bibliografia²², é importante pontuar as centrais diferenças entre estes periódicos (e esta produção bibliográfica, as pesquisas, os panfletos, a literatura feminista..) e uma revista como **Claudia**. Talvez a maior diferença seja o fato de que **Claudia** é um produto, e não qualquer produto; um produto feito para vender produtos. Com a emergência da classe média urbana no Brasil nas décadas de 1950 e 1960, os lares nas grandes cidades se estabeleceram como unidades consumidoras. Nesse sentido, a publicidade encontra nas mulheres, as responsáveis por grande parte do consumo dos lares, um desejável público-alvo. A **Claudia**, voltada a mulheres dessa emergente classe média, além de oferecer grande espaço à publicidade e investir em reportagens e matérias casadas com a publicidade – como muitas outras revistas femininas faziam no período –, funciona também como um guia de compras. Ela às vezes parece quase um catálogo, descrevendo minuciosamente os produtos, suas vantagens, e os endereços – geralmente em São Paulo, com exceção clara nas matérias sobre viagens – onde os produtos podiam ser encontrados. No terceiro capítulo da tese abordarei com maior ênfase estas questões.

O fato é que a descrição acima não poderia ser mais antagônica às propostas dos escritos feministas. As pesquisas acadêmicas do período, às quais tive acesso, e que de forma geral se tornaram a bibliografia de referência clássica na temática do trabalho doméstico, fazem questão de deixar claro seu engajamento político, muitas vezes no marxismo e no

²¹ Ibidem, p. 51.

²² Sobre os periódicos, a pesquisa foca nos brasileiros **Brasil Mulher** (1975-1980), **Nós Mulheres** (1976-1978) e **Mulherio** (1981-1988); consultados no acervo do Laboratório de Estudos de Gênero e História (LEGH) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Quanto à bibliografia, utiliza-se principalmente bibliografia publicada no Brasil, traduzida ou não, mas não somente. Levando em conta que os feminismos se conectavam em rede de trocas de informação e solidariedade, muitas leituras estrangeiras faziam parte dos debates realizados localmente, e serão utilizadas dentro do possível, conforme disponibilidade.

feminismo. Nos periódicos feministas essa questão é ainda mais evidente, e neles publicidade é rara, geralmente apenas apresentando anúncios para divulgar outro periódico alternativo ou militante. Não é a toa que Amy Erdman Farrel, escrevendo sobre a **Ms. Magazine**, uma revista feminista norte-americana que foi pioneira no intuito de popularizar o feminismo através dos moldes das revistas femininas comerciais, ressaltou que quaisquer que fossem as diferenças que caracterizavam as mulheres que deram os primeiros passos no movimento feminista (e havia muitas), o que conectava muitas delas era a raiva que sentiam da grande mídia.²³

As discordâncias e disputas entre mídia alternativa e mídia corporativa estão presentes no decorrer da tese. É justamente nelas que encontro a justificativa para buscar, na mídia corporativa, apropriações de uma questão central para as publicações feministas no período: o trabalho doméstico. As ambiguidades e paradoxos, presentes tanto nos feminismos quanto na grande imprensa, também são levados em consideração, como parte das querelas e estratégias discursivas que levaram o trabalho doméstico a debate público nesses anos. O contexto de ditadura, que parece invisível à **Claudia**, é central nos escritos feministas do período, afetando diretamente a vida de muitas das feministas que estavam escrevendo sobre a questão nestes anos no Brasil. Para **Claudia**, parece que a ditadura civil-militar não era um problema que dissesse respeito às mulheres; mas a responsabilização das mulheres por praticamente todo o trabalho doméstico realizado em suas famílias, ainda que muitas vezes pontualmente, o era. Entretanto, mais do que ser uma grande divulgadora dos debates feministas sobre o trabalho doméstico, **Claudia** parece ter contribuído para ampliar nosso olhar para o que seria trabalho doméstico, e assim perceber como este afeta as mulheres de maneira generalizada – com suas devidas peculiaridades – não só nos aspectos culturais ou regionais, mas também quando pensamos em marcadores de classe.

Ao observar a produção bibliográfica feminista sobre o trabalho doméstico, o que surge é principalmente a figura da mulher da classe trabalhadora, dona de casa empobrecida, cada vez mais cumpridora da dupla jornada, desprovida de meios de socialização desse trabalho e sobrecarregada. Ou então, a figura da trabalhadora doméstica, da empregada doméstica que, apesar de nos últimos anos ter apresentado a

²³ FARREL, Amy Erdman. **A Ms. Magazine e a promessa do feminismo popular**. São Paulo: Barracuda, 2004, p. 39.

tendência de separar seu lugar de moradia do lugar de trabalho, e ter conquistado outros importantes direitos, é cumpridora de dupla jornada no trabalho doméstico, em sua casa e na de outras pessoas, muitas vezes deixando suas crianças em casa sozinhas para cuidar das crianças das famílias abastadas. Figura simbólica da superexploração do trabalho feminino. Esses discursos sobre o trabalho doméstico são profundamente vitimizantes e, se por um lado, apresentam um importante caráter de denúncia, por outro, invisibilizam as resistências e estratégias de sobrevivência destas mulheres, assim como invisibilizam outras mulheres, de outros estratos sociais, como sendo também responsáveis pelo trabalho doméstico.

Se isso pode ser percebido na bibliografia recente, ao nos voltarmos para as problematizações feministas acerca do trabalho doméstico nos anos 1970 e 1980 no Brasil, o fenômeno é ainda mais marcante. Não que os feminismos deste período não reconhecessem as mulheres de classe média como exploradas, como vítimas do machismo. No entanto, geralmente, para estas mulheres, entendia-se que o foco da exploração e da submissão estava nas regras comportamentais, na sexualidade, na violência, nas desigualdades no mercado de trabalho (dificuldade das profissionais de ensino superior em assumir cargos de chefia, salários desiguais para trabalho e qualificação iguais etc.). Na questão do trabalho doméstico, ao menos no Brasil, a tendência era colocar as mulheres de classe média como as "que têm a sorte de poderem contratar alguém para ajudá-las em casa", aquelas que tinham a possibilidade de dividir o trabalho de reprodução social, seja com instituições, como creches, escolinhas ou lavanderias, seja com outras mulheres, contratadas a baixíssimos salários, em uma das profissões mais estigmatizadas que existem, estas consistindo nas "verdadeiras vítimas do trabalho doméstico".

Podemos observar, sem sombra de dúvida, mudanças nessa tendência da bibliografia sobre o tema, no sentido de encarar uma gama maior de atividades como trabalho doméstico, além do cozinhar/limpar/lavar/passar.²⁴ É possível observar também o crescimento da classe média e o aumento da inserção das mulheres no

²⁴ Exemplo em GOIDANICH, Maria Elisabeth. **Mamãe vai ao supermercado:** uma abordagem etnográfica das compras para o cotidiano. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas), UFSC, 2012. No resumo da tese, a autora afirma que "As compras de abastecimento como parte do trabalho doméstico são, em geral, invisíveis e, como tal, raramente se tornam objetos de estudo."

mercado de trabalho transformando relações ainda em nossos dias, e não apenas lá nos anos 1970 e 80. Vale frisar que a contratação do serviço doméstico tem mostrado grande tendência em ser mais fragmentada, como semanal ou quinzenal, o que podemos relacionar com a maior valorização do trabalho doméstico remunerado, no sentido de estar mais caro. Há quem defenda que as recentes conquistas de direitos da categoria também levarão a um aumento do trabalho diarista.

De qualquer maneira, a figura da dona de casa de camadas médias, que não trabalha fora, que mantém em funcionamento o lar e serve às necessidades familiares, levando as crianças ao judô ou natação, organizando jantares para amigos, comprando no supermercado produtos que agradam cada membro da família, explicando à faxineira ou diarista exatamente que tipo de limpeza sua casa precisa, persiste de certo modo em nossos dias, nós podemos encontrá-la. Essa mulher, essa figura de uma mulher específica, parece ser o público-alvo da revista **Claudia** na década de 1970.

Na década de 1980 a revista adota uma postura considerada mais moderna, e dialoga com a inserção opcional dessas mulheres no mercado de trabalho. Algumas dessas mulheres saem de casa para "expandir os horizontes", "se sentirem produtivas", e muitas vezes a revista relaciona a crise econômica do período com a ajuda que podem trazer aos seus lares com seus salários. Entretanto, apesar da mencionada ajuda no orçamento doméstico, a tendência do magazine é de sugerir ocupações de meio período, em atividades já relacionadas com os trabalhos tradicionalmente femininos (como secretária, pedagoga, fonoaudióloga..), frisando a importância de não se "abandonar o lar e a família em nome do trabalho". O diálogo que a revista estabeleceu foi com uma leitora que não precisava trabalhar fora de casa para garantir a sua sobrevivência e a de sua família. Diante de alguma baixa no padrão de vida (o que significaria baixa no padrão de consumo, basicamente), poderia valer a pena, para essas mulheres com filhos já maiores, sair de casa para incrementar a renda familiar. No segundo capítulo desta tese as diferenças percebidas nas abordagens de **Claudia** a respeito do trabalho doméstico entre as décadas de 1970 e 1980 serão analisadas com maior acuidade.

Tendo em vista essa mulher que é o público-alvo de **Claudia**, a esta análise é indispensável levar em conta que marcadores como classe são muito importantes ao considerarmos a qualidade, o tipo de trabalho doméstico que as mulheres desempenham, o que é diferente de afirmar, como fez Maria Lygia Quartim de Moraes em 1981, que as mulheres

das classes dominantes estão "(...) desobrigadas do trabalho doméstico propriamente dito (...)".²⁵ Fugindo à tendência de parte da literatura feminista contemporânea às fontes analisadas, o marcador de classe não estabelece, nesta pesquisa, o que é ou o que não é legítimo ser chamado de trabalho doméstico. Todavia, através dele podemos observar variações significativas nas tarefas que são realizadas com o intuito de servir às necessidades familiares. Ou seja, o trabalho doméstico que uma operária cumpridora de dupla jornada realiza não é o mesmo que uma esposa de alto executivo realiza, não obstante os aspectos culturais que fundamenta(ram) as regras e costumes que fazem com que as mulheres sejam responsáveis pelas tarefas domésticas sejam semelhantes nestes dois casos.

Encontram-se, neste trabalho, críticas a algumas das tendências das análises feministas sobre o trabalho doméstico. Estas muitas vezes se dão devido ao fato do feminismo não ser um movimento uno, homogêneo, mas sim um fenômeno que se constitui a partir de múltiplas iniciativas, múltiplos pontos de vista e variadas formas de atuação, que buscaram combater e também explicar as razões pelas quais as mulheres, de forma generalizada, em diversas sociedades, viviam e vivem em situação subalterna em relação aos homens. Sendo assim, é importante pensarmos em feminismos, no plural.

Outra questão que precisa ser apreciada a respeito das críticas aqui contidas às pesquisas feministas que abordam o trabalho doméstico é a temporalidade. É imprescindível manter em vista a história dessas análises, o momento em que foram produzidas, que em alguns casos é muito diferente do momento em que esta tese está sendo escrita – e nesse aspecto sempre se apresentarão ponderações para escapar dos anacronismos. O caráter militante destes estudos foi, de forma geral, mais marcado nas décadas de 1970 e 1980 que em nossos dias, fato que não os desqualifica, mas é importante ser levado em conta. Sendo assim, apesar das diferentes temporalidades, é nas teorias, análises e críticas feministas e de gênero, inclusive aquelas que datam do recorte temporal das fontes, que esta pesquisa foi concebida. É também utilizando estas análises que ela busca ferramentas para refletir sobre o trabalho doméstico em **Claudia**, e suas possíveis apropriações de ideias feministas sobre esta temática.

As teorias feministas, assim como o trabalho doméstico e a revista **Claudia**, têm história. Se muitas vezes os discursos feministas das décadas de 1970 e 1980, no Brasil, parecem discordantes aos

²⁵ NEHRING, M. Op. Cit., 1981, p. 32-33.

discursos pós-estruturalistas de gênero, considerar a história da categoria de análise e os lugares acadêmicos nos quais a mesma surgiu, nos ajuda a percebê-la como um dos desdobramentos desses feminismos de cerca de quarenta anos atrás. Tendo em vista que as categorias de análise mulher, mulheres e gênero coexistem em nossos dias e não respondem necessariamente às temporalidades lineares às quais muitas vezes nos apegamos²⁶, vale observar de que formas a teoria feminista vem passando, já há décadas mas desde os anos 2000 de forma mais enfática, por uma interessante autocrítica voltada à sua periodização.²⁷

Entende-se que nos exercícios de sistematização comuns às pesquisas mais amplas sobre algum tema específico, algumas generalizações sejam cometidas. Entretanto, teóricas feministas vêm criticando essas generalizações que por muito tempo cometeram, avaliando que, mesmo sendo conscientes – ou seja, elas admitiam que estavam de alguma forma desconsiderando certos aspectos para poder sistematizar os períodos dos feminismos em Ondas²⁸, por exemplo –, essa periodização acabara se dando de forma que passa uma noção de progresso, uma noção de superação de etapas, uma noção de história linear, a caminho de algo melhor. Uma “narrativa em desenvolvimento”.

Essa noção tem sido criticada não só por ignorar os feminismos que não respeitam tal periodização, no sentido de não se encaixarem na divisão de questões, teorias e Ondas por décadas, mas também por ter sido uma periodização muito centrada na teoria feminista anglo-americana, que se em muitos aspectos circulou pelos demais feminismos ocidentais, não o fez de forma universal. Além disso, a apropriação das teorias feministas anglo-americanas que ocorre em outros países se dá das mais diversas formas, heterogêneas e contingentes, fugindo aos

²⁶ PEDRO, Joana Maria. Relações de gênero como categoria transversal na historiografia contemporânea. **Topoi**, v. 12, n. 22, jan.-jun. 2011, p. 03.

²⁷ Exemplos em COSTA, Claudia de Lima. O sujeito no feminismo: revisitando os debates. **Cadernos Pagu**. (19) 2002; ou HEMMINGS, Clare. Contando estórias feministas. **Revista Estudos Feministas**, vol. 17, n. 1, 2009 : 215-241.

²⁸ Sobre a questão das Ondas feministas, ver PEDRO, Joana Maria. Narrativas fundadoras do feminismo: poderes e conflitos (1970-1978). **Revista Brasileira de História**. São Paulo: ANPUH, vol. 26, nº 52, jul/dez 2006. Essa mesma autora, em PEDRO, J. Op. Cit., 2011, p. 10, traz debates de feministas não brancas sobre a noção de ondas, as quais partiriam de um centro irradiador. Nesse sentido, ironicamente pergunta-se se as feministas brancas do “Norte” se consideravam as “inventoras” do questionamento à opressão sexista, criadoras das “ondas irradiadoras” de feminismo.

“blocos” de teorias que datam e hierarquizam conceitos como mulher, mulheres e gênero, respectivamente, assim como as sucessivas Ondas feministas.

Clare Hemmings sintetiza essas questões criticando os discursos que insistem que "O feminismo dos anos 70 é, na melhor das hipóteses, ignorante ou inocente em relação à diversidade racial e sexual" ou, pior ainda, "efetivamente excludente através de sua branquidade e heterossexismo". Nesse panorama a teleologia se confirma quando "Os anos 90 pós-estruturalistas emergem no outro lado dos anos 80 como paladinos da multiplicidade e da diferença – diferença em geral." A autora conclui sua observação

Para que tal teleologia se mantenha, uma série de outros binarismos é sobreposta nessa trajetória linear (diferença sexual/teoria do gênero, singularidade/multiplicidade, empirismo/desconstrução, feminismo/pós-estruturalismo), e diferentes perspectivas dentro da literatura feminista dos anos 70 são esmagadas, apagadas ou consideradas exceções à regra.²⁹

Nesse sentido, o que vem sendo criticado é a noção de que a história das relações de gênero seria algo mais novo e teoricamente mais desenvolvido que a história das mulheres, admitindo aí um processo de sucessão evolutiva entre história social e história pós-estruturalista. E essa própria ideia evolutiva também desqualifica a evolução de certo modo, quando liga a história das mulheres a um compromisso político feminista e a história de gênero à despolitização acadêmica. Quer dizer, a “evolução teórica” teria, dentro dessa perspectiva, resultado em afastamento do compromisso político. Clare Hemmings, em seu texto supracitado, “Contando estórias feministas”, publicado no Brasil em 2009, critica particularmente “uma narrativa insistente que vê o desenvolvimento do pensamento feminista como uma marcha incansável de progresso ou perda.”³⁰

Essa discussão me é especialmente interessante, principalmente quando se refere à oposição história das mulheres *VERSUS* história de gênero porque, diante dessas discussões todas me pergunto: o que eu venho fazendo e me propus a fazer durante a pesquisa do doutorado não é também história das mulheres? A história do feminismo, que foi foco

²⁹ HEMMING, C. Op. Cit., 2009, p. 229.

³⁰ Ibidem, p. 215.

da minha pesquisa de mestrado, não se trata de história das mulheres? História de mulheres específicas, protagonistas políticas, preocupadas com sua condição... sim, como muitas das histórias das mulheres. Mas parece que a preocupação com as querelas discursivas, que é presente nesta pesquisa e foi anteriormente, acabou afastando-a do campo da história das mulheres. Será então a perspectiva teórica na qual me situo, inclusive institucionalmente³¹, que pode ser acusada como fator de distanciamento das minhas pesquisas da noção de história das mulheres?

Uma das maiores preocupações da minha pesquisa, observando os debates a respeito do trabalho doméstico feminino, é historicizar um fenômeno que muitas vezes é naturalizado pelo “sempre foi assim”; é indicar que o trabalho doméstico tem história. Sendo assim, é partindo de uma inquietação política, de caráter feminista, do presente (Por que, apesar da larga inserção das mulheres no mercado de trabalho formal, e apesar das constantes e profundas críticas feministas à associação entre mulheres e domesticidade, o trabalho doméstico continua a ser, de forma geral, aceito como função feminina?), que proponho a pesquisa, com o objetivo de, a partir de publicações dos feminismos e da revista **Claudia**, buscar perceber as propostas feministas à questão, sua apropriação pela imprensa de grande circulação voltada às mulheres, e os embates e disputas presentes nos discursos e representações dessas duas vertentes de comunicação no que se refere ao trabalho doméstico.

Logo, minha inquietação não é apenas em pensar a irrelevância de se separar as esferas política e teórica dentro dos feminismos, mas também refletir sobre em que sentidos perdemos com as divisões marcadas entre história das mulheres e história das relações de gênero. Essa oposição entre política e teoria feminista, aliás, não é recente. Joan

³¹ Refiro-me, por exemplo, a linha de pesquisa a qual sou integrada, Relações de Poder e Subjetividades, voltada à teoria pós-estruturalista. A linha tem como objetivo refletir sobre as relações de poder na construção de subjetividades e discursos que permeiam as relações sociais na história a partir de três recortes temáticos: 1. Investiga-se o gênero como componente cultural e histórico nos eventos e nos movimentos sociais, focalizando a constituição de subjetividades hierarquizadas e suas interfaces com outras categorias das relações sociais tais como classe, etnia e geração. 2. Pesquisa-se as relações entre os sujeitos individuais e suas afetividades com as suas práticas políticas e sociais. Entende-se que a dimensão afetiva dos indivíduos, seus sentimentos e paixões, se traduz numa certa maneira (política) de estar no mundo. 3. Aborda-se o papel das instituições religiosas e das vivências do religioso tentando descortinar os contextos sócio-culturais forjados pelas relações de poder e a aprofundar o debate em torno da produção e apropriação de subjetividades.

Scott nos lembra, em texto publicado em português em 1992, que não faz sentido opor teoria e política, levando em conta que não são esferas absolutamente distintas, pelo contrário, e que “(...) aquelas que insistem que o pós-estruturalismo não pode lidar com a realidade ou que seu foco nos textos exclui as estruturas sociais, não compreendeu o ponto principal da teoria.”³²

Deste modo, ao reivindicar aqui a história das mulheres, não estou sugerindo que esta tese faça uma história social do trabalho doméstico ou uma história social das donas de casa, mas pensando em que sentidos os debates sobre representações e problematizações do trabalho doméstico podem ser entendidos como história das mulheres. Considerando que muitas das teóricas feministas que são conhecidas por seus estudos de gênero fizeram parte de uma primeira geração de historiadoras das mulheres, e que contribuíram para firmar esse campo de estudos, não parece fazer sentido separá-las de sua própria história. Quer dizer, a tendência é indicar que elas se deslocaram da história das mulheres para “outro lugar” (os estudos de gênero, o pós-estruturalismo), e não relacioná-las com a história da história das mulheres.³³ O fato de se entender as mulheres como uma categoria construída, pensando no sentido de sexo inventado que Laqueur³⁴ propõe, não significa negar a sua existência. As protagonistas de tais debates, ao menos do lado feminista, são mulheres. Dentro desta perspectiva, não pretendo abrir mão da noção de relações de gênero; o que quero é poder reivindicar meu trabalho como história das mulheres baseada na perspectiva de gênero.

Se em algum momento a história das mulheres ficou marcada em uma perspectiva teórica específica, que no caso seria a história social, com toda a literatura que temos a esse respeito em nossos dias, temos condições de pensar a história das mulheres como mais plural, flexível e heterogênea. Temos condições de pensar em “histórias das mulheres”, ou “estórias feministas”, como propõe Clare Hemmings³⁵ partindo da *story* em inglês, para utilizar um termo mais contingente que a formal *history*. Penso que uma história das mulheres pós-estruturalista não é impossível, na literatura feminista não encontrei afirmações dizendo que

³² SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992, p. 94.

³³ HEMMINGS, C. Op. Cit., 2009, p. 228; 235-6.

³⁴ LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo**. Corpo e gênero dos gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

³⁵ HEMMINGS, C. Op. Cit., 2009. Nota 1, p. 215-6.

é impossível, mas geralmente não se encontram gênero e história das mulheres juntos nas palavras-chave de artigos acadêmicos (salvo quando gênero é usado como sinônimo³⁶ de mulheres, e não como o conceito construtivista, relacional ou performático proposto e discutido por autoras como Joan Scott³⁷, Linda Nicholson³⁸ e Judith Butler³⁹).

Não é meu objetivo também, com esta discussão, propor, como o fez Carla Bassanezi Pinsky⁴⁰, uma utilização mais operacional do conceito de gênero pela “tradicional história das mulheres”, se podemos chamar assim a história social das mulheres. Minha pretensão deve se aproximar mais daquilo que escreveu Joan Scott em 1991, articulando o conceito de gênero dentro da história das mulheres⁴¹ (apesar de eu entender que ele deve ser útil para além da história das mulheres), passando pelas propostas mais atuais de Clare Hemmings⁴², preocupada com a historicidade dos conceitos feministas, e com o que propõe Claudia de Lima Costa⁴³, em reivindicar a história das mulheres, mas não no sentido em que ela surgiu há décadas atrás, e sim levando em conta todas as críticas que ela sofreu desde então. Seria um esforço em retomar e ressignificar estrategicamente a categoria mulheres partindo dessas críticas.

Se admitirmos que os debates discursivos são em si práticas (ou ao menos que os discursos produzem ou constituem as diferenças sexuais⁴⁴ ou de gênero), e que nos debates discursivos as mulheres, que

³⁶ Luisa Passerini chama esse uso de sexo e gênero como sinônimos de “corrupção” do conceito de gênero. PASSERINI, Luisa. Gênero ainda é uma categoria útil para a história oral? In: _____. **A memória entre política e emoção**. São Paulo: Letra e Voz. 2011, p. 98.

³⁷ SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, 16(2). Jul/Dez, 1990.

³⁸ NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, vol.8, n.º 2/2000, p. 9-42.

³⁹ BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

⁴⁰ PINSKY, Carla Bassanezi. Estudos de Gênero e História Social. **Revista Estudos Feministas**, Vol. 17, n. 1/2009, p. 159-189.

⁴¹ SCOTT, J. Op. Cit., 1992. O original em inglês foi publicado em 1991.

⁴² HEMMINGS, C. Op. Cit., 2009.

⁴³ COSTA, C. Op. Cit., 2002.

⁴⁴ CHARTIER, Roger. A história das mulheres, séculos XVI-XVII. Diferenças entre os sexos, e violência simbólica. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (orgs.). **As mulheres e a História**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995, p. 41.

são cultural e historicamente construídas como uma categoria por instituições legais, médicas e jurídicas, existem, não há nenhum sentido em dizer que a teoria pós-estruturalista nega a existência das mulheres. O que se questiona é de que maneiras se determina o que são as mulheres, em que debates e disputas se decide quem são e quem não são mulheres e como, nessas circunstâncias, sua subordinação, exclusão ou desqualificação são enunciadas.

Temos condições de articular as preocupações de gênero com questões “clássicas” da história das mulheres. Temos condições de pensar para além da superação da história no masculino universal, sem negar a importância desta superação. Os paradoxos que os feminismos de forma geral apresentam, inclusive em suas teorias, podem ser observados como características que os tornam flexíveis e versáteis, para poderem atuar em diferentes espaços e se legitimar diante das mais diversas situações, e não como um ponto fraco. Quando Françoise Thebaud⁴⁵ se referiu aos atuais estudos feministas de gênero como uma “historização das identidades”, não foi no sentido de marcar a despolitização das teorias feministas, mas de tentar apresentar os desdobramentos dessas teorias em um projeto que, para ela, se por um lado é complexo, por outro é estimulante.

Volto novamente a citar Clare Hemmings, quando ela se pergunta “(...) como a teoria feminista poderia gerar uma proliferação de histórias sobre seu passado recente que melhor refletisse a diversidade de perspectivas dentro (e fora) de sua órbita?”⁴⁶ Talvez uma maneira de prestarmos mais atenção na diversidade de histórias feministas do passado seja estarmos dispostas a nos abrir agora, a diversificar as histórias feministas que nos propomos a fazer no presente. Pensar na viabilidade e na importância da história das mulheres para os estudos de gênero, sem abrir mão das necessárias críticas, mas usando-as para tentar encaminhar nossas pesquisas por caminhos mais plurais, nos quais diferentes diálogos possam se dar, pode ser uma fértil tentativa de não se ofuscar ou hierarquizar perspectivas, mas dialogar com elas de forma a enriquecer nossos debates. Acreditando que uma noção mais heterogênea e crítica de história das mulheres tem muito a contribuir para os estudos de gênero, lanço meu olhar ao trabalho doméstico na revista **Claudia** sob ambas estas perspectivas.

⁴⁵ THEBAUD, Françoise. Políticas de gênero nas Ciências Humanas. O exemplo da disciplina histórica na França. **Espaço Plural**. Ano X, n. 21, 2º semestre, 2009, p. 41.

⁴⁶ HEMMINGS, C. Op. Cit., 2009, p. 235.

Além das relações de gênero e a história das mulheres, a crítica às fontes, aos periódicos e à bibliografia, os contextos em que estas foram produzidas, por quem foram produzidas, para quem, com quais objetivos, estão presentes no desenrolar da análise. A utilização das imagens nos impressos, seu formato, diagramação, o quanto e a quem eram acessíveis quando foram publicados, em quais arquivos foram encontrados em nossos dias; todas essas são questões que serão levadas em conta, para que seus discursos não sejam observados de maneira descolada do contexto, do lugar e do tempo em que foram produzidos, em uma aproximação, em muitos sentidos, com as metodologias propostas pela história da leitura.

A lista de títulos de pesquisas realizadas com acuidade sobre feminismo e imprensa voltada para mulheres é grande. Se quisermos focar apenas na área da história, o número de pesquisas ainda é muito grande. Entretanto, apesar de encontrar debates sobre o trabalho doméstico em tópicos de muitas dessas pesquisas, não encontrei em nenhuma delas a intenção de tomá-lo como questão central da análise. Na busca por discursos e questionamentos sobre o trabalho doméstico feminino na imprensa comercial, que tiveram uma circulação (e portanto, uma interação social) mais ampla do que os presentes nos escritos feministas⁴⁷, deparei-me com novas temáticas. O consumo, a cultura de massa, e toda uma gama de atividades que, para os feminismos, nem mesmo costumavam aparecer como trabalho doméstico, surgem na revista **Claudia**. O preparo de um jantar especial para os convidados do esposo; as compras das roupas da moda da estação para a família; o cuidado, inclusive preventivo, da saúde de todos os membros do grupo familiar; a possibilidade de se produzir artesanalmente em casa produtos facilmente encontrados no mercado a preços acessíveis, para assim demonstrar seu amor incondicional; entre outras atividades que não aparecem nas fontes feministas como trabalho doméstico, podem sim ser consideradas trabalho doméstico.

É sobre essas diferentes percepções do que seria o trabalho doméstico que trata o primeiro capítulo desta tese: "O que é o trabalho doméstico?". O objetivo deste capítulo é problematizar o tema central da tese, buscando tanto nos periódicos e na teoria feminista quanto na própria revista **Claudia** as diferentes conceituações ou atribuições de

⁴⁷ Que pelo seu linguajar acadêmico (no caso da bibliografia) ou por sua baixa tiragem (no caso dos periódicos), tiveram alcance limitado, geralmente não chegando às mulheres que não estavam engajadas em grupos políticos.

trabalho doméstico naqueles anos. Em conjunto com as noções de trabalho doméstico trazidas por bibliografia recente, este capítulo abre a tese com o intuito de mostrar que mesmo elementos corriqueiros de nosso dia a dia, que parecem autoevidentes por ser de amplo conhecimento do que se tratam, assuntos menores que não precisariam de maiores explicações, sofrem variações em suas definições e são objeto de disputas discursivas, como acontece com o trabalho doméstico. Além disso, o capítulo discute as possíveis razões que levaram os feminismos do período a, de certo modo, invisibilizar determinadas atividades como trabalho doméstico.

O segundo capítulo, "O trabalho doméstico em *Claudia*: transições e ressignificações de conceitos entre as décadas de 1970 e 1980", detém-se nas transformações do que é entendido como trabalho doméstico e função da dona de casa na revista no recorte temporal da pesquisa, dialogando com as transformações nas problematizações feministas acerca do trabalho doméstico no mesmo período. É possível identificar uma mudança na postura de **Claudia** de uma década para outra, o que pode ser entendido como uma apropriação de ideias feministas, ou ao menos uma vontade editorial de "não ficar pra trás", de "se manter moderna e atualizada". Ao mesmo tempo, novas questões surgem aos feminismos brasileiros, e algumas demandas se aprofundam ou se transformam sobre a temática da domesticidade. Este capítulo nos ajuda a contar um pouco dessa história.

Como a revista **Claudia** é uma publicação comercial, é importante ponderar os significados e limites impostos pela publicidade neste tipo de publicação. No terceiro capítulo, "Publicidade e trabalho doméstico", os modos como a domesticidade é representada na revista através da publicidade serão discutidos, com foco especial na produção de subjetividades das donas de casa de camadas médias brasileiras nos 70 e 80. A publicidade também era e ainda é um alvo comum das feministas, por esta muitas vezes reproduzir estereótipos machistas e valores capitalistas. Portanto, é interessante observarmos igualmente a relação dos feminismos estudados com a publicidade, pois muitas vezes ela está ligada à crítica destes feminismos às revistas femininas comerciais como um todo.

O quarto e último capítulo, "Feminismo e trabalho doméstico nas páginas de *Claudia*", busca no conteúdo da revista apropriações de ideias feministas acerca do trabalho doméstico. Os diálogos estabelecidos entre o conteúdo que circulou na imprensa e bibliografia feminista e em **Claudia** se evidenciam, assim como as apropriações do magazine destes debates, muitas vezes oferecendo a eles outros sentidos.

A figura de Carmen da Silva recebe especial destaque neste capítulo, e a profundidade dos debates encontrados sobre a temática na publicação, mesmo que muitas vezes bastante pontuais ou relegados a determinados *guetos*, guiam nossa observação para um diferente ponto de vista sobre a revista.

2. PRIMEIRO CAPÍTULO – O QUE É TRABALHO DOMÉSTICO?

Grande parte dos trabalhos acadêmicos que têm como objeto o trabalho doméstico, atualmente, são empíricos. Descrevem atividades, estimam o tempo despendido nestas atividades, observam a distribuição de tarefas entre os casais e outros membros da família. São trabalhos que apresentam uma conceituação de trabalho doméstico, geralmente em sua introdução, e é importante mencionar que estas conceituações vêm se expandindo e complexificando nos últimos anos. Entretanto, a partir do momento em que é apresentado, de forma geral, o entendimento da autora⁴⁸ sobre o que é trabalho doméstico não é mais discutido.

Em minha pesquisa, diferentes representações discursivas a respeito do trabalho doméstico (aquelas dos feminismos das décadas de 1970 e 1980; aquelas da revista **Claudia**; assim como aquelas das discussões bibliográficas recentes sobre o tema, que são também, sobretudo, advindas de teorias feministas contemporâneas) estão presentes, e em muitos momentos se contradizem. Sendo assim, preciso levar em consideração esses embates discursivos e as disputas subjacentes a eles, para poder expor à leitora e ao leitor desta tese, a amplitude da noção de trabalho doméstico que, de tão usual e cotidiana, por sua trivialidade muitas vezes não é nem mesmo questionada ou discutida.

Para tanto, desrespeitando intencionalmente uma ordem cronológica ou aparentemente linear da discussão, este capítulo começa por trazer alguns dos debates atuais sobre o tema, para então em seguida apresentar debates feministas sobre o trabalho doméstico no recorte temporal da pesquisa, e então, afinal, apontar, através das páginas de **Claudia**, a noção de trabalho doméstico que era levada a suas leitoras nas décadas de 1970 e 1980. Essa ordem busca responder às necessidades desta pesquisa, ao elencar primeiramente as ferramentas teóricas que alicerçam o olhar sobre as fontes, para então discutir diretamente com as fontes. Ainda assim, é mais um esforço de

⁴⁸ Uso autora, no feminino, porque a maioria esmagadora destes trabalhos são de autoria de mulheres, sendo os autores que escrevem sobre esta temática uma exceção. Esclareço este ponto porque poderia se tratar apenas de um exercício de trocar o universal masculino, "autores", por "autoras" em alguns momentos do texto para desconstruir, a partir da perspectiva feminista, a regra gramatical do universal masculino.

sistematização do que uma organização rígida da análise, uma vez que as produções dos feminismos no período são também fontes de pesquisa, e não apenas bibliografia de apoio.

2.1. OS DEBATES MAIS RECENTES

Dominique Fougeyrollas-Schwebel⁴⁹ traz, em texto publicado em português em 2009, o trabalho doméstico sendo geralmente definido como o conjunto de tarefas realizadas no terreno familiar; trabalho gratuito efetuado principalmente pelas mulheres. A PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios), do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), incluiu a partir de 1992 uma pergunta específica sobre afazeres domésticos⁵⁰, a qual era aplicada a todas as pessoas consultadas, não apenas àquelas que entram na categoria de inativas. Já em 2001, além dessa pergunta específica, o IBGE incluiu outra pergunta que considera o tempo gasto semanalmente nestas atividades. Para realizar tais perguntas considera-se afazeres domésticos a realização, no domicílio de residência, de tarefas de:

- a) Arrumar ou limpar toda ou parte da moradia;
- b) Cozinhar ou preparar alimentos, passar roupa, lavar roupa ou louça, utilizando, ou não, aparelhos eletrodomésticos para executar estas tarefas para si ou para outro(s) morador(es);
- c) Orientar ou dirigir trabalhadores domésticos na execução das tarefas domésticas;
- d) Cuidar de filhos ou menores moradores; ou
- e) Limpar o quintal ou terreno que circunda a residência.⁵¹

⁴⁹ FOUGEYROLLAS-SCHWEBEL, Dominique. Trabalho doméstico, serviços domésticos. In: FARIA, Nalu; NOBRE, Miriam (orgs). **O trabalho das mulheres**: tendências contraditórias. São Paulo: SOF, 1999, p. 62-93.

⁵⁰ "A pergunta número 121 era: na semana de (período de referência anterior à pesquisa)... o/a sr./a cuidava de afazeres domésticos?" BRUSCHINI, Maria Cristina A. (et al). Trabalho, renda e políticas sociais: avanços e desafios. In: BARSTED, Leila Linhares; PITANGUY, Jacqueline (orgs.). **O progresso das mulheres no Brasil 2003–2010**. Rio de Janeiro: CEPIA; Brasília: ONU Mulheres, 2011, p. 152.

⁵¹ SOARES, Cristiane; SABOIA, Ana Lucia. Tempo, trabalho e afazeres domésticos: um estudo com base nos dados da Pesquisa Nacional por Amostra

Podemos perceber que a definição do IBGE de trabalho doméstico exclui o cuidado com pessoas idosas, adultos doentes ou dependentes, assim como atividades como as compras dos alimentos, atenção psicológica prestada à família, e outras tantas atividades descritas nas fontes feministas e em **Claudia**. Como exemplos podemos citar receber visitas, e mesmo sair de férias ou acampar. Afinal de contas, fazer as malas, preparar, acondicionar e levar lanches para comer no campo ou na praia, ou planejar o funcionamento da casa durante a ausência da família (como pedir a uma vizinha para vir pegar as contas na caixa de correio ou molhar as plantas), costumam ser tarefas atribuídas às mulheres. Se não o são, no geral são elas quem pensam sobre isso e delegam as tarefas a outros membros do grupo familiar.

Cristina Bruschini também conceitua o trabalho doméstico, observando-o sob um panorama mais global quando define os afazeres domésticos em cinco blocos distintos:

1. tarefas relativas ao cuidado com a casa ou moradia;
2. tarefas relacionadas à alimentação e higiene pessoal;
3. prestação de serviços físicos e psicológicos;
4. administração da unidade doméstica;
5. manutenção da rede de parentesco e de amizade.⁵²

A autora observa que essas atividades têm diferentes significados e prestígios diversos, sendo que cuidar dos filhos seria mais valorizado do que passar a roupa ou limpar a casa, e cozinhar é considerado mais criativo. Dentre as atividades, algumas são manuais, outras têm caráter afetivo e outras, caráter intelectual. Ela ressalta que “a essas atividades corresponde uma assimetria sexual”, e que os homens, mesmo que dividam os afazeres domésticos, “tendem a fazê-lo nas tarefas mais valorizadas”. Levando em conta esse aspecto, em conjunto com o tímido aumento da contribuição dos homens casados nos afazeres domésticos⁵³,

de Domicílios de 2001 e 2005. **Textos para discussão**. Diretoria de Pesquisas. Número 21. Rio de Janeiro: IBGE, 2007, p. 10.

⁵² BRUSCHINI, Maria Cristina A. **Articulação trabalho e família**: famílias urbanas de baixa renda e políticas de apoio às trabalhadoras. São Paulo: FCC/DPE, 2008, p. 70-71.

⁵³ Ainda que seja em termos quantitativos, em tempo; pesquisa voltada a aspectos qualitativos, realizada com homens de escolaridade média e renda familiar menor que 5 salários mínimos, com esposas que trabalham fora,

podemos pensar que a noção de contrato de gênero ou contrato sexual persiste, apesar das transformações sociais que envolveram mulheres e trabalho produtivo nos últimos anos.

A ideia de contrato sexual está ligada ao conceito de divisão sexual do trabalho, que não seria simplesmente uma divisão de tarefas entre homens e mulheres, na qual os homens ficariam com o trabalho produtivo e as mulheres com o trabalho doméstico ou reprodutivo, mas sim uma divisão marcada pela assimetria, no sentido de que o trabalho masculino sempre é mais valorizado, mesmo quando ambos, homens e mulheres, estão no trabalho produtivo, no mercado de trabalho⁵⁴. O contrato sexual seria aquele no qual, mesmo que veladamente, fica posto que nas famílias as mulheres, e especificamente a esposa, é responsável pelos cuidados com a casa e a família, e os homens são responsáveis pelo trabalho produtivo e pelas provisões financeiras familiares.

Essas conceituações ganharam muita força nas décadas de 1970 e 1980, todavia, em nossos dias, com todos os desdobramentos das teorias de gênero, deve ser mais interessante propor a noção de contrato de gênero, ou divisão do trabalho por gênero, não simplesmente substituindo "sexo" por "gênero" com o intuito de propor a atualidade da questão, mas considerando as propostas construcionistas, desconstrucionistas, relacionais e em muitos sentidos contingentes da categoria de análise gênero. Levando isso em conta, é imprescindível considerarmos que a história do trabalho doméstico não é apenas história das mulheres, e sim da humanidade, de homens e mulheres. Essa afirmação pode não se embasar tanto na contribuição do grupo de homens aos afazeres domésticos nos últimos séculos, mas principalmente na dependência dos homens, e da vida humana como um todo, destes afazeres. A responsabilização das mulheres pelo trabalho doméstico também precisa ser pensada de um ponto de vista relacional, nem simplesmente como uma invenção masculina que vitimizou e

mostram que, sob essas circunstâncias, a contribuição masculina aos afazeres domésticos aumenta muito, apesar de podermos relacionar esse aumento com a necessidade, ou seja, a falta de outras opções para delegação destas tarefas que não a "ajuda" masculina. BRUSCHINI, Maria Cristina A.; RICOLDI, Arlene Martinez. **Revendendo estereótipos: o papel dos homens no trabalho doméstico.** São Paulo: FCC/DPE, 2010.

⁵⁴ HIRATA, Helena e KERGOAT, Danièle. A divisão sexual do trabalho revisitada. In: MARUANI, Margaret e HIRATA, Helena (orgs.). **As novas fronteiras da desigualdade: homens e mulheres no mercado de trabalho.** São Paulo: Senac, 2003, p. 113.

vitimiza as mulheres, nem somente como um conjunto de tarefas que as mulheres, como coletivo, se auto atribuíram e executam por livre escolha, porque querem.

Bila Sorj⁵⁵, escrevendo sobre processos de reestruturação produtiva que veem ocorrendo nos últimos anos, com sucateamento das condições laborais e flexibilização do trabalho, demonstra como as mulheres são as principais atingidas pelos novos arranjos laborais, e como as empresas justificam esse novo modelo de emprego como uma política de "responsabilidade familiar", a qual teria como objetivo facilitar a articulação entre trabalho e família para seus empregados. Se por um lado, essas flexibilizações, com menores jornadas, abriam oportunidades no mercado de trabalho para mulheres com filhos dependentes, por outro, os menores salários, alta rotatividade, poucas perspectivas de carreira e baixo treinamento profissional fazem com que a inserção das mulheres nesse tipo de emprego contribua para perpetuar a identificação das trabalhadoras com a vida doméstica. Ou seja, sua identidade doméstica é reforçada pelos novos arranjos produtivos.

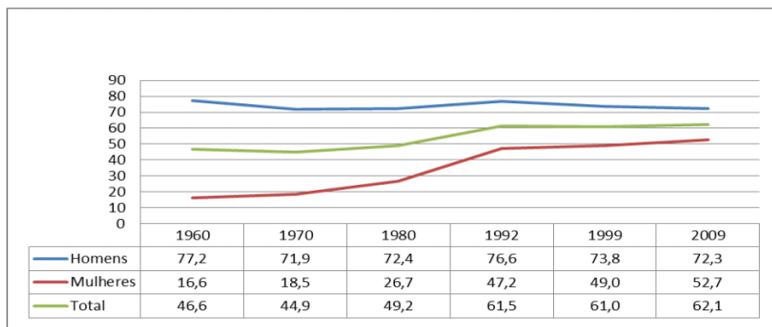
Concomitantemente, características tradicionalmente associadas ao feminino, como a capacidade de trabalhar em equipe, de comunicação e interação, criatividade, entre outras⁵⁶, são exigidas em muitos desses novos arranjos para os cargos de gerência. Diante disso, a pesquisadora enuncia a urgência de se renegociar o chamado contrato sexual, de considerar que as mudanças nas relações de gênero têm que começar dentro de casa, e de que uma repartição mais justa das tarefas domésticas entre os casais é imprescindível para que se possa questionar a reestruturação produtiva em marcha e reivindicar o retorno do emprego regulado e em tempo integral. Quer dizer, ela demonstra como os trabalhos produtivo e reprodutivo estão interligados (desconstruindo a visão liberal de uma divisão estrita entre esfera pública e privada) e como a divisão tradicional do trabalho doméstico, marcada pela assimetria de gênero, afeta diretamente a inserção das mulheres no mercado de trabalho.

⁵⁵ SORJ, Bila. Trabalho, gênero e família: quais políticas sociais? In: GODINHO, Tatau; SILVEIRA, Maria Lúcia da (orgs.). **Políticas públicas e igualdade de gênero**. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher, 2004, p. 143-48.

⁵⁶ Nesse aspecto Bila Sorj cita HIRATA, Helena. Reorganização da produção e transformação do trabalho: uma nova divisão sexual? In: BRUSCHINI, Cristina e UNBEHAUM, Sandra. **Gênero, democracia e sociedade brasileira**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas/Editora 34, 2002.

Para analisarmos as problematizações sobre o trabalho doméstico feminino, desde o recorte temporal proposto por esta pesquisa até nossos dias, é preciso ter em vista as transformações sociais do período, e as mudanças provocadas pela larga inserção das mulheres no mercado de trabalho. Ou podemos pensar também no caminho inverso, em quais transformações possibilitaram esse acesso de um maior número de mulheres ao trabalho remunerado. Para ilustrar a amplitude dessas transformações, reproduzo a seguir gráfico que traz a taxa de participação⁵⁷ de homens e mulheres no trabalho remunerado desde 1960 no Brasil.

Figura 1 - Taxa de participação por gênero, Brasil, 1960 - 2009 (%)⁵⁸



⁵⁷ A taxa de participação (PEA/ PIA) consiste num indicador da oferta de trabalhadores no mercado de trabalho. Este indicador refere-se à porcentagem de pessoas de 10 anos ou mais incorporadas no mercado de trabalho (ocupadas ou desempregadas). GONÇALVES, Maria E.; PEREZ, Elisenda R., WAJNMAN, Simone. **Taxas de Participação (Formal e Informal) Feminina no Mercado de Trabalho das Regiões Sudeste e Nordeste: uma análise a partir das PNADs, 1992-2002.** Trabalho apresentado no XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambú- MG – Brasil, de 20-24 de Setembro de 2004. Disponível em <http://www.abep.nepo.unicamp.br/site_eventos_abep/PDF/ABEP2004_84.pdf> Acesso em 06/08/2013.

⁵⁸ VIECELI, Cristina Pereira. **Mulher e trabalho no Brasil: características, avanços e permanências (1960 - 2009).** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Economia), UFRGS, 2011, p. 15. Gráfico elaborado pela autora citada, com dados do Censo Demográfico do IBGE (1960 a 1980) e PNAD (1992 a 2009).

Conforme exposto, de 1960 a 2009 a taxa de participação feminina no mercado de trabalho subiu de 16,6% para 52,7%, o que representa um crescimento de 218,19%! De acordo com Cristina P. Vieceli, que produziu o gráfico, seria possível relacionar a grande diferença de participação feminina entre 1980 e 1992 com as mudanças metodológicas que ocorreram na pesquisa, uma vez que a partir de 1992 o gráfico utiliza dados do PNAD, e não do Censo. Entretanto, ela avalia que, como os números da taxa de participação masculina não se alteram muito nesses anos, acredita-se que esta mudança metodológica tenha sido de menor importância no quadro geral, ainda que os efeitos da mesma não tenham sido estimados (por exemplo, efetuando ambas as pesquisas no mesmo ano e comparando as amostragens e resultados).

Para os fins desta tese, é importante observar que entre 1970 e 1980 a taxa de participação feminina aumentou 8,2%, e entre 1980 e 1992, 20,5%. Não obstante esses números continuarem subindo até 2009, a partir de 1992 eles demonstram subir em um ritmo mais parecido com aquele entre 1960 e 1970. Assim sendo, é justamente no recorte temporal proposto pela pesquisa aqui apresentada⁵⁹ que ocorre a maior inserção das mulheres no mercado de trabalho, contabilizando um aumento de 28,7% na taxa de participação feminina entre 1970 e 1992, o que significa que, em 1992, a taxa de participação feminina equivalia a 155,15% daquela de 1970. As transformações nas configurações familiares que estes dados sugerem podem ser observadas nas fontes, e muito mais na revista **Claudia** do que nas fontes feministas que discutem o trabalho doméstico, fato que a primeira vista pode parecer surpreendente.

Como exposto anteriormente, as problematizações feministas acerca do trabalho doméstico no Brasil e Cone Sul nas décadas de 1970 e 1980 eram muitas vezes embasadas por teorias marxistas, e voltadas às mulheres trabalhadoras. Dessa forma, havia uma ênfase nas mulheres que cumpriam dupla jornada, no trabalho produtivo e reprodutivo, por necessidade. Essas mulheres por vezes deixavam seus empregos para cuidar das/os filhas/os pequenas/os, sobretudo quando não tinham acesso às creches públicas e o valor desses serviços quando pagos era mais alto ou equivalente a seus salários. Entretanto, quando os/as filhos/as atingiam idade escolar, muitas dessas mulheres tentavam

⁵⁹ Com exceção dos três anos em que a PNAD entra na década de 1990, 1990-1992.

retornar ao mercado de trabalho e se viam então desempregadas⁶⁰. Haviam se tornado exército de reserva⁶¹ de mão de obra, o que é diferente de "inativas", ou exclusivamente donas de casa. É interessante pensarmos nisso, quando observamos que a partir de 1980 até 2009, o desemprego feminino mantém-se constantemente mais alto que o masculino⁶². A ideia da função de dona de casa como disfarce para o desemprego, como propõe o **Nós Mulheres** em 1976⁶³, parece ter sido suprimida pela aparentemente irreversível inserção das mulheres em larga escala no mercado de trabalho.

É complicado afirmarmos que as donas de casa de camadas médias, público alvo da revista **Claudia**, não tenham ingressado no mercado de trabalho por necessidade. Isto porque camada média no Brasil significa muito, abrange famílias com diferentes faixas de rendimento, e apesar da Editora Abril expor aos anunciantes uma leitora abastada, a revista era consumida, direta ou indiretamente, por mulheres em diferentes situações financeiras. Também seria complicado fazer tal afirmação porque a necessidade das camadas médias pode ser muito diferente da necessidade das famílias mais empobrecidas da população. Desse modo, a dona de casa que ingressa no mercado de trabalho para manter um ou dois automóveis da família, ou para garantir as viagens de férias, entende que está ingressando por necessidade, que manter o padrão de consumo de seu grupo familiar é necessidade. É uma situação diferente daquela das famílias em que o dinheiro para os alimentos, por exemplo, sempre termina antes de entrar o próximo salário e, diante disso, as donas de casa buscam trabalho remunerado, caso já não trabalhassem desde solteiras.

De qualquer maneira, é na revista **Claudia** que o maior ingresso das mulheres no mercado de trabalho na década de 1980 em comparação a 1970 fica evidente. O discurso muda, os arranjos familiares necessários para a dupla jornada começam a ser amplamente comentados, e colunas mensais sobre empregos indicados às donas de

⁶⁰ Dona de casa: qual o reino desta rainha? **Nós Mulheres**. São Paulo, nº 2, setembro/outubro de 1976, p. 08-09.

⁶¹ Sobre as donas de casa como exército de reserva, maleável à sazonalidade das expansões e retrações da economia capitalista, ver SAFFIOTI, Heleieth. **Emprego Doméstico e Capitalismo**. São Paulo: Vozes, 1978, p. 183-197.

⁶² VIECELI, C. Op. Cit., 2011, p. 19.

⁶³ "Um bom disfarce do desemprego" é um dos tópicos da matéria Dona de casa: qual o reino desta rainha? **Nós Mulheres**. São Paulo, nº 2, setembro/outubro de 1976, p. 08-09.

casa, e até classificados de emprego, surgem na revista. Nas fontes feministas, a impressão é de que essas questões já vinham sendo discutidas desde a década de 1970, e continuam sendo em 1980, em alguns casos até perdendo força para outras questões, como a participação política das mulheres no processo de redemocratização, assuntos relacionados à sexualidade, entre outros. Talvez se possa pensar no caráter muitas vezes vanguardista ou propositivo dos grupos feministas, especialmente em sua imprensa, no sentido de indicar novos caminhos, diferentes problemas, e evidenciar expressões misóginas das quais muitas pessoas de forma geral nem se davam conta. Nesse sentido, o ingresso das mulheres no mercado de trabalho, a fuga da alienação que ficar só em casa significava⁶⁴, e a busca por autonomia financeira parecem ser pontos importantes, mas a partir de um certo momento mais óbvios, autoevidentes, e menos comentados pelos feminismos. As diferenças nos discursos de **Claudia** entre as décadas de 1970 e 1980 serão tratadas com maior atenção no próximo capítulo.

Apesar da persistência de alguns conceitos ou motes de discussão das décadas de 1970 e 1980 nos atuais estudos sobre o trabalho doméstico, como é o caso da divisão sexual do trabalho⁶⁵ (que raramente encontro apresentada como divisão do trabalho por gênero), o contrato sexual ou de gênero e a ênfase no caráter necessário e invisível deste trabalho (a qual promove a sua valorização e visibilidade), novos eixos teóricos emergiram a respeito da temática nos últimos anos. São eixos interligados, os quais dialogam diretamente entre si e também com a perspectiva de que a divisão entre esferas pública e privada, entre trabalho produtivo e reprodutivo, é mais teórica do que empírica. Sendo

⁶⁴ Discursos sobre os sentimentos de isolamento que trabalhar apenas como dona de casa, sem atividade no "mundo exterior" (trabalho, estudos etc.), traziam às mulheres (algo como o "mal sem nome", de Betty Friedan), são encontrados tanto em **Claudia** como em fontes feministas. FRIEDAN, Betty. **A Mística Feminina**. Petrópolis: Vozes, 1971.

⁶⁵ Helena Hirata e Danièle Kergoat, em artigo de 2007, discutem as transformações que possibilitam a atualidade do conceito de divisão sexual do trabalho e apresentam quatro modelos dessa divisão: tradicional (homem no emprego, mulher em casa), de conciliação ou tensão (cabe à mulher conciliar a dupla jornada), de parceria (seria o modelo simétrico, preconizado em Beijing em 1995 na 4ª Conferência Mundial sobre as Mulheres da ONU) e delegação (que viria a substituir o modelo de conciliação, mas é apenas acessível a mulheres que atingem uma determinada renda). HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 595-609, set/dez. 2007.

assim, surgem conceitos ou palavras chave que pensam o trabalho doméstico de um ponto de vista holístico, para fazer algo que os feminismos já fizeram com propriedade desde a década de 1960 no Ocidente: denunciar o trabalho produtivo, dentro do capitalismo ou não, como profundamente dependente do trabalho doméstico⁶⁶.

Dentre estes novos eixos teóricos, destaco

- a noção de *conciliação trabalho e família*, a qual podemos entender como um desdobramento das discussões sobre a dupla jornada de trabalho, incluindo os homens na discussão para reivindicar que essa conciliação não é um problema apenas das mulheres;
- a noção de *trabalho de cuidados*, que pode ser vista como uma tentativa de dar visibilidade a uma parte do trabalho doméstico que muitas vezes não é percebida⁶⁷, costumeiramente associada a um trabalho também psicológico, e não somente material, e que está diretamente associada à
- ideia de *sustentabilidade da vida humana*. Esta, busca na economia feminista⁶⁸ a legitimação para o trabalho não mensurado que as mulheres prestam à sociedade, e pensa o trabalho doméstico de um ponto de vista mais global, como uma ampla gama de atividades das quais as mais diversas sociedades são dependentes;
- e o *uso do tempo*, que dialoga com as metodologias feministas para criar estatísticas que enxerguem e levem em conta o trabalho das mulheres, e têm expressa importância atualmente, diante das jornadas

⁶⁶ Ou trabalho não remunerado, trabalho reprodutivo, trabalho na unidade doméstica, ou ainda cuidado não remunerado aos membros da família. Em 2000, estudo da UNIFEM chama a atenção para a ambiguidade e a variedade de termos utilizados para tornar visível todo o trabalho prestado pelas mulheres, e para tanto propõe retomar a contabilidade do valor deste trabalho através do tempo gasto para realizá-lo. UNIFEM – Fondo de Desarrollo de las Naciones Unidas para la Mujer. **El progreso de las mujeres en el mundo**. Informe Bienal. New York: UNIFEM, 2000.

⁶⁷ Levando em conta que nem o IBGE considera o trabalho de cuidados como trabalho doméstico.

⁶⁸ Como exemplo de publicação sobre este tema no Brasil após os anos 2000 temos FARIA, Nalu; NOBRE, Miriam. **Economia Feminista** (Cadernos Sempreviva). São Paulo: SOF, 2002.

fragmentadas, da expansão das atividades de emprego a domicílio e dos novos arranjos produtivos.

Em muitos estudos esses eixos se intercalam ou se cruzam, e mesmo que as ideias que eles tragam não sejam exatamente recentes, a ênfase que tem se dado a um aspecto ou outro dessas ideias responde às transformações produtivas recentes (o que reforça a relação trabalho produtivo/reprodutivo e ajuda a desconstruir a dicotomia esferas pública/privada), assim como a um desenvolvimento da estatística⁶⁹ no sentido de possibilitar a medição de uma série de atividades que nem sequer existiam para este tipo de estudo. Podemos encontrar, por exemplo, Bila Sorj⁷⁰, Helena Hirata e Danièle Kergoat⁷¹, que destringem muito a divisão sexual do trabalho, falando em conciliação, mas também em trabalho de cuidados; a espanhola Cristina Carrasco⁷² costuma trabalhar com indicadores não androcêntricos para a economia feminista, mas trabalha também com a noção de sustentabilidade da vida; outra economista espanhola que há décadas observa a questão do trabalho doméstico, María Ángeles Durán, utiliza a noção de cuidados, mas também de uso do tempo⁷³, assim como a chilena Rosalba Todaro⁷⁴.

⁶⁹ Não é de hoje que se fazem críticas feministas à forma que os indicadores estatísticos são concebidos. Temos exemplo de bibliografia nesse sentido em AGUIAR, Neuma (org). **Mulheres na força de trabalho na América Latina: análises qualitativas**. Petrópolis: Vozes, 1984.

⁷⁰ SORJ, Bila; FONTES, Adriana; MACHADO, Danielle C. Políticas e práticas de conciliação entre família e trabalho no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 573-594, set./dez. 2007.

⁷¹ HIRATA, H; KERGOAT, D. Op. Cit., 2007.

⁷² Uma de suas obras mais recentes publicadas em português sobre esta temática é CARRASCO, Cristina. **Estatísticas sob suspeita**: proposta de novos indicadores com base na experiência das mulheres. São Paulo: SOF, 2012.

⁷³ Uma de suas mais recentes obras publicadas em português é sobre o uso do tempo: DURÁN, María Ángeles. **O valor do tempo**: quantas horas te faltam por dia? Brasília: SPM, 2010.

⁷⁴ Exemplo em TODARO, Rosalba. El tiempo en disputa: trabajos y sistema de cuidado. In: CEM Cuadernos de Investigación 4: **¿Malos tiempos para un buen trabajo?** Calidad del trabajo y género. Santiago: CEM, 2010, p. 39-53. Disponível em <<http://www.gemlac.org/recursos/Todaro-El tiempo en disputa en CEM 2010.pdf>> Acesso em 05/07/2013.

Também é interessante pensarmos na mudança nas nomenclaturas. Se há autoras, como Mirta Henaut⁷⁵, que diferenciam o trabalho doméstico gratuito realizado sobretudo pelas donas de casa, do trabalho doméstico remunerado, aquele da empregada doméstica, como trabalho doméstico e emprego doméstico, respectivamente; por outro lado temos exemplos do uso de "trabalho doméstico" para o trabalho das empregadas domésticas, e trabalhos de cuidados para o trabalho doméstico gratuito. No site do GEM-LAC⁷⁶ (Grupo de Gênero e Macroeconomia da América Latina), que reúne iniciativas de economistas feministas latino-americanas, no espaço onde se listam *links* de publicações do grupo⁷⁷, os trabalhos referentes ao trabalho doméstico não remunerado estão principalmente na seção "Estudos de uso do tempo / economia do cuidado", enquanto os trabalhos sobre emprego doméstico, aquele remunerado, encontram-se em "Trabalho doméstico". Mesmo que nos títulos das publicações se explicita "trabalho doméstico remunerado", o uso que o grupo faz da noção de cuidado e uso do tempo para classificar o trabalho doméstico gratuito, nos leva a pensar sobre as novas tendências da temática, que se embasam principalmente em teorias da economia feminista.

Os debates teóricos acerca do trabalho doméstico que foram, pontualmente, até então apresentados, estarão presentes na discussão das fontes, para calcar nosso olhar e nossas questões (que são atuais, recentes, como os citados debates) sobre elas. De forma geral, sob a perspectiva feminista, a principal contribuição dos atuais desdobramentos das discussões sobre o trabalho doméstico tem sido possibilitar não simplesmente que o trabalho doméstico seja reconhecido como trabalho, essencial e indispensável, mas que um amplo leque de diferentes atividades executadas pelas mulheres como trabalho gratuito, para suas famílias e para a sociedade, possa ser compreendido como trabalho doméstico. Essa contribuição será de suma importância para buscarmos na revista **Claudia** atividades que não são descritas com frequência pelos feminismos do período como trabalho doméstico, mas que, diante das atuais conceituações sobre a temática, podemos entender como tal. Diante disso, para responder à preocupação

⁷⁵ HENAUT, Mirta. **De la rueda a la red**. La economía sumergida. Buenos Aires: Ediciones Corregidor, 2001.

⁷⁶ Disponível em <http://www.gemlac.org/quienes_somos.asp> Acesso em 25/05/2013.

⁷⁷ Disponível em <<http://www.gemlac.org/publicaciones.asp#USO>> Acesso em 25/05/2013.

de historicizar os debates, e na busca por usos e ressignificações das ideias feministas na revista **Claudia**, é imprescindível que se tragam as discussões feministas acerca do trabalho doméstico do período em que a **Claudia** está sendo observada, ou seja, 1970-1989. É a algumas destas discussões que o próximo item deste capítulo se refere.

2.2. A DONA DE CASA NOS FEMINISMOS DAS DÉCADAS DE 1970 E 1980

Os feminismos do Ocidente, desde a década de 1960 em países do Norte ou desenvolvidos, e principalmente desde os anos 1970 no Brasil e outros países sul-americanos, discutiram as formas através das quais a função de dona de casa, posta como destino inquestionável das mulheres, construiu suas identidades e as colocou, historicamente, em posições subalternas em diferentes sociedades através do mundo. A naturalização do trabalho doméstico como feminino, muito embasada em uma série de naturalizações que se referem principalmente à maternidade, serviu de suporte à separação, segundo as feministas, liberal, artificial e fantasiosa⁷⁸, das esferas pública e privada. A invisibilidade e desvalorização deste trabalho, que ocupava e ocupa jornadas intermináveis de milhões⁷⁹ de mulheres, foram discutidas pensando essas trabalhadoras não pagas como uma categoria, não salariada, explorada em unidades domésticas individuais das quais, pelos laços afetivos e familiares, jamais poderiam se libertar. Uma dona de casa não poderia demitir-se do seu trabalho, e os feminismos compararam o trocar de patrão, no mercado das donas de casa, ao trocar de esposo, que de forma geral era muito complicado, quando não inviável⁸⁰.

Muitas teóricas feministas, entre as décadas de 1970 e 1980, fizeram amplas conceituações do trabalho doméstico, tentando demonstrar toda a gama de atividades, físicas e intelectuais, que faziam parte do dia a dia das mulheres. Por um lado, muitas apontaram o

⁷⁸ Essa discussão pode ser encontrada em TODARO, Rosalba. Introducción general – Ampliar la mirada: trabajo y reproducción social. In: TODARO, Rosalba; YÁÑEZ, Sonia. **El trabajo se transforma**: relaciones de producción y relaciones de género. Santiago: CEM, 2004, p. 15-32. Disponível em <http://www.cem.cl/pdf/trabajo_interior.pdf> Acesso em 05/07/2013.

⁷⁹ Para não dizer bilhões.

⁸⁰ Vale lembrar que o divórcio só foi aprovado e regulamentado no Brasil em 1977.

trabalho doméstico como pouco desafiador, monótono e repetitivo e, portanto, esse seria o seu problema, uma vez que mulheres adultas se sentiam desestimuladas e depressivas por desempenhar este e apenas este tipo de trabalho em suas vidas. Por outro lado, todavia, os feminismos (ou outros feminismos, outras feministas...) apresentaram um importante contraponto a essas observações, avaliando que, se algumas das funções de dona de casa são monótonas, repetitivas e pouco exigentes, outras são pesadas, estressantes, e mobilizam muito da energia física e mental de quem as desempenha. Esse contraponto também vê nas mulheres os efeitos negativos do trabalho doméstico, mas os enxerga de forma mais ramificada, observando inúmeras causas de mal estar, assim como inúmeras atividades desempenhadas, que variam conforme a dona de casa, o lugar em que sua família vive, sua renda familiar, sua religião ou cultura.

Dessa forma, é importante termos em vista que as discussões feministas acerca do trabalho doméstico que foram realizadas ou circularam pelo Brasil nas décadas de 1970 e 1980 não são homogêneas. Entretanto, algumas características em comum podem ser observadas, e as querelas dentro dos feminismos a respeito da função de esposa e do trabalho doméstico nos ajudam a vislumbrar de forma mais geral o debate do período.

Uma questão que parece ser importante é uma diferenciação, nunca tão explícita, mas que pode ser observada nas entrelinhas, entre trabalho doméstico e função de esposa, ou executar o trabalho doméstico e ser uma dona de casa. Era senso comum e nunca encontrei, nos textos do período, divergências sobre o fato das donas de casa (as que cumpriam dupla jornada ou não) serem as responsáveis pelo trabalho doméstico. Ou que eram principalmente esposas que executavam o trabalho doméstico. Entretanto, as funções de esposa extrapolavam o que era entendido como trabalho doméstico, e era avaliado que algumas esposas, as que pertenciam a famílias mais abastadas principalmente, não executavam o trabalho doméstico. Podiam até ser responsáveis por ele, gerenciavam, por assim dizer, a casa e quem os executava. Mas nem sempre essa atividade de gerenciamento foi colocada nos escritos feministas como trabalho.

Um exemplo interessante pode ser observado no jornal **Nós Mulheres**, publicado em São Paulo entre 1976 e 1978. Em seu primeiro editorial, na edição de junho de 1976, o jornal ressalta as diferenças entre as donas de casa

Mas mesmo entre nós existem diferenças. Um grande número de mulheres cumpre uma dupla jornada de trabalho: o trabalho fora de casa [e] o trabalho doméstico. Outras cumprem só as tarefas domésticas. Mas, entre as próprias donas de casa, persistem diferenças. Existem aquelas que não são obrigadas a passar o dia inteiro fazendo o trabalho de casa porque têm dinheiro para contratar alguém que faça este serviço por elas. Além disso, podem dar uma boa alimentação, uma boa escola, brinquedos e roupas a seus filhos. A maioria das donas de casa, porém, é obrigada a passar o dia todo lavando, passando, arrumando, cozinhando, cuidando dos filhos, num trabalho que não acaba nunca. (...)⁸¹

Outro exemplo interessante nesse sentido é encontrado no jornal em sua segunda edição, de setembro/outubro de 1976, na qual uma reportagem, de duas páginas cheias, intitulada "Nós Mulheres: Donas de Casa", discute a situação das donas de casa trabalhadoras. Sob a chamada *A rainha do lar não tem cetro nem coroa*, a matéria entrevista donas de casa sob vários aspectos de seu dia a dia: o isolamento, o trabalho interminável, o trabalho de reprodução, a reserva de mão de obra ou disfarce do desemprego, e termina buscando apontar algumas soluções para a questão. As matérias seguintes desse número são, inclusive, sobre a falta de creches públicas e sobre a alta no custo de vida, questões diretamente relacionadas ao cotidiano das donas de casa.

De qualquer forma, um subtítulo da matéria "Nós Mulheres: Donas de Casa" se destaca – *Sexo: prazer ou obrigação?* Neste, a disponibilidade sexual das esposas a seus maridos, ou a atividade sexual como parte das funções de dona de casa, é debatida. Esse é um fator discutido no período pela bibliografia feminista, como o fez Danda Prado em **Ser esposa: a mais antiga profissão**. Entretanto, apesar de ser uma questão que afeta todas as mulheres casadas, independentemente da posição social de sua família, o **Nós Mulheres** focou-se nas mulheres trabalhadoras. Quer dizer, o jornal e nenhuma outra fonte feminista nega que as mulheres de camadas médias fossem oprimidas por serem mulheres, mas pouco se falava sobre elas, principalmente na década de 1970.

⁸¹ Trecho do editorial do jornal **Nós Mulheres**. São Paulo, nº 1, junho 1976, p. 01.

Esse tipo de sobreposição dos problemas das mulheres trabalhadoras aos problemas das demais mulheres também pode ser observado quando outras questões são discutidas. Na mesma matéria supracitada do **Nós Mulheres**, comenta-se como as donas de casa que cumprem dupla jornada otimizam seu tempo para conseguir realizar o trabalho remunerado e o trabalho doméstico, questão que é amplamente tratada pela bibliografia feminista, desde Betty Friedan⁸² até periódicos e textos dos anos 1980 no Cone Sul⁸³. Já no caso das mulheres que são exclusivamente donas de casa⁸⁴, o trabalho estende-se durante o dia. As atividades são realizadas de forma mais detalhada e atividades diferentes são incorporadas ao trabalho, de forma a preencherem o dia e muitas vezes também a noite.

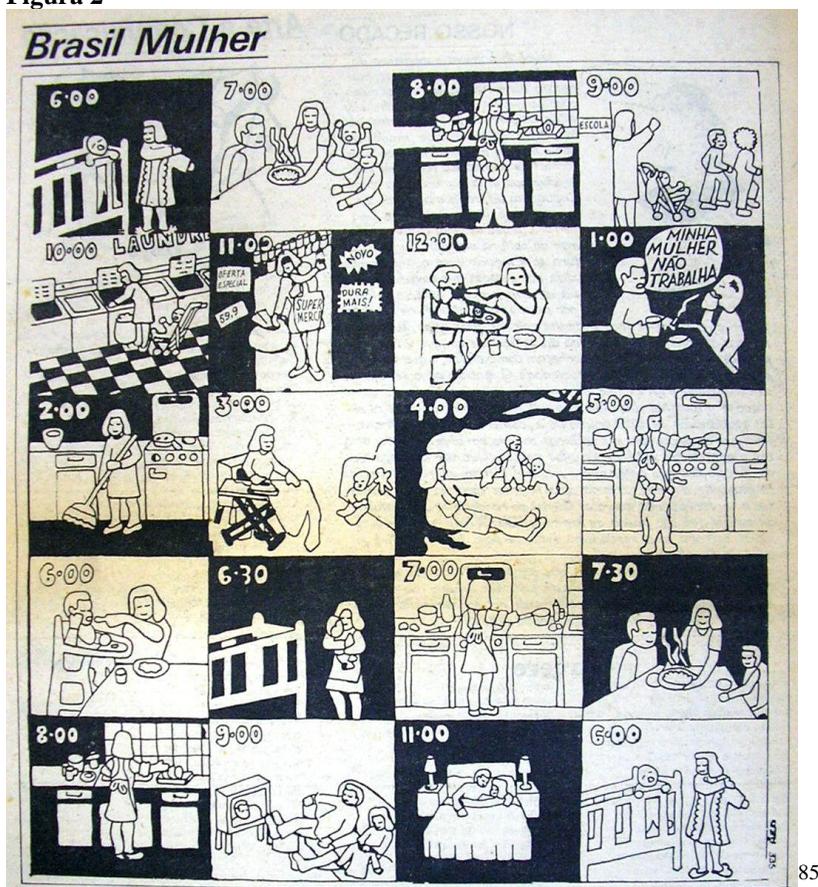
É consenso na bibliografia que as donas de casa têm uma jornada inesgotável, uma vez que uma xícara na pia às 23h30 traduz-se em trabalho, e uma criança chorando às 5h ou 3h da manhã também. Mas o **Nós Mulheres**, ao comentar em seu primeiro editorial que algumas mulheres não precisam passar o dia lavando, passando e cozinhando porque contratam alguém para isso, não se pergunta o que fazem essas mulheres durante seu dia. Que tipo de trabalho se estende na jornada interminável destas mulheres? No oitavo número do **Brasil Mulher**, de 1977, há uma tirinha que denuncia a invisibilidade e a longa jornada de uma dona de casa, e nesta é interessante observar a forma como o trabalho se distribui durante o dia.

⁸² FRIEDAN, B. Op. Cit., 1971.

⁸³ MELLO, S. Op. Cit., 2011.

⁸⁴ Essa diferenciação é importante. Muitas das estatísticas realizadas na década de 1980 consideram donas de casa apenas aquelas mulheres que são exclusivamente donas de casa, ignorando o fato de que as mulheres que possuem ocupações remuneradas, a domicílio ou fora de casa, são também em sua esmagadora maioria donas de casa, ainda mais no tempo do recorte da pesquisa do que nos dias atuais.

Figura 2



85

O fato de mostrar a dona de casa executando todo o trabalho sozinha, sem nenhuma ajuda, pode ser uma forma de explicitar a quantidade de trabalho e a longa jornada de uma trabalhadora apenas, sozinha, uma vez que ela é a responsável por este trabalho, tendo ajuda ou não. Não quer dizer necessariamente que se trate de uma dona de casa despossuída, e a falta de maiores informações sobre a tirinha pode

⁸⁵ **Brasil Mulher**. São Paulo, Ano 2, nº 8, 1977, p. 14. Importante ressaltar que muitas dessas imagens e charges circulavam internacionalmente entre os grupos feministas. Além das circulações percebidas no Cone Sul, exploradas em pesquisa anterior, essa tirinha em especial traz alguns sinais, principalmente no quadro da lavanderia, de que seria oriunda de país de língua inglesa.

nos levar a pensar que talvez ela originalmente nem tenha sido feita no Brasil. Considerando a circulação de textos e escritos discutindo *a condição da mulher* nesses anos, essa é uma hipótese plausível. Nesse caso, em um quadrinho produzido em um país onde a desigualdade de renda não fosse tão marcante quanto o era na América do Sul e, portanto, o trabalho doméstico não fosse tão acessível às camadas médias, poderia tratar-se de uma família com um alto padrão de consumo, sem necessariamente ter ajuda remunerada no lar.

De um modo ou de outro, apesar da tirinha centrar-se nas atividades que geralmente são consideradas como trabalho doméstico – lavar, passar, cozinhar, comprar alimentos e cuidar das crianças –, o tempo livre da dona de casa é preenchido com outros tipo de trabalho, como a confecção de roupas de tricô e a própria atividade sexual com o esposo. A pergunta que persiste é, se fossem retiradas, do dia da dona de casa, as atividades de limpar, lavar, passar, cozer, como ela utilizaria seu tempo? Ela teria tempo livre, tempo de lazer? O que era considerado tempo de lazer para uma mãe de família? Levar as crianças à praia? Um piquenique? Tricotar embaixo de uma árvore enquanto o bebê brinca no parque? Isso tudo não é trabalho?

Também no **Mulherio**, jornal publicado em São Paulo entre 1981 e 1988, no qual o viés de luta de classes já não é tão marcado quanto no **Brasil Mulher** ou no **Nós Mulheres**, uma espécie de redução das atividades de dona de casa surge em uma charge, reproduzida aqui na Figura 3, na próxima página. Pensa-se aqui em redução, porque a charge coloca a dona de casa como executora das atividades de uma empregada doméstica. É senso comum que as empregadas domésticas são contratadas para realizar o trabalho que se aceita como o da dona de casa, de lavar, limpar, cozinhar, vigiar e cuidar das crianças, levá-las a determinados lugares entre outros.

Entretanto, não eram em todas as famílias que as empregadas domésticas tinham ou têm autonomia para fazer compras, decidir sobre os gastos referentes às atividades domésticas, como supermercado e feira, repassar valores morais e atenção psicológica às crianças e principalmente ao esposo, receber visitas importantes para a família, viajar com as crianças etc. Sem contar, é claro, o trabalho reprodutivo desempenhado pela dona de casa, biologicamente falando. A noção de disponibilidade sexual como parte das funções de esposa, que eventualmente, por uma série de relações, paternalistas, patriarcais,

misóginas e raciais, poderia ser transferida⁸⁶ à empregada doméstica, não era algo socialmente aceito e sacramentado, pela Igreja e pela lei. A disponibilidade sexual e reprodutiva da esposa ao seu marido o era. Dessa forma, podemos considerar que a função de esposa, o que busco entender como sinônimo de trabalho doméstico, inclui os serviços prestados por uma empregada doméstica, mas extrapola esses serviços.

Figura 3



87

Cabe ressaltar que tanto o **Nós Mulheres** quanto o **Brasil Mulher** possuem uma linha editorial abertamente voltada à luta de classes, com forte tendência marxista, o que explica e justifica seu foco nas mulheres trabalhadoras e sem posses, e sua insistência em afirmar que estas mulheres são as grandes vítimas de ambos os sistemas, o capitalismo e o patriarcado. Também podemos pensar na relação das

⁸⁶ COSTA, Suely Gomes. Proteção social, maternidade transferida e lutas pela saúde reprodutiva. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis: vol 10, n 2/2002, CFH/CCCE/UFSC.

⁸⁷ "– O que você acha que eu sou? Sua empregada? – Por enquanto não posso me permitir esse luxo, por isso se atenha às suas obrigações de mulher." **Mulherio**. São Paulo, Ano 1, n° 3, setembro/outubro de 1981, p. 07.

militantes de esquerda feministas com o trabalho doméstico no período. Na década de 1970, as iniciativas feministas no Brasil são encabeçadas por mulheres ligadas à esquerda, partidária ou não, com formação superior e sobretudo de camadas médias. Esse fato conecta essas mulheres a dois fenômenos distintos.

O primeiro, seria a experiência do exílio, forçado ou não, promovido pelo regime de exceção e pelas perseguições políticas decorrentes da ditadura civil militar. No exílio, muitas mulheres acabaram se identificando com o feminismo, tendo contato com os primeiros grupos feministas que conheceram, participando de grupos de consciência⁸⁸ etc. Foi também no exílio que algumas dessas mulheres, cujas famílias podiam arcar com os gastos em serviços domésticos no Brasil, sentiram na pele o peso da chamada divisão sexual do trabalho. Era comum que as pessoas exiladas precisassem viver com recursos mais escassos que os disponíveis em seus países de origem, sem contar o fato de que muitas exiladas se dirigiram a países em que o serviço doméstico custava caro. Diante disso, essas mulheres, que sempre tiveram ocupações fora de casa, estudando, trabalhando e militando, e contavam com a ajuda do serviço doméstico em seus lares, se viram executando sozinhas o trabalho de casa enquanto seus companheiros iam a cafés ou reuniões discutir as configurações políticas na América Latina⁸⁹. Essa condição sensibilizou essas mulheres para a questão do trabalho doméstico, que muitas vezes era entendido como um problema, mas não delas, e sim *das outras*, as donas de casa que viviam isoladas em suas unidades domésticas.

O segundo fenômeno que podemos articular com a experiência dessas militantes feministas, muitas vezes cumprindo dupla militância, na esquerda e no feminismo, é a crítica ao fato de contarem com a ajuda do serviço doméstico. Para muitas feministas estrangeiras que visitaram o Brasil⁹⁰, essa parecia ser a grande ou a mais evidente contradição do feminismo, não só brasileiro como sul americano. As discussões marxistas dos feminismos no período enxergavam no emprego

⁸⁸ Mais sobre a experiência de brasileiras em grupos de consciência ou reflexão, dentro do feminismo, em PEDRO, Joana Maria; WOLFF, Cristina Scheibe. *Nosotras e o Círculo de Mulheres Brasileiras: feminismo tropical em Paris. ArtCultura*, Uberlândia, v. 9, n. 14, p. 55-69, jan.-jun. 2007.

⁸⁹ Entrevista realizada com Ângela Xavier de Brito, em 28 de novembro de 2005, em Paris, por Joana Maria Pedro. Acervo do LEGH/UFSC.

⁹⁰ Exemplo deste tipo de crítica pode ser encontrado em HAHNER, June E. **A mulher no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

doméstico a profissão mais desqualificada, mal paga, desvalorizada e reprodutora das desigualdades que sofriam as mulheres por todo mundo. Além disso, grande número das empregadas domésticas na América Latina eram negras, mulatas ou indígenas, e nasciam nas camadas mais desfavorecidas da população, muitas saindo de lares em situação de pobreza extrema, precisando migrar para trabalhar e vivendo em situação de dependência da família empregadora, que tinha direito de descontar do salário mínimo preço da moradia e alimentação das trabalhadoras, sobrando assim para elas salários irrisórios. Ou seja, questões de raça e etnia, assim como classe, cruzavam essas relações. Nos casos em que as empregadas dormiam em moradia própria, não na casa da família, elas tendiam a trabalhar menos e ter algum controle sobre a jornada, mas nas décadas de 1970 e 1980 a empregada morando na casa da família para quem trabalhava era muito mais comum que em nossos dias. Os feminismos do período problematizaram esta questão.

Rosalba Todaro, em 1982, escreve que em países onde o emprego doméstico não era tão comum ou barato quanto na América Latina, o número de mulheres com alto grau de instrução no mercado de trabalho era menor. Quer dizer, a libertação das mulheres do *Sul* estaria ocorrendo às custas do serviço doméstico? Qual libertação e quais mulheres seriam essas?⁹¹ É uma questão difícil de responder, porque pouco se falou e fala a respeito. Afinal, de que forma lidavam (e lidam) as patroas feministas com essas situações?

Há uma imagem retirada do periódico **Especial – Mujer Ilet** (um boletim feminista internacional que circulou pela América Latina) sobre emprego doméstico, de 1984, que discute a questão. Na Figura 4, originalmente publicada no periódico **Agora é que são elas**, produzido por brasileiras na França, um texto vai formando uma espécie de vórtice ou caracol, que envolve uma mulher em posição de desespero. Reproduzo o texto aqui, por entender que além de tratar de uma questão que é pouco comentada nos periódicos feministas consultados⁹² (como

⁹¹ TODARO, Rosalba. El trabajo doméstico ¿Tarea de mujeres? Representou o Círculo de Estudios de La Mujer em encontro sobre trabalho doméstico assalariado em 31 de agosto de 1981, em Santiago do Chile. **ISIS – Boletín Internacional**. Itália/Suíça, nº 11-12, outubro/dezembro de 1982, p. 16-17.

⁹² Para pesquisa anterior consultei periódicos não só brasileiros, como de todo o Cone Sul. Posso citar como exemplo de periódicos consultados, os brasileiros **Brasil Mulher**, **Nós Mulheres** e **Mulherio**, e não completos, apenas alguns números, dos argentinos **Brujas** e **Persona**, do uruguaio **Cotidiano Mujer**, dos

uma feminista, que depende da empregada doméstica para se manter na esfera pública, pode lidar com essa situação de forma ética, admitindo-se que o emprego doméstico é um dos principais exemplos de desvalorização social do trabalho feminino?), esse recorte também levanta outras questões, principalmente sobre a legislação, as condições de trabalho e relações entre patroa e empregada.⁹³

Figura 4



94

paraguaios **La Micrófona** e **Revista Mujer**, e outro boletim feminista internacional (além do **Especial – Mujer Ilet**), publicado no Chile, o **ISIS**.

⁹³ No final do recorte são indicadas três referências bibliográficas brasileiras sobre a questão do emprego doméstico feminino: **Emprego doméstico e capitalismo**, de Heleieth Saffioti, de 1978, **Domesticidade: cativo feminino?**, de Zaíra Ary Farias, de 1983, e **Visões do mundo da empregada doméstica**, de Alda Brito de Motta, publicada em 1977.

⁹⁴ *Vidas paralelas. Feministas e patroas, o que fazer?* **Especial – Mujer Ilet**. Santiago do Chile, nº 13, setembro de 1984, p. 13.

Com quem você deixou seus filhos neste fim de semana? Qual é a jornada de trabalho de sua empregada? Você paga hora extra para sua empregada? Sua empregada tem carteira assinada? O salário de sua empregada representa que proporção de sua renda familiar? Como se dá o reajuste do salário de sua empregada? Este reajuste se dá cada vez que o seu é aumentado? O que você sabe sobre a vida afetiva e sexual da sua empregada? Existe competição entre você e sua empregada? Você implica com ela? Você discute sobre contracepção com sua empregada? Você não acha que discutindo contracepção com ela você teria evitado alguns abortos? O quarto de sua empregada é também um guarda-tudo?⁹⁵

Sandra Maria da Mata Azeredo, em 1989, levanta a questão das patroas feministas, citando os trabalhos de autoras estrangeiras que fizeram pesquisa no Brasil. Helen Ostrander, em 1987 e resenhando o livro de Judith Rollins, comenta que

(...) o uso de empregadas por outras mulheres esteja em oposição fundamental a um feminismo que vá além de uma agenda liberal de igual oportunidade, para as mulheres buscarem um fim a todas as formas de desigualdade institucionalizada. Sendo assim, como as patroas que se identificam como feministas justificam o uso de empregadas? A relação entre empregada e patroa na qual uma ou ambas as mulheres se definem como feministas é diferente de relações em que nenhuma das duas se identifica como tal?⁹⁶

⁹⁵ Idem.

⁹⁶ OSTRANDER, Heles. Women using other women. *Contemporary Sociology*. 16(1), jun. 1987, p. 52. Apud AZEREDO, Sandra Maria da Mata. Relações entre empregadas e patroas: reflexões sobre o feminismo em países multiraciais. In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina (orgs). **Rebeldia e submissão**. Estudos sobre condição feminina. São Paulo: Vértice / Revista dos Tribunais / Fundação Carlos Chagas, 1989.

Outra citação utilizada pela autora, em 1980, de uma brasileira que no momento em que escreveu o artigo citado vivia em Amsterdã⁹⁷, também problematiza a questão

Porque este tipo de trabalho tem sido considerado mais ou menos como um dado, sendo uma instituição que data dos tempos da escravidão, o tema é desagradável, difícil e novo. De fato, parece ser quase um tabu. As feministas brasileiras, a julgar pelas entrevistas que fiz durante minha estadia no Brasil, parecem evitar deliberada ou inconscientemente o tema. Uma delas me confessou que a existência de empregada(s) fazendo todas as atividades da casa é uma das maiores inconsistências que se encontra no feminismo brasileiro.⁹⁸

Sandra Maria da Mata Azeredo ainda completa

No Brasil, parece mesmo haver uma negação de que a relação patroa / empregada em si mesma seja uma questão para o feminismo. Ela só se torna uma questão, um problema, enquanto se considera a “profissão” da empregada doméstica em si, reconhecida como envolvendo exploração, porém o próprio fato de existirem empregadas domésticas, mulheres que assumem o trabalho doméstico para outras mulheres, não tem sido considerado uma questão para o feminismo no Brasil (...).⁹⁹

Enfim, essa é uma discussão polêmica, que em nenhum momento foi absolutamente superada pelos feminismos brasileiros e que se

⁹⁷ Informação em <http://lap.sagepub.com/cgi/pdf_extract/7/1/35> Acesso em 07/07/2009.

⁹⁸ SOUZA, Julia Filet-Abreu de. **Paid domestic service in Brazil**. Latin American Perspectives, 7(1): 35-63, 1980, p. 36.

⁹⁹ AZEREDO, Sandra Maria da Mata. Relações entre empregadas e patroas: reflexões sobre o feminismo em países multirraciais. In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina (orgs). **Rebeldia e submissão**. Estudos sobre condição feminina. São Paulo: Vértice / Revista dos Tribunais / Fundação Carlos Chagas, 1989, p. 200.

mantêm atual. O que Suely Gomes Costa chamou, em 2002, de *maternidade transferida*, ou seja, a transferência a outra mulher, contratada, das funções de esposa, maternais, da dona de casa, segundo a própria autora não exime a dona de casa das responsabilidades pelo bom andamento do lar, e a garantia, sempre oferecida pela mulher, de que as redes de substituição de seu trabalho sejam infalíveis. Essas redes podem contar com o apoio de creches, babás, empregadas domésticas, lavanderias ou restaurantes a quilo¹⁰⁰, mas organizar e administrar esse apoio, e garantir que ele não seja danoso à família (como contratar uma creche que não ajude a desenvolver as potencialidades da criança; comprar comida pronta que não seja adequadamente nutritiva à família, entre outras questões), é função da esposa, é trabalho doméstico e, por questões principalmente culturais, nem sempre é transferível a outra pessoa.

Essa obrigatoriedade da dona de casa, da mãe de família, na execução das tarefas, como se ninguém mais pudesse fazê-las com a mesma maestria, cuidado e preocupação, está ligada à noção de amor familiar, e as feministas das décadas de 1970 e 1980 no Brasil a problematizaram como *um trabalho chamado amor*. Muitas das publicações feministas do período relacionaram o trabalho familiar indissociável do amor familiar com a figura da rainha do lar, e é interessante observar o uso subversivo que fizeram deste termo. Além do subtítulo anteriormente citado, do **Nós Mulheres**, *A rainha do lar não tem cetro nem coroa*, esse tipo de subversão do termo podia ser encontrado também na grande imprensa do período, o que nos leva a considerar as formas como as discussões feministas acerca do trabalho doméstico circularam para além dos meios feministas. Como exemplo temos a imagem a seguir, retirada do **Folhetim**, um encarte especial da **Folha de São Paulo**, comemorativo do dia 8 de março, de 1981.

¹⁰⁰ Importante citar que nem mesmo essas alternativas eram sempre disponíveis. As lavanderias por peso, por exemplo, são uma "novidade" explorada por **Claudia** apenas na segunda metade da década de 1980, acessível apenas em grandes centros.

Figura 5



101

Discussões sobre como o lar é um espaço de poder para as mulheres são feitas em nossos dias¹⁰² mas, no período e nas fontes consultadas, o objetivo era praticamente oposto: denunciar o lar como espaço de clausura para as mulheres, que as afastava das esferas públicas de poder político e econômico. Sob essa perspectiva, o termo *rainha do lar* simbolizaria nada mais que amarras, que falta de liberdade de escolha. Aliás, a questão da liberdade de escolha surge problematizada, como por exemplo pela espanhola María Ángeles Durán, em obra publicada no Brasil em 1983: “As trabalhadoras domésticas não escolheram livremente o seu trabalho, porque não se pode chamar opção livre àquela que apresenta como alternativa aparente a renúncia ao amor, aos filhos e ao lar.”¹⁰³

A questão da afetividade, do trabalho que se chama amor, é muito forte nos questionamentos dos feminismos estudados e é constantemente denunciada como responsável pela invisibilidade do trabalho feito pelas mulheres, assim como justificativa para a manutenção de sua situação.

¹⁰¹ **Folhetim.** São Paulo, nº 216, domingo, 8 de março de 1981. “A única escrava com título de nobreza é a rainha do lar.”

¹⁰² Principalmente se embasando na ideia de micropoderes, mais difusos e menos estagnados que os macropoderes políticos e econômicos correntes nas discussões apresentadas pelas fontes. Um exemplo corriqueiro pode ser encontrado em SILVEIRA, Maria Lucia da. Reflexão coletiva sobre quatro experiências de organização das mulheres na socialização do trabalho de alimentação. In: SILVEIRA, Maria Lucia da; TITO, Neuza. **Trabalho doméstico e de cuidados.** Por outro paradigma de sustentabilidade da vida humana. São Paulo: SOF, 2008, p. 55-66, quando a autora afirma a persistência das mulheres em se manterem no espaço privado por considerarem esse um espaço delas, que se por um lado as onera pelo trabalho, por outro as empodera como espaço de tomada de decisão e exercício de poder na família.

¹⁰³ DURAN, Maria Angeles. **A dona de casa: crítica política da economia doméstica.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983, p. 08.

“(…) Por outro lado é também difícil delinear com precisão o campo do trabalho doméstico, em razão de que alguns de seus limites se confundem com a expressão da afetividade, tal como ocorre quando se trata do cuidado dos filhos, esposos, atenção a doentes etc.”¹⁰⁴ E a questão não se encerra aí. O fato das relações de trabalho serem também relações afetivas e familiares, conforme comentam as fontes, além de ser uma espécie de elo que tornaria as mulheres e o trabalho doméstico não desvinculáveis, acabaria entrelaçando de tal forma o trabalho e a vida que, na experiência das mulheres, estes se tornariam uma coisa só¹⁰⁵, conforme citado por Cristina Carrasco em 2008. Observação semelhante é trazida por María Ángeles Durán décadas antes, quando afirma que para a dona de casa quase não há separação entre trabalhar e viver.¹⁰⁶

Conforme exposto até aqui, percebe-se que mais do que conceituar ou definir o trabalho doméstico, no sentido de demarcar exatamente o que seria trabalho doméstico, os feminismos do período analisado se preocuparam em expor o trabalho doméstico invisível e não reconhecido como trabalho, reforçando que atividades como cuidar de membros doentes da família ou fazer reparos nas roupas eram trabalho e faziam parte das jornadas das mulheres. De maneira geral, o trabalho doméstico foi exposto como exigente, por conciliar múltiplas tarefas simultâneas de grande responsabilidade e atenção, muitas vezes demandando também grande esforço físico, habilidades em administração financeira, trato com as pessoas para manter a harmonia familiar, entre outras aptidões.

Apesar de grande parte das problematizações feministas acerca do trabalho doméstico que circularam pelo Brasil nas décadas de 1970 e 1980 terem entendido o trabalho doméstico como as atividades de limpar, varrer, lavar, passar, cozinhar, além do cuidado com as crianças, muitas vezes não comentando outras atividades do dia a dia das donas de casa e que faziam parte de suas funções, Danda Prado, ao descrever o papel ou função de esposa, engloba uma ampla gama de atividades. Ela traz uma definição muito parecida com as definições atuais de trabalho

¹⁰⁴ TORRES, Cristina. **El trabajo doméstico y las amas de casa** – el rostro invisible de las mujeres. *Mujer y Trabajo* n° 2. Montevideo: CIEDUR, 1988, p. 05. Minha tradução.

¹⁰⁵ CARRASCO, Cristina. Por uma economia não androcêntrica: debates e propostas a partir da economia feminista. In: SILVEIRA, Maria Lucia da; TITO, Neuza. **Trabalho doméstico e de cuidados**. Por outro paradigma de sustentabilidade da vida humana. São Paulo: SOF, 2008, p. 97.

¹⁰⁶ DURAN, M. Op. Cit., 1983, p. 26.

doméstico, mais amplas e complexas, que ajudam a entender de que formas a vida e o trabalho das mulheres se fundem.

Segundo Danda Prado, a característica central do papel de esposa, que poderia ser definido de certa forma como uma profissão, consistia na adaptação da esposa ao seu marido, 24 horas por dia. Ela cita a dificuldade das esposas em equilibrar suas diferentes funções, de companheira e amante, de mãe e de dona de casa¹⁰⁷. Baseando-se nos diversos textos de instrução doméstica endereçados às moças solteiras ou casadas, na análise que faz do papel econômico desempenhado pela esposa, e nas entrevistas realizadas e repetidas com esposas francesas pertencentes a diversas classes sociais, ela engloba os papéis de esposa em três grandes categorias:

- serviços diretos prestados *ao marido*;
- serviços ministrados *aos filhos do marido*;
- encargos do *lar de seu marido*.

A autora enfatiza como a presença do marido, mesmo em caso de divórcio, não permite que a mulher decida livremente sobre como administrar os afazeres de casa, precisando da aprovação dele em grande número de atividades, o que dificulta o trabalho e aumenta seu peso psicológico. Tentando esmiuçar melhor quais são essas tarefas executadas junto ao marido, Danda Prado elenca sete grandes blocos de tarefas, insistindo que tratam-se de diretrizes gerais, e não de uma lista completa das atividades desempenhadas pelas esposas. São tarefas de tipo

1. *Psicológico*: admiração; reforço de seu ego; status social; competição com terceiros etc.

2. *Sexual*: disponibilidade tornada obrigatória por lei, pela religião e pelo condicionamento psicológico da mulher através dos conceitos atuais do casamento (romantismo, sensualidade, amor).

3. *Reprodução biológica e social*: garantia da paternidade.

4. *Reprodução psicológica e afetiva*: manutenção do laço entre pai e filhos.

5. *Manutenção e reprodução de sua força de trabalho*. Atendimento em caso de:

¹⁰⁷ PRADO, Danda. **Ser esposa** – a mais antiga profissão. São Paulo: Brasiliense, 1979, p. 95.

doenças, velhice, relações familiares, relações sociais, ajuda psicológica etc.

Tarefas específicas: trabalho caseiro, cozinha, pequenos consertos caseiros (em francês – *bricolage*), secretariado, orçamentos, compras etc.

6. *Cooperação no trabalho do marido:* (seja no comércio, na profissão liberal, rural, artesanal etc.), secretária, trabalhos no campo, criação, hospedagem, relações públicas, caixa, substituta etc.

7. *Educação dos filhos:*

a) *transmissão de valores:* sociais, religiosos, morais, sexuais.

b) *educação escolar:* recuperação escolar, deveres, atividades artísticas, esportes, divertimentos, feriados, férias.

c) *cuidados físicos:* aplicação de receitas médicas, descoberta de anomalias, prevenção de acidentes, higiene, limpeza, alimentação etc.

d) *cuidados psicológicos:* equilíbrio mental, descoberta de anomalias.

e) *vida sexual:* informação, medidas preventivas para os problemas morais e sexuais.¹⁰⁸

María Ángeles Durán, supracitada, explica por exemplo como a própria gestação gera trabalho para as donas de casa, com grande número de horas gastas em consultas médicas e cuidados especiais. Danda Prado segue explicando como é difícil especificar as tarefas que englobam as funções de esposa, uma vez que estas se identificam com a responsabilidade individual e social de realizar a felicidade do lar e que, a maioria das donas de casa não teriam consciência das implicações de suas funções, cada esposa acreditando estar em uma situação excepcional, uma opção afetiva, uma escolha de vida.

Sobre estes aspectos, em especial a falta de consciência das donas de casa como trabalhadoras, do fato de não se enxergarem como trabalhadoras ou mesmo como uma categoria, muito foi discutido no Brasil e Cone Sul. Textos clássicos do feminismo marxista internacional que discutiram o trabalho doméstico sob uma perspectiva de luta de classes foram citados por trabalhos de feministas brasileiras ou trabalhos traduzidos e publicados no Brasil, geralmente também por iniciativa de

¹⁰⁸ Ibidem, p. 96-7.

feministas brasileiras. Temos a tradução e publicação brasileira de alguns desses textos, como *Mulheres: a revolução mais longa*, de Juliet Mitchell¹⁰⁹, originalmente publicado na **New Left Review** nº40 de 1966, e publicado pela **Revista Civilização Brasileira** em 1967; temos também *O inimigo principal*, de Christine Delphy, assinando como Dupont¹¹⁰, traduzido e publicado no Brasil em 1978; **Para uma ciência da Libertação da mulher**, de Isabel Larguia e John Dumoulin¹¹¹, publicado em São Paulo em 1982; além é claro dos grandes clássicos dessa geração do feminismo, **O segundo Sexo**¹¹² de Simone de Beauvoir e **A Mística feminina** de Betty Friedan, publicados aqui em 1960¹¹³ e 1971, respectivamente.

Por outro lado, não encontrei traduções brasileiras publicadas de alguns textos muito utilizados nessas discussões na América Latina, como *Las Mujeres y la subversión de la comunidad*, da italiana Mariarosa Dalla Costa, que encontrei em um pequeno livro publicado no México em 1975, e foi originalmente escrito em 1971¹¹⁴; *El trabajo doméstico en el modo de producción capitalista*, de Wally Seccombe, o qual tive acesso através de um livro espanhol de 1975¹¹⁵, e foi originalmente publicado na **New Left Review** nº 83 de 1974; ou o texto *Political Economy of Women's Liberation*, de Margaret Benston,

¹⁰⁹ MITCHELL, Juliet. *Mulheres: a revolução mais longa*. **Revista Civilização Brasileira**, Rio de Janeiro: ano III, nº 14, julho de 1967.

¹¹⁰ DELPHY (DUPONT), Christine. *O inimigo principal*. In: **Libertação da mulher**: ano zero. Belo Horizonte: Interlivros, 1978. Dupont foi um pseudônimo utilizado nesta publicação por Christine Delphy.

¹¹¹ LARGUIA, Isabel; DUMOULIN, John. **Para uma ciência da libertação da mulher**. São Paulo: Global, 1982.

¹¹² BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**: Fatos e Mitos. Vol 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1970.

¹¹³ Data provável para primeira edição, conforme indica Joana Vieira Borges, baseada em entrevistas com leitoras, dados sobre a tradução e o catálogo da Biblioteca Nacional. BORGES, Joana Vieira. **Para além do tornar-se**: ressonâncias das leituras feministas de O Segundo Sexo no Brasil. Dissertação (Mestrado em História Cultural), Florianópolis/UFSC, 2007.

¹¹⁴ Este texto foi publicado junto com texto de Selma James, *El lugar de la mujer*, que discute a condição das donas de casa já nos anos 1950 e também sob uma perspectiva marxista. COSTA, Mariarosa Dalla; JAMES, Selma. **El poder de la mujer y la subversión de la comunidad**. Ciudad de Mexico: Siglo Veintiuno, 1975.

¹¹⁵ HARRISON, John; SECCOMBE, Wally; GARDINER, Jean. **El ama de casa bajo el capitalismo**. Barcelona: Anagrama, 1975.

publicado na **Monthly Review** volume 21, de 1969, o qual pude consultar o exemplar original¹¹⁶.

Esses textos foram citados por brasileiras que estudaram o trabalho doméstico, como Danda Prado e Heleieth Saffioti, e também por obras tratando do tema que foram publicadas no Brasil, como **A dona de casa**, da espanhola María Ángeles Durán. São textos que discutiram o papel de mão de obra de reserva para o capitalismo desempenhado pelas donas de casa; pensaram as donas de casa como uma classe a parte; e muitas vezes também como uma casta, uma vez que o pertencimento e as obrigações como dona de casa estão destinados pelo nascimento às pessoas que nascem mulheres. São textos que pensaram as donas de casa sob o aspecto da servidão, como servas¹¹⁷ legais de seus maridos, sem direitos individuais, como sua propriedade e com a obrigação de prestar serviços a este e ao que é seu – família, casa, filhos, carreira... – até o momento de sua morte. São textos que discutiram onde o trabalho doméstico se encaixaria na teoria marxista, como produtivo ou reprodutivo.

Alguns textos, como o de Mariarosa Della Costa, são tão contundentes em afirmar que o trabalho doméstico é produtivo (ao menos tanto quanto qualquer prestação de serviço seria sob o capitalismo), que defendem (este em específico foi muito utilizado nesse sentido) as discussões acerca do pagamento de salários para as donas de casa, considerando que a única maneira de dar visibilidade a esse trabalho como produtivo seria através do salário. A autora não via incongruência com a teoria marxista, uma vez que outras atividades que só produziam valor de uso, não de troca, eram consideradas produtivas. Além disso, levava-se em conta que produzir mão de obra, através da procriação e manutenção desta, produzia também valor de troca, além de uso. O fato de grande parte dos serviços prestados pelas donas de casa

¹¹⁶ BENSTON, Margareth. A political economy of womens' liberations. **Monthly Review**, vol. 21, n. 4, september 1969.

¹¹⁷ Se há décadas atrás era obrigação, por lei, das mulheres prestarem uma série de serviços a seus esposos, inclusive a disponibilidade sexual, e era necessário, por exemplo, que tivessem autorização dele para trabalhar fora de casa, em nossos dias muitas dessas relações persistem, mesmo não havendo mais a proteção e legitimação legal do Estado. Helena Hirata discute esta questão em HIRATA, Helena. Trabalho doméstico: uma servidão “voluntária”? In: GODINHO, Tatau; SILVEIRA, Maria Lúcia da. **Políticas públicas e igualdade de gênero**. São Paulo: Prefeitura de São Paulo – Coordenadoria Especial da Mulher, 2004.

poderem ser comprados no mercado, reforçava a ideia de trabalho produtivo e a defesa do salário para essas trabalhadoras que, caso não prestassem seu trabalho gratuito, encareceriam os salários dos homens ou diminuiriam, necessariamente, sua jornada no trabalho produtivo para que eles mesmos desempenhassem essas funções.

Outra discussão muito interessante que encontrei nesses textos teóricos, e muito pouco nos periódicos feministas e textos brasileiros, é a noção de que a classe a qual pertence o marido não seria a classe a qual pertence a esposa. O **Brasil Mulher** e o **Nós Mulheres** eram produzidos como material para trabalho de base¹¹⁸ em associações de bairro e de donas de casa, e portanto se esforçavam em dialogar com o que entendiam como a realidade das mulheres trabalhadoras. O **Mulherio** fugia um pouco disso. Ainda assim, e apesar das noções de irmandade, de mulheres oprimidas por serem mulheres, a figura geralmente retratada era a da dona de casa empobrecida, com lenço na cabeça e vestimentas simples, conforme já comentado neste capítulo.

Christine Dupont, que tenta expor em seu texto que o inimigo principal, para essas trabalhadoras (as donas de casa) não era o capitalismo e sim o patriarcado, afirma que as mulheres, em sua condição de servidão, eram uma classe pelo tipo específico de produção ao qual eram submetidas, e uma casta pela superexploração de seu trabalho e suas vidas ligada a um dado de nascimento (serem mulheres). A partir disso, ela afirma que "(...) é mais ou menos tão justo dizer que as mulheres dos burgueses são também burguesas, como dizer que o escravo de um plantador é ele próprio plantador. É, no entanto, o que se escuta todos os dias."¹¹⁹ Para exemplificar melhor a situação, a autora cita as mulheres divorciadas ou abandonadas pelos maridos, que literalmente migravam de classe, muitas vezes tendo que começar a trabalhar fora de casa sem nunca antes ter o feito, entre outras questões.

Esses debates serão importantes para o nosso próximo item, onde buscaremos compreender o que a revista **Claudia** expunha como trabalho doméstico. Por um lado, a bibliografia (teórica, panfletária ou periódica) feminista do período pode ser um pouco restritiva sobre aquilo que poderia ser entendido como trabalho doméstico, o que exigiria recorrer à bibliografia contemporânea para buscar na revista a noção ampla de trabalho doméstico que queremos alcançar. Entretanto,

¹¹⁸ Partindo sobretudo de uma política de vanguarda que buscava conscientizar as mulheres da periferia sobre sua condição de oprimidas, como mulheres e como membros das classes mais desfavorecidas.

¹¹⁹ DELPHY, C. Op. Cit., p. 108.

por outro lado, obras como a de Danda Prado e textos como o de Christine Dupont, assim como os demais textos de referência citados, podem nos oferecer suporte teórico para considerar uma ampla gama de atividades realizadas pelas mulheres, em seus lares, para seus esposos e suas famílias, como trabalho doméstico.

Esse fato é enriquecedor por possibilitar fomentarmos um diálogo sobre a temática do trabalho doméstico marcado no tempo, ao mesmo tempo em que as problemáticas atuais da questão são levadas em conta. Além disso, pode nos ajudar a observar de que formas essa revista comercial e em muitos sentidos conservadora, que em representava uma espécie de inimiga ideológica dos feminismos do período, pode nos prestar informações sobre as quais estes feminismos não estavam interessados em discorrer: quais tarefas preenchiam o dia das donas de casa das camadas médias? Quais as significações do trabalho no lar para estas mulheres? Em que sentidos o trabalho doméstico descrito pelos escritos feministas do período e pela revista **Claudia** são semelhantes? Em quais não são? Não há expectativas de encontrar toda a análise e caráter de denúncia da invisibilidade e desvalorização do trabalho doméstico na revista **Claudia** como encontramos de forma extensa nas fontes feministas. Mas alguma luz pode ser lançada sobre aspectos que as fontes feministas deixaram na penumbra.

2.3. O TRABALHO DOMÉSTICO NA REVISTA CLAUDIA

Talvez a primeira das questões postas que, para os fins desta tese, seja importante responder neste item, é aquela que busca observar quais são as atividades que as donas de casa de camadas médias, no Brasil, ao menos segundo a revista **Claudia**, executavam nos anos 1970-80. Na tentativa de discorrer mais especificamente sobre estas atividades, foi criado o quadro do Apêndice 1. Para começar a organizar as atividades, parti dos sete itens, supracitados, elencados por Danda Prado quando ela tenta englobar todas as funções de esposa. A estes itens, acresci mais cinco, para listar as atividades das donas de casa que encontrei repetidas vezes em **Claudia**. Dessa forma, o quadro ficou com os seguintes itens: 1) tarefas de cunho psicológico; 2) tarefas de cunho sexual; 3) reprodução biológica e social; 4) reprodução psicológica e afetiva; 5) manutenção e reprodução da força de trabalho; 6) cooperação no trabalho do marido; 7) educação dos filhos; 8) decoração; 9) auto manutenção da mulher (para que ela sempre possa estar disponível à família, seja para trabalhar para ela, seja para ser exibida em eventos

sociais); 10) escolher, ter e cuidar dos animais domésticos; 11) artesanato e trabalhos manuais; 12) contratar prestação de serviço.

É importante deixar claro que muitas destas atividades listadas em novos itens poderiam ser distribuídas nos itens já existentes, e que diferentes formas de organizar essas atividades seriam viáveis. Ao mesmo tempo, muitas das atividades caberiam em mais de um item, sendo que o artesanato muitas vezes está ligado ao orçamento doméstico e economia, que ficou no item 5, e também ao apoio psicológico às crianças, que faz parte da educação, no item 7, ou do fortalecimento de laços entre o pai e os filhos, que está no item 4. Entretanto, esse quadro é apenas um exercício na tentativa de dar visibilidade às atividades que a revista sabia que as donas de casa realizavam, assim como atividades que a revista propunha às donas de casa realizar, mas nem todas realizavam. Quer dizer, seria impossível uma dona de casa conseguir realizar todas as atividades propostas mensalmente pela revista, e ainda cumprir as obrigações básicas, de limpar, lavar, passar, cozinhar e atender os membros da família.

Diante disso, e tendo em vista as observações dos periódicos feministas de que muitas mulheres de camadas médias não executavam o trabalho doméstico em si (o que entendemos aqui como o básico e indispensável para manter a saúde e o mínimo de bem estar do grupo familiar – as pessoas se alimentarem, não adoecerem por falta de higiene, terem onde descansar no fim do dia etc.), o quadro foca em atividades específicas. Quando fazem parte das atividades básicas de limpar/lavar/cozinhar, costumam aparecer na revista de forma bem particular: lavar cortinas, tirar manchas disso ou daquilo, limpar portas, plantas, encerar melhor o chão ou preservar por mais tempo as roupas; preparar *drinks* ou tirar o gosto do arroz queimado. Isso não quer dizer que essas mulheres não cozinhassem diariamente, não lavassem a roupa de sua família, não limpassem banheiros e aspirassem ou varressem a casa. Interessante citar que muito se comenta em **Claudia** sobre o aspirador de pó, mas dicas de como reaproveitar, restaurar, ou conservar melhor vassouras aparecem em suas páginas, o que nos leva a pensar que a equipe editorial da revista entendia que os eletrodomésticos eram almeçados pelas leitoras, mas nem todas tinham acesso a todos eles.

Um exemplo, não muito comum na revista, de artigo falando especificamente de faxina ou rotina de limpeza, pode ser encontrado no número 165, de junho de 1975, conforme reproduzido a seguir, na Figura 6. A primeira página do artigo "Enfrente a rotina da limpeza com um sorriso" traz: "Com bom humor é mais fácil fazer a limpeza de sua casa" e mais adiante discorre melhor

Não pense nos panos de pó e na vassoura como se eles fossem seus inimigos, nem fique aborrecida só em pensar que sua casa está precisando de uma boa faxina. Veja como é fácil tornar a rotina da limpeza mais amena e conheça alguns truques que podem facilitar seu trabalho.

A própria existência dessa reportagem já denuncia o trabalho como cansativo e pesado. É importante destacar que os truques para facilitar o trabalho, que estão dispostos por toda a revista (em maior volume nos anos 1970 que nos anos 1980, mas este assunto será melhor tratado no próximo capítulo), estão também presentes aqui. O tom geral da reportagem mostra que as donas de casa fazem mesmo essas tarefas, portanto, melhor fazê-las com bom humor, assim o tempo passa mais rápido e elas se tornam tarefas menos estafantes. Quer dizer, não se questiona que as donas de casa são as pessoas que fazem essas tarefas, isso não é assunto de discussão, está posto. Mas segundo a ilustração, elas podem ser feitas cantarolando, por uma dona de casa bonita, penteada, maquiada, bem vestida, feliz, radiante.

Figura 6

COM BOM HUMOR É MAIS FÁCIL FAZER A LIMPEZA DE SUA CASA

ENFRENTA A ROTINA DA LIMPEZA COM UM SORRISO

Não pense nos panos de pó e na vassoura como se eles fossem seus inimigos, nem fique aborrecida só em pensar que sua casa está precisando de uma boa faxina. Veja como é fácil tomar a rotina da limpeza mais amena e conheça alguns truques que podem facilitar o seu trabalho.

UM ARTIGO DE MARIA JOSÉ CARVALHO

120

Por conseguinte, não seria razoável relacionarmos o fato de **Claudia** trazer muitas dicas para tarefas específicas, como tirar manchas ou decorar o banheiro, com a ideia de que essas mulheres, que bordam almofadas, não varrem o chão nem lavam a roupa. Lembrando-nos das descrições de María Ángeles Durán, de como as meninas são socializadas para serem trabalhadoras domésticas desde a tenra

¹²⁰ **Claudia**. São Paulo, nº 165, Ano XIV, junho de 1975, p. 126.

infância¹²¹, não faria tantos entido a revista se propor a ensinar a essas meninas, depois de crescidas e casadas, como se lava a louça ou limpa o banheiro. A revista precisa buscar algo novo, algo que aprimore essa trabalhadora, que a torne cada vez mais especializada, como explica também María Ángeles Durán que, ao comparar uma dona de casa iniciante a uma dona de casa superespecializada, com anos de experiência, faz um paralelo com um ajudante de cozinha e um *chef*¹²².

Um detalhe importante sobre o quadro do Apêndice 1 é que a seção "Cozinha experimental de Claudia"¹²³ não entrou na descrição das tarefas. Há uma enorme quantidade de receitas propostas por essa seção, em todos os números consultados da revista¹²⁴, desde entradas e petiscos até pratos principais e sobremesas, e devido ao volume desconsidereei essas receitas nas atividades. Foram listadas, excluindo a cozinha experimental, cerca de 1100 diferentes atividades realizadas por donas de casa que aparecem em **Claudia** em 20 anos, numa amostragem de 10.248 fotografias retiradas de 168 números da revista, que tratavam direta ou indiretamente sobre trabalho doméstico. Quando aparecem, no item cinco do quadro, no subtítulo "cozinhar", descrições de tarefas de cozinha, elas surgem em reportagens específicas fora da cozinha experimental ou em seções de dicas e truques para a dona de casa. Entretanto, é importante deixar claro que as atividades da cozinha experimental são aqui consideradas como trabalho doméstico, e só não

¹²¹ Sobre tal aspecto consultar TORRES, C. Op. Cit., 1988, p. 19 e DURAN, M. Op. Cit., 1983, p. 13-15 e 29-30.

¹²² DURAN, M. Op. Cit., 1983, p. 59-61.

¹²³ A cozinha experimental era uma das principais seções da revista. A revista **Claudia** tinha realmente uma cozinha física, onde testava receitas, enviadas pelas leitoras ou não, e se fossem fáceis de preparar, deliciosas e com boa aparência, seriam publicadas. A seção trazia informes, com fotografias, de quando a cozinha era reformada, convidava pessoas de fora do grupo editorial para provar as receitas e por vezes premiava as melhores receitas enviadas, sendo o prêmio um eletrodoméstico, como um fogão novo. Para mais informações sobre a Cozinha Experimental de Claudia, ver COSTA, Maria Paula. **Entre o sonho e o consumo**: as representações femininas na revista Claudia (1961-1985). Tese (Doutorado em História), UNESP/Assis, 2008.

¹²⁴ Lembrando que os números consultados somam um total de 168, dos 240 exemplares de **Claudia** lançados entre 1970 e 1989: números 101, 104, 106-111, 116, 118-123, 125-131, 133-136, 138, 139, 141-145, 147-154, 156, 159, 161-165, 167-169, 171, 174-185, 187-190, 192-232, 234, 236-238, 240-244, 246-248, 252-255, 257-259, 262, 264, 265, 272, 274, 282, 284, 299-302, 304-310, 312, 314, 315, 317-319, 322-332, 334, 339.

serão melhor destrinchadas devido ao volume de fontes disponível que já discute a temática.

Observando ainda o quadro do Apêndice 1, fica evidente a variedade de tarefas que uma dona de casa executa ou pode executar. Como posto anteriormente, não se espera que uma dona de casa sozinha realize todas aquelas tarefas sempre, mas são tarefas as quais, quando precisam ser feitas, via de regra, o são pelas donas de casa, ou ao menos o eram no período da pesquisa. Em seu número 241, de outubro de 1981, a revista traz um artigo intitulado "Preocupações de mãe", e a primeira página dele, com o título e a chamada, nos é bastante ilustrativa, conforme pode ser observado na Figura 7, a seguir.

Figura 7



125

¹²⁵ **Claudia**. São Paulo, nº 241, Ano XXI, outubro de 1981, p. 396.

Na imagem temos uma mulher, sem rosto, de unhas feitas, usando joias e uma aliança, segurando um utensílio de cozinha de forma a demonstrar certa preocupação. Ela veste um avental que traz, além do título do artigo, uma lista de 37 diferentes preocupações que afligem as mães de família de camadas médias, e um indicativo para marcar abaixo a preocupação do dia. Quer dizer, mesmo que as 37 preocupações listadas sejam apenas exemplos, tem-se claro que ao menos alguma preocupação, todos os dias, a dona de casa tem. A variedade de preocupações, que traduzem responsabilidades e trabalho, vai de encontro, em menor escala, à variedade de tarefas desempenhadas pelas donas de casa que encontrei nas páginas de **Claudia**: Feijão preto não há; A empregada vai embora; Hoje tem dentista; Ainda sou atraente?; Dor de cabeça; Dor na coluna; O resfriado do garoto; A filha ficando mocinha; Meu marido não coopera; O chefe dele é um carrasco; O dinheiro está curto; Esqueci da pílula; A garota está namorando; Será que estão transando?; Crianças estão em provas; Não tenho nada para vestir; Meu cabelo está uma droga; A comida do cachorro; Assaltaram os vizinhos; Vale a pena caderneta de poupança?; Carro enguiçado; Filha casada mudando para longe; O tempo está doido; O namorado da caçula faz o que?; A sopa não saiu boa; Meu marido chegou alto; Vão reclamar do jantar; Estou enorme de gorda; Mancharam o meu sofá; Imposto predial e condomínio; Presente de aniversário; Minha filha vai dar a luz; Avó aos 43 é horrível; O baby vai ser lindo; Filho dirigindo sem carteira; Minha vida é ótima; Mas é dose pra leão.

Os dois últimos itens trazem o tom de grande parte das reportagens da revista voltadas às donas de casa: a rotina é cansativa, tensa e estafante, mas é a vida que você sonhou ter, e pode ser muito gratificante. Além disso, **Claudia** busca constantemente amenizar a rotina com dicas de como organizar o dia, como cozinhar receitas rápidas e saborosas, assim como o exemplo demonstrado anteriormente na Figura 6. Muitos artigos, como o "Preocupações de mãe", deixam claro que dona de casa mesmo é aquela que tem filhos¹²⁶, ou ao menos pretende ou está tentando ter, e como as funções de esposa, mãe e dona de casa de confundem. Assim sendo, problemas de fertilidade do casal

¹²⁶ Nos número consultados foi destacada uma reportagem apenas sobre a possibilidade do casal escolher não ter filhos para aproveitar melhor a vida a dois.

são uma questão central na vida das donas de casa, e elas precisam buscar as soluções.

Para além da noção de prendas domésticas, que aparece em testes como no número 241, de outubro de 1981, em que se questiona "será que você tem diploma nesta área?", a felicidade familiar parece ser a maior responsabilidade da dona de casa. É uma responsabilidade ampla e complexa, que inclui não somente agradar os membros da família, muitas vezes individualmente, preparando o prato preferido de um filho, deixando o marido escolher o que assistir na televisão à noite, preparando festas de aniversário, planejando as férias conforme a vontade dos outros, e não sua própria.

Uma das funções da dona de casa é evitar brigas e desentendimentos familiares. É repetido na revista que pais que brigam afetam psicologicamente os filhos, e espera-se da esposa dar apoio psicológico ao marido, já que ele teve um dia difícil de trabalho, e a competição lá fora não é fácil! No caso das crianças, também é importante ponderar, ser compreensiva, se colocar no lugar delas, para assim conseguir manter a paz no lar. No número 217, de outubro de 1979, **Claudia** traz um artigo sobre como evitar desentendimentos no final de semana e garantir que a família toda tenha suas expectativas de diversão atendidas. A ilustração do artigo pode ser observada a seguir, na Figura 8. Já na ilustração podemos perceber que as expectativas da dona de casa devem ser levadas em consideração em conjunto com as do resto da família. Contudo, pensar nisso, resolver essa questão, pedir a colaboração de todos, é sua função. O delicado equilíbrio necessário para se alcançar e manter a felicidade familiar passa pela atividade de gerenciar os programas de lazer para que todas as pessoas, quatro, seis pessoas do núcleo familiar, fiquem satisfeitas.

Figura 8



Para evitar brigas e desentendimentos, é importante que a dona de casa, além de agradar os outros membros da família, também esteja satisfeita. No número 207, de agosto de 1978, há outro teste em **Claudia**: "Você é uma dona-de-casa feliz?". Antes de começar o teste, há o enunciado: "Se você é uma dona-de-casa, a sua felicidade no trabalho, o seu contentamento, depende de sua patroa, ou seja, de você mesma! Responda as perguntas abaixo e descubra se o seu ritmo de trabalho é realmente o mais indicado para você."¹²⁷ Essa certamente é uma perspectiva diferente daquela apresentada pelas teóricas feministas das décadas de 1960 e 70, quando equipararam as funções de dona de casa e esposa às de uma serva do marido.

Nesse ponto, a própria **Claudia** nos fornece subsídios para a argumentação feminista quando comenta as dificuldades financeiras que principalmente a mulher enfrenta em casos de desquite. Quer dizer, o trabalho da casa é dela, e o dinheiro da casa é dela para administrar, em decisões diárias e triviais (comprar móveis, eletrodomésticos ou um carro costumava passar pelo crivo do marido), enquanto ela servir ao marido. E este, enquanto ela lhe serve, gasta na sua manutenção, e de forma geral a decisão de ter ou não uma esposa mais refinada passa também pelo seu crivo.

A inserção das mulheres no mercado de trabalho, questão que a **Claudia** discutiu nas duas décadas estudadas, muda um pouco essa

¹²⁷ **Claudia**. São Paulo, nº 217, Ano XIX, outubro de 1979, p. 255.

¹²⁸ **Claudia**. São Paulo, nº 203, Ano XVII, agosto de 1978, p. 207-9.

relação. Entretanto, como debatido pelos feminismos e demonstrado pela própria revista, esta inserção podia ser sazonal (dependendo do ciclo de vida dos filhos), parcial e via de regra se dava em empregos desvalorizados ou sem carreira. Essa situação fazia com que os rendimentos das mulheres fossem mais baixos que os de seus esposos, insuficientes para o sustento da família e, diante de separações¹²⁹, como elas geralmente por questões culturais ficavam com os filhos, viam-se dependentes de pensões¹³⁰ que nem sempre os esposos pagavam, empobrecidas e estigmatizadas socialmente por serem desquitadas ou divorciadas. Esse estigma se refletia nas crianças, o que por conseguinte afastaria todo o grupo familiar do ideal de felicidade. Diante disso, era função das donas de casa, também, manter o casamento, fazer a relação dar certo, conforme pode ser observado no quadro do Apêndice 1.

A felicidade da dona de casa foi frequentemente recomendada pela revista, geralmente trazendo vozes de especialistas para comentar o assunto. O número 205, de junho de 1979, traz um caderno especial "Para você viver melhor como dona-de-casa", que é apresentado da seguinte forma

Este caderno foi idealizado com a intenção de tornar a sua vida de dona-de-casa (sic) ainda mais simples, mais fácil, mais organizada e, acima de tudo, mais criativa e gratificante. Você perguntará, mas como? Nós consultamos sociólogos, psicólogos, economistas, advogados que mostram como nós donas-de-casa podemos e devemos nos sentir valorizadas. E mais: que podemos viver bem com este papel sem que ele nos roube um espaço físico e interior para podermos nos realizar como pessoas inteiras.¹³¹

Percebe-se nesta apresentação certa desqualificação do trabalho doméstico ou, como posto pela revista, do papel de dona de casa. Tornar a vida das mulheres *ainda* mais simples e fácil, pressupõe que o trabalho é tranquilo, que não oferece desafios, que não é estressante. Apesar disso, da mulher ser a encarregada por esse trabalho um tanto quanto

¹²⁹ Há uma matéria específica sobre desquite, anterior à aprovação da lei do divórcio, em **Claudia**. São Paulo, nº 143, Ano XII, agosto de 1973, p. 31-3.

¹³⁰ As mulheres que não tinham rendimentos só tinham direito à pensão, em caso de desquite, se não fossem julgadas culpadas pelo fim da união.

¹³¹ **Claudia**. São Paulo, nº 213, Ano XVIII, junho de 1979, p. 205.

infantilizado, ela terá o suporte de especialistas para se sentir valorizada, o que quer dizer que normalmente no dia a dia não se sente assim, nem percebe essa valorização por parte de sua família. A apresentação termina quase que afirmando que dona de casa também é gente: que é um indivíduo, que tem aspirações pessoais, mas que é difícil conciliar o trabalho doméstico com a realização pessoal.

Essa apresentação parece ter um objetivo específico quando pensamos nas considerações feministas acerca do colapso social que presenciávamos caso as mulheres deixassem de prestar seus serviços gratuitos que estruturam as sociedades através do trabalho doméstico. Fazer com que a dona de casa se sinta valorizada, tentando tornar sua rotina mais gratificante para garantir que ela não deixe de desempenhar o seu papel (que é algo negativo, mas alguém precisa fazer), é uma iniciativa, dentro da lógica apresentada, marcadamente conservadora. Em outros momentos, porém, podemos encontrar matérias mais progressistas, comentários e apropriações de ideias feministas, mas esse viés específico da revista será melhor tratado no capítulo quatro.

Os cursos de atualização que aparecem em diferentes momentos em **Claudia** também podem ser relacionados com a ideia de que a função desempenhada pelas donas de casa tem algo de infantil, desinteressante, alienante, e conseqüentemente quem desempenha esse trabalho e os assuntos a ele relacionados também o são. No número 180, de setembro de 1976, a revista traz a reportagem intitulada "A conversa cri-cri... e o fim da conversa cri-cri (para isso existem os cursos de atualização)". Nela, há depoimentos de mulheres sobre como um curso desses mudou suas vidas, é enfatizado o fato de que esses cursos não têm provas nem notas, enfatiza-se também que a culpa de tantos desquites é da falta de diálogo, e são fornecidos telefones e endereços de contato para poder se matricular em um curso de atualização em quatro diferentes capitais brasileiras.

Os cursos de atualização podem ser relacionados com dois outros fatores ligados ao trabalho das mulheres e que surgem nas páginas de **Claudia**. Um destes fatores é o trabalho remunerado e a conseqüente dupla jornada. Às mulheres que trabalham fora de casa e têm contato com o que é entendido como esfera pública, esses cursos não parecem fazer tanto sentido (mas pode depender muito da profissão). Apesar da revista trazer uma coluna intitulada "Mulher e trabalho" a partir de 1977, as sugestões são sempre para profissões ligadas de alguma forma às aptidões domésticas tradicionalmente femininas, como organização, lidar com crianças ou nutrição. É bem verdade que, observando o

Apêndice 1, podemos pensar que economia, marcenaria e mecânica também poderiam ser profissões adaptadas do dia a dia das donas de casa, uma vez que **Claudia** sugere atividades relacionadas a essas profissões para as mulheres realizarem para suas famílias.

Ainda sobre este primeiro fator, há uma matéria de destaque no número 310 de julho de 1987, intitulada "Ser independente sem sair de casa – uma solução inteligente", cuja chamada traz

A dona de casa virou uma espécie da Gata Borralheira, numa sociedade que empurra a mulher para trabalhar fora, fazer carreira, ter sucesso na vida. Mas, enquanto tenta se transformar em Cinderela, ela precisa cuidar dos filhos, do marido – enfrenta uma carga muito grande e nem sempre consegue conciliar tanta coisa. A solução pode estar dentro de casa mesmo: a mulher tem muitos meios de exercer uma profissão sem sair do ambiente doméstico, uma alternativa não apenas inteligente mas também chique.¹³²

A matéria segue

Antiga rainha do lar, a dona de casa classe média tornou-se uma espécie da Gata Borralheira, encarada como um ser humano incompleto, uma mulher sem ambições, e até obtusa por se contentar com os horizontes estreitos de uma mãe de família. Com as conquistas femininas ou feministas, virou vergonha não obedecer à palavra de ordem: mulher tem que trabalhar fora, para ganhar sua independência e realizar-se como pessoa. A mulher que não aderir tem de agüentar (sic) uma intensa pressão social, exercida por suas companheiras, digamos, liberadas. Trabalhar fora transformou-se na chave para todos os problemas, como se não fosse possível ser feliz vivendo para cuidar dos filhos, do marido, da casa – ou infeliz, mesmo tendo uma profissão.

¹³² **Claudia**. São Paulo, nº 310, Ano XXVI, julho de 1987, p. 149-51.

A matéria é em muitos momentos ambígua, trazendo em destaque frases como "A carreira não pode impedir que a mulher dê atenção aos filhos", ao mesmo tempo em que afirma que é mais fácil para as mulheres trabalhar em casa do que para os homens por questões culturais e de educação. Quer dizer, por um lado, coloca a atenção aos filhos como obrigação exclusiva da mãe, sem considerar a presença do pai e, por outro, faz uma observação oriunda de discursos feministas, de que as mulheres conciliam melhor o trabalho produtivo em casa por questões históricas e construídas, e não naturais.

A discussão em si, de quanto acumular dupla jornada liberta ou não, é interessante, e será melhor aprofundada no capítulo quatro, onde artigos como "É possível ser feminista sem trabalhar fora?", do número 305 de fevereiro de 1987, ou afirmações como a de Adélia Prado, "A mulher que não enfrenta o fogão também é oprimida", do número 243 de dezembro de 1981, serão discutidas. De qualquer forma, ter uma profissão, ter contato com a vida pública, parece surtir um papel equivalente ao dos cursos de atualização, com a vantagem dos rendimentos e de determinada independência financeira.

O segundo fator que pode estar também ligado aos cursos de atualização é o que aparece muitas vezes em **Claudia** como "a arte de receber", e inclui regras de etiqueta para eventos sociais na casa de outras pessoas ou em espaços públicos. Preparar festas, jantares, eventos como *brunchs* ou reuniões de carteados, refeições de datas comemorativas como ceias, bodas, aniversários. Geralmente receber em sua casa está separado na revista das regras de etiqueta ou como se comportar nas festas dos outros, mas em ambas as ocasiões os cursos de atualização parecem úteis para que não se cometam gafes, e para que se tenha condições de ser uma boa anfitriã, simpática, "com assunto para conversar". Cada edição de **Claudia** traz pelo menos um exemplo diferente de festa a ser preparada.

A preparação de festas, além de ser uma atividade social, é posta na revista como uma demonstração de amor, e nesse sentido cabe no grande guarda-chuva da felicidade familiar. Descrições detalhadas de como preparar desde os convites, até a decoração e o que será servido, inclusive bolos temáticos, saber quem convidar, como se portar e o que vestir (não só a dona de casa, como a família inteira) em cada tipo específico de festa, e fazer manualmente a maior quantidade possível de detalhes – decoração, lembranças, docinhos – é uma parte do trabalho de dona de casa muito explorada por **Claudia**, e que

praticamente não é citada pelos feminismos brasileiros – muito menos pelos periódicos feministas – na mesma época.

No número 187, de abril de 1977, por exemplo, temos "Um aniversário mágico", matéria que explica como preparar uma festa infantil com o tema de mágica. Apesar de estar inserida na Cozinha Experimental de **Claudia**, também explica como decorar a festa e fazer convites. Entretanto, o selo da cozinha experimental comprova que todas as receitas sugeridas foram testadas e aprovadas pela equipe de **Claudia**. A chamada traz, em conjunto com grandes fotos ilustrando a festa

Abacadabra, as crianças vão adorar este aniversário. Shazam-alakasm, um aniversário cheio de surpresas. Começa pelos convites, que podem ser em formato de carta de baralho; continua pela decoração feita com bolas de gás, estrelas e luas recortadas em cartolina, e tem seu ponto alto no bolo. Um bolo verdadeiramente mágico.¹³³

Essa noção de trabalho como demonstração de amor familiar pode também ser encontrada nas extensas receitas de trabalhos manuais de **Claudia**, que são acompanhadas por um grande volume de publicidade de linhas, tecidos e máquinas de costura. A publicidade, inclusive, utiliza constantemente o apelo ao amor familiar, com slogans como "Costurar é um ato de amor"¹³⁴, e seguem a mesma lógica posta anteriormente, de que a dona de casa também deve se realizar, encontrar o amor familiar, ao prestar esse serviço para a família. No número 143, de agosto de 1973, uma propaganda de máquinas de costura Singer traz o seguinte em destaque: "Para mim a felicidade é um bom pedaço de pano, carretéis de linha, passamanarias, minha Singer e algum tempo de folga". Usar o tempo de folga para trabalhar, aliás, é outra ideia corrente na revista, e surge não apenas para trabalhar em casa como também na busca de emprego, sugerindo preencher o tempo livre com uma profissão, ou transformar um *hobby* em profissão.

O apelo à realização de trabalhos manuais, quando não é associado ao amor familiar, aparece na revista principalmente sob a

¹³³ **Claudia**. São Paulo, nº 187, Ano XVI, abril de 1977, p. 73.

¹³⁴ Propaganda de máquina de costura Singer. Há diferentes propagandas com o mesmo slogan. Exemplos em **Claudia**. São Paulo, nº 141, Ano XII, junho de 1973 e **Claudia**. São Paulo, nº 332, Ano XXVIII, maio de 1989.

bandeira da economia e controle do orçamento, que se não pode ser vista como atividade de amor é, sem dúvida, parte do trabalho doméstico. Todavia, frases em destaque junto às receitas e fotografias de trabalhos manuais como "Mamãe, faz uma colcha igual para mim?"¹³⁵ ou "Crianças preferem brinquedos feitos por você", como pode ser observado na Figura 9, a seguir, têm grande apelo à responsabilidade da dona de casa pela felicidade familiar. Outros exemplos podem ser citados nesse sentido, como sugestões de estreitar os laços com a filha iniciando-a nos trabalhos manuais mais simples¹³⁶, ou fazendo uma colcha na qual a menina possa ajudar¹³⁷. Questões de gênero excluem os meninos dessas atividades e estimulam as mães a os aproximarem de seus pais, como por exemplo comprando brinquedos que simulem a profissão do pai¹³⁸.

É importante citar que grande número de vozes autorizadas, como psicólogos, psicólogos infantis, pediatras, pedagogos, sexólogos e conselheiros de casais, são utilizados pela revista em recomendações sobre como manter a felicidade familiar, desde a estabilidade no casamento, lidar com a sexualidade madura, até se é recomendável ou não ter uma babá, como lidar com o afeto da criança a esse tipo de profissional, ou qual o brinquedo mais apropriado para dar à criança. A questão dos brinquedos, inclusive, rendeu algumas extensas reportagens, como "Dê o brinquedo certo", do número 123 de dezembro de 1971, ou "O brinquedo certo é o que a criança inventa", do número 193, de outubro de 1977. É comum que esse tipo de produção editorial da revista venha com endereços e telefones de lojas, nesse caso, de brinquedos não convencionais ou classificados por idade.

¹³⁵ **Claudia**. São Paulo, nº 178, Ano XV, julho de 1976, p. 118.

¹³⁶ **Claudia**. São Paulo, nº 151, Ano XIII, abril de 1974, p. 76-7.

¹³⁷ *Ibidem*, p. 80-1.

¹³⁸ **Claudia**. São Paulo, nº 111, Ano IX, dezembro de 1970.

Figura 9



Além destes endereços e telefones de lojas no final de reportagens específicas, geralmente perto das últimas páginas da revista ficavam as "Compras de Claudia" ou "Achados de Claudia", uma seção com sugestões de produtos dos mais diversos, para a casa, os animais de estimação, as crianças, o bebê, a esposa ou o esposo. Entretanto, as "Compras de Claudia" são focadas em produtos, que podem ser embrulhados para presente, levados para casa. No fim de reportagens às vezes surgem os endereços e telefones de prestadores de serviço, como ocorre na matéria supracitada a respeito dos cursos de atualização. Isso nos leva a ponderar que ao trabalho de compradora¹⁴⁰ das donas de casa se soma, quando as famílias têm condições financeiras para tanto, aquele de contratante de prestações de serviço.

Sobre as prestações de serviço, talvez a mais importante para as unidades domésticas das camadas médias seja o emprego doméstico. As

¹³⁹ **Claudia**. São Paulo, nº 156, Ano XIII, setembro de 1974.

¹⁴⁰ Estou separando aqui o ato de comprar do ato de consumir, conforme propõe Maria Elisabeth Goidanich Op. Cit., 2012, p. 23. É comum ouvirmos e usarmos a figura da consumidora como sinônimo de compradora, mas se formos pensar em uma unidade doméstica, toda a família é consumidora do trabalho da esposa, assim como toda a família é consumidora dos produtos que são comprados. Apesar disso, é trabalho geralmente da dona de casa comprar o que a família precisa, desde alimentos até móveis, e também prestação de serviço, o que quer dizer que além de compradora, ela atua como contratante.

dificuldades enfrentadas com as empregadas são citadas com certa constância por **Claudia**, como podemos observar na Figura 7, acima, quando a segunda das preocupações de mãe listadas é "a empregada vai embora". As reclamações sobre as empregadas estarem exigentes, não terem mais "Marias" como antigamente, do peso do salário da empregada no orçamento, surgem em artigos específicos sobre o tema.

Em março de 1981, no número 234 da revista temos, dentro da seção "Viva Melhor", o artigo "Você pode ter uma ótima empregada (duvida?)". Trata-se de uma página de texto, com poucas ilustrações de uma empregada uniformizada sem rosto, dando dicas de bom senso, como por exemplo deixar comida para a empregada quando se está fazendo regime e tem pouca comida em casa, ensiná-la para que ela trabalhe conforme o esperado, não exigir perfeccionismo, conversar antes de brigar e lembrar que empregada não é escrava. Bem no final do texto há o aviso de que, tratando com dignidade a empregada, pode ser que ela não considere ir trabalhar em uma fábrica.

No mesmo ano de 1981, a edição do mês de setembro, número 240, traz uma matéria mais generosa sobre o tema, também na seção Viva Melhor, mas agora com 5 páginas, e o tom da conversa é outro "Emergência: é hora de aprender a viver sem empregada". Nela, uma jornalista da revista explica que é dona de casa, cumpre dupla jornada, e a necessidade a obrigou a romper a dependência da empregada doméstica, uma vez que estava cada vez mais difícil manter uma. Ela explica que é necessária uma grande organização do trabalho e do tempo, é preciso que a família não espere ter os mesmos tipos de serviço que tinha com empregada em casa, e aponta as soluções através de alternativas de consumo.

A primeira destas alternativas são os eletrodomésticos. Quanto mais máquinas para trabalhar pela dona de casa melhor, e mesmo que alguns deles signifiquem um investimento dispendioso, é preciso pensar no dinheiro que se economiza a longo prazo e na tranquilidade que fornecem. Entretanto, máquinas não fazem faxina, e para isso é possível contratar diaristas em agências, por meio dia ou dia cheio, algumas especializadas em alguns tipos de tarefa. Observa-se nesse fator que o comum, até então, era ter uma empregada mensalista, e as diaristas surgem como algo mais versátil, com cara de novo. Dar instruções a uma diarista, ainda mais uma desconhecida, era muito diferente de ir ensinando aos poucos uma empregada, e há recomendações a esse respeito, ao lado de telefones e endereços de agências para contratar faxineiras.

Para as roupas que poderiam estragar sendo lavadas na máquina, a sugestão são lavanderias, que também fornecem o serviço de passar roupas, tirar manchas, tinturaria, entre outros. Como as lavanderias são caras, algumas adaptações são sugeridas, como simplificar o enxoval, só ter lençóis de tecidos que não precisam ser passados, só comprar roupas coloridas – nunca brancas ou muito claras – para as crianças, e saber aproveitar as promoções e diferentes serviços. Há também uma lista de lavanderias em quatro capitais, onde esses serviços podem ser contratados.

As duas últimas páginas falam da possibilidade de pedir comida e encomendar festas. Aí sugere-se comprar refeições inteiras em rotisserias, que muitas vezes entregam em casa comida para toda a semana, que pode também ser pedida por telefone. Do mesmo modo sugerem-se pensões, nas quais se poderia garantir o sabor da comida caseira, e mesmo restaurantes, apesar destes costumarem ser mais caros. Para as festas, aconselha-se contratação de bufês, e listam-se estabelecimentos de cada um dos tipos citados como sugestão para as donas de casa.

Se por um lado, o recorte de classe da revista fica claro nesse tipo de artigo, e aquilo que foi dito pelos feminismos, que as donas de casa de famílias mais abastadas contam com ajuda no seu trabalho, não pode ser negado; por outro, fica ainda mais claro que garantir que as redes de substituição do trabalho da dona de casa não falhem é função dela. Os serviços de substituição precisam estar presentes regularmente, devem ser de qualidade, e devem ser o mais econômicos o quanto possam cumprindo as duas premissas anteriores, o que exige pesquisa constante, flexibilidade e conhecimento.

Em abril de 1989, uma espécie de seção chamada Novos Tempos, dentro de **Claudia**, traz outra reportagem, essa um pouco mais fatalista, que ocupa cinco páginas discorrendo sobre "Viver sem empregada – o futuro inevitável de todos nós". Como a Constituição de 1988 reconheceu o emprego doméstico como uma categoria profissional, e já estava mais difícil encontrar empregadas do que era nas décadas anteriores (pelo menos aceitando as mesmas condições de trabalho oferecidas nas décadas anteriores), a reportagem se dedica a pensar o futuro do emprego doméstico no Brasil como o que já ocorria em países industrializados da Europa e América do Norte¹⁴¹. Nestes países, onde

¹⁴¹ Em nenhum momento encontrei em **Claudia** uma discussão corrente na bibliografia feminista sobre emprego doméstico, tanto no recorte da pesquisa quanto atual, que explica a viabilidade do emprego doméstico através da

estes serviços custavam caro, opções como espécies de creches em casa, simplificações do trabalho, menor quantidade de filhos e produtos semipreparados (como legumes cortados e lavados, por exemplo), eram utilizados, e a revista tenta procurar serviços parecidos no Brasil para indicar, apesar de ainda serem escassos.

A reportagem também comenta como hábitos comuns à cultura brasileira precisavam ser modificados, como os filhos que não faziam absolutamente nada nas casas. Comenta-se que é mais fácil operar uma máquina de lavar roupa que um vídeo game, e que para além da contribuição dos filhos, a dona de casa também precisava se desprender da necessidade de ver tudo brilhando sempre. Exemplos de donas de casa inglesas são citados para mostrar como elas simplificavam ao máximo o cardápio e só aspiravam a casa uma vez por semana. Sobre os EUA, se comenta como não havia a vergonha associada aos trabalhos manuais ou braçais como às vezes havia no Brasil, e nesse sentido destaca um ministro estadunidense que deixou-se fotografar fazendo compras no mercado com sua esposa.

A quantia que se pode economizar ao deixar de pagar o salário da empregada – ainda mais agora que esta se tornou uma categoria profissional – é usada como argumento para encarar esta nova realidade, e exemplos são dados através da manutenção da empregada, ou o quanto ela trabalhando gasta a mais que a dona de casa. Citam-se exageros como empregadas gastando 10 vezes mais óleo e quatro vezes mais arroz. A impressão que dá é que a empregada consumia sozinha toda essa quantidade de alimento, e não que ela provavelmente cozinhava mais para a família do que uma dona de casa cumpridora de dupla jornada, e nessa atividade utilizava mais alimento. Os cuidados que precisavam ser tomados na contratação a partir do momento em que aumentam direitos trabalhistas são listados, ao lado da foto de uma brasileira que trabalhava como empregada nos EUA, sob o título "A empregada do futuro", a qual tinha carro e horário definido de trabalho, morava em casa própria e alegava não querer voltar a morar no Brasil pela maneira que era tratada aqui.

A doméstica, como substituta em algumas das funções da dona de casa, é uma prestadora de "multi-serviços", porque a dona de casa é, em última instância, uma prestadora de uma lista enorme de serviços para a

dimensão da desigualdade de classe, afirmando que apenas em sociedades em que as diferenças salariais e as desigualdades são muito profundas é que o serviço doméstico, em especial o mensalista, pode ser acessível a grande número de famílias.

sua família, como podemos observar no Apêndice 1. Muito do trabalho feito pelas donas de casa ou ao menos sugerido por **Claudia** que assim o fosse não foi explorado em profundidade aqui porque a lista é extensa. Ser uma boa mãe ou boa dona de casa contém em si um leque de funções, físicas, psíquicas e psicológicas, que envolvem desde cuidar, em todos os aspectos, dos idosos da família, até "criar os filhos sem erro", resolver detalhes como manchas no sofá, fazer as malas para a família toda para depois ser apontada como aquela que "gosta de carregar muita coisa", ou cuidar dos bens da família, que incluem o imóvel ou o automóvel, mas também os eletrodomésticos e as roupas.

Os eletrodomésticos, aliás, são o tempo todo apontados em **Claudia** como soluções para inúmeros problemas, e muitas páginas são dedicadas a comparar diferentes produtos, ensinar a fazê-los durar mais tempo e mesmo a consertá-los. É presente a ideia de que o eletrodoméstico trabalha pela dona de casa, apesar de que costuma ser ela a responsável por fazê-lo funcionar, controlar o tempo até o final de seu funcionamento (para estender a roupa depois de lavada, por exemplo), entre outras questões já indicadas. As aparições de eletrodomésticos na revista serão observadas no terceiro capítulo desta tese.

Por ora, parece ser importante pensar, tanto nos eletrodomésticos como nos serviços das empregadas ou faxineiras, como algo que pode ser comprado para substituir a dona de casa, como prestações de serviço que cumprem parte da função de esposa, uma vez que sua crescente inserção no mercado de trabalho vinha prejudicando a qualidade e a quantidade (em horas e volume) de seu trabalho prestado à família. É interessante perceber como, na transição entre a década de 1970 e 1980, a saída das donas de casa dos lares, através do emprego, se consolida nas páginas de **Claudia** e, também nessa transição de décadas, o volume de oferta de prestação de serviço que substitua as funções tradicionais de dona de casa cresce exponencialmente na revista. Sobre estes e outros aspectos trata o próximo capítulo.

3. SEGUNDO CAPÍTULO – O TRABALHO DOMÉSTICO EM CLAUDIA: TRANSIÇÕES E RESSIGNIFICAÇÕES DE CONCEITOS ENTRE AS DÉCADAS DE 1970 E 1980

Ao observar uma fonte de pesquisa periódica como **Claudia**, num recorte temporal extenso, como os vinte anos que proponho neste trabalho, é imprescindível pensar nas maneiras através das quais o tempo age sobre a publicação ou, melhor, como esta se transforma no decorrer do tempo. A noção de rupturas e continuidades, ou de mudanças e permanências, pode ser uma ferramenta útil para pensar **Claudia** no tempo. Entretanto, interpretar essas mudanças mais como transformações, descontinuidades ou ressignificação de conceitos do que como rupturas, pode trazer uma perspectiva mais ampla, complexa e interessante para refletir sobre a revista nas décadas de 1970 e 80. Da mesma forma, um olhar cuidadoso sobre as permanências nos ajuda a observar como muito daquilo que parece o mesmo, que parece que não muda, de alguma forma se transforma em diálogo com o que está ao seu redor.

Pode-se usar a temática da economia doméstica para ilustrar de forma mais pontual essa perspectiva. De um ponto de vista direto, se o que se busca são rupturas e continuidades, a temática da economia seria tratada como uma continuidade nas páginas de **Claudia** nessas décadas. Certamente é um assunto exacerbado conforme se acentuam as crises econômicas, quer dizer, quando a inflação estava especialmente em alta, durante as crises do petróleo, sobretudo após a segunda em 1979, ou quando se tornava público o fracasso de mais um dos planos econômicos, no final da década de 1980. Mas mesmo no começo da década de 1970, durante o chamado Milagre Econômico brasileiro, aproveitar bem os alimentos, eletrodomésticos ou materiais de limpeza e manutenção do lar, eram questões encontradas na revista, inclusive como valorização do trabalho da dona de casa. Isso não quer dizer que a economia doméstica ou a atitude de evitar o desperdício tivessem o mesmo significado nesses diferentes contextos ou fossem abordadas da mesma forma pela publicação nesses casos específicos.

De maneira semelhante, a noção de ruptura pode nos levar a pensar em aspectos que desapareceram da revista, que foram suprimidos por algo novo ou totalmente novo. Apesar de podermos questionar determinada ideia de novo, como se as novidades surgissem do nada, o fato é que **Claudia** não deixa de apostar, de forma geral, nas permanências, na noção de confiabilidade, por mais que as novidades

sejam um mote de venda constante do periódico. Muitas das pesquisas acadêmicas voltadas às revistas femininas¹⁴², aliás, nos mostram como as novidades, tão exploradas pelos grupos editoriais quando o público alvo são mulheres, várias vezes podem ser entendidas como “falsas novidades” ou “novidades cíclicas”. Como por exemplo alguma concepção que na essência é conservadora, mas surge com uma roupagem nova, ou no caso das tendências de verão – receitas leves, viagens de férias, moda praia – que se repetem anualmente com pequenas variações.

Como meu diálogo com a principal fonte de pesquisa, neste trabalho, se estabelece a partir de bibliografia e problematizações feministas, é importante ter em vista as transformações que ocorreram nos feminismos brasileiros no que diz respeito ao trabalho doméstico entre os anos 1970 e 80. Caso formos pensar em uma sistematização – que, vale repetir, carrega em si os benefícios e os problemas que as sistematizações trazem – dos períodos da história dos feminismos ocidentais, a década de 1980, inclusive no Brasil, se apresentaria como um momento de transição entre a Segunda Onda para uma Terceira Onda Feminista. **Claudia**, à sua maneira, mais ou menos acompanhou estas mudanças. É possível que isso tenha ocorrido muito mais pelo fato dos feminismos do período e a revista estarem inseridos em realidades semelhantes, de grandes cidades industrializadas – ainda que atuando sob perspectivas às vezes antagônicas – do que ser um fator de pioneirismo ou compromisso feminista de **Claudia**. Por outro lado, se os feminismos que se mostraram proeminentes no Brasil nesse período não se viam representados na publicação, fica claro ao folhear suas páginas que ideias, muitas vezes nomeadamente feministas, são constantes na revista.

As maneiras como o trabalho doméstico definiu e afetou a vida das mulheres foram um dos principais motes dos feminismos de Segunda Onda, e a noção de trabalho remunerado como caminho de independência e fuga de uma existência isolada e alienada fez parte desses feminismos. No Brasil, a grande preocupação com as mulheres das classes desfavorecidas voltou o discurso aos problemas da dupla

¹⁴² Como exemplo podemos citar dois trabalhos clássicos no Brasil sobre a temática: BUITONI, Dulcília H. S. **Mulher de papel**: a representação da mulher na imprensa feminina brasileira. São Paulo: Edições Loyola, 1981 e também BASSANEZI, Carla. **Virando as páginas, revendo as mulheres**: revistas femininas e relações homem–mulher 1945-1964. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

jornada e da desvalorização do trabalho feminino, mas ainda assim reconhecia no trabalho doméstico um meio social muito efetivo de alienação das mulheres. A pouca participação de mulheres em reuniões sindicais, por exemplo, era muitas vezes associada à sua responsabilização pelas tarefas domésticas.

Em **Claudia**, Carmen da Silva vinha desde a década de 1960 trabalhando a questão, ancorada na psicanálise e muitas vezes fazendo referências diretas à Betty Friedan. O problema da *mística feminina*, que os feminismos brasileiros em muitos momentos consideraram não corresponder à nossa realidade local – ou ao menos não às mulheres com quem buscavam dialogar – é, repetidamente, através de diferentes abordagens, trabalhado na revista, e ecoa em suas páginas de diversas maneiras até o final da década de 1980. Questões que surgem e/ou se sobrepõem à problemática do trabalho doméstico nos feminismos no Brasil na década de 1980, como a violência (doméstica ou não) contra as mulheres, a saúde feminina como um direito, a sexualidade, a homossexualidade ou o aborto, estão presentes na revista, algumas vezes com discursos muito afastados da perspectiva encontrada nas fontes feministas, e outras vezes não.

A crescente inserção das mulheres no mercado de trabalho entre 1970 e 1990 trouxe muitas transformações para o país, e as mudanças que ocorreram também nos lares são de alguma forma ilustradas por **Claudia**. Sem perder seu foco nas donas de casa de camadas médias, a revista, além de utilizar vozes autorizadas de diferentes especialistas sobre os possíveis benefícios ou problemas que o trabalho fora de casa da mãe poderia trazer para o desenvolvimento das crianças e o bem estar do casamento, oferece ampla gama de alternativas de consumo para os muitos serviços prestados pela dona de casa. A sua ausência do lar algumas horas por dia poderia ser aceita pela família, desde que os serviços por ela oferecidos não fossem substancialmente afetados. Deste modo, o apelo à noção de praticidade, aos eletrodomésticos e aos endereços de lugares que ofereciam refeições ou bufês para festas prontos, além de creches/escolinhas e outros serviços como os das lavanderias, ganharam grande relevo em suas páginas. Por outro lado, dividir as tarefas de casa com outros membros da família, tanto as crianças quanto o marido, também surge como recomendação.

Muitas dessas alternativas não são totalmente distintas de algumas das soluções, tanto de socialização das tarefas domésticas quanto de divisão de tarefas nos lares, apontadas por feministas socialistas no período para que fosse possível a franca inserção das

mulheres no mercado de trabalho e na vida pública. Inclusive arrisco apontar, ao menos no que se refere aos periódicos feministas brasileiros consultados¹⁴³, que **Claudia** discutiu na mesma proporção que estes periódicos, se não mais, a divisão de tarefas entre membros da família nessas décadas, com exemplos reais ou verossímeis e dicas práticas. Claro que não é uma comparação muito justa, uma vez que **Claudia**, diferente das produções feministas, sempre pôde manter sua periodicidade, quer dizer, há um volume maior de revistas **Claudia** consultadas do que de periódicos feministas, e cada edição de **Claudia** em si tinha um número de páginas muito maior que esses periódicos. Mesmo assim, parece-me uma constatação algo surpreendente.

Entretanto e apesar disso, enquanto a alternativa socialista de socialização do trabalho doméstico buscava serviços públicos, como lavanderias coletivas, creches estatais e restaurantes populares, **Claudia** trabalhou diretamente com o crescente mercado que oferecia esses serviços, e com outras alternativas de consumo que, na revista, só apresentavam vantagens, como os eletrodomésticos ou alimentos congelados e semiprontos. Nesse ponto, fica difícil não concordar com escritos feministas que colocaram a revista como um produto feito para vender produtos, ou praticamente um catálogo comentado de uma ampla gama de diferentes objetos e serviços de consumo.

Posto isso, para abrir este capítulo vale ainda citar algumas transformações expressivas em **Claudia** nos 20 anos analisados. Os trabalhos manuais, como tricô, crochê, bordado e costura, que eram tão presentes em 1970 a ponto de tornar a leitura do periódico cansativa, perdem muito espaço quando chegamos nos números de 1980. Em 1989 nem sempre são item de destaque no índice da publicação, já levando o nome de “artesanato” ao invés de “trabalhos”. Da mesma forma, um pouco da ideia de “movimentos femininos” que está presente na primeira metade dos anos 1970 – surgindo às vezes em substituição à palavra feminismo, talvez por nesse momento o feminismo ser entendido como algo muito radical –, praticamente já desapareceu no final da década. A partir de então o termo “movimento feminino” não é usual nem mesmo em situações em que as mulheres se organizam por

¹⁴³ Importante ressaltar que as menções aos periódicos feministas brasileiros encontradas nessa tese são geralmente limitadas ao **Brasil Mulher** (1975-1980), **Nós Mulheres** (1976-1978) e **Mulherio** (1981-1988). Diferente de outras produções editoriais periódicas feministas do período, pude consultar todos os números das publicações citadas, o que me oferece maior segurança para as utilizar como referência.

questões não necessariamente feministas, como por exemplo em busca de direitos do consumidor ou contra a poluição.

A poluição e as preocupações com o meio ambiente, aliás, surgem como uma das novas temáticas dos anos 1980, do mesmo modo que novidades tecnológicas domésticas como os computadores. Aconselhamento genético e tecnologias reprodutivas são abordadas, e se levanta pontualmente a possibilidade de um casal optar por não ter filhos, ainda que esta não seja absolutamente a proposta geral da revista. Neste período se fala mais abertamente sobre crise econômica também, inclusive ensinando as leitoras a lidar com alguns dos problemas decorrentes das crises, como o desemprego do esposo, aumento nos roubos e arrombamentos de casas e carros. E, se a ditadura não podia ser percebida nas páginas de **Claudia**, a abertura política certamente o foi, com reportagens acompanhando a nova constituinte ou até mesmo denunciando a repressão política¹⁴⁴ do Estado de exceção.

O tema da violência também ganha mais espaço com a chegada dos anos 80, não apenas a violência doméstica e/ou conjugal, tanto contra as mulheres quanto contra as crianças, mas tópicos pouco abordados anteriormente surgem. É o caso do estupro, que ganha matéria especial em outubro de 1981, do mesmo modo que a questão do consumo de drogas, dos filhos e filhas mas também das donas de casa. Algo semelhante ocorre com a temática do alcoolismo, que no princípio dos anos 1970 parecia ser uma questão voltada principalmente aos esposos, e em meados dos 80 já é tratada como um problema que pode afetar todos os membros da família.

A própria questão do feminismo, fundamental para esta análise, aparece muito pouco de forma direta fora da coluna de Carmen da Silva até 1980. As temáticas relacionadas à sexualidade se expandem nesta década, estabelecendo um diálogo mais direto com as leitoras, discutindo a sexualidade também das filhas das leitoras e às vezes dos filhos, sexualidade infantil, as DST's e a AIDS em especial, além do aborto e da homossexualidade principalmente masculina, através de uma perspectiva que vai se tornando mais inclusiva com o passar do tempo. Também partindo dessa perspectiva inclusiva, a temática das deficiências, principalmente no caso de crianças, começa a surgir com razoável frequência.

¹⁴⁴ Em abril de 1987, no número 307, há inclusive uma entrevista com Hildegard Angel, filha de Zuzu Angel, falando sobre sua vida e de sua família.

É na década de 1980 que Ziraldo deixa de fechar as edições de **Claudia** com seus quadrinhos da *Supermãe*¹⁴⁵. É também na década de 80 que a psicologia ganha força na revista, muito pautada na busca pela felicidade, e as discussões sobre crise no casamento, menopausa ou envelhecimento de familiares começam a apontar soluções muito mais psicológicas que simplesmente materiais ou operacionais. Os alimentos naturais e as dietas passam a ocupar grande espaço editorial, assim como dicas de como combater o *stress*. Em agosto de 1989 a revista aborda abertamente o “voltar pra casa”¹⁴⁶, em uma tendência, já presente desde meados da década de 80 na publicação, que questiona até que ponto o trabalho fora seria essa “tábua de salvação” para todos os problemas femininos (como muitas vezes se interpretaram ali os discursos feministas).

Posto isto, para observar de forma mais atenta estas idas e vindas temáticas da publicação entre as décadas de 1970 e 1980, este capítulo está dividido em três subitens. O primeiro deles apresenta uma seção chamada “Viva Melhor”, que sofre marcantes transformações em seu conteúdo entre uma década e outra e que considero de certa forma emblemática das transformações ocorridas no periódico como um todo nestas décadas. O fato de, nos anos 70, a “Viva Melhor” se dedicar muito às dicas e tarefas relacionadas ao trabalho doméstico também foi fator importante na decisão de usar a seção como uma espécie de vitrine para abrir este capítulo, uma vez que, mais do que apenas observar as transformações gerais do magazine, é de suma importância aqui levar em conta como as noções de trabalho doméstico se transformaram.

O segundo subitem é dedicado às maneiras como o casamento foi abordado e discutido na revista. Pensando nos termos das teóricas feministas das décadas de 1960, 70 e 80, as transformações no casamento se traduziam em transformações nas relações laborais das

¹⁴⁵ *Supermãe* é uma personagem de Ziraldo que esteve presente em **Claudia** durante o recorte desta pesquisa. Se tratava de uma mãe coruja bastante “quadrada”, sufocadora e estereotipada interagindo com um filho adulto que vivia os dilemas entre querer ser “prafrentex” e não abrir mão dos mimos que sua mãe lhe oferecia. Em 1981, a Abril S.A. publica **The Supermãe**, uma seleção de quadrinhos da Supermãe escolhidos em dez anos de publicação no magazine (PINTO, Ziraldo Alves. **The Supermãe**. São Paulo: Abril, 1981). Entretanto, segundo minha pesquisa, a publicação da *Supermãe* em **Claudia** extrapola esses citados dez anos, com registros entre maio de 1970 e maio de 1985.

¹⁴⁶ **Claudia**. São Paulo, nº 335, Ano XXIX, agosto de 1989, p. 102-5.

trabalhadoras domésticas, e questões como o desquite ou o divórcio influíram diretamente nos regimes e condições de trabalho das mulheres. Ainda que não seja a proposta desta pesquisa analisar isoladamente o casamento como instituição, os diferentes discursos sobre o casamento em **Claudia**, uma revista que dialogou diretamente com mulheres casadas – ou que já o haviam sido, ou que pretendiam ser – são centrais para se pensar o trabalho doméstico e as responsáveis pela sua execução. Esse aspecto se mostra ainda mais proeminente se considerarmos que uma conceituação genérica de dona de casa, ao menos no imaginário popular, está comumente associada à figura do cônjuge, ainda que legalmente se admita, em nossos dias, que dona de casa possa ser uma mulher sem conjugue¹⁴⁷. Se ela não tiver nem conjugue, nem filhas ou filhos, a definição já pode nos parecer mais turva. Vale aqui apontar o fato de que as mães solteiras, que surgem espaçadamente na seção de cartas da revista, foram sistematicamente ignoradas pela publicação em sua linha editorial, ao menos no período analisado.

Diante disso, as maneiras como o casamento – e diferentes casamentos – afetaram de formas distintas o trabalho das donas de casa nos introduz ao terceiro e indispensável subitem deste capítulo: trabalho. Neste item é importante retomarmos a noção ampla de trabalho doméstico apresentada anteriormente nesta tese, para então observarmos

¹⁴⁷ Na **Wikipédia** dona de casa consta como uma profissão, para fins previdenciários, definida como “(...) mulher que, casada ou não, trabalha exclusivamente para a própria família, não exercendo atividade remunerada, ou esta não pode ser considerada habitual e principal.” Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Dona_de_casa> Acesso em 14/09/2014. O **Dicionário online Michaelis** define dona de casa como “a) mulher que, na direção do seu lar, executa trabalhos de arrumação e limpeza; b) brinquedo infantil feminino em que as meninas imitam suas mães em todas as tarefas domésticas”, sem mencionar o conjugue. Disponível em <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=dona>> Acesso em 14/09/2014. Já o **Dicionário crítico do feminismo**, edição francesa de 2000, publicado no Brasil em 2009, possui verbetes como “trabalho doméstico”, “divisão sexual do trabalho” e “público/privado”, mas não se detém em definir “dona de casa”, apenas constatando que dona de casa é um termo, dentre outros, que tem “(...) conotações disciplinares e conceituais distintas que suscitam controvérsias sobre o significado que se deve dar à expressão ‘trabalho doméstico’.” FOUGEYROLLAS-SCHWEBEL, Dominique. Trabalho doméstico (verbe). In: HIRATA, Helena [et al.] (orgs). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: UNESP, 2009.

como as percepções de trabalho, doméstico ou remunerado, são apresentadas por **Claudia** no decorrer dos anos. A crescente inserção das mulheres no mercado de trabalho foi anunciada pela publicação, por um lado, como uma abertura de horizontes e uma emocionante possibilidade de uma vida mais rica e completa. Por outro, todavia, ficou difícil ignorar o acúmulo de tarefas, e a noção de “faça você mesma” que preenchia as páginas da revista foi substituída em volume, de forma marcante, pela ideia de praticidade. Como veremos, essa mudança na linha geral de diálogo que o magazine estabeleceu com suas leitoras não excluiu nem a temática da praticidade nas matérias publicadas nos anos 1970, nem a importância do amor demonstrado nas coisas feitas por você mesma na década de 80. Entretanto, as prioridades se invertem, e as conceituações de trabalho apresentadas às vezes se modificam, às vezes dialogam, e geralmente trazem significados heterogêneos.

3.1. “VIVA MELHOR”

UM “VIVA MELHOR” DE LEITORA

“Acho Claudia perfeita para a mulher brasileira: ela simplifica a vida da gente com conselhos práticos e truques interessantes. É por isso que a minha seção preferida é Viva Melhor. Para melhor aproveitá-la eu recorto as notinhas (e receitas também), colo num papel (tipo cartolina), dos dois lados, e enfio dentro de uma capa de plástico. Estas capas de plástico já vêm encartadas dentro de uma pasta-fichário. Com as receitas de cozinha este método é indispensável, pois, quando vamos fazer algum prato, sempre caem resíduos na revista e a leitura fica muito prejudicada. Quem quiser adotar o meu sistema, está às ordens. Continuem assim, obrigada.” **Márcia**, São José do Rio Preto, SP.

- Você gosta tanto da seção “Viva Melhor” que acabou inventando um conselhinho prático como os que publicamos todo mês. Sempre que

criar alguma coisa nova, comunique-nos logo.
Claudia gosta muito de aprender novidades.¹⁴⁸

Esta carta, publicada em 1973, apresenta um pouco da noção de utilidade¹⁴⁹ na qual **Claudia** apostou desde seu lançamento. Ao mesmo tempo em que o periódico se colocou como vanguardista, no sentido de discutir tabus e de buscar dialogar com aquilo que entendia como “mulher moderna”, este também se apresentava como uma espécie de manual, com truques, dicas e recomendações para facilitar a vida das donas de casa. É possível que o seu sucesso de vendas estivesse inclusive calcado nessas características: por ser uma revista grande, extensa, com muitas páginas, com muito conteúdo, havia a possibilidade de exposição de ideias diferentes entre si e, às vezes – principalmente sob a assinatura de colunistas – até contraditórias. Pela seção das cartas, podemos inferir que isso permitiu que as leitoras escolhessem as partes da revista que mais lhes aproovessem, o que fazia com que o periódico acabasse caindo nos gostos tanto das mulheres mais “modernas” quanto das mais conservadoras. Os conteúdos mais utilitários, ainda que não fossem os mais polêmicos, costumeiramente eram apontados por elogios na seção de cartas, e sua constância e volume na publicação nos mostra a sua importância.

Essa faceta de **Claudia**, a *Claudia-manual*, certamente se transforma conforme as donas de casa para as quais ela se dirige, assim como a política editorial da revista, se transformam. Na primeira metade da década de 1970, a Viva Melhor parece um pequeno manual prático, bem consonante com a proposta de utilidade exposta pela publicação em sua folha de rosto no número de lançamento, em 1961.

SEJA BENVINDA,

Você tem em suas mãos o primeiro número de uma revista que pretende desempenhar um papel muito importante na sua vida futura!

¹⁴⁸ **Claudia**. São Paulo, nº 142, Ano XII, julho de 1973, p. 5. Independente destas cartas terem sido realmente enviadas por leitoras ou produzidas pela redação da revista, seu efeito como conteúdo da publicação não se altera substancialmente, principalmente num estudo como o desta tese, que não é voltado à recepção.

¹⁴⁹ Essa noção de utilidade da revista é muito abordada por Maria Paula Costa em sua tese. COSTA, M. Op. Cit., 2008.

CLAUDIA foi criada para servi-la. Foi criada para ajudá-la a enfrentar realisticamente os problemas de todos os dias.

CLAUDIA lhe apresentará mensalmente idéias para a decoração de seu lar, receitas para deliciar a sua família, sugestões para mantê-la sempre elegante e atraente.

Mas o importante é a **forma** como isto será feito. Antes de mais nada, CLAUDIA deverá ser **útil** para você. Deverá tornar-se sua amiga íntima. E estará **sempre** às suas ordens para lhe proporcionar tôdas as informações e novidades que você espera há tanto tempo, numa só revista, simpática, completa e moderna.

Seja benvinda, pois, às páginas de CLAUDIA. Temos certeza de que ela será sua companheira fiel nos anos vindouros. (sic)¹⁵⁰

Este texto vem acompanhado de uma mão direita feminina, impecavelmente bem cuidada, com longas unhas brancas arredondadas, virando a página no canto superior. Em seguida temos o sumário. A maneira como estas boas vindas destacam o adjetivo *útil*, em detrimento de outros que poderiam ser destacados, como *amiga*, *íntima*, *simpática*, *completa* ou *moderna*, nos ajuda a demonstrar a centralidade dessa noção de utilidade na proposta geral da revista.

A Viva Melhor está inserida nesse plano, trazendo grande número de dicas e truques para resolver problemas domésticos muito específicos, além de sugestões para facilitar a vida das donas de casa e soluções caseiras para beleza. Adiante, na Figura 10, trago uma das páginas da Viva Melhor do número 122, de novembro de 1971. Como se pode observar, a seção tinha autoria, mas em abril de 1972 já não tinha mais. As ilustrações de alguns dos números anteriores também tinham autoria, deixaram de ter nos anos 1970, e em 1981 voltaram a ter. Também em 1981 a seção volta a ser assinada, trazendo o nome de editora – não de contedista – de Célia Reis. Às vezes algum texto específico dentro da seção também era autoral, mas não era norma. Entre 1972 e 1976 a diagramação se mantém praticamente igual, com cada dica em um quadrinho isolado e as ilustrações, que não são

¹⁵⁰ **Claudia**. São Paulo, nº 1, Ano I, outubro de 1961, folha de rosto. Destaques do original.

assinadas, seguindo todas o mesmo estilo, como disposto mais adiante após a Figura 10, na Figura 11.

Figura 10



VIVA MELHOR

TEXTO DE MARIA BEATRIZ BRAGA

SEMPRE FICA MAIS FÁCIL COSTURAR TECIDO GROSSO

Você já tentou costurar um tecido grosso ou duro na máquina?

Estão já deve ter percebido que é difícil: a agulha não desliza, fica emperrada.

Para facilitar o serviço, tente esfregue uma vela no lugar a ser costurado.

O tecido fica como se fosse fino, a agulha desliza e a costura sai bem mais fácil. Isso é válido também para as roupas que ficam grossas demais.



APRENDA A ESCOLHER UM BOM PEIXE

Peixe é um ótimo alimento, mas cuidado quando for comprar: você precisa estar certa de que está fresco.

Cheire o peixe na altura das guelras. Se sentir algum cheiro forte, não compre. Um peixe bom, bem fresquinho, tem as escamas presas ao corpo e brilhantes.

As guelras estão úmidas e rosadas, ou avermelhadas. Os olhos estão brilhantes, a pele intacta e de cor viva.

A carne, branca ou rosada, deve estar firme.

E deve resistir à pressão dos dedos, com um reflexo que lembre o da madrepérola.

Na hora de limpar, deixe-o durante uns quinze minutos em água fria e, depois, segurando pela cauda, tire as escamas no sentido da cauda para a cabeça.

Faça um corte no ventre e tire as vísceras.

As nadadeiras, você tira fazendo um corte de cada lado e puxando-as num movimento rápido e preciso.

Para terminar, lave o peixe em água corrente até sair todo o sangue, para que a carne não fique escurecida.

Nunca jogue fora o pó de café que ficou no coador.

Misture com água e regue as plantas. Cinza de cigarro que fica no cinzeiro também é um bom adubo e protege as plantas contra pragas.

Nas aveiças, que sempre precisam de cálcio, coloque as cascas de ovo picadinhas. Nos antúrios use o resíduo do fermento de pão que sobrou, dissolvido na água que você vai usar para regar: as flores vão ficar muito mais bonitas.

Para as orquídeas, coloque um pouquinho de carvão no vaso. E aproveite toda a água em que lavar carne, ou a que você usou para lavar a leiteira, para regar todas as plantas.

Uma receita que vem do tempo de nossas avós e sempre deu certo.

distância do outro, até quase a parte de baixo. Os cortes devem ser feitos primeiro em uma direção (horizontal) e, em seguida, em outra (vertical), deixando a cebola toda quadriculada. Coloque numa tigelinha com água e deixe na geladeira. Passadas 24 horas, a cebola se abre como uma flor e pode decorar desde a salada mais sofisticada até a mais simples. Esse enfeite terá um efeito sensorial, se você usar cebolas roxas, bem miadinas.



ACABE COM O BARULHO DOS SAPATOS QUE RANGEM

Nada mais desagradável para você e para os outros também do que um sapato novo que range.

As vezes isso acontece também com sapatos já não tão novos assim.

Logo que o barulho passará logo se você esfregar a sola do sapato com óleo de linhaça, vendido em latas com folhas de tintas e casas de ferragens.



SOBRAS DE COZINHA PARA AS PLANTAS

Não é preciso ser um jardineiro muito experientado para se saber cuidar de plantas. Evitar pragas, por exemplo, é fácil.



FLÓRES DE CEBOLA NA SUA SALADA

Nos dias quentes que se aproximam, o prato mais bem recebido é a salada. Mas, para que ela não se apresente com a mesma "cara" todos os dias, que tal aprender a enfeitá-la? Faça flores de cebola, por exemplo; ficam lindas, de qualquer tamanho.

Só que elas devem ser feitas com um dia de antecedência: escolha uma cebola bem redondinha, retire a casca e tire uma fatia da parte de cima (uma tampa). Depois faça cortes paralelos, com a meca



IMPROVISE UM VARAL PARA OS DIAS DE CHUVA

Quando o varal é muito pequeno, nos dias de chuva é uma tristeza. O pior é a roupa molada, de todo dia, que não seca de jeito nenhum.

A ideia é fazer um varal novo, improvisado, que possa ser guardado sem incomodar depois de usado. Você tem um guarda-chuva velho? Ótimo.

Tire todo o pano.

Pinte as varetas com um jato de tinta branca em spray. Deixe secar. Pronto! Na hora de secar meias, calcinhas e fraldas, abra o guarda-chuva, pendure-o pelo cabo no banheiro e pendure as roupas nas varetas.



Neste período também era muito comum que a seção se estendesse por muitas páginas, fragmentada e interrompida por publicidade, como ocorria por exemplo, também, com as “Compras de Claudia”. Essas dicas pontuais, isoladas, às vezes não dialogando muito com a dica disposta a seu lado, e que praticamente sempre se referiam ao trabalho doméstico, são a norma neste período. Inclusive, uma expressiva parcela das atividades listadas como trabalho doméstico no quadro do Apêndice 1 foram encontradas na Viva Melhor, muito mais na década de 70 do que na de 80. Isso nos leva ao ponto que nos interessa tratar aqui, que é especificamente o conteúdo da seção e suas transformações no transcorrer das décadas.

Figura 11

USE PINCEL PARA PASSAR O BATOM Passe sempre o batom com um pincel macio. Usando pincel você não desperdiça batom e consegue a aplicação perfeita. Além disso, fica muito mais fácil.	tinta) dissolvida em amoníaco líquido, ao ponto de geléia. Para usá-la é necessário apenas aquecer um pouco a mistura.	AS FASCAS COM CABO DE OSSO FICAM POLIDAS QUANDO DEIXADAS DE MOLHO EM ÁGUA OXIGENADA A 12%, DURANTE 24 HORAS, E DEPOIS ENXAGUADAS EM ÁGUA CORRENTE.
	LIMPE AS PEGAS DE OURO COM ÁGUA MORNAL E AMONÍACO Para deixar um objeto de ouro limpinho, mergulhe-o numa solução de água morna e amoníaco e depois esfregue-o bem, com uma escova de pelo macio.	
ÁCIDO SULFÚRICO LIMPA OBJETOS DE ZINCO A oxidação de um objeto de zinco desaparece com aplicação de solução fraca de ácido sulfúrico.	ÁGUA E SAL LIMPAM OS TALHERES DE PRATA Para conservar os talheres de prata sempre brilhando, ferva-os durante algum tempo numa mistura de água, 1/2 xícara de sal e 3/4 de xícara de flocos de sabão. Em seguida enxágue e deixe secar.	ÁGUA E BATATA DEIXAM OS CRISTAIS BRILHANDO Para deixar as peças de cristal bem limpinhas, lave-as em água contendo pedaços de batata não descascada.
	GOMA-LACA COLA BORRACHA Para colar duas superfícies de borracha, couro, vidro ou metal, empregue goma-laca (é encontrada em lojas de	

152

A Viva Melhor está inserida na revista, é citada em seu sumário, e dialoga com sua proposta geral. Dessa forma, observar as mudanças que esta seção sofre ao aproximar-se e durante os anos 1980 nos ajuda a visualizar as transformações gerais da publicação nesse período. Como exposto nas imagens, a resolução de problemas muito específicos, utilizando materiais acessíveis ou caseiros, era a palavra de ordem, em

¹⁵² **Claudia**. São Paulo, nº 176, Ano XV, maio de 1976.

conjunto com dicas de economia e fabricação artesanal de utilidades. Assim, fazer um chaveiro para a parede com materiais encontrados em casa, ou um avental para trabalho, eram propostas que apareciam em conjunto com outras, de aproveitamento de alimentos, ou truques para fazer os produtos domésticos durarem mais. Conservar uma vela quebrada, saber limpar panelas queimadas ou usar banana para limpar calçados eram orientações encontradas, assim como usar naftalina para afugentar o gato do sofá, conhecer um truque para assar o bolo por dentro, consertar zíper com um lápis, não deixar o açúcar empedrar nem a gaveta emperrar.

Em outubro de 1970, no número 109 de **Claudia**, há uma dica, assinada por Gilda Chataignier, que acredito que possamos chamar de mais comportamental que simplesmente prática ou operacional em Viva Melhor. Essa dica em especial não é muito característica da seção no decorrer dos anos 70, mas considero ser interessante a abordar aqui por retratar uma postura muito diferente – para não dizer oposta – das sugestões da seção nos anos 80. Claro que ensinar a limpar plantas, a polir marfim ou a manter a pele bonita no verão também envolve comportamento mas, como veremos a seguir, o teor das recomendações difere muito.

SEJA UMA MULHER PERFEITA

Bem, ser Amélia é uma questão de berço. Mas não custa nada aprimorar os dotes natos e fazer uma boa figura para o senhor seu marido. Antes de êle chegar em casa, deixe preparado o drinque predileto na geladeira e não se esqueça de providenciar biscoitinhos ou o tipo de acompanhamento que êle gostar. O guardanapo, aquela música, um bom sorriso. Não há homem que resista. (sic)¹⁵³

Não tenho certeza do quanto as marcações de gênero nesse texto fariam sentido em nossos dias, levando em conta que não acredito que alguma mulher reclamaria de ser recebida dessa forma ao chegar em casa! De qualquer modo, considere importante trazer essa recomendação específica, por suas referências conservadoras saltarem aos olhos: *mulher perfeita*, *mulher de verdade* (quando cita Amélia), *dotes natos*, *senhor seu marido* e a ideia de que *não há homem que*

¹⁵³ **Claudia**. São Paulo, nº 109, Ano X, outubro de 1970.

resista. Essa última, em especial, nos leva a perguntar: resistir a que? Parece que o casamento está sempre em risco, sob ameaça, e que o jogo da conquista, nesse caso através dos dotes domésticos, nunca termina para a dona de casa. Parece também que manter o casamento é uma vantagem para ela, mas não necessariamente para seu esposo, e portanto ela, que "não vai a lugar nenhum", deve garantir que ele também não queira ir.

Se pensarmos na situação de dependência econômica de grande parte das donas de casa no princípio dos anos 70, ou da precariedade jurídica a qual eram submetidas as mulheres desquitadas – lembrando que o divórcio só é aprovado no Brasil em 1977 –, podemos compreender melhor esse tipo de recomendação, que se repete em outros espaços da publicação. Carmen da Silva inclusive discute na sua coluna, em setembro de 1973, “O difícil papel da MÃE DESQUITADA”, quando em um número antes, de agosto, **Claudia** trouxe uma reportagem especial para sanar dúvidas sobre o desquite. No próximo item observaremos as formas como o periódico abordou esses temas com maior acuidade.

Retornando à *Viva Melhor*, em 1977 sua diagramação muda um pouco, e ao lado do título se anuncia: “Leia com atenção estas dicas sobre cozinha, beleza, saúde e mil outros conselhos gerais que vão ajudar você a viver bem melhor!” (esse texto sofreu pequenas variações no decorrer das edições). Agora as dicas estão separadas por temática, como “Dicas para você ficar mais bonita”, “Cuide da saúde de seu filho”, “Trate bem das suas roupas”, “Conselhos para facilitar sua vida” (setembro de 1977). Em 1978 há outra mudança de diagramação, agora ainda mais marcante, que se mantém até 1981 quando muda novamente mas não tanto, apenas ganhando um ar de atualização.

Em 1978 o título da seção é acompanhado por um pequeno texto introdutório que muda conforme o conteúdo de cada mês, como “Aqui estão as explicações dos trabalhos manuais apresentados nesta edição, um guia de como agir em caso de envenenamento e dicas especiais para sua beleza” (abril de 1979). Ou “Muitas dicas e sugestões úteis, para que você não seja obrigada a se transformar numa supermulher, daquelas que oferecem festas de fim de ano, organizam festas para as crianças, deixam a casa impecável e ainda por cima aguentam o calor... sorrindo.” (dezembro de 1979). Neste período a seção vem em papel jornal, se diferenciando do papel do resto da publicação, e ficando assim também mais fácil de encontrar, com um aspecto de encarte ou caderno especial. A cor da fonte do título (e do logo, e de outros aspectos da diagramação) muda conforme a edição, e parece dialogar com as épocas do ano.

Costuma ser verde, mas nas edições de férias, tanto de inverno quanto de verão, é laranjada. As edições que trazem dicas de Natal, mesmo que publicadas em novembro, carregam a cor vermelha.

Figura 12

VIVA MELHOR



Mil dicas para você viver melhor: cuidados com a saúde e a alimentação, com a segurança, e ideias superpráticas que facilitam as coisas no seu lar.

Algumas dicas que vão facilitar o seu trabalho de casa

Economize fazendo a limpeza em casa mesmo

- Usando uma série de produtos caseiros, você mesma pode limpar e conservar quase todas as suas peças de uso pessoal. Se você possui renda branca, por exemplo, de valor, lave a peça mergulhando-a em leite fervido morno e em seguida enxágue com água açucarada. Para lavar as malhas de lã, dissolva uma colher (de sopa) de bicarbonato de sódio na água em que forem enxaguadas. Elas ficam fofinhas e macias. Para tirar o bolor da roupa branca, enxágue as peças numa solução de uma colher (de sopa) de amoníaco em vinte colheres de água. Para tirar as manchas de gordura de tecidos de lã, experimente esfregar meia batata cozida ainda quente sobre a parte afetada, deixando por algum tempo. Repita a operação várias vezes, colocando um pedaço de mata-borrão debaixo do tecido, para absorver a gordura. Os casacos de peles ou de pelo chato podem ser limpos assim: faça uma bolota com um pedaço de jornal limpo e

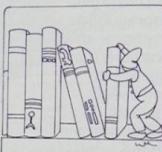
seco e passe repetidamente pela superfície das peles. Passe um chumaço de algodão embebido em leite nos sapatos e bolsas de couro. Depois que secar, engraxe com uma escova. Para limpar cetim branco, polvilhe a parte suja ou manchada com bastante farinha, cubra com mais farinha limpa e deixe assim por algumas horas. Em seguida, escove com uma escova não muito dura. Se o cetim for preto, polvilhe a mancha com sal e apóie por cima algumas fatias de batata crua. Deixe por algumas horas.

Sente num banquinho para passar roupa

- Passar roupa não é tarefa das mais agradáveis. Mas sempre há um jeitinho de melhorar a coisa e simplificar o trabalho. Em primeiro lugar, não fique de pé. Essa posição por muito tempo poderá causar dores nas pernas e até na coluna vertebral. Sentar-se numa cadeira também não funciona. O que resolve mesmo é uma banqueta alta, dessas que os desenhistas e arquitetos usam para pranchetas. E não se esqueça de

começar a tarefa sempre pelas peças mais superfluas: lençinhos, fitas, lingerie, etc., deixando as coisas mais importantes e urgentes para o fim. Desta maneira o serviço rende muito mais.

Organize seus livros numa verdadeira biblioteca



○ Tendo ou não estante, o ideal é você reunir os livros num mesmo lugar onde possa achá-los com facilidade. Procure classificá-los por assunto: os escolares, mesmo antigos, devem ficar próximos. Romances e poesias, dicionários, psicologia ou os assuntos com os quais você lida mais frequentemente ficarão num outro grupo. Mas, se você quiser ser mesmo caprichosa, organize um fichário e coloque em cada um dos livros uma ficha de identificação. Nela indique o local onde o livro se encontra, o assunto e o autor.

Use a geladeira para tirar o chiclete das roupas

- Quando as crianças e adultos aparecem com um chiclete grudado na roupa ou no sapato, não tente arrancá-lo à força. Aqui vai um bom conselho bastante eficaz: pegue a roupa ou o sapato e embulhe num saco plástico. Coloque o saco no congelador e deixe assim por algumas horas. Depois disso,

o chiclete se solta facilmente, sem precisar de facas ou tesouras.

Dê um banho de azeite nas chaves enferrujadas

- Quando as chaves das portas e armários fecham com dificuldade, rangem ou não giram porque estão enferrujadas, deixe-as num banho de azeite e gasolina por algumas horas. Depois enxugue bem e lixe com papel-lixa. Para evitar que enferrujem novamente, unte-as de vez em quando com um pouco de óleo de máquina de costura. E não se esqueça de colocar também um pouco de óleo no buraco da fechadura.

O inverno está chegando



- Isto quer dizer que está na hora de você dar uma olhadinha no estado de suas roupas de frio. Se notar que os tecidos de lã ou as malhas estão cheios de bolinhas molhe-as na água fria, aperte e coloque em saquinhos de papel celofane bem fechados. Depois de seca, a lã estará macia e com aparência de nova.

Expressões como "tempo para si" (setembro de 1980) ou "tempo para viver a vida" (julho de 1981), surgem em um período em que, dentro desta mesma seção, se abre uma subseção intitulada "Os jeitos que a gente dá" (a partir de maio de 1981). Nela, publicavam-se depoimentos de leitoras sobre administração doméstica e principalmente do tempo, levando em conta que a *mulher-Claudia* deste período não tinha a seu dispor o mesmo tempo para administrar a rotina doméstica que dispunha a leitora de dez ou quinze anos antes. Neste período também se tornam mais comuns textos um pouco mais extensos e elaborados, às vezes com meia página, às vezes uma inteira, sobre algumas temáticas, como viagens, férias com as crianças, como perfumar a casa, cuidar da saúde através de ervas etc.

Em novembro de 1981 podemos encontrar outro exemplo que ilustra bem esse momento de transição da seção. Na **Claudia** número 242 há, dentro da própria Viva Melhor, publicidade do novo lançamento da Abril Cultural, uma coleção de fichas batizadas também de **Viva Melhor**, que seriam publicadas em 72 edições semanais, 10 fichas por edição. A propaganda promete que "(...) Você vai encontrar os truques mágicos das incríveis donas-de-casa de antigamente. E as soluções mais práticas para os novos problemas da vida moderna (...)", em uma clara interlocução entre um modelo mais tradicional e um novo modelo de dona de casa proposto na revista. Acima, na Figura 12, temos o último exemplar com a diagramação anterior a este período de transição, entre 78 e 81, de maio de 1978. Em junho a diagramação já muda, e entra no padrão da reproduzida na Figura 13, do número de fevereiro de 1980.

É importante observar que, ao mesmo tempo em que a seção mostra essa tendência de se preocupar mais com a individualidade e o bem estar da leitora, o entendimento de que esta leitora é uma dona de casa não se perde de vista. Ao lado do logo da seção, na Figura 13, lemos o seguinte:

Fim de férias, o tema é a volta às aulas e como reorganizar a vida. Sugerimos também um divertido fim de semana com amigos e lhe damos as dicas de um *hobby* calmante: aquários. Aqui também acabarão suas dúvidas sobre dietas e você saberá como prevenir-se contra o câncer nos seios.¹⁵⁶

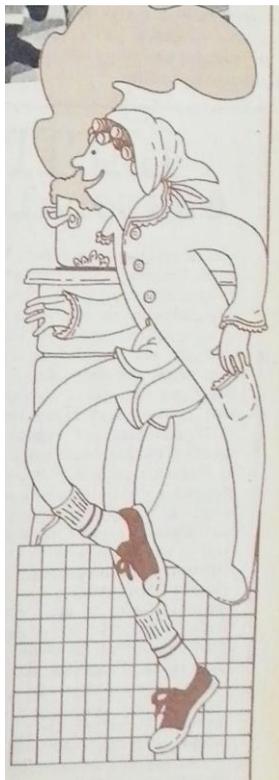
¹⁵⁶ Idem.

Antes das sugestões e conselhos de bem-estar e saúde, há o lembrete de que com a volta às aulas a vida se reorganiza. Isso só reforça o que foi colocado aqui em momento anterior, que a publicação dialoga o tempo inteiro com essas mulheres que são mães casadas (divorciadas também têm seu espaço), ou que têm a maternidade e o casamento em vista, como parte indispensável do seu projeto de vida. Além disso, nesse período entre 78 e 81, podemos perceber uma permanência das características da Viva Melhor dos anos 1970 lentamente incorporando temáticas mais comuns à seção na década de 80. Temos um bom exemplo no número 220, de janeiro de 1980, no qual a chamada da Viva Melhor é "Especialíssimo: tudo para ter férias bem tranquilas!" (sic). Este título nos leva a pensar que o texto está voltado à temática do descanso, mas em seu interior, além das dicas de preparação das férias para a família, como deixar a casa em segurança, levar uma pequena farmácia para a viagem etc. – que, vale ressaltar, são trabalho doméstico –, também se ensina como limpar sandália de corda e escamar peixe.

Figura 14 ¹⁵⁷

Quando me refiro às temáticas comuns em Viva Melhor na década de 1980, é importante lembrar que não é o caso isolado da seção, e essas temáticas se reforçam na revista como um todo. Questões relacionadas ao trabalho fora de casa, ao *stress* e falta de tempo, e às soluções de bem estar (a importância de descansar, como a alimentação e exercícios de relaxamento podem ajudar no dia a dia, a noção de que conhecer astrologia e psicologia pode ajudar a se entender melhor e enfrentar momentos difíceis) ganham muita força.

A temática do trabalho doméstico demonstra se transformar na seção, de um objetivo de vida a um problema a ser superado. Se na década de 70 Viva Melhor foi muito operacional ao funcionar como um manual que ensinou a resolver problemas domésticos extremamente específicos, na



¹⁵⁷ **Claudia**. São Paulo, nº 242, Ano XXI, novembro de 1981, p. 243.

década de 80 a impressão que temos é que o trabalho doméstico como um todo se tornou um dos problemas específicos a serem solucionados. Um problema dentre outros, como aprender a lidar com o chefe, conseguir não estar sempre cansada e nervosa, ter tempo livre para despender com a família e o esposo especificamente, dentre outras questões.

Em 1981 a figura da dona de casa é ainda bastante trabalhada na seção. Em maio temos o teste: “Nem desordeira, nem maníaca por ordem: será que você encontrou esse equilíbrio?”; em julho, nas dicas de “livros para sobreviver em tempos difíceis”, há um específico sobre organização doméstica; em setembro há um matéria extensa na seção sobre viver sem empregada, a qual abordei no capítulo anterior; em outubro há outro teste, esse sobre prendas domésticas, que questiona “será que você tem diploma nesta área?”; e em novembro temos ainda a divulgação de um “curso especial para dona de casa em ritmo de século XX”, que inclui um curso de congelamento de alimentos. Outra abordagem, mais indireta, do trabalho doméstico em 81 pode ser encontrada na seção em novembro, em “Mexa-se”. Dando dicas de como se exercitar ocupando pouco tempo do dia a dia, sugere que as donas de casa deem folga à empregada para gastar calorias, e indica quantas calorias cada tipo de atividade exige por hora. A Figura 14 acompanha a matéria, e traz uma imagem de dona de casa, com lenço na cabeça e roupão, não tão comum à revista, principalmente na década de 1980. Entretanto, aparentemente foi uma opção utilizada para marcar a mulher esportista como dona de casa, em conjunto com a panela no fogão de “cenário” atrás dela.

Ao entrarmos em 1982, a partir de março (ao menos segundo os números que eu consultei, que não incluem a edição de fevereiro de 82), a diagramação se modifica um pouco, em especial o logo, que em setembro do mesmo ano já muda novamente. As temáticas de variedades e bem estar se sobressaem, e o trabalho doméstico, a partir de então e quando surge, é apresentado sobretudo como um problema a ser resolvido. Agora, a resolução deste problema recai muito mais sobre a divisão das tarefas no lar, com a família e em especial as crianças, do que sobre a ajuda da empregada doméstica, que se mostra uma figura sempre presente na vida das mulheres que **Claudia** representa em suas páginas, mas que não resolve todos os seus problemas.

Pode-se inferir, por esta leitura, que a transição entre os anos 70 e 80 foi um período de melhora significativa nas condições de trabalho

das domésticas, com controle maior sobre a jornada de trabalho, dias de folga e pagamento de horas extras, o que fazia com que as donas de casa sentissem de forma mais intensa o peso do trabalho doméstico nos finais de semana e férias. Além disso, a contratação de trabalho de diaristas, ainda de acordo com o que aparece em **Claudia**, demonstra ter se popularizado nesse período, talvez como resposta à crise econômica. Entretanto, considerando que a crise se deu também para as empregadas domésticas, e não apenas para suas patroas, esta expansão pode ser entendida como uma valorização do emprego doméstico.

Quer dizer, um relativo encarecimento do serviço doméstico pode ter levado as donas de casa de camadas médias a preferirem o trabalho diarista, e tentar suprir alguns dos serviços prestados pelas empregadas mensalistas nas opções disponíveis no mercado, como rotisserias ou lavanderias, por exemplo, tanto quanto através de eletrodomésticos, como aspiradores, congeladores e fornos elétricos. O que também aponta para um provável encarecimento do preço do serviço doméstico, uma vez que famílias com empregadas mensalistas, segundo alguns estudos¹⁵⁸, costumam investir menos em eletrodomésticos do que aquelas em que a dona de casa assume maior parcela do trabalho no lar. Os eletrodomésticos representavam muitas vezes investimentos dispendiosos, que de forma geral só eram vantajosos se o preço do serviço doméstico também estivesse alto.

Bem, retornando à Viva Melhor da década de 1980, ela se apresenta então muito mais voltada à dona de casa cumpridora de dupla jornada do que à dona de casa sem emprego, que se dedica exclusivamente ao trabalho doméstico. Assim, em meio a chamadas tais como "Como escapar do fantasma da rotina", referentes ao emprego fora de casa¹⁵⁹, de março de 1985, "Cursos para melhorar o currículo", de março de 1987 ou "Como gostar do trabalho outra vez", de maio de 1987, encontramos dicas que ensinam a dividir o trabalho doméstico entre os membros da família. Em março de 1983, no número 258 de

¹⁵⁸ Cristina Torres por exemplo, em sua pesquisa sobre donas de casa uruguaias na década de 1980, aponta que em lares mais abastados era comum não se ter muitos eletrodomésticos, uma vez que o serviço doméstico seria mais barato que a compra e manutenção dos aparelhos. TORRES, C. Op. Cit., 1988, p. 18.

¹⁵⁹ O fato dessa pequena matéria mostrar a mulher em um trabalho de escritório repetitivo, com montes altos de papel e feições de tédio nos remete a um trabalho burocrático, pouco criativo e desestimulante que, segundo as representações da revista, acolheu muitas das mulheres de camadas médias em sua entrada no mercado de trabalho neste período.

Claudia, sob o título "Ponha as crianças no batente, que você e sua família viverão felizes para sempre!", a seção foca nesta questão, das crianças assumirem parte das tarefas domésticas.

Conforme podemos observar na Figura 15, a matéria é introduzida com a recomendação

Resmungar o dia todo atrás da bagunça que as crianças fazem em casa não adianta nada. Só lhe confere uma antipática imagem de mãe mal-humorada! Comece já uma campanha firme contra a injustiça doméstica: ensine seus filhos a colaborarem em casa. Esse hábito não é uma conquista fácil. Mas tem um efeito!

Figura 15

Seus direitos: ensine seus filhos a ajudarem em casa -- você merece!

- ▶ São poucas, novidades e coisas especialmente para você, que é mulher.
- ▶ São psicológica: concentração é a maior arma para vencer a ansiedade.
- ▶ Temos falar de tenacidade e relaxamento.
- ▶ Cursos: para abrir seus horizontes.
- ▶ Saúde: os poderes da vitamina C e B; "remédio" para dor de estômago, o efeito de uma boa noite contra a força da gripe e dos resfriados.
- ▶ Teste: você sabe encarar uma crítica?

EDIÇÃO ESPECIAL ILLUSTRATION: ARLENO GUEDES

VIVA MELHOR

PONHA AS CRIANÇAS NO BATENTE, que você e sua família viverão felizes para sempre!

Resmungar o dia todo atrás da bagunça que as crianças fazem em casa não adianta nada. Só lhe confere uma antipática imagem de mãe mal-humorada! Comece já uma campanha firme contra a injustiça doméstica: ensine seus filhos a colaborarem em casa. Esse hábito não é uma conquista fácil. Mas tem um efeito!

Sem dúvida, não é tarefa simples. Mas, em algumas famílias, o sistema realmente funciona: as crianças arrastam as mangas, limpam seus quartos, jogam o lixo e lavam a louça diariamente. Você deve se perguntar: "Como isso foi conseguido? Que magia ou estranho poder possui essa mãe para conseguir tamanho feito?" Tudo é uma questão de jeito e tato. É claro que toda criança prefere se divertir, em vez de assumir tarefas domésticas. Infelizmente, nunca lhe ocorre que nós também gostaríamos de "brincar" de vez em quando. Mesmo os adolescentes -- vivendo aquela fase de direitos iguais para todos -- não entendem a colaboração em casa como parte dessa reivindicação.

O problema é justo reconhecer, não está apenas no egoísmo natural de toda criança. Na maioria dos casos, o que vemos são mães resmungosas, arrumando bagunça de criança o dia todo, sem conseguir socorro dos filhos. Eis aí a verdadeira razão do sistema quase nunca funcionar: a própria postura dos pais, que se dedicam como controladores de todas as situações. Ora, um ser tão não-eficazmente como mamão não precisa da ajuda de ninguém!

ACEITAR e entender as necessidades dos outros exige certa sofisticação psicológica, que só vem mais tarde. Mas precisamos começar cedo a mostrar aos nossos filhos que

também temos os nossos direitos. Nesse processo, você terá que ter bastante paciência. Tem que acompanhar o ritmo da criança, deixar que ela tente resolver as tarefas dentro de suas possibilidades. Acima de tudo, convencer seus filhos que você não é escrava, recusando para você mesma esse triste papel. Lembra-se de que a maneira como seus filhos a tratam tem muito a ver com a maneira como você se encara. De resto, existem muitas táticas e uma boa estratégia, para conseguir que eles colaborem: basta somente descobrir o jeito certo (as dicas estão na página seguinte) e a batalha estará ganha.

CLAUDIA - 103

160

Em seguida há uma ilustração de um menino lavando a louça em cima de um banquinho para poder alcançar a pia. A matéria não é diretamente voltada às mulheres que cumprem dupla jornada, mas o diálogo geral da seção na década de 1980 o é. De qualquer maneira, a reportagem deixa claro que as donas de casa têm grande carga de trabalho e que as crianças devem ajudar dentro de suas possibilidades. A psicologia é citada como auxiliar no fator de convencimento das crianças a ajudar nas tarefas e, em sua segunda página, quando elenca 14 "Táticas infalíveis para ganhar a colaboração das crianças", na primeira delas encontramos uma crítica à ideia de dona de casa perfeita. Essa crítica nos ajuda a confirmar as transformações que a linha editorial da revista, assim como a seção, sofreram no decorrer das décadas de 70 e 80: "1. Se você pretende ser uma dona-de-casa (sic) perfeita, seus filhos não têm nada com isso. Não os force a assumirem seu perfeccionismo!"

Em 1986 e 1987, Viva Melhor abordou novamente a divisão de tarefas entre membros da família. Entretanto, em 1987 o fez em uma espécie de subseção, chamada "Viva Melhor em Casa", que surgiu na revista em outubro de 1986 e não estava, ao menos não na diagramação do periódico, necessariamente ligada à Viva Melhor. Entretanto, as dicas que surgem em Viva Melhor em Casa se encaixam sem problemas na seção Viva Melhor, inclusive repetindo o conteúdo de algumas – sobre como lidar com as empregadas, por exemplo – que foram publicadas anos antes em Viva Melhor. Considerando que, dos números da revista que consultei, a Viva Melhor é publicada até o 309, de junho de 1987, e Viva Melhor em Casa até o número 318, de março de 1988, pode ser que esta subseção tenha surgido tanto para separar os assuntos mais domésticos da Viva Melhor, quanto para a substituir. De qualquer forma, o fato de Viva Melhor em Casa ter estreado na edição em que **Claudia** fez 25 anos indica a intenção de mudança, de repaginação, ainda que fosse apenas uma redistribuição do mesmo conteúdo em um novo espaço na revista.

Em novembro de 1986, na **Claudia** número 302, a Viva Melhor sugere "Dez maneiras de conseguir que sua família ajude em casa", texto assinado por Lucy Dias e reproduzido aqui na Figura 16. Diferente da matéria que reproduzi na Figura 15, o esposo está incluído desta vez, ao menos na imagem e no título. No decorrer das dez sugestões elencadas, entretanto, se percebe que são dicas voltadas principalmente ao trato com as crianças.

Assim como em "Ponha as crianças no batente...", a ideia de dar positividade aos afazeres domésticos parece muito forte, e está presente

também na imagem, onde as pessoas são retratadas sorrindo (apesar de parecerem um pouco hipnotizadas) enquanto se ocupam das tarefas. Por outro lado, enquanto na matéria de 1983 se repudia o uso de recompensas, nesta se sugerem até sistemas de pontos equivalentes a dinheiro e prêmios para cada atividade específica, incentivando a (ou se aproveitando da) competitividade entre as crianças. Também não se limita, nesta matéria, às sugestões para donas de casa cumpridoras de dupla jornada, do mesmo modo que na matéria anterior. Entretanto, é sintomático que esse tipo de sugestão seja mais frequente nos momentos em que a dupla jornada de trabalho feminino é uma questão mais usual da publicação como um todo.

No número 310, de julho de 1987, a *Viva Melhor em Casa* nos traz, sob o título "Em ritmo de férias", uma reportagem de Maria Inês de Castro, que apresenta um roteiro para incluir as crianças nas atividades domésticas conforme a sua idade, escrita sob a consultoria de uma pedagoga. A imagem que acompanha essa reportagem, que parece tratar as crianças e o trabalho doméstico de uma maneira mais natural ou tranquila que as anteriores, é reproduzida aqui na Figura 17.

Furnari¹⁶². De modo geral, os desenhos e ilustrações da publicação nas décadas aqui observadas, quando assinadas, traziam nomes masculinos. Pode-se inferir que a maior atuação de ilustradoras seja característica dos anos 1980 em contraste aos 70, apesar de ainda em nossos dias, de modo geral, encontrarmos mais nomes masculinos que femininos assinando charges e ilustrações¹⁶³.

Parece-me importante perceber que, por mais que a divisão das tarefas domésticas, com a sociedade de forma ampla mas também com a família, fosse uma reivindicação marcadamente feminista, não há referência alguma, nesses artigos, ao feminismo. Isso acontece com outras temáticas além do trabalho doméstico. Nota-se que temáticas feministas, entendidas como notoriamente feministas e que seriam motivo de certa controvérsia no começo da década de 1970, são incorporadas pela revista com o tempo e passam a fazer parte do dia a dia das mulheres de forma geral, incluindo possivelmente mulheres que se posicionavam contra o feminismo, ou se identificavam como antifeministas. Não é um fenômeno incomum, que conquistas feministas, uma vez incorporadas no senso comum, não sejam mais identificadas com o feminismo. Isto ocorre ainda em nossos dias. Ainda assim, é interessante identificar essa característica nas três últimas reportagens citadas, principalmente se observarmos que a divisão de tarefas no lar não foi temática da seção na década de 1970¹⁶⁴. Na matéria de 1983, "Ponha as crianças no batente...", a sexta das quatorze "Táticas infalíveis para ganhar a colaboração das crianças" é "Não divida as tarefas de acordo com o sexo. As meninas podem (e sabem) tirar o lixo. Os garotos podem (e devem) lavar a louça."¹⁶⁵ Encontramos algo semelhante no artigo "Em ritmo de férias", de julho de 1987. Apesar de começar listando interesses específicos de arrumação para meninas e meninos na faixa dos 8 a 10 anos, logo em seguida se propõe estimular tarefas como "(...) arrumar a cama, guardar as roupas no armário, manter

¹⁶² Eva Furnari ainda trabalha como ilustradora, e atualmente é também muito conhecida por seu trabalho como escritora de livros infantis. Foi premiada pelo Prêmio Jabuti em diferentes ocasiões.

¹⁶³ Mesmo nos periódicos feministas, apenas duas chargistas são indicadas como colaboradoras frequentes no período, Cahu e Ciça. TELES, Amelinha; LEITE, Rosalina Santa Cruz. **Da guerrilha à imprensa feminista: a construção do feminismo pós luta armada no Brasil (1975 – 1980)**. São Paulo: Editora Intermeios, 2013, p. 64.

¹⁶⁴ Ao menos não nos números da revista consultados para esta pesquisa.

¹⁶⁵ **Claudia**. São Paulo, nº 258, Ano XXII, março de 1983, p. 204.

os sapatos limpos e o material escolar organizado, pendurar toalhas de banho ao sol e tirar pó dos próprios enfeites. Isso tudo, sem distinção do sexo."¹⁶⁶

Figura 17



167

¹⁶⁶ **Claudia.** São Paulo, nº 310, Ano XXVI, julho de 1987, p. 167. Pesquisa realizada em 2013 pelo PLAN, "Por ser menina no Brasil", demonstra a persistência da desigualdade entre meninos e meninas na execução das tarefas domésticas. Além de mais meninas que meninos sempre realizarem as diferentes tarefas domésticas listadas, alguns números chamam a atenção: enquanto 81% das meninas arrumavam suas camas, apenas 11% dos meninos o faziam; enquanto 76% das meninas lavavam a louça, apenas 12% dos meninos o faziam; enquanto 65% das meninas limpavam a casa, apenas 11% dos meninos o faziam. O resumo executivo da pesquisa está disponível em <<http://primeirainfancia.org.br/wp-content/uploads/2015/03/1-por-ser-menina-resumoexecutivo2014.pdf>>. Acesso em 04/02/2016.

Claro que o fato de ter que apontar que não há distinção de sexo nos permite deduzir que muitas mães costumavam afastar mais seus filhos e esposos do trabalho doméstico que suas filhas, isso quando não treinavam realmente as meninas nesse trabalho, o que costumeiramente não ocorria com os meninos. No entanto, nos interessa apreender aqui que a concepção de que a aprendizagem das responsabilidades domésticas durante o desenvolvimento das crianças deva se dar sem distinção de sexo pode ser claramente entendida como uma apropriação de **Claudia** de ideias feministas, mesmo que de forma indireta. Em "Dez maneiras de conseguir que sua família ajude em casa", de 1986, a referência direta ao esposo, na chamada e na ilustração, também pode ser interpretada como uma apropriação de reivindicações feministas.

Do mesmo modo, parece-me importante destacar que esses três artigos sobre a divisão de tarefas em casa utilizam, mesmo que de forma "descompromissada", a palavra trabalho ao se referir ao trabalho doméstico (mais os dois últimos que o primeiro), em um momento na publicação em que cada vez mais as referências à trabalho significavam inserção no mercado de trabalho. Assim, em "Ponha as crianças no batente...", onde quase não se menciona trabalho, a questão é abordada como colaboração em casa. A noção de ajuda ou colaboração sempre se remete à responsabilização da dona de casa pelas tarefas, como se os demais membros da família estivessem lhe fazendo um favor ao lavar a louça, por exemplo. Entretanto, como nesse caso alude às crianças e aos aprendizados sobre estas tarefas, talvez não fosse tão problemático do ponto de vista feminista pensar em ajuda. Ainda assim essa é uma característica marcante nesses artigos: ao invés de se falar de responsabilização das crianças ou do esposo na divisão de tarefas no lar, é a ideia de ajuda e colaboração (à dona de casa) que prevalece.

Em "Dez maneiras de conseguir que sua família ajude em casa", o próprio título demonstra como a ajuda se faz presente no conteúdo da matéria, e as recomendações em distribuir as tarefas só reforçam o fato de que a dona de casa é a responsável pela administração doméstica. Esse texto, em específico, traz a sugestão de se tirar um dia de folga, para que a família tenha de enfrentar os problemas domésticos sem a presença da mãe, o que forçaria o grupo familiar a lidar com novas situações. Neste caso não há referência positiva ao descanso da mãe, como no artigo de 1983 "Ponha as crianças no batente...", que comenta

¹⁶⁷ **Claudia**. São Paulo, nº 310, Ano XXVI, julho de 1987, p. 166.

que "você merece uma folga", sendo que a folga dela parece ter, em "Dez maneiras...", um objetivo simplesmente didático.

No terceiro artigo que comento neste momento, "Em ritmo de férias", de 1987, a noção de ajuda por parte das crianças fica muito clara, e não se cita o esposo. Podemos pensar que o esposo fica de fora desta matéria pelo fato dele ser de outra geração, criado de maneira diferente, na qual aceitar essas mudanças fosse difícil. Então a revista incentivaria uma educação diferente, mais progressista, aos meninos das novas gerações para que aprendessem, sem preconceito, a partilhar o trabalho doméstico. Entretanto, como o texto se refere especificamente às férias, e foi publicado em julho, podemos concluir que está abordando as férias escolares, e por isso o enfoque nas crianças. Ou ainda, outro ponto de vista poderia considerar que, na **Claudia**, em 1987, com o crescente número de separações e divórcios, a presença do esposo não fosse algo tão essencial na imagem familiar o quanto era no começo da década de 1970.

No próximo item vamos observar melhor como se transformaram as relações das leitoras com seus esposos, através dos discursos acerca do casamento que **Claudia** nos traz. Por ora, parece importante apontar que Viva Melhor, mesmo não chegando até o final da década de 1980, pôde nos apresentar um panorama geral da publicação entre os anos 70 e os 80 a respeito de questões que são centrais na análise proposta nesta tese: trabalho doméstico, feminismo, trabalho remunerado e divisão de trabalho por gênero.

3.2. CASAMENTO

Novos pedidos para o santo casamenteiro

Uma pesquisa feita por estudantes de Comunicação da USP, nas igrejas de Santo Antônio (no bairro do Pari e no centro da cidade), revela que este ano não são apenas os pedidos de casamentos que estão prevalecendo nas orações dos fiéis. Entre as milhares de solicitações efetuadas pelos que rezam, assistem à missa, comungam, acendem velas ou deixam até bilhetes aos pés do santo, estão também pedidos de auxílio para encontrar emprego ou adquirir casa própria, considerados muito mais importantes do que o

casamento. Sinal dos tempos. Resta saber como Santo Antônio vai resolver tantos problemas...¹⁶⁸

No começo da década de 1970, **Claudia** apresentou algumas visões quase calamitosas, catastróficas, a respeito do casamento. Se formos pensar em todas as transformações pelas quais o mundo ocidental industrializado passou nos anos anteriores, entre meados até o final da década de 1960, principalmente nos questionamentos morais e ideológicos a respeito de instituições que eram centrais nessas sociedades – como era o caso do casamento –, podemos compreender melhor esse sentimento de esgotamento, de finitude do sonho matrimonial. Um sentimento que foi expresso na revista através da ideia de que o casamento era uma instituição falida, velha, ultrapassada e desinteressante para a juventude.

Em fevereiro de 1970, na coluna "A arte de ser mulher" assinada por Carmen da Silva, podemos encontrar essa sensação sendo exacerbada. Comenta Carmen que "(...) os jovens, descompromissados com nossos tabus e ilusões, não vacilam em expressar a gritos os receios que nós calamos, e põem a boca no mundo: 'Casamento já não dá pé!'"¹⁶⁹. Sob o título "A CRISE NO CASAMENTO", assim mesmo, em caixa alta, ocupando o topo das duas páginas de escrita densa e letras miúdas, acompanhada por uma fotografia de um casal em matrimônio sendo queimada, a autora apresenta ainda um depoimento de uma jovem de quinze anos. Este depoimento, originalmente publicado em **Claudia** em dezembro de 1969, é categórico ao afirmar que

Por mais moderna que seja a mulher, nunca vi mulher casada em condição humana: que tenha idéias próprias, que não seja escrava da casa e do marido, que não precise ser cega a muita coisa. Juro que não me caso, me ajunto mas não me caso: quero ser livre e independente. (sic)¹⁷⁰

Como era comum nos escritos de Carmen da Silva, os problemas sentimentais e emocionais das famílias são explorados, dentro do contexto de industrialização que transformara os lares em espaços

¹⁶⁸ **Claudia**. São Paulo, nº 240, Ano XX, setembro de 1981, p. 27. Trecho retirado da seção "O Assunto é...".

¹⁶⁹ **Claudia**. São Paulo, nº 101, Ano IX, fevereiro de 1970, p. 102.

¹⁷⁰ Idem.

menores, desligara o lugar de trabalho do ambiente familiar, reduzira o tamanho das famílias e permitira que se criasse nos televisores um escape pouco saudável através do qual se fugia tanto dos problemas pessoais quanto do diálogo familiar. Inclusive, em um dos tópicos de seu artigo, "Dialogar é um ato de heroísmo", ela comenta a hipocrisia que se escondia no "mundo de aparências" que sustentava a maior parte das convivências familiares naqueles dias, e apontava a necessidade de buscar o diálogo.

Diante de uma perplexidade generalizada em decorrência das estatísticas que indicavam altíssimos números de divórcios nos países desenvolvidos, como EUA e França – sem no entanto ter acesso a dados semelhantes sobre o desquite no Brasil –, percebia-se uma preocupação ampla com o futuro da família, do casamento e indiretamente das estruturas sociais que dependiam destes. É importante indicar que, neste artigo, a autora descreve de uma maneira muito negativa e limitante a vida das "nossas avós" – mulheres de duas gerações anteriores –, dando ênfase a partir disso à necessidade de mudança. Assim, por mais que o texto como um todo tenha algo de angustiante, quase como um clima de terror emocional associado à vida familiar no princípio dos anos 1970, ele termina, através do subtítulo "Vamos receber bem as coisas novas", com um tom esperançoso, convidando as leitoras a "participar como artífices dessa renovação"¹⁷¹.

Tudo isso nos angustia porque nos defronta com o desconhecido, sem caminhos prestabelecidos a trilhar, sem velhas receitas a recorrer, tendo de reinventar e criar. É uma tarefa pioneira – e que outra coisa é o próprio processo de viver senão uma odisséia de desbravamento?

Considero um privilégio viver precisamente êste dia, aceitar em plena consciência o estupendo desafio que êle nos apresenta. A saída para a crise no casamento é o futuro que nós vamos traçar: mãos à obra. (sic)¹⁷²

Em junho de 1972, Carmen da Silva retoma o tema em "Crise no casamento: será que você escolheu certo?"¹⁷³, onde incentiva as leitoras a enfrentar a crise e reconstruir suas vidas, caso seja esse o caminho de

¹⁷¹ *Ibidem*, p. 103.

¹⁷² *Idem*.

¹⁷³ **Claudia**. São Paulo, nº 129, Ano XI, junho de 1972, p. 182-186.

sua felicidade. Em setembro de 1973, quando a autora publica "O difícil papel da mãe desquitada"¹⁷⁴, o tom geral não é necessariamente de otimismo, como o próprio título do artigo sugere. O texto descreve o dia a dia de uma mãe desquitada fictícia criada pela autora com base nas cartas que recebia das leitoras. É interessante porque se aborda uma situação que não tem nada de extrema. O pai das crianças paga a pensão, fica com elas a cada dois finais de semana como geralmente designavam os juízes, tem uma nova esposa que é uma pessoa razoável, e os adultos nessa situação não alimentam hostilidade uns contra os outros. Quer dizer, não há abandono por parte do pai – ao menos não dentro daquilo que o senso comum esperava em 1973 –, não há violência nem ciúmes nas relações, não há grandes desentendimentos.

Entretanto, o simples fato da mãe, essa mulher que abdicou de uma carreira ambiciosa pela família, ter que lidar com uma série de dificuldades financeiras devido à sua nova configuração familiar, ao mesmo tempo em que se torna a única figura de autoridade parental para as crianças, cria um enorme problema doméstico, com o qual ela precisa lidar sozinha. Conviver com a frustração e as rejeições das crianças porque, materialmente, não consegue as oferecer, por meio de presentes ou passeios, tudo que o pai e a madrasta oferecem duas vezes por mês, é um peso emocional a mais sobre esta mulher. Apresenta-se um conjunto de fatores, agora muito reais em sua vida, para os quais ela não foi preparada: a reinserção quase que involuntária no mercado de trabalho, a culpa por não estar em casa com as crianças, a dedicação integral à elas quando não está no trabalho remunerado para tentar sanar essa culpa, a consequente morte da vida social adulta da mãe desquitada.

Carmen da Silva indica que a lógica tradicional de divisão de tarefas, do homem como provedor financeiro e da mulher como cuidadora e administradora familiar, geram estes problemas. Os homens não conseguem se envolver afetivamente, conhecer realmente seus filhos e filhas, pois dedicam sua vida ao sucesso profissional e à busca pela subsistência, e as mulheres se encontram sem coragem, capacidade ou treinamento para encarar problemas fora da esfera doméstica, por mais que resolvam das mais complexas questões no seio familiar. Diante desse cenário, o desquite sempre se apresentava como uma situação mais delicada, mais difícil para as mulheres do que para os homens, porque eles poderiam se manter em sua zona de conforto, quase que

¹⁷⁴ **Claudia**. São Paulo, nº 144, Ano XII, setembro de 1973, p. 83-89.

exclusivamente se dedicando ao trabalho remunerado, sem modificar substancialmente suas rotinas.

Pouco menos de dois anos mais tarde, em junho de 1975 – portanto, antes da aprovação da lei do divórcio no Brasil –, Carmen da Silva, sob o título "Divórcio"¹⁷⁵, defende a questão como um direito, não uma obrigação. Ela deixa claro que o que está em jogo não é a dissolução da família, focando mais na impossibilidade de manter de forma saudável determinados casamentos, ou como seria mais danoso para as crianças crescerem num ambiente de desentendimentos do que crescerem com pais divorciados. Termina o artigo frisando que, em casamentos saudáveis para ambas as partes, as pessoas continuam juntas por opção, não por obrigação. Todavia, nem sempre o divórcio foi abordado no magazine como algo positivo. Como uma espécie de contraponto, em outubro de 1976 **Claudia** publica "A crise no casamento"¹⁷⁶, artigo de um psicólogo que tenta mostrar a crise como uma possibilidade de crescimento e amadurecimento do casal, e a reformulação da relação como algo positivo, não uma derrota ou sinal de diminuição de afeto. Neste artigo não se fala em divórcio.

Em 1977, ano em que o divórcio foi aprovado e regulamentado no país¹⁷⁷, a coluna "A arte de ser mulher" aborda a crise do casamento em junho¹⁷⁸, indicando aquilo que as feministas do período chamaram de dupla moral sexual – sem, contudo, utilizar o termo – como responsável, em diferentes aspectos, pela crise. No final do texto, entretanto, ao invés de apontar para o fim do casamento, se comenta a necessidade de reformulação do conceito de casamento, necessidade de

¹⁷⁵ **Claudia**. São Paulo, nº 165, Ano XIV, junho de 1975, p. 112-115.

¹⁷⁶ **Claudia**. São Paulo, nº 181, Ano XVI, outubro de 1976, p. 188-189.

¹⁷⁷ O divórcio foi instituído oficialmente com a emenda constitucional número 9, de 28 de junho de 1977, regulamentada pela lei 6515 de 26 de dezembro do mesmo ano. A chamada Lei do Divórcio passou a designar o desquite como separação judicial, revogando o Capítulo I e parte do Capítulo II do Título IV do Código Civil de 1916 (artigos 315 a 328) que tratava da Dissolução da Sociedade Conjugal e Proteção da Pessoa e dos Filhos. A lei estabeleceu a modalidade de divórcio-conversão, isto é, depois de separado judicialmente por três anos, o casal poderia requerer a conversão da separação em divórcio. Abria também a possibilidade do divórcio direto, mas somente para os casais separados de fato há mais de cinco anos em 28 de junho de 1977. É importante destacar que esse divórcio era admitido somente uma única vez.

¹⁷⁸ SILVA, Carmen da. A crise do casamento. **Claudia**. São Paulo, nº 190, Ano XVI, julho de 1977, p. 135-143.

se rever o que se espera do casamento, necessidade de transformá-lo¹⁷⁹. Uma posição certamente mais positiva que aquela encontrada no artigo da colunista do começo da década, em fevereiro de 1970. Em setembro de 1977 Carmen da Silva retoma o divórcio, agora já aprovado e aguardando ser regulamentado, sob uma perspectiva que chama a atenção para os objetivos desta tese: o divórcio como sobrecarga para as mulheres, tanto emocional quanto material. Inclusive como sobrecarga de trabalho. "Divórcio: mais um desafio para a mulher"¹⁸⁰ traz como chamada:

Trabalhar fora, cuidar da casa, dos filhos, enfrentar uma dezena de funções, sem que ninguém fale em dividir as tarefas é coisa comum para nós. Mas é preciso perguntar: será que o divórcio vai ser mais uma sobrecarga? Será que estamos preparadas para mais este desafio?

É uma mirada atualizada sobre a análise que a autora trouxe em "O difícil papel da mãe desquitada", que nos lembra que a necessária legislação regulamentando o divórcio não sanou todos os problemas que a desigualdade entre homens e mulheres fizeram evidenciar nessas situações.

Na virada da década a revista comenta as novas relações nos casamentos, publicando "O casamento não é uma meta. Mas um ponto de partida"¹⁸¹, em julho de 1979. Se trata de um texto bastante conciliador que, se por um lado, busca transformar as expectativas das

¹⁷⁹ Uma curiosidade sobre este artigo é a publicidade que ocupa uma página cheia e mais metade da última página de texto escrito (p. 142-143). Nela, anuncia-se o lançamento da geladeira Consul 77, aberta e lotada de alimentos, com uma mulher muito elegante servindo suco, sob a chamada "Mais fascinante ainda... NOVA CONSUL 77 – a bem-amada!". Esse tipo de utilização do conteúdo dos artigos de Carmen da Silva como temática para a publicidade, de forma antagônica e às vezes quase sarcástica (como nesse caso, onde se fecha o artigo sobre a crise geral dos casamentos e dos relacionamentos entre homens e mulheres usando a expressão "bem amada") era muito comum na revista. Talvez esta tenha sido uma maneira da revista marcar o conteúdo da coluna como não necessariamente, ou não totalmente alinhado com sua posição editorial, lembrando que este era um artigo assinado pela colunista, a fim de não afastar leitoras mais conservadoras.

¹⁸⁰ **Claudia**. São Paulo, nº 192, Ano XVI, setembro de 1977, p. 194-199.

¹⁸¹ **Claudia**. São Paulo, nº 214, Ano XVIII, julho de 1979, p. 165-8.

mulheres sobre o casamento, por outro parece de certo modo deslocar a culpa dos problemas matrimoniais dos homens para as mulheres. É um conteúdo muito diferente das posições expostas por Carmen da Silva, que enxergava no modelo patriarcal de relações entre homens e mulheres os problemas que resultavam na crise da instituição, e não nos homens ou nas mulheres em si. Em outubro de 1980, **Claudia** publica "Mulher descasada: recomeçar é possível. E vale a pena!"¹⁸², com depoimentos bastante positivos de mulheres que mostram que, apesar das dificuldades, é possível reestruturar a vida, familiar, financeira e amorosa, após uma separação.

Às vezes, a revista publicava artigos que se mostravam puramente informativos, simplesmente resumindo os direitos e deveres das mulheres desquitadas ou divorciadas. Mas de forma geral, ao se falar em casamento e em família, além de advogados, consultavam-se algo que entendo como "profissionais do diálogo": psicólogos, sexólogos e terapeutas dos mais diversos¹⁸³. A noção de diálogo, durante esses anos, parece que virou uma espécie de mote da família moderna. Já mais para meados da década de 1980, advogadas e sociólogas feministas são mais frequentes na revista. Principalmente após o falecimento de Carmen da Silva, em abril de 1985, essa iniciativa de buscar mais vozes autorizadas feministas se intensifica, talvez como uma forma de suprir a ausência da coluna "A arte de ser mulher", talvez por uma popularização ou maior aceitação do feminismo.

Contudo, é interessante observar como neste mesmo momento ideias antifeministas ressurgem. Pode-se dizer que elas só em parte ressurgem, porque ora retomam adjetivos e noções antifeministas do passado, ora acusam o feminismo por ser velho, ultrapassado, de ter conquistado tudo o que queria ou precisava e não haver mais motivo para existir. Quer dizer, mesmo que sentimentos antifeministas encontrem no final da década de 1980 mais espaço na publicação do que, por exemplo, em meados da década de 1970, não são necessariamente as mesmas ideias antifeministas encontradas no começo da década de 1970.

Em agosto de 1986, em reportagem sobre relações familiares em que também se divulgou o livro **Um é outro**, da historiadora e filósofa francesa Elisabeth Badinter, **Claudia** traz entrevista em que a autora afirma que o patriarcado, naquele ponto da história nas sociedades

¹⁸² **Claudia**. São Paulo, nº 229, Ano XX, outubro de 1980, p. 295-8.

¹⁸³ Carmen da Silva pode ser entendida como um desses profissionais.

ocidentais industrializadas, estava morto¹⁸⁴. Também citando Elisabeth Badinter, em novembro do mesmo ano, em reportagem intitulada "Os homens se queixam 'As mulheres querem tomar conta de tudo'"¹⁸⁵, o magazine traz a assertiva de que "(...) hoje, pela primeira vez na história da civilização ocidental, não existe uma única coisa que os homens façam e as mulheres não possam fazer"¹⁸⁶. Retomando o número de agosto de 1986, na reportagem supracitada no início deste parágrafo "Homens, mulheres e as novas relações no amor, no casamento, com a família", utilizam-se falas de outra pesquisadora francesa, a socióloga Evelyne Sullerot. Chamou-me especial atenção quando ela aponta algo semelhante ao que declarou Elisabeth Badinter na mesma reportagem – é uma matéria extensa, de seis páginas cheias de texto –, que

O patriarcado já não existe. O que há é uma crise dos pais, da paternidade. Eles não sabem mais qual é o seu papel. Há uma questão masculina que começa. Eles se divorciam porque as mulheres querem. São elas que ficam com os filhos. E os homens sofrem com isso.¹⁸⁷

Claro que estou recortando essas afirmações contundentes de textos extensos na revista, e a própria publicação fazia o mesmo, citando partes editadas de entrevistas e depoimentos para montar seus artigos. Isso pode ajudar a cadenciar a escrita, mas certamente descontextualiza a fala completa, mais extensa, complexa e não tão taxativa, de onde se retiraram essas informações. Não obstante, podemos perceber a partir dessas colocações que, neste período, um sentimento de que as relações familiares haviam se transformado mais profundamente do que nunca antes, de forma irreversível, se fazia presente. Ao mesmo tempo, novos padrões de masculinidade eram discutidos. O enunciado da morte do patriarcado, que talvez fosse algo mais concreto em meados para finais dos anos 80 do que poderia ser em nossos dias, nos ajuda a pensar sobre as sensações de novidade e incerteza que estes novos casamentos, estes

¹⁸⁴ Homens, mulheres e as novas relações no amor, no casamento, com a família. **Claudia**. São Paulo, nº 299, Ano XXV, agosto de 1986, p. 48.

¹⁸⁵ **Claudia**. São Paulo, nº 302, Ano XXVI, novembro de 1986, p. 28-31. Vale frisar que este artigo traz, em destaque e em caixa alta, em sua terceira e última página, a seguinte assertiva recortada de um depoimento masculino: "Prefiro as mais jovens: a geração das feministas perdeu o humor."

¹⁸⁶ *Ibidem*, p. 28.

¹⁸⁷ **Claudia**. São Paulo, nº 299, Ano XXV, agosto de 1986, p. 47.

novos arranjos familiares e estas novas relações entre homens e mulheres, tão discutidas por **Claudia**, geraram.

As discussões feministas sobre patriarcado contemporâneas às fontes consultadas nunca foram consensuais, e levaram a diferentes caminhos. Questionou-se se era possível ou não a existência do patriarcado na contemporaneidade, uma vez que os laços de parentesco estariam se enfraquecendo, mas também por outras razões. Questionou-se se esse seria o conceito mais apropriado para explicar a subordinação das mulheres; assim como a não historicidade do conceito, que justificaria uma superioridade natural masculina. Por outro lado, e ao mesmo tempo, apontaram-se diferenças históricas em distintos patriarcados. Sobre esta última questão, Carole Pateman, em obra originalmente publicada em 1988, interpretou o patriarcado moderno como diferente dos seus antecessores, por não ser calcado no parentesco. Ela afirma que o patriarcado moderno é "fraternal, contratual, e estrutura a sociedade civil capitalista".¹⁸⁸ Em diálogo com teóricas feministas que se dedicaram ao tema na década de 1970, como Veronica Beechey, Juliet Mitchell, Sheila Rowbotham, Michelle Barret, Gayle Rubin e Nancy Chodorow, a autora australiana inclusive entende a negação do patriarcado como algo que beneficiaria o contrato social patriarcal moderno. Independente das querelas sobre o conceito, a assertiva de sua morte em **Claudia** sem dúvida indica a força de sua presença, e o uso repetido do termo patriarcado ou patriarcalismo nos escritos de Carmen da Silva reforça a aceitação de que, ainda que polissêmico, era um conceito em uso e reconhecido neste período.

Posto isto, retomo um ponto que, a esta altura da leitura da tese ou para quem conhece a revista, já deve estar mais que claro, mas que aponto aqui porque é uma das bases de toda a linha editorial da publicação: a **Claudia** aqui estudada é uma publicação normativa e, principalmente, heteronormativa. Ela também é branca, e apenas no final da década de 1980 se leem cartas de leitoras (não artigos ou reportagens) comentando a falta de representatividade de mulheres negras. É bem verdade que o periódico, nos anos 1980, aborda repetidas vezes a homossexualidade. Entretanto, é uma homossexualidade principalmente masculina, e muito voltada à ideia de aceitação dos filhos e harmonia familiar. Sendo assim, se por um lado **Claudia** tem a proposta de ser uma revista para as mulheres de classe média mas acaba

¹⁸⁸ PATEMAN, Carole. Confusões patriarcais. In: _____ **O contrato sexual**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993, p. 45.

abarcando diferentes mulheres em seu extenso conteúdo¹⁸⁹, por outro essas mulheres têm como característica comum a figura do esposo e/ou dos filhos, assim como a identidade de dona de casa calcada na heteronormatividade.

Assim sendo, quando se discute casamento se fala sobre relações de homens e mulheres, e quando se discute família quase sempre são homens e mulheres com filhos e filhas. As ausências do homem nas famílias, em caso de viuvez ou separação, podem ser físicas mas nunca simbólicas, pois sua presença é sempre marcada. Ao mesmo tempo, casais definitivamente sem filhos, por opção, são raramente citados e ora ou outra alguma voz autorizada afirma que só reconhece a constituição da família após o nascimento (ou adoção) de uma criança. As mulheres que recorrem à tecnologia para gerar sozinhas seus bebês, ou adotam crianças sozinhas, são raramente citadas, mais como uma possibilidade pitoresca, algo muito novo, "sinal dos tempos", do que como uma situação real com a qual a publicação espera que suas leitoras se identifiquem.

Retomando a citação de Evelyne Sullerot, quando ela coloca que "(...) Eles se divorciam porque as mulheres querem. (...) E os homens sofrem com isso", encontramos uma tendência que se repete na revista, principalmente a partir de meados da década de 1980: a ideia de que os homens não foram preparados para essa nova situação e portanto não saber como se comportar diante dela não é necessariamente má vontade. Muitas vezes esses discursos surgem com uma postura conciliadora, a fim de ajudar a melhorar os relacionamentos nos lares, mas simultaneamente fica difícil não interpretar algumas dessas tentativas também como conservadoras, reacionárias ou antifeministas. A própria ideia de que são as mulheres que querem se divorciar, colocando os homens como vítimas, como abandonados, sem escolha perante a atitude das mulheres controladoras, não aborda os motivos pelos quais elas buscavam o divórcio.

Se a situação das mulheres desquitadas (e podemos pensar também nas divorciadas, anos mais tarde) era tão complicada quanto expôs Carmen da Silva em 1973 no artigo "O difícil papel da mãe desquitada", o fato de elas buscarem o divórcio mesmo assim, e aceitarem assumir sozinhas a educação e o cuidado diário das crianças,

¹⁸⁹ Pela seção de cartas, por exemplo, percebem-se leitoras de diferentes classes sociais; publicam-se cartas de empregadas domésticas e também de patroas, de mulheres em uniões conjugais informais ou esposas de famílias tradicionais.

nos aponta problemas irremediáveis nos casamentos. Na década de 1970, os discursos sobre a crise no casamento pareciam apontar para a anulação da mulher, como indivíduo, como um problema fundamentalmente presente nas relações entre homens e mulheres. No transcorrer da década de 1980, quando os discursos em **Claudia** apresentam sobretudo uma mulher inserida no mercado de trabalho, mais conectada com sua individualidade e suas necessidades pessoais, muito mais voltada para si mesma, a revista de alguma forma lembra a leitora de como é importante voltar o olhar para o esposo.

De forma geral há um discurso de busca pelo equilíbrio, e é verdade que a publicação no transcorrer da década de 1980 vem recheada de dicas de bem estar totalmente voltadas às mulheres. Mas quando o assunto é casamento, o panorama que se apresenta é este: as mulheres lutaram e conquistaram tudo o que elas queriam através do feminismo e, portanto, a situação atual é algo como "culpa delas". Partindo daí elas precisariam demonstrar compreensão e deveriam saber inserir seus esposos de forma saudável nessa nova configuração que elas mesmas criaram. Tem-se a impressão de que as mulheres são responsabilizadas, uma a uma, pelas profundas transformações nas relações familiares nos últimos quinze ou vinte anos, e resolver os novos problemas familiares decorrentes destas transformações seria tarefa que cabe a elas.

Em janeiro de 1974, Carmen da Silva publica o artigo "Um altar, ladainha de elogios, culto à rainha do lar – As santas prisioneiras do amor", com a chamada

Dizer que a mulher foi feita para o amor é uma maneira sutil de limitá-la. Claro que não é só isso, e que isso não é tudo, nem o mais importante. A mulher foi feita para ser uma pessoa independente do seu sexo, para desenvolver uma personalidade, para se aprimorar, crescer como ser humano e, basicamente, para se realizar como gente.¹⁹⁰

¹⁹⁰ SILVA, Carmen da. As santas prisioneiras do amor. **Claudia**. São Paulo, nº 148, Ano XIII, janeiro de 1974, p. 143-5.

Figura 18

191

Além desta chamada, a primeira página traz fotografia de Chico Aragão, reproduzida na Figura 18. De forma geral o artigo discorre sobre como se delegam os assuntos referentes ao amor às mulheres para ocupá-las enquanto todas as outras áreas da vida se fecham para elas. Dá-se exemplos de mulheres que passaram a ficar obcecadas por homens simplesmente porque descobriram que estes as amavam. Homens que antes não lhes despertavam nenhum interesse. Então a autora conclui que, tão condicionadas a aceitar que o amor é o que há de mais importante em suas vidas, muitas mulheres se sentem incapazes de

¹⁹¹ Idem.

não responder a seu chamado. Dentro do que tradicionalmente se esperava de uma mulher, o amor seria sua única forma genuína de realização, e isso levaria as mulheres a buscar tão desesperadamente, o quanto antes, o amor, que criavam relações pouco saudáveis e unilaterais, que as alienavam da possibilidade de qualquer amor saudável.

Por mais que Carmen da Silva não escreva, nesse caso, especificamente sobre trabalho doméstico, o fato da imagem produzida para o artigo apresentar uma mulher com os pés acorrentados, uma vassoura na mão e um escudo com um coração, representando a defesa do amor, nos diz muito. A figura tradicional da dona de casa de camadas médias, que trabalhava em empregos pouco importantes para complementar a renda familiar, ou que parava de trabalhar ao se casar, traz consigo a associação entre amor e meio de vida. Quer dizer, o casamento é um contrato, a família é um núcleo econômico, mas não somente, é necessário que este contrato envolva o amor, e a realização pessoal dessas mulheres depende disso. Ao mesmo tempo, elas certamente sofrerão pressão por parte de suas famílias de origem caso se casem com alguém que as faça diminuir seu padrão de vida ou migrar para uma classe inferior.

Em agosto de 1976 **Claudia** publica "ENFARTE: como salvar seu marido"¹⁹², que conta a história de um casal em que a esposa, por saber fazer massagem cardíaca, pôde salvar a vida de seu esposo. Em seguida se ensina a reconhecer os sintomas de enfarte e fazer a massagem. Pode ser um ponto de vista bem particular e limitado pensarmos que a revista está ajudando as mulheres a manter seu sustento, seu modo de vida. Mas se formos nos questionar se revistas

¹⁹² **Claudia**. São Paulo, nº 179, Ano XV, agosto de 1976, p. 145-6. Em agosto de 1988, reportagem muito semelhante é publicada sob o título "INFARTO – Trate bem do coração dele. Você pode evitar o pior." **Claudia**. São Paulo, nº 323, Ano 27, agosto de 1988, p. 146-7. As preocupações das leitoras de **Claudia** com os seus esposos são reforçadas na publicação também em outros espaços, como no encarte "Ele e Claudia" publicado dentro da revista na década de 1970. Inclusive parece ter havido uma tentativa por parte da Abril de se criar uma **Claudia** voltada ao público masculino, uma revista separada (como aconteceu com **Casa Claudia**, focada em decoração). Em outubro de 1970 é publicado um encarte separado o qual tive acesso, mas ele vinha dentro da própria **Claudia**, trazia seu número de edição etc. Foi uma experiência que deve ter testado a aceitabilidade dessa nova revista, como aconteceu também com outro encarte que em determinado momento aparece avulso a **Claudia** mas é vendido com ela na década de 1970, este voltado para meninas, "Claudinha".

masculinas publicariam algo semelhante no sentido oposto, de como o esposo poderia diagnosticar algum problema de saúde em sua esposa e aprender a salvar a vida dela mesmo antes que o problema ocorresse, talvez fique mais fácil pensar sob este viés. Por outro lado, a ideia de mulher como cuidadora familiar, responsável pela saúde familiar, certamente está também presente nesta reportagem.

Já em agosto de 1988, o magazine publica reportagem intitulada "O salário do desamor"¹⁹³, que busca informar as mulheres sobre como podem exigir sua pensão alimentícia dos ex esposos ou mesmo dos esposos, quando falta a ela e às crianças o essencial para viver. Mesmo avançada rumo ao final dos anos 80, quando o trabalho remunerado e o sucesso profissional feminino já tinha sido extensamente abordado pela revista, esta reportagem nos lembra que o casamento continuou a ser, para muitas mulheres, um meio de vida, um sustentáculo financeiro, inclusive após sua dissolução. Conselhos como não se deixar levar pelo orgulho na hora das negociações, e insistir em um valor suficiente para a pensão, marcam a mulher como financeiramente dependente do esposo ou ex esposo, e a chamam para a responsabilidade de exigir uma pensão justa para não prejudicar seus filhos e filhas.

Voltando ao início da década, em setembro de 1980 Carmen da Silva publica "Casamento é loteria. Mas... onde estão os felizardos?"¹⁹⁴, no qual comenta o lançamento do livro de Rachel Jardim, **Inventário das cinzas**, uma descrição pessoal de uma experiência matrimonial traumática. Indica-se a pressa das mulheres em casar para "desencalhar" logo como um grande problema. Devido à existência da ideia de que não há salvação para as mulheres fora do casamento, essa pressa grande parte das vezes levava a uniões desastrosas. A ideia de solidão só era negativa para as mulheres: elas "desencalhavam", os homens "se amarravam". Depois de casada, a mulher se anulava, virava "sombra do marido", cidadã de segunda classe. Nessa institucionalização dos papéis sociais do homem e da mulher acabava se esvaindo o amor que sentiam um pelo outro, e que os fizera decidir se casar antes de tudo.

Por mais que essa ideia, tão forte nesse momento, de crise no casamento, crise dos costumes, do tradicional, do familiar, não desapareça totalmente da publicação no decorrer dos anos 1980, ela certamente se transforma, perdendo espaço para os debates sobre "a nova família", ou casamentos que se traduziam em diferentes arranjos.

¹⁹³ **Claudia**. São Paulo, nº 323, Ano 27, agosto de 1988, p. 51-3.

¹⁹⁴ **Claudia**. São Paulo, nº 228, Ano XIX, setembro de 1980, p. 237-40.

Entretanto, como já comentado em muitos momentos, **Claudia** foi constante, nos anos aqui consultados, em ser às vezes ambígua, às vezes paradoxal em sua linha editorial. Se por um lado, a publicação fez largo uso de críticas profundas e ideias progressistas – como muitas das que Carmen da Silva apresentava mas não somente – para ajudar as leitoras a lidar com os problemas que "os novos tempos" traziam – reafirmando-se assim como uma revista moderna, um dos seus *slogans* de venda –, muitas das soluções apontadas foram extremamente conservadoras, ou a própria abordagem do problema o era.

Em setembro de 1977 o periódico traz entrevistas de duas estrelas da TV e de Hollywood, Lindsay Wagner e Faye Dunaway, sob o seguinte prisma: "Elas descobriram a verdadeira vocação: ESPOSAS"¹⁹⁵, acompanhada de fotos das atrizes com seus esposos que ocupavam a página inteira. Enquanto Faye Dunaway afirma que para ela o casamento é um projeto tão importante quanto a carreira, Lindsay Wagner alega estar disposta a largar o papel de Mulher Biônica na TV para manter seu casamento se for necessário. Comenta-se que para ela é muito mais estimulante cozinhar para o esposo do que ser estrela da TV. Em seguida há ainda um subtítulo da entrevista que diz "Solteira e livre, só como mulher biônica", e dá-se destaque à fala da atriz "Quando eu tiver filhos, largo tudo e vou ser mãe".¹⁹⁶

Faye Dunaway apresenta um discurso mais progressista. Fala das experiências amorosas anteriores, da relutância em se casar – este foi seu primeiro casamento –, da necessidade de aprender a viver sozinha para saber viver bem com outra pessoa e sobre a importância de manter a independência dentro do casamento. Sua entrevista recebe como subtítulo "Fria e calculista só na Rede de Intrigas", em referência a um filme em que atuou, e se destaca de sua fala "Eu não pretendo me casar mais do que uma vez". Percebe-se a intenção da edição em destacar a

¹⁹⁵ **Claudia**. São Paulo, nº 192, Ano XVI, setembro de 1977, p. 38-42. Matéria semelhante, com brasileiras famosas que abrem mão de suas carreiras para se tornarem exclusivamente donas de casa, é citada no índice e comentada no editorial do número 228 de setembro de 1980. O editorial, assinado por Maria Cristina Gama Duarte, fala da importância dessas decisões serem tomadas livremente, e finaliza afirmando "Bem... Casamento também é uma escolha. Se você está se preparando para o seu, Claudia lhe oferece uma guia completo de serviço. E... mil felicidades!" **Claudia**. São Paulo, nº 228, Ano XIX, setembro de 1980. Quer dizer, é importante que seja uma escolha livre, mas é uma escolha atrelada à felicidade e, quem não quer ser feliz, não é mesmo?

¹⁹⁶ **Claudia**. São Paulo, nº 192, Ano XVI, setembro de 1977, p. 41.

fala mais conservadoras da atriz, levando em conta que a entrevista começa com "Sim, existiram muitos outros homens em minha vida antes de Peter", e continua expondo seu envolvimento amoroso com Marcello Mastroianni que, segundo sua fala, parecia estar casado com outra mulher na época¹⁹⁷.

Em janeiro de 1979 encontramos outro exemplo de abordagem bastante conservadora sobre o casamento em **Claudia**: "Um marido feliz? Siga o roteiro de Cristina".

Desde que se casou, há quatro anos, Cristina Chierici Cotosk vem colocando em prática uma série de idéias (sic) com o objetivo de estreitar o relacionamento com seu marido. Ela tomou esta iniciativa por considerar que o sucesso de um casamento depende principalmente da mulher e da sua capacidade de compreender o marido, respeitando seus gostos e cumulando-o de surpresas agradáveis. (...) Embora tais atitudes dêem a impressão de beneficiar apenas um dos lados (...), o fato é que eles parecem viver bem felizes. Tanto que Cristina não vacilou em escrever para Claudia oferecendo suas sugestões. (...) (sic)¹⁹⁸

Na continuação se comenta como todas as sugestões foram testadas, com resultados positivos, e muitos testes foram feitos também com as amigas de Cristina, para quem ela dava dicas. Conta-se brevemente uma história do casal e em seguida são listados treze conselhos que, segundo a revista, não exigem sacrifícios, pedindo apenas virtudes como sensibilidade, compreensão e imaginação. Todos são conselhos para agradar o marido, não são recomendações no sentido de melhorar a vida dos dois como um todo. Lista-se: não se despir na frente do esposo para que ele não se acostume e deixe de valorizar seu corpo; ter diferentes colônias pós banho e alterná-las para evitar a mesmice; vestir camisolas insinuantes, mas sempre aparecer pronta, nunca se arrumar na frente do conjugue; não ir dormir com o cabelo preso ou o rosto emplastado de cremes; buscar roupas, cabelos e maquiagens diferentes quando sair para que ele se orgulhe de você (a não ser que ele seja ciumento); procurar estar sempre bonita porque o

¹⁹⁷ Ibidem, p. 42.

¹⁹⁸ **Claudia**. São Paulo, nº 208, Ano XVIII, janeiro de 1979, p. 201.

elogio dos outros desperta o interesse dele em você; jamais discutir assuntos pessoais na frente de terceiros; jamais deixar seu marido inferiorizado diante de terceiros; saber o momento certo de conversar, compreendendo seu mau humor; trocar os móveis de lugar e deixar a casa sempre limpa e arrumada para que ele queira voltar pra casa; estar você também sempre arrumada quando ele chegar em casa.

Restam ainda dois conselhos de Cristina que não citados acima por merecerem destaque

7. Tenha sempre um *hobby*, uma ocupação além dos serviços caseiros, se você não trabalha fora. Pode ser pintura, ginástica, leitura, jardinagem, etc. A mulher que fica somente cuidando da casa corre o risco de se tornar bitolada, solitária e indiferente à sua aparência. Ao passo que a mulher com uma atividade externa tem oportunidade de conhecer novas pessoas, tem contato com o mundo e, sobretudo, tem oportunidade de saber das novidades para conversar com o marido.

8. A mulher deve ler jornais, revistas e livros para se inteirar dos acontecimentos do mundo. Isso facilitará o diálogo com o marido.¹⁹⁹

A afirmação de que aparentemente tais conselhos beneficiariam só o esposo, mas o casal parece feliz, em conjunto com o relato de que a iniciativa de escrever para a revista foi da leitora Cristina, parecem uma forma indireta de pedir licença ou desculpas às leitoras com perspectivas menos tradicionais de casamento. Se escreve, ainda, sobre os conselhos de Cristina: "É sua experiência, que pode não servir para todo mundo. Mas sua presença em Claudia é importante. É a leitora participando diretamente numa saudável troca de informações."²⁰⁰

Como podemos perceber nos conselhos 7 e 8, reproduzidos acima na íntegra, a "saudável troca de informações com a leitora" vai diretamente de encontro aos problemas diagnosticados por Carmen da Silva nos casamentos. A anulação da mulher como ser humano, o não acesso à sua individualidade e independência, que Carmen apontara como o grande impasse nas relações entre homens e mulheres e o pano de fundo da crise nos casamentos, parecem nortear grande parte das

¹⁹⁹ Ibidem, p. 202.

²⁰⁰ Ibidem, p. 201.

sugestões de Cristina. A sua sexualidade é para o marido, sua beleza também. Até os elogios que recebe são para ele; a organização de sua casa ou o jeito que dorme. Mesmo a sua relativa independência, suas atividades pessoais, parecem existir, em última instância, para o marido. É importante se ocupar com uma atividade. Diante da possibilidade de "se tornar bitolada, solitária e indiferente à sua aparência", há um sobretudo: ter a "oportunidade de saber das novidades para conversar com o marido". É importante se inteirar dos assuntos do mundo para melhorar o diálogo com o marido. Parece quase uma apologia à alienação feminina, que só precisa ir além do privado na medida em que isso melhora seu relacionamento conjugal. Esses conselhos lembram muito o conservadorismo das revistas brasileiras para mulheres na década de 1950 descrito por Carla Bassanezi Pinsky²⁰¹. Muito mais que os conteúdos de **Claudia** na transição dos 70 para os 80.

Também nas charges encontramos, de certa forma, uma abordagem conservadora ou não progressista de assuntos que em si tinham sua novidade, quer dizer, não retratavam o modelo de família mais tradicional, abordando o desquite ou o divórcio. Na Figura 19, temos uma tirinha com assinatura feminina, Michele²⁰², publicada em

²⁰¹ PINSKY, Carla Bassanezi. Mulheres dos anos dourados. In: Priore, Mary Del (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010.

²⁰² Encontramos, além das já citadas Ciça e Cahu, algumas exceções como esta. Entretanto, de modo geral a bibliografia indica que mulheres chargistas não eram a norma. Allan Deligne, em texto publicado em livro organizada por Isabel Lustosa em 2011, não cita cartunistas como Ciça no período. Ciça publicou na **Folha de São Paulo** por muitos anos entre meados dos 70 até meados dos 80, e posteriormente no **Jornal do Brasil** e na **Folha da Manhã**; portanto seu trabalho não pode ser considerado inacessível ou de pouca circulação. Deligne, além de ignorar a presença de Ciça entre os cartunistas brasileiros nas décadas de 1970 e 80, de alguma forma se utiliza de personagens femininas para negar a exclusão das mulheres no meio: "O humor gráfico continuou sendo um campo dominado pelos homens, mas Angeli e Miguel Paiva, por exemplo, criaram personagens femininos amplamente favoráveis às mulheres. O primeiro, com Rê Bordosa, de forma mais debochada, e o segundo, com Radical Chic, dentro dos modismos do comportamento, alcançam grande sucesso entre o público de ambos os sexos". DELIGNE, Allan. De que maneira o riso pode ser considerado subversivo? In: LUSTOSA, Isabel (org). **Imprensa, humor e caricatura**: a questão dos estereótipos culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 29-46. Para explorar melhor essas questões indico o texto de qualificação da pesquisa de doutorado, em andamento, CRESCÊNCIO, Cintia Lima. **Quem ri por último, ri melhor**: o humor na imprensa feminista

outubro de 1970. Nela, podemos observar as reivindicações da mulher protagonista, Eva, que representa de certa forma os emergentes movimentos internacionais de liberação feminina através da placa e do modo como se move, como se estivesse protestando na rua. Adão, que dialoga com ela fazendo uma referência clara à história bíblica de Adão e Eva, faz chacota, encara com desdém seu reclame, o que também pode ser interpretado representativo de um antifeminismo muito marcante entre os homens brasileiros no começo da década de 1970, ou um desinteresse dos homens em se casar.

Assim que Eva percebe que o casamento ainda não existe – uma vez que vivem nos primórdios da humanidade –, ela muda sua placa, seu "pirulito", reivindicando agora o casamento. O sorriso no rosto de Eva neste momento, em contrapartida à expressão de frustração de Adão podem ser entendidos como uma expressão das maneiras as quais homens e mulheres entendiam, de acordo com uma lógica conservadora, o casamento: para as mulheres um objetivo de vida, o "desencalhar"; para os homens um compromisso que interfere em sua liberdade, o "se amarrar".

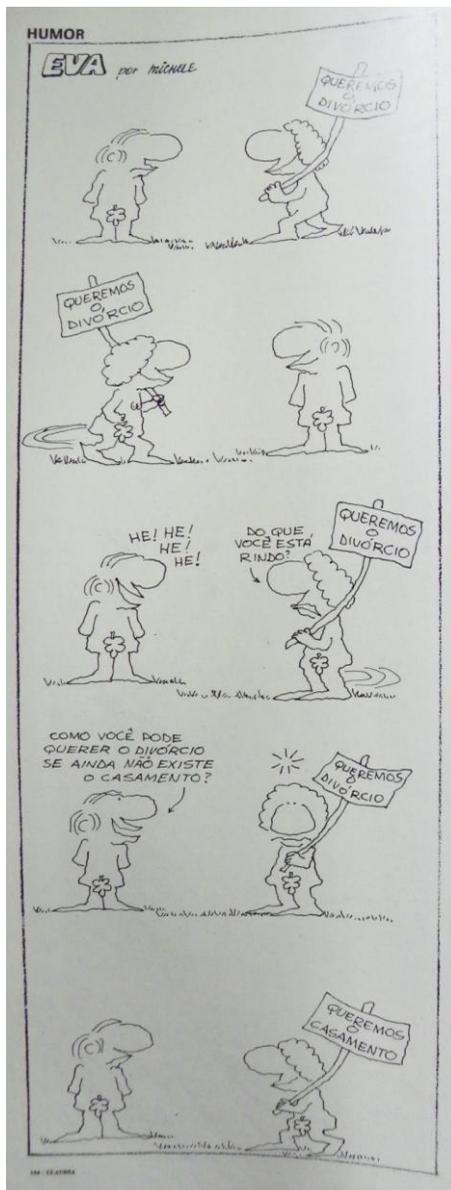
Na Figura 20, a seguir, temos outra tirinha, de setembro de 1987, assinada por Maringoni²⁰³. Praticamente dezessete anos depois da publicação da tirinha de Eva, com o divórcio aprovado no Brasil já há dez anos, o título "Julieta, a descasada" ainda pode nos levar a pensar no divórcio ou na separação como estigma constituinte da identidade das mulheres.

do Cone Sul durante as ditaduras civis-militares (segunda metade do século XX). Texto submetido e aprovado pelo Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal de Santa Catarina, no exame de qualificação (Doutorado em História). Florianópolis/UFSC, 2014.

²⁰³ Gilberto Maringoni, formado em história, além de cartunista, é jornalista e professor universitário, e foi candidato ao Governo de São Paulo pelo PSOL em 2014. Apesar de sua trajetória de militância na esquerda, como em muitos casos relatados por feministas do período (e às vezes hoje também), sua sensibilidade para as causas feministas não pareciam ser, em 1987, das mais apuradas, ao menos pelo que se percebe através desta tirinha encontrada em **Claudia**.

Figura 19 ²⁰⁴

Os dispositivos acionados para o riso, na tirinha, trabalham diretamente com uma ideia de educação e criação das crianças muito conservadora, com divisão clara de brincadeiras para meninos e meninas e com a noção de que não é saudável para os meninos crescerem sem o exemplo de um pai. É interessante porque a própria **Claudia**, principalmente a partir de meados da década de 1980, orienta suas leitoras a não dividir as brincadeiras ou atividades das crianças segundo seu sexo. Em setembro de 1986, no número 300, por exemplo, o sumário da revista apresenta o artigo "Educação – não há menino ou menina típicos, respeite as preferências de seu filho".



²⁰⁴ **Claudia**. São Paulo, nº 109, Ano X, outubro de 1970, p. 144. Na tirinha se lê: – "Queremos o divórcio" – "He! He! He! He!" – "Do que você está rindo?" – "Como você pode querer o divórcio se ainda não existe o casamento?" – "Queremos o casamento".

Figura 20



205

Como podemos perceber nesta última tirinha a chegada dos anos 1980 não trouxe, necessariamente, ou pelo menos não o tempo inteiro, discursos menos conservadores ou mais progressistas no que se refere às temáticas feministas²⁰⁶. Reproduzo adiante depoimento de leitora sobre a edição comemorativa de vinte anos de **Claudia**. A carta foi publicada na edição de maio de 1982, provavelmente em menção ao "mês das noivas". A descrição que encontramos também traz aspectos muito conservadores. O fato da moça se casar sem nunca ter dito ao noivo que não sabia cozinhar e, em seguida, pensar em resolver a questão "confessando seu fracasso", nos mostra que as prendas domésticas exigidas das noivas eram algo ainda muito corrente, algo esperado delas. Não se encaixar nesse modelo, não possuir esses dotes, podia ser entendido como motivo de vergonha, um fiasco para uma recém-casada.

CLAUDIA 20 ANOS: CLAUDIA ME TIROU DO SUFOCO

Meu primeiro almoço de recém-casada, eu não sabia cozinhar e ele esperava que eu fizesse o

²⁰⁵ **Claudia**. São Paulo, nº 312, Ano XXVI, setembro de 1987. Na tirinha se lê: – "Nana, nenê..." – "Chico! Me dê essa boneca e vai brincar com coisa de menino!" – "Ai... que falta faz o exemplo de um pai..." "Nana nenê..." (agora o menino embala a bola de futebol).

²⁰⁶ Para compreendermos melhor como se apresentavam as posições editoriais de **Claudia**, é interessante mantermos em perspectiva as ambiguidades e paradoxos que a publicação apresentou no decorrer desses anos. A capa de **Claudia**. São Paulo, nº 300, Ano XXV, setembro de 1986, por exemplo, traz a chamada "SEDUÇÃO X EXCESSO DE PESO" e, ao mesmo tempo, no editorial deste número, fala-se diretamente sobre feminismo.

almoço. E então? Pensei em confessar o meu fracasso assim que ele voltasse da padaria. Antes disso, resolvi ler a edição Claudia 20 anos, e o que encontro? O Beabá da Cozinha para um bom começo de vida. Não acreditei, essa revista parece caída do céu. Como podem ter adivinhado tão bem o que estava precisando? É, Claudia, espero que você continue assim, tirando a gente dos grandes sufocos.

Elisa Puterman
(São Paulo, SP)²⁰⁷

Em 1981, o magazine publica dois artigos, um em janeiro e um em setembro, muito semelhantes e que parecem funcionar de certo modo como uma transição entre as preocupações e recomendações sobre o casamento elencadas na década de 1970 para aquelas que surgem a partir de meados da década de 1980, muito mais voltadas a ajudar os homens a se adequarem às novas configurações familiares. O primeiro destes artigos, intitulado "Pede-se uma vida mais rica (Aceita-se colaboração de maridos)", fala muito em transição, tanto nos depoimentos quanto na voz autorizada de um psiquiatra. Fala-se também na necessidade de estabelecer uma nova harmonia, que teria sido quebrada pela inserção das mulheres no "mundo masculino". É muito interessante o fato das últimas falas do artigo serem masculinas, e das duas falas que se apresentam a mais amena é a primeira, e a que fecha a página é a do homem mais velho, um gerente de banco que poderia ser considerado antiquado. Segundo ele, só seria compreensível sua mulher trabalhar fora se houvesse alguma dificuldade financeira do casal. Se fosse uma necessidade de realização pessoal ele não entenderia e realmente não iria gostar. **Claudia** ofereceu, nesse artigo, a palavra final a esse senhor, mesmo que o título e a proposta geral demonstrasse um pedido de ajuda e compreensão dos homens para a situação atual das mulheres.

O tom de necessidade de conciliação, como é de praxe na revista, está presente neste artigo, assim como no segundo artigo citado, "Eu tenho tanto para te falar, meu amigo!", de setembro de 1981. A chamada da matéria declara

²⁰⁷ **Claudia**. São Paulo, nº 248, Ano XXI, maio de 1982, p. 6.

Uma nova mulher está crescendo, lutando para construir seu justo lugar no mundo. Nesta trajetória, ela não está, como muitos pensam, declarando guerra ao homem. Ao contrário, pede a sua compreensão e apoio. Ela quer apenas que o homem seja seu grande amigo e companheiro.²⁰⁸

Esta mesma expressão, "nova mulher", foi utilizada pelo senhor conservador do artigo anterior, ao dizer que não entendia essa necessidade de realização da mulher fora da família, e portanto isso deveria ser apenas uma resposta das mulheres a tanta "propaganda que fazem desta nova mulher"²⁰⁹. Abaixo desta chamada de setembro há uma fotografia de uma mulher em uma cadeira de escritório, trabalhando na máquina de escrever, cabisbaixa e com feições de preocupação, que lembra muito a personagem Malu no seriado da Rede Globo de Televisão **Malu Mulher**²¹⁰. No decorrer do artigo há inclusive referências às personagens do seriado, Malu, e seu ex esposo, Edu.

Se fala em machismo em ambos os artigos e, apesar do tom de conciliação também estar presente em ambos, no segundo se frisa a questão de que não se trata de uma guerra contra os homens. É como se a revista se apropriasse de reivindicações feministas e logo em seguida se desculpasse por isso. Mas é interessante perceber que o primeiro editorial do periódico feminista **Nós Mulheres**, em 1976, traz uma fala em alguns sentidos semelhante²¹¹. O companheirismo das mulheres para

²⁰⁸ **Claudia**. São Paulo, nº 240, Ano XX, setembro de 1981, p. 236.

²⁰⁹ **Claudia**. São Paulo, nº 232, Ano XX, janeiro de 1981, p. 189.

²¹⁰ **Malu Mulher** foi uma série de televisão brasileira apresentada pela Rede Globo de 24 de maio de 1979 a 22 de dezembro de 1980, criada e dirigida por Daniel Filho. Segundo o sítio da Globo, "Retratava a condição da mulher brasileira no final dos anos 1970 através do cotidiano de Malu, uma socióloga paulista, divorciada e mãe de uma menina de 12 anos." O seriado foi ao ar em anos em que os feministas estavam em pauta nos meios de comunicação no país e, a identificação da protagonista como feminista, assim como a abordagem complexa de temáticas polêmicas como o aborto, fazem da série ainda hoje uma das mais importantes referências da televisão aberta no país quando se pensa em tópicos feministas. Para mais informações sobre a série, pode-se acessar o sítio da Rede Globo <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/seriados/malu-mulher.htm>> Acesso em 25/01/2015.

²¹¹ Talvez o trecho do editorial do periódico feminista que reproduzo a seguir ajude a explicar melhor a comparação: "(...) É possível que nos perguntem: *Mas se as mulheres querem tudo isto, quem vai cuidar da casa e dos filhos?* Nós

com os homens, no **Nós Mulheres**, se calcava na luta contra a opressão, e não simplesmente em projetos de vida pessoais como em **Claudia**. Entretanto, a afirmação que ora ou outra surge nos textos da revista, sobre como as transformações nas famílias transformam toda a sociedade, nos lembram que estes projetos aparentemente pessoais, de famílias nucleares monogâmicas, são também calcados em princípios ideológicos que regem determinados tipos de organizações sociais²¹².

"Eu tenho tanto para te falar, meu amigo!", também leva as discussões um pouco além das apresentadas por "Pede-se uma vida mais rica (Aceita-se colaboração de maridos)". No artigo de janeiro, o primeiro citado, a conversa se limita mais ao trabalho fora de casa, à realização pessoal das mulheres e como resolver o problema que se gera a partir disso, quer dizer, quem cuida então da casa e dos filhos. Em setembro, o artigo começa tocando no mesmo assunto, mas se expande, discutindo anseios básicos das mulheres, como não sofrer violência ou como serem minimamente respeitadas, até questões da sexualidade dos casais que, segundo se relata, muito haviam se transformado nos últimos anos. Os homens pareciam não saber como satisfazer a todas as necessidades das mulheres, fala-se em confusão, em exigência de alto

responderemos: O trabalho doméstico e o cuidado dos filhos é um trabalho necessário, pois ninguém come comida crua, anda sujo ou pode deixar os filhos abandonados. Queremos portanto, boas creches e escolas para nossos filhos, lavanderias coletivas e restaurantes a preços populares, para que possamos junto com os homens assumir as responsabilidades da sociedade. Queremos também que nossos companheiros reconheçam que a casa em que moramos e os filhos que temos são deles e que eles devem assumir conosco as responsabilidades caseiras e nossa luta por torná-las sociais." **Nós Mulheres**. São Paulo, nº 1, junho 1976, p. 01.

²¹² Joanne Hollows nos lembra que projetos de vida e outras questões que geralmente são vistas como privadas e individuais, associadas diretamente à esfera privada, não são tão privadas assim. Como ocorre com a própria divisão entre esfera pública e privada, que é mais borrada e menos precisa do que se costuma conceber, seria ingenuidade não perceber como esses projetos pessoais carregam valores e ideias correntes na e característicos da esfera pública, que dialogam incessantemente entre si e estão presentes na vida das pessoas, que nem sempre conseguem organizar essas divisões. A autora inclusive defende que separar a esfera pública da privada, reproduzir estas distinções na vida cotidiana, requer considerável quantidade de trabalho (p.123), apontando assim essa divisão não apenas como artificial, mas de uma manutenção dependente de grande esforço rotineiro. HOLLOWS, Joanne. **Domestic cultures**. Berkshire: Open University Press, 2008.

desempenho sexual, e em seguida se puxa de volta para a figura do amor romântico e tenro, que seria o que toda mulher no fundo estaria buscando. Apesar disso, "Eu tenho tanto para te falar, meu amigo!" termina reafirmando a necessidade de uma igualdade de condições para homens e mulheres que permita que mantenham suas identidades, quer dizer, termina de modo muito diferente do artigo de janeiro, que teve um fechamento bastante voltado à uma família tradicional.

Na década de 1980, vale lembrar, a publicação é marcada por esse maior e mais aberto debate acerca da vida sexual das mulheres casadas. Além das preocupações em "manter vivo o amor", se discutem um pouco as necessidades das mulheres, as fantasias etc., num tom certamente mais ameno do que ocorreu na **Revista Nova**²¹³ neste período, mas sem dúvida muito diferente do presente em **Claudia**²¹⁴ na década de 1970. Entretanto, o mote do debate das transformações das relações dos casais foi a inserção das mulheres no mercado de trabalho, em conjunto com o desenvolvimento de um determinado individualismo

²¹³ A revista **Nova** começou a ser publicada pela Abril em setembro de 1973, e ganhou fama pela sua abordagem direta à sexualidade e temas polêmicos como o aborto (estando inclusive na capa de um dos números). Segundo a editora, "**NOVA** é uma licença da COSMOPOLITAN, a maior revista feminina do mundo, referência em moda, beleza, relacionamento, sexo, carreira e entretenimento. Voltada para a mulher jovem poderosa, independente, vaidosa e com atitude, estimula a ousadia e a coragem para enfrentar os desafios, a busca pelo prazer sem culpa e a autoconfiança para chegar aonde ela quiser." Mais informações, como tiragem e perfil médio (idade, renda, região do país) das(os) leitoras(es), disponível em <http://www.publiabril.com.br/marcas/nova/revista/informacoes-gerais>

Acesso em 25/01/2015.

²¹⁴ Em caráter de curiosidade, a divulgação atual de **Claudia**, no site da editora, a apresenta da seguinte forma: "CLAUDIA é a maior marca feminina do Brasil. Líder desde seu lançamento, há 53 anos é a companheira das mulheres em vários momentos de suas vidas, oferecendo informação, inspiração, reflexão e soluções que as ajudem na busca da melhor versão de si mesmas. Por estar tão próxima do cotidiano e das necessidades de suas mais de 1.7 milhão de leitoras, CLAUDIA estabelece com elas uma forte conexão emocional, que se traduz em um enorme engajamento dessa comunidade com a marca. Em seus vários pontos de contato com essa audiência, CLAUDIA trata de diversos assuntos, como comportamento, moda, beleza, saúde e bem-estar, carreira, família, culinária e decoração. É a marca porta-voz da mulher brasileira, independentemente de sua idade, classe social ou região." Disponível em <http://www.publiabril.com.br/marcas/claudia/revista/informacoes-gerais>

Acesso em 25/01/2015.

feminino, que parecia apagado nos princípios dos 70, e que no decorrer da década de 1980 certamente modificou a abordagem da publicação às relações familiares.

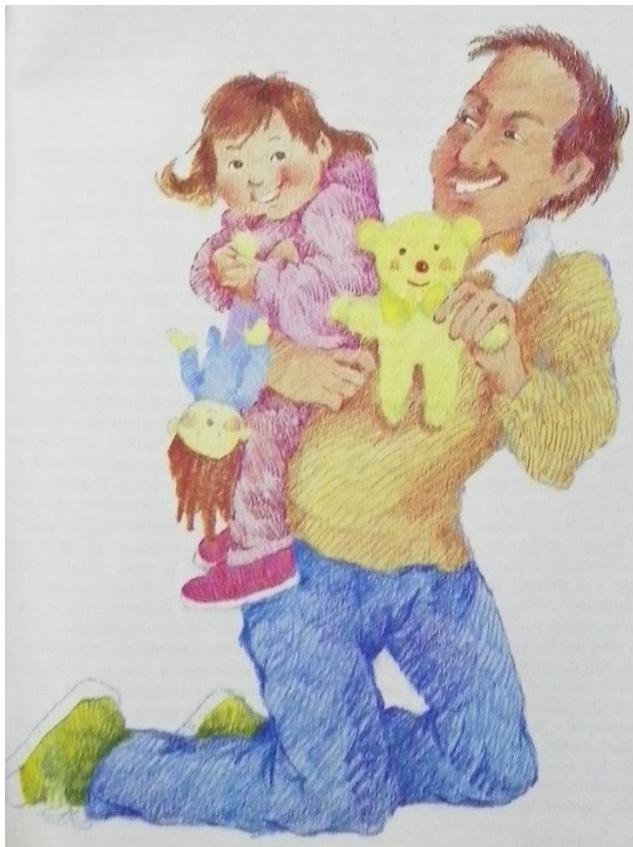
A figura da esposa, na família, se transforma não porque ela deixa de ser a responsável pelo bom funcionamento de tudo (desde o operacional até o psicológico e afetivo), mas porque ela acumulou funções e porque as vontades dela deixaram de ser apenas voltadas à família: estar em forma, bonita ou bem cuidada apenas para o marido; conquistar a sensação de satisfação pessoal através das realizações dos filhos, e não de suas próprias etc. A busca por balanço e equilíbrio é tão complicada porque às aspirações disso que **Claudia** chamou de nova mulher, somam-se as aspirações da antiga mulher e de seus respectivos núcleos familiares, principalmente esposos. De alguma forma é necessário agora desempenhar os antigos papéis somados aos novos papéis, ou desempenhar os antigos papéis de forma melhor (em menos tempo, com mais eficácia e qualidade) para que sobre espaço para os novos papéis. Nesse sentido, os pedidos de compreensão por parte dos esposos presentes nos dois artigos de 1981 supracitados parecem se encaixar bem.

Entretanto, é curioso observar outros caminhos que essas novas configurações familiares trazem. De 1986 em diante, percebe-se que as preocupações da publicação quando se fala em nova família, ou família atual, estão muito voltadas aos homens, como já comentei um pouco no princípio deste item. Não para pedir sua ajuda ou compreensão, mas sim para que as mulheres os ajudem e os compreendam neste processo.

Em agosto de 1986, em seu número 299, o magazine publica, em uma seção intitulada "Feminismo", criada após o falecimento de Carmen da Silva, o artigo "Carinhoso, participante, afetivo – Se você ajudar, ele pode ser um novo pai", assinado por Rachel Gutierrez²¹⁵.

²¹⁵ Rachel Gutiérrez tem formação em filosofia, é escritora, tradutora e dramaturga. Na década de 1980 fez parte do grupo *Mulherando* no Rio de Janeiro e, engajada nos movimentos feministas, participou de uma candidatura pelo cargo de vice governadora nas eleições cariocas de 1986. Na mesma década também publicou livros sobre o feminismo.

Figura 21



216

O texto vem acompanhado de uma gravura de um homem segurando um ursinho de pelúcia e brincando com uma menina em seus braços, que segura uma boneca, reproduzida aqui na Figura 21. A chamada é: "Mais que uma figura que impõe medo, ele é um amigo dos filhos. Mas, para que esse sonho se transforme em realidade, você tem um longo caminho a percorrer."²¹⁷ Por mais que o texto como um todo discuta muitas questões relacionadas ao casal bastante calcadas na igualdade, o título, a chamada e alguns trechos específicos nos remetem

²¹⁶ **Claudia**. São Paulo, nº 299, Ano XXV, agosto de 1986, p. 137.

²¹⁷ **Claudia**. São Paulo, nº 299, Ano XXV, agosto de 1986, p. 137.

diretamente às funções de dona de casa listadas por Danda Prado²¹⁸, quando ela aponta que a manutenção do bom relacionamento e laços afetivos entre pais e filhos é parte integrante das funções de esposa.

Enquanto em 1981 encontramos discussões sobre a "nova mulher", aqui se fala no "novo homem", mas se deixa claro que é a mulher quem possibilitará que ele exista

Insisto sempre num ponto: a desencadeadora desse processo de transformação é a mulher. E se existe um novo homem/novo pai, questionador dos papéis sexuais tradicionais, isso é uma decorrência do surgimento de uma nova mulher e uma nova mãe. A mulher que ainda encara o casamento como um emprego vitalício e se comporta como uma supermãe, protetora mas também possessiva, que tenta impedir o crescimento dos filhos (porque ela mesma não cresceu), certamente não terá, a seu lado, um novo pai.²¹⁹

Como podemos observar, o feminismo nesse ponto é tratado como assunto exclusivamente feminino. Logo, as mulheres devem agir como uma espécie de vanguarda conscientizadora, ou diretamente desencadeadora das mudanças, de alguma forma moldando as relações familiares para que caibam nesse novo modelo mais democrático.

Se busca um companheiro participativo a seu lado, mas a transformação parece ser unilateral, ou ao menos a responsabilidade pelo processo de transformação parece ser uma iniciativa solitária e feminina. Se as ideias feministas são indicadas como responsáveis por estas mudanças, não poderiam homens que se identificam com o feminismo encabeçá-las, ou ao menos as propor em conjunto com suas companheiras?

O artigo fala em como os homens já dividem muitas tarefas em casa, citando uma pesquisa publicada pela revista **Veja**²²⁰ que também

²¹⁸ PRADO, D. Op. Cit., 1979, p. 96-7. Nesta tese a lista dessas funções é reproduzida no primeiro capítulo, e apropriada para a construção do quadro do Apêndice 1.

²¹⁹ **Claudia**. São Paulo, nº 299, Ano XXV, agosto de 1986, p. 138.

²²⁰ **Veja** é uma revista de publicação semanal brasileira, também da Editora Abril. Criada em 1968 pelos jornalistas Roberto Civita e Mino Carta, foi inspirada no modelo importado da revista **Times**, que buscava explorar muitas

faz referência a esse "novo homem", mas se ressalta o fato de que "passar roupa é coisa de mulher". Quer dizer, como indicam pesquisas ainda em nossos dias, a ajuda (que é diferente de divisão ou responsabilização igualitária) dos homens nas tarefas domésticas se dá nas atividades que se traduzem em maior satisfação, que se dão na esfera pública ou são mais criativas, como cuidar das crianças, cozinhar pratos especiais ou fazer compras²²¹. Este artigo não só encarrega as mulheres de desencadear as mudanças, como as responsabiliza pelas permanências, afirmando que muitos homens não cuidam da casa porque as mulheres não lhes dão espaço, uma vez que grande parte dos homens demonstram vontade de serem pais mais participativos, mas não sabem muito bem por onde começar²²².

imagens ao mesmo tempo em que era informativa, uma inovação no Brasil na época. A revista trata de temas variados de abrangência nacional e global. Entre os temas tratados com frequência estão questões políticas, econômicas, e culturais. Apesar de não ser o foco da revista, assuntos como tecnologia, ciência, ecologia e religião são abordados em alguns exemplares. **Veja** é a líder do mercado editorial brasileiro, mantendo uma tiragem maior que um milhão de exemplares semanais e apontada como grande formadora de opinião. Ela tem causado polêmica, sido frequentemente acusada por diferentes grupos, principalmente nos últimos anos, pelas posições marcadamente tendenciosas e conservadoras em diferentes tópicos políticos, apesar da história da revista, desde seu surgimento, apontar para posições mais progressistas que as atuais. A divulgação da revista no sítio da Abril pode ser acessada em <<http://www.publiabril.com.br/marcas/veja/revista/informacoes-gerais>>. Acesso em 25/01/2015.

²²¹ Dados semelhantes aparecem em diferentes pesquisas sobre a temática, e mesmo nos relatos de divisão de tarefas do lar entre casais em **Claudia** nos 1970 e 80, mas uma referência direta nesse sentido pode ser encontrada em BRUSCHINI, M. Op. Cit., 2008, p. 70-1.

²²² Sobre esse ponto é interessante refletir que, anos antes, quando as mulheres demonstraram vontade de se inserir no mercado de trabalho mas não sabiam muito bem por onde começar, repetidas vezes seu comodismo foi apontado, mesmo que de passagem, na revista.

Figura 22²²³

Postura semelhante pode ser encontrada em "Ele também pode ser o rei do lar", de fevereiro de 1987 e de autoria de Ligia Martins de Almeida, que afirma: "Se você sonha com um companheiro para todas as horas – da lavagem da louça à paixão –, saiba que isso é possível. Depende muito de você."²²⁴ Este texto é acompanhado pela imagem da Figura 22.

Nos textos sobre casamento deste período dos finais dos anos 80 que não são focados na sexualidade, o debate parece ocorrer muitas vezes apoiado nestes dois eixos: 1. compreender a atual perplexidade dos homens diante das novas relações, ajudando-os a se adaptar à atual situação e 2. gerenciar a divisão de tarefas. Em maio de 1987, um texto sobre a "Família 87" traz como chamada:

Ganhar mais espaço, ter mais tempo livre para crescer, fazer ou não fazer nada. Ser mais você, além dos papéis de mãe, esposa e batalhadora. Como sempre, cabe à mulher ativar, puxar o parceiro para a mudança. Só assim a gente pode ficar de bem com a vida.²²⁵



Em setembro do mesmo ano, **Claudia** publica "Liberada, companheira e mãezona – É o que eles esperam de nós"²²⁶. Em fevereiro de 1989, "A mulher dos sonhos dele" descreve a mulher esperada pelos homens: "Ela deve trabalhar fora, mas não muito. E o tempo para cuidar

²²³ **Claudia**. São Paulo, nº 305, Ano XXVI, fevereiro de 1987, p. 15.

²²⁴ **Idem**.

²²⁵ **Claudia**. São Paulo, nº 308, Ano XXVI, maio de 1987, p. 28.

²²⁶ **Claudia**. São Paulo, nº 312, Ano XXVI, setembro de 1987, p. 50-52.

da casa, dos filhos e dele? Perplexo diante das transformações, o homem procura novos modelos de relacionamento, dividido entre a recusa em perder privilégios e uma vontade sincera de mudar".²²⁷

Temos também artigos temáticos que são publicados sob outras perspectivas, como em novembro de 1988, quando "Constituição: a família mudou, está mais democrática"²²⁸ apresenta as mudanças que a nova constituição traz a diversos assuntos familiares, como o casamento, o conceito legal de família, filhos adulterinos, licença maternidade e paternidade, planejamento familiar, divórcio e creches. Ou então o caso de "Supermaridos"²²⁹, de maio de 1989, em que a revista descreve diferentes modelos de família, dos mais "modernos" aos mais tradicionais, demonstrando que a noção de supermarido dependeria do que sua esposa e família esperavam dele, variando conforme o núcleo familiar: "Supermarido não é apenas o homem que cozinha e sabe lavar roupa, mas aquele que é sensível o suficiente para perceber as necessidades da esposa e mostrar-se companheiro, solidário, amigo e colaborador."²³⁰

Apesar desses artigos, é importante notar que a tendência dos escritos sobre casamento e família em apontar as mulheres como aquelas que resolviam os problemas foi forte até o final da década de 1980. Desde a programação de final de semana dos pais divorciados com os filhos²³¹, até como ajudar o esposo a superar o desemprego²³², eram questões que a *mulher-Claudia* podia resolver. Para além de um discurso antifeminista, ou ao menos de superação do feminismo, parece que em certa medida o tradicional, que às vezes parecia ter ficado no passado, retorna. Transformado, como não poderia deixar de ser, mas retorna. É interessante observar, em contraste às apreensões em torno da crise do casamento publicadas em **Claudia** no começo da década de 1970, o artigo de novembro de 1987 "Casamento hoje: o que está mudado"²³³.

²²⁷ **Claudia**. São Paulo, nº 329, Ano 28, fevereiro de 1989, p. 38.

²²⁸ **Claudia**. São Paulo, nº 326, Ano 28, novembro de 1988, p. 48-50.

²²⁹ **Claudia**. São Paulo, nº 332, Ano 28, maio de 1989, p. 66-69.

²³⁰ **Claudia**. São Paulo, nº 332, Ano 28, maio de 1989, p. 68.

²³¹ Programas para os pais de fim de semana – O segredo é curtir junto.

Claudia. São Paulo, nº 317, Ano 27, fevereiro de 1988, p. 8-14.

²³² Família – Marido desempregado: como enfrentar a crise. **Claudia**. São Paulo, nº 330, Ano 28, março de 1989, p. 128-131.

²³³ **Claudia**. São Paulo, nº 314, Ano XXVII, novembro de 1987, p. 60-62.

Considero importante fechar esse item (2.2) deste capítulo apresentando o citado artigo porque ele nos traz o movimento de volta, de retomada de certos valores, que também é encontrado na revista no final da década de 1980 quando ela aborda o trabalho, conforme será exposto no próximo item (2.3). Com subtítulos como "Entre o amor e nada, os jovens escolheram o amor", o texto de Marcia Denser²³⁴ nos traz uma perspectiva de retorno mesmo, de retomada de uma instituição que não é mais a mesma, que está renovada e pode agora preencher esse vazio que a década de 1970 criou. A menção ao vazio faz lembrar a imprescindibilidade do casamento. Na diagramação da matéria, em caixa alta, se destaca do texto: "A geração atropelada pela pílula, pelos movimentos feministas, a 'hippie way of life', jogou as velhas instituições no lixo e nada colocou em seu lugar. Agora, surge uma luz no fundo do túnel: o casamento já é possível. Como? Os jovens têm a resposta."²³⁵ É sem dúvida um contraste à ideia repetida na revista na década de 1970 de que, principalmente entre a juventude, "casamento já não dá pé!".

Simultaneamente, é presente um tom de desgosto em referência às transformações da década de 1970, como se o questionamento do casamento como instituição acompanhasse a negação do amor como um todo²³⁶. A busca dos jovens por casamento neste momento, em 1987, é

²³⁴ É importante apontar que, neste trabalho, tenho buscado referências breves sobre as autoras e autores dos textos e charges, tentando encontrar relação com a militância feminista, de esquerda ou, por outro lado, ligação com grupos marcadamente conservadores, para ajudar a contextualizar melhor o conteúdo além da sua inserção em **Claudia**. Às vezes não encontro essas informações na *Internet*, outras vezes encontro informações insuficientes para refletir sobre a inserção política do/a autor/a. Ainda assim, acho importante comentar que, principalmente no site **Wikipedia** (http://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia:P%C3%A1gina_principal)

mas não somente, cita-se a atuação das autoras e autores em revistas e jornais diversos, mas raramente, exceto no caso de colunistas centrais como Carmen da Silva, cita-se a revista **Claudia**. Interpreto esse silêncio sobre **Claudia** no histórico das carreiras dessas/es profissionais como uma possível desvalorização da revista e seu conteúdo por serem voltados às mulheres, às donas de casa e a assuntos considerados corriqueiros ou de menor importância.

²³⁵ **Claudia**. São Paulo, nº 314, Ano XXVII, novembro de 1987, p. 61.

²³⁶ É fato que determinados artigos, como "As santas prisioneiras do amor" de Carmen da Silva, de 1974 e supracitado, levavam a encarar o amor, ao menos como era posto socialmente às mulheres, como algo que as continha, as prendia e as fazia acreditar que era por sua própria vontade, conforme alusão que

retratada então com um ar romântico, uma espécie de iluminação após as trevas emocionais e a anulação dos sentimentos que representaram os anos 70. Apesar da autora reconhecer a superação da dupla moral sexual²³⁷ como um avanço importante e irreversível, ela apresenta a década de 1970 como um período caótico, do qual aparentemente os jovens dos finais dos 80 são capazes de se beneficiar melhor porque não foram submetidos aos traumas e às confusões que essas transformações trouxeram: "Realmente, este é um trabalho de gerações. E eu tenho a impressão que foi a minha que saiu machucada. Anos de holocausto, os 70. Mas foi preciso. Anos de solidão, angústia, depressão, euforia, loucos anos."²³⁸

A dramaticidade na alusão à década anterior, ligada à sensação de tranquilidade, quase de "mundo retornando aos eixos" ao observar que a juventude está encarando o casamento sob uma perspectiva mais otimista, não parece em nada se desligar da proposta geral de uma publicação voltada à mulheres casadas. O casamento foi discutido com seriedade em **Claudia**. Não apenas como uma questão concernente à vida pessoal – e como para as mulheres o pessoal seria muito importante, o amor e o casamento também tinham de ser –, mas também porque a revista se preocupou com as transformações sociais gerais e principalmente as transformações diretas nas vidas das mulheres que decorreram da crise no casamento. Dentre estas mudanças, o trabalho das mulheres, em tempo, qualidade e funções, ganha destaque.

encontramos na figura 18 desta tese. Mas mesmo no caso deste artigo, se apontava para a necessidade da construção de novas relações, não da negação do amor, nem mesmo da negação do casamento. Pensando nisso, em certo sentido "Casamento hoje: o que está mudado" pode ser encarada como uma resposta da publicação a tantas perguntas e dúvidas que ela apresentou às leitoras na década de 1970 sobre o futuro do casamento.

²³⁷ O que nos parece tão interessante quanto o anúncio da morte do patriarcado, no sentido de que não são afirmações costumeiramente realizadas com segurança em nossos dias. Quer dizer, é comum que se admita que dupla moral sexual ou patriarcado não sejam os conceitos ideais para explicar a situação das mulheres como coletivo no mundo hoje. Entretanto, os problemas indicados por esses conceitos, no que se refere às desigualdades com as quais as mulheres se deparam diariamente, não são apontados por mulheres que se identificam como feministas como problemas superados.

²³⁸ **Claudia**. São Paulo, nº 314, Ano XXVII, novembro de 1987, p. 62.

3.3. TRABALHO

AQUI, ENTRE NÓS

Bordar, lembra? Como nossas mães costumavam fazer. Como nossas avós ensinaram. Tirar o risco, pegar na agulha, no dedal, no bastidor, e soltar a imaginação nas cores e no desenho. Quantas de vocês aprenderam na escola e depois nunca mais pegaram numa agulha? Quantas de vocês não sentem vontade de bordar, preparar um presente, agradar ao marido oferecendo uma toalha feita "por você mesma", preparar uma roupinha para o sobrinho mais novo? Claudia vai ensinar você a pegar numa agulha, no dedal, escolher linhas, bastidores, tecidos, tirar riscos, fazer os pontos. Os simples e os mais complicados. Vamos. Você vai aprender a bordar. Uma arte que você, que é mulher, precisa ajudar a fazer renascer. Na página 101 começa a sua grande aventura por essa arte tão antiga. E quem sabe se, depois de aprendê-la, você não conseguirá, ainda, aumentar a renda familiar? (...)²³⁹

É de conhecimento comum que trabalhos extensos, como livros ou teses, costumam levar anos para serem realizados. Esta tese, especificamente, que é resultado do meu vínculo como doutoranda no Programa de Pós Graduação em História na Universidade Federal de Santa Catarina (PPGH - UFSC), e obteve financiamento público, passou por um exame de qualificação em 2013, no qual foi apresentada à banca a introdução e o primeiro capítulo, e muitas partes dela foram divulgadas em eventos acadêmicos através de comunicações orais e apresentações de trabalhos. Além disso, o período de intercâmbio na Argentina em 2014, na *Universidad Nacional de Mar Del Plata*, assim como o contato com a coorientadora estrangeira, possibilitaram que diferentes olhares fossem lançados sobre este texto e seu projeto, o que é sempre enriquecedor. De qualquer maneira, isso é praxe na produção desse tipo de trabalho em nossos dias, mas achei importante expor aqui

²³⁹ FERNANDES, Carlos Alberto. Aqui, entre nós: editorial. **Claudia**. São Paulo, nº 139, Ano XII, abril de 1973, p. 3.

para que leitoras e leitores menos inseridos nesse meio possam entender um pouco melhor o processo que envolve esse tipo de escrita.

Nessas oportunidades de exposição da minha tese ainda em construção, em palestras e eventos acadêmicos, uma das perguntas mais comuns que me fizeram foi: “Por que você chama todas essas atividades de trabalho? Você montou essa grande lista de atividades (vide Apêndice 1) baseada naquilo que você considera trabalho? Baseada naquilo que autoras como Danda Prado nos anos 1970 ou Cristina Bruschini nos anos 2000 consideraram trabalho? **Claudia** chamou essas atividades de trabalho?” A frequência com a qual me deparei com essas questões me levou a perceber que eu não as respondi, até aqui, de maneira satisfatória.

Minha lista de atividades que correspondem a trabalho doméstico disposta no Apêndice 1 foi feita, a partir da análise que realizei da revista, sob a leitura de que estas atividades eram trabalho doméstico²⁴⁰ para **Claudia**. Mas não somente estas atividades foram chamadas de trabalho no magazine. Trabalho, em **Claudia**, é uma palavra às vezes polissêmica, e às vezes é apenas o conceito amplo de trabalho doméstico que tentei apresentar no primeiro capítulo. É trabalho doméstico, gratuito e remunerado, e é trabalho “fora de casa” também. É trabalho de cuidado e reprodução, e do mesmo modo, ou em outros momentos, é trabalho produtivo. É o trabalho associado ao lazer das mulheres, como no caso dos trabalhos manuais, da viagem de férias ou acampamento com a família. Os trabalhos manuais, aliás, são um bom exemplo de como a perspectiva de trabalho da revista pode ser ampla ou difusa: um bordado pode ser uma maneira de agradar o esposo, de manter as tradições das mulheres da família vivas, de oferecer aconchego e demonstrar consideração pelos seus, pode ser um *hobby*, pode ser trabalho doméstico; e pode ser também uma maneira de ganhar dinheiro, um trabalho remunerado. Deste modo, em diferentes ocasiões nesses 20 anos analisados, os trabalhos manuais foram chamados de trabalho em **Claudia**.

²⁴⁰ Já no começo da década de 1970, no número 110 de novembro de 70 (p. 149-150), encontrei uma matéria de duas páginas que descreve de forma condensada as atividades de uma dona de casa de camada média. Intitulada “Nenhuma dona de casa é de ferro”, a matéria narra o dia corrido e repleto de diferentes tarefas que as donas de casa enfrentavam, do mesmo modo em que descreve a desvalorização desse trabalho gratuitamente prestado e suas consequências físicas à saúde das trabalhadoras donas de casa. No capítulo quatro essa matéria será retomada.

Muitas vezes o termo trabalho se refere apenas ao trabalho em casa, e outras vezes apenas ao trabalho fora de casa, e aqui poderemos observar melhor como essa noção de trabalho se transformou no tempo. Mas acho importante ressaltar que, se em nossos dias, a Organização Internacional do Trabalho (OIT) considera os trabalhos de cuidado como trabalho²⁴¹, e se feministas radicais nos anos 1960 e 1970 já consideravam trabalho doméstico como trabalho (reivindicando direitos trabalhistas como previdência, férias e licença maternidade às trabalhadoras donas de casa), a revista **Claudia** também o fez, em diferentes momentos, nos números que consultei em minha pesquisa. O que muitas vezes aparece como “trabalho de casa” em **Claudia** extrapola a faxina e surge como um emaranhado complexo de atividades que envolvem logística, gerenciamento de empregadas/os, transporte de pessoas e materiais, administração financeira, atenção médica ou psicológica e uma série de atividades que são oferecidas por profissionais no mercado.

É interessante observar como o ingresso das mulheres – ou ao menos da *mulher-Claudia* – no mercado de trabalho modifica essa espécie de valoração do trabalho doméstico. Porque chamar de trabalho, atribuir o sentido de trabalho, independentemente da sociedade brasileira não corresponder a um ideal de “ética protestante”²⁴² ou algo assim, ainda é valorizar. E quando os discursos em **Claudia** se voltam cada vez mais à figura da mulher inserida no trabalho formal, por mais que o bem estar familiar continue no centro do discurso da revista,

²⁴¹ Segundo a OIT, "As responsabilidades de trabalhadores/as em relação a filhos, adultos e pessoas com doença ou deficiência são atividades não remuneradas que permitem o funcionamento da sociedade e a reprodução da força de trabalho. Por essa razão, as responsabilidades envolvidas em cuidar da família ou o “trabalho de cuidados não remunerado” constituem um trabalho que gera valor. No entanto, elas estão excluídas dos sistemas de contas nacionais e, consequentemente, dos cálculos do Produto Interno Bruto (PIB) realizados pelos países. Em que pese sua enorme contribuição às economias e sociedades, atividades desse tipo são invisíveis à luz das estatísticas nacionais e dos levantamentos de 'atividades econômicas'." Organização Internacional do Trabalho (OIT) – Escritório no Brasil. **Notas da OIT sobre trabalho e família** – 1. Brasília: OIT, 2009. Disponível em <<http://www.oitbrasil.org.br/content/equil%C3%ADbrio-entre-trabalho-e-fam%C3%ADlia>>. Acesso em 25/01/2015.

²⁴² Pensando aqui no sentido apresentado por WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

outros valores surgem ou ganham espaço. A noção de “divisão de tarefas no lar” fica mais presente, muitas vezes ofuscando o “trabalho de casa” como trabalho. Ocorre sem dúvida uma mudança de perspectiva sobre o trabalho doméstico, quando essa ideia tão forte e estimada de trabalho associada a ele é substituída pela noção de tarefas ou afazeres. Não obstante, como veremos, esse movimento não é linear e contínuo. Nem todas as mulheres representadas na revista, ao final dos anos 1980, trabalhavam fora, muitas trabalhavam e “voltaram ao lar”, e os discursos de emancipação e independência ancorados no trabalho formal se misturam com relatos de sobrecarga de jornadas, falta de atenção à família e trabalho remunerado em domicílio.

O fato é que, em fevereiro de 1970²⁴³, no primeiro exemplar da década que pude consultar, a temática do trabalho estava praticamente abrindo a revista. Antes do sumário, ao seu lado (na página 10, a do sumário era a 11), lê-se, sob o título "Alguma coisa sôbre (sic) trabalho feminino"²⁴⁴, uma descrição breve, de uma página, sobre a situação das mulheres no trabalho formal naquele momento. Comenta-se que em 1970 as mulheres já representavam 27% da força de trabalho mundial, e 20% da força de trabalho brasileira²⁴⁵. Utilizam-se vozes autorizadas: um representante da OIT, uma doutora em economia, uma representante de uma agência de empregos para moças e o diretor da divisão de mão de obra da Secretaria do Trabalho do Estado de São Paulo. Aponta-se a presença ainda marcante do preconceito, principalmente contra as mulheres casadas – de certo modo o justificando porque neste período o empregador arcava sozinho com os custos da licença maternidade –, explica-se que a lei garante igualdade entre os sexos e que desde 1962 o marido não podia mais impedir legalmente que sua esposa trabalhasse. Questionam-se as chances da mulher²⁴⁶ de quarenta anos se inserir no mercado e aponta-se que a melhor forma de derrubar a restrição "mulher não entra" é aumentar o número de mulheres trabalhando, convocando a leitora ao trabalho. Apesar de tentar passar a impressão de ser um texto puramente informativo, ancorado na legitimidade de muitas vozes

²⁴³ Este mesmo número traz, por exemplo, um roteiro para encontrar emprego.

²⁴⁴ **Claudia**. São Paulo, nº 101, Ano IX, fevereiro de 1970, p. 10.

²⁴⁵ Esses dados coincidem com os que apresento no gráfico da Figura 1 desta tese.

²⁴⁶ Muitas vezes eu escrevo mulheres, no plural, referindo-me ao meu ponto de vista sobre a fonte mas, a revista, neste período, comumente aborda "a mulher", no singular, quando discorre sobre os direitos da mulher, sobre a mulher de quarenta anos, a mulher dona de casa etc.

autorizadas, o teor geral que se encontra é conservador, principalmente por fazer de certa forma pesar sobre as mulheres a culpa das desigualdades no mercado, porque há pouca mão de obra qualificada (elas precisam se qualificar), porque se explica com compreensão o motivo do empregador preferir contratar homens, porque para derrubar o preconceito a mulher precisaria trabalhar (no sentido de que seu comodismo sustentaria a situação).

Me interessa frisar deste texto, todavia, o fato de que, mesmo que a inserção mais ampla das mulheres no mercado de trabalho seja algo característico dos discursos presentes em **Claudia** nos anos 80, a temática já era objeto de debate em suas páginas desde os anos 1960, de forma mais enfática com a presença de Carmen da Silva a partir de 1963. A abordagem da revista ao trabalho fora de casa na década de 1970 foi ampla e destacada, repleta de dicas, endereços e *passo-a-passos*, não apenas para encontrar os empregos, mas para convencer ou resolver a situação que se criava nos lares com a saída das esposas de casa e a conseqüente menor atenção dedicada às famílias. Em muitos sentidos podemos afirmar que o problema da *mística feminina* se sentia nas leitoras, através das cartas e depoimentos que a revista publicava, e a atividade profissional remunerada surgiu nesta década como tábua de salvação para os problemas, sobretudo psicológicos e até mesmo existenciais, femininos. Ao mesmo tempo, **Claudia** não perdia de vista sua proposta de praticidade, seu caráter funcional, como podemos observar a seguir no editorial do número 131, de agosto de 1972.

AQUI, ENTRE NÓS

Nove anos atrás, nas páginas de Claudia, Carmen da Silva começava uma campanha contra o tédio da dona de casa. Dizia ela: "Quando alguém se sente abafado numa peça fechada, abre as janelas. A mulher que se asfixia entre as quatro paredes de seu lar tem que abrir as janelas ao mundo. O vasto, o rico mundo que lá fora acena com um ilimitado caudal de experiências e oferece mil possibilidades de auto-realização. Mas esse abrir-se ao mundo deve ser uma atitude total, sem reservas". Com esse aviso, Carmen insistia: toda aquela que não estiver satisfeita com a vida dentro de casa tem o direito de ser feliz procurando uma ocupação que não seja só a de dona de casa.

Carmen atacava sempre: "Ninguém admite que ser um bom esposo e um bom pai é *carreira* para um homem. Dele se esperam realizações pessoais, objetivos vitais bem definidos". Durante esses nove anos, Carmen e Claudia batalharam e batalharam. Mas, pela primeira vez, Claudia resolveu ajudar você de uma maneira mais concreta, mais dinâmica, mais prática. Se você quiser trabalhar, diga o que quer fazer nas páginas de Claudia. Ao mesmo tempo, se você tem algum trabalho para oferecer a uma mulher em qualquer parte do Brasil, anuncie de graça nas páginas de Claudia. É uma nova seção de Claudia "Procure um trabalho", que começa hoje na página 58. (...)"²⁴⁷

Essa ideia de asfixia, de vontade de se abrir para o mundo, se sentir útil, participante da sociedade, está muito presente em quase todo o recorte temporal da pesquisa aqui apresentada. O sentimento de não ser justo que o esposo sustente a casa sozinho em anos difíceis, de crise econômica e inflação, também aparece em muitos depoimentos de leitoras e entrevistadas. A necessidade de organização doméstica, de reestruturação do funcionamento dos lares para que seja possível a inserção das mulheres casadas no trabalho remunerado também ganha destaque desde o começo dos anos 70, e nesse sentido os eletrodomésticos recebem atenção especial, junto à figura de babás²⁴⁸ ou empregadas, na condição de substitutas das donas de casa em

²⁴⁷ Os serviços ou profissões que aparecem nos classificados citados são aquelas tradicionalmente femininas, como datilógrafa, secretária, professora, tradutora, psicóloga, acompanhante, costureira, manicure ou babá. FERNANDES, Carlos Alberto. Aqui, entre nós: editorial. **Claudia**. São Paulo, nº 131, Ano XI, agosto de 1972, p. 3. Neste período o editor chefe da publicação ainda era um homem, o que muda ainda na década de 1970.

²⁴⁸ Especialmente sobre as babás, **Claudia** publicou em maio de 1976: "BABÁ – para a criança ou para você?". A chamada anunciava: "Esta pergunta martela a sua cabeça, e tem dias que você tem vontade de largar tudo, carreira, trabalho, tudo para ficar ao lado do seu filho o tempo todo, como uma verdadeira mãe. Mas a ideia não satisfaz, e a babá passa a ser a sua tábua de salvação, e não apenas alguém que cuida do seu bebê. Vamos enfrentar este impasse." A matéria trazia, em seu final, endereços de agências que ofereciam serviços de babás em grandes capitais. **Claudia**. São Paulo, nº 176, Ano XV, maio de 1976, p. 129-131.

determinadas tarefas, algumas horas por dia ou durante sua ausência do lar.

Quando eu coletei as fontes, meu foco de forma geral foi o trabalho doméstico (li as revistas inteiras, mas não tenho comigo fotografias delas inteiras, apenas das capas, dos índices e editoriais e daquilo que avaleiei dialogar com o trabalho doméstico, preocupação desta tese). Portanto, as matérias e reportagens que tenho sobre o trabalho fora do lar, as tenho porque de alguma forma dialogavam com o trabalho doméstico, seja pela figura da dona de casa que quer trabalhar, seja pelas formas que o trabalho fora afetava o trabalho doméstico. Como, no momento de coleta das fontes, eu não havia planejado ainda escrever este item neste capítulo, posso ter deixado de coletar muitas amostras de discussões exclusivas sobre o trabalho formal, sem diálogo expressivo com o trabalho doméstico. Levando essa conjuntura em conta, e diante das estatísticas das fontes que eu tenho comigo, é possível afirmar que o trabalho doméstico, abertamente discutido e analisado em matérias específicas, perde espaço na década de 1980 na publicação.

Consultei cerca de 70%²⁴⁹ do total das revistas publicadas nos 20 anos da pesquisa, entre 1970 e 1989. Deste total, tive mais acesso a números da década de 1970, sendo que são 57%, em contrapartida a 43% de exemplares dos anos 80. Isso significa que consultei aproximadamente 80% dos exemplares publicados nos anos 70, e apenas 60% dos publicados nos anos 80. Dentro deste universo, destaquei um total de 40 artigos que discutiram o trabalho feminino, remunerado ou não. Destes 40, ainda, 27 são da década de 1970, e apenas 13 são da década de 1980, o que significa que 67% deles são dos anos 70.

Se, diante desses números, formos ponderar o fato exposto anteriormente, de que muitos artigos abordando especificamente o trabalho remunerado podem não estar incluídos no corpus documental com o qual estou trabalhando, a diferença de números de artigos de uma década para a outra pode ser uma evidência de maior discussão sobre o trabalho remunerado nos anos 1980. De qualquer maneira, para além desta hipótese, é possível afirmar que na década de 1970 se discutiu mais sobre trabalho doméstico em **Claudia**, uma vez que o menor número de exemplares consultados nos anos 80 (43% do total) não

²⁴⁹ Arredondando os decimais percentuais e não levando em conta números extras ou especiais.

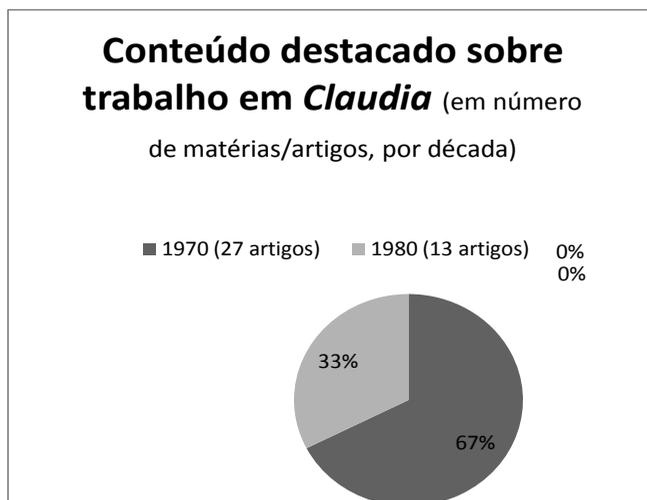
justificaria a grande diferença de artigos que destaquei sobre trabalho entre os anos 80 (33%) e os 70 (quase 67%), lembrando sempre que meu foco na escolha das fontes foi o trabalho doméstico.

Assim sendo, ao menos a partir dos números da revista aqui examinados, quais tipos de padrão são possíveis observar nestas discussões sobre trabalho no decorrer do tempo? A década de 1970, ressaltado, foi marcada pelo incentivo ou apoio à vontade das leitoras – uma vez que **Claudia** buscava se posicionar, ao menos discursivamente, mais como respondendo aos anseios das leitoras do que propondo questões de forma unilateral – de ingressar no mercado de trabalho.

Figura 23



Figura 24



Sobre esse aspecto, algumas discussões do periódico se sobressaem, como a já citada reorganização do trabalho e da rotina doméstica, o que incluía divisão de tarefas com a família²⁵⁰ e uma agenda muito disciplinada: uma rígida programação com cardápios semanais, tempo cronometrado para compras e grade de horário para cada atividade do trabalho de casa, por dia da semana. Os também já citados eletrodomésticos²⁵¹ foram outro aspecto ressaltado pela publicação como imprescindível para a dona de casa que queria trabalhar fora, e nesse sentido lançamentos e novidades, como as secadoras de roupa, ganhavam destaque em artigos acompanhados por

²⁵⁰ Exemplo interessante sobre este aspecto pode ser observado em "Meu marido não me ajuda!" – Como evitar esta frase", em que **Claudia** traz depoimentos de esposas analisados pela voz autorizada da psicóloga Maria Luísa Eluf. **Claudia**. São Paulo, nº 219, Ano XIX, dezembro de 1979, p. 25-26.

²⁵¹ Eletrodomésticos: venci a luta contra o tempo. **Claudia**. São Paulo, nº 150, Ano XIII, março de 1974, p. 58-72.

anúncios publicitários. Inclusive a ideia de uma "cozinha robô" surge, já em 1980²⁵².

A orientação profissional ou os testes vocacionais para adultos parecem ter sido um campo de atuação de grupos especializados como psicólogas/os e outras/os profissionais de recursos humanos, que surge nesse momento para as donas de casa com anseios de ingressar no mercado de trabalho e, ao menos segundo **Claudia**, orientava sempre as mulheres a aproveitar algo que já sabiam para transformar em profissão – decoração, trabalhos manuais, tradução no caso das bilíngues etc. Ademais as descrições, com depoimentos detalhados, às vezes muito emocionais²⁵³, de como alguns desses grupos funcionavam, a revista trouxe, na década de 1970, endereços de lugares que ofereciam esse serviço, assim como endereços de agências de emprego. Para além desse novo setor de recursos humanos, dicas e o *passo a passo, o por onde começar, o como arranjar emprego?*, são encontrados de forma repetida no magazine nesse período. Ademais o *como arranjar emprego?, com quem ficam as crianças?*²⁵⁴ parece ter sido uma pergunta frequente, que despontou em diferentes espaços e de diferentes formas no periódico. Havia opções disponíveis, mas a certeza da escolha da melhor opção

²⁵² **Claudia**. São Paulo, nº 231, Ano XX, dezembro de 1980, p. 182-188.

²⁵³ Um exemplo nesse sentido pode ser encontrado na edição de **Claudia** de junho de 1979, quando a seção "Trabalho", sob o título "CONVERSANDO ELAS ENCONTRARAM UM NOVO CAMINHO PARA SUAS VIDAS", que aparece assim, em caixa alta, trouxe a chamada: "Todas são donas-de-casa e mães da família. Todas têm o mesmo desejo: encontrar uma atividade profissional. Elas estiveram reunidas debatendo seus problemas num grupo de orientação profissional. Eu estive lá, com o objetivo de contar a vocês como cada uma delas encontrou novos caminhos na vida. Os nomes das participantes foram substituídos, para respeitar a privacidade de cada uma, mas as histórias são verdadeiras." Dentro da reportagem, um tópico intitulado "Com a palavra as donas-de-casa", reforça o tom pessoal de depoimento e a carga emocional da temática para muitas donas de casa. **Claudia**. São Paulo, nº 213, Ano XVIII, junho de 1979, p. 250-251.

²⁵⁴ Um exemplo pode ser encontrado na seção "Trabalho", em "Quero trabalhar fora, mas com quem ficam as crianças?", em **Claudia**. São Paulo, nº 193, Ano XVII, outubro de 1977, p. 212. Entretanto, tanto a temática quanto a abordagem a respeito desta se repetem em diferentes espaços nesses anos na publicação. Comumente se aconselhava que o importante não era a quantidade de tempo com as crianças, mas a qualidade do tempo que se passava com elas, e que ficar em casa cheia de tensões também não era saudável para seu crescimento etc. Alguns argumentos que aparentemente ajudavam a aliviar a culpa que muitas das mães sentiam por não se dedicar integralmente à seus filhos e filhas.

parecia atormentar as mães, e a culpa²⁵⁵ por não ficar em casa com as crianças as atacava por inúmeras frentes: quando as crianças pediam que ficassem em casa com elas, quando os esposos levantavam alguma reclamação, quando psicólogos infantis ressaltavam o papel central da mãe na formação das crianças, quando estas adoeciam etc.

Assim, o *trabalhar fora*, que por um lado aliviava as donas de casa dos problemas relacionados à clausura doméstica, mas por outro as penalizava com a dupla jornada e todos os problemas decorrentes desta, precisava ser justificado. A ajuda que o salário da esposa representava no orçamento familiar aparecia nessas justificativas, mas não parecia bastar. Talvez pelo fato das mulheres ingressarem recebendo salários baixos, talvez pelo custo alto de terceirizar muitos dos serviços antes prestados pela dona de casa de tempo integral (como o almoço fora de casa, a lavanderia, serviços de costura, babá etc.). Segundo os depoimentos, o peso do conservadorismo de muitos esposos se fazia sentir nas mulheres²⁵⁶, e o fato das esposas estarem sozinhas, diariamente, em ambientes entendidos como masculinos, aparece como um problema quase implícito: ou quando a revista relata casos de assédio sofridos por secretárias, ou quando ela traz depoimentos de esposos que não entendiam ao certo por que suas esposas queriam trabalhar fora para receber tão pouco e deixar o lar abandonado. Há também relatos de mulheres que se referem à opção pelo trabalho assalariado como "só pensar em si mesmas", no sentido de que na esfera pessoal seria muito gratificante, mas seria necessário um certo grau de abandono da família para que isso fosse possível. Quer dizer, era ainda muito forte a noção de que eram funções exclusivas das esposas o

²⁵⁵ Sobre este aspecto ver "Mamãe: veja como educar seu filho hoje em dia", em **Claudia**. São Paulo, nº 212, Ano XVIII, maio de 1979, p. 193-197. Os dois maiores destaques na diagramação deste texto, além do título, trazem "As mães sentem culpa por trabalhar fora" e "É inútil ficar com seu filho, cheia de tensões". A imagem que acompanha o texto, muito significativa, de uma mãe cabisbaixa, com um bebê no braço direito e uma máquina de escrever no esquerdo, é reproduzida nesta tese no recorte de imagens da figura 27.

²⁵⁶ Sobre este aspecto, vale citar como exemplo o artigo/depoimento "Meu marido não supor.. não respeita meu trabalho.", de abril de 1980, em que se mesclam depoimentos de mulheres que trabalham fora com as considerações a respeito da situação – a insatisfação dos esposos com a inserção profissional das mulheres – elencadas em um simpósio chamado "O papel social do homem e da mulher", presidido por Carmen da Silva naquele ano em São Paulo. **Claudia**. São Paulo, nº 223, Ano XIX, abril de 1980, p. 180-185.

trabalho familiar, doméstico, assim como o manutenção dos laços emocionais e psicológicos nos núcleos familiares.

O que descrevo aqui como década de 1970 adentrou um pouco os anos 1980, e destaquei dentro desse padrão, já na década de 1980, uma carta²⁵⁷, *a cozinha robô* e um artigo muito interessante de setembro de 1981: "Casada. Com filhos. Sem profissão definida. COMO ARRANJAR TRABALHO?"²⁵⁸ O artigo traz exemplos de quatro mães que *se realizaram* profissionalmente, como coloca a revista, por meio de atividades de jardinagem, pintura e trabalhos manuais. Como em artigos anteriores, se fala sobre agências de empregos (fixos ou temporários), orientação vocacional para adultos (citando especificamente o caso do Senac²⁵⁹), os procedimentos necessários para se trabalhar legalmente como autônoma, assim como a importância de ler com atenção o contrato de trabalho. Mas o que chamou minha atenção neste artigo foi sua introdução, pela forma explícita com que se refere ao trabalho doméstico como trabalho, em especial àquele tradicionalmente atribuído às donas de casa de camadas médias: "Hoje se discute muito um tema: a mulher que trabalha. Discussão estranha, essa... Afinal, **toda mulher trabalha**. Organizar a casa, chefiar empregada, orientar filhos é um imenso trabalho, não remunerado e desvalorizado. (...)"²⁶⁰ Em seguida se comentam os conselhos que as entrevistadas oferecem, assim como a equipe editorial de **Claudia**, e a leitora é convidada a se *mexer*, a fazer as coisas acontecerem: "Vá à luta!".

Por mais que esse padrão de abordagem ao trabalho remunerado que encontrei em **Claudia** na década de 1970 se estenda um pouco, até

²⁵⁷ Carta publicada em janeiro de 1980, na qual a leitora elogia o caderno especial de junho de 1979 "Para você viver melhor como dona-de-casa", dizendo que pela primeira vez se sentiu valorizada como dona de casa.

²⁵⁸ Caixa alta presente no título original. **Claudia**. São Paulo, nº 240, Ano XX, setembro de 1981, p. 215-221.

²⁵⁹ O Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC) é uma instituição brasileira de educação profissional aberta a toda a sociedade, criada em 1946. É uma entidade privada com fins públicos, que recebe contribuição compulsória das empresas do comércio e de atividades assemelhadas, administrada nacionalmente pela Confederação Nacional do Comércio. Sua missão é desenvolver pessoas e organizações para o mundo do trabalho através de ações educacionais voltadas ao comércio de bens, serviços e turismo. Mais sobre a instituição em <<http://www.senac.br/institucional/senac.aspx>> Acesso em 07/02/2015.

²⁶⁰ Destaque do original. **Claudia**. São Paulo, nº 240, Ano XX, setembro de 1981, p. 215.

1981, esse tipo de conteúdo é mais intenso no periódico principalmente entre 1976 e 1979, anos nos quais destaquei 18 artigos do total de 27 destacados em toda a década de 70. Depois de 1981, há um salto, uma lacuna de muitos anos nas fontes que destaquei até 1987, quando se aborda o trabalho feminino novamente. Claro que essa separação das fontes que realizei, por mais que tenha se empenhado em ser sistemática, tem algo de subjetiva e também arbitrária. Se nos voltarmos à seção Viva Melhor, como exposto no primeiro item deste capítulo, encontramos na publicação o debate sobre a divisão de tarefas entre membros da família em 1983 e também em 1986, antes de 1987. Mas ainda assim, é um hiato considerável de pouco mais de cinco anos (de setembro de 1981 até fevereiro de 1987) na abordagem do periódico à temática, e em 1987 o ponto de vista lançado sobre o assunto está bastante transformado. Há uma espécie de balanço, de avaliação dos resultados dessa *saída de casa* das esposas, que às vezes mostra um saldo positivo, ponderando sempre as desvantagens, e às vezes aponta para a possível volta ao lar das mulheres, temporária ou não.

Importante ressaltar que estes não são, de forma alguma, padrões fixos nessas temporalidades, e nem é meu objetivo dividir o magazine em períodos acerca das discussões sobre trabalho feminino. Entretanto, é muito interessante observar como se reproduz na revista situações observadas por teóricas feministas em nossos dias. Em especial o fato de que a inserção das mulheres no mercado de trabalho não modificou, substancialmente, a sua responsabilização pelas tarefas de casa. Claro, muitas das dicas sobre como dividir o trabalho com a família, expostas nos itens anteriores, assim como depoimentos de esposos que lavavam louça ou cozinhavam, são tratados como uma situação exemplar, possível no presente e talvez muito mais corrente num futuro próximo. Mas ao mesmo tempo, declarações de esposos que ajudam no trabalho doméstico mas acham muito chato, não gostam de fazer isso ou aquilo, não entendem bem a necessidade da esposa (a quem nunca deixaram faltar nada!) de trabalhar fora, entre outros, nos mostram sinais dessas permanências que podemos perceber também hoje: uma ampla inserção das mulheres no mercado de trabalho acompanhada por uma tímida ajuda e injusta divisão do trabalho doméstico por parte dos homens.

Da década de 1970, vale a pena ainda citar algumas iniciativas especiais de **Claudia** referentes ao trabalho feminino. Nos anos de maior fluxo de discussões acerca desta temática, entre 76 e 79, surge a seção Mulher e Trabalho, assinada por Sônia de Amorim Mascaro. Temos também nesta década três textos de Carmen da Silva voltados

especificamente para a questão (de 72, 77 e 78) e dois cadernos especiais dentro da revista, muito extensos e que abordaram a temática sob diferentes ângulos (de 77 e 79). A seguir observaremos um pouco da discussão desses anos de maior preocupação editorial com o trabalho feminino.

Em abril de 1977 o periódico lança uma coluna mensal intitulada *A Mulher que Trabalha*, que mais tarde foi chamada de *Mulher e Trabalho* e às vezes apenas de *Trabalho*, trazendo por alguns números inclusive um selo próprio, como uma marca gráfica. Em sua estreia, a responsável pela coluna é apresentada: "Sônia de Amorim, talvez como você, parou de trabalhar para casar e ter filhos. Agora, seis anos depois, ela volta para **Claudia**. E vai conversar com você sobre esse tema: a mulher e o trabalho."²⁶¹ Esta seção foi caracterizada pela busca por conselhos diretos e práticos, e dialogou tanto com ideias mais progressistas quanto mais conservadoras. Por exemplo, em seu segundo número, em maio de 1977, ao aconselhar sobre reorganizar o esquema de funcionamento doméstico para possibilitar a saída da leitora de casa, marcava a importância de elaborar um esquema no qual o esposo estivesse incluído, o que pode ser considerado progressista, inclusive por não se utilizar da noção de *ajuda* dele em casa, que poderia soar como mais limitada. Ao mesmo tempo, entretanto, aconselhava a dona de casa a se organizar de modo que não sentissem sua ausência no lar, quer dizer, voltava para a leitora a responsabilidade de garantir o bom andamento de tudo, inclusive evitando reclamações sobre sua ausência.

A própria colunista relatou o mal estar que sentiu, no decorrer dos anos, ao perceber que estava se perdendo na vida doméstica, o medo de não conseguir voltar a trabalhar fora, e a falta que a realização profissional fez na sua vida nos anos em que ficou em casa cuidando dos filhos. Foi uma coluna que dialogou muito bem com as propostas gerais de **Claudia**: trazia algumas noções feministas, mas sempre apresentava muitos pontos de vista e visões mais tradicionais, evitando desentendimentos entre os casais ou o desagrado a leitoras que não buscavam relações ou casamentos profundamente transformados, apenas queriam trabalhar fora de casa e manter, dentro das possibilidades, as antigas relações conjugais. Sob esta perspectiva, inclusive o trabalho voluntário aparece como sugestão na coluna em outubro de 1978. Este poderia resolver o problema pessoal das donas de casa de se sentirem "parte do mundo", de ingressarem na esfera pública, mas sem tomar todo o tempo nem exigir todas as responsabilidades que o trabalho

²⁶¹ **Claudia**. São Paulo, nº 187, Ano XVI, abril de 1977, p. 144-5.

formal remunerado exigia, afetando muito menos assim o esquema familiar e o trabalho prestado à família pelas esposas.

Dois cadernos especiais sobre trabalho feminino foram publicados em **Claudia** na década de 1970 também apresentando esse caráter ambíguo ou paradoxal²⁶². Talvez os paradoxos fossem até mais expressivos, porque além de ideias, autoras feministas como Evelyne Sullerot e Ruth Cardoso foram utilizadas, ao lado de noções mais conservadoras como as já citadas de outros momentos da revista, em que se aconselha organizar tudo em casa para que a ausência da mãe seja possível e, de preferência, não seja muito notada. No primeiro destes cadernos, de junho de 1977, "As mulheres falam de trabalho (dentro e fora de casa)"²⁶³, o próprio título já nos apresenta o trabalho de casa, o trabalho doméstico, como trabalho. Comenta-se que "nunca se falou tanto em trabalho quanto agora", e se aborda a importância e a desvalorização social do trabalho doméstico.

Uma queixa comum: trabalho doméstico não me realiza. (...) Ninguém pode negar a contribuição social das atividades de uma dona-de-casa (sic). A tarefa é árdua e envolve um grande número de responsabilidades, como educação dos filhos, preocupação com alimentação, saúde e higiene de toda a família. Mas, como os fatos não são percebidos assim, não são valorizados, ao passo que, quando a mulher exerce uma atividade fora

²⁶² É importante levarmos em conta que os paradoxos em **Claudia** podem ser interpretados como uma maneira de dialogar com um público amplo, abarcando muitas opiniões, mas também como uma característica necessária quando se visa a transformação. Quer dizer, posições radicalmente transformadoras e politicamente fechadas/alinhas às vezes não são estratégicas, veem-se estagnadas por não fomentarem o diálogo com o *mainstream*. Historicamente, podemos pensar sobre os paradoxos como um espaço de atuação para a transformação social e em especial para os feminismos, não somente porque a história humana é complexa e não linear, mas também porque através dos paradoxos as identificações com determinada posição progressista, como o feminismo, talvez sejam mais acessíveis. Apesar de não ser o foco central da obra, para ajudar a refletir sobre algumas dessas questões pode ser interessante a leitura de SCOTT, Joan. **A cidadã paradoxal**: as feministas francesas e os direitos do homem. Florianópolis, Ed. Mulheres, 2002.

²⁶³ **Claudia**. São Paulo, nº 189, Ano XVI, junho de 1977, p. 141-156.

do lar, ocorre a valorização social de sua atividade porque seu trabalho fica mais evidente.²⁶⁴

O caderno também aconselha planejar a divisão de tarefas do lar, quer dizer, busca de fato descentralizar as funções familiares domésticas da figura da esposa, e traz afirmações marcadamente feministas, por exemplo de que a casa deve ser uma preocupação do mundo, em destaque no texto, o que nos remete à ideia de que o privado é político, e o trabalho doméstico é um problema social, não individual de cada família. É importante salientar que estes cadernos trazem pequenos textos assinados por diferentes pessoas (geralmente mulheres), e alguns textos sem assinatura. Isso nos ajuda a compreender melhor como em alguns momentos parecem avançar no debate e, em outros, parecem dar "um passo atrás", quando afirmações mais polêmicas vêm assinadas e aquelas partes que não oferecem nenhum desacordo com a linha editorial geral do periódico aparecem sem assinatura.

O segundo caderno especial sobre trabalho publicado em **Claudia** na década de 1970, de junho de 1979, foi citado no capítulo anterior e se intitula "Para você viver melhor como dona-de-casa". É extenso, com mais ou menos 20 páginas, e desta vez é assinado, por Sônia de Amorim Mascaro – a mesma responsável pela coluna Mulher e Trabalho. O caderno começa com um diário, descrevendo todas as atividades da dona de casa e afirmando que ela trabalha em tempo integral. Este diário lembra em muitos aspectos um quadrinho retirado do **Brasil Mulher**, reproduzido nesta tese na Figura 2, o que nos permite interpretar como uma visão feminista da revista sobre o trabalho doméstico. Há referência constante, tanto neste caderno quanto no anterior, à empregada doméstica. Esta aparece como uma presença marcante nos depoimentos reproduzidos e na própria constituição identitária da *mulher-Claudia* como dona de casa de classe média. O contratar, ensinar, explicar, gerenciar, quer dizer, o trabalho direto com essa prestação de serviço aparece na lista de afazeres da dona de casa, trabalhe ela fora de casa ou não.

Neste caderno de 79 se destaca a presença de autoras feministas, quer dizer, muitas das vozes autorizadas consultadas são associadas ao feminismo, como Carmen Barroso e Silvia Pimentel, e muitas chamadas em destaque são palavras de ordem feministas: mãe de família é uma profissão; o seu trabalho não tem preço; dona de casa, lute pelos seus direitos!; ele vai ser dono de casa também; por que nos sentimos tão

²⁶⁴ Ibidem, p. 143.

desvalorizadas; entre outras, incluindo referências à socialização do trabalho doméstico e divisão das tarefas no lar com fortes semelhanças às discussões realizadas pelos feminismos brasileiros no período. Ao mesmo tempo, todavia, o que podemos chamar aqui de *mais do mesmo*, quer dizer, repetidas discussões sobre a questão do trabalho encontradas em muitos outros artigos da revista, também são encontradas neste caderno, como: organize sua casa, facilite sua vida; veja como é fácil limpar; estas máquinas trabalham por você; lista de dicas para limpar, lavar e passar; além de listas com telefones e endereços de inúmeros prestadores de serviços em grandes capitais para substituir o trabalho da dona de casa (prestadores os quais, vale lembrar, é tarefa dela contratar, pois garantir as redes de substituição de seu trabalho em casa é, ainda, sua função).²⁶⁵

Carmen da Silva, como era comum em sua coluna, discutiu a temática sob óticas particulares. Além de trazer preocupações feministas que também podiam ser encontradas em outras seções da revista, seu foco nas questões identitárias e psicológicas das leitoras, assim como nos condicionamentos comportamentais de homens e mulheres, levaram o debate para caminhos dessemelhantes daqueles mais corriqueiros sobre mulher e trabalho presentes na publicação. Em maio de 1977, em "Considerações em torno da carta de um homem"²⁶⁶, a colunista parte da carta que recebeu de um leitor sobre as relações entre homens e mulheres no trabalho, e a diferenciação de tratamento entre eles e elas, para discutir algumas questões.

Ela encara o leitor que a escreveu como *mente aberta*, sem grandes hostilidades, ao menos em princípio, contra o feminismo. Ao descrever sua carta, que aborda a questão do cavalheirismo e dos tratamentos diferenciados que as mulheres recebiam no trabalho (inclusive as maneiras como elas respondiam às críticas ou advertências, que seriam inadmissíveis caso fossem homens), Carmen aborda uma série de questões sobre o trabalho feminino. Ela considera importante deixar claro que mesmo as donas de casa de classe média, em sua maioria, estavam inseridas no mercado de trabalho por questões econômicas, desconstruindo a ideia de que o trabalho feminino e a tal busca por realização pessoal que tanto se comentava era um capricho de donas de casa entediadas.

²⁶⁵ COSTA, S. Op. Cit., 2002.

²⁶⁶ **Claudia**. São Paulo, nº 188, Ano XVI, maio de 1977, p. 175-180.

A partir disso ela defende que, por mais que as mulheres tivessem treinamento profissional (quer dizer, eram graduadas, ou terminaram seus cursos técnicos), elas não eram ainda, neste período, educadas para serem profissionais. Eram educadas para serem mães de família. Apesar do treino (em datilografia, por exemplo) e da formação necessária à profissão, a brasileira de classe média era educada ainda para o casamento, não para o trabalho. Então todos os traços da personalidade feminina que o leitor apontou como armas usadas por mulheres nas relações de trabalho para conseguir o que queriam (como a sensibilização dos demais colegas ou chefes a partir do choro), seriam a maneira patriarcal, tradicional das mulheres de lidar com certas situações. Quer dizer, despertar nos homens a sensação de proteção, se mostrar menor ou mais frágil para ter atenção, mais do que uma arma utilizada de forma dissimulada, seria a maneira que as mulheres conheciam, a forma como foram educadas para lidar com situações de conflito.

Ideia semelhante é exposta sobre a competição no trabalho: as mulheres, educadas para administrar a família, enxergariam na competição algo negativo e perverso. Se fossem educadas para o trabalho, como eram os homens, talvez encarassem a competição como mais uma parte do jogo, deste ambiente, como acontecia com eles. A autora ainda explorou mais profundamente os condicionamentos femininos, desde a juventude, em busca da aprovação masculina e reiterou que seria normal que pessoas educadas para cuidar de unidades domésticas, calcadas no sentimentalismo, tivessem dificuldades em se enquadrar no ambiente profissional. As lágrimas e sorrisos das mulheres não seriam, assim, contra o sistema patriarcal: seriam a imagem de feminilidade que este sistema as impunha.

Retomando os debates de Carole Pateman²⁶⁷, pode ser interessante pensar por quais caminhos se deram as apropriações de Carmen da Silva da noção de patriarcado. Pateman argumenta que o contrato social moderno, sobre o qual está calcada nossa noção de cidadania e de indivíduo, é essencialmente patriarcal, uma vez que o indivíduo, o cidadão, o proprietário, era homem, não mulher (o homem universal e a mulher universal, modernos). Aplicar essa noção de cidadania às mulheres, como o feminismo tem feito, subverte a ordem inicial do contrato social moderno em algum sentido, mas o faz com base nas regras do próprio contrato. A autora discute a questão do uso das premissas contratuais também por socialistas. Ela não aponta que

²⁶⁷ PATEMAN, C. Op. Cit., 1993.

seja problemático esse uso tático em si, quer dizer, é importante que em nossas sociedades as mulheres e os trabalhadores também sejam cidadãs(ãos), também tenham acesso à propriedade, também se entendam como indivíduos. O que a autora questiona é se os feminismos, ou os movimentos de esquerda, têm consciência de que estão abraçando as premissas do contrato social moderno, que segundo ela é essencialmente patriarcal e estrutura a sociedade civil capitalista.

Essas observações podem, diante do volume de publicações de Carmen da Silva sobre o "eu" feminino, sobre a construção da individualidade das mulheres, nos levar a questionar se esses eram problemas presentes para a colunista ou não. O fato de Carmen da Silva às vezes se referir ao patriarcado como sistema patriarcal não significa necessariamente que ela o entendesse como a-histórico, trans-histórico ou universal. Pelos seus escritos, também podemos inferir que a colunista não via o patriarcado contemporâneo do mesmo modo que o patriarcado calcado na paternidade e no parentesco, da antiguidade. Apesar de considerar o importante papel do casamento no patriarcado moderno, Carole Pateman, assim como Carmen da Silva, entendia que o patriarcado contemporâneo afetava todas as mulheres, inclusive as não casadas. São algumas questões para reflexão, as quais não tenho condições de responder de forma direta, mas podem nos ajudar a observar e pensar sobre os frequentes usos de Carmen da Silva do termo patriarcado ou algum de seus derivados.

Ainda dentre os textos de Carmen, em "Para ele, ela quer rua e liberdade", de agosto de 1978, a chamada expõe de maneira sucinta a complicada situação das mulheres casadas com emprego:

Quando a mulher resolve trabalhar, geralmente enfrenta um fogo cerrado. Dentro de casa é o marido, que inventa pretextos para desanimá-la. Fora, é o patrão, que ainda tem muitos preconceitos contra a mulher. Porém, diplomada e apta a exercer sua profissão, ela poderá se frustrar para sempre, caso não leve adiante a iniciativa.²⁶⁸

Baseada em inúmeras cartas de leitoras, as quais a colunista afirmou que traziam depoimentos muito semelhantes, é escrito um texto sobre Maria, uma leitora fictícia, um misto dos depoimentos recolhidos.

²⁶⁸ **Claudia.** São Paulo, nº 203, Ano XVII, agosto de 1978, p. 217.

Descrevem-se as resistências do marido à "saída de casa" de sua esposa, mesmo que com os filhos já maiores, e principalmente quando não há uma razão econômica para tanto, no sentido da família não enfrentar dificuldades financeiras. A realização pessoal de mulheres com formação (engenheiras, advogadas, sociólogas etc.), segundo seus esposos, poderia ser encontrada em atividades feitas a partir de casa, como traduções ou aulas particulares. Além desta situação em casa, no momento de serem contratadas, os patrões não compreendiam porque queriam trabalhar se não eram nem solteiras nem desquitadas e, ao perceberem que eram casadas, ofereciam salários menores (como se em contrapartida oferecessem salários maiores a mães ou pais que sustentavam muitos filhos!). Se demonstrassem muito brilhantismo, eram rejeitadas porque "mulher inteligente dá trabalho"²⁶⁹. Só se contratavam mulheres em busca de docilidade e subserviência. Relata-se que quanto mais o trabalho exigia das mulheres, mais seus esposos exigiam delas sexualmente, buscando diminuí-las em algum setor de suas vidas, preferencialmente aquele "que realmente importa", seu "papel de mulher". Quer dizer, mesmo que aparentemente houvesse aceitação tanto dos contratantes quanto dos esposos, se percebia com clareza, como traz um dos subtítulos do artigo, que "ela vai trabalhar e o mundo protesta"²⁷⁰.

Muitíssimo interessante, do ponto de vista feminista, é como a autora fecha o artigo. Problematizando novamente o sistema patriarcal, e questionando o mito do *homem certo*, Carmen da Silva afirma:

Não quero dizer que ele não exista. Ou que não haja um homem *mais certo* para determinada mulher. Deve haver alguns até certíssimos. Só que, como bem diz o lugar-comum, encontrá-los é tirar a sorte grande: as felizardas são a exceção e não a regra. Não vai nisso qualquer antagonismo ou má vontade contra o sexo masculino, não há nada errado em sua natureza, nenhum homem nasce com a marca do carrasco na testa. Pelo contrário, potencialmente eles têm tudo para gratificar a mais exigente das mulheres. O grande obstáculo são séculos de condicionamento patriarcal sistemático, distorcendo, retorcendo, dificultando ao máximo um relacionamento

²⁶⁹ Ibidem, p. 220.

²⁷⁰ Ibidem, p. 219.

espontâneo e harmonioso entre os sexos. Para ajustar-se ao modelo oficial de masculinidade, o homem tem de ser forte, duro, insensível, apto para impor-se, dominar, desdenhar sentimentalismos. Seu prestígio e respeitabilidade dependem de que ele afirme a superioridade de seu sexo – e isso implica mutilar a personalidade da companheira, abafar sua expansão, frustrá-la em todos os planos: social, intelectual, emocional, sexual. O homem nasce capaz de amor, ternura, generosidade, doação; o processo de obrigá-lo a transformar-se em opressor para não ser considerado "pouco homem" é a mais monstruosa violência que o sistema patriarcal comete contra ele e contra nós.

As Marias precisam tomar consciência de seus problemas, suas muito justificadas queixas pessoais inscrevem-se num âmbito mais vasto. O objetivo a conquistar transcende o individual e exige a soma de esforços numa luta comum.²⁷¹

O discurso de Carmen da Silva aqui apresentado dialoga muito bem com discursos de grupos feministas brasileiros da década de 1970, buscando uma luta de superação do patriarcado em conjunto com os homens e frisando que os problemas que muitas mulheres acreditavam ser pessoais e privados²⁷², que aconteciam apenas em seus casamentos ou suas vidas, faziam parte daquilo que chamavam de *condição feminina*, e sua resolução exigiria esforços comuns. Quer dizer, eram questões feministas, políticas, que deveriam ser resolvidas de forma coletiva ou, ao menos, também de forma coletiva. A mote *o pessoal é político*, muito forte nos feminismos do período, tem espaço marcado nesse artigo.

²⁷¹ Ibidem, p. 221.

²⁷² Interessante notar que as observações de Carmen da Silva sobre os depoimentos de suas leitoras são em muitos sentidos semelhantes às observações de grupos de reflexão feministas, que levavam as mulheres a perceber que seus problemas pessoais eram comuns a muitas mulheres, e que eram portanto problemas coletivos, questões políticas que afetavam as mulheres como grupo, por serem mulheres. Para ler mais sobre os grupos de reflexão ou grupos de consciência feministas, ver PEDRO, J.; WOLFF, C. Op. Cit., 2007 e PEDRO, J. Op. Cit., 2006.

Todavia, nem só de discursos feministas sobre o trabalho feminino se fez a **Claudia** da década de 1970. Em 1978, mesmo ano em que foi publicado o trecho supracitado, temos dois exemplos, em espaços menores da revista, de discursos mais conservadores a respeito da questão. Em setembro, o teste "ENTRE A MULHER E A DONA-DE-CASA QUEM VENCE?", que aparece assim, em caixa alta, traz a chamada

Vamos falar sinceramente: afinal, quem é você? Uma dona-de-casa (sic) rabugenta, preocupada com o chão encerado e a hora do almoço? Ou você é do tipo que nem se preocupa se tem comida para o jantar? Este teste vai ajudar você a conseguir o equilíbrio. Vamos lá!²⁷³

No decorrer do teste ainda se questiona "será que ele é mais um 'hóspede' do que um companheiro?". Esse questionamento em especial é encontrado, por exemplo, em escritos de **Claudia** mais centrados em noções feministas, em que se estimula incluir o esposo de forma efetiva na rotina da casa, na limpeza, na organização, considerando que muitas vezes a falta de colaboração dele em casa estaria ligada ao fato das esposas tenderem a controlar e centralizar tudo na esfera doméstica. Mas no caso deste teste, o discurso é muito diferente: defende-se que a casa deve ser antes um espaço acolhedor para ele que um templo de limpeza e organização. Ignora-se o próprio fato da esposa que não leva a limpeza de casa tão a sério se sentir mais leve, mais despreocupada. O teste não está focado em seu bem-estar, e sim em como é bom para ele ter uma esposa mais bem humorada e tranquila. Usam-se expressões como romantismo, casamento harmonioso e amante.

Em parte devido àquilo de irresistível que há nestes questionários (perguntas diretas e respostas prontas sobre nossa personalidade, talvez?), em parte para ajudar a refletir um pouco sobre o mesmo, realizei o teste. Como fruto de outra geração, seria esperado que minhas respostas levassem ao resultado mais despojado, se podemos chamar assim. Das três opções de resultado, entre a esposa que só se preocupa com os afazeres domésticos, a que se preocupa com os afazeres domésticos e com o casamento, e a que centra a vida no casamento, meu resultado foi o último. A resposta parece positiva, afirmando que eu encaro meu conjugue como um companheiro para todas as horas, quer

²⁷³ **Claudia**. São Paulo, nº 204, Ano XVII, setembro de 1978, p. 223.

dizer, eu seria mais "mulher" do que "dona de casa". Entretanto, se comemora o tipo de relação que eu teria, segundo o teste, com afirmações como

(...) Procure conservar esse seu estilo de vida, cultive o romantismo e coloque, como sempre fez, o seu marido como prioridade absoluta dentro de casa. Seria lastimável se você trocasse essa atmosfera tão agradável em que vivem, apesar da sua casa não ser exatamente um "brinco", por uma maratona de limpeza e quitutes. (...) ²⁷⁴

O foco no esposo, como centro das atenções domésticas, como centro da relação conjugal, nos lembra em muito as sistematizações de Danda Prado observadas nesta tese em seu primeiro capítulo, quando classificou o trabalho doméstico em três grandes categorias: serviços diretos prestados ao marido; serviços ministrados aos filhos do marido; encargos do lar de seu marido ²⁷⁵. Parece que a recomendação comum às donas de casa mais tradicionais era de terminar o serviço doméstico antes da chegada do esposo em casa, porque a noção de lar consolidada nos séculos XVII e XVIII na Europa ²⁷⁶ e que se fez presente no Brasil na segunda metade do século XX, separava o lar do trabalho. O lar seria espaço de calma, afeto, atenção, intimidade e privacidade; refúgio do barulho, da sujeira, da cruel competição do "mundo lá fora". O que pouco combinava, por exemplo, com a figura da dona de casa, às vezes com o auxílio da empregada, usando a barulhenta enceradeira, gritando com o esposo e as crianças para não estragarem de pronto seu trabalho recém realizado. E seria tarefa da esposa, como tantas outras, garantir esse ideal de lar, receptivo à volta para casa do marido e das crianças. Quer dizer, mesmo que a revista admita em diferentes momentos que o lar era espaço de trabalho para a dona de casa, não deveria ser essa a sensação que seu esposo sentiria ao chegar após a jornada de trabalho dele.

Além disso, o foco de **Claudia** nas relações conjugais, que se mostra constante na década de 1970, e o amplo uso de vozes autorizadas

²⁷⁴ Ibidem, p. 225.

²⁷⁵ PRADO, D. Op. Cit., 1979, p. 95.

²⁷⁶ Sobre esta questão, ver HALL, Catherine. Sweet home. In: ARIÈS, F.; DUBY, G. (orgs). **História da vida privada IV**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991 e HOLLOWNS, J. Op Cit., 2008.

de psicólogos, psiquiatras, sexólogos e conselheiros de casais, em conjunto ainda com a abertura para o diálogo mais direto sobre sexo, aumenta o enfoque das funções da dona de casa ao que a publicação chamou de *papel de mulher* em contrapartida ao *papel de dona de casa*. O *agradar o esposo* parece ter se deslocado de alguma forma da casa impecável e dos dotes culinários para a desenvoltura social e sexual. Na seção *Amar Melhor*, em agosto de 1978, se publica a dúvida de uma leitora sob o título "O casal deve ter amor e compreensão até quando divide tarefas do lar", que é o segundo exemplo de abordagem mais conservadora da questão que trago do citado ano.

Esse título pode não demonstrar nenhuma contraposição à ideais de um feminismo heterossexual, apesar que o "até quando" sugere que a divisão de tarefas do lar certamente traria conflitos e afetaria o amor e compreensão do casal. A leitora relata que ambos trabalhavam fora, e que dividiam sem critério as tarefas de casa, mas ela sentia que saía em desvantagem. Ao mesmo tempo em que não tinha disposição para chamar a atenção do marido, ficava emburrada sempre que percebia a situação. A recomendação da revista foi pelo caminho do bom senso (por exemplo, quem ficava com o carro ou trabalhava durante menores jornadas seria responsável por tarefas como as compras ou levar as crianças na escola), apontando o diálogo como a melhor forma de resolver uma situação como esta. Entretanto, a resposta começa alertando ao risco de se tomar o "perigoso caminho da medição". Em muito, pode-se ter a impressão de que a leitora deveria agradecer ao fato de que seu esposo a ajudava em algumas tarefas do lar (não se fala em trabalho aqui), e que seria infantil e infundado se emburrar quando se sentia sobrecarregada.

Após um grande espaço de tempo (mais de cinco anos) em que a discussão sobre o trabalho feminino parece ter perdido fôlego, ou quase desaparecido na amostragem de fontes que tenho de **Claudia**, em 1987 o tema ressurge com força. Destaquei, deste ano, uma carta de leitora e cinco artigos – um deles dentro da *Viva Melhor* – que discutiram a temática. Como afirmado anteriormente, esse retorno das preocupações sobre o trabalho feminino traz questões muito diferentes daquelas elencadas pelos questionadores anos 1970.

A carta, publicada em fevereiro de 1987²⁷⁷, faz referência a uma matéria de dezembro de 1986 (o que indica que essa discussão esteve presente na revista já em 86, mas infelizmente não pude consultar esse exemplar) intitulada "Podemos ter filhos e trabalhar". A leitora admite

²⁷⁷ **Claudia**. São Paulo, nº 305, Ano XXVI, fevereiro de 1987, p. 9.

na carta que se sentiu dividida ao ler a matéria: ao mesmo tempo em que admirou os exemplos das mulheres que puderam conciliar com relativa tranquilidade o trabalho e o cuidado com os filhos, teve aquela reação de julgamento de que essas mulheres só pensavam em si mesmas. Continua elogiando a matéria e, mesmo não achando que vá logo correr atrás de trabalho – o qual largou por medo ou pressão familiar de deixar os filhos com estranhos –, enxergou no artigo uma visão realista e otimista deste problema tão comum a boa parte das mulheres.

Essa posição um pouco dividida sobre o trabalho remunerado, como algo bom para as mulheres casadas dependendo da situação, ou que pode ser bom para outras mulheres mas não necessariamente "para mim", já passa uma impressão de forma geral mais conservadora do que o conteúdo encontrado em **Claudia** nos anos 1970, principalmente a partir de meados da década, quando a vontade de trabalhar fora marcou presença entre os depoimentos das leitoras, e as interrupções na vida profissional devido às gestações e pouca idade das crianças pareciam temporárias.

Entretanto, é uma posição que dialoga bem com as abordagens da temática que encontrei na revista na segunda metade dos anos 1980. Com grande número de mulheres donas de casa, mães de família, já atuantes no mercado formal há alguns anos, os escritos voltados ao trabalho feminino nesse momento parecem trazer uma espécie de balanço, nem sempre otimista, dessa nova situação. Em junho de 1987, o artigo "Estamos vencendo no mundo deles"²⁷⁸ traz a chamada "Até parece coisa de supermulher: temos de controlar a casa, dar toda a atenção aos filhos, nos multiplicar em várias. Mas estamos começando a fazer carreira." Artigos da década de 1970 e mesmo os cadernos especiais sobre trabalho feminino, traziam exemplos de mulheres profissionais de nível superior, como médicas, arquitetas ou engenheiras. Entretanto, "Estamos vencendo no mundo deles" foca em cargos de alto escalão, ou em profissões antes não admitidas para mulheres.

Assim, apesar de apresentar um balanço geral, falando sobre preconceito no trabalho (por ser mulher, por ser mulher e não ser atraente, citando rapidamente como a situação é ainda mais complicada para as mulheres negras); falando sobre aspectos culturais que mantinham as mulheres como as únicas responsáveis pelas responsabilidades domésticas (apesar da divisão de tarefas se fazer

²⁷⁸ **Claudia**. São Paulo, nº 309, Ano XXVI, junho de 1987, p. 172-175.

presente no vocabulário das famílias, ao menos das retratadas na publicação); falando sobre salário desigual para formação e trabalhos iguais; sobre as dificuldades de mulheres chefiarem equipes de homens etc.; existe esse foco nas profissões mais valorizadas. Dentre as entrevistas apresentadas, temos a de uma diretora de *marketing* de uma editora, de uma diretora de uma imobiliária de luxo, de uma delegada, da então subdiretora da Fundação Getúlio Vargas, de uma diretora de planejamento e uma presidente de agências publicitárias, e a entrevista de Alda Marco Antônio, secretária do Trabalho do Estado de São Paulo até aquele ano e então secretária do Menor. A psicóloga, a advogada, a socióloga e a filósofa que surgem durante o texto aparecem mais na figura de consultoras, vozes autorizadas, do que como exemplos que o artigo busca elencar. Dentre elas temos Rachel Gutiérrez, que escreveu sobre feminismo na revista neste período, e Cristina Bruschini.

São apontadas estatísticas sobre as gritantes diferenças salariais entre homens e mulheres, mesmo quando as mulheres eram superespecializadas. Do mesmo modo, se relacionava a desvalorização da remuneração de determinadas profissões, como a medicina, ao maior número de mulheres buscando esses cursos nas universidades. Depoimentos como "só cresci na profissão porque não tenho marido e filhos" também surgem. Com textos em destaque como "Começar até que é fácil. Difícil é chegar a altos cargos", muitas das questões que ainda hoje podemos relacionar ao trabalho feminino em diferentes lugares do mundo são colocadas neste artigo. O texto é finalizado comentando as expectativas sobre a constituinte: igualdade constitucional entre os sexos, licença maternidade e paternidade e aposentadoria para donas de casa. A última citação em destaque, de Alda Marco Antonio, dialoga com uma das mais centrais reivindicações dos feminismos brasileiros da década de 1970: "A dona de casa não é considerada trabalhadora. Como se ela não gerasse riquezas para a família, permitindo que o marido e filhos trabalhem."²⁷⁹ O final do texto também é esperançoso, apontando que há ainda muito a melhorar, mas que grandes avanços teriam sido conquistados nos últimos anos.

Não encontrei, na década de 1970, uma reunião de tantos exemplos de mulheres bem sucedidas em carreiras tão valorizadas e bem remuneradas, principalmente em um espaço tão curto de texto (são três páginas cheias). Mas é curioso percebermos que, no mesmo número em que foi publicado "Estamos vencendo no mundo deles", de junho de 1987, a Viva Melhor traz um texto que ocupa duas páginas, intitulado

²⁷⁹ Ibidem, p. 175.

"A difícil parada". Ele aborda a sobrecarga com a qual conviviam diariamente grande parte das donas de casa.

De manhã, feira. Levar filho na casa do amiguinho. Ao trabalho, já atrasada, respiração suspensa, cortando carros, olha o relógio. Culpa! Volta pra casa na hora do almoço, engole a comida. Deixa a filha na psicóloga, tarde. Aflita, corre o olho no relógio. O pneu do carro no chão, assim não é possível. Crise de choro. Esse cotidiano pesado faz parte da rotina de muitas mulheres que trabalham e seguram a vida dentro de casa (marido, filhos e empregada, quando têm). E que ainda têm a pretensão de ser mais do que um "peão" no trabalho: querem ir mais além profissionalmente, gostariam de ter um tempinho para suas coisas, sua cabeça e seu corpo. Mas cadê tempo? (...)²⁸⁰

Na continuação se comenta como muitas mulheres estão "pedindo um tempo", dando uma parada. Essa parada se refere, principalmente, à vida profissional, porque não parece possível ou razoável parar definitivamente com suas funções domésticas. Entretanto, sob o subtítulo "Dizem que dona de casa não trabalha: mentira!", dão-se dicas de como diminuir o ritmo de trabalho da dona de casa, tirando um tempo para si, contando com o auxílio da família nas tarefas domésticas, não sendo tão fundamental dentro de casa. Ao lado há um quadro com dicas cotidianas para se ganhar tempo, como ter a bolsa organizada, ter um kit de maquiagem em casa e outro igual no trabalho, ser mais prática na cozinha, levar sempre objetos que podem facilitar o dia a dia no carro, ter um corte de cabelo fácil de manter etc. Quer dizer, tem-se clara a ideia de que a "parada" proposta não seria viável ou aceitável à maior parte das mulheres, e então se retorna à noção de organização e disciplina para se economizar o precioso tempo.

Como podemos perceber, a avaliação feita sobre os resultados da inserção mais ampla das mulheres no mercado de trabalho observou as consequências que essas mulheres vinham sofrendo por manterem suas funções tradicionais de donas de casa, ainda que muito transformadas. Diante deste quadro, o próximo número de **Claudia**, de julho de 1987,

²⁸⁰ Ibidem, p. 160-161.

sugere "Ser independente sem sair de casa: uma solução inteligente"²⁸¹. A chamada do artigo que não é assinado, já citado no capítulo anterior, desperta a atenção. Recorto novamente um trecho:

A dona de casa virou uma espécie da Gata Borralheira, numa sociedade que empurra a mulher para trabalhar fora, fazer carreira, ter sucesso na vida. Mas, enquanto tenta se transformar em Cinderela, ela precisa cuidar dos filhos, do marido – enfrenta uma carga muito grande e nem sempre consegue conciliar tanta coisa. A solução pode estar dentro de casa mesmo: a mulher tem muitos meios de exercer uma profissão sem sair do ambiente doméstico, uma alternativa não apenas inteligente mas também chique.²⁸²

O tom de futilidade ou amenidade, ainda que sobre um assunto sério, contrasta bastante com "Estamos vencendo no mundo deles", texto de um número anterior da revista, politicamente bastante marcado. "Ser independente sem sair de casa..." traz, como costumeiramente em **Claudia**, depoimentos de três donas de casa, sobre os quais se constrói o texto. As depoentes não são, de forma alguma, contra o trabalho feminino remunerado, mas fica claro que as relações familiares são prioridade em suas vidas. Não há peso igual entre carreira e família, a família é a prioridade, e não há espaço para discursos de sucesso na carreira para o bem estar da família, como há para os homens. Em conjunto com as três imagens que reproduzo a seguir, compiladas na Figura 25, são destacadas frases como "O importante não é fazer sucesso, é fazer progresso"; "Conciliar trabalho na casa com família, isso é chique pra danar!"; "A mulher é treinada para ser mais versátil que o homem"; "A carreira não pode impedir que a mulher dê atenção aos filhos"; e ainda "As crianças precisam de um refúgio em seu ninho, o lar". As duas últimas são tiradas do depoimento de um médico que é usado como voz autorizada.

As características modernas do traço das figuras (que lembram em algo as tirinhas de Radical Chic, de Miguel Paiva, que foram publicadas na década de 80 no final de **Claudia**), que assim como o artigo não são assinadas, ajudam a reforçar a ideia de que essa volta pra

²⁸¹ **Claudia**. São Paulo, nº 310, Ano XXVI, julho de 1987, p. 149-151.

²⁸² *Ibidem*, p. 149.

casa, ou estar em casa, não seria um retrocesso, não seria retomar a vida "de nossas avós", no sentido negativo que a vida das mulheres de gerações anteriores foram retratadas no magazine, principalmente na década de 1970. O corte de cabelo, as roupas, as joias e, principalmente, a figura do filho sempre feliz, constroem um imaginário de sucesso atrelado ao trabalho em domicílio. Certamente, todas essas justificativas e até certo *glamour* que se busca quando se reforça, mais de uma vez, como poderia ser chique uma mulher exercer uma profissão em casa, são respostas a uma pressão social para as mulheres não apenas trabalharem fora de casa, mas serem bem sucedidas em seu trabalho.

Figura 25



283

Em certos momentos do texto podemos interpretar que se culpa o feminismo por tal situação. Mas o cenário poderia ser avaliado de forma diferente: como se as mulheres fossem tão pressionadas quanto os homens de seu estrato social o eram a atingir o sucesso profissional, e o que pesava sobre elas era uma dupla jornada que deveria ser compartilhada. Porque a pressão para que a família não careça de atenção se soma à pressão profissional, e então realmente se acumulavam funções e o peso psicológico de conciliar com sucesso todas elas era enorme. Culpar o feminismo por criar a dupla jornada deve soar deveras injusto, uma vez que não era reivindicação feminista que as mulheres tomassem conta sozinhas de toda o trabalho

²⁸³ Compilação de imagens do artigo "Ser independente sem sair de casa: uma solução inteligente". Ibidem, p. 149-151.

reprodutivo em diferentes sociedades. Inclusive, é importante citar que o artigo termina falando da importância para a formação das crianças em sentir segurança no lar como um refúgio, um espaço de amor e acolhimento. Entretanto, nem nesse momento, nem no decorrer do texto, cita-se a figura do pai na atenção à família.

Poucas páginas depois de "Ser independente sem sair de casa...", neste mesmo número de julho de 1987, **Claudia** publica "Minha mulher resolveu trabalhar fora"²⁸⁴, o depoimento de um esposo, Sérgio Ribeiro, posto como compreensivo, tentando entender os motivos que levaram sua esposa, a quem se esforça "para não deixar faltar nada", querer trabalhar fora no alto de seus 40 anos. A chamada do depoimento traz

Os filhos cresceram, partiram para seus próprios vãos (sic). O marido continua fiel a sua tarefa de provedor. E chega um dia em que a mulher percebe que quer algo mais para sua rotina diária. Nesse momento, o marido faz uma análise da vida dos dois e, tentando entender os motivos dela, nos dá uma lição de compreensão, mostrando que o diálogo é o primeiro passo para uma nova vida.

O depoente demonstra tentar se mostrar compreensivo, quer dizer, não quer ser identificado como um marido machista ou opressor, mas não há real apoio e estímulo à esposa por parte dele nesse depoimento. Ele utiliza argumentos como "ela teve que trabalhar para sobreviver, não tinha essa de realização pessoal ou conquista feminista" ou "ela tem vontade mas nenhuma formação específica e já 40 anos, sem muita idéia (sic) do que fazer". Salvo o título, que não podemos identificar se é do depoente ou da revista, e a chamada, que parece ser da edição da revista, o depoimento parece estar editado, mas sem interferência ou debate acrescido por parte de **Claudia**. Não há emissão de opinião editorial, não se consultam vozes autorizadas. É importante citar esses fatores porque não é muito comum depoimentos postos dessa forma, sozinhos, na publicação, ainda que não possamos pensar que esteja isolado, já que dialoga com outros conteúdos encontrados na revista. Sem informação adicional de onde veio esse depoimento, se foi uma carta, se a publicação buscou por ele etc., ele traz em destaque, entre aspas (entendo portanto que é texto do depoente, sem edição da publicação): "Será que, aos 40 anos, vai se conformar a começar uma

²⁸⁴ Ibidem, p. 154-155.

coisa do começo, quase forçosamente menor do que seu espaço de pessoa? Ou será que isso vai funcionar como um estímulo para que deixe de ser identificada só como **do lar**? Chegou a hora do **vamos ver**.²⁸⁵

Em novembro, ainda em 1987, **Claudia** publica "Dona de casa: esta mulher vale ouro", artigo que aparentemente é sobre o trabalho doméstico não remunerado, mas durante sua leitura percebe-se que aborda maneiras das donas de casa – aquelas que passaram anos se dedicando apenas à família – terem acesso ao trabalho remunerado. Em alguns sentidos podemos perceber o diálogo que se estabelece entre este artigo e, por exemplo, o depoimento anterior. A ideia de que uma dona de casa faz muito, que é uma figura importante não apenas para sua família mas como para a sociedade pode ser encontrada nesses dois exemplos. Contudo, enquanto no depoimento do esposo, muitas dúvidas são postas sobre as possíveis vantagens de uma dona de casa ir buscar trabalho fora após completar seus quarenta anos, neste artigo se estimula essa busca. A chamada, por exemplo, toca principalmente na questão da valorização do trabalho doméstico, como se pode observar em seguida.

Nos Estados Unidos, suas funções são feitas por agências especializadas, só acessíveis a quem ganha muito dinheiro. Aqui, algumas pessoas já começam a dar valor a esse trabalho que ocupa todas as horas do dia, mas nem por isso dá direito a salário ou promoção. E a dona de casa, esperando que o reconhecimento caia do céu, continua se depreciando, lamentando não saber fazer nada. É hora de refletir e perceber o seu valor.²⁸⁶

Explica-se a variedade e complexidade dos serviços prestados por uma dona de casa à sua família: de motorista à gerente da casa, encarregada das contas, compras e dos consertos, inclusive conhecedora de diferentes investimentos financeiros nos quais faz o dinheiro da família render. Como podemos ver, as descrições são sobretudo de tarefas de donas de casa de estratos médios. Comentam-se os sentimentos conflituosos que surgem quando as crianças crescem ou saem de casa, e a mãe de família passa a não se sentir mais tão útil

²⁸⁵ Ibidem, p. 155. Grifos do autor.

²⁸⁶ **Claudia**. São Paulo, nº 314, Ano XXVII, novembro de 1987, p. 212.

assim. O fato do mercado de trabalho considerar essa mulher multitarefa como alguém *desqualificada*, que nunca trabalhou, soa bastante injusto. Segue-se comentando exemplos dos EUA, onde prestadores de serviços oferecem por altos preços os serviços que muitas donas de casa realizam em seus lares diariamente, como entregar lanche para as crianças, cuidar de um idoso doente ou buscar alguém no aeroporto. Ao mesmo tempo exemplos de homens solteiros que querem contratar alguém para realizar esses serviços em contratos estritamente profissionais, e até um ex-marido que ofereceu salário à ex esposa para que realizasse estes serviços, mostram a importância dessa infraestrutura para a vida das pessoas.

O artigo termina em um ânimo que em muito lembra alguns dos artigos de **Claudia** da década de 1970, dando exemplos de como donas de casa encontraram trabalho remunerado através de seus conhecimentos domésticos, e citando mulheres de sucesso (às vezes atingindo o sucesso quase aos quarenta anos) como estímulo para nunca desistir. Entretanto, é importante destacar que alguns detalhes diferenciam esse artigo daquilo que foi exposto aqui sobre a década de 1970. Por exemplo, quando se fala em utilizar o cozinhar, costurar ou tricotar como caminho para o trabalho remunerado, também se pondera que as donas de casa aprendem muitas diferentes habilidades durante suas vidas, e nada as impede de aprender muitas outras se as oportunidades surgirem. Assim, é um artigo muito voltado à valorização do trabalho doméstico e à autoestima das donas de casa, deixando transparecer que, talvez, o maior obstáculo para o acesso dessas mulheres ao trabalho remunerado fosse a falta de confiança pessoal ou a generalizada desvalorização de suas aptidões.

Nos anos seguintes temos pequenas e raras notas abordando questões que podemos relacionar ao trabalho doméstico e trabalho feminino em **Claudia**, como a notícia de que os aeroportos nos EUA já possuíam fraldários nos quais homens podiam entrar²⁸⁷, um texto que ganhou espaço na capa questionando "Você pagaria pensão para ele?"²⁸⁸ ou o fato de que as mulheres vinham ocupando espaço no serviço militar, no exército, marinha e aeronáutica²⁸⁹.

Entretanto, dos exemplares consultados para esta pesquisa, as últimas reportagens maiores discutindo o trabalho doméstico parecem

²⁸⁷ **Claudia**. São Paulo, nº 318, Ano 27, março de 1988, p. 20.

²⁸⁸ **Claudia**. São Paulo, nº 322, Ano 27, julho de 1988.

²⁸⁹ **Claudia**. São Paulo, nº 334, Ano 28, julho de 1989, p. 49.

ter sido "O sonho não é impossível"²⁹⁰, de abril de 1988, e "A coragem de voltar para casa"²⁹¹, de agosto de 1989. "O sonho não é impossível" é um texto que abordou muitos fatores e veio acompanhado de uma imagem inusitada, reproduzida aqui na Figura 26. Enquanto por exemplo, na Figura 18, que acompanhou artigo de Carmen da Silva, a vassoura ao lado das correntes representava com clareza a percepção de prisão *versus* libertação feminina, este texto não aborda diretamente essa ideia de libertação, talvez entendida pela revista como já superada nesse momento. A chamada anunciava:

Tempo para cuidar de você mesma, seus projetos e sonhos. Um sonho tão distante quanto o de ter um robô, ser uma estrela? Nada disso. Mulheres que conseguiram virar a mesa – e hoje contam com a ajuda de toda a família na manutenção da casa – mostram que isso é possível. E que estão vivendo melhor.²⁹²

²⁹⁰ **Claudia**. São Paulo, n° 319, Ano 27, abril de 1988, p. 158-159.

²⁹¹ **Claudia**. São Paulo, n° 335, Ano 29, agosto de 1989, p. 102-105.

²⁹² **Claudia**. São Paulo, n° 319, Ano 27, abril de 1988, p. 158.

Figura 26 ²⁹³

O texto traz diferentes depoimentos de donas de casa sobre como reorganizar a rotina com o intuito de se sentir melhor, buscar bem estar pessoal, inclusive afirmando em um de seus subtítulos que "mãe tem problemas sim, só que ninguém nota". A necessidade de organização está pautada na ideia de se ter tempo para fazer tudo o que se quer fazer, mas pelos exemplos se percebe que esse "tudo" se resume a trabalhar fora e ainda assim ter uma casa em ordem. Fala-se também que, no caso



das donas de casa de tempo integral, reproduzir na administração doméstica a eficiência de uma empresa ou escritório pode resultar na reprodução também das satisfações que o trabalho produtivo oferece.

Menciona-se recrutar os demais membros da família para o trabalho doméstico, mas a noção de ajuda é muito presente, não se deslocando a responsabilidade do trabalho da mulher. É um texto bastante ambíguo, que parece apontar algumas soluções ora para a mística feminina, ora para a falta de tempo da esposa cumpridora de dupla jornada, mas que tem seus posicionamentos um pouco borrados em nome dessa noção vaga de bem estar ou felicidade feminina.

No ano seguinte, "A coragem de voltar para casa"²⁹⁴ é exemplar no sentido de ilustrar esse incentivo, ou ao menos abertura à

²⁹³ Idem.

possibilidade de volta ao lar, que a revista apresenta a partir de meados da década de 1980. Contando a história pessoal de três mulheres, casadas, com situações familiares e financeiras bastante estáveis, a interrupção de carreiras bem sucedidas para se dedicar exclusivamente à família e em especial às crianças é representada como uma experiência positiva e enriquecedora, que inclusive pôde abrir novas possibilidades profissionais²⁹⁵. A menção à coragem, no título do artigo, nos remete mais uma vez às pressões de sucesso profissional as quais as mulheres estavam submetidas no final da década de 1980. Novamente, a possibilidade de "pausa" no trabalho doméstico não é cogitada. Do mesmo modo, mães desquitadas ou chefes de família não são sequer citadas no texto. A possibilidade das entrevistadas retomarem suas vidas profissionais se mostra aberta, ao mesmo tempo em que a pausa no trabalho formal é retratada como um privilégio e uma vivência que possibilita grande crescimento pessoal e bem estar.

Por mais que o bem estar tenha sido um discurso forte e transversalmente presente no magazine na década de 1980, a esta pesquisa interessa pensar sobre os discursos que focaram no lar, na volta ao lar, ou nas dificuldades de administrar a dupla jornada sendo apresentadas como um problema que as próprias mulheres criaram ao sair de casa. Como vimos na extensa descrição de exemplos aqui apresentados, chega-se mesmo ao ponto de acusar a sociedade – inclusive aí o feminismo – por insistir nesse "modismo" da mulher trabalhar, o que estaria abalando e desestruturando muitas famílias e principalmente afetando a formação das crianças²⁹⁶. Pensando nas mulheres como uma massa volúvel, insegura, manipulável, hesitante, um modismo ou uma vontade de não "ficar pra trás" em comparação às amigas seria uma justificativa plausível para essa "repentina" e "injustificada" vontade das donas de casa de acumular jornadas. Esses são discursos bastantes conservadores. Sobre eles é curioso pensar que, apesar de ganharem

²⁹⁴ **Claudia**. São Paulo, nº 335, Ano 29, agosto de 1989, p. 102-105.

²⁹⁵ Uma das mulheres entrevistadas, que era jornalista, começou a pintar para os filhos em sua volta para casa e a partir disso abandonou o jornalismo e se tornou pintora.

²⁹⁶ Além do próprio conteúdo da revista **Claudia**, podemos encontrar exemplos desses discursos conservadores oficiais, por parte de órgãos governamentais do período, em MELLO, Soraia Carolina de. Diálogos feministas sobre a moral (1964-1988). In: DUARTE, Ana Rita Fonteles; LUCAS, Meize Regina de Lucena (org.). **As mobilizações do gênero pela ditadura militar brasileira – 1964 -1985**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2014.

força a partir de meados dos 80, parecem se coadunar melhor com o regime de exceção²⁹⁷ dos anos 1970 do que com a abertura política (a qual certamente não passou despercebida à equipe editorial de **Claudia**).²⁹⁸

Essa espécie de retomada do conservadorismo, na segunda metade da década de 1980, pôde ser observada também no item anterior deste capítulo, quando há depreciação de ideias feministas ou relatos de jovens sobre a renovada esperança na instituição do casamento (mesmo sendo um casamento transformado). Não estou aqui apontando os casamentos ou as mulheres que são exclusivamente donas de casa como necessariamente conservadores ou reacionários. Entretanto, quando a volta para casa das mães não leva em conta a possibilidade dos pais fazerem o mesmo, de se dedicarem exclusivamente às suas famílias enquanto suas esposas as sustentam financeiramente, podemos concluir que relações desiguais e retomada de valores tradicionais estão presentes nesses contextos. Se o foco fosse simplesmente dar maior atenção e acompanhar o crescimento das crianças, a figura do pai poderia substituir a da mãe no lar, ou o esposo e a esposa poderiam trabalhar meio período cada, revezando esta atenção. Mas o trabalho de meio período não era, ao menos segundo os discursos de **Claudia**, uma opção para os homens.

Este é um fator que nos leva a refletir sobre como os avanços ou aberturas progressistas, nesse caso feministas, não são necessariamente cumulativos nem costumam encontrar linearidade no decorrer da história. Nem mesmo no caso da história de uma publicação (que é concebida cheia de intencionalidades de linearidade) voltada às mulheres, considerada por tantos como texto corriqueiro ou menor. Entretanto, para além das contingências que irremediavelmente permeiam os acontecimentos e as diferentes histórias, talvez seja mais razoável pensar nessa volta conservadora como indício de disputas e relações de poder. Disputas e relações que envolvem visões de mundo e

²⁹⁷ Mais exemplos nesse sentido, em diferentes esferas em que as diretrizes morais do estado de exceção podem ser observadas, são encontrados nos demais capítulos da obra supracitada DUARTE, A.; LUCAS, M. Op. Cit., 2014.

²⁹⁸ Certamente **Claudia** não era um grande alvo da censura mas, como toda a produção editorial legalizada no período, também estava submetida a ela. Além disso, vale lembrar que a revista abordou diretamente a abertura política, discutindo a constituinte (em março de 1985, março de 1987 e junho de 1987, por exemplo) e também a perseguição dos anos anteriores à abertura (em abril de 1987, por exemplo).

concepções de família marcadamente gendradas²⁹⁹, mas também outras questões. Não necessariamente entre homens e mulheres nos lares e no mercado de trabalho, mas também.

Quando as mulheres ingressam no mercado de trabalho modificando o mínimo possível sua relação com o lar e a família, a esfera doméstica se mantém como um espaço de poder, *status* e provação femininos. Uma casa decorada, organizada, limpa, protegida; crianças sadias e felizes que se tornam adultas/os bem sucedidas/os; uma relação conjugal estável e saudável: esses itens, postos como metas, podem ter em alguns momentos perdido força, mas não desapareceram da publicação nos anos consultados. Acredito que sejam metas masculinas também, não apenas femininas. Contudo, a responsabilização direta, diária, do trabalho necessário para atingir tais metas é feminina. Diante das profundas dificuldades e da geral subinserção das mulheres no pleno emprego, a volta ao lar pode ter representado uma busca pessoal, individual, pela prometida satisfação que o trabalho remunerado não pôde oferecer a tantas mulheres. Por outro lado, essa percepção de sucesso voltada à família parece ter se mantido como indispensável para a felicidade das mulheres e, nesse caso, mesmo carreiras bem sucedidas podiam ser deixadas de lado.

Como pudemos observar, em muitos momentos os discursos de bem estar feminino estiveram atrelados à volta ao lar. Sendo esta relação apenas possível para as mulheres, nunca para os homens (não encontrei na publicação, vale repetir, debates sobre como seria melhor para os pais trabalhar meio período enquanto os filhos e filhas são pequenos, por exemplo), podemos entender que a chamada esfera pública e, principalmente, o trabalho remunerado, ainda se mostravam hostis à real inserção feminina. Quando em diferentes momentos **Claudia** apontou o comodismo das mulheres como um empecilho à sua entrada no mercado de trabalho, nem sempre se problematizou por que seria, para elas, mais cômodo optar pelo trabalho doméstico (mesmo se admitindo que esse trabalho representava jornadas inesgotáveis e pouco reconhecimento). Nesses sentidos, nas ocasiões em que o feminismo foi acusado, na revista, por ter sobrecarregado as mulheres com duplas ou triplas jornadas, podemos perceber uma força conservadora ou reacionária, que desvia a discussão do foco que ela deveria ter: uma mudança importante como essa nas organizações familiares – não ter mais a dona de casa todos os dias, por tempo integral, oferecendo infraestrutura à sua família

²⁹⁹ Referente às relações de gênero, marcadas por elas.

– demanda outras transformações para que se realize de modo sustentável – distribuição das responsabilidades domésticas familiares, socialização do trabalho doméstico, novas constituições nas identidades e subjetividades femininas que alterassem sua relação com o lar e o privado, entre outras.

Figura 27

Representações Acerca do
Trabalho Feminino em Claudia entre os 1970 e 1980



300

³⁰⁰ A partir da imagem do topo, em sentido horário, imagens retiradas, respectivamente, dos números 213, 212, 219, 309, 308 e 310 de **Claudia**, de junho, maio e dezembro de 1979, junho, maio de julho de 1987. A noção de

Acima, vê-se uma compilação de algumas imagens encontradas no periódico nas duas décadas pesquisadas, representando visualmente: a "saída de casa" das donas de casa, os problemas decorrentes dessa saída em conjunto com a manutenção de suas responsabilidades domésticas, e a volta ao lar da *mulher-Claudia*. Essa volta ao lar, mesmo que tenha surgido na publicação mais como uma possibilidade do que como um fato na vida da maior parte das mulheres, foi sem dúvida uma questão abordada de meados para o final da década de 1980.

Logo, as imagens sobre o trabalho remunerado da dona de casa de classe média trouxeram, em **Claudia**, um enredado de discursos, às vezes mais positivos, às vezes mais negativos, que nos oferecem um olhar sobre as profundas transformações ocorridas nas estruturas das famílias neste período. Ademais, é possível refletirmos sobre as transformações na relação das donas de casa com o trabalho doméstico em si. Apesar da família não ter perdido a centralidade na vida das mulheres representadas na revista no decorrer dos anos 1970 e 80, a relação dessas mulheres com o trabalho prestado a suas famílias certamente se transforma. Como mencionado anteriormente, a noção de trabalho em muitos momentos se desloca para a noção de tarefas ou afazeres, e em outros momentos trabalho vira uma palavra relacionada exclusivamente ao trabalho remunerado. Vale ressaltar, contudo, que essas mudanças não são sempre sucessivas e lineares, e que o trabalho doméstico ainda é tema abordado na publicação e certamente ocupa muitas horas diárias das mães de família nos finais da década de 1980.

A constituição identitária³⁰¹ da dona de casa, ao menos conforme podemos perceber em **Claudia**, evidentemente se transforma no decorrer desses anos. Essas mudanças, por um lado, trazem a visão de uma mulher mais emancipada, principalmente devido ao trabalho fora de casa – que foi entendido nos escritos da revista, para o bem e para o mal, como fruto do feminismo. Essa mulher emancipada, cumpridora de dupla jornada, a "supermulher", está também sobrecarregada, uma vez que suas responsabilidades domésticas se transformaram mas ainda lhe competiam, dentro do funcionamento dos lares exposto na revista.

representação aqui utilizada é apropriada da história da leitura, principalmente de escritos de Roger Chartier, em diálogo e integrada com noções como discurso e produção subjetiva.

³⁰¹ Que, apesar dos discursos lineares e coesos que a sustentam, pode ser entendida como um processo complexo, irregular, subjetivo e contingente.

Assim sendo, o feminismo foi algo encarado na publicação como necessário, mas um pouco ultrapassado no final dos anos 1980, uma vez que é comemorado por trazer algumas soluções, como o trabalho remunerado, mas acusado de causar novos problemas, como a dupla jornada. Entretanto, em muitos momentos foi entendido pelo magazine como um aliado da dona de casa, que não enxergava mais, necessariamente, uma lacuna ou dicotomia entre o ser uma boa esposa e mãe de família e o ser feminista.

Por outro lado, os discursos idealizados de dona de casa, que de certo modo se distanciam da dedicação integral "aos seus" e se aproximam da noção de bem estar (uma mãe mais tranquila, relaxada, com metas pessoais e emancipada criaria crianças e relações conjugais mais saudáveis), são encontrados na revista com maior frequência na publicidade que em qualquer outro espaço. É imprescindível, portanto, pensarmos sobre como a publicidade, que ocupa talvez metade do total de páginas nas revistas consultadas, é útil para observarmos melhor de que formas se constroem os discursos das mulheres como trabalhadoras do lar em **Claudia**. Do mesmo modo, um olhar sobre a publicidade nos possibilita vislumbrar como uma das importantes funções das donas de casa de camadas médias, a de compradora, se destaca na produção de subjetividades das mesmas no período abordado. Exploraremos melhor estes temas no próximo capítulo.

4. TERCEIRO CAPÍTULO – PUBLICIDADE E TRABALHO DOMÉSTICO

Outro fenômeno do século XX, a massificação da cultura, ligada ao desenvolvimento das sociedades de consumo, redefine a fronteira público-privado, que diz directamente (sic) respeito às mulheres. Estamos actualmente (sic) longe de uma perspectiva totalmente negativa, em que a cultura de massas era considerada como um processo de uniformização geral e de alienação dos grupos oprimidos. Esta surge como mais ambivalente, tendo por vezes constituído, para as mulheres, uma via de emancipação, não só pelas mudanças de comportamento que acarreta mas também pela modificação do par cultural masculino-feminino. Situados no seu contexto histórico, a imprensa feminina ou o cinema de Hollywood, de que as mulheres foram grandes consumidoras, são, a este respeito, reveladores; e talvez, também, a publicidade.³⁰²

Quaisquer que fossem as diferenças que caracterizavam as mulheres que deram os primeiros passos no movimento feminista (e havia muitas), o que conectava muitas delas era a raiva que sentiam da grande mídia.³⁰³

O aconselhamento, segundo a literatura de referência e minha própria observação da revista **Claudia**, parece ser o motor que de

³⁰² THÉBAUD, Françoise. Introdução. In: DUBY, Georges & PERROT, Michelle. **História das mulheres no Ocidente**. Porto: Edições Afrontamento, 1991, p. 313.

³⁰³ FARREL, A. Op. Cit., 2004, p. 39.

alguma forma movia e move as revistas femininas. Isso não acontece apenas com as revistas, mas também com muitos outros discursos dirigidos às mulheres. Joanne Hollows, por exemplo, citando Lynn Spigel³⁰⁴, comenta como a inserção dos televisores nos lares norte americanos na década de 1950, substituindo em muitos modos o rádio, ocorreu acompanhada, principalmente na programação da TV matutina e vespertina, de aconselhamento sobre como assistir aos programas sem deixar de executar os deveres de dona de casa.³⁰⁵ Uma vez que o rádio permitia acompanhar sua programação sem comprometer o trabalho das mulheres nos lares, a inserção da televisão no ambiente doméstico causou algumas apreensões a esse respeito, que inclusive nos lembram da importância do trabalho gratuito que as mulheres prestavam à sociedade.

Em **Claudia**, ao menos nos anos analisados, podem-se observar diferentes formas de aconselhamento. Mesmo Carmen da Silva, trazendo propostas às vezes antagônicas a algumas das seções da revista, não fugia dessa linguagem. Ao mesmo tempo em que problematizava e desestabilizava os projetos de vida e subjetividades das leitoras discutindo a "condição da mulher", a colunista não deixava de aconselhá-las, por mais libertadores que fossem ou buscassem ser seus conselhos. Quer dizer, Carmen era apresentada como uma voz autorizada no assunto feminismo e ela fez uso dessa voz, dessa posição de vanguarda, de especialista. De modos muito dessemelhantes, e com objetivos totalmente outros, também o fez a publicidade. Neste capítulo, se explorará um pouco esse papel conselheiro da publicidade na publicação, a força da sua presença e os modos de subjetivação decorrentes da mesma.

Como a revista **Claudia** é uma publicação comercial, diferente dos periódicos feministas contemporâneos a ela consultados, é importante ponderar sobre os significados e limites impostos pela publicidade neste tipo de publicação. A grande quantidade de matérias ou receitas casadas com a publicidade que podem ser encontradas, assim como formas de publicidade indireta presentes nas reportagens da revista, nos levam a refletir sobre o comprometimento da publicação com os anunciantes. Nesse sentido, alguns anunciantes, como a indústria de alimentos Nestlé, se destacam pela grande quantidade de espaço para

³⁰⁴ SPIGEL, Lynn. **Make Room for TV**: Television and the Family Ideal in Postwar America. Chicago: University of Chicago Press, 1992. Apud HOLLOWS, J. Op. Cit., 2008.

³⁰⁵ HOLLOWS, J. Op. Cit., 2008, p. 99.

anúncios comprada em cada edição. Muitas das matérias que comparam a eficiência e prática de eletrodomésticos citam diretamente suas marcas e modelos, e nas "Compras de Claudia" são divulgados não apenas produtos, sob a assinatura editorial da revista, como os endereços e telefones de onde estes podiam ser encontrados.

Assim sendo, apesar de **Claudia** ter um espaço de debate reservado para o feminismo na coluna "A arte de ser mulher" de Carmen da Silva (na qual Rachel Gutiérrez escreve após seu falecimento, quando a coluna passa a se chamar apenas "Feminismo"), podemos pensar nos limites da escrita deste feminismo diante do poderio econômico de determinados anunciantes.³⁰⁶ A publicidade era um alvo comum das feministas no período, por muitas vezes reproduzir estereótipos e valores capitalistas, além de padrões de comportamento e beleza quase sempre inatingíveis e que subordinavam as mulheres. Portanto, é interessante observar igualmente a relação dos feminismos estudados com a publicidade e com a cultura de massa como um todo, com enfoque no trabalho doméstico. Essa observação inclui alguns anúncios publicitários específicos, seja por se apropriarem de alguma forma de ideias feministas, seja por se destacarem por seu antifeminismo.

O fato de publicações como a **Claudia** serem voltadas à "mulher moderna", à figura consumidora dos novos lares de classe média³⁰⁷, é central para as questões que venho desenvolver aqui. Retomando minha hipótese inicial de pesquisa, questiono até que ponto as revistas para mulheres são tão conservadoras quanto os grupos feministas, no recorte temporal observado (1970-1989), as acusavam ser. Ou ao menos se, dentro do seu conservadorismo, poderiam ter outras reverberações. Tal hipótese foi levantada levando em conta as apropriações que as publicações conservadoras ou essencialmente comerciais muitas vezes fazem de novas ideias contestatórias, dessa forma, agindo como divulgadoras dessas novas ideias em largas proporções, as quais não

³⁰⁶ Diferentes exemplos de situações de conflito de interesses entre conteúdos feministas e anunciantes em revistas comerciais voltadas a mulheres podem ser observados em FARREL, A. Op. Cit., 2004 p. 58-59; 225-237; 258-259.

³⁰⁷ Sobre como a urbanização e industrialização dos anos 1950, 60 e 70 fizeram crescer uma classe média consumidora, modificando o dia a dia nos lares e no cotidiano das famílias, ver MELLO; João Manuel Cardoso de; NOVAIS, Fernando A. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). **História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea**. V. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 559-658.

seriam alcançadas pelos grupos militantes, progressistas ou revolucionários, que sempre atingem menor público.

Não estou de forma alguma, vale sempre repetir, negando o caráter basicamente comercial de publicações como a **Claudia**. São mercadorias, produzidas para serem bem sucedidas em seu objetivo, que são as vendas. Assim, nenhuma ideia extrema, radical, ou intrinsecamente revolucionária, que poderia afastar a consumidora do seu produto ou ofender os anunciantes que sustentam a revista, teria motivo para ser veiculada. Entretanto, os movimentos feministas nesse período ganhavam visibilidade, fazendo manifestações públicas, produzindo periódicos e panfletos, ocupando espaço em discussões propagadas pela grande mídia e em noticiários. Como a “revista da mulher moderna” poderia ignorar tal novidade?³⁰⁸

Não é difícil entender as críticas feministas ao conservadorismo das revistas femininas, mas tenho me esforçado para tentar entender o radicalismo de tais críticas, que muitas vezes absolutamente negavam meios de comunicação que alcançavam muitas mulheres, e que tática ou estrategicamente poderiam ser utilizados pelos grupos militantes, sem com isso se criar qualquer vínculo ou compromisso (o que seria diferente do caso de Carmen da Silva, que era funcionária da revista) com as publicações comerciais. Refletindo sobre essas questões, tenho sido levada a considerar que não é apenas o caráter conservador ou antifeminista das revistas para mulheres que faziam com que as feministas as vissem como um inimigo declarado.

É importante levar em conta que os feminismos brasileiros das décadas de 1960 e 1970 foram, de forma geral, grupos compostos por mulheres que, além de um elevado grau de escolaridade (muito frequentemente com formação nas áreas de humanas ou comunicação),

³⁰⁸ É importante comentar aqui como as publicações da Abril, não só no Brasil como na Argentina, simbolizavam a modernização, o novo, conforme comenta COSSE, Isabella. *Claudia: la revista de la mujer moderna en la Argentina de los años sesenta (1957-1973)*. **Mora**. Buenos Aires: vol.17 n.1, jan./jul. 2011. Disponível em

<http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1853-001X2011000100007&lng=pt&nrm=iso&tlng=es> Acesso em 27/02/2012. Também podemos refletir sobre as revistas femininas divulgando novas ideias, levando em conta a tese de doutorado de Roselane Neckel. No entanto, a autora conclui que as novidades, os novos parâmetros de sexualidade, foram utilizados por estas revistas para reforçar estereótipos e ideais conservadores de gênero. NECKEL, Roselane. **Pública vida íntima: a sexualidade nas revistas femininas e masculinas (1969-1979)**. Tese (Doutorado em História), PUC/SP, 2004.

estavam muitas vezes relacionadas a militantes (como filhas, namoradas, esposas), ou eram elas mesmas militantes de grupos de esquerda. Especificamente no caso do Brasil, as discussões feministas deste período ainda coincidem com o governo ditatorial e perseguições políticas. Não consigo deixar de pensar que há aí também um caráter de desdém àquilo que podemos chamar de culturas femininas ou culturas domésticas³⁰⁹, dentro desses feminismos que viam na esfera pública o lugar de libertação das mulheres. Portanto, na busca por historicizar³¹⁰ não apenas a situação política em que se encontravam as feministas, mas também pensando nas suas formações acadêmicas e militantes (leituras de formação realizadas dentro dos grupos de esquerda, nas universidades etc.), podemos compreender melhor porque as revistas femininas, símbolo do desenvolvimento capitalista, trazendo costumeiramente formatos, imagens e mensagens que se referiam ao modo de vida estadunidense, eram vistas como inimigas.

É importante destacar, sobre esse aspecto, as críticas das esquerdas ao imperialismo, cultural mas não somente, norte americano, e o papel dos Estados Unidos e do capital internacional de forma geral como colaboradores das ditaduras militares na América Latina.³¹¹ Sob

³⁰⁹ Joanne Hollows analisou as culturas domésticas como uma presença transversal no cotidiano, com complexas interações com aquilo que se entende por esfera pública. A cultura doméstica não seria, do ponto de vista da autora, nem tão privada, nem tão feminina quanto muitos críticos colocam. Enquanto se defenderia, de um ponto de vista liberal, que a cultura doméstica nem mesmo seria cultura (p. 34), Hollows aponta como esse é um fator que vem se tornando cada vez mais central na vida das pessoas no Ocidente nos últimos séculos, e destaca que sua desvalorização ocorre integrada com a ideia de sua feminização. Especialmente no quarto capítulo, *Home-work: feminisms, domesticity and domestic labour*, a autora comenta como determinados feminismos, principalmente no período da chamada Segunda Onda, supervalorizaram a esfera pública e a noção de que a produção seria algo melhor, maior e mais valioso que o consumo, inclusive opondo a figura da dona de casa à da feminista, como dois mundos absolutamente antagônicos (p. 68). HOLLOWES, J. Op. Cit., 2008.

³¹⁰ Utilizo aqui noções de historicidade de KOSELLECK, Reinhard. **Futuro passado**. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio, 2006.

³¹¹ PADRÓS, Enrique Serra. Repressão e violência: segurança nacional e terror de Estado nas ditaduras latino-americanas. In: FICO, Carlos (et. al.). **Ditadura e democracia na América Latina: balanço histórico e perspectivas**. Rio de Janeiro: FGV, 2008.

esse prisma, destaco parte do fragmento 57 de **A sociedade do espetáculo**. Publicado em francês em 1967³¹², este foi um importante texto para aquilo que chamamos hoje de geração de 68

A sociedade portadora do espetáculo não domina as regiões subdesenvolvidas apenas pela hegemonia econômica. Domina-as *como sociedade do espetáculo*. Nos lugares onde a base material ainda está ausente, em cada continente, a sociedade moderna já invadiu espetacularmente a superfície social. Ela define o programa de uma classe dirigente e preside sua formação. Assim como ela apresenta os pseudobens a desejar, também oferece aos revolucionários locais os falsos modelos de revolução. (...) ³¹³

Este fragmento nos ajuda a pensar em **Claudia** como portadora e disseminadora do espetáculo, abrindo espaço ideológico para uma subordinação mais ampla das mulheres brasileiras, não apenas como mulheres, mas como latino americanas. Além disso, problematiza a ideia de modelo de revolução. Não que as feministas marxistas vissem problema em importar modelos de revolução, afinal o marxismo e também o feminismo tinham um caráter internacional e bastante vanguardista, mas talvez os modelos de feminismo norte americano fossem um problema específico para elas. Nesse sentido, os modelos de feminilidade norte americana que muitas vezes eram encontrados na revista seriam vistos como um problema muito maior. ³¹⁴

³¹² Importante ressaltar que a concepção de espetáculo (assim como a noção de subjetivação capitalística que será abordada adiante neste capítulo) não era uma crítica voltada apenas ao desenvolvimento capitalista. As sociedades industriais como um todo, suas burocracias criadoras de desigualdades, a abundância da produção e a criação das falsas necessidades para sustentá-la, eram criticadas tanto no Leste quanto no Oeste do mundo bipolar.

³¹³ DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997, p. 38-39.

³¹⁴ É importante destacar que, apesar de **Claudia** ter sido criada sob os moldes da estadunidense *Good Housekeeping* e em muitos momentos trazer sim o *american way of life*, a apropriação ou influência de costumes, moda, culinária, celebridades, ou arte europeias é bastante presente. Na década de 1970 a revista já parece muito menos americana que o era no tempo de seu lançamento, em 1961. Essa associação sobre a qual venho inferindo, entre a revista, símbolos

Diante dessas indagações, procurei em algumas críticas à cultura de massa, ou como os teóricos críticos preferiam, Indústria Cultural³¹⁵, realizadas anteriormente à emergência destes feminismos, bases para suas críticas às revistas femininas. É importante atentar para o fato de que muitas dessas feministas que eram militantes de grupos de esquerda, foram também militantes em grupos marxistas mais “clássicos”, se podemos colocar assim. As críticas à cultura de massa nesse período e anteriormente, por outro lado, se fizeram sobretudo em grupos que se colocavam como marxistas, mas absolutamente não ortodoxos, como a Internacional Situacionista³¹⁶, que teve grande participação e foi uma

capitalistas e os EUA é uma interpretação mais voltada às possíveis relações dos feminismos com a grande imprensa e em especial a "imprensa feminina" do que um olhar sobre a revista somente.

³¹⁵ “Com efeito, no momento em que os frankfurtianos escrevem, o termo cultura de massa se reveste de um significado nitidamente ideológico. A noção pressupunha que as massas possuiriam uma cultura própria que simplesmente estaria sendo veiculada pelos meios de comunicação: as empresas culturais seriam instâncias neutras que refletiriam democraticamente o gosto popular existente. A ideia de indústria cultural refuta esta pretensa neutralidade dos meios de comunicação e vem reforçar a dimensão que a cultura é algo fabricado. (...) Onde a sociologia americana via o consumidor como sujeito do processo, a Escola o vê como o objeto das grandes empresas.” ORTIZ, Renato. A escola de Frankfurt e a questão da cultura. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, v. 1, 1986, p. 14. Outros autores, como Don Slater e Mike Featherstone também destacam o uso do termo Indústria Cultural ao invés de Cultura de Massa pelos frankfurtianos no sentido de apontar que a "culpa" dessa "degeneração da cultura" era da indústria, e não das massas. SLATER, Don. **Cultura do consumo e modernidade**. São Paulo: Nobel, 2002 e FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de consumo e pós-modernismo**. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

³¹⁶ Segundo Armand e Michèle Mattelart: “Publicado em 1967, *La société du spectacle*, de Guy Debord (1931-1994), marca o ponto extremo da crítica da sociedade de abundância. Em 1957, o autor foi um dos fundadores da Internacional Situacionista, que desenvolve suas atividades na França, (...) na Alemanha, na Inglaterra e na Itália. Suas teses chegam aos Estados Unidos e aos seus *campi* revoltados. Em maio de 1968, momento privilegiado da crítica em ato da ordem midiática, Debord é uma das figuras do movimento contestatório.” MATTELART, Armand; MATTELART, Michèle. **História das teorias da comunicação**. São Paulo: Loyola, 1999, p. 94. Vale colocar que a I.S. possuía membros de nacionalidades para além das citadas, e suas atividades e textos se estenderam também para além, conforme comenta a obra INTERNACIONAL

forte referência nos acontecimentos de 68, ou os teóricos daquilo que ficou conhecida como a Escola de Frankfurt, como Theodor W. Adorno, Max Horkheimer e Herbert Marcuse, os quais não consideravam a luta de classes como o motor da história nas sociedades industrializadas.³¹⁷ Para esta reflexão, também trago a contribuição da coletânea de artigos reunidos em **Apocalípticos e Integrados**, do italiano Umberto Eco que, publicada em 1964, é ainda hoje uma marcante referência sobre os estudos de cultura de massa.

É pertinente colocar que as críticas à cultura de massa trazidas pela Escola de Frankfurt são muito anteriores a 68. Entretanto, suas primeiras publicações traduzidas no Brasil datam da década de 1960, e o grande impacto desse pensamento o fez ser retomado com força nas universidades, ao menos brasileiras, na década de 1980.³¹⁸ Por outro lado, nos próprios acontecimentos em torno de 68 na Europa, ao menos Marcuse tentou dialogar com os/as estudantes, conforme comenta Barbara Freitag.³¹⁹

Por outro lado, sublinha-se também que, em contato com bibliografia sobre as leituras feministas realizadas no Brasil nesse período, essas são referências que não surgem.³²⁰ Inclusive, no Brasil a obra de Herbert Marcuse era associada a movimentos mais culturais³²¹, como o Tropicalismo, que eram vistos pelos grupos militantes de esquerda como “desbundados”, sinônimo de apolitizados ou colonizados pelo imperialismo norte-americano.³²² Por se voltarem à contracultura,

SITUACIONISTA. **Situacionista**: teoria e prática da revolução. São Paulo: Conrad, 2002.

³¹⁷ ORTIZ, R. Op. Cit., 1986, p. 3; 5.

³¹⁸ ORTIZ, R. Op. Cit., 1986; FREITAG, Barbara. **A teoria crítica**: ontem e hoje. São Paulo: Brasiliense, 1994.

³¹⁹ FREITAG, B. Op. Cit., 1994.

³²⁰ Refiro-me aqui a pesquisas como "Revoluções do Gênero: apropriações e identificações com o feminismo (1964-1985)"; "Gênero, Feminismo, Mulher e Mulheres: apropriações no Cone Sul (1960-2008)" ou "Do feminismo ao gênero – circulação de teorias e apropriações no Cone Sul (1960-2008)", coordenadas por Joana Maria Pedro, e vinculadas ao LEGH. Nesse panorama vale citar especificamente as pesquisas de Mestrado e Doutorado de Joana Vieira Borges: **Para além do tornar-se**: ressonâncias das leituras feministas de O Segundo Sexo no Brasil e **Trajetórias e leituras feministas**: Brasil e Argentina (1960-1980), respectivamente, também vinculadas ao LEGH.

³²¹ FREITAG, B. Op. Cit., 1994, p. 140.

³²² Um breve comentário sobre o desbunde pode ser encontrado em GONÇALVES, Marcos Augusto. Desbunde foi alternativa à rigidez da

arte, música (inclusive a norte americana), novas experiências proporcionadas pelo uso de entorpecentes, frequentemente se isolando em comunidades alternativas, não se engajavam em grupos políticos de resistência, os quais eram vistos como caretas, rígidos. Geralmente pacifistas, em momentos em que grande parte da esquerda marxista via na luta armada o único caminho para a revolução e a liberdade, propagando o amor livre enquanto grupos de esquerda possuíam rigorosas regras morais, os *hippies* e outros grupos eram mal vistos pelos grupos políticos organizados, em especial os partidários.³²³

Ademais, é preciso considerar que além de possuírem a característica do marxismo não ortodoxo, tanto a Teoria Crítica quanto os situacionistas³²⁴ criticavam partidos e sindicatos como coercitivos, como parte do sistema que iludia as pessoas, que as massificava destituindo-as assim de sua individualidade³²⁵ e as afastando da verdade.³²⁶ As publicações e grupos feministas, principalmente nos anos 70, tinham várias ligações com partidos e sindicatos. Mesmo no caso de publicações como o *Nosotras*³²⁷ ou o **Nós Mulheres**, produzidas por

esquerda. **Folha Ilustrada**. Folha On Line, 21/03/2004. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u42609.shtml>> Mais sobre esta questão em HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Impressões de viagem**: CPC, vanguarda e desbunde (1960/70). Rio de Janeiro, Aeroplano, 2004.

³²³ Podemos também relacionar a crítica ao desbunde com a citação aqui supracitada de **A sociedade do espetáculo**. Por outro lado, vale comentar que no Brasil esses grupos da esquerda “festiva ou desbundada”, como os chamavam os mais ortodoxos, foram parte importante da resistência, e como os outros grupos organizados foram perseguidos, mortos, presos ou exilados, foi quem pôde ficar, quem trabalhou e produziu durante os anos mais duros de repressão.

³²⁴ Poderíamos incluir aí estruturalistas como a figura de Roland Barthes.

³²⁵ Comentários nesse sentido podem ser encontrados em MARCUSE, Herbert. **A ideologia da sociedade industrial**. O homem unidimensional. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1982; e ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985, p. 144. Também em Adorno e Horkheimer há esse trecho “(...) A liberdade formal de cada um está garantida. Ninguém tem que se responsabilizar oficialmente pelo que pensa. Em compensação, cada um se vê desde cedo num sistema de igrejas, clubes, associações profissionais e outros relacionamentos, que representam o mais sensível instrumento de controle social.”, p. 140.

³²⁶ Exemplos no prefácio de ADORNO, T. Op. Cit, 1985, p. 13.

³²⁷ *Nosotras* foi um boletim publicado entre 1974 e 1976 na França pelo Grupo Latino-Americano de Mulheres em Paris. Para saber mais sobre o periódico ver

organizações que se colocavam como grupos feministas autônomos, sem vínculo partidário, individualmente muitas de suas integrantes possuíam sim essas ligações.

Todavia, acredito que muitas dessas noções, que são problematizadas nas obras dos teóricos críticos alemães, dos situacionistas e de estudiosos da cultura de massa como o grupo de italianos do qual Umberto Eco fez parte, circularam. Podem não ter sido lidas diretamente, citadas³²⁸, estudadas, mas é difícil imaginar que passaram sem causar absolutamente nenhum impacto. Muitas feministas brasileiras tiveram seu contato mais significativo com o feminismo no exílio na Europa. Algumas delas, durante esses exílios, tiveram acesso às universidades³²⁹, as quais é difícil imaginar que não sofreram transformações após as movimentações do final dos anos 60.

De qualquer forma, independente dessa hipótese de apropriação indireta das feministas às críticas da cultura de massa, entendo que são leituras que podem esclarecer meu olhar e enriquecer minha análise sobre as fontes. Por exemplo, voltando à minha hipótese de pesquisa, de apropriação e divulgação das revistas para mulheres de ideias feministas, podemos pensar que esse é um movimento do capitalismo já bem conhecido por nós. Quer dizer, as ideias revolucionárias são apropriadas, transformadas, muitas vezes esvaziadas de seu conteúdo contestatório e então vendidas como mercadoria. Sobre esse fenômeno, que seria realizado pelo espetáculo ou a Indústria Cultural inclusive em nações não capitalistas³³⁰, temos outro fragmento, 59, de **A sociedade**

ABREU, Maira. *Nosotras: feminismo latino-americano em Paris*. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 2, p. 553-572, nov. 2013. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2013000200007>> Acesso em 23/07/2015.

³²⁸ Cynthia Sarti e Maria Lygia Quartim de Moraes comentam a noção de indústria cultural para refutá-la, defendendo que a questão era mais complexa, algo que poderíamos entender hoje como que leitoras e consumidoras tinham agência em seu consumo. Alguns críticos poderiam considerar essa uma leitura muito superficial dos frankfurtianos, mas é importante observar o fato de elas terem citado a indústria cultural diretamente neste texto na década de 1980. SARTI, C.; MORAES, M. Op. Cit, 1980, p. 19-20.

³²⁹ Como exemplo podemos apontar Danda Prado em Paris ou Branca Moreira Alves em Berkeley, nos EUA. CARDOSO, Elizabeth. *Imprensa feminista brasileira pós-1974*. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis: 12 (N.E.), set./dez. 2004.

³³⁰ Umberto Eco também afirma que a cultura de massa não é exclusividade do capitalismo, e está presente em qualquer sociedade industrial desenvolvida,

do espetáculo, de 1967, seguido de um trecho do texto **A indústria cultural...** de Adorno e Horkheimer, originalmente publicado em 1947.

O movimento de *banalização* que, sob a diversão furta-cor do espetáculo, domina mundialmente a sociedade moderna, domina-a também em cada ponto em que o consumo desenvolvido das mercadorias multiplicou na aparência os papéis e os objetos a escolher. A sobrevivência da religião e da família – a qual continua sendo a principal forma de herança do poder de classe –, e, por isso, da repressão moral que elas garantem, pode combinar-se como uma só coisa com a afirmação redundante do gozo *deste* mundo, sendo este mundo produzido justamente apenas como pseudogozo que contém em si a repressão. À aceitação dócil do que existe pode juntar-se a revolta puramente espetacular: isso mostra que a própria insatisfação tornou-se mercadoria, a partir do momento em que a abundância econômica foi capaz de estender sua produção até o tratamento dessa matéria-prima.³³¹

(...) Quem resiste só pode sobreviver integrando-se. Uma vez registrado em sua diferença pela indústria cultural, ele passa a pertencer a ela assim como o participante da reforma agrária ao capitalismo. A rebeldia realista torna-se a marca registrada de quem tem uma nova ideia (sic) a trazer à atividade industrial.³³²

Sob esta perspectiva, podemos encarar os motes feministas que, durante a pesquisa, sejam encontrados nas revistas comerciais para mulheres, como sendo esse “tratamento da matéria-prima revolta”, isso que a transforma em mercadoria. Meu objetivo não é descartar este raciocínio. Aceito a premissa de que os artigos, e em especial os anúncios publicitários, transformam a revolta em mercadoria, fazem uso dela para este fim. Mas penso que a questão não se encerra aí. Acredito

citando como exemplo a União Soviética e a China. ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo: Perspectiva, 2008, p. 44; 53.

³³¹ DEBORD, G. Op. Cit., 1997, p. 39-40.

³³² ADORNO, T.; HORKHEIMER. M. Op. Cit., 1985, p. 123-124.

também que a divulgação de novas ideias ou costumes, que de imediato poderiam ser mal aceitas nos setores médios ou mais conservadores, acabam ganhando espaço com suas versões transformadas, mastigadas, empacotadas em forma de mercadoria. Não tenho a intenção de identificar essas mercadorias como revolucionárias ou transformadoras em si mesmas, mas acredito que elas possam abrir caminhos para uma série de novos questionamentos. Seria algo no sentido do que Carmen da Silva afirmava fazer em sua coluna na **Revista Claudia**. Ana Rita Fonteles Duarte³³³ afirma que a colunista trabalhava com a perspectiva de mudanças em longo prazo nos comportamentos de suas leitoras. Assim, não era seu objetivo assustá-las ou perdê-las, apesar de frequentemente contrariá-las. Em entrevista Carmen da Silva coloca

Comecei a escrever para abrir uma brechazinha nesse tipo de mulher. Naturalmente eu tinha muita preocupação, no princípio, de não ir longe demais. Minha tática era a seguinte: se eu vou um quilômetro adiante das leitoras elas não me seguem, porque não me vêem, me perdem na primeira esquina. Se eu vou junto com elas não estou adiantando nada, não estou conduzindo nada. Se eu vou 50 metros adiante, elas vêm atrás. Então eu ia 50 metros adiante. De repente eu tentava ir 51.³³⁴

A despeito do caráter vanguardista e paternalista do depoimento, Carmen da Silva estava, com seus escritos, atingindo mulheres que provavelmente jamais teriam contato com as ideias feministas por meio de grupos de esquerda, grupos feministas radicais ou grupos feministas marxistas que faziam trabalhos de base em comunidades de baixa renda. A dona de casa de classe média, casada, mãe, pouco preocupada com as teorias de crítica social, de forma geral não circularia por esses meios.³³⁵

³³³ DUARTE, A. Op. Cit., 2005.

³³⁴ NEHRING, M. Op. Cit., 1981, p. 134-135.

³³⁵ Vale citar que temos claro que não é apenas o público-alvo das publicações que as leem. Portanto, diversas pessoas, como feministas engajadas, empregadas domésticas ou homens de diferentes estratos sociais poderiam ler as revistas. Isabella Cosse inclusive cita que muitas estudantes universitárias admitiam (esse era o termo que usavam) ler a **Claudia** argentina, por exemplo, em salas de espera de consultórios médicos ou dentistas. COSSE, I. Op. Cit., 2011.

Seria possível uma analogia com o que Umberto Eco comentou sobre os primeiros impressos populares do século XIX

(...) Difundindo entre o povo os termos de uma moralidade oficial, esses livros desempenhavam tarefa de pacificação e controle; favorecendo a explosão de humores bizarros, forneciam material de evasão. Mas, no fim das contas, proviam a existência de uma categoria popular de “literatos”, e contribuíam para a alfabetização de seu público.³³⁶

Podemos pensar, em termos de discursos feministas, o quanto desta "alfabetização" pode ter ocorrido a partir dos textos em **Claudia**. Umberto Eco também contribui para essa questão quando discute as críticas ao reformismo. Para ele, a categoria de reformismo parece absolutamente inaplicável ao mundo dos valores culturais. Para explicar tal colocação, cita como exemplo o caso de uma greve, em que um aumento salarial poderia dissuadir os operários de ocupar a fábrica, em oposição ao caso de uma comunidade agrícola de analfabetos, os quais fossem ensinados a ler para que pudessem ler os pronunciamentos políticos de determinada liderança. Nada poderia impedir que amanhã, nessa mesma comunidade, pronunciamentos políticos de oposição fossem lidos ou escritos. Segundo ele, “Ao nível dos valores culturais não se verifica cristalização reformista mas tão-somente a existência de processos de conhecimento progressivo, os quais, uma vez abertos, não são mais controláveis por quem os desencadeou.”³³⁷ Do mesmo modo, o despertar para um feminismo mais "contido" em **Claudia** poderia abrir portas e percepções que o próprio conservadorismo do magazine não fosse capaz de conter.

Os periódicos feministas, muitas vezes produzidos de maneira autônoma, raramente eram vendidos em bancas e, quando o eram, de forma geral ocorria em bancas localizadas. Sua tiragem era baixíssima comparada a grandes publicações comerciais como **Claudia**³³⁸, e as produções feministas circulavam principalmente nos grandes centros e cidades maiores, sendo, portanto, muito mais inacessíveis que revistas produzidas para serem vendidas por todo o território nacional. A

³³⁶ ECO, U. Op. Cit. 2008, p. 13.

³³⁷ Ibidem, p. 52.

³³⁸ Alguns desses dados podem ser conferidos em CARDOSO, E. Op. Cit., 2004.

respeito de **Claudia**, Ana Rita Fonteles afirma, baseada no primeiro editorial enviado pela revista aos seus possíveis anunciantes, o “caráter nacional da Revista ‘em espírito e penetração geográfica’, uma vantagem a mais para os anunciantes que divulgariam os seus produtos em todo o País.”³³⁹ A autora também coloca que a publicidade ocupava, em média, metade da publicação³⁴⁰, o que não nos permite ignorar a relação da publicação com o consumo, além dela mesma se constituir como mercadoria.

Nesse ponto, acredito valer a pena nos atermos um pouco sobre a crítica frankfurtiana a respeito da Indústria Cultural. A publicidade, a produção de determinados produtos voltados a um público-alvo, suas distinções aparentes, são questões vistas como falsas, ilusórias.

(...) As distinções enfáticas que se fazem entre os filmes das categorias A e B, ou entre as histórias publicadas em revistas de diferentes preços, têm menos a ver com seu conteúdo do que com sua utilidade para a classificação, organização e computação estatística dos consumidores. Para todos algo está previsto; para que ninguém escape, as distinções são acentuadas e difundidas. O fornecimento ao público de uma hierarquia de qualidades serve apenas para uma quantificação ainda mais completa. Cada qual deve se comportar, como que espontaneamente, em conformidade com seu *level*, previamente caracterizado por certos sinais, e escolher a categoria dos produtos de massa fabricada para seu tipo. Reduzidos a um simples material estatístico, os consumidores são distribuídos nos mapas dos institutos de pesquisa (que não se distinguem mais dos de propaganda) em grupos de rendimentos assinalados por zonas vermelhas, verdes e azuis.

(...) As vantagens e desvantagens que os conhecedores discutem servem apenas para perpetuar a ilusão da concorrência e da possibilidade de escolha.³⁴¹

³³⁹ DUARTE, A. Op. Cit, 2005, p. 19.

³⁴⁰ Ibidem, p. 20.

³⁴¹ ADORNO, T.; HORKHEIMER. M. Op. Cit., 1985, p. 116.

O objetivo dessas diferenciações, criadas para que possam englobar todos os consumidores, para que ninguém escape, estaria alheio aos próprios produtos. Quando Renato Ortiz, citando Hebert Marcuse, afirma que nas sociedades industrializadas é o aparato tecnológico, os meios de comunicação de massa, que “trazem consigo atitudes e normas prescritas, determinadas reações emocionais e mentais, atando mais ou menos prazerosamente os consumidores aos produtores e através destes, ao todo”³⁴², precisamos levar em conta a posição da teoria crítica em relação à técnica.

O conceito de Indústria Cultural é trabalhado dentro da Crítica ao Esclarecimento, que é toda uma complexa crítica filosófica à técnica positivista, como coercitiva a massificadora, padronizadora. Critica-se em especial a técnica que seria externa a seu objeto, o que significaria que o conteúdo específico de cada produto cultural deveria estar submetido a uma lógica que se encontra fora dele. Sendo assim, o meio é a mensagem. Como coloca Renato Ortiz “Uma sociedade unidimensional é uma sociedade sem “finalidade” na qual os meios determinam a particularidade de cada produto. Isto permitirá a Adorno falar da ‘televisão como ideologia’ da mesma maneira que Habermas se referia à técnica.”³⁴³ Se “o meio é a mensagem”, as revistas femininas comerciais, propostas para a dona de casa consumidora e buscando cobrir um novo nicho de mercado, não teriam como propagar qualquer ideia revolucionária. Mesmo porque, dentro desta perspectiva, “o conteúdo específico do fenômeno é menos importante do que o fato que deveria existir qualquer coisa para preencher o vácuo da consciência expropriada e distraí-la do segredo aberto (sua submissão)”³⁴⁴.

Nesses aspectos, mesmo que estas não fossem leituras realizadas diretamente pelas feministas brasileiras nos anos 1970 e 80 (e esse ponto é importante que eu frise), temos um aporte teórico crítico que nos ajuda a compreender e inclusive justificar seu rechaço às publicações comerciais voltadas para as mulheres. Por outro lado, já na década de 1960 teorias reveem muitas dessas questões. Em **Apocalípticos e integrados**, de 1964, Umberto Eco discute diretamente com os teóricos críticos, entre outros autores. O nome da obra se refere exatamente aos críticos extremos e aos defensores entusiasmados da cultura de massa,

³⁴² MARCUSE, Herbert. Acerca del problema de la ideología en la sociedad industrial altamente desarrollada. In: Lenk, Kurt. El Concepto de Ideología. Buenos Aires: Amorrortu, 1971, p. 357. Apud ORTIZ, R. Op. Cit., 1986, p. 6.

³⁴³ ORTIZ, R. Op. Cit., 1986, p. 20.

³⁴⁴ Ibidem, p. 19.

respectivamente. O autor trabalha com esses dois extremos, buscando mediar a discussão, não no sentido de apaziguar, mas de encontrar um caminho em que a crítica à cultura de massa reconheça os aspectos positivos da mesma, ou ao menos os possíveis usos críticos de determinadas características desta.³⁴⁵

Por exemplo, contrapondo a ideia de que bens culturais voltados ao consumo “despertam e idiotizam as pessoas ao mesmo tempo”³⁴⁶, Umberto Eco vê nos produtos culturais redundantes, que não exigem esforço intelectual de quem os consome e que de certo modo repousam a mente, um espaço legítimo de descanso a qualquer pessoa depois de um longo dia de trabalho. Em contrapartida, o autor questiona: “(...) Para quem a narrativa da redundância constitui uma alternativa, e para quem, ao contrário, constitui a única possibilidade?”³⁴⁷ Genericamente, seu livro traz a proposta de uma observação dialética da cultura de vanguarda, aquela que faz refletir, que pode provocar transformações, e dos produtos culturais de massa, o “mais do mesmo”, padronizadores. Sugere análises práticas, pesquisas de campo, em que se observem os diálogos entre estes dois polos que, inclusive, ele coloca como mais diluídos um no outro do que a crítica de forma geral atesta. Por exemplo, comentando sobre histórias em quadrinhos, no texto **O mundo de Minduim**, o autor afirma

(...) desde que o mundo é mundo, artes maiores e artes menores só têm, quase sempre, podido prosperar no âmbito de um dado sistema que permitisse ao artista certa margem de autonomia em troca de certa porcentagem de condescendência para com os valores estabelecidos: e que todavia, no interior desses vários circuitos de produção e consumo, viram-se agir artistas que, usando das oportunidades concedidas a todos os demais, conseguiram mudar

³⁴⁵ Também podemos encontrar uma posição mais otimista sobre a potencialidade da obra de arte (e da cultura de massa de forma geral) na sociedade industrial em Walter Benjamin, com o qual os teóricos críticos até aqui citados debateram diretamente na revista do Instituto para Pesquisa Social. BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: _____. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1994. Sobre a história do Instituto, ver FREITAG, B. Op. Cit., 1994.

³⁴⁶ ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. Op. Cit., 1985, p. 14-15.

³⁴⁷ ECO, U. Op. Cit., 2008, p. 271.

profundamente o modo de sentir dos seus consumidores, desenvolvendo, dentro do sistema, uma função crítica e liberatória.³⁴⁸

Essa premissa, que Eco traz nos anos 1960, contribui em muito ao meu olhar sobre as fontes, principalmente as comerciais, nas quais quero buscar brechas, lacunas, espaços onde ideias transformadoras possam surgir, mesmo em um meio aparentemente hostil a elas.

Não explorarei uma série de questões referentes à arte e centrais aos teóricos que aqui utilizo para pensar a cultura de massa. Ainda assim, as oposições encontradas entre arte de vanguarda transformadora e produtos culturais massificados me ajudam a pensar as oposições entre imprensa feminista militante e revistas comerciais para mulheres. Muito foi escrito desde os anos 1960 sobre produtos culturais voltados ao consumo, sobre a cultura como mercadoria, mas as tensões que por um lado comemoram, por outro negam completamente a cultura de massa, em muitos aspectos ainda podem ser encontradas. Para este trabalho, é importante manter essas críticas em vista para que eu tenha condições de historicizar os debates presentes entre minhas fontes de pesquisa, que em certa medida também estão polarizadas entre a produção de uma mercadoria, de um lado, e a vontade de provocar a reflexão que traga transformação, de outro.

Ao mesmo tempo, são também as fontes, como na figura de Carmem da Silva, que vêm me lembrar que essas questões podem estar mais diluídas uma na outra do que algumas das críticas feministas (em especial as contemporâneas ao recorte temporal da pesquisa) gostariam de admitir. Busco aporte, nesse sentido, nas constatações de Françoise Thébaud³⁴⁹ que abrem este capítulo, quando ela se afasta de uma perspectiva totalmente negativa da cultura de massas e pensa como esta pode ter atuado junto às mulheres como uma via de transformação cultural e comportamental.

Este capítulo é dividido em três subitens: 3.1. Vender para donas de casa é vender amor; 3.2. Vender para meninas não é vender para meninos; e 3.3. Feminismo vende? Esta divisão não foi uma escolha descomplicada, e o volume de anúncios voltados ao trabalho doméstico possibilitaria inúmeras outras organizações. Eletrodomésticos, alimentação ou decoração poderiam ter seus próprios subitens, e a bibliografia feminista acerca da domesticidade é ampla no

³⁴⁸ Ibidem, p. 283.

³⁴⁹ THÉBAUD, F. Op. Cit., 1991.

sentido de oferecer possibilidades de análises consistentes desses recortes³⁵⁰. Entretanto, a repetida observação dos cerca de 600 anúncios escolhidos, enviesada pelos temas mais abordados pela teoria e crítica feminista focada no trabalho doméstico, encaminharam a escrita para esta estrutura. Além da temática do trabalho doméstico em si, diferentes reflexões sobre domesticidade, consumo e a linguagem da propaganda, assim como as dicotomias entre público e privado, produção e consumo, e mesmo noções mais gerais como sociedade de consumo, estão presentes para enriquecer a análise.

4.1. VENDER PARA DONAS DE CASA É VENDER AMOR

6 entre cada 10 leitoras de CLAUDIA são de classes A e B. Anuncie para elas e faça o seu produto entrar nas casas das melhores famílias.³⁵¹

Por que nunca se diz que a função verdadeiramente crucial, o papel de fato importante da mulher como dona de casa é *fazer compras para a família*?³⁵²

Claudia é a revista da dona de casa / esposa / mãe, cujo nível privilegiado de renda, em termos de Brasil, permite que não trabalhe fora e que também disponha de outras mulheres para a execução do trabalho doméstico. A *mulher-Claudia* é principalmente uma grande consumidora, como bem afirma a redatora-chefe da revista, Maria Cristina Gama Duarte: "Nossa leitora não sonha, consome".³⁵³

Críticas feministas, mas não somente, e recentes, mas também não somente, têm se dedicado a questionar a premissa de que o lar, o

³⁵⁰ Alguns debates específicos, como o quanto eletrodomésticos ou novos produtos para o lar (como papel toalha ou luvas de limpeza) realmente diminuíram a carga de trabalho da dona de casa, assim como a associação feita entre a decoração da casa e a própria dona de casa, acabaram ficando fora deste recorte.

³⁵¹ **Claudia**. São Paulo, nº 252, Ano XXI, setembro de 1982.

³⁵² FRIEDAN, B. Op. Cit., 1971, p. 180. Grifos da autora.

³⁵³ SARTI, C.; MORAES, M. Op. Cit., 1980, p. 25.

doméstico ou o privado são intrinsecamente individualistas e conservadores³⁵⁴. Mary Douglas e Baron Isherhood publicam *The world of goods* (O mundo dos bens) em 1979³⁵⁵, com foco em como os fluxos de bens estão inseridos nas sociedades. Pensando o consumo como social, não como individual, e a pobreza como um processo de exclusão de informação, pode-se interpretar a riqueza baseando-se nas relações socioculturais que são sustentadas por determinados bens, e não simplesmente a posse de um inventário de bens. A pobreza, nesse sentido, seria definida pelos padrões de exclusão dessas relações. Pobreza seria antes uma exclusão de informação do que de coisas. Para além da percepção de que "(...) O consumidor é inerentemente um animal social, o consumidor não quer objetos para ele mesmo, mas para dividir, dar, e não só dentro da família"³⁵⁶, o nosso gosto, aquilo que nos leva a escolher um produto em detrimento de outro, se estabelece no social, no cultural, naquilo que não é simplesmente uma escolha racional individual³⁵⁷.

Essa perspectiva ajuda a desconstruir a dicotomia entre consumidor racional, detentor do poder de escolha, de cidadania, da liberdade liberal clássica, historicamente associado ao masculino, e o consumidor irracional, que "sonha acordado", que é facilmente manipulado, uma espécie de vítima, alvo fácil, impulsivo e

³⁵⁴ HOLLOWS, J. Op. Cit., 2008.

³⁵⁵ DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron C. **The world of goods**. New York: Basic Books, 1979. No Brasil DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013.

³⁵⁶ DOUGLAS, Mary. O mundo dos bens, vinte anos depois. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre, v. 13, n. 28, p. 17-32, Dec. 2007, p. 23. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832007000200002&lng=en&nrm=iso> Acesso em 04/05/2015.

³⁵⁷ Esse ponto de vista não nega que existam necessidades básicas que precisamos suprir, mas percebe que estas são insuficientes para explicar a pobreza e, ao mesmo tempo, não se arrisca a definir ou limitar estas necessidades, uma vez que estas são muitas vezes estabelecidas culturalmente (o que é visto como alimento para pessoas em determinada parte do mundo não o é para pessoas de outros lugares etc.). A questão realmente não é amenizar a pobreza ao defini-la em termos de exclusão de informação. Mary Douglas argumenta que "A teoria deveria começar com seres inteligentes que tem o suficiente para viver e mesmo assim conseguem matar de fome alguns de seus iguais. Pobreza é uma questão de como as pessoas tratam umas às outras, e isso precisa de um enquadramento sociológico." Idem.

irresponsável. Esta figura seria a da consumidora, uma figura muitas vezes doméstica³⁵⁸, feminina³⁵⁹, cujo desfecho trágico para o qual se encaminha pode ser encontrado na *Madame Bovary* de Flaubert³⁶⁰. Claro que as constatações de **O Mundo dos Bens** não excluem a possibilidade de as coisas terem significados diferentes para as pessoas conforme o lugar que ocupam em seus grupos e, assim, podemos pensar em algo como consumo socialmente feminino e masculino, ou práticas de consumo gendradas. Todavia, afirmar que todo o consumo é social é afirmar que as diferenças de gênero quando se pensa em público alvo ou hábitos de consumo não fazem o consumo masculino mais racional. Estas diferenças apenas direcionam o público alvo a produtos e visões de mundo que esperam que sejam seus, por fazerem parte de determinado grupo. O apelo às emoções, o sonhar acordado, aquilo que não é simplesmente material, a fantasmagoria benjaminiana³⁶¹, não é

³⁵⁸ SLATER, D. Op. Cit., 2004, p. 40 e BARBOSA, Livia; CAMPBELL, Colin. O estudo do consumo nas ciências sociais contemporâneas. In: _____ (org.). **Cultura, consumo e identidade**. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p. 21.

³⁵⁹ Sobre as figura do consumidor heroico, racional, autônomo, soberano e masculino em contraposição à consumidora hedonista, manipulável e irresponsável feminina, ver BARBOSA, Livia. Apresentação à edição brasileira. In: SLATER, D. Op. Cit., 2002.

³⁶⁰ Interessante referência que associa a *Madame Bovary* ao consumo e principalmente à feminização do consumo na modernidade em GOMES, Laura Graziela. *Madame Bovary* ou o consumo moderno como drama social. In: BARBOSA, L.; CAMPBELL, C. Op. Cit., 2006, p. 65-88.

³⁶¹ Walter Benjamin é muitas vezes apontado como um dos pioneiros de sua geração em perceber ou admitir espaços de criatividade na sociedade de consumo. Ainda que Benjamin tenha abordado a fantasmagoria principalmente através de figuras masculinas, a compreensão desta como um modo geral "(...) de experiência, decorrente da expansão da transformação de todas as relações sociais segundo a lógica da mercadoria" (KANG, 2009, p. 228), nos ajuda a refletir sobre essas questões. Focado em um trecho de **O Capital** em que Karl Marx faz uso da noção de fantasmagoria ao descrever a relação reificada e mediada por mercadorias entre pessoas, o autor comenta que a tradução para o inglês d'**O Capital** trocou "fantasmagoria" por "fantástico". Talvez por isso e também pelas críticas de Benjamin às limitações das noções marxianas de fetiche e de ideologia à superestrutura, normalmente se marginaliza os usos de Marx da noção de fantasmagoria, como se fosse algo descolado do marxismo ou antimarxista. O citado trecho de Marx é o seguinte: "Esse caráter de fetiche do mundo da mercadoria tem origem no caráter social peculiar do trabalho produtor de mercadorias (...). É a relação social particular entre pessoas que aqui assume, aos olhos dessas pessoas, a forma fantasmagórica de uma relação

exclusiva das mulheres. Do mesmo modo, a publicidade voltada aos homens não trabalha em termos estritamente racionais ou simplesmente descritivos dos produtos que oferece.

As diferenciações e hierarquias de gênero certamente são produzidas, reproduzidas, reforçadas e propagadas na publicidade. A visão das mulheres como consumidoras irracionais, impulsivas e emocionais está presente neste contexto. Por mais que eu tenha encontrado críticas feministas como protagonistas na busca por entender práticas de consumo antes de valorá-las³⁶², os feminismos brasileiros contemporâneos às edições de **Claudia** aqui observados, a partir dos quais tento perceber as apropriações dos feminismos que a revista traz, são categóricos em reproduzir a premissa moderna³⁶³ de que a produção vem antes do consumo. Não só que é preciso produzir antes de consumir, mas principalmente que é algo melhor, maior, mais importante que o consumo.

Nesse sentido, podemos observar que nas ciências econômicas, marxistas e não marxistas demonstram concordância quando se refere à precedência moral do trabalho ao consumo, assim como a figura do

entre coisas". (MARX, Karl. **Capital**. Nova Iorque: International Publishers, 1967, p. 76-77 apud KANG, 2009, p. 227). Mais sobre esse debate em KANG, Jaeho. O espetáculo da modernidade: a crítica da cultura de Walter Benjamin. **Novos estud.** – **CEBRAP**, São Paulo, n.84, p. 215-233, 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002009000200012&lng=en&nrm=iso> Acesso em 11 de maio de 2015 e diretamente em BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

³⁶² Nesse sentido, a bibliografia utilizada por HOLLOWS, J. Op. Cit., 2008 traz uma extensa lista de exemplos. Também pode ser interessante ver MILLER, Daniel. Consumo como cultura material. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre, v. 13, n. 28, p. 33-63, Dez. 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832007000200003&lng=en&nrm=iso> Acesso em 23/07/2015.

³⁶³ É importante apontar que os espaços públicos de consumo, assim como de filantropia, foram (e em certos casos ainda são), em diferentes configurações da modernidade no Ocidente, cruciais como escape das mulheres de classes abastadas do enclausuramento doméstico. Dessa forma, se por um lado o consumo é desvalorizado porque associado à feminilidade, que seria privada, por outro é um meio através do qual as mulheres puderam exercer uma feminilidade autorizada na esfera pública.

produtor àquela do consumidor³⁶⁴. Além de ser percebido como algo não tão sério quanto a produção, o consumo é visto inclusive como lazer. Esta assimetria de valores entre produção e consumo não pode ser entendida como uma resposta direta da simples observação de cientistas sociais aos fenômenos que analisam, principalmente se levarmos em conta que "(...) consumir é uma das mais básicas atividades do ser humano" e que "(...) pode-se viver sem produzir, mas, não, sem consumir."³⁶⁵ Há uma percepção moderna do consumo como algo desagregador, frívolo, negativo para a coletividade, seja esta coletividade capitalista ou revolucionária. É uma percepção que se nega a enxergar a contribuição econômica de atividades que, no século XX e ainda em nossos dias, são tradicionalmente femininas. Ao mesmo tempo em que os feminismos das décadas de 1970 fizeram contas e buscaram demonstrar o valor do trabalho doméstico feminino, nem sempre as atividades de consumo eram abordadas desta forma e, o consumo considerado não essencial³⁶⁶, que traz consigo questões complicadíssimas mas é uma noção presente, não parece ter nos escritos feministas no Brasil o caráter ou o status de trabalho que a limpeza da casa e a pechincha na feira da dona de casa das classes trabalhadoras tinha.

É exatamente este trabalho doméstico que vamos observar a partir da publicidade. Trabalho que, a meu ver, até mesmo os

³⁶⁴ "Miller introduz outros argumentos contra o '*bias* produtivista' que tem permeado os estudos do consumo de modo geral. Para o autor, essa negligência esconde, na verdade, uma espécie de 'pacto' assumido pelos cientistas sociais no decorrer do século XX no sentido de não comprometerem 'a grande narrativa' que confere precedência moral e ideológica à Revolução Industrial e à produção (trabalho), garantindo assim a hegemonia política da economia. Dessa forma, mediante estratégias retóricas, o consumo foi excluído das problemáticas obrigatórias das ciências sociais, por sua desqualificação moral e ideológica. Do ponto de vista da economia, marxistas e não-marxistas nunca estiveram, na realidade, em campos opostos. (...)" MILLER, Daniel. The poverty of morality. **Journal of Consumer Culture**, v. 1, n. 2, nov. 2001, p. 269 apud BARBOSA, L.; CAMPBELL, C. Op. Cit., 2006, p. 31.

³⁶⁵ BARBOSA, Livia. Apresentação. In: BARBOSA, L.; CAMPBELL, C. Op. Cit., 2006, p. 7.

³⁶⁶ De forma geral os/as teóricos/as do consumo utilizados/as nesta tese mostram consenso em não estabelecer o que seria consumo essencial ou não, entendendo os perigos totalitários desse tipo de definição, sem contudo negar a pobreza, a miséria e problemas de distribuição material correntes em todo mundo.

feminismos do período perceberam como não trabalho, seja pelas ausências, por não mencioná-lo, seja pela ênfase em diferenciar o consumo (o comprar) do trabalho, como ocorre na segunda epígrafe deste item deste capítulo (3.1), em que a *mulher-Claudia* é descrita como alguém que não precisa trabalhar fora e não faz trabalho doméstico, ela *apenas consome*. Consumo e trabalho doméstico estão definitivamente desagregados nesse discurso³⁶⁷. Este capítulo também é um espaço para buscarmos historicizar algumas ideias correntes na publicidade e que podemos perceber nas fonte observadas, como a das mulheres serem mais facilmente manipuláveis porque mais conservadoras, ou o entendimento de que o lar é um espaço essencialmente conservador por causa das mulheres. Ou elas o seriam porque associadas ao lar? O lar é um espaço em si conservador? Se formos refletir a respeito com maior acuidade, a resposta pode ser não, nem sempre, às vezes; mas por que por impulso muitas/os de nós responderíamos que sim, ou que de forma geral se entende que sim? Por que achamos que sim ou por que se aceita que sim?

A produção de subjetividade observada nos discursos publicitários em **Claudia**, por exemplo, nos faz pensar que sim. Essa perspectiva nos ajuda a entender a publicidade não como um reflexo da sociedade, de seus valores e preconceitos, mas como produtora deles. Ela não o faz sem estabelecer diálogo com o público alvo e o contexto em que está inserida, mas está muito longe de ser simplesmente reflexo desse contexto. Talvez conheçamos muitos lares que não nos pareçam em nada conservadores, talvez nossa experiência familiar e nossas histórias pessoais nos tragam exemplos não conservadores de lares inclusive no passado mas, espaços como a revista **Claudia**, principalmente os espaços publicitários, nos levam a acreditar que na maioria das famílias era assim. Nos leva a buscar esse modelo, esse lar ideal que não podemos alcançar, e nos faz sentir-nos definitivamente deslocadas/os de alguma forma porque essa realidade publicitária, essas subjetividades ou essa determinada visão de mundo, nos é inatingível ao mesmo tempo em que nos parece absolutamente familiar. E a resposta

³⁶⁷ Enquanto mais recentemente teóricas feministas apontam que a separação entre consumo e trabalho doméstico é artificial e que as práticas de consumo são frequentemente também uma forma de trabalho doméstico. HOLLOWS, J. Op. Cit., 2008, p. 72; 75.

para alcançar esse inatingível, na publicidade, sempre perpassa comprar alguma coisa.³⁶⁸

A minha proposta inicial para pensar o trabalho doméstico na publicidade em **Claudia** esteve centrada na observação dos processos de constituição identitária da dona de casa de camada média no Brasil³⁶⁹ através dessa fonte de pesquisa. Não seria esta uma identidade moderna, mas uma identidade calcada na virada linguística, na noção de que os discursos e as imagens, as representações, enfim, a linguagem, é em si uma prática que constitui fatos, não sendo apenas a descrição dos mesmos. Vale lembrar que essa perspectiva não nega o mundo material, mas entende que nosso acesso a ele é muitas vezes e, no caso das revistas, principalmente, mediado pela linguagem, que produz ela mesma significados pra o mundo material que não estão lá *a priori*, que não são inerentes às coisas.

Entretanto, ao observar as fontes publicitárias, a noção de produção de subjetividades de Félix Guattari me pareceu uma ferramenta de análise mais adequada.³⁷⁰ Nela, Guattari dialoga diretamente com a teoria marxista e estruturalista. Ao observar como a noção de ideologia marxista separa a produção da representação, propõe essa ideia de um movimento mais fluido, de produção de subjetividade

³⁶⁸ VESTERGAARD, Torben; SCHRODER, Kim. **A linguagem da propaganda**. São Paulo: Martins Fontes, 1988, p. 81, comentam que "Anúncios do tipo 'família feliz', como os de Kool-Aid, Cozinhas Crosby e Simplicity, significam que, se a vida diária da leitora não é tão feliz e harmoniosa como aquela retratada na publicidade, a falha se deve, de certa forma, à sua incapacidade para cumprir as funções que se esperam de uma boa esposa e mãe. Desse modo, os problemas da família, muitas vezes socialmente determinados, assumem caráter individual e assim o desespero individualizado e incipiente se converte num esforço dirigido para o consumo, que se alega ser capaz de restabelecer o acordo entre a imagem ideal e a vida real."

³⁶⁹ Indico aqui tese muito interessante que utiliza essa perspectiva de análise também para revistas brasileiras da década de 1970, pensando a constituição identitária principalmente a partir de Anthony Giddens, Stuart Hall, Tomaz Tadeu da Silva e Judith Butler: SANTOS, Marinês Ribeiro dos. **O design pop no Brasil dos anos 1970: domesticidades e relações de gênero na revista Casa & Jardim**. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas), Florianópolis/UFSC, 2010.

³⁷⁰ Ainda que esta noção não tenha surgido necessariamente com o propósito de ser uma ferramenta de análise.

capitalística³⁷¹, na qual as relações de produção subjetiva e de produção econômica não se contrapõem, e na qual o material, o sentimental, o ideológico, são observados em conjunto. Ao propor uma "subjetividade de natureza industrial, maquinica, ou seja, essencialmente fabricada, modelada, recebida, consumida"³⁷², essa ideia observa o maquinário capitalístico como um todo, como um fluxo, vivo como são as sociedades, que intervém no indivíduo através de diferentes cruzamentos. Diferentes instituições, a linguagem, a mídia, o trabalho, a ciência, a tecnologia, a informação, uma vasta lista de componentes operam em uma dinâmica mutante que circula e se reinventa conforme a vida social³⁷³. Este indivíduo que é subjetivado³⁷⁴ não é o indivíduo iluminista³⁷⁵, há nele um cruzamento múltiplo de agenciamentos da

³⁷¹ Uma explicação bem direta sobre o que abrangeria o termo "capitalístico" pode ser encontrada no *website* do Projeto e-Psico, do Departamento de Psicologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS): "O termo 'capitalístico' é utilizado como sinônimo de sistema 'capitalista-urbano-industrial-patriarcal', não apenas para definir as relações sociais características do capitalismo, mas também para aquelas que foram engendradas pelo socialismo burocrático. Tais sociedades em nada se diferenciam do ponto de vista do modo de produção da subjetividade. Elas funcionariam segundo uma mesma cartografia do desejo no campo social. Deve ficar claro que a expressão estende-se a todas as formas de organização social fundadas sobre relações de exploração do capital, seja ele privado ou estatal. Além disto, a todos os modelos econômicos que fazem da natureza simples objeto de dominação, exploração, consumo e descarte. Dessa forma, o termo refere-se a todo um universo cultural e ético, e não simplesmente a uma categoria econômica." Disponível em <http://www.ufrgs.br/e-psico/subjetivacao/perdidos_espaco_index.html> Acesso em 27/07/2015.

³⁷² GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Petrópolis, Vozes, 2010, p. 33.

³⁷³ MANSANO, Sonia Regina Vargas. Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade. **Revista de Psicologia da UNESP**, 8(2), 2009, p. 111-112.

³⁷⁴ Esse processo não é unilateral, não é algo "de cima pra baixo", como comenta Sonia Mansano: "Essa produção de subjetividades, da qual o sujeito é um efeito provisório, mantém-se em aberto uma vez que cada um, ao mesmo tempo em que acolhe os componentes de subjetivação em circulação, também os emite, fazendo dessas trocas uma construção coletiva viva." *Ibidem*, p. 111.

³⁷⁵ Por mais que os feminismos pós-estruturalistas neguem a unidade do indivíduo iluminista, é fato que suas reivindicações políticas (e também de outros feminismos) são calcadas nessa premissa: "Situado na interseção conflitiva da política de identidade e da crítica pós-estruturalista do humanismo

subjetivação, que são históricos, localizados, contextuais: "a subjetividade é essencialmente fabricada e modelada no registro do social"³⁷⁶. Àquela produção de subjetividade dissidente, na qual ao invés de aceitar e se submeter à subjetivação tal como a recebe, o sujeito se reapropria de forma criativa dos componentes da subjetividade, Guattari chama de processos de singularização.³⁷⁷ Em muitos sentidos podemos pensar nos feminismos aqui observados como agentes em específicos processos de singularização.

Levando em conta o fato de que esta tese se calca em teorias feministas em sua análise, o texto "Subjetividade e História", no qual Suely Rolnik organizou uma série de falas de Félix Guattari no que ela chama de blocos de ideias, se mostrou muito estimulante para a reflexão no decorrer da escrita deste capítulo. Isso ocorre não só porque – como muitas teóricas feministas do mesmo modo o fizeram – Guattari entende o gênero³⁷⁸ como domínio da produção de poder; mas também porque afirma que a produção de um manufaturado, por exemplo, não se restringe ao trabalho produtivo, e implica também o trabalho gratuito das mulheres³⁷⁹. Ao se deslocar a subjetividade de uma suposta superestrutura, Guattari afirma que a produção de subjetividade constitui matéria prima de toda e qualquer produção³⁸⁰, e nesse sentido os processos de subjetivação das mulheres referentes ao trabalho doméstico não podem ser desagregados do processo produtivo. Novamente, a premissa feminista de que a separação entre esferas pública e privada é artificial e um tanto quanto "forçada" ganha apoio teórico.

liberal, o feminismo, ao mesmo tempo que endossava a noção de uma identidade feminina universal ancorada nos valores do Iluminismo, como direitos, igualdade e liberdade, empenhava-se na desconstrução do discurso humanista da teoria moderna." COSTA, Cláudia de Lima. Os estudos culturais na encruzilhada dos feminismos materiais e descoloniais. **Estud. Lit. Bras. Contemp.**, Brasília, n. 44, p. 79-103, dez. 2014. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-40182014000200005&lng=pt&nrm=iso> Acesso em 13/05/2015, p. 88.

³⁷⁶ Assim como Mary Douglas (Op. Cit. 2007) apontou que é o consumo. GUATTARI, F.; ROLNIK; S. Op. Cit., 2010, p. 40.

³⁷⁷ Ibidem, p. 42.

³⁷⁸ Dentre outros múltiplos componentes de subjetividade, em cuja encruzilhada o indivíduo se encontra. Ibidem, p. 43.

³⁷⁹ Ibidem, p. 35.

³⁸⁰ Ibidem, p. 38.

Em semelhança àquilo que Guy Debord coloca a respeito do espetáculo na citação supracitada (nota 312) nesta tese, Guattari e Rolnik afirmam que

A produção de subjetividade encontra-se, e com peso cada vez maior, no seio daquilo que Marx chama de infra-estrutura (sic) produtiva. Isso é muito fácil de verificar. Quando uma potência como os Estados Unidos quer implantar suas possibilidades de expansão econômica num país do assim chamado Terceiro Mundo, ela começa, antes de mais nada, a trabalhar os processos de subjetivação.³⁸¹

A subjetivação capitalística integra aquilo que podemos entender como produção econômica a questões que geralmente não associamos à economia, porque nos dizem ser privadas, pessoais, emocionais, subjetivas. É uma noção que integra a produção econômica a uma visão de mundo específica³⁸², integra o material àquilo que entendemos como não material mas que é ainda assim central nas sociedades. Por outro lado, é uma perspectiva que possibilita observar as fontes de pesquisa de modos semelhantes às propostas da "virada material" e abordagem ontoepistemológica, conforme observa Claudia Lima Costa: "(...) Contra

³⁸¹ Ibidem, p. 36.

³⁸² No texto "Subjetividade e História" cita-se: "Tudo o que é produzido pela subjetivação capitalística – tudo o que nos chega pela linguagem, pela família, e pelos equipamentos que nos rodeiam – não é apenas uma questão de idéia (sic) ou de significações por meio de enunciados significantes. Tampouco se reduz a modelos de identidade ou a identificações com pólos maternos e paternos. Trata-se de sistemas de conexão direta entre as grandes máquinas produtivas, as grandes máquinas de controle social e as instâncias psíquicas que definem a maneira de perceber o mundo. As sociedades "arcaicas" que ainda não incorporaram o processo capitalístico, as crianças ainda não integradas ao sistema, ou as pessoas que estão nos hospitais psiquiátricos e que não conseguem (ou não querem) entrar no sistema de significação dominante, têm uma percepção do mundo inteiramente diferente da que se costuma ter da perspectiva dos esquemas dominantes. Isso não quer dizer que a natureza de sua percepção dos valores e das relações sociais seja caótica. Correspondem a outros modos de representação do mundo, sem dúvida muito importantes para as pessoas que deles se servem para poder viver, mas não só para elas, sua importância poderá se estender a outros setores da vida social, numa sociedade de outro tipo." Ibidem, p. 35.

o dogma pós-estruturalista de que a subjetividade é uma categoria vazia do humanismo, essas contribuições sugerem que a identidade não é apenas uma construção cultural; pelo contrário, que essas construções culturais têm impacto imediato sobre a forma pelas quais as pessoas experienciam e vivem as suas vidas diárias."³⁸³

Essa perspectiva da "virada material", no meu entendimento, não contradiz absolutamente toda e qualquer teoria pós-estruturalista, conforme já indicou Joan Scott décadas atrás, ao afirmar que quem insiste que "o pós-estruturalismo não pode lidar com a realidade ou que seu foco nos textos exclui as estruturas sociais, não compreendeu o ponto principal da teoria."³⁸⁴ Entretanto, parece uma resposta, uma afirmação, um lembrete importante ou uma mudança de foco que "aponta com convicção para o fato de que há um mundo lá fora, ainda que nosso acesso a ele seja pela linguagem. É através de nossos conceitos – sempre equívocos – que conhecemos o mundo, porém o mundo, longe de ser passivo e objeto de nosso olhar, também age na formação de nossos conceitos, moldando-os e limitando-os, cujas consequências são também materiais/reais."³⁸⁵

Sendo assim, a produção subjetiva das mães de família de camadas médias brasileiras em **Claudia** nas décadas de 1970 e 1980 não poderia ser aqui observada como um fenômeno puramente discursivo, independente do fato das minhas fontes de pesquisa serem sobretudo discursivas. Além da noção de produção de subjetividade possibilitar em muitos sentidos uma superação das dicotomias entre natureza e cultura, ou realidade e linguagem, o foco de Guattari no desenvolvimento tecnológico, nos sistemas maquínicos, nos equipamentos coletivos de subjetivação³⁸⁶ e na subjetividade capitalística ajudam muito a observar o fenômeno específico da publicidade. Por outro lado, é uma noção que serve em muitos sentidos à análise feminista por propiciar um amplo espaço para a mudança, seja pelo constante fluxo e diferentes cruzamentos das subjetivações, seja pela noção específica de singularização. É, ainda, uma noção preocupada com a história e, assim,

³⁸³ BANNER, Olivia P. Book Review. **Signs**, v. 34, n. 3, 2009, p. 713-717. Apud COSTA, C. Op. Cit., 2014.

³⁸⁴ SCOTT, J. Op. Cit., 1992, p. 94.

³⁸⁵ COSTA, C. Op. Cit., 2014, p. 94-95.

³⁸⁶ Que não são necessariamente associados a algo novo ou tecnologias recentes, de ponta, como se pode observar em GUATTARI, Félix. Da produção de subjetividade. In: PARENTE, André (org.). **Imagem-máquina: a era das tecnologias do virtual**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994, p. 177-191.

além de simplesmente assumir as contingências históricas, compreende que muito daquilo que socialmente se declara como atemporal, como é o caso do trabalho das mulheres, das esferas pública e privada mas também do próprio ser mulher, demandam um reforço constante para continuarem *sendo como sempre foram*:

Esquemáticamente falando, eu diria que, assim como se fabrica leite em forma de leite condensado, com todas as moléculas que lhe são próprias, injeta-se representações nas mães, nas crianças, como parte do processo de produção subjetiva. Muitos pais, mães, Édipos e triangulações são requeridos para recompor uma estrutura de família restrita. Há uma espécie de reciclagem ou de formação permanente para voltar a ser mulher ou mãe, para voltar a ser criança, ou melhor, para passar a ser criança, pois os adultos é que são infantis. As crianças conseguem não ser infantis por algum tempo, enquanto não sucumbem a essa produção de subjetividade.³⁸⁷

Como podemos observar, esta é uma perspectiva que dialoga muito bem com as problematizações dos feminismos observados a respeito do trabalho doméstico e dos estereótipos femininos, ao mesmo tempo em que abre a possibilidade para se criticar esses feminismos ao invisibilizarem o trabalho das mulheres de classes mais privilegiadas. Entretanto, muitos dos apelos e das questões que observamos na publicidade voltada ao trabalho das mulheres em **Claudia** parecem não apresentar este corte de classe que tanto as feministas quanto a própria revista³⁸⁸ apontaram inúmeras vezes. O amor, o amor de esposa mas principalmente o amor materno, foi um grande mote de venda de produtos relacionados ao trabalho doméstico na publicação³⁸⁹, e aí

³⁸⁷ GUATTARI, F.; ROLNIK; S. Op. Cit., 2010, p. 33.

³⁸⁸ Vide primeira epígrafe deste item deste capítulo, 3.1.

³⁸⁹ "Em nossa sociedade, a ideologia do amor materno pode ser considerada como o esteio da estrutura da família tradicional e do acesso ao amor-próprio da mulher economicamente dependente. (...) A ideologia da propaganda é nefasta porque reforça as tendências que procuram tornar estática a sociedade – não no sentido de evitar o desenvolvimento de novos produtos e a criação de novas oportunidades de lazer, mas no de retardar ou impedir a revisão dos princípios

podemos pensar num fator sobre o qual se produz subjetividades femininas de forma transversal aos marcadores de classe.

Ademais as chamadas que utilizam diretamente a palavra amor, como "Amor com Primor se paga", "Amor com tricô se paga", "Costurar é um ato de amor", "Puro e necessário como o seu amor", "Amor, carinho, e um potinho com legumes", "Amor de mãe é contagioso", "Faça uma declaração de amor para o seu filho", "Ele vai sentir o seu amor na pele" (sic), "É tempo de amor" ou, ainda, "Mas prova de amor mesmo é fazer seguro"³⁹⁰; as referências indiretas ao amor materno, profundamente naturalizadas, são inúmeras. Carinho, segurança, proteção, confiança, cuidado, nutrição, felicidade, pureza, são palavras destacadas dos anúncios. Isso ocorre principalmente com produtos infantis ou para a casa e família de forma geral, de que as crianças poderiam fazer uso indireto, como carpetes ou cortinas, linhas de tricô e máquinas de costura, seguros de vida, automóveis, alimentos ou vestuário. O vestuário, vale destacar, quando relacionado ao amor e carinho, está ligado a roupas de dormir ou do dia a dia para as crianças, principalmente aquelas de algodão. Quando se busca uma abordagem mais sofisticada, com referências à moda e tendências mundiais no vestuário de adultos e crianças, os marcadores de classe e status se evidenciam e o vestir-se ou vestir os seus parece se afastar da esfera doméstica e dos valores familiares.

Neste panorama é preciso sublinhar a marcante presença de alguns anunciantes. Dos 93 anúncios observados mais focados na questão do amor materno durante as duas décadas, o primeiro, de fevereiro de 1970, assim como o último, de dezembro de 1989, são da Johnson & Johnson, num total de 9 anúncios representando quase 9,7% dos 93, que incluem além de produtos infantis, como fraldas, sabonetes, talco ou cotonetes, também produtos para gestantes. Entretanto, a grande campeã em *vender amor* em **Claudia** nesses anos foi sem dúvida nenhuma a indústria de alimentos Nestlé. Contam-se 18 anúncios diferentes destacados entre os 93 selecionados, o que representa 19,3% destes, que chamam a atenção por terem sido publicados repetidamente, de forma muito intensa. Alimentos infantis, como papinhas prontas, preparados para mingaus, leite em pó ou leite condensado – que quase sempre surge associado às crianças – são anunciados de forma bastante

básicos da ordem social." VESTERGAARD, T.; SCHRODER, K. Op. Cit. 1988, p. 164.

³⁹⁰ Exórdios encontrados, respectivamente, nos números 109; 226; 141 e 332; 163 e 174; 252; 187; 243; 108; 136; e 258 da Revista **Claudia**.

agressiva na publicação (considerando a quantidade de espaço comprado), sempre vinculando seus produtos ao bem estar, felicidade e desenvolvimento infantis.

A Nestlé não só associou seus produtos ao bem estar e saúde familiar, como subjetivou as mães a um papel muito específico, de cuidadoras, nutridoras, aparentemente as únicas responsáveis pelo crescimento saudável das crianças. Aquilo que Roland Barthes teria chamado de mito (que dependeria da repetição intensa dos conceitos em diferentes formas³⁹¹ para poder existir), ou aquilo que as feministas algumas vezes nomearam como "um trabalho chamado amor"³⁹², fica muito claro nas subjetividades maternas produzidas nos anúncios em **Claudia**.

³⁹¹ Porque "as coisas repetidas (...) significam". BARTHES, Roland. *Mitologias*. Rio de Janeiro: Difel, 2010, p. 211.

³⁹² Sobre esta questão específica, ver item 1.1 da dissertação, resultado de pesquisa anterior, MELLO, Soraia Carolina de. **Feminismos de segunda onda no Cone Sul problematizando o trabalho doméstico (1970 - 1989)**. Dissertação (Mestrado em História Cultural), Florianópolis/UFSC, 2010, p. 32-50.

Figura 28

**Não há família como a sua.
Nem leite como Ninho.**



Ninho é o leite de confiança. Ninho é leite integral, puro e gostoso como nenhum outro.
Ninho é saúde para a família, tranquilidade para você. Sua família é única.

Exija Leite Ninho



393

O fato de ter apenas uma figura paterna representada em todos os 18 anúncios da Nestlé e inclusive em todos os anúncios de alimento infantil que observei, só reforça esse ponto de vista, ainda mais se levarmos em conta a consideração de que as imagens antes de ilustrar os anúncios os determinam³⁹⁴ ou, ao menos, que texto e imagem dão

³⁹³ **Claudia**. São Paulo, nº 149, Ano XIII, fevereiro de 1974.

³⁹⁴ **SANT'ANNA**, Mara Rúbia. De perfumes aos pós: a publicidade como objeto histórico. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 32, n. 64, p. 299-

instruções de leitura um ao outro.³⁹⁵ Importante destacar que a citada figura paterna aparece junto com a mãe e os filhos e filha, representando assim o conjunto doméstico e a felicidade familiar, não aparecendo como alguém responsável por alimentar as crianças, como podemos observar na Figura 28. Nesta figura podemos interpretar o esposo inclusive como mais alguém a ser cuidado, alimentado pela esposa. Este trabalho é exclusivo das mães, em todos os anúncios analisados.

Outros anunciantes também se destacam. A empresa americana Gerber, focada em alimentos infantis, em especial as papinhas para bebês, tentava se estabelecer no Brasil na década de 1970 e investiu bastante em publicidade, trazendo discursos muito semelhantes àqueles dos anúncios da Nestlé. Outras empresas europeias ou multinacionais, mas principalmente estadunidenses, donas de marcas como Maizena, Kellogg's ou Royal, constantemente compraram espaço publicitário em **Claudia**. Essa pronunciada presença de empresas estrangeiras como financiadoras da publicação também pode nos ajudar a compreender – em conjunto com outras questões elencadas anteriormente – as ressalvas das feministas que, engajadas em uma visão anti-imperialista, entendiam que o conteúdo da revista era comprometido devido aos seus anunciantes e, assim, não enxergavam um potencial comunicador revolucionário na mesma.

A naturalização do amor materno³⁹⁶ é trabalhada de forma intensa nestes anúncios e, as diferentes formas através das quais esse amor e cuidado se traduzem em trabalho parecem ser mais abordadas no conteúdo editorial da revista do que nos anúncios em si, que tratam a questão não apenas de um ponto de vista mais idealizado, mas quase onírico, produzindo imagens que remetem mais à lembranças ou expectativas do que ao dia a dia das mulheres.

324, Dez. 2012. Disponível em
 <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882012000200016&lng=en&nrm=iso> Acesso em 17/05/2015, p. 304.

³⁹⁵ GASTALDO, Édison. A representação do espaço doméstico e papéis de gênero na publicidade. In: FUNCK, Susana Bornéo e WIDHOLZER, Nara. **Gênero em discursos da mídia**. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2005, p. 62.

³⁹⁶ Era comum encontrar, como acontece em nossos dias ainda, o uso de celebridades, depois de se tornarem mães, para anunciar produtos infantis ou familiares. Temos exemplos como Regina Duarte em um anúncio de linhas para tricotar enxovais (dezembro de 81), ou pijamas para crianças (dezembro de 73), e Rita Lee em anúncio de iogurte (março de 89).

Uma exceção que, apesar de trabalhar com a importância das lembranças (algo como aproveitar determinada fase da infância das crianças), faz referência direta ao trabalho feminino de alimentar o bebê, é um anúncio das papinhas prontas Gerber de janeiro de 1973. Sua chamada destaca: "Converta seu tempo em carinho, e deixe Gerber cuidar da nutrição do seu bebê"³⁹⁷, acompanhada da foto de uma mulher abraçando o bebê sorrindo. Este anúncio vem em uma página menor em destaque que abre, só para ele, e quando fechada se lê apenas "É tempo de amor", ocupando a página inteira. Apesar das inúmeras referências à nutrição nos anúncios de alimentos, em especial os infantis, nem sempre o tempo gasto pelas mulheres nessa tarefa era abordado de forma tão direta. As letras miúdas de anúncios de Farinha Láctea da Nestlé poderiam citar a vantagem do produto não precisar ir ao fogo para preparar o mingau, mas de forma geral se ressaltava que eram alimentos nutritivos e gostosos, provendo tudo o que as crianças precisavam. Ao mesmo tempo, reforçavam-se as relações entre o alimentar, o nutrir, e o carinho e amor, como nas letras miúdas desse anúncio de papinhas da Nestlé de novembro de 1987:

(...) Qualquer um pode se orgulhar de fazer uma comida assim *pura*, absolutamente sem corantes nem conservantes. E não é porque vem num potinho que não foi feita com muito *carinho*. Aliás, *carinho* também é ler um anúncio tão comprido só para saber o que é bom para os filhos. Abra um potinho Nestlé. Veja que *amor* de comidinha. (...)³⁹⁸

³⁹⁷ **Claudia**. São Paulo, nº 136, Ano XII, janeiro de 1973.

³⁹⁸ Meus grifos. Texto do anúncio completo: "**É preciso ser muito puro para entrar aqui**. Afinal estamos preparando a refeição do seu bebê. Tudo é de primeira: carne, galinhas saudáveis, ovos fresquinhos, legumes e frutas cultivados com capricho. A Nestlé coloca-se no papel da mãe exigente e faz uma seleção rigorosa de todos os ingredientes. Como você, lava tudo direitinho, separa as sementes, as cascas, lava novamente, corta. Depois vem o cozimento no tempo e temperatura certos para preservar todo o valor nutritivo do alimento. E, chegando no ponto ideal, é hora de transformar em purê conforme gostosas receitas. Os potinhos são fechados a vácuo, depois de 12 etapas de fabricação onde não faltou gente especializada e muito controle. Qualquer um pode se orgulhar de fazer uma comida assim pura, absolutamente sem corantes nem conservantes. E não é porque vem num potinho que não foi feita com muito carinho. Aliás, carinho também é ler um anúncio tão comprido só para saber o que é bom para os filhos. Abra um potinho Nestlé. Veja que amor de

Outro tipo de produto que é anunciado fazendo frequente referência ao amor materno e familiar são as linhas de tricô e máquinas de costura. Em junho de 1973, um anúncio de duas páginas cheias da máquina de costura Singer Flexiponto traz redação exemplar nesse sentido:

Costurar é um ato de amor.

Quem já esteve atrás de uma menininha apressada e ofegante sabe o que isso significa. Quem já pregou sianinhas, tocou num tecido, sentiu o cheiro de algodão, chita, ou já furou o dedo com uma agulha também sabe. Nós vamos ser duros e sinceros com as pessoas que não têm a mínima idéia (sic) do que significa sentir essas coisas. A sensação de sentar na frente de uma máquina de costura e fazer uma roupa, vestir alguém, é tão grande como a de amamentar um filho. Costurando, você usa a imaginação, tem momentos só seus e faz alguém muito feliz. Não existe sensação mais gratificante do que essa. Faça as pazes com a felicidade. Sente-se na frente de uma Singer. No princípio você vai ficar meio sem jeito, meio sem graça. Como no dia em que você olhou firme para alguém e sentiu que estava sendo olhada da mesma maneira. Depois você vai pegando o jeito. E vai soltando a imaginação. Com a Singer você pode fazer mil coisas: cerzir, bordar, costurar em cima de tecidos elásticos, chulear, casear, pregar botões. Em pouco tempo você vai sentir tudo aquilo que nós falamos sobre as sianinhas, cheiro do algodão, menininhas apressadas e atos de amor. SINGER.³⁹⁹

A redação vem na página direita com pequenas imagens da máquina e exemplos de costura. A página esquerda é toda ocupada pela fotografia de uma menina paciente, olhando pra frente segurando seu

comidinha. Esta é a verdade pura e natural dos Alimentos Infantis Nestlé." Segue com um telefone de contato da Nestlé para quem quiser saber mais.

Claudia. São Paulo, nº 314, Ano XXVII, novembro de 1987.

³⁹⁹ **Claudia.** São Paulo, nº 141, Ano XII, junho de 1973.

chapéu de palha enquanto sua mãe, por trás dela, arruma uma fita na trança em seu cabelo. O cenário é rústico e romântico, como em uma fazenda. Ao fundo, a meia luz, vê-se a máquina de costura. As especificações sobre as funções da máquina, como costurar em tecidos flexíveis, pregar rendas ou fazer bordados aparecem em letras tão minúsculas que no arquivo que tenho do anúncio muitas dessas partes são ilegíveis. Singer não está anunciando uma máquina que borda e costura em tecidos elásticos, está anunciando um emaranhado de sensações prazerosas e gratificantes. O amor, a felicidade, a imaginação, são vendidos apelando diretamente ao estereótipo da dona de casa vitoriana, aquela que Virginia Woolf chamou de anjo do lar⁴⁰⁰. A analogia com o prazer da amamentação, a referência à relação entre mãe e filha, a analogia entre o primeiro contato com a máquina e o primeiro contato com o que se pode entender como o esposo, fazem o anúncio de um instrumento de trabalho para a dona de casa parecer o anúncio de um projeto de vida, de um caminho para a felicidade. A projeção de um universo onírico associado à vida familiar também é presente, como nos anúncios de alimentos infantis. A subjetivação da dona de casa como uma consumidora antes de sentimentos do que de produtos, cujas escolhas podem ser manipuladas por aspectos que não dizem respeito às funções do produto em si, é produzida nesse exemplo.

Em agosto do mesmo ano, 1973, outro anúncio da Singer Flexiponto traz uma chamada semelhante, mas uma redação com abordagem diferente:

Para mim a felicidade é um bom pedaço de pano, carretéis de linha, passamanarias, minha Singer e algum tempo de folga.

"Deus ajuda quem cedo madruga. Por isso, às seis da manhã eu já estou pondo água no fogo e arrumando o café do meu marido, que pega duas conduções. Em seguida eu tiro as crianças da cama e levo prá (sic) escola. Dia sim, dia não, eu faço uma faxina completa na casa. E duas vezes por semana, lavo e passo a roupa. Na quarta eu compro arroz, feijão, batata, chicória, abobrinha, berinjela, fubá, óleo e às vezes um peixe fresco. O almoço em casa é muito simples e a cozinha eu

⁴⁰⁰ WOOLF, Virginia. Profissões para mulheres. In: _____. **Profissões para mulheres e outros artigos feministas**. Porto Alegre: L&PM, 2013, p. 9-19.

arrumo num instante. A tarde é a parte do dia que eu mais gosto. É a hora de visitar os parentes e de pegar na minha Singer, nos meus panos. Ficar sem costurar para mim é como ficar sem arroz, feijão e bife. Eu não vivo. Com a minha Singer Flexiponto eu costuro sobre tecidos elásticos e o ponto não arrebenta, bordo, prego rendas, chuleio, caseio. Costuro para a família inteira e para a casa: fronhas, panos de prato etc. Valeu o sacrifício que nós fizemos para comprá-la. Agora a minha roupa, a do meu marido e a das crianças estão sempre em ordem. Até minha casa ficou mais bonita com a Singer Flexiponto na sala de visita".

SINGER.⁴⁰¹

Aqui, o dia a dia da dona de casa e o trabalho doméstico ganham atenção. O anúncio traz as mesmas pequenas imagens, com descrições em letras miúdas das funções da máquina, como ocorre no anúncio anterior, na página direita da redação. A página esquerda traz um casal sentado num banco de praça com uma menina entre eles, ambos pegando na mão da criança. É importante perceber que apesar das descrições em letras miúdas, esse anúncio traz também na sua redação principal características do produto anunciado, como o nome, que o anúncio anterior não trazia, e algumas de suas funções. A referência à rotina de trabalho, a utilização do transporte público pelo esposo, assim como o sacrifício que foi necessário para comprar a máquina direcionam este anúncio a um público um pouco diferente do primeiro. Aqui, a máquina ganha destaque por sua utilidade e é apresentada como uma opção vantajosa à leitora. Por mais que o depoimento frise como é prazeroso para as mulheres costurar, a máquina é oferecida mais como um utilitário do que como um meio de alcançar sensações como "olhar firme para alguém", "fazer as pazes com a felicidade", ou uma sensação "tão grande como a de amamentar um filho".

É como se o primeiro anúncio, ambientado em uma casa de campo e focando em aspectos que fogem à questão da necessidade material – inclusive abordando o ato de costurar mais como uma experiência do que como trabalho doméstico – fosse voltado à *mulher-Claudia*, aquela descrita nas citações que abrem este item 3.1. Já o segundo anúncio, voltado a uma mulher pertencente a um núcleo

⁴⁰¹ **Claudia.** São Paulo, nº 143, Ano XII, agosto de 1973.

familiar menos abastado, foge um pouco desta proposta. Entretanto, o fato deste ser veiculado na revista, em conjunto com tantos outros aspectos da publicação, nos leva a inferir que essa *mulher-Claudia* descrita aos anunciantes não era necessariamente a leitora da revista, ou talvez representasse uma parcela não tão expressiva das leitoras. Lembrando que as revistas circulam em diferentes meios, é importante ter em conta o amplo público que tinha acesso à **Claudia**, uma revista que anunciava produtos de luxo como diamantes mas também trazia anúncios relatando como valia a pena fazer alguns sacrifícios para se comprar determinados eletrodomésticos.

Assim como Singer fez com a costura, o tricô é com frequência associado ao amor nos anúncios em **Claudia** nos anos consultados. Apesar das referências à moda e também à economia aparecerem nos anúncios das linhas e lãs, principalmente entre meados da década de 1970 até o começo da de 80 ganham destaque chamadas como "Não deixe a sua família sentir falta de carinho neste inverno"⁴⁰²; "Ser Super-Mãe é ser uma verdadeira fábrica de carinho"⁴⁰³; "Amor de mãe em 300 cores maravilhosas"⁴⁰⁴; "Não deixe o seu amor de mãe enferrujando durante o verão"⁴⁰⁵; "Para quem põe carinho em tudo o que faz"⁴⁰⁶; "Veja aqui algumas maneiras de fazer carinho com as mãos"⁴⁰⁷; "Uma declaração de amor em suas mãos"⁴⁰⁸; ou, ainda, "A primeira prova de amor a gente dá quando faz o enxoval com linhas Círculo"⁴⁰⁹, já no final de 1981, com a assinatura manuscrita de Regina Duarte e a fotografia de seu olhar apaixonado para um bebê⁴¹⁰ coberto de lã.

⁴⁰² Anúncio Fios Pingouin, **Claudia**. São Paulo, nº 175, Ano XV, abril de 1976.

⁴⁰³ Anúncio Fios Pingouin, **Claudia**. São Paulo, nº 177, Ano XV, junho de 1976.

⁴⁰⁴ Anúncio Fios Pingouin, **Claudia**. São Paulo, nº 179, Ano XV, agosto de 1976.

⁴⁰⁵ Anúncio Fios Pingouin, **Claudia**. São Paulo, nº 181, Ano XVI, outubro de 1976.

⁴⁰⁶ Anúncio Novelos Crylor, **Claudia**. São Paulo, nº 188, Ano XVI, maio de 1977.

⁴⁰⁷ Anúncio Fios Santista, **Claudia**. São Paulo, nº 201, Ano XVII, junho de 1978.

⁴⁰⁸ Anúncio Novelos Crylor, **Claudia**. São Paulo, nº 212, Ano XVIII, maio de 1979.

⁴⁰⁹ Anúncio Linhas Círculo, **Claudia**. São Paulo, nº 243, Ano XXI, dezembro de 1981.

⁴¹⁰ É possível que o bebê do anúncio seja seu terceiro filho, João Ricardo, nascido em 1981.

Um anúncio de Lãs Pingouin publicado em julho de 1977 traz essas ideias se calcando no tricô também como tradição. Este aborda a socialização das mulheres nas prendas domésticas desde muito jovens e menciona aspectos daquilo que se estabelece como lar na dicotomia público-privado: aconchego, carinho, amor, proteção. A foto traz mulheres de três gerações de uma família, posicionadas em ordem crescente de idade, a primeira delas ainda uma criança, com uma boneca ao seu lado. Todas estão sentadas tricotando, diante de uma cesta cheia de novelos, sob o anúncio "Lãs Pingouin: para fábricas de carinho de pequeno, médio e grande porte". Em letras miúdas ao pé da página se lê:

A Pingouin está oferecendo a melhor matéria-prima para fábricas de carinho: lãs bem macias, aconchegantes, em 350 cores maravilhosas. E com um tipo de fio para cada trabalho: com lãs Pingouin, você faz blusinhas, casacos, luvas, gorriños, cachecóis, meias, tudo para agasalhar e proteger sua família inteira. Agora que o inverno está aí, pegue alguns novelos de lãs Pingouin e abra a sua fábrica de carinho. Nome para ela você já tem: Amor de Mãe S.A.⁴¹¹

Assim como grande parte do diálogo que o próprio conteúdo editorial da revista estabelece, esses anúncios se dirigem a mães donas de casa e, mesmo que muitas vezes mencionem o trabalho que as mulheres têm ao tricotar, especificidades sobre as linhas etc., as chamadas colocam o trabalho de tricotar como uma forma de demonstração de carinho, e não como trabalho. O tricô é tão associado à concepção de demonstração de amor familiar que inclusive é utilizado na publicidade em **Claudia** para vender um produto que não tem nenhuma relação com linhas ou agulhas, simplesmente porque o mote de venda do anúncio é o amor. Conforme reproduzido na Figura 29, a seguir, podemos observar a propaganda de caderneta de poupança Bamerindus na qual a imagem das mãos de uma mulher casada (uma vez que a aliança em seu dedo aparece com clareza) tricotando um sapatinho de bebê vem associada à mensagem em destaque "Tudo o que você faz, faz por alguém". No rodapé da página, a redação

⁴¹¹ Anúncio Fios Pingouin, **Claudia**. São Paulo, nº 190, Ano XVI, julho de 1977.

Tem coisas que a gente sente e *não sabe explicar*. Sente lá no fundo do coração. Às vezes ela se torna tão grande que a gente acha que *pode pôr tudo a perder*. É assim com o amor, não é? Acho que é por isso que dá essa vontade enorme de proteger, de abraçar, de ficar sempre junto dele. É nessas horas que a gente *tem que usar a cabeça* e pensar no futuro.

Poupança Bamerindus – O futuro de quem se ama.

Abra sua Caderneta de Poupança em qualquer uma das 600 agências Bamerindus.⁴¹²

Figura 29

Tudo o que você faz, faz por alguém.

Tem coisas que a gente sente e não sabe explicar. Sente lá no fundo do coração. Às vezes ela se torna tão grande que a gente acha que pode pôr tudo a perder. É assim com o amor, não é? Acho que é por isso que dá essa vontade enorme de proteger, de abraçar, de ficar sempre junto dele. É nessas horas que a gente tem que usar a cabeça e pensar no futuro.

Poupança
BAMERINDUS

O futuro de quem se ama.

Abra sua Caderneta de Poupança em qualquer uma das 600 agências Bamerindus.

413

⁴¹² Meus grifos. **Claudia**. São Paulo, n° 221, Ano XIX, fevereiro de 1980.

Os estereótipos da consumidora feminina, frívola, que sonha acordada, focada antes em sentimentos do que na razão ficam evidentes neste anúncio. Além do tom informal de conversa e cumplicidade de muitos destes anúncios, tom de aconselhamento amigo – que de forma geral é encontrado na linguagem midiática voltada às mulheres –, neste caso específico se busca chamar a atenção destas criaturas tenras e sentimentais para o fato de que "é preciso usar a cabeça", e que o futuro de quem se ama depende de decisões racionais, não apenas de amor. Será que em revistas voltadas ao público masculino o Bamerindus anunciaria da mesma maneira? A mensagem não poderia ser considerada ofensiva, se voltada a homens?

Diferente do caso dos produtos infantis e daqueles associados ao aconchego do lar, os anúncios referentes à costura e ao tricô são quase todos da década de 1970⁴¹³. Há de fato uma maior incidência geral de apelo ao amor nos anúncios da década de 1970 do que nos da de 1980, mas isso não ocorre, por exemplo, com os dois principais anunciantes, a Johnson's e a Nestlé. As referências ao tricô associadas ao amor familiar, por sua vez, praticamente desaparecem – ao menos nos números consultados – a partir de 1982. Em 1989 o anúncio de máquinas de costura Singer, reproduzido aqui na Figura 30, nos indica essa mudança:

⁴¹³ **Claudia.** São Paulo, nº 221, Ano XIX, fevereiro de 1980. Anúncio de teor semelhante é encontrado em setembro de 1982, quando o Bradesco traz a foto de uma mulher grávida tricotando sob a chamada "Você acha muito cedo para fazer seguro de vida?"

⁴¹⁴ Salvo um anúncio que encontrei de máquinas de costura Singer de maio de 1989, com a chamada utilizada repetidas vezes pela marca "Costurar é um ato de amor", os outros dois anúncios são do começo da década, de linhas de tricô e crochê das marcas Santista e Círculo, de julho de 1980 e dezembro de 1981, respectivamente. Há também uma propaganda da caderneta de poupança Bamerindus de fevereiro de 1980 que faz a associação entre tricô e amor, reproduzida aqui na Figura 30. Apesar de eu ter consultado um número menor de revistas na década de 1980, cerca de 43% do total que consultei, contra 57% da década de 1970, a diferença nos números de propagandas de fios e máquinas de costura é expressivo, sendo que destaquei 11 anúncios da década de 1970 contra os três da década de 1980, que representam pouco mais de 20% do total de anúncios de produtos para costura. De forma geral, essa diminuição da costura, do tricô, do crochê e do bordado acompanha o conteúdo editorial de **Claudia**.

Costurar é um ato de amor.

Nada se compara ao prazer de você mesma fazer um conserto ou arrumar uma roupinha para suas crianças. Faça questão de que sua filha tenha na memória uma imagem parecida com a que você tem de sua mãe, costurando com uma Singer. É claro que as mães de hoje mudaram. Mas a Singer também mudou. As máquinas de costura tornaram-se muito mais simples de ser usadas, com recursos inacreditáveis. Numa Singer, hoje, você pode fazer desde costura reta e ziguezague, com um acabamento mais perfeito, até caseados, cerzidos, bainha invisível e pregar botões. Você costura com muita facilidade, pois a máquina tem duas velocidades e luz direcionada sobre a costura. As coisas podem ter mudado. Mas costurar ainda é um ato de amor. SINGER.⁴¹⁵

Figura 30



⁴¹⁵ **Claudia**. São Paulo, nº 332, Ano 28, maio de 1989.

A mensagem que a imagem passa, de lembrança, de carinho, de acolhimento, é semelhante àquela das imagens dos anúncios Singer da década de 1970, e o padrão da fonte e da redação também o são. Em um momento em que certamente as máquinas de costura diminuíram suas vendas e a larga inserção das donas de casa no mercado de trabalho modificou relações familiares e forçou a simplificação de muito do trabalhado prestado pelas mulheres às suas famílias, Singer ainda aposta no amor, no sentimento e na nostalgia para vender para mulheres. Não na economia, na praticidade ou autonomia que resolver pequenos problemas de costura em casa pode oferecer.

Essa ênfase no sentimental, na construção de lembranças, no aconchego e nos demais significados atribuídos ao lar não está tão presente quando os anúncios fazem referência ao amor romântico e ao casamento. Nesses casos, em especial na década de 1970, o humor se sobressai como meio para divulgação dos produtos. Chamadas como "Geladeira é que nem marido, escolhendo bem dura a vida inteira", da GE; ou de forma muito semelhante "Escolha a sua geladeira com o mesmo amor com que você escolhe um marido", da Gelomatic; "Meu marido inventou mil desculpas para não trocar de fogão. Acontece que eu inventei mil e uma", da Brastemp; "Walita foi meu primeiro amor. E continua sendo", acompanhada de uma foto do casal de atores de telenovelas Rosamaria Murtinho e Mauro Mendonça; "Se v. está namorando, conte pro seu marido", sobre *namorar* um Fusca; "Os beijos que eu dava na minha mulher eram carregados de paixão e cheiro de bife", dos exaustores de cozinha Exaustar; "Ponha mais brilho na sua casa. Sem pôr seu marido na rua", da cera Cascolac; ou ainda "Novidades, novidades, novidades. O que toda mulher deseja, depois de ganhar um marido", da Arno⁴¹⁶, são encontradas na revista. A margarina Becel, para fazer alusão à boa saúde alimentar dos esposos, usou chamadas como "Será que seu marido ainda é o mesmo?"⁴¹⁷, e "Você sabe da vida que o seu marido anda levando fora de casa?" que finaliza a página com a assertiva "Se você não cuidar do coração dele, quem vai cuidar?"⁴¹⁸.

⁴¹⁶ Esses anúncios são encontrados, na ordem em que são listados, nos seguintes números de **Claudia**: 110, 150, 159, 128, 120, 181, 182 e 284.

⁴¹⁷ **Claudia**. São Paulo, nº 201, Ano XVII, junho de 1978.

⁴¹⁸ **Claudia**. São Paulo, nº 180, Ano XV, setembro de 1976.

Figura 31

Com êste, ela ganhou a Lavadora Frigidaire.
Com êste, a Secadora.

Naquele instante ela amou mais o fogão Frigidaire do que o próprio marido.

419

Na década de 1970 também são frequentes as abordagens dos anúncios ao fato de que as mulheres não tinham poder de decisão sobre gastos significativos nos lares. Assim, o imperativo "peça ao seu marido" surge em muitos momentos, e carros para levar as crianças à escola, eletrodomésticos dos mais diversos e mesmo mobília para a cozinha são apresentados como presentes, provas de amor dos esposos para suas esposas. Também nesses casos o humor é utilizado, como nos exemplos aqui reproduzidos na Figura 31, de anúncios de lavadora e secadora, e também de fogão Frigidaire. A referência à esposa agredindo fisicamente o esposo para ganhar determinados eletrodomésticos pode talvez parecer mais inadequada para nós agora do que pareceu na década de 1970, mas o fato desse tipo de propaganda ir contra um ideal de feminilidade propagado pela publicação e de não ser um recurso usado repetidamente nos anúncios, como acontece com outros recursos de humor e referências ao amor, nos leva a inferir que estes anúncios são

⁴¹⁹ **Claudia**. São Paulo, nº 120, Ano X, setembro de 1971 e **Claudia**. São Paulo, nº 122, Ano XI, novembro de 1971. Nos exórdio se lê, respectivamente: "Com êste, ela ganhou a Lavadora Frigidaire. Com êste, a secadora." (sic), enquanto o esposo aponta para dois olhos roxos e "Naquele instante ela amou mais o fogão Frigidaire do que o próprio marido.", e o esposo aparece com um curativo na cabeça e uma expressão de queixa.

exceção e talvez tenham sido interpretados em certa medida como inadequados também na época de sua publicação.

A utilização da felicidade conjugal sem referências à sensualidade aparece em anúncios de toalhas de mesa, panos de prato, móveis, cortinas ou álbuns fotográficos, inclusive com *chamadas bíblicas* como "Crescei-vos e multiplicai-vos"⁴²⁰. Mas o amor, o carinho e o lar abordados com base em referências oníricas, lembranças, nostalgia, são marcadamente menos frequentes nestes anúncios do que na publicidade que envolve a maternidade. Com o aproximar da década 1980, a abordagem ao amor conjugal relacionada ao trabalho doméstico na publicidade se volta principalmente à perspectiva de que economizar tempo, seja com um eletrodoméstico, uma panela antiaderente, ou uma cera líquida de fácil aplicação, possibilita maior dedicação ao *tempo a dois*. Às vezes a questão surge relacionada à crise no casamento, como no anúncio da Brastemp em que aparece uma mulher lavando a louça na cozinha enquanto seu esposo assiste televisão e, à direita, a mensagem "Seu casamento está precisando de uma Lavalouça Brastemp"⁴²¹.

Os estereótipos femininos, para além da naturalização dos instintos maternos, são também utilizados nos anúncios que focam nas relações matrimoniais. A infantilização das mulheres⁴²² e a utilização de características atribuídas à feminilidade – mesmo as negativas, como a

⁴²⁰ Anúncio Móveis Itatiaia, **Claudia**. São Paulo, nº 208, Ano XVIII, janeiro de 1979.

⁴²¹ **Claudia**. São Paulo, nº 218, Ano XIX, novembro de 1979. Em setembro de 1983 (nº 264) a Brastemp traz anúncio semelhante, com a imagem de página inteira de um casal aparentemente apaixonado, muito moderno, saindo de casa e a chamada "Existem programas mais interessantes para depois do jantar do que lavar louça". Nas letras miúdas no final da página, ao lado de uma foto bem pequena da lavalouça, lê-se: "Por mais gostoso que seja o jantar, ele provoca uma verdadeira indigestão se, depois do cafezinho, o marido vai ler o jornal ou assistir televisão e a mulher tem que lavar a louça. Nesses tempos em que as empregadas estão cada vez mais rarefeitas, contrate os serviços de uma lavalouça Brastemp. A Brastemp lava pratos, talheres e copos de até 12 pessoas com o carinho de uma dona-de-casa. Sem reclamar da marca do detergente nem se queixar por que perdeu o último capítulo da novela. Use a cabeça: entre uma pilha de pratos cheios de gordura e seu marido, fique com ele. Dentro ou fora de casa. **Lavalouça tem que ser BRASTEMP.**" Aqui podemos observar uma série de estereótipos, objetificações e produções de subjetividades envolvendo a dona de casa de classe média, a empregada doméstica, o papel da mulher no casamento etc., que discutimos em diferentes momentos no decorrer da tese.

⁴²² VESTERGAARD, T.; SCHRODER, K. Op. Cit. 1988, p. 108-110.

inveja⁴²³ – são alguns dos fatores que encontramos nesses discursos. Destaquei nesse sentido três exemplos, de meados da década de 1970. O primeiro deles, de tecidos Trevira publicado em junho de 1973, aborda a escolha de tecidos e a costura de uma forma muito dessemelhante àquela apresentada pelos anúncios Singer. À esquerda de uma foto de página inteira, em close ao rosto sério de uma mulher elegantemente vestida, lê-se

VOCÊ TEM UMA RIVAL MUITO SÉRIA EM CADA MULHER QUE USA TREVIRA. É verdade que as mulheres que usam roupas de Trevira não são muitas. Mas são as mais perigosas: conhecem os lançamentos da moda que acontecem lá fora muito antes que eles cheguem aqui. Conhecem de longe essas roupas fabricadas em série. E conhecem muito bem as roupas de Trevira para saber que essas não são. Pior que tudo: conhecem os homens melhor do que você está pensando. E esse tipo de mulher, você sabe como é: não entra numa competição para perder. É bom você nunca esquecer disso, mesmo que a mulher de Trevira seja sua amiga de infância. Lembre-se que o mundo está cheio de pessoas que foram as últimas a saber. TREVIRA 2000.⁴²⁴

Além da noção de que a manutenção do casamento é função feminina, conforme observado também no conteúdo editorial da revista e relatado no capítulo anterior, este anúncio se apresenta como uma afronta direta às ideias de sororidade feministas que, mesmo que pudessem ser ainda incipientes ou pouco divulgadas no Brasil em 1973, já circulavam de forma mais incisiva *lá fora* – conforme o próprio anúncio se dirige ao que podemos entender como América do Norte e Europa.

Exatamente dois anos depois, em junho de 1975, encontramos em **Claudia** outro exemplo de uso publicitário do medo de perder marido⁴²⁵. O hidratante para as mãos Vasenol, sob a chamada "Alívio

⁴²³ Ibidem, p. 89.

⁴²⁴ **Claudia**. São Paulo, nº 141, Ano XII, junho de 1973.

⁴²⁵ Vale ressaltar que esse medo, tratado nos anúncios como uma questão de sedução e competição, muitas vezes com humor, era uma fator emocional e material muito presente na vida de mulheres que, subjetivadas para serem

rápido para mãos que trabalham" à esquerda, traz uma série de fotografias à direita onde se lê "Não pense que essa historinha só acontece nos filmes da televisão. Acontece também na sua casa". O resumo dos nove quadrinhos é a dona de casa trabalhando, principalmente na louça, enquanto seu esposo chega, e como resultado suas mãos ficaram extremamente ressecadas. Ela usa Vasenol e restaura a hidratação natural da pele, segundo o anúncio, e os dois últimos quadrinhos trazem o esposo se aproximando das mãos dela e as beijando, sob as legendas: "8. Use diariamente. 9. Antes que seu marido conheça uma mulher de mãos mais macias."

Diferente do anúncio Trevira, perder o marido aqui não é o mote principal do texto, e sim as mãos que trabalham. Entretanto, o anúncio fecha com esse recado, utilizando-se assim de um dos maiores temores do público-alvo de **Claudia** nesse período, ao menos segundo o que podemos perceber no conteúdo editorial. Por outro lado, o foco no trabalho da dona de casa nos ajuda a evidenciar sua rotina no lar como trabalho, o que talvez não ocorresse num anúncio do mesmo produto em meados dos anos 1980. De modo semelhante, em dezembro de 1975 a General Electric anuncia uma série de eletroportáteis, aspirador, enceradeira, ventilador, batedeira, ferro de passar e sanduicheira, sob a chamada "Economize sua mulher. Leve portáteis GE para casa."⁴²⁶ No ano anterior, em maio de 1974, encontramos anúncio semelhante da GE, mas esse mais explícito sobre o porquê de se economizar sua mulher. Sob a chamada "Portáteis GE fazem sua mulher durar muito mais", lê-se nas letras miúdas

Tudo isto que você está vendo foi feito para ficar entre a sua mulher e o trabalho da casa. E não para deixar que o trabalho da casa fique entre você e a sua mulher. A GE acha que não adianta nada ter comida gostosa, casa bonita, e uma mulher nem tanto. Os portáteis GE duram a vida toda e fazem sua mulher continuar bacana por muitos e muitos anos. **GENERAL ELETRIC – Linha do Mínimo Esforço GE.**⁴²⁷

esposas em relações de dependência, viam suas vidas totalmente desestruturadas em casos de desquite ou divórcio.

⁴²⁶ **Claudia**. São Paulo, nº 171, Ano XV, dezembro de 1975.

⁴²⁷ **Claudia**. São Paulo, nº 152, Ano XIII, maio de 1974.

Se por um lado temos a equiparação das mulheres a objetos, inclusive com a noção de economizá-las – talvez para outros *fins* das esposas, como exibi-las em eventos sociais ou mesmo fins sexuais, já que o texto do primeiro anúncio da GE citado, como tantos outros, permite interpretações ambíguas –, temos também a ideia de que o trabalho doméstico realizado por elas é pesado e complexo, o que pode ser usado para questionar a invisibilidade do mesmo⁴²⁸. É claro que o que salta aos olhos, tanto nestes anúncios quanto no de Vasenol, são os estereótipos e a responsabilização das mulheres por todo o trabalho doméstico. Todavia, é importante perceber que essa designação do serviço de casa como trabalho – e sendo reconhecido como trabalho é importante, valorizado – é algo que se perde no decorrer da década de 1980, quando trabalho passa a ser praticamente sinônimo de trabalho remunerado na publicação. Retomando as noções de Guattari, certamente estes anúncios operaram subjetivando as donas de casa de classe média no período em que foram publicados, mas podemos observar neles, também, as brechas para uma apropriação feminista que poderia desencadear processos de singularização. Estes se dariam ao inverter a lógica dominante e elevar a *status* de trabalho as atividades da *mulher-Claudia*, esta mulher representada mais como consumidora do que como trabalhadora e, portanto, em posição menos prestigiosa que seu esposo, que ocuparia os benquistos lugares de produção e a esfera pública.

Torben Vestergaard e Kim Schroder observam que, "na constante ambição de poder controlar o futuro a fim de planejar o fluxo da produção e da venda dos produtos, a propaganda sempre procura resguardar as fórmulas e os valores estáveis e consagrados pelo tempo, bem como a situação vigente contra novas práticas e atividades."⁴²⁹ Segundo essa perspectiva, os novos sentimentos no público-alvo geram um ajuste no setor, mas essa mudança nunca se daria por iniciativa da publicidade. Esta é uma perspectiva que entende a publicidade como conservadora, mas de alguma forma a exime da culpa de o ser, como se ela agisse apenas conforme o mercado e não fosse marcada por outras subjetividades, ou não fosse em si produtora delas. É como pensar que a publicidade simplesmente reflete os preconceitos da sociedade onde está

⁴²⁸ Temos exemplo que também pode ser interpretado nesse sentido em um anúncio do óleo de milho Mazola, de fevereiro de 1979, *Claudia* nº 209, que mostra uma mãe cuidando de duas crianças na praia e a chamada "Pelo jeito que você descansa no fim de semana, é fácil imaginar como são os outros dias."

⁴²⁹ VESTERGAARD, T.; SCHRODER, K. Op. Cit. 1988, p. 134.

inserida, e não que, além disso, os produz, reafirma, propaga, enaltece. A esta pesquisa a questão apresentada se mostra como um argumento com sentido, que inclusive explicaria o fato da publicidade referente ao trabalho doméstico surgir sempre como mais conservadora que o conteúdo editorial da revista. Entretanto, não parece ser um pressuposto que sozinho, seja suficiente para elucidar toda a produção subjetiva que a publicidade em **Claudia** nos apresenta.

Com esses pontos em vista, temos clareza que o uso de estereótipos na publicidade e propaganda é muito comum, algo defendido como o caminho mais fácil. Nas fontes observadas, esses estereótipos não se dirigiram apenas às donas de casa. Como repetido mais de uma vez nesta tese, a **Claudia** no recorte temporal aqui proposto foi uma revista branca e, independente da cor de suas leitoras, a *mulher de papel*⁴³⁰ e suas representações familiares eram brancas. As capas eram praticamente todas com fotografias de mulheres caucasianas: de todas as capas que pude consultar, apenas a de abril de 1976 trouxe uma modelo oriental⁴³¹. Este não era, claro, um fator mencionado pela revista e, assim, a branquidade⁴³² não era discutida. Ser branca era a

⁴³⁰ Em referência à obra de Dulcília Buitoni supracitada (Op. Cit, 1981), e à sua constatação de que as publicações femininas brasileiras contribuíram para a mitificação do ser feminino segundo padrões estrangeiros, de modo que a mulher brasileira média não aparecia na imprensa voltada a ela mesma no país no desenrolar do século XX.

⁴³¹ Outras exceções foram uma promoção em que a receita premiada que usava o Requeijão Poços de Caldas foi a de uma dona de casa nipodescendente, em dezembro de 1978, e então se tem uma foto dela segurando sua torta; e uma propaganda de carpetes Tabacow que traz a imagem de um menino oriental, de novembro de 1981. Mesmo na edição especial em que as *Viagens de Claudia* foram ao Japão, nos princípios dos 1970, vestiram uma modelo branca de gueixa – repetiram o ato, de vestir uma modelo branca com roupas tradicionais de culturas não brancas, na edição em que se visitou a Índia. Vale sempre lembrar que não há, sobre as populações não brancas de origem oriental no Brasil, o mesmo tipo de estigma que há sobre as populações afrodescendentes, apesar de serem definitivamente racializadas e vistas como dessemelhantes.

⁴³² Uso aqui o termo branquidade no sentido que o propõe Daniela Novelli: "Se a 'negritude' configurou-se como um movimento artístico-literário que buscava valorizar os aspectos positivos da(s) cultura(s) ou da(s) identidade(s) negra(s), pode-se dizer que o termo "branquidade", adaptado de *whiteness* (do inglês) e de *blanchité* (do francês), faz referência à tradução material e ideal das relações sociais racistas favoráveis ao grupo social de brancos/as. Nesse sentido, a escolha desta tradução em português – ao invés de "branquitude" – vem

norma porque não era uma questão nomeada, as pessoas brancas na revista nunca foram racializadas. Esse não foi o caso das representações de negras e negros. Foram, de fato, poucas as representações de não brancos na revista neste período, mas a publicidade trouxe algumas, extremamente estereotipadas.

Em 1970 um anúncio de televisores da GE traz a chamada "O primeiro máscara negra grandão"⁴³³, com um homem negro bem vestido por trás de um grande televisor desligado, de tela negra. Em novembro de 1972 um pequeno anúncio de Feijão Alfredinho traz em destaque a mensagem "BLACK POWER", conforme reproduzido aqui na Figura 32, e o restante do texto que acompanha o anúncio é todo sobre o feijão, sem nenhuma referência ao que significaria o termo *Black Power* e o movimento negro no contexto do começo dos anos 1970, para além do rifle. Parece que o foco é simplesmente uma analogia entre a figura do anúncio e o feijão, por serem negros.

justamente ao encontro da ideia de que este último poderia ser apenas uma afirmação daquilo que seria positivo em uma cultura “branca”, o que é perfeitamente contraditório ao conceito desenvolvido aqui." NOVELLI, Daniela. Discutindo o privilégio racial [branco] na moda de luxo: Imagens da branquidade em Vogue Brasil. In: GESSER, Marivete; ZANDORÁ, Jair. **Diversidades, diferenças e interculturalidades**. Material didático – especialização Gênero e Diversidade na Escola. Florianópolis: IEG/UFSC/MEC, 2015. Para uma leitura mais aprofundada da questão, ver NOVELLI, Daniela. **A branquidade em Vogue (Paris e Brasil):** imagens da violência simbólica no século XXI. Tese (Doutorado) – UFSC/DICH, Florianópolis, 2014.

⁴³³ **Claudia**. São Paulo, nº 110, Ano X, novembro de 1970.

Figura 32



434

Além de utilizarem pessoas negras para vender produtos que eram pretos (!), em 72 e 77 anúncios de panelas Rochedo e óleo Salada fizeram referência às cozinheiras de antigamente, com imagens de senhoras negras como empregadas. Nas imagens do anúncio do óleo Salada, especificamente, encontram-se referências a um passado mais distante e à servidão/escravidão, com uma foto de uma cozinheira contemporânea e uma foto envelhecida de uma cozinheira do passado. Temos também um anúncio de alisador para cabelo da Wella, com uma modelo negra em destaque em 1974, e casos em que se quer divulgar o produto como extremamente popular e fácil de usar ou de entender, como o anúncio de caderneta de poupança Delfin, de setembro de 1978, e as buchas para parafuso Fisher, na mesma edição da revista. Nesses casos apresentam-se mulheres negras de meia idade, uma é nomeada como faxineira e a outra não necessariamente, mas sua apresentação não é tão glamourosa quanto a média das mulheres brancas nos anúncios da publicação⁴³⁵.

⁴³⁴ **Claudia.** São Paulo, nº 134, Ano XII, novembro de 1972.

⁴³⁵ A Brastemp em dezembro de 1978 anuncia uma máquina de lavar com o exórdio "Este é o melhor jeito de segurar empregada em casa", e um homem oriental está sorrindo, impecavelmente vestido por trás da máquina. Levando em conta que é das raras representações de orientais que encontrei na publicidade (contei 3, mas alguma pode haver "escapado"), não tenho certeza se o homem descrito pode ser apenas um vendedor, ou se representaria uma

Figura 33

**Os profissionais do brilho
dão aqui
sua opinião sobre Polwax.**

Eles viram Polwax aplicado sobre cerâmica, vulcaxpo, pavilões, mármore e synteko.
A opinião foi uma só: "Polwax? Beleza".
Não podia dar outra. Polwax dá brilho na hora, acabando com aquele cansativo
problema de ter que "puxar" brilho das ceras comuns.
E cada aplicação dura no mínimo um mês, ao contrário das outras ceras que
após uma semana já estão nas últimas.
Tudo isso foi visto pelos profissionais do brilho. Que fizeram apenas uma ressalva:
Quando e que vão lançar Polwax para sapatos?

Super Synteko e Polwax são marcas registradas da Proger Indústria e Comércio de Chapas de Madeira Ltda. e Maclepar S.A. Indústria, Comércio, Importação e Exportação.

436

A branquidade de **Claudia** se estendia às imagens familiares e também às crianças. O único bebê negro que encontrei na revista – e há dezenas e dezenas de fotos de bebês nas fontes consultadas – estava ao lado de crianças brancas, em um anúncio do Banco do Brasil sobre um trabalho de filantropia da empresa ao financiar um banco de leite

relação estereotipada com a tecnologia, como aconteceu em anúncios de eletrônicos como vídeo cassetes anos mais tarde.

⁴³⁶ **Claudia**. São Paulo, nº 198, Ano XVII, março de 1978 e **Claudia**. São Paulo, nº 212, Ano XVIII, maio de 1979.

materno para crianças necessitadas.⁴³⁷ Contudo, um dos anúncios mais emblemáticos sobre a produção de subjetividades racializada na publicação é o de ceras Polwax, que encontrei nas edições de março de 1978 e maio de 1979, reproduzido aqui na Figura 33. Nele, vemos cinco meninos negros, alguns deles bem pequenos, sentados diante de suas respectivas caixas de engraxate, sob a chamada "Os profissionais do brilho dão aqui sua opinião sobre Polwax". Eles estão em frente a uma luxuosa escada, da casa de qualquer família que não seja sua. O lugar dessas crianças não poderia estar mais definido na revista que, além de nunca trazer anúncios voltados para elas, só as faz surgir para as estabelecer definitivamente desconectadas aos anúncios de Sucrilhos ou Farinha Láctea, de revistinhas da Disney ou brinquedos educativos.

Ao mesmo tempo em que **Claudia** não trouxe anúncios para crianças não brancas, os anúncios para as crianças brancas carregavam seus próprios estereótipos, nos quais a produção de subjetividades gendrada se destacou. No segmento deste capítulo observaremos com maior cuidado estas questões.

4.2. VENDER PARA MENINAS NÃO É VENDER PARA MENINOS

Sua filha vai bordar brincando.⁴³⁸

Levando em consideração a observação de alguns teóricos e teóricas da publicidade e propaganda sobre o fato de que, de forma geral, a publicidade busca trabalhar com o conservadorismo por este ser o caminho entendido como mais fácil, mais viável para as vendas e também para as previsões de mercado, não traz nenhuma surpresa os anúncios de brinquedos em **Claudia** nas décadas de 1970 e 80 serem marcadamente sexistas. Entretanto, alguns dados decorrentes de uma observação mais apurada destes anúncios são interessantes à nossa análise. Apenas como um exemplo, enquanto se observa que os anúncios de produtos oferecidos à leitora da revista fogem um pouco do ambiente doméstico na década de 1980, não se percebe grandes mudanças nos anúncios de bonecas observados da década de 70 para 80. Eu encontrei de fato um maior número de anúncios de bonecas e de brincadeiras para meninas simulando o trabalho reprodutivo

⁴³⁷ **Claudia**. São Paulo, nº 315, Ano XXVII, dezembro de 1987.

⁴³⁸ Chamada de reportagem sobre como ocupar as meninas nas férias encontrada em **Claudia**. São Paulo, nº 154, Ano XIII, julho de 1974, p. 143.

desempenhado por suas mães e pelas mulheres de forma geral nos anos 1970 do que nos 80, mas o teor dos anúncios é praticamente o mesmo.

As bonecas, em especial aquelas da Manufatura de Brinquedos Estrela⁴³⁹, ganham destaque entre os anúncios para crianças. Foram encontrados 27 diferentes anúncios de brinquedos da Estrela nos anos pesquisados, dos quais 20 são de bonecas. Com exceção da Família Polly⁴⁴⁰, que na década de 1970 parecia trazer uma proposta mais semelhante àquela do Playmobil, distante da Polly contemporânea e inclusive sem marcas de gênero ao abordar o público alvo; da Moranguinho⁴⁴¹, que poderia ser a representação mais de uma amiga do que de uma filha⁴⁴²; da boneca Mechinha⁴⁴³, que girava o cabelo enquanto assobiava e também é apresentada como uma amiga; e de um busto da Barbie⁴⁴⁴ para brincar de cabeleireira; todas as outras 16 bonecas representam bebês ou crianças muito pequenas, que propõe a simulação dos cuidados maternos ou do trabalho da dona de casa.

Apesar da lista dessas bonecas anunciadas pela Estrela ser extensa, reproduzo-a aqui com o objetivo de apontar, mais uma vez, como o trabalho doméstico relativo ao cuidado das crianças pode ser específico e complexo, e como **Claudia** abordou a temática por diferentes vias, considerando que os anúncios fazem parte também do conteúdo da publicação. Ao mesmo tempo, é uma maneira de vislumbrarmos diferentes formas de socialização das meninas – porque todas as bonecas, com exceção da Família Polly, eram oferecidas a meninas nos anúncios – no aprendizado e naturalização desses trabalhos de cuidado, e pensarmos também nessa socialização das crianças como parte do trabalho da dona de casa. Temos, então, em ordem cronológica:

- *Mãezinha*, em dois diferentes anúncios em julho e agosto de 71, uma boneca que vinha com uma boneca menor, que seria sua filha;

⁴³⁹ A Manufatura de Brinquedos Estrela é uma tradicional fábrica de brinquedos fundada em São Paulo em 1937. Apesar de ter perdido relativo espaço no mercado para empresas multinacionais, continua em funcionamento, contando com mais de quatrocentos produtos em sua linha. Disponível em <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Estrela_\(empresa\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Estrela_(empresa))> Acesso em 25/07/2015.

⁴⁴⁰ Anunciada em outubro de 1977.

⁴⁴¹ Anunciada em abril de 1983.

⁴⁴² Mas há também um bebê Moranguinho em anúncio de maio de 1984.

⁴⁴³ Anunciada em agosto de 1980.

⁴⁴⁴ Anunciado em julho de 1984.

- *Amelinha*, em junho de 73, boneca representando uma criança de cerca de 3 anos, mas que aspira, tira o pó e passa a roupa, cujo mote do anúncio era "Amelinha procura trabalho em casa que tem criança";
- *Manequinho*, em maio de 74, "O 1º boneco que tem pipi e faz xixi";
- *Papinha*, em setembro de 75, "O bebê que toma sopinha e suja a fraldinha";
- *Bebê Gatinhando*, em setembro de 76, "(...) anda, faz ginástica, esperneia, dá adeusinho. Mas o que ele gosta mesmo é de gatinhar... gatinhar... gatinhar...";
- *Anda Nenê*, em outubro de 76, é anunciado sob o exórdio "Procura-se uma menina bem carinhosa para cuidar de um bebê que só anda de mãos dadas";
- *Bebê Atchim*, em novembro de 76;
- *Cosquinha*, "A bonequinha que sente cócegas. E dá risada.", em setembro de 77;
- *Família Polly*, em outubro de 1977;
- *Bochechinha*, em julho de 78, "O nenê que chora, mama e chupa o dedinho";
- *Bebê coração*, em setembro e outubro de 78, "Usa termômetro e bate o coração, de verdade";
- *Bate-Palminha*, em agosto de 79;
- *Pupi*, em outubro de 79, que vinha acompanhada de um ursinho e um travesseirinho, e fazia gestos de carinho;
- *Mechinha*, em agosto de 80, que mechia o cabelo e assobiava;
- *Mimadinha*, em outubro de 80, que chorava no bercinho e ria no seu colinho;
- *Os Bebês Carequinhas*, em outubro de 82, um menino e uma menina. Diferenciavam-se pela cor da roupa, rosa ou azul, um chumaço de cabelo e um brinquinho na menina, com os quais "(...) sua filha vai se revelar uma mãezinha tão coruja e carinhosa como você";
- *Moranguinho*, em abril de 83;
- *Bebê Moranguinho*, em maio de 84;

- *Barbie Hair*, em julho de 84;
- *Mammy*, uma versão mais atual da Mãezinha, em dezembro de 88⁴⁴⁵.

Em agosto de 1972 a indústria de plásticos Atma também anuncia toda a sua linha de bonecas com o discurso voltado às mães, não às crianças, dizendo para escolher sua neta e mostrar a sua filha, que será a mamãe mais coruja do mundo. A Estrela, que apresentou os anúncios dos brinquedos mais sofisticados encontrados na publicação (as bonecas, por exemplo, geralmente tinham movimento ou algo especial, como o perfume da Moranguinho), trouxe outros tipos de proposta de socialização para as meninas, para além das bonecas, mas também carregados de estereótipos de gênero. Dentre eles temos POP – Pequenas Obras Primas, em junho de 74, que consistia em quatro diferentes jogos de trabalhos manuais. Encontramos do mesmo modo o Conjunto Milady, de julho de 74, uma "aula de manicure doméstica para menininhas"; Princesinha, em agosto de 76, um conjunto de *mis-en-plis*, aqueles rolinhos para moldar os cabelos; e a Mini Máquina de Costura, em agosto de 78. De outras empresas que não a Estrela, temos uma linha infantil de maquiagem da Claude Bergère, anunciada em março de 87, e uma mini vassoura mágica da Turma da Mônica, anunciada junto com a vassoura mágica regular da Novo Elo, um "Sucesso de mãe para filha", em novembro de 87⁴⁴⁶. Não se mencionam meninos em nenhum destes anúncios, a não ser naquele dos *kits* de trabalhos manuais POP, em que há um menino se aproximando de uma menina no sofá, enquanto ela borda, sob o exórdio "Coleção POP – Pequenas Obras Primas. Ou como manter a sua filha de mãos ocupadas até mesmo quando aquele cabeludinho vai lá em casa"⁴⁴⁷.

Carmen Rosa Caldas-Coulthard aponta que vários tipos de ideologia (da informação, do aconselhamento..) seriam âncoras das revistas para mulheres e, nesse sentido, a ideologia do consumo ocuparia um papel central. Dessa forma, partindo da perspectiva adotada para observar a publicidade nesta tese, os anúncios funcionariam como agentes centrais na produção subjetiva das leitoras e, indiretamente,

⁴⁴⁵ Estes anúncios de bonecas da Estrela foram observados, respectivamente, nos números 118 e 119, 141, 152, 168, 180, 181, 182, 193, 202, 204 e 205, 215, 217, 227, 229, 253, 259, 272, 274 e 327 de **Claudia**.

⁴⁴⁶ Esses exemplos foram observados nos números 131, 153, 154, 179, 203, 306 e 314 de **Claudia**.

⁴⁴⁷ **Claudia**. São Paulo, nº 153, Ano XIII, junho de 1974.

também de suas filhas e filhos, de modo que seriam "os anúncios inseparáveis do material editorial"⁴⁴⁸ e a materialidade que envolveria tais anúncios também parte integrante das mensagens ideológicas. Quer dizer, tais mensagens não se desconectavam do trabalho tradicionalmente atribuído às mulheres nos lares, cuja materialidade não podemos questionar. Esse é um fato que pode ser observado em inúmeros exemplos na publicação, como na reportagem "Sua filha vai bordar brincando", de julho de 1974, que traz sugestões de brinquedos que ensinam bordado, entre eles os da Coleção POP da Estrela supracitados. Lê-se na chamada da matéria:

Brinquedos criativos para alegrar ainda mais as férias das meninas. Com eles, SUA FILHA VAI BORDAR BRINCANDO. Aproveite as férias ou um dia de chuva para incentivar a habilidade manual de sua filha. Claudia apresenta várias sugestões, todas muito fáceis de fazer e vistosas, para distrair e ocupar sua menina neste período de descanso.⁴⁴⁹

Quer dizer, a proposta é distrair as meninas em seu período de descanso as ensinando a trabalhar. Por outro lado, os anúncios que trazem imagens de meninos, e mesmo meninos brincando em anúncios de produtos não infantis – como empinando pipa com seu pai no anúncio de banco⁴⁵⁰, ou brincando com o cachorro no anúncio de ração –, são absolutamente discrepantes das subjetividades que se produzem para as meninas na publicidade em **Claudia**. As revistinhas da Turma da Mônica ou da Disney anunciam para "as crianças", assim como uma coleção de contos da Abril em 1974. Porém, muitas vezes essas crianças são textualmente abordadas a partir do masculino universal, como "seus filhos". Além disso, existem quatro anúncios de publicações educativas da Abril encontrados no decorrer dos 20 anos observados, em 75, 80 e 88⁴⁵¹, que trazem fotografias de meninos segurando livros. É sintomático observar que não foi encontrado nenhum anúncio que

⁴⁴⁸ CALDAS-COULTHARD, Carmen Rosa. "O picante sabor do proibido: narrativas pessoais e transgressão". In: FUNCK, S.; WIDHOLZER, N. Op Cit., 2005, p. 124.

⁴⁴⁹ **Claudia**. São Paulo, nº 154, Ano XIII, julho de 1974, p. 143.

⁴⁵⁰ **Claudia**. São Paulo, nº 322, Ano 27, julho de 1988.

⁴⁵¹ Encontrados, respectivamente, dos números 163, 164, 227, e 319 de **Claudia**.

retratasse meninas segurando livros, apesar das duas dezenas que retrataram meninas segurando bonecas.

É também interessante observarmos que, quando bebês aparecem nos anúncios, geralmente não trazem marcação de gênero, salvo algumas exceções como os já citados Bebês Carequinhas da Estrela ou um anúncio de roupas infantis Tip Top, de outubro de 83. Nele, há um bebê do lado do outro, sentados em posição que simula uma conversa, e acima deles é descrito o diálogo: "– Eu só me visto com roupinhas da nova coleção da Tip Top." "– Quer casar comigo?". A primeira fala, como se poderia esperar, é da menina, que marca sua diferença do menino por um brinquinho na orelha e alguns detalhes pequenos na roupinha, como babados. Ambos vestem branco e, não fosse o contorno do bordado dos desenhos das roupinhas, da menina rosa e do menino azul (mas em tons claros, não imediatamente evidentes) a marcação de gênero passaria despercebida. É interessante observar que há detalhes azuis, além de cor de rosa, na roupa da menina, mas na do menino são apenas azuis⁴⁵². Quer dizer, à menina é permitida a apropriação de um símbolo de masculinidade entre as crianças, mas não o contrário. Os meninos nunca aparecem de rosa⁴⁵³.

A publicidade voltada a bebês textualmente também não marca tanto o gênero, geralmente usando o universal masculino, como "o bebê" ou "seu filho", o que claramente traz questões de gênero, mas não tem a intenção explícita de frisar a diferença. Entretanto, na medida em que as crianças vão crescendo, essas diferenciações ficam mais evidentes. Uma questão muito presente é que, em produtos voltados para meninos e meninas, muitas vezes temos apenas meninos representados no anúncio, ou apenas um menino. Não é comum aparecerem só meninas em produtos pensados para todas as crianças.

⁴⁵² **Claudia**. São Paulo, nº 265, Ano XXIII, outubro de 1983.

⁴⁵³ É importante destacar que essa associação entre roupas, brinquedos e objetos em geral cor de rosa para meninas e azul para meninos é, claro, histórica, mas também um fenômeno bastante recente, datado por volta da década de 1940, em alguns lugares do ocidente e por motivos simplesmente comerciais. Uma pesquisa estadunidense, observando catálogos de diferentes grandes lojas, observa que até a década de 1930 muitas lojas recomendavam a cor rosa para meninos, por ser uma cor mais forte em comparação ao delicado azul. Em outros momentos, as recomendações eram de se escolher roupas azuis para bebês de olhos azuis, ou então azul para bebês loiros e rosa para bebês morenos, sem distinção de gênero. Mais sobre essa questão em **PAOLETTI, Jo Barraclough. Pink and blue: telling the boys from the girls in America**. Bloomington: Indiana University Press, 2012.

Dentro do conjunto de anúncios observados, apenas um anúncio de Sucrilhos⁴⁵⁴, dois de Danoninho⁴⁵⁵ e um de Farinha Láctea⁴⁵⁶ trazem uma menina sozinha, mas eles fazem parte de campanhas publicitárias mais amplas, e há uma ou mais de uma versão masculina do mesmo anúncio, que traz imagens de meninos. De forma geral, produtos voltados para as crianças seguem esta regra: ou há imagens de meninas e meninos, ou apenas de menino(s). Quando aparecem apenas meninas nas propagandas, a associação direta é que seria um produto para meninas, pois não se permite universalizar a partir do feminino e, talvez, muitos meninos – ou mães, pais de meninos – se sentissem desconfortáveis ou ofendidos em ser representados ou associados a meninas.

Esse tipo de produção subjetiva, que constrói de maneiras muito claras a assimetria de gênero, pode ser observada por outro ângulo em anúncios de alimentos infantis, como Sucrilhos ou Neston que, associados à energia e aventura, preferencialmente trazem imagens de meninos. Jogando bola, em cima de uma árvore, praticando esportes diversos. Dentro de casa, consumindo o produto, podem surgir meninas na imagem também, desde que acompanhadas por meninos. Mas não em cima de uma árvore! As supracitada versões femininas dos anúncios de Danoninho, importante colocar, traziam as meninas na aula de balé e pulando corda, enquanto a versão masculina trazia a imagem do menino na aula de judô ou andando de "motoca"⁴⁵⁷, produzindo mais uma vez essa divisão de mundos.

Quando se refere a brinquedos educativos que, vale colocar, são muito menos anunciados na revista do que bonecas, as representações costumam ser mais mistas, evocando uma sensação de neutralidade que por fim é masculinizada, uma vez que apenas as referências entendidas como masculinas podem evocar neutralidade dentro dessas visões estereotipadas de gênero. É comum também que, nas brincadeiras mistas que são representadas, os meninos apareçam mais ativos, tanto na

⁴⁵⁴ **Claudia**. São Paulo, nº 126, Ano XI, março de 1972.

⁴⁵⁵ **Claudia**. São Paulo, nº 230, Ano XX, novembro de 1980 e **Claudia**. São Paulo, nº 242, Ano XXI, novembro de 1981.

⁴⁵⁶ **Claudia**. São Paulo, nº 334, Ano 28, julho de 1989.

⁴⁵⁷ **Claudia**. São Paulo, nº 229, Ano XX, outubro de 1980 e **Claudia**. São Paulo, nº 240, Ano XX, setembro de 1981.

publicidade quanto em ilustrações de matérias⁴⁵⁸. Quando há uma criança mais quieta ou reclusa nas brincadeiras conjuntas, mais afastada, mais calma, costuma ser uma menina. As brincadeiras criativas, de modo geral, são representadas com meninos. Salvo, claro, quando esta criatividade está ligada às prendas domésticas.

Apesar de um anúncio da revista em fascículos **Brinquedos e Brincadeiras**⁴⁵⁹, da editora Abril, mostrar atividades majoritariamente mistas, podemos perceber que se sugerem muitas brincadeiras com recorte e colagem, que são habilidades esperadas das meninas para que aprendam mais tarde outros trabalhos manuais. Seguindo, neste mesmo anúncio, vemos um menino brincando com um caminhão de papel montado com o fascículo, enquanto há uma menina fazendo flores de papel, reproduzindo assim, mais uma vez, estereótipos tradicionais de gênero em um ambiente que foi criado para vender um produto misto. A impressão geral que se tem, tomando os anúncios de livros infantis como exemplo, é que se estes trouxessem a imagem de uma menina, marcariam esses livros como livros de meninas e, assim, as mães não os comprariam para seus filhos. Concomitantemente, é clara a presença da mensagem de que é vantagem para as meninas a oportunidade de fazerem incursões no *mundo dos meninos*, mas o contrário para os meninos representaria grande desvantagem⁴⁶⁰.

Lembrando que são anúncios presentes em uma revista voltada para as mães, pode-se avaliar que a produção subjetiva neles encontrada é muito mais calcada nas mães do que nas crianças em si. Quem quer ser a mãe que compra livros de meninas para seu filho? Poderia ser uma vantagem ter uma filha inserida no *mundo dos meninos* mas, poderia essa menina, anos mais tarde, ser plenamente feliz com tamanha desvantagem no *mercado matrimonial*, por ser vista como masculinizada? Quais eram as expectativas acerca da maneira mais adequada de educar a socializar as crianças? Ao mesmo tempo em que

⁴⁵⁸ Exemplos no artigo "Brincadeiras infantis", em **Claudia**, nº 136, Ano XII, janeiro de 1973, ou no anúncio de móveis/brinquedos Guelmirim em **Claudia**, nº 139, ano XII, abril de 1973.

⁴⁵⁹ **Claudia**. São Paulo, nº 179, ano XV, agosto de 1976.

⁴⁶⁰ Esse recado é dado em outros momentos da revista, quando os homens reclamam de como é chato o trabalho doméstico – mas ajudam porque é necessário –, e como as mulheres comentam o quanto é estimulante e enriquecedor o trabalho fora de casa – mesmo que muitos dos empregos ocupados por essas donas de casa estivessem voltados a atividades repetitivas, burocráticas ou pouco criativas. Vide capítulo 2 desta tese.

Claudia colocou, na década de 1980 em suas reportagens recheadas de vozes autorizadas sobre educação infantil, que não se devem separar as brincadeiras entre meninos e meninas, teria uma ou outra reportagem na revista mais força do que todas as mensagens repetidas, presentes nesses anúncios coloridos, com crianças felizes e sorridentes?

Ao mesmo tempo, precisamos levar em conta que, apesar de termos um único anúncio de brinquedos para meninos que menciona simular a ocupação de seus pais, ele o faz em profissões consideradas masculinas e geralmente associadas à aventura e criatividade, como piloto de corrida, policial, bombeiro, mergulhador, astronauta e construtor⁴⁶¹. Não há mimetismo equivalente, nos anúncios que retratam brincadeiras das meninas, à profissão de suas mães (a não ser à *mais antiga profissão*⁴⁶², a de esposa). Isso não ocorre nem mesmo com profissões tradicionalmente femininas, como professora primária, enfermeira ou secretária. As brincadeiras de cabeleireira ou manicure fazem menção ao cuidado pessoal das meninas, e não a uma profissão. Ignorando a já citada larga inserção das esposas de camadas médias no mercado de trabalho no decorrer das décadas de 1970 e 80 no Brasil, os anúncios representam as filhas dessas mesmas mulheres, ao brincar, as copiando apenas nas funções tradicionais do lar: cuidar, limpar, costurar, ficar bonita. Temos imagens, em anúncios de produtos não infantis, que também nos recordam essa associação entre as meninas e o trabalho doméstico, como no anúncio de Máquinas de Costura Singer com Bobinha Mágica⁴⁶³, de abril de 76, em que se usa a imagem de uma menina bem pequena segurando uma boneca (um bebê), observando de perto a bobina mágica da Singer de sua mãe, que a acompanha.

As críticas feministas à socialização das crianças calcada naquilo que identificaram como dupla moral sexual⁴⁶⁴ foram profundas e contemporâneas a esses anúncios observados. No periódico feminista **Mulherio**, em seu número 4, de 1981⁴⁶⁵, encontramos uma interessante crítica que dialoga com os conteúdos tratados até aqui. Fúlvia Rosemberg comenta a “Coleção Ternurinha para Colorir”, que era vendida nas bancas no Brasil na década de 1980.

⁴⁶¹ **Claudia**. São Paulo, nº 111, Ano IX, dezembro de 1970.

⁴⁶² Referência à obra de PRADO, D. Op. Cit. 1979.

⁴⁶³ **Claudia**. São Paulo, nº 175, Ano XV, abril de 1976.

⁴⁶⁴ Mais sobre as críticas dos feminismos do período à socialização das crianças em MELLO, S. Op Cit. 2011, p. 30-47.

⁴⁶⁵ **Mulherio**. São Paulo, Ano 1, nº 4, novembro/dezembro de 1981, p. 21.

Figura 34



Patricia no dia-a-dia de Arthur Henrique Braga. Coleção Ternurinha para colorir Editora Brasil-América EBAL, Cr\$ 80,00.

De mãe para filha

Outro dia, procurando numa banca de jornal uma revista para as crianças, encontrei Patricia no dia-a-dia, mas cujo título verdadeiro deveria ser: como ensinar, brincando, que a felicidade da mulher provem da dupla jornada de trabalho.

Patricia, menina bem pequena, abre o livro apresentando seu diário: "Hoje acordei cedinho e alegre. Pulei da cama e escovei os dentes. Coloquei um vestido leve, pois vou arrumar a casa". Até aqui a ilustração é fiel ao texto: Patricia se espreguiça na cama, está no banheiro escovando os dentes, retira um vestido do guarda-roupa.

A seguir, a tragédia do condicionamento precoce se instala, texto e ilustração se contrapondo, com uma aparência esquizofrênica, mas de um verismo ideológico fascinante, comparável apenas à melhores produções do realismo socialista, capaz de arrebatá-

um comentário semelhante ao elogio à flor de plástico: é tão perfeita que até parece de verdade.

Patricia: "O dia está lindo! Tenho muita coisa para fazer hoje". Fantasie-



Acidando aqui, vou lavar as roupas da boneca Liloca.

mos o horizonte imaginário de uma criança bem nutrida, e ainda por cima, heroína de livro. O que poderá ser "esta muita coisa para fazer"? Fazer bola de sabão, arrellar o irmão, virar cambalhota, passear na rua, tomar sorvete, andar de elevador, virar astronauta? Isto é o que você pensa. Patricia pega a vassoura e faz uma faxina geral na casa. Esparra, cozinha, rega as plantas e não se esquece de sua Liloca: "Quero ser tão boa para Liloca quanto mamãe e para mim".

O que vemos? Abraços, beijos, afagos e brincadeltras?

Ah, Ah! Amor materno como bem se sabe, é desdobrar fibra por fibra a musculatura dos braços Patricia, na ilustração, lava a roupa da boneca Liloca! "Depois de tanta trabalhadeira, "Uf! que cansaço! Vou parar um pouquinho antes de estudar".

E aí começa a preparação da segunda jornada de trabalho: além da lição de casa, o cuidado com o corpo ("gosto de ir à escola, bem limpinha e cheirostinha"). Da escola, nada se sabe, apenas se vê Patricia saindo de casa preocupada, como uma verdadeira mulherzinha. "Fiz meus deveres com capricho. Será que tia Regina vai gostar?" E em seguida a volta para o lar, botar as crianças para dormir ("Vamos, Liloca! Está na hora de dormir", e o formidável comentário final: "Meu diário Hoje foi um dia feliz! Como é bom estar em casa" Patricia de todo o mundo Sabotemos a Ternurinha!

Fúlvia Rosemberg

466

No exemplar observado, retrata-se o dia a dia de uma criança muito pequena, uma menina que usa todo seu tempo livre (fora da escola) com afazeres domésticos. Repara-se que a relação da menina com a escola não ganha atenção na história contada, e a ênfase que se dá ao trabalho doméstico é muito grande. A aparência sadia da criança e seu entusiasmo ao limpar a casa são alvos da crítica de Fúlvia Rosemberg. Do nosso ponto de vista, parece interessante observar as semelhanças entre a maneira como se representa a menina da "Coleção Ternurinha", segundo a imagem retirada do **Mulherio**, e como a Boneca Amelinha é apresentada no anúncio da revista **Claudia** cerca de sete anos antes, respectivamente nas Figuras 34 e 35.

As críticas apresentadas – e muitas das críticas dos feminismos do período – ao condicionamento das mulheres aos afazeres domésticos se preocuparam com a falta de possibilidade de escolha pessoal destas em executar ou não esse trabalho, devido imposições que ocorreriam tanto dentro dos lares quanto no “mundo lá fora”, em seus processos de socialização. Ao mesmo tempo, essas críticas vieram mostrar que esse trabalho, o qual era tido como corriqueiro e trivial, no sentido que poderia ser feito por qualquer pessoa e principalmente por qualquer mulher, não era um dom natural das mulheres ou parte essencial da

feminilidade, sendo um trabalho que exigia treino e qualificação, que se daria entre as meninas desde cedo⁴⁶⁷.

A economista espanhola Maria Angeles Duran observou, sobre a qualificação do trabalho da dona de casa, que aprender o que poderia ser considerado básico, no trabalho doméstico, de fato não levaria muito tempo (ela calculou entre três e seis meses); se aprimorar neste trabalho, entretanto, levaria anos. Quer dizer, requer muita qualificação. A autora usou a comparação entre um aprendiz e um chefe de cozinha para mostrar o quanto uma dona de casa poderia se aprimorar em suas funções. Ela cita especificamente o cuidado com as crianças como uma das atividades domésticas que mais exige preparo e qualificação, e lembra que as habilidades e atividades podem diferir conforme o grupo social no qual a dona de casa está inserida. A economista também traz a hipótese de que, como o trabalho doméstico é muito efêmero, se aprimorar nele poderia ser uma busca por prestígio, uma maneira de fazer com que o trabalho fosse lembrado, mesmo que seus resultados já tivessem há muito se extinguido⁴⁶⁸.

⁴⁶⁷ MELLO, S. Op. Cit. 2011.

⁴⁶⁸ DURAN, M. Op. Cit., 1983, p. 59-61.

Figura 35

Amelinha procura trabalho em casa que tem criança.

Locutor: Interrompemos esta revista para um comercial a cores de Amelinha, a nova boneca de Estrela.

Porém que esta revista não tenha imagem em movimento para você ver o que a Amelinha faz.

Ela passa aspirador.

vupt, vupt, vupt.

vupt, vupt, vupt.

Tira pó.

flapt, flapt, flapt.

flapt, flapt, flapt.

E quando tem roupa amassada Amelinha passa.

passa, passa, passa.

Amelinha vem com o aspirador, o aspirador, a máquina e o ferro de passar roupa. É a dona de casa de verdade.

Som: Film.

469

Estes são pontos que nos trazem algumas reflexões. Se por um lado, nos parece indispensável em nossos dias considerar que os anúncios são o tipo de texto que as pessoas – inclusas aí as crianças –

⁴⁶⁹ **Claudia**. São Paulo, nº 141, Ano XII, junho de 1973.

mais leem, e que há sem dúvida uma pedagogia cultural que os envolve⁴⁷⁰ naquilo que Rosa Maria Bueno Fischer chamou de estatuto pedagógico da mídia⁴⁷¹, não podemos deixar de notar que a grande maioria dos anúncios de produtos para crianças em **Claudia** tinham seus textos – talvez mais até que suas imagens – voltados para as mães. Claro, a publicação em si era voltada para as mães mas, mesmo não havendo revistas voltadas para pais no mercado editorial, anúncios semelhantes não marcavam presença nas revistas masculinas. Estou dando essa volta apenas para repetir, mais uma vez, que o consumo doméstico e familiar era um trabalho esperado das mulheres e muitas vezes somente delas, e se acumulava a uma série de outras questões e também ao trabalho remunerado nos relatos encontrados na revista.

Sendo o consumo infantil (ou comprar para as crianças) também parte do trabalho feminino, e muitos dos produtos para crianças e brinquedos trazendo marcas de gênero profundamente segregadas, reforçadas pela publicidade e propaganda⁴⁷², a própria crítica a essa questão poderia ser entendida como uma sobrecarga de trabalho para as mulheres. Quer dizer, diante do acúmulo de tarefas das mães donas de casa, trabalhando fora ou não, até que ponto pareceria justo exigir que elas enxergassem essas marcações gendradas como prejudiciais e buscassem alternativas? Onde elas encontrariam essas alternativas? Estariam os feminismos atribuindo mais trabalho doméstico ainda às mulheres? Certamente que a socialização das crianças para que elas desempenhassem suas atribuições gendradas também se traduziam (e traduzem!) em muito trabalho às mães, principalmente no caso das crianças cujas personalidades não correspondem aos estereótipos (e quais crianças ou mesmo adultos/as conseguem corresponder

⁴⁷⁰ WIDHOLZER, Nara. A publicidade como pedagogia cultural e tecnologia de gênero: abordagem lingüístico-discursiva. In: FUNCK, S.; WIDHOLZER, N. Op. Cit., 2005, p. 22.

⁴⁷¹ FISCHER, Rosa Maria Bueno; O estatuto pedagógico da mídia: questões de análise. **Educação & Realidade**, Porto Alegre (RS), v. 22, n. 2, 1997, p. 59-79.

⁴⁷² Se levarmos em conta a noção de que a publicidade anuncia, e a propaganda é carregada de caráter ideológico, os anúncios observados até aqui não poderiam ser entendidos apenas como publicidade, por seu constante e repetitivo conteúdo ideológico. Poderíamos chamar de ideologia de gênero essa divisão marcada de comportamentos gendrados, como fez Laerte Coutinho ironicamente dialogando com fundamentalistas de nossa atualidade em tirinha disponível em <http://4.bp.blogspot.com/-QSYIP_4hedo/VXsPMEozpsI/AAAAAAAAAH14/Mwn5kvqU5TA/s400/laerte-ideologia-de-genero.jpg> Acesso em 17/06/2015.

positivamente a todos esses estereótipos?) de gênero. Nesse sentido, contudo, as facilidade do "ir com a corrente" ou a ideia de que a educação é uma questão mais coletiva do que privada e familiar, poderiam pesar.

Como contraponto a essa perspectiva de mães conservadoras reproduzindo a dupla moral sexual⁴⁷³ nos lares, temos um interessante artigo intitulado *Bíblia feminista para culpar mãe*⁴⁷⁴, de Rosa Escarlata, retirado também do **Mulherio**, em seu vigésimo terceiro número, de 1985. Nele, a autora faz uma crítica angustiada ao livro **Educar para a Submissão**⁴⁷⁵, de 1973, da italiana Elena Belotti, que se tornou um *best-seller* da produção feminista, publicado por aqui em 1975, e que em 1981 já estava em sua terceira edição no Brasil. A obra, que procura mostrar a participação das mães, como educadoras, na reprodução de valores tradicionais sexistas e excludentes, é criticada por Rosa Escarlata, uma mãe feminista (a qual comenta que adorava o livro) que percebe que a educação, os gostos e a constituição de sua filha e seu filho como indivíduos não são processos os quais ela pudesse controlar absolutamente, e que transformações mais amplas na sociedade seriam necessárias para que mudanças efetivas no desenvolvimento das crianças fossem possíveis. Essa é uma crítica que sem dúvida nos ajuda a refletir sobre os estereótipos acerca da mãe consumidora, da *mulher-Claudia*, que encontramos na bibliografia feminista do período, e das diferentes dimensões e também limites da sua função como educadora das crianças.

As observações deste item deste capítulo, esta ligeira imersão na produção subjetiva acerca do trabalho de socialização das crianças realizado por suas mães através da perspectiva da publicidade, nos oferece a oportunidade de algumas ponderações. Lembrando que as crianças se apropriam dos brinquedos de formas muito diversas daquelas desejadas por quem os fabricou ou mesmo por seus pais⁴⁷⁶ e,

⁴⁷³ A noção de dupla moral sexual está ligada aos diferentes valores culturalmente difundidos e aceitos para homens e mulheres, quer dizer, a ideia de que as regras de comportamento em sociedade difeririam conforme o gênero ou, segundo as discussões do período observado, conforme o sexo.

⁴⁷⁴ *Bíblia feminista para culpar mãe. Mulherio*. São Paulo, Ano 5, nº 23, outubro/novembro/dezembro de 1985, p. 4-5.

⁴⁷⁵ BELOTTI, Elena Gianini. **Educar para a submissão**: o descondicionamento da mulher. 3ª edição. Petrópolis: Vozes, 1981.

⁴⁷⁶ CALDAS-COULTHARD, Carmen Rosa e LEEUWEN, Theo van. Discurso crítico e gênero no mundo infantil: brinquedos e a representação de atores

novamente, que esses anúncios foram produzidos voltados às mães – sem desconsiderar que as crianças poderiam sim manusear e ler as revistas, e também os anúncios –, e não às crianças, o que eles podem nos dizer sobre essas mães? Certamente os anúncios voltados às crianças em **Claudia** produziram subjetividades específicas não somente sobre as crianças e sobre a infância, mas sobre suas mães, sobre um conceito bem específico de família e sobre o que seria aceitável ter em perspectiva como felicidade para as mulheres. Algumas iniciativas de singularização a respeito dessas produções subjetivas foram aqui brevemente abordadas, em bibliografia de referência feminista ou na imprensa feminista do período. Mas foram, de algum modo, esses processos de singularização que circularam por meio de ideias transformadoras, apropriados e utilizados pela publicidade? Quer dizer, foi possível, até aqui, observarmos alguns exemplos de leituras e apropriações dos conteúdos da grande mídia comercial e corporativa por parte dos discursos feministas, mesmo que para fins de crítica. Uma das questões que norteiam a análise desta tese, todavia, é pensar no movimento inverso. Em que sentidos os discursos feministas penetraram, foram difundidos e apropriados pela mídia comercial voltada às mulheres? Neste capítulo dedicado especialmente à publicidade, o próximo item buscará observar de forma mais atenta essas questões.

4.3. FEMINISMO VENDE?

Os tabus estão caindo.⁴⁷⁷

Se feminismo vende? As agências publicitárias provavelmente responderiam que não muito, ou depende o que. Contas e aplicações em bancos⁴⁷⁸, *lingerie*⁴⁷⁹, filmadoras⁴⁸⁰ ou *shampoo*⁴⁸¹, parece que sim.

sociais. **Linguagem em (Dis)curso** – LemD, Tubarão, v. 4, n.esp, p. 11-33, 2004, p. 17.

⁴⁷⁷ Exórdio do anúncio do Banco do Brasil publicado em **Claudia**. São Paulo, nº 153, Ano XIII, junho de 1974.

⁴⁷⁸ Além dos anúncios do Banco do Brasil que serão explorados neste item deste capítulo, outras empresas como MNB (Montepio Nacional dos Bancários, em maio de 1972), também utilizaram a liberação feminina como mote de venda de seus seguros e contas.

Produtos alimentícios e para a casa? Nem tanto.. Uma visão geral dos anúncios em **Claudia** que utilizaram como referência os movimentos de mulheres nas décadas de 1970 e 80 nos levam a concluir que antifeminismo ou clichês a respeito do feminismo venderam muito mais do que referências feministas por si sós. Quer dizer, as apropriações encontradas no magazine das noções, conquistas, ideias, motes feministas, incluindo aí o Ano Internacional da Mulher em 1975, geralmente trouxeram poréns, se resguardando da possibilidade de passar a impressão de que havia apoio direto aos feminismos. Claro que nem todas as menções ao Ano Internacional da Mulher, por exemplo, foram necessariamente antifeministas⁴⁸². Existe também uma concepção

⁴⁷⁹ Em dezembro de 1974 a Darling anuncia um sutiã tomara-que-caia sob a chamada, estilo capa de jornal: "Frente de libertação feminina tem novo aliado". **Claudia**. São Paulo, nº 159, Ano XIV, dezembro de 1974.

⁴⁸⁰ Em novembro de 1979 a Fuji anuncia sua filmadora 8 milímetros em diálogo direto com os movimentos de mulheres. Sob o exórdio "Fujica P2. A filmadora a favor de todos os movimentos de libertação feminina", vem-se fotografias de uma modelo se movimentando, filmando em diferentes posições. Nas letras miúdas do anúncio percebemos mais referências à nova mulher misturadas a referências femininas tradicionais: "Agora que você conquistou seus direitos de mulher, chegou a hora de mostrar como você vê este nosso mundo. Pegue uma Fujica P2 e entre para o cinema. Fujica P2 é uma filmadora com corpo e alma de mulher. Levinha, jeitosa, facilíma de operar. Você não precisa fazer curso de cinema, nem ficar dois dias lendo folhetos de instruções para entender como ela funciona. É só apertar o botão e zimmmmmm. Você filma as festas da sua família, a natureza, seu filho no parque, os lugares por onde você passou nas férias e você não quer esquecer. A Fujica P2 valoriza ainda mais o que você filmou com a inteligência e sensibilidade. E não deixa que você cometa erros, porque tem ajuste automático de velocidade, sinal de alerta vermelho para a falta de luz no ambiente e o exclusivo sistema Single-8, a última palavra da Fuji em cinema de 8 milímetros. Mas o mais importante de tudo é o preço. A Fujica P2 custa exatamente o preço que uma mulher independente pode pagar." **Claudia**. São Paulo, nº 218, Ano XIX, novembro de 1979.

⁴⁸¹ Um anúncio de Pantene de junho de 1979 destaca "O mundo mudou. E as mulheres também", e fala em direitos conquistados e liberdade para "abusar da moda" nos cabelos sem medo de danificá-los. **Claudia**. São Paulo, nº 213, Ano XVIII, junho de 1979.

⁴⁸² Em dezembro de 1975 o MOBREAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização) comemora o Ano e Década da Mulher da ONU comentando que a cada 20 voluntários que trabalham com alfabetização de adultos apenas um é homem. Há, por um lado, a tentativa de recrutar mais homens como voluntários no anúncio, e por outro se homenageiam as mulheres. A foto aproximada do

de direitos e de organização social em torno de reivindicações coletivas que sem dúvida cresceu no decorrer das décadas observadas, e isso transparece na publicidade⁴⁸³. O direito do consumidor entra no vocabulário dos anúncios⁴⁸⁴, o direito da criança é usado de diferentes modos por anúncios de moda infantil⁴⁸⁵, e até o direito do homem (!) é evocado para vender cuecas.⁴⁸⁶ As empresas divulgam seus então novíssimos Serviços de Atendimento ao Consumidor (SACs) e pontos

rosto de uma mulher de óculos, com ar de intelectual e uma posição forte, acompanha o anúncio. **Claudia**. São Paulo, nº 171, Ano XV, dezembro de 1975.

⁴⁸³ Como exemplo podemos citar o anúncio de aspiradores Eletrolux de agosto de 1972 em que, sobre um fundo colorido bem marcado, um casal com vestimentas e cabelos que carregam referências *hippies* ergue os punhos direitos juntos, e o homem traz em sua mão o cano do aspirador. **Claudia**. São Paulo, nº 131, Ano XI, agosto de 1972 e **Claudia**. São Paulo, nº 133, Ano XII, outubro de 1972. Neste número de outubro este anúncio vem do lado do anúncio de tecidos para lingerie Lycra, cujo slogan era "Lycra anuncia o fim da opressão."

⁴⁸⁴ Temos por exemplo, uma espécie de SAC (Serviço de Atendimento ao Consumidor) dos tecidos Rhodia, em março de 1982; enquanto a Brastemp divulga seus 450 postos de serviços autorizados em janeiro e março de 1987; os sucos Maguary falam sobre data de validade e garantia de produtos naturais, em respeito ao consumidor, em fevereiro de 1988; e o CONAR (Conselho Nacional de Auto-Regulamentação Publicitária) anuncia seu papel em garantir que a propaganda respeite o consumidor em abril de 1988. Sobre como o consumo vem se estabelecendo como substituto da democracia, ver VESTERGAARD, T.; SCHRODER, K. Op. Cit. 1988, p. 182.

⁴⁸⁵ Em janeiro de 1980, na **Claudia** nº 220, a Levi's anuncia sua linha infantil com um menininho caminhando pela rua segurando uma placa, estilo "pirulito", com a mensagem "Bundinha de criança não é pra apanhar. É pra usar calças Levi's." Em julho de 1983, nº 262, a Quaker anuncia seu creme de arroz e farinha de aveia com a fotografia de dois bebês segurando o mesmo tipo de placa pirulito do anúncio anterior, cada uma demandando um dos produtos, sob o exórdio "A Quaker garante a liberdade de escolha". E em novembro de 1988, nº 326, com uma foto de moda bastante editorial de duas crianças, lembrando os famosos anúncios da Benetton, a Puc anuncia sua moda bebê e infantil com a mensagem em destaque "Puc. Um direito da criança."

⁴⁸⁶ A química multinacional Dupont anuncia diferentes usos da patente do seu tecido Lycra: "Cueca em algodão com Lycra. Respeito aos direitos do homem." **Claudia**. São Paulo, nº 310, Ano XXVI, julho de 1987. Nesse caso, como o anúncio estava em **Claudia**, a função de compradora da dona de casa (público-alvo da revista) para toda a família se reforça.

de assistência técnica, e o direito da mulher é abordado em diferentes iniciativas publicitárias.

Os direitos da mulher de forma genérica se fizeram muito mais presentes, importante colocar, do que o feminismo em si. A palavra feminismo ou feminista apareceu raras vezes nos anúncios, numa contagem de três vezes em quase 30 anúncios selecionados que abordaram de alguma forma a libertação feminina ou homens em situações tradicionalmente femininas⁴⁸⁷. Em contraponto ao cautelosamente evitado feminismo, surgem nos anúncios muitas vezes termos como a nova mulher, o direito da mulher, a emancipação da mulher.

Figura 36

Esta coroa vai trazer a rainha de volta ao lar.

Agora que as mulheres se emanciparam, elas estão dando valor ao seu título de rainha do lar. Com o secador Walita, você poderá seguir a moda e não perder tempo com roupas molhadas. Coloque o secador na máquina e deixe a roupa seca rapidamente. Depois de 45 minutos, retire a roupa e abra a máquina para que a roupa se seque mais rapidamente. O secador Walita tem um vidro de controle transparente e indica que tem terminado de funcionar quando o botão começa a vibrar.

Um controle preciso e rápido o permite de se controlar. Você pode controlar, sempre, a temperatura, o tempo e a velocidade de secagem. Com todo esse eficiência, o secador Walita é o mais moderno e bonito para você e para a sua casa. Não se esqueça, também, de comprar o acessório para secar roupas de cama e toalhas. Para os melhores resultados, use o secador Walita e o copo que vai trazer a sua rainha de volta ao lar.

É mais moderno que os outros, mais rápido e mais eficiente. Você poderá passar mais tempo com a sua família e menos tempo com a roupa molhada.

WALITA
Produtos Resistentes

488

⁴⁸⁷ Apenas dois desses usos da palavra feminismo se deram em anúncios cujas protagonistas eram mulheres. O terceiro caso, no anúncio de lava roupas Lavínia (Figura 41), será abordado mais adiante neste item.

⁴⁸⁸ "Agora que as mulheres se emanciparam, elas estão dando valor ao seu título de rainha do lar. Com o secador Walita, em poucos segundos você pode fundar

Essa pode ser uma característica específica da publicidade em **Claudia**, uma revista voltada a donas de casa de camadas médias que, de forma geral, são um estrato da sociedade visto como conservador. Talvez em **Nova**, por exemplo, anúncios um pouco mais ousados marcassem presença, ou ao menos a palavra feminismo fosse usada com mais frequência⁴⁸⁹. Ao mesmo tempo, é possível que os produtos para o lar, na visão das agências publicitárias, evocassem mais um sentimentalismo romântico voltado ao núcleo familiar do que a ideia de direitos civis ou liberdade sexual feminina. As alusões ao lar, aconchego, ou amor familiar estavam desconectadas do feminismo nos anúncios. Às vezes traziam, inclusive, referências que podem ser entendidas como antifeministas, como no anúncio de secadores de cabelo Walita de maio de 1978, reproduzido aqui na Figura 36.

Sob o exórdio "Esta coroa vai trazer a rainha de volta ao lar", a imagem da família feliz na fotografia e a analogia entre o secador e a coroa da rainha traz o tipo de apropriação mais comum da publicidade encontrada nas fontes sobre a temática da emancipação feminina. A saída de casa das mães de família para trabalhar poderia ser abordada de inúmeras outras formas no anúncio, principalmente se pensarmos que o diferencial oferecido pelo produto é sua praticidade, por deixar as mãos livres. Mas o foco da redação é outro: escapar das fofocas do salão, escrever cartas de amor, costurar meias do seu amor, ou mesmo fofocar no telefone com as amigas, se quiser. O anúncio fecha seu texto com a afirmativa de que "o secador Walita é a coroa que vai trazer a sua rainha

uma dinastia na sua família. Coloque o capacete na levíssima coluna desmontável ou pendure-o na parede. Depois é só sentar debaixo da coroa e renunciar de vez às fofocas de salão. O secador Walita vem com um visor de acrílico transparente e móvel que lhe permite distribuir ar quente pela cabeça com soberania. Um controle remoto regula a entrada de ar enquanto você assiste televisão, escreve uma carta de amor, costura as meias do seu amor, toca piano e até mesmo recebe telefonemas de amigas fofoqueiras. Com toda essa eficiência, o secador Walita ainda é suficientemente bonito para você não precisar escondê-lo quando as amigas chegarem. Mas se quiser, também dá tempo. Para os maridos apaixonados e filhos devotados, o secador Walita é a coroa que vai trazer a sua rainha de volta ao lar. E nas audiências de última hora, nada como um secador Walita portátil para fazer de você uma rainha instantânea." **Claudia**. São Paulo, nº 200, Ano XVII, maio de 1978.

⁴⁸⁹ Essa sugestão surge não somente pela leitura de bibliografia sobre a **Nova** no período, mas também partindo do exemplo do anúncio de **Nova** sobre um número especial sobre aborto em setembro de 1979 em **Claudia**. São Paulo, nº 216, Ano XVIII, setembro de 1979.

de volta ao lar". Sendo assim, diante das inúmeras possibilidades que a temática da saída das mães dos lares para trabalhar e a praticidade oferecida pelo produto anunciado trariam, se opta pelas vantagens familiares da volta ao lar da dona de casa.

A abordagem escolhida nos lembra de críticas feministas do período, que relacionaram diretamente determinado incentivo ao consumismo das mulheres com sua dependência financeira dos esposos e, assim, um "bom casamento" e o status aparentemente imutável de dependência de um homem seria algo indispensável no plano de vida das mulheres que eram subjetivadas por esse tipo de anúncio.⁴⁹⁰ Neste caso específico, se relaciona a emancipação feminina (ver texto completo do anúncio na nota da Figura 36) com a valorização do título de rainha do lar de uma forma inconsistente e, certamente, a imagem familiar específica transmitida no anúncio, de uma família branca de posses e, em decorrência, do sucesso da protagonista em realizar seu "bom casamento", define o seu tom. Ao mesmo tempo, de alguma forma o anúncio antecipa o argumento que ganha força na publicação no final dos anos 80, mas que na verdade nunca desapareceu totalmente, de que no final das contas seria melhor para a família ter a mãe em casa em tempo integral.

Em contrapartida ao que podemos interpretar como um antifeminismo mal disfarçado no anúncio dos secadores Walita, temos o anúncio de óculos Marie Claire, de novembro de 1979, que realmente espanta pelo seu discurso de apoio direto a causas feministas. Em destaque se lê: "É a favor do divórcio, do aborto e do ser humano", com um dos óculos anunciados perto de uma garrafa de uísque e dois copos à esquerda. Abaixo, em letras miúdas à direita, o texto continua:

Já assumiu seu papel na sociedade e está em contato com o mundo: usa Marie Claire.

⁴⁹⁰ Sobre esta questão, ver FÁVERI, Marlene de. O Mundo é das Mulheres – Heloneida Studart e o Feminismo na Revista Manchete. *Ártemis*, v. 18, p. 103-115, 2014. Em especial na página 113 a autora destaca as críticas feministas "(...) ao consumismo veiculado pelos meios de comunicação que incitavam as mulheres a esperar por um provedor ao invés de as incentivar a outras possibilidades e experiências (...)". Também no prefácio à edição brasileira de **A mística Feminina**, de Betty Friedan, Rose Marie Muraro, sob o título "A mulher brasileira e a sociedade de consumo", explorou diretamente a relação entre o consumismo e a submissão das mulheres nas sociedades industrializadas, com enfoque no Brasil, baseando-se na própria crítica de Betty Friedan ao caso estadunidense.

Prova em todas as suas atitudes que é mulher do seu tempo: usa Marie Claire.

Tem posição diante da vida e entrou na última greve das professoras: usa Marie Claire.

Trabalha fora, tem consciência de seus direitos e é pela anistia: usa Marie Claire.

Marie Claire é a linha de óculos de sol da nova mulher brasileira.

Peça Marie Claire na sua ótica favorita.

Marie Claire. O feminismo visto com bons olhos.⁴⁹¹

A maneira com que a marca assinala seu posicionamento político no texto é surpreendente e certamente foge da norma dos anúncios observados. Mesmo em anúncios contemporâneos à escrita desta tese podemos perceber que esse tipo de atitude é geralmente evitada. É importante levar em conta que o feminismo estava em voga como tema de debate público neste momento e, além de marcos como a Década da Mulher da ONU, espaços na grande mídia vinham debatendo temáticas feministas de forma ampla. Um exemplo já citado aqui anteriormente é a série de televisão **Malu Mulher**, em que Regina Duarte, a *namoradinha do Brasil*, interpretou a protagonista Malu, uma socióloga desquitada. Para além dos temas que perpassavam todos os episódios da série, como o divórcio, direitos trabalhistas e a emancipação feminina de forma geral, episódios específicos⁴⁹² se concentraram em outras temáticas que eram e ainda são foco de preocupação feminista, como o aborto, a dupla jornada de trabalho⁴⁹³ e a violência doméstica.

⁴⁹¹ **Claudia.** São Paulo, nº 218, Ano XIX, novembro de 1979.

⁴⁹² A série era exibida às 22 horas, nas quintas-feiras e posteriormente nas segundas. Alguns dos títulos dos episódios chamam a atenção, como "A subversiva"; "O doce inferno da Burguesia"; "Até sangrar"; "Filhos, melhor não tê-los"; ou "Em legítima defesa da honra e outras loucuras". A lista dos episódios pode ser consultada em <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/seriados/malu-mulher/episodios.htm>> Acesso em 04/07/2015.

⁴⁹³ Esse episódio é encerrado com a seguinte fala de Malu, que reproduzo aqui pelo interesse da temática à tese: "Se eu conseguir trabalhar e ser mãe é porque muitas mulheres também poderão fazer o mesmo e isso quer dizer que o sonho da mulher de ser livre e independente não precisa ser só um sonho. Pode ser verdade." ALMEIDA, Heloísa Buarque de. Trocando em miúdos: gênero e sexualidade na TV a partir de Malu Mulher. **Rev. bras. Ci. Soc.**, São Paulo, v. 27, n. 79, p. 125-137, June 2012, p. 133. Disponível em

Como **Malu Mulher** estava no ar (foi apresentada de maio de 1979 a dezembro de 1980) na Rede Globo quando o anúncio de Marie Claire foi publicado em **Claudia** (novembro de 1979), pode-se inferir que o sucesso da série agiu como um dos *termômetros* que ofereceria confiança aos anunciantes para se posicionarem de tal forma. Heloísa Buarque de Almeida indica que inclusive o regime militar é questionado de forma indireta pela protagonista Malu⁴⁹⁴, questionamento que podemos observar também no anúncio de Marie Claire, que cita diretamente a Anistia. Claro que o próprio espaço que **Claudia** disponibilizava para as temáticas feministas, assim como a amplitude que os movimentos vinham ganhando no período, são outros termômetros centrais nesse sentido que não podem ser ignorados.

Torben Vestergaard e Kim Schroder comentam o que chamaram da "sustentabilidade da boca pra fora" presente em determinados anúncios, que sempre estariam preocupados em medir a "temperatura ideológica" do público a fim de negociar seus conteúdos⁴⁹⁵. Se é verdade que a propaganda de forma geral prefere os caminhos seguros⁴⁹⁶, é também fato que ela precisa de alguma forma incorporar os movimentos de descontentamento que poderiam ameaçar não só a

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092012000200008&lng=en&nrm=iso> Acesso em 04/07/2015.

⁴⁹⁴ A autora relaciona inúmeras temáticas da série com um feminismo de camadas médias do período, e comenta que a indicação da Malu como socióloga foi de Ruth Cardoso, uma vez que a Rede Globo buscava uma protagonista de alta escolaridade. Uma consultora inclusive visitou a UNICAMP para ajudar a construir a personagem, sua casa, seu dia-a-dia. "De acordo com certas correntes do movimento feminista, Malu defende grupos vítimas de preconceito (homossexuais, negros e deficientes) e denuncia as desigualdades sociais, muitas vezes por intermédio de personagens como as empregadas domésticas. Malu questiona inclusive, ainda que indiretamente, o regime militar e clama pela abertura política. Tal associação entre feminismo e esquerda, vinculada à luta pela anistia e contra a ditadura, é recorrente em trabalhos sobre o movimento feminista no Brasil. Termos explícitos sobre certos temas – como por exemplo “anistia” – não aparecem, mas há referências à tortura durante o regime militar ainda vigente e críticas ao “custo de vida”." ALMEIDA, H. Op. Cit., 2012, p. 129.

⁴⁹⁵ VESTERGAARD, T.; SCHRODER, K. Op. Cit. 1988, p. 133-134.

⁴⁹⁶ O presidente de uma empresa de moda norte americana, Nicole Miller Inc., afirmou a respeito em 1997 que "Neste setor, o único motivo para mudar é alguém ser espicado por um grande agulhão para gado que continua a cutucá-lo por trás." KLEIN, Naomi. **Sem logo**: a tirania das marcas em um planeta vendido. Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 449.

liberdade do setor, mas também o próprio sistema econômico que o sustenta. Sob este ponto de vista, os autores observam que

Os movimentos Women's Lib e Black Power baseiam-se em atitudes altamente críticas, se não antagônicas, às normas de comportamento e à desigual distribuição de privilégios na sociedade de consumo ocidental que a propaganda parece resumir. No entanto, isso não torna esses movimentos imunes à exploração das estratégias de vendas da propaganda.⁴⁹⁷

É plausível, desse modo, considerar que os óculos Marie Claire mediram sim a temperatura ideológica, de seu público alvo e também da publicação onde anunciaram, assim como a Rede Globo o fez com **Malu Mulher**. As apropriações das bandeiras de luta feministas pela publicidade e pela mídia de massa de forma geral trouxeram imensos benefícios para a grande mídia, a indústria cultural ou a mídia corporativa. Isso apenas foi e ainda é possível porque a mídia de massa foi capaz de redefinir a liberação feminina em termos individualistas e mercantilistas⁴⁹⁸.

Nesse sentido podemos refletir, partindo de um exemplo, sobre o quanto a bandeira de luta "o pessoal é político" dos feminismos e outros movimentos do período não acabou se tornando uma faca de dois gumes. Por um lado, essa ideia alavancou cruciais e indispensáveis processos de auto-reconhecimento das mulheres como indivíduos autônomos, com controle sobre suas vidas pessoais, mas por outro foi um argumento através do qual a indústria voltou os discursos revolucionários contra si mesmos, ao incentivar o consumismo individualista que muitas feministas criticavam e conectavam à servidão doméstica e também à dependência das mulheres. Entretanto, é importante ter claro que essa observação não pressupõe qualquer culpabilização dos feminismos sobre a apropriação capitalista de suas bandeiras de luta. Essa apropriação e construção de sentidos avessos aos dos movimentos, a subjetivação de seus argumentos e posições políticas, certamente não se deu nem por iniciativa destes, nem foi de forma alguma intenção dos mesmos. Ao mesmo tempo, os grupos de resistência não poderiam evitá-la totalmente, uma vez que não

⁴⁹⁷ VESTERGAARD, T.; SCHRODER, K. Op. Cit. 1988, p. 182.

⁴⁹⁸ FARREL, A. Op. Cit. 2004, p. 21.

controlavam e ainda não controlam os processos de subjetivação capitalísticos. As inúmeras tentativas de se criar escapes ou novos caminhos⁴⁹⁹, os processos de singularização, esses sim devemos reconhecer como resultado dos movimentos.

Assim sendo, temos muitos exemplos, ainda em nossos dias, em que as feministas marcam seu descontentamento com a apropriação mercantilista de suas bandeiras de luta que as esvaziam de sentido e potencial transformador. Concomitantemente, é importante lembrarmos que existem diferentes vertentes feministas e há uma parcela importante do feminismo que busca exatamente na representatividade controlada por grandes corporações – cinema, televisão, publicidade – atitudes mais inclusivas e voltadas à não discriminação, que não têm necessariamente iniciativas anticapitalistas e inclusive apoiam as apropriações das

⁴⁹⁹ Um exemplo interessante nesse sentido, voltado à publicidade, pode ser apontado na iniciativa da já citada **Ms. Magazine**, a revista feminista comercial norte americana. A **Ms.** na década de 1970 criou a seção Sem Comentários, na qual as leitoras enviavam através de cartas recortes de anúncios que consideravam misóginos, com uma faixa sobre eles escrito *No Comments*. Geralmente nem as leitoras que enviavam o anúncio e nem a revista comentavam ou explicavam por que aqueles anúncios eram misóginos, aumentando dessa forma o senso de comunidade das leitoras através da interpretação compartilhada que tinham daquele conteúdo. A própria **Ms.** foi "vítima" de sua seção, em determinado momento em que a polêmica com seus anúncios de bebida e cigarros aumentou. Apesar da revista não ter publicado seu próprio anúncio na seção, inclusive porque era uma revista que dependia diretamente dos anunciantes para se manter ativa, a Sem Comentários representou um dos mais utilizados canais de diálogo direto com as leitoras, numa experiência em que as leitoras se sentiam ativas na participação da revista, fortalecendo a noção de sororidade que era foco do feminismo da **Ms.** Essa sororidade, assim como o equilíbrio entre feminismo e a dependência comercial, sempre se sustentaram com muita negociação e nunca sem tensões, mas nesse tópico da publicidade a *No Comments* e a própria **Ms.** apresentam processos de singularização muito interessantes, que nos oferecem certos caminhos para pensar a **Claudia** e a constância de suas colunas feministas no período estudado. A **Ms.** foi comprada por um grupo de comunicação australiano no final da década de 1980, o que transformou definitivamente a construção coletiva e o diálogo direto com as leitoras, mas a publicação existe até hoje. No seu *website* é possível acessar ainda alguns arquivos recentes da seção *No Comments*: <<http://msmagazine.com/nocommentarchive.asp>> Acesso em 12/07/2014. Para mais sobre as leitoras e a publicidade em **Ms.** ver FARREL, A. Op. Cit. 2004, p. 225-237.

corporações de slogans feministas quando consideram que a mensagem transmitida é positiva para as mulheres.

Apesar dessa espécie de transformação do feminismo em consumismo não ser uma grande novidade, tendo-se relatos de anúncios norte-americanos que relacionavam a aquisição de produtos domésticos com a "liberdade feminina" já na década de 1920⁵⁰⁰, as formas como a publicidade se apropriou da temática em **Claudia** parecem ainda muito distantes daquilo que Naomi Klein chamou de *marketing da diversidade*⁵⁰¹, um fenômeno que ganha força no decorrer da década de 1990. O fato é que o citado anúncio de Marie Claire é o único que encontrei na pesquisa que utiliza o termo feminismo ou feminista de forma positivada e diretamente associada à sua marca. E para o foco específico da tese ele não é tão significativo, porque não é um produto para o lar e no anúncio não há nenhuma referência à domesticidade, repetindo um padrão que encontrei na publicidade que desassocia o feminismo da esfera doméstica.

O segundo anúncio que encontrei na pesquisa que faz referência direta ao feminismo e às mulheres é, por sua vez, de produtos para o lar. Ele apresenta, entretanto, um uso completamente avesso da noção de feminismo ao da propaganda anterior. O anúncio de talheres Hercules, reproduzido na Figura 37, foi publicado em **Claudia** em outubro de 1982, no qual se lê em destaque: "Assumida, analisada, feminista, faz

⁵⁰⁰ Ibidem, p. 59.

⁵⁰¹ KLEIN, N. Op. Cit., 2002, p. 141. Sobre essa questão ver KLEIN, Naomi. O patriarcado se apavora: o triunfo do marketing de identidade. In: KLEIN, N. Op. Cit., 2002, p. 131-149. No capítulo, a autora relaciona o crescimento das políticas de identidade no decorrer da década de 1980 com as formas como o capital global, através das corporações multinacionais, transformam essas identidades em motes de consumo. Sem negar a importância das questões de representação das minorias, Naomi Klein observa que "(...) as empresas inteligentes rapidamente perceberam que o desconforto de curto prazo – venha ele de uma exigência pela contratação de mais mulheres ou de um exame mais cuidadoso da linguagem em uma campanha publicitária – foi um preço pequeno a pagar pela enorme participação de mercado que prometia a diversidade. Assim, embora possa ser verdade que houve ganhos reais no processo, é também verdade que Dennis Rodman usa vestidos e o Disney World comemora o Dia Gay menos por causa de progresso político do que por conveniência financeira. O mercado apoderou-se do multiculturalismo e da transgressão de gênero da mesma forma que se apoderou da cultura jovem em geral – não apenas como um nicho de mercado, mas como fonte de novas imagens carnavalescas." p. 139.

yoga e joga tênis aos sábados... ... e à mesa garfo de prata com faca de camping."

Figura 37

**Assumida, analisada, feminista,
faz yoga e joga tênis aos sábados...**

...e à mesa garfo de prata com faca de camping.

**Lendo jornal para disfarçar, hem Jaqueline?
Você tem é que comprar um faqueiro Hercules, isso sim.**

Assim como Jaqueline, muita gente faz uma verdadeira mistura de tipos de talheres à mesa, desprezando a importância da unidade entre eles e de um estilo mais adequado à sua maneira de viver.

Mas não depois deste anúncio. A Hercules possui uma variadíssima linha de talheres, para todos os gostos e salários. Você pode ir montando aos poucos o seu faqueiro, ou comprá-lo de uma só vez. E caso uma das peças se perder, a Hercules garante a reposição para você. Outra coisa: a linha Hercules está presente em todo o Brasil. Largue este jornal Jaqueline. E trate de pôr um faqueiro Hercules na sua mesa.

HERCULES S.A. - 05123-41-3300
 Não hesite: assessoria está na hora de comprar ou repor seu talheres.
 Ligar e saber qual o revendedor Hercules que está mais próximo de você.

HERCULES
 Todo dia é dia de Hercules

ZIVI S.A. - Cotovia
 HERCULES S.A. - Fábrica de Talheres
 Empresas coligadas.

As letras miúdas do anúncio avançam no argumento

Lendo jornal para disfarçar, hem Jaqueline?
 Você tem é que comprar um faqueiro Hércules,
 isso sim.

Assim como Jaqueline, muita gente faz uma verdadeira mistura de tipos de talheres à mesa, desprezando a importância da unidade entre eles e de um estilo mais adequado à sua maneira de viver.

Mas não depois deste anúncio. A Hercules possui uma variadíssima linha de talheres, para todos os gostos e salários. Você pode ir montando aos poucos o seu faqueiro, ou comprá-lo de uma só vez. E caso uma das peças se perder, a Hercules garante a reposição para você. Outra coisa: a linha Hercules está presente em todo o Brasil. Largue este jornal Jaqueline. E trate de pôr um faqueiro Hercules na sua mesa.

Em seguida há um *fone-service* e o logo da empresa. A mensagem que o anúncio utiliza para convencer a consumidora de como seu produto é importante e indispensável parece bastante clara: não adianta ser uma mulher "moderninha" se for desleixada com assuntos domésticos. Ou não adianta disfarçar o seu desleixo com a casa fazendo de conta que é inteligente, ou que acompanha as últimas tendências. Dessa forma, o feminismo, a psicologia, a ioga, as aulas de tênis e o próprio fato de uma mulher demonstrar interesse em ler um jornal são indicados como modismos, tendências. O estilo de Jaqueline, a moça da foto, com o cabelo preso de forma arrojada, as unhas vermelhas, a postura de confiança, não é suficiente para disfarçar o fato de que é vergonhoso uma mulher ter em sua casa talheres desarmoniosos. Quando se cita "garfo de prata com faca de camping", infere-se que o "problema" não seja financeiro, apesar de haver talheres para todos os salários. E se de fato o problema for financeiro, existe a simples opção de ir montando o faqueiro aos poucos. O que não parece ser opção plausível é uma mulher não se importar com o fato de seus talheres não constituírem um conjunto.

Um diferencial deste anúncio é que ele pode estar se dirigindo a uma mulher casada, mas de forma geral sua protagonista parece ser uma mulher solteira, por não haver menção à sua família. É uma

característica que de certo modo podemos encontrar também no anúncio dos óculos Marie Claire. Se feminismo e domesticidade não pareciam fazer uma boa dupla aos olhos dos anunciantes, muito menos o fariam feminismo e casamento. Do mesmo modo, a maternidade se afasta totalmente das referências feministas na publicidade observada na pesquisa. O anúncio de talheres Hercules, por sua vez, trabalha com expectativas gendradas sobre sua protagonista, mesmo ela sendo representada como feminista e provavelmente solteira.

Uma questão que podemos nos fazer é se talheres eram anunciados para homens em revistas voltadas a eles em 1982. Talvez também, esse tipo de abordagem do anúncio com foco em uma protagonista evidentemente casada, mãe de família, fosse encarado como mais ofensivo. Ainda assim, o imperativo utilizado no anúncio parece transgredir um pouco a linguagem de aconselhamento amigável das revistas femininas e causar algum desconforto por seu tom de cobrança. Imagino que mais de uma mulher pudesse se sentir insultada ao ler "Largue este jornal Jaqueline. E trate de pôr um faqueiro Hercules na sua mesa." O texto também nos faz lembrar de certos conteúdos da revista que aconselhavam as mulheres a lerem para não serem esposas entediadas, trazendo a ideia de que a leitura do jornal por Jaqueline consistiria mais em uma imagem que ela está construindo, para os outros, conforme os modismos vigentes, do que uma vontade feminina de ler um jornal, que segundo o texto pode ser entendida como uma situação anormal.

Outros anúncios de produtos domésticos fizeram uso de referências dos movimentos de emancipação feminina de maneira não textual, não tão direta e também não sempre tão antifeminista. No anúncio do revestimento antiaderente para panelas Teflon, publicado em **Claudia** em abril de 1983 e reproduzido aqui na Figura 38, temos uma imagem que remete imediatamente aos movimentos de mulheres, acompanhada de um texto que não os menciona diretamente, falando apenas na liberdade que as panelas com esse tipo de revestimento poderiam trazer, e com o slogan "Teflon II desgruda a mulher da cozinha". Em anúncio de fevereiro de 1988, do limpador de vidros Nifti, podemos perceber também essa referência indireta. Neste caso ela parece estar associada à bancada feminina da Constituinte, pela época de sua publicação e pela referência à transparência. Na Figura 39 reproduzo o anúncio, que se apresentava intercalado por outra página da revista, de modo que se fazia necessário virar a página para poder ver a segunda parte colorida da propaganda.

Ambos os anúncios trazem imagens fortes, o primeiro deles com a mulher com o braço ao alto, numa postura que lembra o pulso erguido de resistência utilizado por variados movimentos, acompanhado da palavra liberdade em destaque. O segundo traz uma grande variedade de mulheres, de gerações e aparentemente ocupações diversas, primeiramente também numa postura de demanda, e as frases em evidência "Exigimos transparência" e "Para mulheres que enxergam longe" reforçam a referência. Nas letras miúdas dos anúncios, cujos textos podem ser lidos nas notas de rodapé das figuras 38 e 39, percebe-se que o anúncio de Nifti insiste mais na noção da nova mulher. Enquanto o Teflon II menciona simplesmente desgrudar a mulher da cozinha para poder grudar nas *outras* coisas boas da vida (afinal, não seria interessante para a marca que as mulheres associassem a cozinha com algo ruim e parassem de comprar panelas, não é mesmo?), Nifti quer vender seu limpa vidros para mulheres de visão, uma vez que os tempos mudaram, se apropriando assim de forma mais aberta das transformações promovidas pelos feminismos em seu discurso. Apesar disso é importante destacar, novamente, que o termo feminismo não aparece explicitamente nestes anúncios, e nenhum deles nem mesmo insinua que homens poderiam lavar as panelas ou limpar as vidraças.

Figura 38

PANELA DA LIBERDADE

Ninguém dá liberdade para ninguém. Mas, no momento exato, você percebe que pode se libertar das coisas que prendem você, facilitando o seu dia-a-dia. As panelas Empress, Marmicoc e Panex são as únicas revestidas com TEFLON® II. Isso facilita cozinhar porque nada gruda no fundo e por causa disso, é muito fácil lavar. E essa liberdade vai fazer você grudar em outras coisas boas da vida.

TEFLON® II
Liberdade para a mulher da cozinha.

DUPONT
WALTON & COMPANY

503

503 "PANELA DA LIBERDADE. Ninguém dá liberdade para ninguém. Mas, no momento exato, você percebe que pode se libertar das coisas que prendem você, facilitando o seu dia-a-dia. As panelas Empress, Marmicoc e Panex são as únicas revestidas com TEFLON II. Isso facilita cozinhar porque nada gruda no fundo e por causa disso, é muito fácil lavar. E essa liberdade vai fazer você

Focando ainda no universo doméstico em um sentido amplo, levando em conta as funções da dona de casa listadas na tabela do Apêndice I, temos por exemplo o Banco do Brasil anunciando seus produtos em 1973 sob o exórdio "Direitos adquiridos", dizendo que a mulher não é mais *apenas uma dona de casa* e depois dando alguns exemplos de atividades que a literatura feminista coloca exatamente como funções das donas de casa (como pagar contas ou fazer compras). Acima de mãos exacerbadamente femininas preenchendo um cheque, com manicure impecável e muitas joias, se lê no anúncio

Hoje a mulher não é apenas uma dona de casa. Ela assina cheques. Paga o colégio das crianças, o supermercado, as contas de luz. Paga o consórcio do seu carro. Usa o Cheque-Ouro e o Cheque de Viagem do Banco do Brasil.

E mais: tanto quanto qualquer homem, pode usar o crédito direto ou o crédito pessoal. Ela conquistou esse direito. Nada mais justo que tire o maior proveito disso.

BANCO DO BRASIL S.A.⁵⁰⁴

Figura 39



graduar em outras coisas boas da vida. TEFLON II. Desgruda a mulher da cozinha." **Claudia**. São Paulo, n° 259, Ano XXII, abril de 1983.

⁵⁰⁴ **Claudia**. São Paulo, n° 144, Ano XII, setembro de 1973.

Em 1974 o Banco do Brasil traz um anúncio semelhante com o slogan "OS TABUS ESTÃO CAINDO", em grande destaque, muito maior que o próprio logo do banco. No topo de uma foto que ocupa a página toda, do rosto de uma mulher que parece moderna e profissional, temos o texto que dessa vez traz um tom um pouco mais focado em um discurso igualitário. Mas só um pouco.

Já vai longe o tempo em que a mulher era uma boneca. Hoje, sem deixar de ser um pouco boneca – como toda mulher gosta de ser – ela também ajuda nas despesas da casa, planeja a economia doméstica, sabe falar de negócios, faz compras e pagamentos.

Até a transação bancária não é mais assunto exclusivo dos homens. O Banco do Brasil anda na bolsa de milhares de mulheres, na forma de cheques de viagem, cartão-ouro e outros papeizinhos pequenos mas importantes – recibos de depósito, extratos de conta, etc.

A mulher de hoje atua, escolhe, decide. Nada mais justo do que servi-la com atenção e rapidez. Ela merece.

BANCO DO BRASIL S.A.⁵⁰⁶

Assim como o uso da palavra *ajuda* masculina nos afazeres domésticos nos lembra que estes são função feminina, a *ajuda* das mulheres nas despesas da casa nos lembra de que elas não têm condições, ou não se espera que sejam as provedoras financeiras dos lares. Mulheres não sustentam a casa. Apesar da tentativa do anúncio de apontar de alguma forma que as mulheres estão mais envolvidas nas finanças – e esses seriam os tabus que estariam caindo –, o texto se calca

⁵⁰⁵ Nas letras miúdas se lê: "Toda mulher exige limpeza e transparência nas janelas, espelhos e cristais de sua casa. Mas hoje em dia, ninguém tem mais tempo nem paciência de ficar naquele mistura daqui, esfrega dali. Ainda bem que chegou Nifti Limpa-Vidros. Com fórmula desenvolvida especialmente pelo mesmo fabricante do Pinho Sol, para resolver o problema de uma vez por todas. Basta pulverizar, passar um pano e pronto. Fica tudo brilhando, por muito mais tempo. Então, se você é uma dessas mulheres de visão, experimente Nifti Limpa-Vidros. Afinal de contas, você bem sabe que os tempos mudaram."

Claudia. São Paulo, nº 317(2), Ano 27, fevereiro de 1988.

⁵⁰⁶ **Claudia.** São Paulo, nº 153, Ano XIII, junho de 1974.

em questões tradicionalmente associadas às mulheres e a expectativas gendradas. Então ter certa autonomia financeira não irá afetar seu lado boneca, não se preocupe, e você pode até fazer alguma transação bancária, veja só! *Falar sobre* negócios aqui pode ser mais se mostrar interessante e *atenada*, como a Jaqueline com seu jornal no anúncio dos talheres Hercules anos mais tarde, do que necessariamente participar dos negócios, *fazer* negócios. A referência à economia doméstica não poderia faltar e, como no anúncio anterior, se conversa com uma mulher casada. Imagina-se que pouca interlocução haveria entre estes anúncios e uma mulher solteira financeiramente independente.

Em 1975 o Banco do Brasil continua com a mesma série de anúncios (eles trazem o mesmo padrão de cores e tratamento das fotografias), mas agora aposta mais fortemente em um clichê e praticamente não há menção à questões domésticas. Com uma foto de uma bolsa bem grande, entulhada de objetos associados ao feminino, alguns deles espalhados por fora da bolsa e, dentro dela um talão de cheques, se anuncia que "É muito fácil abrir uma conta no Banco do Brasil. Difícil é achar o talão de cheques." Em letras miúdas continua: "A mulher conquistou direitos. Hoje ela sabe falar de negócios, compra e paga. Embora, às vezes, demore um pouco para encontrar o talão de cheques. Nós entendemos, afinal são tantas bolsas...". Em seguida se afirma que "O Banco do Brasil está do lado das mulheres" e dali em diante o anúncio perde toda sua marcação de gênero, falando apenas das agências e dos serviços do banco.

De maneira geral podemos perceber que a abordagem dos anúncios do Banco do Brasil à emancipação feminina se deu na medida em que se poderia utilizar o mote da liberdade feminina sem transgredir de fato os padrões de gênero, principalmente aqueles que determinavam que as mulheres eram as responsáveis pelos afazeres domésticos e não eram as provedoras financeiras dos lares. A **Abril Cultural** chama mulheres para trabalhar em seu quadro, em anúncio de 1975, mais ou menos da mesma forma. Abaixo da fotografia de uma mulher atravessando a rua com olhar confiante, o pequeno anúncio de rodapé de página convida

Experiência anterior: prendas domésticas.

Meu nome é Ana Lúcia Costa Negrais. Prá (sic) falar a verdade, eu estava apavorada quando comecei a trabalhar na Abril Cultural. É que toda minha experiência anterior se resumia numa só:

prendas domésticas. Mas correu tudo bem, graças ao treinamento correto e à orientação segura dos gerentes. Hoje, posso me considerar realizada. Ganho bem. Entre comissões e prêmios recebo mais de Cr\$ 5.500,00 por mês. Tenho o respeito profissional de todos os colegas. Venha também trabalhar na Abril Cultural. Tudo de bom que aconteceu comigo, vai acontecer com você. Mesmo que você esteja apavorada.⁵⁰⁷

Pode-se indicar aqui um diálogo com o conteúdo geral da revista a respeito da inserção das mulheres casadas no trabalho remunerado, conforme explorado no capítulo anterior. Há um determinado lugar para a maior parte dessas mulheres no mercado, no setor de serviços que não exige muita qualificação. A ideia de que se atinge um salário bom com prêmios e comissões deixa a entender que o salário base não é muito alto. A Abril recruta esse exército de reserva de mão de obra, as donas de casa com filhos mais crescidos, através do argumento das prendas domésticas, e tenta passar segurança para seu público-alvo utilizando o depoimento de uma igual. O anúncio não menciona, por exemplo, a possibilidade de independência financeira articulada ao trabalho oferecido, mas sim realização e respeito dos pares, de forma semelhante a grande parte dos conteúdos editoriais da revista, que trataram o trabalho fora de casa como uma forma de expandir horizontes, tornar a dona de casa uma pessoa mais interessante, apesar de poder parecer uma situação amedrontadora em um primeiro momento. Não mencionar independência financeira não quer dizer que o salário da esposa não fosse importante ao seu grupo familiar, mas pode reforçar a noção de ajuda financeira ao esposo, mantendo assim a divisão sexual do trabalho, tão debatida pelas feministas do período, subjetivamente estanque, apesar da mulher estar trabalhando fora.

⁵⁰⁷ **Claudia.** São Paulo, nº 165, Ano XIV, junho de 1975.

Figura 40

Viva o Ano Internacional da Mulher.

1975 é o Ano Internacional da Mulher.
Este anúncio é uma homenagem a elas.
E também aos homens.
Nossos votos sinceros de que cada
um desempenhe seu papel com a mesma
naturalidade de sempre.

Sem invertê-los.
E que, mesmo assim, os dois possam
dividir muita coisa entre si.
Carinhosamente, Óleo Violeta.

um produto Olivebra 

508

Não são poucos os anúncios, aliás, que optaram pelo estaque ou pelas tradições no momento de oferecer seus produtos. Em agosto de 1975, a Olivebra menciona o Ano Internacional da Mulher em um pequeno anúncio de meia página de seu óleo de soja Violeta de maneira marcadamente conservadora, conforme podemos observar na Figura 40. A imagem traz um grupo de homens, incluso um menino pequeno, pajeando a única mulher da foto, em uma espécie de homenagem simplesmente porque é seu ano (assim como se homenageiam as mães no dia das mães). Ao fundo à esquerda há um homem negro, o único não branco e o único sem camisa, com vestes que lembram algum servo de lendárias terras distantes, abanando a mulher. À direita se vê um homem mais velho que os demais, secando um prato, vestido em um avental cor de rosa, indicando uma espécie de inversão pontual de papéis e quebrando a possível naturalidade da imagem de um homem secando a louça. Há também ao fundo à direita um homem uniformizado como um motorista. Sem destoar do conservadorismo e racismo da imagem, o texto não traz absolutamente nenhuma referência feminista para além do título que cita o Ano Internacional da Mulher

⁵⁰⁸ **Claudia.** São Paulo, nº 167, Ano XIV, agosto de 1975.

Viva o Ano Internacional da Mulher.

1975 é o Ano Internacional da Mulher. Este anúncio é uma homenagem a elas. E também aos homens. Nossos votos sinceros de que cada um desempenhe seu papel com a mesma naturalidade de sempre. Sem invertê-los. E que, mesmo assim, os dois possam dividir muita coisa entre si.

Carinhosamente, Óleo Violeta.

Um produto Olvebra.

Podemos perceber neste exemplo uma apropriação da visibilidade das questões feministas internacionais de forma absolutamente mercantilista e antifeminista. No final das contas o texto faz uma homenagem aos homens e ao estado tradicional ou, como coloca, natural das coisas. É comum encontrarmos anúncios que chamam a atenção com discursos de igualdade para em seguida reforçar estereótipos. A US Top por exemplo, anunciou suas calças em um espaço de duas páginas alegando que "Mulheres e homens merecem direitos iguais. Mas jeans diferentes"⁵⁰⁹, e nas letras miúdas a marca se coloca como "O jeans que descobriu outras diferenças entre mulheres e homens além daquelas que todo mundo conhece". Mais nenhuma referência aos direitos iguais é feita.

O apelo publicitário ao estereótipo da dona de casa de classe média, consumista e alienada, transparece em exemplos como o do anúncio de revestimentos para piso e parede Decorflex, em que se lê o exórdio que ocupa duas páginas "Antes de tentar mudar o mundo, comece por mudar a sua própria casa."⁵¹⁰ No texto em letras miúdas o anúncio fala da questão da poluição, não do feminismo, mas a maneira que o mesmo se dirige às mulheres e se apropria da questão dos movimentos ambientalistas nos leva a pensar a crítica feminista ao uso dos movimentos pela publicidade.

Outro tipo de anúncio que surge em **Claudia** nos anos estudados em diálogo ou resposta aos movimentos de mulheres são aqueles que trazem mulheres em posições mais fortes, de alguma forma de poder ou prestígio, ou simplesmente não usualmente femininas conforme os padrões predominantes. Então em novembro de 1976 um anúncio de

⁵⁰⁹ **Claudia**. São Paulo, nº 319, Ano 27, abril de 1988.

⁵¹⁰ **Claudia**. São Paulo, nº 282, Ano XXIV, março de 1985.

Ford Corcel traz a fotografia de uma médica examinando um bebê no alto da página, e o seguinte texto sobre a foto de um Corcel amarelo

Quem tem Corcel é assim:

Médica. Ela usa Corcel para chegar rápido no consultório, no hospital e nos chamados de urgência.

O Corcel, além de ser o carro que mais economiza gasolina nesse vai-e-vem, é o carro que ela recebe.

Ford Corcel – Um passo à frente.⁵¹¹

De um ponto de vista feminista – por mais que a médica retratada seja uma pediatra, o que não representa exatamente uma quebra de paradigma – , esse anúncio se mostra mais positivo que muitos daqueles que buscaram uma referência mais diretamente ligada aos símbolos do movimento. Isso talvez porque o automóvel seja oferecido em termos semelhantes àqueles que eram utilizados para oferecer mercadorias aos homens, ou ao menos se poderia vender o carro a qualquer pessoa com os mesmos argumentos que o anúncio utiliza. Por outro lado também, é um dos poucos anúncios de automóveis que encontrei na revista que não faz referência à família e ao trabalho doméstico – como levar as crianças à escola ou fazer compras por exemplo – e sim à vida profissional feminina.

Por mais que fazer com que as mulheres sejam tratadas como homens possa parecer uma demanda em muitos sentidos limitada em termos feministas, principalmente por desconsiderar as especificidades das mulheres, esta era e ainda é uma demanda presente em muitas frentes dos movimentos. As editoras da revista feminista estadunidense **Ms.**, por exemplo, travaram difíceis negociações com anunciantes no decorrer da década de 1970 para que não fosse exigido que o conteúdo editorial da publicação de certa forma "acompanhasse" os anúncios. Uma vez que as editoras haviam trabalhado antes em publicações voltadas ao público masculino, elas sabiam que esse tipo de exigência não acontecia nessas publicações, e tentaram evitar a demanda a partir desse argumento de igualdade. Em decorrência, a **Ms.** teve dificuldades em conseguir recursos de anúncios de produtos alimentícios ou de beleza, porque se exigiam das revistas voltadas para as mulheres que tutoriais de beleza ou matérias com receitas fossem publicadas em

⁵¹¹ **Claudia.** São Paulo, nº 182, Ano XVI, novembro de 1976.

sequência aos anúncios. A **Claudia** certamente fez isso, mas as maneiras como determinados anúncios bastante conservadores e estereotipados se localizavam muitas vezes no meio dos textos de Carmen da Silva nos levam a refletir sobre como as relações entre conteúdo editorial e anunciantes, e mesmo entre a colunista e a linha geral da publicação, não se davam sem disputas e tensões.

De forma semelhante, podemos perceber que as diferentes apropriações da libertação feminina pela publicidade transpareciam também determinadas tensões sobre as posições dos diferentes anunciantes a respeito da chamada nova mulher. Algumas imagens de mulheres em posições que parecem mais fortes e independentes, apenas pela postura⁵¹², ou às vezes em situações tidas como inusitadas, como num ringue lutando boxe⁵¹³, se tornaram mais frequentes. Em meio a tantas imagens de meninas brincando de boneca, o anúncio de antialérgico Merrel que traz uma menina sorridente resolvendo uma equação no quadro da sala de aula, sob o exórdio "Quase que a urticária deixou esta futura universitária em casa..."⁵¹⁴, de fato altera um pouco a subjetivação das meninas ou jovens mulheres na publicidade em **Claudia**.

Outrossim, o novo homem discutido no conteúdo editorial aparece pontualmente na publicidade, principalmente no final da década de 1980. Um anúncio de ferro a vapor portátil Piace traz um executivo passando sua gravata, já vestida, em um ambiente que poderia ser um quarto de hotel⁵¹⁵. Claro que não é a mesma coisa que mostrar um esposo passando o vestido da esposa ou a roupa das crianças em uma tábua em casa, mas já é uma imagem masculina não convencional para a publicidade observada no recorte da pesquisa. Em 1989, uma propaganda de Diet Coke traz a fotografia de um homem muito atlético, deitado, segurando um bebê no alto, sob o exórdio "Novas sensações"⁵¹⁶

⁵¹² Em setembro de 1988, por exemplo, a Sharp anuncia seu forno micro-ondas com uma mulher de olhar decidido dirigindo ao fundo, e no primeiro plano o micro-ondas assando um frango, sob o exórdio "Tecnologia é liberdade". **Claudia**. São Paulo, nº 324, Ano 27, setembro de 1988.

⁵¹³ Anúncio do Almanaque Abril 85, que sob a chamada "Vamos à luta!" retratava uma modelo com olhar ameaçador, mantendo a guarda alta por trás de suas luvas de boxe. A luta seria contra as dúvidas que o almanaque sanaria, conforme o texto do anúncio. **Claudia**. São Paulo, nº 284, Ano XXIV, maio de 1985.

⁵¹⁴ **Claudia**. São Paulo, nº 274, Ano XXIII, julho de 1984.

⁵¹⁵ **Claudia**. São Paulo, nº 302, Ano XXVI, novembro de 1986.

⁵¹⁶ **Claudia**. São Paulo, nº 328, Ano 28, janeiro de 1989.

e, em abril e maio do mesmo ano, a Burigotto anuncia seus carrinhos de bebê com a fotografia de um pai segurando um bebê sentado, sem camisa, sob o exórdio "Burigotto – 35 anos de tecnologia com carinho"⁵¹⁷. Se formos comparar com as figuras masculinas na publicidade da Nestlé, por exemplo, podemos interpretar esses homens, sem a presença de suas esposas, com crianças ou fazendo atividades domésticas, como uma importante mudança no que se refere à subjetivação masculina familiar na publicidade em **Claudia**.

Para ilustrar melhor essas mudanças que ocorreram na relação entre o masculino e o trabalho doméstico na publicidade observada, destaco os anúncios de máquina de lavar roupas Lavínia e de linhas de tricotar Corrente, reproduzidas aqui nas figuras 41 e 42, respectivamente. Essas são duas imagens que definitivamente se destacam na observação das fontes, principalmente a primeira delas, a da Figura 41. Entretanto, a redação do anúncio faz cair por terra a primeira impressão que se pode ter da imagem de pai e filho sorridentes cuidando da roupa na área de serviço

Finalmente uma lavaroupa (sic) que não é feminista. Uma lavaroupa que sabe deixar um homem feliz. Veja bem, eu falei lavaroupa e não lavadeira. Lavínia sabe como agradar aos homens. É econômica como a Amélia. (Aquilo sim é que era mulher.) Lava tão bem como a sua sogra. (Só ela sabia lavar suas camisas.) E é tão fácil de usar, mas tão fácil, que até mesmo um homem sabe usar. E tem assistência técnica em todo o país.

⁵¹⁷ **Claudia**. São Paulo, nº 331, Ano 28, abril de 1989 e **Claudia**. São Paulo, nº 332, Ano 28, maio de 1989.

Figura 41

Leve a melhor levando Lavínia.



LAVÍNIA LAVA SUA ROUPA COMO VOCÊ LAVARIA COM O MESMO CUIDADO.

Finalmente uma lavaroupa que não é feminista. Uma lavaroupa que sabe deixar um homem feliz. Veja bem, eu falei lavaroupa e não lavadeira. Lavínia sabe como agradar aos homens. É econômica como a Amélia. (Aquiulo sim é que era mulher.) Lava tão bem como a sua sogra. (Só ela sabia lavar suas camisas.) É tão fácil de usar, mas tão fácil, que até mesmo um homem sabe usar. E tem assistência técnica em todo o país.

1. Só Lavínia lava até 6 quilos. Leve a melhor levando a linha de lavanderia Lavínia. Lavínia 4, para lavar até 4 quilos. Lavínia 6, a única que lava até 6 quilos. Lavínia Secaroupa, que faz o que o nome diz. Lavínia Lavasecaroupa - conjugados para economizar espaço.

2. A única com cinco maneiras diferentes de lavar. Lavínia sabe que existem tipos diferentes de tecidos. Por isso ela lava a roupa de cinco maneiras diferentes. Para lavar melhor, sem estragar a roupa. De calças de brim até lingerie. Passando por toalhas, frialdas, tapetes, camisas, meias, tudo. E só separar a roupa, escolher uma das cinco maneiras de lavar e ligar. A Lavínia já sabe o que fazer, como se fosse uma lavadeira.

3. Tudo é automático. Até o molho. Apesar das 5 maneiras de lavar, é muito fácil usar a Lavínia. Porque é superautomática. Liga, pode passar. Lavínia enche de água, aquece, enxagua, centrifuga e repete até deixar a roupa limpinha.

Lavínia sabe até mesmo qual o tipo de molho apropriado para lavar sua roupa. E, no fim, desliga sozinha. Uma gênio.

4. A roupa sai muito mais seca. O sistema de centrifugação é superpotente. E como se o seu marido torcesse toda a roupa para você. Muito. É melhor. A centrifugação não torce a roupa, para que ela não amarrute e nem estrague. É melhor que o seu marido. Admita.

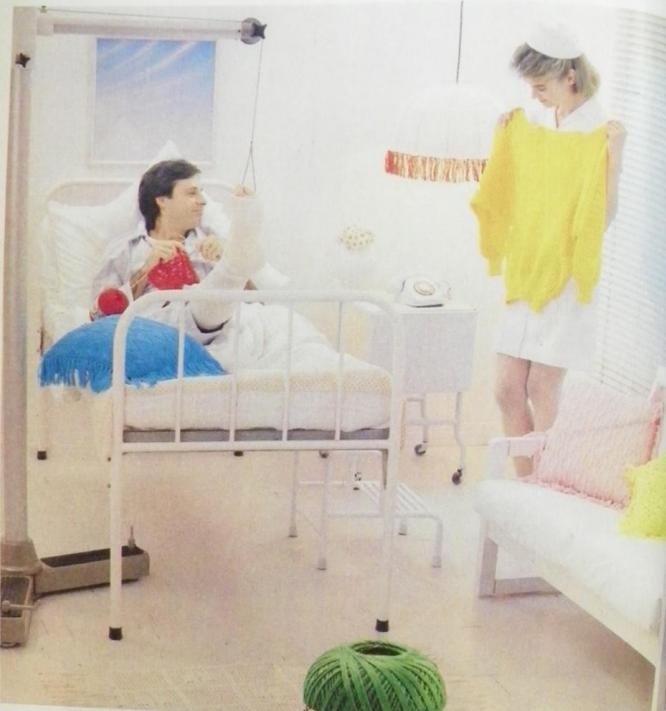


LAVÍNIA

Produzido e garantido por
PEREIRA LOPES/IBESA
Mais de 4 milhões de aparelhos eletrodomésticos já produzidos.
Assistência Técnica em todo o país.

Figura 42

**Ficou trinta dias engessado.
Veja o que ele fez com Carla.**



George nem esperava. De repente, um escorregão na escada e pronto, 30 dias no gesso. Mas ele não perdeu tempo, pegou as agulhas, as linhas Carla e pôs mãos à obra. Resultado: toalhinhas, almofadas, blusas, enfim, uma série de trabalhos em crochê e tricô que fez o maior sucesso dentro e fora do hospital.

Com Carla, isso já era de se esperar. Carla é Corrente.

E Corrente tem aquela qualidade. Suas cores são o brilho é fantástico, salta aos olhos da gente. E é muito fácil trabalhar com Carla. O trabalho não é menos se espera ali está mais uma peça de trabalho.

A propósito, a recuperação de George não é E as encomendas não param. Ele já está até pedindo uma lojinha.

Linhas Corrente
MONTADA DE QUALIDADE

519

O texto, que segue explicando especificações técnicas da máquina e termina com "É melhor que o seu marido. Admita.", às vezes dá a impressão de estar falando ao público masculino, às vezes ao feminino. O uso da imagem progressista ou contraventora de pai e filho cuidando da roupa é apenas no sentido de chocar ou chamar a atenção, a partir da noção de inversão de papéis que os setores conservadores atribuíam aos feminismos, para então se marcar uma posição absolutamente antifeminista e estereotipada, uma vez que ser feminista é posto como o antônimo de agradar aos homens. Assim, já em 1980, depois de muito debate feminista na publicação, subjetivam-se as feministas, as mulheres "de verdade" e os homens fazendo uso de uma imagem que poderia remeter a um processo singularização.

O anúncio das Linhas Carla da Corrente, reproduzido na Figura 42, traz uma mensagem muito diferente. Apesar da imagem a primeira vista não ser tão interessante para pensar o feminismo e o trabalho doméstico quanto a imagem do anúncio de máquinas Lavínia, seu conteúdo é muito mais voltado a uma discurso de igualdade de gênero. Parte do texto na imagem está ilegível, mas o que se pode ler mostra um tom muito diferente do anúncio anterior

**Ficou trinta dias engessado.
Veja o que ele fez com Carla.**

George nem esperava. De repente, um escorregão na escada e pronto, 30 dias no gesso. Mas ele não perdeu tempo, pegou as agulhas, as linhas Carla e pôs mãos à obra. Resultado: toalhinhas, almofadas, blusas, enfim, uma série de trabalhos em crochê e tricô que fez o maior sucesso dentro e fora do hospital.

Com Carla, isso já era de se esperar. Carla é Corrente. E Corrente tem aquela qualidade. Sua cores são [fortes e] o brilho é fantástico, salta aos olhos da gente. Sem [dúvida] é muito fácil trabalhar com Carla. O trabalho [rende e quando] menos se espera ali está uma peça de fazer [inveja].

A propósito, a recuperação de George foi [...]. As encomendas não param. Ele já está até [pensando em abrir] uma lojinha.

Linhas Corrente – Produtos de qualidade.

Não há, neste anúncio, evidente ironia ou desqualificação de seu personagem central, George, por estar desempenhando uma tarefa que é diretamente associada às mulheres. Inclusive, grande parte do conteúdo editorial da revista, principalmente na década anterior (lembrando que o anúncio é de 86), foi voltado a esse tipo de tarefa, os trabalhos manuais, de forma que os associava diretamente ao papel tradicional de mãe⁵²⁰ e às prendas domésticas.

Assim como no anúncio das linhas Carla, pode-se perceber em outros exemplos apropriações indiretas mas relativamente positivas das bandeiras de luta feministas, que não citam nomeadamente nem a nova mulher nem o feminismo. A ideia de que trabalho doméstico é trabalho⁵²¹, por exemplo, surge em dois exemplos diferentes, separados pela lacuna de uma década. No anúncio do óleo de milho Mazola, de fevereiro de 1979, a fotografia de uma esbelta mãe na praia, saindo do mar com uma criança em cada mão, sob o exórdio "Pelo jeito que você descansa no fim de semana, é fácil imaginar como são os outros dias"⁵²², lembra em muito as descrições encontradas em periódicos feministas contemporâneos à publicação, de como as férias representavam trabalho para as mulheres casadas e em especial para as mães⁵²³. Dez anos

⁵²⁰ Que de forma geral é entendido nesta tese muito mais como um ideal ou uma subjetivação específica do que como algo totalmente alcançável, completamente tangível às mulheres.

⁵²¹ Existem referências mais indiretas nesse sentido, como o anúncio de geladeira Brastemp Frost Free de novembro de 1986, no qual se lê o exórdio "Um trabalho forçado a menos na cozinha. Brastemp Frost Free não precisa ser descongelada. Nunca." **Claudia**. São Paulo, nº 302, Ano XXVI, novembro de 1986.

⁵²² **Claudia**. São Paulo, nº 209, Ano XVIII, fevereiro de 1979.

⁵²³ O debate sobre a ausência de férias ou feriados na jornada das trabalhadoras domésticas donas de casa foi muito presente nos feminismos das décadas de 1970 e 80. São questões citadas pela bibliografia de referência, como em Prado, D. Op. Cit., 1979 e DURAN, M. Op. Cit. 1983. São também encontradas em publicações periódicas feministas, no seu conteúdo textual e em charges publicadas no **Nós Mulheres**, **Brasil Mulher** e **Mulherio**. O periódico feminista argentino *Persona* publica, em seu terceiro número de 1974, matéria intitulada "...Vacaciones?", que aborda especificamente o trabalho das mulheres durante as férias. Mais sobre essas questões em MELLO, S. Op. Cit., 2010, p. 71-92.

depois, em janeiro de 1989, um anúncio da companhia aérea Varig⁵²⁴ traz uma mensagem semelhante mas de forma muito mais pronunciada, reproduzida aqui na Figura 43. Na reprodução que tenho em fotografia do anúncio parte do texto está cortada devido a disposição das páginas na revista, mas é possível perceber que, diferente do citado anúncio de óleo Mazola, não é apenas o exórdio que nos lembra do mote feminista "trabalho doméstico é trabalho", mas também as imagens de eletrodomésticos e utensílios do lar em contraposição ao descanso das férias, assim como a própria redação.

**Uma vez por ano, pelo menos, transpire sem
fazer força. Saia de férias.**

Preparar o café da manhã. Ajeitar as crianças para a escola. A roupa do marido. Arrumar a casa. Passar. Lavar. Buscar as crianças na escola. O presente de aniversário. O almoço. A janta. O encanador que não apareceu. As compras do mês. A feira. O açougue. Ufa!

Você não acha que as suas energias estão se esgotando? Que a sua paciência está acabando? Isso é resultado da rotina, daquele "o dia todo, todos os dias" cheio de afazeres. Você está precisando pensar um pouco mais em você mesma.

A casa está precisando de uma pintura? Você precisa trocar a sala de jantar? Tudo bem, é compreensível. Só não é compreensível que você ache tudo isso [mais importante] que você e sua família. Saia [da rotina] e conheça novos lugares ou volte [naqueles] que você gostou tanto. Não [importa onde] seja, como você vai nem por [qual motivo]. Ou você acha que férias são [apenas viagens] pelo mundo afora?

O importante é que você [quebre a rotina antes que a] rotina quebre você. [Faça] o seguinte: mostre este anúncio [ao seu marido]. Apostamos que a proposta de [viajar vai] partir dele.

⁵²⁴ A Varig foi a primeira companhia aérea do Brasil, fundada em 1927. Em 2007 parte de seu patrimônio foi incorporada pela Gol Linhas Aéreas, e em 2010 é decretada a falência da empresa.

PARE PARA PENSAR. FÉRIAS É A MELHOR SAÍDA.⁵²⁵

Figura 43

Uma vez por ano, pelo menos, respire e se recupere. Saia de férias.

Preparar o café da manhã. Apertar as botões da máquina de lavar. Limpar o banheiro. Preparar o almoço. Fazer o jantar. Escovar os dentes. Lavar a louça. O presente de aniversário. O dinheiro do fundo de investimento que não aparece. As compras do mês. A festa. O aniversário. Que se não vierem mais.

se respondem? Que se não vierem mais está a sua família? Tem o resultado das notas, daquele "não foi, não foi, não foi". Cheio de afazeres. Não está pensando pensar em férias mais em férias mesmo.

É assim esse "prestando de como próximo"? Não precisa mais o mês de férias? Tudo bem, é o compromisso. Se não o compromisso.

se a mulher quer sair de férias que não seja só para se recuperar, mas para se recuperar de tudo o que ela precisa. Ela precisa de férias para se recuperar de tudo o que ela precisa. Ela precisa de férias para se recuperar de tudo o que ela precisa.

PARE PARA PENSAR. FÉRIAS É A MELHOR SAÍDA.

VARIG
A melhor viagem.

Nem este nem o anúncio de Mazola poderiam ser encarados como anúncios feministas. Mazola apostou, na redação do anúncio, na boa forma e beleza principalmente da mulher mas também de sua família, associando sempre a saúde com a beleza. O anúncio da Varig parece uma exceção, por sua redação se direcionar a uma dona de casa que não trabalha fora já no final da década de 1980. Não há nada de necessariamente antifeminista nisso mas, quando no final do anúncio se orienta a leitora a convencer o marido a sair de férias, a produção subjetiva ocorre focada na sua dependência financeira direta, submetida às decisões masculinas, e este é um padrão repetido na publicidade analisada no decorrer dos anos. O fato da mulher pra quem se dirige o anúncio não ter renda pessoal não quer dizer necessariamente que ela não poderia ter controle, conjugado ou não, do orçamento familiar. Entretanto, esse tipo de anúncio reforça a ideia de que, mesmo que a

⁵²⁵ **Claudia.** São Paulo, nº 328, Ano 28, janeiro de 1989.

mulher trabalhe muito em casa – e o anúncio salienta que ela trabalha bastante –, suas férias dependem diretamente da vontade do esposo e o convencimento dele é parte indispensável do acesso da mulher a esse tipo de lazer. Apesar dos conteúdos antifeministas destes anúncios, eles chamam a atenção no observar do montante das fontes e dialogam diretamente com o conteúdo editorial da revista, que em diferentes momentos, mais na década de 1970 que na de 1980, colocou o trabalho doméstico circunscrito como trabalho.

A partir dessas observações da publicidade em **Claudia** nas décadas de 1970 e 80, podemos perceber diferentes caminhos através dos quais os anúncios e a ânsia das empresas e agências em vender dialogaram com os movimentos de mulheres, os feminismos e outras transformações importantes na sociedade do período. O conservadorismo ou misoginia de grande parte dos anúncios não é um fenômeno reservado nem ao recorte temporal observado, nem à revista **Claudia** como publicação. Todavia, é inegável que os feminismos fomentaram transformações ou intervenções na publicidade, mesmo que indiretamente ou apenas pelo entendimento dos anunciantes de que a libertação feminina possuía um caráter de novidade ou modismo, que são argumentos historicamente utilizados para vender para mulheres.

Uma das perguntas que a análise promovida neste capítulo procurou responder é até que ponto, ou em que sentidos a publicidade dialogou com o conteúdo editorial da revista. Acredito ser seguro afirmar que muitas das contradições e paradoxos, a heterogeneidade da publicação ao abordar a temática do trabalho doméstico, se mostrou mais presente neste último item, 3.3, sobre a publicidade e os feminismos, que nos itens anteriores. A publicidade especificamente voltada para as mães e para as crianças, que observei nos dois primeiros itens do capítulo, certamente não acompanhou de perto os debates mais progressistas presentes na revista, apesar de ter acompanhado, por exemplo, a baixa nos trabalhos manuais⁵²⁶. Claro, há muito, mas muito mesmo, conteúdo editorial conservador em **Claudia** no que se refere à maternidade e à infância. Mas não é só isso. Conforme observado no capítulo anterior, e conforme poderemos observar também no próximo capítulo, questões importantes para o feminismo foram discutidas na

⁵²⁶ Os anúncios de linhas de tricotar desaparecem proporcionalmente e nos mesmos momentos em que desaparecem as receitas de tricô publicadas no magazine. Uma possível explicação para o fenômeno é o surgimento das revistas especializadas em tricô que a própria Abril lança no período.

publicação, como a educação gendrada das crianças ou a maternidade como único caminho para a realização pessoal feminina.

Por outro lado, algumas questões que ficaram muito destacadas na observação das fontes editoriais, como o incentivo ao ingresso feminino no mercado de trabalho na década de 1970 seguido da volta ao lar das donas de casa no final da década de 1980 (e a ideia de que o trabalho remunerado talvez não fosse aquela maravilha toda), não aparecem com clareza na publicidade. Não pude delinear nenhum padrão nesse sentido com os anúncios, enquanto isso me pareceu bastante evidente com as fontes editoriais. Por mais que entenda que a revista em si cria uma atmosfera e um mundo particulares, produz subjetividades porque é também uma ferramenta e um produto capitalístico, a impressão geral foi de que a publicidade cria um universo mais onírico, ou menos verossímil, e também mais homogêneo. Se por um lado esse é um dos trunfos do mundo publicitário, criar ânsias e desejos centrados em imagens e situações oníricas e ideais, por outro não é possível se dar ao luxo de apresentar anúncios totalmente deslocados do mundo ao seu redor e principalmente do mundo do seu público-alvo.

Quer dizer, os anúncios produziram sim subjetividades, realidades, discursos de verdade, produziram necessidades e em muitos momentos desqualificaram quem não poderia participar disso. Entretanto, mesmo que em um nível mais descompromissado do que se esperaria ou se cobraria da edição da revista, a publicidade não ignorou, e talvez a ela não fosse permitido ou aceitável que ignorasse, todo o "mundo lá fora", lembrando uma das lições da virada material de que a linguagem tem impacto imediato nas formas como as pessoas vivem e experienciam suas vidas, e também que essas construções culturais da linguagem não podem existir sem as pessoas e suas vidas. Elas existem exatamente em referência a elas. Em termos bastante materiais, as representações e subjetivações aqui observadas são sobre pessoas, por mais estereotipadas e "enlatadas" que possam se apresentar.

Outra questão que eu gostaria de ter respondido a partir da análise das fontes deste capítulo seria de que forma, afinal de contas, a publicidade abordou o trabalho doméstico em **Claudia**. Não é uma pergunta tão fácil de responder de forma direta, e é possível que, com a quantidade de fontes reproduzidas o/a leitor/a da tese chegue a conclusões diversas das minhas. Tenho em perspectiva que a publicidade é uma forma de acessar o conteúdo da revista, porque ela faz sim parte deste conteúdo, em seu viés mais capitalístico. A

bibliografia de referência descreve a **Claudia** como um catálogo enorme, um produto feito para vender produtos, e a própria revista se coloca para os anunciantes como um espaço que oferece a oportunidade de entrar nos "melhores lares brasileiros". Muito dos meus objetivos, das minhas hipóteses iniciais de pesquisa e do que vim constatando com minha observação tem o propósito de trabalhar para além disso, de mostrar que a publicação não foi só isso. Penso que tenho sido razoavelmente bem sucedida nesse sentido até aqui mas, de fato, a parte comercial é uma parte muito importante da revista e é seu objetivo final, sua razão de ser como publicação.

Desse modo, os discursos contraventores, progressistas, feministas que podem ser encontrados nela estão todos, sempre, o tempo inteiro, permeados pelo comercial. Por isso avaliei que um capítulo focado na publicidade seria indispensável para uma análise consistente do trabalho doméstico em **Claudia** e, em determinados momentos – bastante pontuais, é verdade – pude me surpreender positivamente com as maneiras como a publicidade se apropriou dos discursos feministas. Para além das críticas gerais dos feminismos do período ao capitalismo e suas incontáveis consequências nefastas para a sociedade e especialmente para as minorias, inclusas aí as mulheres, discursos desviantes, feministas, foram utilizados ou apropriados para vender produtos, nem sempre esvaziando-os totalmente de suas perspectivas transformadoras. Se observar a publicidade mais de perto confirmou a sensação que tive ao coletar as fontes, de que o conservadorismo repetitivo da publicidade para as mulheres muitas vezes toma a forma de insulto ao intelecto e bom senso de seu público-alvo, brechas foram encontradas. Apropriações de processos de singularização foram realizadas, porque não parece plausível pensar na publicidade como singularização em si. Ainda assim, como que por "linhas tortas", essas singularizações feministas encontraram um inesperado e digno de desconfiança meio de difusão e divulgação, através do qual podem ter alcançado "os melhores lares brasileiros", talvez os mais resistentes às singularizações.

Levando em consideração a constatação do receio dos anunciantes em utilizar o termo feminismo, podemos inferir sobre o quanto a posição da revista em não apenas discutir a temática, mas manter uma coluna sobre o assunto, não enfrentou resistências. É possível considerar que o que salvaguardou a **Claudia** comercialmente por tantos anos tenha sido exatamente o seu volume intenso de conteúdo conservador (inclusive aí a publicidade) no qual surgia uma matéria de três ou cinco páginas sobre feminismo. Em revistas de 200, 300 páginas,

que em edições de fim de ano, recheadas de receitas festivas, artesanato natalino e dicas de presentes patrocinadas, chegavam a 500 páginas, o quanto poderia parecer ameaçadora a coluna de uma feminista, muitas vezes editada pela editora chefe da revista? O quanto uma entrevista com Betty Friedan de menos de quatro páginas⁵²⁷, interrompida por publicidade, ressoou no meio de tantas dicas de beleza, de como salvar o casamento, de onde encontrar os produtos diferenciados que o seu lar *precisa*? Sem ignorar a fulcral importância e força dos anunciantes como sustentáculo da revista feminina de maior tiragem e circulação no país no período analisado, o próximo capítulo tem como objetivo refletir sobre essas questões.

⁵²⁷ **Claudia**. São Paulo, nº 253, Ano XXII, outubro de 1982, p. 351-356.

5. QUARTO CAPÍTULO – FEMINISMO E TRABALHO DOMÉSTICO NAS PÁGINAS DE CLAUDIA

Não nos enganemos: a libertação feminina é um autêntico desafio. O problema milenar irrompeu e a bola de neve pôs-se a rolar: já é tarde para contê-la.⁵²⁸

Então, quem disse que você não é feminista?⁵²⁹

Por que o trabalho doméstico foi tão importante para os feminismos que emergiram nas décadas de 1960 e 70 no Ocidente? Quando os feminismos se voltam à noção de sororidade ligada à ideia de casta sexual, de destino social definido pelo dado de nascimento baseado no sexo, é esperado que os grupos foquem nas questões comuns, aquelas questões que entendem que afetam todas as mulheres, independente de seus marcadores ou situações sociais. Além da sexualidade e a ampla gama de questões a ela ligadas – cerceamento da liberdade e vigilância sobre as mulheres em inúmeros sentidos, obsessão com a autoimagem, falta de autonomia reprodutiva e sobre o próprio corpo, entre outras –, o trabalho doméstico se sobressaiu nas discussões dos feminismos do período como ponto comum que afetava todas as mulheres. Se tomarmos o trabalho doméstico a partir da perspectiva ampla que se apresenta nesta tese (que, repito, apesar de não ser sempre a perspectiva adotada pelos feminismos brasileiros no período, é encontrada em bibliografia clássica dos chamados feminismos de Segunda Onda), que pode ser representada no quadro do Apêndice 1, isto fica ainda mais evidente. Das classes abastadas às desfavorecidas, em lares de diferentes etnias, no meio rural ou urbano, aquilo que é considerado doméstico e reprodutivo é associado às mulheres, independente da sua participação na esfera produtiva. Certamente que em todas essas variações demográficas o doméstico se altera, e as tarefas e funções que as donas de casa ou mães de família nesses diferentes contextos executavam poderiam variar enormemente. Mas às vezes nem tanto.

⁵²⁸ Últimas frases do artigo "Por que é preciso ser livre", de Carmen da Silva, publicado em **Claudia**. São Paulo, nº 119, Ano X, agosto de 1971, p. 130-135.

⁵²⁹ Subtítulo do artigo de Carmen da Silva "Porque sou feminista", **Claudia**. São Paulo, nº 181, Ano XVI, outubro de 1976, p. 175.

É possível apontarmos as inúmeras disparidades materiais entre o cafezinho que a dona de casa de classe trabalhadora oferece aos parentes ou outras visitas e os suntuosos jantares que esposas organizam para os parceiros comerciais ou políticos de seus esposos endinheirados. A dona de casa abastada talvez não toque na comida em qualquer fase de seu preparo, mas ela certamente supervisiona tudo desde a compra dos ingredientes até o momento de servir e, se algo, em qualquer momento do jantar, não for suficientemente agradável ou for considerado inapropriado, a vergonha recai sobre ela. Dos talheres inadequados segundo as regras de etiqueta nos jantares dos lares privilegiados, até a humilde xícara de café que escapou (devido a dupla jornada, os quatro filhos e o acúmulo de tarefas) com marca de sujeira nos lares das moradias populares, ninguém pensaria que essas gafes seriam culpa dos esposos. Ninguém esperaria, inclusive, que homens casados servissem as visitas ou fossem os responsáveis pelos "assuntos caseiros", salvo na ausência de suas esposas. Neste caso ainda, ou no caso de serem solteiros, as regras de hospitalidade mudam e não se presume mais que lhe servirão café ao visitar aquele primo ou tio: um copo de água basta. Os comentários sobre o estado duvidoso da limpeza da casa deixam de ser uma ofensa e passam a ser uma piada: "Já passou da hora de *se amarrar*, tio! Está faltando uma mulher nesta casa!"

Se este é um quadro mais presente na década de 1970 do que em nossos dias (e Carmen da Silva nos descreveu essas situações incontáveis vezes), ele não nos soa completamente estranho. Certamente cenas semelhantes podem ser encontradas em algum dos atuais sucessos da dramaturgia brasileira ou mesmo em nossas famílias. Por mais que a irmandade, baseada nos pontos comuns de opressão das mulheres, seja indicada como uma característica do feminismo radical do período analisado, ela marcou presença, de modo transversal, nos feminismos observados. Se uma linha mais liberal ou mesmo marxista do feminismo não a utilizou para ressaltar a superioridade feminina com bases essencialistas, certamente o fez como ponto aglutinador, politicamente falando, das mulheres; como característica identitária. Em julho de 1971, Carmen da Silva se refere às diversas manifestações das mulheres nos EUA em 1970 focando nesse ponto.

Que mulheres? Estudantes, operárias, espôsas de grevistas ou de empregados, mães de soldados, viúvas de guerra?

Nada disso: apenas mulheres. Êsse era o dado comum e não a idade, raça, religião, classe social,

situação cultural, profissional ou familiar. Era na qualidade de mulheres que elas contestavam e reivindicavam.

(...) O Ocidente pasmou: manifestações feministas a estas alturas! (...) (sic)⁵³⁰

Como se pôde observar no capítulo anterior, o Ocidente pasmou tanto que o feminismo foi uma temática demasiado polêmica para ser sequer citada na publicidade, em especial na publicidade associada ao trabalho doméstico, até meados da década de 1970 em **Claudia**. Mesmo nos anos em que o feminismo esteve em voga e se apresentou como mais vendável, período que poderíamos concentrar na Década da Mulher instituída pela ONU (1976-1985), as empresas tomaram cuidado para abordá-lo indiretamente, através de expressões como "nova mulher" ou usando o humor, ou ainda explicando sua visão conciliadora – entre homens e mulheres e das mulheres com a família – de feminismo. Até hoje podemos perceber que um movimento que Dolores Hayden identificou nos EUA a partir da década de 1920, e que atinge seu ápice por lá nas décadas de 1950 e 60, um arranjo matrimonial que poderíamos traduzir como "Senhor Proprietário da Casa" e "Senhora Consumidora"⁵³¹, tem apelo na publicidade. Na década de 1970 no Brasil, quando parecia certo que a industrialização chegou para ficar, as agências publicitárias exploraram bastante esse padrão, e ofereceram subsequente resistência para incorporar diferentes imagens de feminilidade em seus anúncios.

Essa resistência se evidencia ao observarmos os anos de "atraso" – se podemos chamar assim um esforço deliberado em não tocar no assunto – entre o conteúdo editorial de **Claudia** e a publicidade no que se refere ao feminismo. Para alguém acostumada a observar, através das pesquisas anteriores e também desta, a produção impressa feminista no Brasil no período, é notório o pioneirismo de **Claudia** como divulgadora do Movimento de Libertação das Mulheres e posteriormente do feminismo no país. Aquilo que as contemporâneas chamaram de feminismo moderno – marcando a diferença do feminismo sufragista ou

⁵³⁰ O que é uma mulher livre. **Claudia**. São Paulo, nº 118, Ano X, julho de 1971.

⁵³¹ Do original em inglês *Mr. Homeowner* que se casaria com a *Mrs. Consumer*. HAYDEN, Dolores. Good homes make contented workers. In: _____ **The Grand Domestic Revolution: A History of Feminist Designs for American Homes, Neighborhoods, and Cities**. Cambridge, MA: MIT Press, 1981, p. 284.

mesmo de veia anarquista operária de décadas anteriores – é comentando, discutido e divulgado no magazine em um momento em que a circulação de textos sobre a "condição feminina" ou afins apenas ocorria, ao menos pelas fontes que consultei, através de material acadêmico, e ainda assim de modo muito incipiente.

Esse pioneirismo em "falar dos problemas das mulheres" na imprensa periódica brasileira – lembrando as resistências ao termo feminismo até quase meados da década de 1970 – que **Claudia** assumiu através da figura de Carmen da Silva é apontado por bibliografia de referência.⁵³² Entretanto, para além do fato de que já na década de 1960 "A arte de ser mulher" elencou pontos sobre a vida doméstica das mulheres que mais tarde seriam amplamente reconhecidos no Brasil como "a mística feminina", gostaria de destacar o papel central da coluna como representante de um feminismo com enfoque mais liberal (principalmente em suas primeiras fases⁵³³) e, conseqüentemente, maior aceitação entre os setores mais conservadores do país. Os feminismos brasileiros do período foram protagonizados por mulheres intelectualizadas, cuja formação se deu no bojo das esquerdas, e que buscaram dialogar com mulheres trabalhadoras. As primeiras produções periódicas impressas desses grupos, em meados da década de 1970,

⁵³² Sobre a coluna de Carmen da Silva em **Claudia**, Anette Goldberg, por exemplo, comenta: "(...) é importante notar que toda uma geração de mulheres (entre as quais várias futuras militantes feministas) foi influenciada por sua leitura." GOLDBERG, Anette. Tudo começou antes de 1975: Idéias inspiradas pelo estudo da gestação de um feminismo 'bom para o Brasil'. In: **Relações Sociais de Gênero X Relações de Sexo**. São Paulo: Núcleo de Estudos da Mulher e Relações Sociais de Gênero – USP, 1989, p. 16-17.

⁵³³ Em dezembro de 1979, no artigo O que seria do mundo sem nós, mulheres?, Carmen da Silva divide sua trajetória em **Claudia** em quatro fases. A primeira ela chamou de "fase do despertador", na qual incentivou o desenvolvimento da noção de individualidade feminina atrelada ao trabalho fora de casa. Na segunda fase, ela começa a debater as questões familiares decorrentes das mulheres começarem a se pensar como indivíduos e a incompletude que vinham sentindo por "viverem a vida dos outros". A própria Carmen aponta os caminhos os quais indicava como bastante conciliadores, e as questões que ela traz nessas duas primeiras fases estão em diálogo direto com a **Mística feminina**. Carmen localiza essas duas fases no período anterior ao qual se assumiu como feminista na publicação, mas essas posições ecoam também em seus escritos mais tarde, mesmo que ela passe a defender pontos de vista mais consoantes com os feminismos de esquerda que se desenvolveram no Brasil. **Claudia**. São Paulo, nº 219, Ano XIX, dezembro de 1979, p. 309-315.

tinham o objetivo claro de dialogar com mulheres dos bairros periféricos, as donas de casa empobrecidas, muitas vezes cumpridoras de duras duplas jornadas. São materiais que foram utilizados pelos grupos feministas em associações de mães ou de bairros, com sentido conscientizador, incorporando as temáticas feministas à luta de classes.

Na década de 1980 as questões de classe continuam presentes nessas publicações, mas diálogos mais amplos, culturais, e sobre a articulação política feminista que já estava muito mais madura no Brasil nos 80, são presentes. Foram publicações que às vezes traziam um pouco do sentido daquelas dos anos 1970, mas outras vezes dialogavam diretamente com mulheres que já se consideravam feministas, ou liberadas⁵³⁴ por assim dizer, mais esclarecidas na temática. Ao mesmo tempo, a institucionalização dos feminismos fez com que temas promovidos por agências de fomento internacionais ganhassem destaque, como a saúde e a violência, muitas vezes com enfoque em políticas assistencialistas.⁵³⁵ Diante desse quadro, qual grupo feminista buscou diálogo, tanto nos 70 quanto nos 80, com as esposas da classe média estabelecida ou ascendente, aquelas que noivaram com um anel de brilhante no dedo, sonharam a juventude inteira com o dia do casamento e acreditaram que as soluções de consumo resolveriam os problemas da vida? Qual feminismo no Brasil se preocupou com as mulheres cuja produção subjetiva se dava no interior do processo de modernização e urbanização que ganhou força a partir da década de 1950 e que desembocou no desenvolvimento da sociedade de consumo?

Certamente o maior acesso das mulheres ao ensino superior ocorre, ao mesmo tempo, em decorrência dessa modernização mas, os feminismos brasileiros, que são também fruto da maior escolarização

⁵³⁴ Anette Goldberg ressalta como o significado de "mulher liberada" se altera entre as décadas de 1960 e 1970. Enquanto na década de 1960 este era um termo pejorativo no Brasil, alvo da "patrulha ideológica" tanto da direita quanto da esquerda, na década de 1970 o termo se transforma em uma espécie de sinônimo de mulher moderna, em especial em referência ao modelo idealizado pela revista **Nova**. Esta nova mulher liberada estaria voltada a si mesma, à sua carreira, aparência física, equilíbrio psíquico, pouco preocupada com afazeres domésticos, os quais transferia através de serviços pagos ou a outras mulheres de sua família. GOLDBERG, A. Op. Cit. 1989, p. 20; 28.

⁵³⁵ SARTI, Cynthia Andersen. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12, n. 2, jan. 2004, p. 42. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2004000200003/7860>>. Acesso em 23/10/2015.

feminina (e do engajamento das mulheres no movimento estudantil, do contato com grupos de esquerda, e outras questões decorrentes), não fizeram muito mais do que criticar o estereótipo dessas mulheres que representavam "o outro lado da modernização": a "Senhora Consumidora". Talvez na busca por fugir do estereótipo do feminismo como questão pequeno-burguesa; talvez por considerarem que mulheres com os mesmos recursos que elas próprias (acesso às universidades, à literatura, tempo e meios para se esclarecer etc.) escolhiam a ideologia dominante livremente e, nesse caso, nada poderia ser feito. Talvez ainda porque o foco de mudança estivesse, nas teorias de esquerda, nas classes trabalhadoras mesmo, que eram maioria numérica e entendidas como o agente da transformação social. Seja como for, as mulheres médias – de camadas médias e cuja produção subjetiva correspondia ao que podemos entender como senso comum – não receberam grande atenção dos feminismos do período, salvo talvez na figura da patroa exploradora das domésticas.

Desse modo, podemos perceber que a noção de irmandade nos feminismos brasileiros não foi algo tão central como, por exemplo, nos feminismos norte-americanos contemporâneos. Mas **Claudia**, como grande divulgadora das "tendências de fora", principalmente da América do Norte e Europa, talvez tenha abraçado mais essa noção que os próprios grupos feministas no Brasil, ao menos discursivamente e em seu conteúdo feminista.⁵³⁶ A década de 1970 e a entrada na de 80 foi um período em que muitas militantes de esquerda se sensibilizaram com as questões feministas⁵³⁷, algumas vezes rompendo com os grupos ou partidos de esquerda ao perceber que as questões das mulheres sempre eram tratadas como subalternas às de classe, quando não ignoradas. Não

⁵³⁶ Em junho de 1977, Carmen da Silva no artigo intitulado "Desconfie do homem que se diz feminista (é mais um truque do machão!)", além de falar em fraternidade entre as mulheres, aponta dois dos mais importantes focos dos feminismos de sua geração, quando afirma que "(...) a solução dos problemas sociais não bastará para modificar o panorama de desigualdade entre os sexos" e que "*Há uma especificidade na condição feminina*; todas as mulheres, mesmo pertencentes aos mais diversos estratos sociais, têm em comum um tipo de experiência humana decorrente precisamente do fato de serem mulheres numa sociedade que as discrimina e oprime". Grifos da autora. **Claudia**. São Paulo, nº 189, Ano XVI, junho de 1977, p. 166.

⁵³⁷ Alguns depoimentos nesse sentido podem ser encontrados em PEDRO, Joana Maria. Os sentimentos do feminismo. In: ERTZOGUE, Marina Haizenreder e PARENTE, Temis Gomes (orgs). **História e sensibilidade**. Brasília: Paralelo 15, 2006, p. 255-270.

encontrei, todavia, indícios nas produções feministas brasileiras dos anos 1970 de qualquer linha que pudesse ser identificada com o feminismo radical, com a sobreposição das questões das mulheres às questões de classe. Parece que a ideia de "inimigo principal" de Christine Delphy não fez grande sucesso por aqui, mas tampouco foi unânime entre as militantes a orientação de manter sempre as questões das mulheres subordinadas às questões de classe ou partidárias. Ou seja, foi característica dos feminismos brasileiros, assim como ocorreu em outros países da América Latina, uma associação da luta pelos direitos gerais com a luta pelos direitos específicos⁵³⁸, e temas que poderiam prejudicar importantes alianças na luta geral e contra a ditadura, alianças com os setores de esquerda da Igreja Católica por exemplo, foram evitados.⁵³⁹

Os feminismos estudados, inclusive aqueles abordados por **Claudia** foram, assim, bastante conciliadores. Não foi praxe no Brasil se declarar guerra aos homens, à família, à maternidade, ou a diferentes instituições que muitas feministas radicais da América do Norte ou Europa tomaram como inimigas. Ainda assim, quando se aproxima o final da década de 1980, alguns discursos me surpreenderam nas páginas da revista. Há uma espécie de negação de um suposto passado radical ao mesmo tempo em que se enaltece uma "nova" proposta de um feminismo conciliador, que se preocupe com os homens, com a família e com a sociedade como um todo. Mas a minha leitura dos feminismos brasileiros nos 70 sempre foi essa, de que eram muito conciliadores com as questões gerais, com os homens e com a família. Diante disso, minha primeira reação foi pensar que se estavam importando debates, porque **Claudia** em diferentes momentos publicou resenhas de livros de feministas estadunidenses ou francesas. Um segundo olhar sobre esse ponto, contudo, mostrou que não.

⁵³⁸ ALVAREZ, Sonia E. Para uma "coreografia" democrática: cultura, política e cidadania. In : ARAÚJO,

Angela M. C. (org). Trabalho, cultura e cidadania. São Paulo: Scritta, 1997, p. 243-8 Apud SCAVONE, Lucila. Estudos de Gênero e Feministas: um campo científico? **Anais do XXXI Encontro Anual da ANPOCS**, 2007, Caxambú. São Paulo: ANPOCS, 2007, p. 1-23. Disponível em <http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=2952&Itemid=231> Acesso em 09/10/2015.

⁵³⁹ SOIHET, Rachel. Preconceitos nas charges de O Pasquim: mulheres e a luta pelo controle do corpo. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 9, n. 14, p. 39-53, jan.-jun. 2007, p. 43.

Os discursos antifeministas parecem, de alguma forma, ter atravessado os próprios discursos feministas a ponto de constituí-los, o que nos leva a refletir sobre como mesmo os processos de singularização não escapam totalmente à produção subjetiva. São diferentes os exemplos, da década de 1970 mas principalmente da de 80, desses discursos feministas focados na negação de um extremismo dos 70 que não poderia ser associado a nenhum dos grupos feministas do Brasil citados pelas fontes. Em outras palavras, as feministas por aqui estavam pedindo desculpas por algo que nunca fizeram ou tiveram a intenção de fazer, por uma posição política que não era delas, e que a elas foi atribuída por grupos ou pessoas que não se deram ao trabalho de ler seu material ou prestar atenção ao que diziam.

Não estou, de forma alguma, concordando com a ideia corrente de que as posições identificadas com o feminismo radical deveriam ser motivo de desculpas ou justificativa. Se me é permitido o anacronismo, muito do que fez parte do feminismo radical estadunidense, por exemplo, nem mesmo parece muito extremista ou incongruente com a visão de um feminismo conciliador, que incluía a família e os homens. Talvez a noção de radicalismo estivesse atrelada ao fato de não serem feministas muito bem quistos do ponto de vista capitalista, porque suas críticas inúmeras vezes atacavam diretamente a sociedade de consumo, e nesse ponto os feministas brasileiros também não o foram. Mas a negação dos homens, da maternidade ou da família nuclear não foi ponto unânime, nem mesmo nos grupos feministas radicais estadunidenses ou franceses.⁵⁴⁰

Para pensarmos em alguns exemplos a esse respeito, podemos observar Betty Friedan⁵⁴¹ já em **A segunda etapa**, sua terceira obra, publicada nos EUA em 1981 e no Brasil em 1983.⁵⁴² No livro, ela indica como "fulminações mais absurdas das feministas radicais" atitudes como "não raspar as pernas ou as axilas, recusar-se a ir ao cabeleireiro

⁵⁴⁰ De forma geral, quando **Claudia** se apropria ou divulga teorias do feminismo internacional nos anos analisados, são da França ou dos EUA.

⁵⁴¹ Esse exemplo se faz bastante relevante uma vez que as publicações e a militância de Betty Friedan foram acompanhadas por **Claudia** no decorrer dos anos estudados. A ideia da mística feminina foi muito trabalhada por Carmen da Silva, e é possível que a americana tenha sido a feminista mais citada na revista depois da própria Carmen.

⁵⁴² **Mística feminina** foi publicada nos EUA em 1963 e aqui em 1971, e ***It changed my life: writings on the women's movement*** (Mudou a minha vida: escritos sobre o movimento de mulheres) foi publicada nos EUA em 1976.

ou usar maquiagem, não deixar que 'ele' pagasse a conta do restaurante ou abrisse a porta, não fazer o café da manhã para ele, ou o jantar, não lavar as meias dele."⁵⁴³ Na mesma obra, Betty Friedan indica a famosa ocasião de queima dos sutiãs⁵⁴⁴ como "chocante" e "ultrajante", e continua explicando o "constrangimento" que tiveram que aceitar para manter intacta a fachada de irmandade sólida⁵⁴⁵

(...) sabíamos que estava errado, pessoal e politicamente, embora nunca tivéssemos dito nada na época, como devíamos. Ficamos intimidadas pelo conformismo ao movimento feminista e a

⁵⁴³ FRIEDAN, Betty. **A segunda etapa**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983, p. 47.

⁵⁴⁴ Não há dúvida de que a queima de sutiãs no protesto contra o concurso de beleza Miss América em Atlantic City em setembro de 1968 é um acontecimento histórico dos mais destacados na história feminista do século XX. Apesar disso, não deixa de ser curioso apontar o fato de que, naquela ocasião, nenhum sutiã foi queimado. Dentro de uma lata batizada de "Lata de Lixo da Liberdade" (*Freedom Trash Can*), as feministas colocaram símbolos que associavam aos aprisionantes e rígidos padrões de beleza impostos às mulheres. Junto com sutiãs haviam itens de maquiagem, sapatos de salto alto e inclusive um exemplar da **Revista Playboy**. A polícia não permitia fogueiras no calçadão onde o protesto foi organizado, porque o piso era de madeira, e o grupo responsável, *New York Radical Women*, acatou à orientação das autoridades. O Miss América era uma ocasião propícia para se discutir a imposição dos padrões de beleza, e também questões de raça e classe, e nesse sentido até mesmo feministas divulgaram a queima dos sutiãs que não foram queimados. A repórter Lindsay Van Gelder, por exemplo, avaliou que fortaleceria o movimento associar a queima de sutiãs com os protestos contra a Guerra do Vietnã e o ato público de queima das convocações. Posteriormente a setembro de 68, em outras manifestações públicas feministas, alguns sutiãs foram sim queimados, mas não na ocasião em que a mídia internacional mais alardeou o fato. Para mais sobre a questão, ver: <<http://time.com/2853184/feminism-has-a-bra-burning-myth-problem/>> ou <<http://www.newyorker.com/magazine/2009/11/16/lift-and-separate>> ou ainda o vídeo <<https://www.youtube.com/watch?v=kDGGcrXnd8Y>> Acesso em 04/10/2015. O logro da queima dos sutiãs é inclusive relatado em um livro sobre as "dez maiores notícias enganosas do jornalismo americano", em CAMPBELL, W. Joseph. **Getting it Wrong**. Berkley/Los Angeles/London: University of California Press, 2010.

⁵⁴⁵ FRIEDAN, B. Op. Cit., 1983, p. 44.

realidade da frase "a força está na irmandade",
como nunca teríamos sido pelo inimigo.⁵⁴⁶

Entendo que o ponto de Betty Friedan neste caso fosse o uso antifeminista da simbólica queima de sutiãs, um fenômeno basicamente midiático que associou as feministas a essa imagem negativa – já construída e explorada pela mídia ao representar as sufragistas décadas antes – de mulheres raivosas e descontroladas, anti-homem e anti-família. O que me parece um pouco difícil de compreender é essa tendência de se culpar as mulheres, em especial as feministas, pela disseminação de determinados estereótipos sobre elas que não foram elas que produziram e que muitas vezes não estavam lá, em nenhuma de suas representantes.⁵⁴⁷

Seguindo esta linha, temos exemplos na própria **Claudia**, em depoimentos como o da advogada Ada Pellegrini Grinover, que fala como voz autorizada sobre os direitos das mulheres mas não se coloca como feminista. No artigo de abril de 1976 "Mulher quase não tem direitos. Isto é direito?", ela menciona Betty Friedan como a grande representante deste feminismo que a própria Friedan critica em **A segunda etapa** e no qual não atuou diretamente, salvo em ocasiões em que os diferentes grupos feministas se reuniam para reivindicar pontos comuns.

– Eu não vejo em absoluto uma luta entre homem e mulher. É por isto que os movimentos

⁵⁴⁶ Ibidem, p. 46-47.

⁵⁴⁷ Em outros momentos, nesta mesma obra, Betty Friedan diz que o problema de se precisar escolher entre carreira ou família foi criado pelo feminismo de sua geração (p. 97), quando os dados que ela mesma apresenta poderiam nos levar a outras direções. A divisão de esferas pública como masculina e privada como feminina, assim como os empregos que levam em conta que o trabalhador tem uma esposa que cuida de todos os detalhes de sua vida doméstica, ambos aspectos da vida média norte americana da segunda metade do século XX que foram criados e fomentados por homens, poderiam ser indicados como a causa do problema, e não o movimento das mulheres de buscar as posições que representavam prestígio (na produção, não na reprodução) na sociedade em que viviam. Se por um lado, é importante que se reivindique que a esfera privada e o trabalho de reprodução merecem prestígio, questões que a militância de Betty Friedan refutou em sua primeira etapa, soa bastante parcial culpar as feministas pelo acúmulo de jornadas ou pelas opções limitadas entre carreira e maternidade.

feministas à Betty Friedan só me fazem sorrir. A mulher deve tomar seu lugar junto ao homem, lado a lado, participando da mesma vida, dos mesmos interesses, dos mesmos problemas. (...)⁵⁴⁸

Levando em conta a longa tradição da grande mídia em aviltar e espezinhar as feministas⁵⁴⁹, podemos imaginar que se não fosse a simbólica queima de sutiãs, qualquer outro acontecimento poderia ter sido utilizado no mesmo sentido, ter sido o bode expiatório da disseminação de estereótipos negativos. Mesmo posições defendidas pelos grupos feministas mais conservadores – como a NOW (*National Organization for Women*) em que Betty Friedan atuou –, como o direito ao aborto, poderiam ser utilizadas para construir imagens muito mais negativas do que a simples queima pública de peças íntimas femininas. Afinal de contas, eram sutiãs tão essenciais e indispensáveis para as famílias e os esposos?

Por outro lado, não lavar as meias do homem ou não raspar as pernas não parece nada além do exercício de um direito individual, no qual havia sim algo de contestador porque direitos individuais eram negados às mulheres. Entretanto, seria muito diferente da imagem de mulheres que, por exemplo, não atenderiam às necessidades básicas de seus filhos ou agrediriam fisicamente homens em nome do feminismo, como os estereótipos buscaram propagar. Esses estereótipos trabalharam com uma noção de "machismo às avessas", ressaltando como seria absurdo as mulheres se comportarem assim, sem uma crítica concomitante sobre o fato de que os homens já se comportavam assim em relação às mulheres e era exatamente essa a reclamação das feministas. Penso também que, como a ocasião da queima de sutiãs foi associada a um grupo chamado Mulheres Radicais de Nova Iorque (*New York Radical Women*), a construção de determinada imagem pode ter sido facilitada, por mais que os sutiãs não tenham sido propriamente queimados e muitas das mulheres envolvidas estivessem usando, na ocasião, vestidos, saias, sapatos de salto e também sutiãs.

Confesso que fiquei bastante intrigada com a questão, principalmente ao perceber que, em **Claudia**, no final da década de 1980, esses discursos se multiplicaram, particularmente em negação a

⁵⁴⁸ **Claudia**. São Paulo, n° 175, Ano XV, abril de 1976, p. 78.

⁵⁴⁹ Sobre essa questão consultar, por exemplo, SOIHET, Rachel. Pisando no "sexo frágil". **Nossa História**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, Ano 1, n° 3, janeiro de 2004, p. 14-20.

um feminismo passado – algo de menos de quinze anos antes – e sua suposta declaração de guerra aos homens. As tensões entre feminismo e antifeminismo foram uma constante na revista nos anos observados. Entretanto, percebe-se uma diferença entre essas tensões nos anos 70 e uma mudança no discurso a partir de meados dos 1980, inclusive das feministas ou mulheres liberadas: há o desenvolvimento da ideia do feminismo como algo antigo e superado com o aproximar da década de 1990. Em setembro de 1983, por exemplo, **Claudia** entrevista Rose Marie Muraro sobre seu então mais recente livro, **A sexualidade da mulher brasileira**. Durante a entrevista, em tom descontraído, a autora afirma "Hoje é chique ser feminista, mas houve tempo em que me chamavam de mal-amada e machona".⁵⁵⁰ De certa forma, a afirmação de Rose Marie Muraro resume muito da abordagem da publicação ao feminismo principalmente a partir de 1975 e 76. Mas essa posição se modifica depois de meados dos anos 80.

Três anos depois, em setembro de 1986, o magazine já publica uma entrevista com a economista americana Sylvia Ann Hewlett sobre seu livro que acabou não sendo publicado no Brasil: *A lesser life, myth of Women's Liberation in America* (Uma vida inferior, o mito da liberação feminina na América).⁵⁵¹ Segundo a entrevista, a obra traz um balanço um pouco parecido com o que Betty Friedan apresenta em **A segunda etapa**, mostrando como a inserção das mulheres no mercado de trabalho sem o suporte público necessário, como creches ou licença-maternidade, além do aumento do número de divórcios e a decorrente diminuição da renda feminina, foram resultados do feminismo que vinham penalizando bastante as mulheres. Os argumentos apresentados são interessantes: mostram as consequências dos empregos inferiores oferecidos às mulheres, de sua menor disponibilidade para as carreiras devido à maternidade sem apoio (de aparelhos estatais ou dos esposos), assim como a ideia corrente nos EUA de que filhos eram mais um bem de consumo e não um valor para a sociedade e, por isso, cada uma devia "arcar" com as despesas e responsabilidades dos seus, como se fossem uma hipoteca de imóvel ou uma viagem de férias muito cara. Diante disso, a economista defendeu que as mulheres precisavam de privilégios, e não apenas de igualdade, para combater fenômenos que hoje os estudos feministas relacionam com a feminização da pobreza.

⁵⁵⁰ O que pensam as brasileiras sobre sexo e prazer. **Claudia**. São Paulo, nº 264, Ano XXII, setembro de 1983, p. 47.

⁵⁵¹ A mulher precisa de privilégios, não apenas igualdade. **Claudia**. São Paulo, nº 300, Ano XXV, setembro de 1986, p. 207-211.

No mesmo sentido em que li **A segunda etapa**, me pareceu bastante parcial indicar o feminismo como causador de questões que são anteriores a ele ou que não foram criadas pelas feministas. A responsabilização das mulheres apenas pelos filhos, as leis de divórcio que não consideravam o trabalho prestado pelas mulheres à família, a média de salários mais baixos para trabalho e formação iguais das mulheres em relação aos homens, o fato dos EUA ser uma das únicas nações industrializadas sem lei de licença maternidade remunerada, certamente não são culpa nem resultado das mobilizações feministas. Novamente, entendo a crítica de que na então atual situação de crise dos EUA era necessário pensar em questões materiais para as mulheres e, ao mesmo tempo, uma autocrítica de um feminismo igualitarista e liberal que focou em determinadas questões e não em outras era muito válida. Mas o tom geral da publicação foi de culpabilização dos feminismos por criar determinada situação degradante para as mulheres nos EUA e, diferente do que acontecia nessas entrevistas nos anos de auge do feminismo, apesar de estar inserida na coluna "Feminismo", o entrevistador foi um homem, não uma mulher.

Em novembro de 1987, **Claudia** publica duas importantes entrevistas sob o selo "20 anos de feminismo", com o título "A maturidade de uma revolução". São entrevistadas Molly Yard, então presidente da *NOW*, a "mais importante organização feminista do mundo"⁵⁵², e também a presidente da Federação das Mulheres Cubanas, Vilma Espin Guillois. Mais adiante retomarei estas entrevistas, mas as cito agora porque chamou a atenção o fato da segunda pergunta dirigida a Molly Yard ter sido a seguinte: "No Brasil, muitas mulheres têm medo de se dizer feministas. Associam a palavra a desamor, lesbianismo etc. Como se explica isso?" A entrevistada responde

Isso também acontece aqui. Na minha opinião, não passa de um mal-entendido. Segundo o dicionário, feminista é a mulher ou homem que acredita no tratamento igual para os dois sexos. Nada mais. Muitas mulheres têm medo dessa palavra porque associam feminismo com as histórias comuns do início do movimento de mulheres que falavam de queimar sutiãs. Não sei

⁵⁵² **Claudia**. São Paulo, nº 318, Ano 27, março de 1988, p. 142.

como essas histórias surgiram. Mas, infelizmente, hoje muita gente ainda tem essa impressão.⁵⁵³

Na pergunta seguinte, a entrevistadora⁵⁵⁴ indagou sobre as atitudes feministas que as mulheres tomavam sem pensar, mostrando algo que Anette Goldberg relata sobre sua experiência de retorno ao Brasil após o exílio, um estranhamento ao perceber que as "novas mulheres" não se consideravam feministas: "(...) várias das que eu apressadamente tendia a etiquetar como 'feministas' se referiam ao feminismo como 'coisa de sapatão' ou como movimento de esquerda fechado e careta."⁵⁵⁵

O fato deste retorno ao Brasil datar de 1978, período de ápice dos debates feministas e das visões positivas de feminismo nas fontes consultadas, nos lembra da constância do antifeminismo mesmo nesse período. Apesar de diferentes celebridades aparecerem no decorrer desses anos em **Claudia** defendendo os direitos das mulheres –com uma tendência maior das estadunidenses em se declarar feministas do que das brasileiras –, figuras como Myrian Rios, jovem esposa de Roberto Carlos, foram presentes. Ela foi apresentada em 1981 primeiramente por suas medidas: de fato, a chamada da reportagem lista altura, busto, cintura e quadris "Para agradar um rei". Na página seguinte o único destaque do texto, em caixa alta em um quadro separado, é "Não falem de feminismo perto dela, Myrian não gosta, ignora."⁵⁵⁶

Apesar da figura de Myrian Rios e da abordagem do texto em si serem notavelmente antifeministas, é uma posição bem diferente daquela relatada por Anette Goldberg ou percebida na observação das fontes na segunda metade dos anos 80. Destacar o fato de que a jovem esposa de Roberto Carlos não queria saber de feminismo de alguma

⁵⁵³ Idem.

⁵⁵⁴ Não se cita o nome da entrevistadora, mas há uma foto de uma mulher conversando com Molly Yard.

⁵⁵⁵ GOLDBERG, A. Op Cit., 1989, p.1-2. Debate semelhante é encontrado em outubro de 1976 em artigo de Carmen sa Silva, intitulado "Porque sou feminista". Nele, ela demonstra compreensão para com as mulheres emancipadas ou preocupadas com a igualdade que não se diziam feministas, porque se colocar como feminista não era uma situação tranquila ou bem quista em 1976. Entretanto, é interessante que ela aponta essas mulheres como feministas, independente do fato de não se declararem abertamente assim. **Claudia**. São Paulo, nº 181, Ano XVI, outubro de 1976, p. 169-175.

⁵⁵⁶ **Claudia**. São Paulo, nº 241, Ano XXI, outubro de 1981, p. 44-46.

forma aponta a importância do feminismo no momento, assim como em diferentes ocasiões em que Carmen da Silva frisou que feminismo não era guerra entre os sexos⁵⁵⁷, que era muito contraditório mulheres inseridas na política terem posições antifeministas⁵⁵⁸, ou quando ela escreve um artigo inteiro sobre o machismo feminino.⁵⁵⁹ A crítica ao suposto radicalismo dos primeiros anos do feminismo que emerge nos 80, por outro lado, parece ter colocado muitas mulheres que eram a favor dos preceitos feministas na posição de antifeministas.

Extrapolando um pouco o recorte temporal proposto para essa pesquisa, tive acesso a uma longa e interessante matéria publicada em comemoração ao 29º aniversário de **Claudia**, em outubro de 1990: "Feminismo 29 anos depois".⁵⁶⁰ Na chamada se lê: "Outubro de 61. Nascia Claudia. Vamos comemorar juntas, falando do movimento que, em três décadas, mudou nosso destino". Chama a atenção a maneira como se abre o texto da extensa matéria

O feminismo é algo superado? Está fora de moda? Já cumpriu sua missão? As Teresas Batistas do mundo inteiro realmente estão cansadas de guerra, como insinuam os defensores de "o sonho acabou", os eternos detratores de todas as utopias? É impossível responder a essas perguntas com um simples "sim" ou "não", pois nada do que é humano é estranho ao feminismo das últimas três décadas. Ele abriu frentes de batalha em todos os setores, e as vitórias foram muitas. (...) Por que, então, o desânimo, o cansaço?

É que essa breve história do tempo feminino nasceu de uma contradição. É impossível endurecer e vencer, sem perder a ternura. As mulheres foram à luta e entraram em choque com seus pais, irmãos, companheiros e até com seus próprios filhos. (...)⁵⁶¹

⁵⁵⁷ Exemplo em "A Grande Batalha". **Claudia**. São Paulo, nº 176, Ano XV, maio de 1976.

⁵⁵⁸ Como em "Homem = Gente Mulher = Gente – Mulher = Homem". **Claudia**. São Paulo, nº 199, Ano XVII, abril de 1978.

⁵⁵⁹ Será que no fundo, no fundo, sou machista? **Claudia**. São Paulo, nº 242, Ano XXI, novembro de 1981.

⁵⁶⁰ **Claudia**. São Paulo, nº 349, Ano 29, outubro de 1990, p. 46-53.

⁵⁶¹ *Ibidem* p. 46.

O texto continua com tom bastante conciliador. Não é um texto assinado, e certamente ignora alguns pontos que Carmen da Silva repetiu inúmeras vezes ao abordar o feminismo em **Claudia**, no sentido de ser uma batalha contra a estrutura, o sistema patriarcal, e não contra os homens de forma individual. Também se pode perceber a pontual referência ao amor materno como algo transcendente ou natural, quando se destaca que até com os seus próprios filhos as feministas precisaram entrar em conflito. As atitudes ou posições dos filhos a respeito dos direitos das mulheres parecem ser irrelevantes diante da expectativa de apoio incondicional das mães a eles.

Em seguida a matéria dialoga com importantes nomes do feminismo no Brasil, como Branca Moreira Alves, Rose Marie Muraro, Carmen Barroso, Florisa Verucci, Hildete Pereira de Melo, Zuleika Alambert e Cristina Bruschini, utilizando-as como vozes autorizadas para apresentar uma espécie de balanço das conquistas do movimento.⁵⁶² O primeiro depoimento que o texto traz, logo depois do trecho supracitado, é de Branca Moreira Alves, que em determinado ponto chama a atenção pelo tom de superação do feminismo dos 1970 que é encontrado de diferentes formas em **Claudia** a partir da segunda metade dos anos 80 "(...) Hoje, por exemplo, tenho uma relação de igual para igual com o homem que amo e posso até fazer coisas consideradas 'femininas', como lavar louça e cozinhar, mas faço isso porque me sinto igual, e essas atividades me dão prazer."⁵⁶³

Esse depoimento lembra muito a observação de Betty Friedan em **A segunda etapa** de que as feministas até coravam ao utilizar a palavra "feminilidade" em seus dias.⁵⁶⁴ Mas é possível que haja aí uma relação com a história pessoal de Branca Moreira Alves e seu contato com o feminismo primeiramente nos EUA, conforme a própria matéria conta, porque as feministas brasileiras que são entrevistadas, resenhadas e discutidas em **Claudia** nos números consultados não apresentam nenhuma negação de feminilidade. Essa negação, associada ao feminismo radical, incluía opções como não usar maquiagem, não depilar as pernas ou não arrumar o cabelo dentro dos padrões esperados, ou mesmo não lavar a louça em casa, quando casadas. Nada parecido

⁵⁶² Para os fins desta tese, interessa apontar que esse balanço de 1990 já indicava que a ampla inserção das mulheres no mercado do trabalho não foi acompanhada por uma divisão mais justa do trabalho doméstico entre homens e mulheres.

⁵⁶³ Ibidem p. 48.

⁵⁶⁴ FRIEDAN, B. Op. Cit., 1983, p. 41.

foi, contudo, encontrado no magazine nos anos consultados⁵⁶⁵, exceto nesses momentos de negação, de dizer que "não somos mais assim".

Mais adiante ainda, a mesma matéria traz depoimentos de jovens mulheres "emancipadas", uma a favor do feminismo e outras duas com suas ressalvas. Uma jovem engenheira de 28 anos afirmava que "Ser feminista, atualmente, ficou muito pesado. Soa como terrivelmente antigo, como se você colocasse mulheres de um lado, homens de outro e o trabalho na frente de tudo, sem ganhar muito com isso."⁵⁶⁶ Uma jornalista de 24 anos achava o movimento inexpressivo: "(...) Pra mim não significa nada. As militantes são radicais. Vejo as conquistas como a melhoria do ser humano e não apenas da mulher."⁵⁶⁷ Hildete Pereira de Melo comenta, ainda na mesma matéria, a agressividade do antifeminismo não apenas através dos clichês de mal amadas ou sapatão divulgados na imprensa e utilizados conforme a conveniência, mas também através de ameaças que sofreram, por exemplo, durante panfletagens. Ela aponta que o Ano Internacional da Mulher da ONU, diante desse quadro, aliviou bastante esse antifeminismo mais agressivo que, aparentemente, ressurgiu com uma diferente roupagem no final da década de 1980.

Esses apontamentos de 1990 são importantes porque parecem fazer um balanço não apenas das conquistas do movimento, mas também dessa construção de um antifeminismo calcado na imagem das feministas como radicais, declarando guerra aos homens. Como esse radicalismo, essa declaração de guerra não estava, não existia, nos periódicos feministas dos anos 70 mais conhecidos no país, nem na extensa bibliografia do período que vim consultando por muitos anos sobre mulher, mulheres e feminismo, e muito menos nas abordagens feministas encontradas na revista **Claudia**, me indaguei de onde viria essa visão de um passado radical do movimento no Brasil.⁵⁶⁸ Descartei a

⁵⁶⁵ Nem mesmo Carmen da Silva, que segundo bibliografia fazia o possível para evitar tarefas como lavar a louça, sempre comendo fora, comenta em **Claudia** essa sua opção.

⁵⁶⁶ **Claudia**. São Paulo, nº 349, Ano 29, outubro de 1990, p. 52.

⁵⁶⁷ Idem.

⁵⁶⁸ Em 1984, o número do **Mulherio** de julho/agosto, traz um pequeno artigo de meia página intitulado "Feminista é mulher?". Este comenta a construção do antifeminismo através dos estereótipos propagados por diversos meios de comunicação, mas de certo modo questiona se as feministas também não teriam sua parcela de culpa nessa construção. Ao negarem determinados aspectos da feminilidade (como a fragilidade), as feministas se colocariam como não-

ideia de ser simplesmente uma questão importada ao retomar as obras internacionais mais citadas da aurora desses movimentos. Simone de Beauvoir mas especialmente Betty Friedan apresentavam, em **O Segundo Sexo** e **Mística Feminina**, visões e soluções bastante conciliadoras para os problemas das mulheres. Tanto Betty Friedan quanto Simone de Beauvoir desenvolveram suas críticas àquilo que foi chamado de condição feminina baseadas em questões identitárias das mulheres, apontando a necessária busca por sua individualidade e desenvolvimento pessoal. Mas uma negação obrigatória aos homens, ao sexo heterossexual, à maternidade ou à família não perpassava suas obras.

Levando em conta que Betty Friedan foi citada em diferentes momentos como a inauguradora do feminismo de sua geração, ou da revolta das americanas, e também porque foi muito comentada de forma geral em **Claudia**, reli com cuidado seu primeiro livro buscando o radicalismo discursivamente associado a ela. O que encontrei foram citações como "sua firme determinação de viver uma vida independente não a impede de amar um homem"⁵⁶⁹; ou "somente por meio de um compromisso pessoal com o futuro poderá sair da armadilha doméstica e realizar-se verdadeiramente como esposa e mãe, concretizando suas possibilidades de ser humano independente e singular".⁵⁷⁰ Também encontrei dados explicando como a família na França não enfraqueceu com o aumento do trabalho profissional feminino⁵⁷¹, que era possível construir um "novo plano de vida, nele encaixando o amor dos filhos e do lar"⁵⁷² ou indicando os caminhos para "continuar os estudos sem entrar em conflito com o marido e os filhos"⁵⁷³ – o que invariavelmente se convertia em acúmulo de jornadas. Na busca por "não sacrificar nem a competição honrosa nem o casamento e a maternidade"⁵⁷⁴, uma vez que estes últimos eram "essenciais mas não tudo"⁵⁷⁵, os apelos de Betty

mulheres, algo que fugisse da imagem tradicional de mulher, o que segundo a autora, Eliane Robert Moraes, teria contribuído para essa imagem negativa do feminismo. **Mulherio**. São Paulo, nº 17, Ano IV, julho/agosto de 1984, p. 17.

⁵⁶⁹ Sobre heroínas de contos em revistas femininas no final dos anos 1930 nos EUA. FRIEDAN, B. Op Cit., 1983, p. 37.

⁵⁷⁰ Ibidem, p. 290.

⁵⁷¹ Ibidem, p. 289.

⁵⁷² Ibidem, p. 291.

⁵⁷³ Ibidem, p. 317.

⁵⁷⁴ Ibidem, p. 322.

⁵⁷⁵ Ibidem, p. 323.

Friedan a educadores e a revistas femininas para combater a mística feminina e as imagens de feminilidade a ela associadas foram bastante conciliadoras, da mesma forma que o foram as propostas de feminismo apresentadas por **Claudia**.

De acordo com a bibliografia temática e com as pesquisas sobre circulação de leituras feministas utilizadas nesta tese, pode-se inferir que "O inimigo principal" da francesa Christine Delphy tenha sido, talvez, o texto ligado ao feminismo radical que mais circulou no Brasil no período observado. Mas é muito provável que isso tenha ocorrido principalmente devido ao caráter materialista do texto e também porque a sua utilização feminista da categoria marxista⁵⁷⁶ de exploração, transferida da classe social (exploração capitalista) para as mulheres (exploração patriarcal), se afinava bem com os feminismos que se desenvolviam por aqui e em grupos de brasileiras exiladas.⁵⁷⁷ Essa é uma linha que Anette Goldberg observa nos feminismos do período: apenas as tendências do feminismo radical que poderiam ser apropriadas dentro de uma orientação marxista ou socialista se propagaram no Brasil, com a ressalva de que de forma geral as feministas brasileiras consideravam as feministas radicais do exterior sexistas.⁵⁷⁸

Ao ponderar todas essas questões, a interpretação da negação do passado radical nos feminismos brasileiros no final dos anos 1980 encontrada em **Claudia** surge em franco diálogo com a grande mídia e os largamente difundidos estereótipos negativos sobre as feministas.⁵⁷⁹

⁵⁷⁶ SCAVONE, L. Op. Cit., 2007, p. 4.

⁵⁷⁷ Helena Hirata indica inclusive que "a reutilização de categorias marxistas no estudo da opressão feminina vai desembocar numa análise totalmente ausente dos escritos marxistas clássicos: a do trabalho doméstico no capitalismo". HIRATA, Helena. Pesquisas sociológicas sobre relações de gênero na França. In: **Relações sociais de Gênero x Relações Sociais de Sexo** – Núcleo de Estudos da Mulher e Relações Sociais de Gênero, USP, 1989, p. 91.

⁵⁷⁸ GOLDBERG, Anette. Op. Cit., 1989, p. 3-4.

⁵⁷⁹ A própria **Claudia**, em diferentes ocasiões, foi propagadora desses estereótipos. De maneira pontual se refere ao feminismo como antônimo de feminilidade em uma nota de setembro de 1978 intitulada "A moda antifeminista", para dizer que os vestidos, saias e saltos tinham voltado à moda! Em entrevista publicada de Shere Hite sob o título "Não quero guerra entre os sexos. Busco entendimento", além de perguntar por que ela não tinha filhos (pergunta que não encontrei na entrevista de Fernando Gabeira, por exemplo), indaga sobre ela ser bonita e feminista como algo que causava estranhamento. **Claudia**. São Paulo, nº 204, Ano XVII, setembro de 1978 e **Claudia**. São Paulo, nº 322, Ano 27, julho de 1988, p. 144-147. Rachel Soihet nos lembra que

Como essas posturas radicais não foram encontradas nos próprios feminismos daqui, supõe-se que estariam fora deles, nesses discursos midiáticos. Diante desses estereótipos, um discurso de negação teve seu uso entre as feministas dos finais da década de 80 como ponto de diferenciação, de distinção. Afirmar que "não somos mais assim", que o feminismo amadureceu, colocar no passado essa imagem negativa, radical, da "feminista irada"⁵⁸⁰, certamente foi uma resposta, mesmo que inconsciente, de posituação do feminismo frente àquele clichê negativo propagado. Quando se diz que os discursos constroem ou configuram determinadas realidades e não apenas as representam, nem sempre ocorre de forma tão literal quanto nesse caso. Mas de fato as "feministas queimadoras de sutiãs" existiram, mesmo que apenas discursivamente no Brasil, de forma presente o suficiente para que feministas de carne e osso precisassem afirmar que não eram como delas. Nem mesmo as notícias sobre as feministas radicais de outros países parecem ser suficientes para construir, sozinhas, essa imagem de radicalismo tão divergente dos grupos feministas daqui.

Isso nos leva a refletir sobre o peso dos estereótipos negativos do feminismo sobre a vida das militantes e de todas as mulheres que se identificaram como feministas. Evitando o referido peso e a consequente queda nas vendas e nos anúncios que este poderia acarretar, **Claudia**, como publicação comercial, certamente não quis abraçar uma postura integralmente feminista, tanto que os artigos que defendiam o feminismo sempre foram assinados. Existem diferentes exemplos de textos não assinados no magazine, mas quando se refere ao feminismo as assinaturas nos lembram que aquela posição era de determinada colunista ou jornalista, e não da revista como um todo. Desse modo, salvo raríssimas exceções, como no número especial de 25 anos, a única ocasião que encontrei, nos vinte anos de recorte da pesquisa, em que há

críticos das mulheres nos espaços públicos, já no século XIX, as acusavam de feias, "o supremo pecado da mulher". SOIHET, Rachel. Zombaria como arma antifeminista: instrumento conservador entre libertários. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 3, p. 591, jan. 2005. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2005000300008>>. Acesso em 18/10/2015.

⁵⁸⁰ Encontrei esse termo em **Claudia** em julho de 1989, em uma nota sobre trabalho feminino: IBGE revela que mulheres ganham menos que homens. Dá-se a notícia ressaltando que "não se trata de denúncia de nenhuma feminista irada", mas sim do IBGE e, portanto, uma fonte oficial, respeitável e confiável, em oposição à citada "feminista irada". **Claudia**. São Paulo, nº 334, Ano 28, julho de 1989.

uma declaração editorial de **Claudia** se assumindo feminista – com a ressalva de que seria "feminista e feminina"⁵⁸¹ –, a publicação não defendeu o feminismo em artigos não assinados. Se não fossem artigos assinados, seriam dessas matérias compostas por recortes de opiniões de palavras autorizadas, como no caso supracitado de 1990, e então a polêmica posição de feminista estaria localizada nas vozes autorizadas, não em **Claudia** como publicação. Depois do falecimento de Carmen da Silva, é criada uma coluna chamada Feminismo, a qual Rachel Gutiérrez assinou, ou então se resenhavam obras ou se entrevistavam feministas brasileiras ou estrangeiras. Desse modo, **Claudia** evitou endossar totalmente as posições feministas que publicou em suas páginas, as transferindo a uma colunista ou entrevistada, resguardando-se de sofrer, como publicação, as mazelas do peso do termo "feminista" e uma possível identificação com um radicalismo que não lhe cairia nada bem do ponto de vista comercial.

Além disso, é importante considerar determinadas peculiaridades do feminismo propagado por **Claudia**, principalmente em relação às publicações militantes contemporâneas a ela. Amy E. Farrel, ao refletir sobre o feminismo da revista estadunidense **Ms. Magazine** comenta que, como acontecia nas revistas femininas de modo geral, a **Ms.** calcava seus escritos na transformação da vida pessoal de suas leitoras.⁵⁸² O diferencial da **Ms.** estava no fato de que ela foi uma revista comercial, voltada às mulheres, mas declaradamente feminista. Foi pensada e criada com o propósito de ser feminista e, assim sendo, as propostas de transformação na vida das mulheres eram alicerçadas pelo ideário feminista. Entretanto, esse ideário estava voltado à vida pessoal e não a projetos de transformação coletivos, a partir de movimentos

⁵⁸¹ Nessa edição comemorativa a publicação afirma que aprendeu a ser feminista e continuar feminina com Carmen da Silva. **Claudia**. São Paulo, nº 301-A, Ano XXVI, outubro de 1986, p. 14. Por outro lado, Ana Rita Fonteles Duarte cita a apresentação de uma nova seção em **Claudia**, de 1963, chamada "Presença de Mulher", focada na inserção das mulheres no mercado de trabalho e que se estabelece como não feminista em sua abertura: "*Artigo primeiro: Claudia é feminina, não é feminista. Artigo segundo: Claudia não é feminista, mas feminina. (...)*". Diante disso, podemos interpretar essa mudança de discurso como decorrente não apenas da emergência dos feminismos desta geração, mas principalmente da presença de Carmen na revista, uma vez que a própria publicação alicerça sua posição feminista na figura de Carmen, focando em um feminismo de caráter mais conciliador, "para a classe média". DUARTE, A. Op. Cit. 2005, p. 30; 51.

⁵⁸² FARREL, A. Op. Cit., 2004, p. 52.

organizados, objetivando por exemplo mudanças nas leis ou conquista de direitos civis.

Mesmo que **Claudia** seja uma revista feminina comercial mais regular que a **Ms.**, no sentido dos seus objetivos e propostas, o feminismo propagado pela publicação teve, a maior parte do tempo, essa mesma característica: foi um feminismo pensado para atuar na vida pessoal de suas leitoras. **Claudia** de modo geral não chamava as mulheres às ruas⁵⁸³ para manifestações, nem as convocava para intervenções ou projetos coletivos de militância feminista⁵⁸⁴, mas pensava o feminismo muito mais através das transformações pessoais, mesmo quando discutia temas coletivos como violência ou aborto. Heloísa Buarque de Almeida observa essa característica também no feminismo propagado na supracitada série de televisão **Malu Mulher**.⁵⁸⁵ Ela aponta que era um feminismo focado na vida pessoal, diferente dos projetos coletivos dos grupos feministas brasileiros do período, engajados na luta contra a ditadura e outras reivindicações de interesse geral.

Essa é uma característica central do feminismo propagado por **Claudia** e que deve ser considerada no decorrer de todo o quarto capítulo desta tese. É também um fator que pode nos ajudar a pensar sobre o volume e a densidade da discussão acerca do trabalho doméstico na revista. Enquanto o balanço das conquistas feministas apresentado em 1990 pela publicação indica que a divisão do trabalho doméstico nos lares foi um ponto que ficou para trás, **Claudia** já veio discutindo essa questão tanto na década de 70 quanto na de 80. Diante dessa perspectiva, podemos avaliar que um relativo pioneirismo do magazine em debater a divisão de trabalho nos lares tenha se dado em decorrência

⁵⁸³ Conforme reforçado no número especial de 25 anos, na parte em que se falou de Carmen da Silva: "Não se trata de ganhar a rua nem de sair por aí em desafio (...)". As aspas indicam que a fala é de Carmen, mas não se indica o número ou o título do artigo dela. **Claudia**. São Paulo, nº 301-A, Ano XXVI, outubro de 1986, p. 14.

⁵⁸⁴ Apesar de que Carmen da Silva, ao dividir seu trabalho em quatro fases, avalia que na década de 1970, na terceira fase de sua escrita em **Claudia**, a abordagem foi muito mais no sentido das mulheres no coletivo do que individualmente. Quer dizer, ela reconheceu os problemas que afetavam suas leitoras como estruturais, sistemáticos, em decorrência do sistema patriarcal, muito inspirada pelos movimentos feministas. Entretanto, mesmo quando ela elencava pontos de alguma inspiração marxista, eram abordagens muito diferentes daquelas das produções feministas do período.

⁵⁸⁵ ALMEIDA, H. Op. Cit., 2012.

do seu foco na vida pessoal das leitoras, e não em projetos coletivos. As publicações feministas do período, por outro lado, mantiveram seu compromisso com os projetos coletivos, e as soluções apontadas para a questão do trabalho doméstico feminino nestas publicações foram muito mais voltadas à socialização deste trabalho⁵⁸⁶ do que à uma reformulação da organização do trabalho nos lares, a qual corresponderia a questões mais pessoais e privadas.

A partir desses pontos podemos também observar os fatores aglutinadores, de caráter identitário, das publicações comerciais voltadas às mulheres. Amy E. Farrel observa outras questões a partir da **Ms.** que podem contribuir para analisarmos **Claudia** em sua perspectiva feminista. Ela comenta que Susan Douglas⁵⁸⁷, em seu estudo sobre mídia de massa para garotas e mulheres em idade fértil, aponta que a tentativa de se falar às mulheres como um grupo, mesmo que fosse para estimular a consciência de gênero para os produtos específicos que se queria vender a elas, ajudou a criar a rebelião antes de neutralizá-la: "Meninas que cresceram considerando-se uma geração de consumidoras tiveram bastante facilidade para começar a pensar em si mesmas como uma geração cultural e política".⁵⁸⁸ Quer dizer, a habilidade das revistas comerciais em promover a consciência de gênero "para forjar uma legião de consumidoras" contribuiu indiretamente para uma consciência de gênero feminista. A autora explica a transição dessa identidade através do "nós garotas" das revistas femininas para o "nós irmãs" utilizado pela **Ms.**, como revista feminista.

Certamente a cumplicidade de Carmen da Silva ao "conversar" com as leitoras, não apenas porque lia e respondia todas as suas cartas⁵⁸⁹, mas pela linguagem com a qual se dirigia a elas em seus artigos, é perpassada por esses aspectos identitários. Carmen se apropriou da linguagem das publicações voltadas às mulheres para discutir temas que foram muitas vezes desconfortáveis para o público de **Claudia**, mas aos quais esse público respondeu, uma vez que era um espaço e uma linguagem familiares a ele. O trabalho doméstico, a participação das mulheres na esfera produtiva, o "parasitismo" da dona de casa, como veremos a seguir, foram alguns desses temas

⁵⁸⁶ MELLO, S. Op. Cit., 2010, p. 166-170.

⁵⁸⁷ DOUGLAS, Susan. **Where the girls are**: growing up female with the mass media. New York: Random House, 1994.

⁵⁸⁸ FARREL, A. Op. Cit., 2004, p. 21.

⁵⁸⁹ Conforme ela mesma afirma em diferentes ocasiões, como na entrevista publicada em **Claudia**. São Paulo, nº 274, Ano XXIII, julho de 1984, p. 50-54.

desconfortáveis. Entretanto, outras temáticas feministas foram surgindo, no magazine de modo geral mas em especial na coluna de Carmen. O aborto e a maternidade como escolha são discutidos ocasionalmente; debates referentes à revolução sexual são mais correntes; mas a questão da violência contra as mulheres cresceu muito com a popularização do feminismo. Entre 1977 e 1980, pelo menos uma vez por ano "A arte de ser mulher" publicou um artigo específico sobre feminicídio – para usar um termo atual – e violência conjugal⁵⁹⁰ utilizando casos de ampla divulgação no Brasil, como os de Ângela Diniz e Jô Lobato.

No número especial de 20 anos, de outubro de 1981, se comenta que a primeira vez que a publicação abordou o machismo foi em março de 1970, número que infelizmente não pude consultar, mas o feminismo é apontado como debatido pela primeira vez em setembro de 1970, em matéria sobre o feminismo norte americano que será abordada mais adiante: "Não faça amor, faça guerra". É interessante porque nessa visão, a própria publicação diferencia bem a demanda por direitos das mulheres ou debates sobre o que no período se chamava de "questão da mulher", e o feminismo como movimento social, filosófico e político. Isso porque alguns direitos das mulheres, como ao trabalho remunerado ou a determinada individualidade, certamente foram abordados em "A arte de ser mulher" antes de 1970, mas não foram indicados como debates feministas.

Observando o recorte das fontes de pesquisa realizado para construir este capítulo, fica evidente que houve muito conteúdo feminista na publicação fora da coluna de Carmen. Entretanto, o feminismo em **Claudia**, ou a associação muitas vezes realizada entre feminismo e a revista, não seriam os mesmos ou talvez nem mesmo existissem, se não fosse pela presença de Carmen da Silva e a sua gradual identificação com o feminismo propriamente dito. Logo, e por esse motivo, este capítulo é dividido em dois itens que buscam abordar feminismo e trabalho doméstico em **Claudia**, sendo o primeiro deles todo dedicado aos debates sobre trabalho doméstico observados em "A arte de ser mulher". O segundo item, 4.2, foca nos debates feministas acerca do trabalho doméstico encontrados fora dos artigos de Carmen, em determinados sentidos mais expressivos após seu falecimento. Essa observação apenas reforça aquilo que já foi rapidamente comentado, que a presença de Carmen da Silva possibilitou à **Claudia** trazer o feminismo para seu conteúdo ao mesmo tempo em que a autorizou se

⁵⁹⁰ Encontrei artigos sobre a temática em abril de 1977, maio de 1978, maio de 1979 e novembro de 1980.

abster de abordar essas temáticas fora de "A arte de ser mulher".⁵⁹¹ Também foi uma postura que possibilitou à publicação se colocar como uma tribuna que apresentaria diferentes pontos de vista, uma mediadora de querelas, construindo assim para si uma imagem de imparcialidade bastante respeitada – apesar de folclórica – de imprensa.

5.1. CARMEN DA SILVA DISCUTE O TRABALHO DOMÉSTICO

Sim, os maridos ajudam... quando lhes dá na telha. Mas a mulher profissional não trabalha só quando lhe dá na telha: ela tem um programa de produção a cumprir, em quaisquer circunstâncias.⁵⁹²

Dos "Objetivos e Metas" da ONU: "Promover a igualdade de direitos e responsabilidades na família e no lar e criar a consciência e o reconhecimento de que os homens e as mulheres dispõem de iguais direitos e obrigações a respeito de si mesmos como pessoas, de seus filhos como pais e de suas sociedades como cidadãos" ...⁵⁹³

Em termos de mulher, *Claudia* foi a primeira revista de fôlego que apareceu: bem cuidada, de bom gosto, acessível, e com um equilíbrio que qualquer revista deseja ter. (...) Só acho interessante que as feministas falem mal da revista, a primeira a colocar uma feminista ferrenha para falar. – Marília Gabriela (apresentadora da TV-Mulher)⁵⁹⁴

Não caberia nesse espaço se estender demais listando dados biográficos de Carmen da Silva, por inúmeras razões mas talvez principalmente porque a bibliografia de referência e ela mesma já o

⁵⁹¹ Ponto também observado por DUARTE, A. Op. Cit., 2005, p. 151.

⁵⁹² Depoimento da escritora e jornalista portuguesa Antônia de S., que realizou um estudo sobre as condições de trabalho da mulher em Portugal, concedido a Carmen da Silva e publicado em **Claudia**. São Paulo, nº 151, Ano XIII, abril de 1974, p. 136.

⁵⁹³ Citado por Carmen da Silva em "Este é o ano da mulher". **Claudia**. São Paulo, nº 162, Ano XIV, março de 1975, p. 91.

⁵⁹⁴ **Claudia**. São Paulo, nº 246, Ano XXI, março de 1982, p. 6.

tenham feito de modo surpreendente, brilhante e bem-humorado. Em julho de 1984, quando a coluna "A arte de ser mulher" já tinha seus vinte e um anos, **Claudia** publica uma entrevista com Carmen sobre seu livro **Histórias híbridas de uma senhora de respeito**⁵⁹⁵, no qual ela conta sua trajetória de vida. Apesar de haver na entrevista um balanço do trabalho da colunista na publicação, algo que ela mesma fazia de tempos em tempos, em datas comemorativas como aniversários do magazine⁵⁹⁶ por exemplo, nessa ocasião se aborda mais da sua própria história pessoal, para além das questões das mulheres por ela debatidas na revista. Após seu falecimento, quando datas específicas chamaram por seu nome⁵⁹⁷, parece que a curiosidade sobre sua intimidade foi mais explorada. Isso nos indica o aspecto reservado da colunista, que inúmeras vezes mencionou rapidamente algum pormenor de sua vida pessoal para em seguida lembrar que aquilo não era importante, que não vinha ao caso, que naquele momento ela estava falando sobre o conjunto das mulheres, e não sobre si mesma.

Nascida na cidade de Rio Grande, no extremo sul do país, com uma personalidade marcada pela autonomia, Carmen da Silva fez sua

⁵⁹⁵ SILVA, Carmen da. **Histórias híbridas de uma senhora de respeito**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

⁵⁹⁶ Temos exemplos desses balanços comemorativos em outubro de 1976, em decorrência dos treze anos da coluna "A arte de ser mulher" (esta foi inaugurada exatamente em julho de 1963); em setembro de 1979, no aniversário de dezoito anos de **Claudia**; em dezembro de 1979, nos dezesseis anos da escrita de Carmen no magazine; e também em outubro de 1981, na comemoração de vinte anos de **Claudia**. Ana Rita Fonteles Duarte (2005, p. 110) comenta como a autora utilizou esses espaços comemorativos e seus subsequentes balanços do trabalho até então realizado na publicação como espaços de poder nos quais ela, como voz autorizada, pôde dar sentido à história de sua escrita e de certa maneira controlar a própria leitura de seu papel como "mulheróloga" na revista.

⁵⁹⁷ Em maio de 1987, a seção "Feminismo" que é criada em substituição a "A arte de ser mulher" fala da presença de Carmen da Silva em decorrência dos dois anos de seu falecimento, evocando entrevistas de pessoas muito próximas a ela, comentando seu humor, seu trato com as pessoas, suas visões de mundo. Em outubro de 1990, quando **Claudia** escreve especialmente sobre seus 29 anos e o feminismo, contrata um escritor conterrâneo de Carmen, Renato Modernell, para escrever sobre ela. Este foca em dados biográficos e nos talentos literários da autora, com afirmações sobre o feminismo que certamente provocariam respostas por parte de Carmen. Ironicamente um dos tópicos desse texto é intitulado "De mulher para mulher", sem nem mesmo questionar por que não chamaram uma mulher, dentre tantas qualificadas leitoras de Carmen da Silva, para escrever sobre ela na ocasião.

carreira literária deslanchar definitivamente na Argentina, depois de ter vivido por anos no Uruguai. Segundo seu relato de 1984⁵⁹⁸, retornou ao Brasil em 1962 para escapar das complicações dos golpes militares e poder participar mais da vida política do país em que vivia, o que ironicamente sinaliza como "o maior pé-frio da história!!!". A trajetória de vida de Carmen perpassa sua escrita. O "trabalho de formiga" de conscientização das mulheres desenvolvido em **Claudia** é inaugurado, em 1963, sob um título que, segundo os relatos, tinha tudo dela: "A protagonista". De acordo com a divisão em fases que Carmen sistematiza, em 1979⁵⁹⁹, de seu trabalho na publicação, "A protagonista" é sem dúvida uma chamada apropriada para a "fase do despertador", primeira fase de sua escrita em "A arte de ser mulher". Foi um momento de foco na individualidade feminina, de buscar fomentar nas leitoras um olhar sobre si mesmas como pessoas únicas, autônomas, protagonistas de suas vidas, para além da identidade de filha de "fulano", esposa de "beltrano" ou mãe de "sicrano".⁶⁰⁰

A segunda fase que a autora indica se localizaria ainda na década de 1960 e entraria na de 70, na qual ela discute os entraves que a visão das mulheres de si mesmas como indivíduos faziam emergir nas relações com o esposo, com a família, com o casamento e os filhos. Quando as mulheres perceberam que "viver para os outros" ou "viver através dos outros" não era suficiente. Ela aponta essa fase como institucional, no sentido de ter debatido possíveis novas configurações nessas instituições tão centrais à vida das mulheres. A terceira fase indicada por Carmen seria o momento de pensar as questões que afetavam as mulheres como um problema coletivo. É quando o feminismo como movimento entra em cena, a "fase da revolta", e ela começa a se utilizar de diferentes teorias e pontos de vista dos feminismos ao redor do mundo para pensar "a condição feminina", com especial foco no patriarcado como um sistema de dominação das

⁵⁹⁸ **Claudia**. São Paulo, nº 274, Ano XXIII, julho de 1984, p. 50-54.

⁵⁹⁹ **Claudia**. São Paulo, nº 219, Ano XIX, dezembro de 1979, p. 309-315.

⁶⁰⁰ Destaque nesse sentido em "Cara-metade – Você gosta de ser chamada assim?", de dezembro de 1977, e "Procura-se mulher (mãe, esposa) que não tenha seu eu encarcerado", de julho de 1979. Este artigo em especial termina lembrando que "A crise de identidade, o famoso 'mal sem nome' que Betty Friedan denunciou há quinze anos, continua fazendo vítimas, inclusive entre as mulheres que 'teriam tudo para ser felizes'. Tudo – menos o essencial – que é o próprio eu."

mulheres. É também o momento em que a colunista se afirma feminista e debate com suas leitoras os estereótipos ao redor desta posição.

Aquela que Carmen aponta como última e então – em 1979 – atual fase de sua escrita pode ser percebida já no título de seu artigo em que comenta essas quatro fases: "O que seria do mundo sem nós, mulheres?". Partindo, desde sua primeira fase, de uma posição de conscientização das mulheres com bases bastante liberais, focando na necessidade de contribuir para a sociedade através do trabalho produtivo, de abandonar o "parasitismo", de ingressar no mundo das decisões, das coisas importantes, do progresso social – a esfera pública – , essa fase mostra uma mudança importante de perspectiva. A apropriação de Carmen da Silva de discursos do feminismo radical, mais diferencialistas e essencialistas, se dá a seu modo, quando ela afirma sobre a mulher que "(...) Natureza e condicionamento cultural confluem para que ela valorize o ser humano acima de tudo. (...)".⁶⁰¹

Assim, sentenças em destaque dentro desse artigo trazem o tom, das duas primeiras fases de forma agrupada em "Finalmente, saímos de um sono profundo"; da terceira fase em "Tivemos de brigar para conquistar um lugar ao sol" e da última fase com "Crescemos sem nunca perder nossa sensibilidade", de modo que finaliza seu artigo

A quarta fase de meu trabalho, o tom que caracteriza meus últimos escritos nasce precisamente dessa belíssima descoberta: digam o que disserem, *mulher é uma criatura maravilhosa*. O sal da terra, uma esperança de fraternidade nesse mundo que eles estão estragando porque tentaram construí-lo sem nós.⁶⁰²

Aqui podemos observar que, apesar de em muitos momentos apontar que estava falando para a mulher de classe média⁶⁰³, que o caso das trabalhadoras neste ou naquele sentido era diferente, a categoria usada, considerando a historicidade das categorias mulher e mulheres, era mulher. Isto é, Carmen da Silva já dedicava atenção às diferenças entre as mulheres, mas seu foco estava voltado, talvez mais nessa última fase do que nas anteriores, em seus pontos comuns.

⁶⁰¹ **Claudia**. São Paulo, nº 219, Ano XIX, dezembro de 1979, p. 313.

⁶⁰² *Ibidem*, p. 315. Grifos da autora.

⁶⁰³ Exemplo em **Claudia**. São Paulo, nº 168, Ano XIV, setembro de 1975.

Apesar da colunista ter, nessa sistematização em fases, construído um discurso bastante linear e progressivo de seu trabalho, de superação de determinadas questões, a observação de seus escritos pode trazer uma perspectiva diferente. Encontram-se muito mais adições de problemáticas do que a superação de pontos propriamente dita. É possível perceber como suas leituras de obras e debates feministas acerca do trabalho doméstico vão se ampliando, de forma a complexificar sua abordagem sobre a temática. As diferentes referências ao parasitismo da dona de casa de tempo integral de camada média, parasitismo econômico e também emocional, a "vida de empréstimo", tão presentes nas primeiras fases de seus escritos, podem ser interpretadas para além de um simples desdém em relação às mulheres economicamente e emocionalmente dependentes. Esse parasitismo, exatamente nesses termos, é citado tanto por Simone de Beauvoir em **O Segundo Sexo** quanto por Betty Friedan em **Mística Feminina**, que o questiona praticamente em toda a extensão de sua obra. No decorrer dos anos, essa adição de problemáticas se evidencia, quando "A arte de ser mulher" menciona termos como sistema patriarcal, dupla jornada de trabalho ou socialização do trabalho doméstico, quando percebe as mulheres como produtoras da força de trabalho, dentre outros pontos tão marcantes dos feminismos do período. Entretanto, as questões que inauguraram a escrita de Carmen da Silva em **Claudia**, a importância da percepção das mulheres de si mesmas como indivíduos, a humanidade dos homens e das mulheres, forte base do feminismo liberal do período, perpassa todo o seu trabalho no magazine até seus últimos anos.

Claro que determinados debates se transformam ou são de fato superados, mas muitas das temáticas da "fase do despertador", por exemplo, são ocasionalmente retomadas por Carmen até seus últimos escritos em **Claudia**, ao mesmo tempo em que novas temáticas vinham surgindo. A própria autora comenta a questão em entrevista concedida em 1978

Houve pessoas que começaram a tomar consciência há 10 ou 15 anos atrás e continuaram. Hoje em dia, eu teria de estar falando já a nível doutrinário, uma coisa muito mais elevada, muito mais radical. Isso não me deram a possibilidade. Uma vez que eu fui lá, se falou, se debateu, eles estiveram muito de acordo. Fiz um primeiro artigo dentro dessa nova orientação, foi a primeira vez que eles me recusaram um artigo. Disseram:

Carmen, não dá. Então eu vi que era da boca para fora aquele negócio de fazer uma coisa mais avançada, mais aberta. Então, eu estou sempre no mesmo plano.

É uma coisa bastante frustrante para mim, mas ao mesmo tempo eu tenho que reconhecer também que é rentável, frutífera. Eu estou sempre no setor do aliciamento. Pegando a que não está conscientizada ou que tem aí um vislumbre e abrindo a cuca. Uma vez que aquela cuca está aberta, bom, vai te virar sozinha! Deixa eu pegar outra. Para mim é muito frustrante porque eu estou sempre batendo na mesma tecla.⁶⁰⁴

Esse discurso certamente não vai pelo mesmo caminho daquele construído em "O que seria do mundo sem nós, mulheres?", supracitado, publicado um ano depois da entrevista citada. Claro que precisamos considerar que a entrevista foi concedida a um trabalho acadêmico sobre família e feminismo, um espaço totalmente diverso da sua coluna em **Claudia**, e no qual poderia fazer afirmações que, na coluna, não seriam publicáveis. As limitações do teor da escrita de Carmen⁶⁰⁵ também são apontados por Rose Marie Muraro, que em 2000 afirmou que não tinha paciência para ler seus artigos, que se interessava por teorias feministas mais aprofundadas. Ao afirmar que "(...) A Carmen da Silva era uma pessoa para a classe média, não era para as feministas, embora as feministas tivessem consciência que a Carmen da Silva era um elemento fundamental para o feminismo do futuro"⁶⁰⁶, Rose Marie Muraro

⁶⁰⁴ Entrevista realizada a 07/03/1978, no Rio de Janeiro, por Maria Lygia Q. de Moraes N. NEHRING, M. Op. Cit. 1981, p. 136.

⁶⁰⁵ Ana Rita Fonteles Duarte (Op. Cit., 2005, p. 170) comenta, sobre esse aspecto, as constantes negociações da colunista: "(...) No caminho percorrido, ao longo de 22 anos, Carmen precisou utilizar-se de estratégias de negociação para não se afastar de suas leitoras – em maior parte, mulheres de classe média conservadora – e também para preservar o espaço na própria revista. Evitou abordagens consideradas 'avançadas' e esquivou-se de temas que ela considerava machistas." É possível nos perguntarmos, do mesmo modo a esse respeito, sobre as constantes negociações que Carmen da Silva deve ter promovido consigo mesma, principalmente a partir do momento em que as temáticas de seus escritos se deslocaram da dona de casa de tempo integral para abordar problemas que ela entendia que também a afetavam.

⁶⁰⁶ Entrevista realizada a 21/10/2000, em Fortaleza, por Ana Rita Fonteles Duarte. DUARTE, A. Op. Cit., 2005, p. 50-51.

certamente estabelece níveis, graus específicos dentro dos debates sobre direitos das mulheres.

O que chama a atenção, do ponto de vista da pesquisa que aqui se apresenta, é que na temática sobre o trabalho doméstico nem sempre encontrei essa disparidade tão marcante entre "a escrita para a classe média" de Carmen e as produções feministas. Isso claro sem considerar o fato de que, nesse caso, Rose Marie Muraro não inclui as feministas na classe média, representando elas uma vanguarda revolucionária descolada de seu próprio contexto porque já conscientizada. Ainda assim, se formos levar em conta apenas a produção feminista periódica que observei no Brasil, poderíamos pensar que sua característica de material conscientizador, não para as mulheres de classe média como em **Claudia** mas para as mulheres das classes populares, tenha limitado também o aprofundamento das questões. Mas me pergunto se por exemplo o **Mulherio**, periódico feminista publicado até 1988, com características muito diversas dos seus predecessores observados, não foi escrito para feministas, se foi encarado apenas como "material de aliciamento", como seria "A arte de ser mulher" ou os periódicos feministas da década de 1970. Não parece ser o caso, e em diferentes ocasiões bibliografia de referência aponta que na década de 1980 já havia uma autocrítica dos grupos feministas por focarem apenas nos "problemas das outras" em suas produções dos anos 70. Ao mesmo tempo, parece bastante óbvio que o trabalho doméstico foi e é um problema que também afeta as feministas, como em exemplos já citados e em outros que observaremos adiante.

A imersão na bibliografia temática de orientação feminista e na produção da revista **Claudia** me oferecem segurança para afirmar que as problemáticas elencadas pelos feminismos acerca do trabalho doméstico no Brasil estão, de forma geral, também em **Claudia**. Essa afirmação vem acompanhada da ressalva de que, algumas características do trabalho gratuito prestado pelas donas de casa a suas famílias e a sociedade de forma ampla, principalmente aquilo que Shere Hite chamou de trabalho emocional⁶⁰⁷, muito raramente são abordadas pelos periódicos feministas observados no Brasil, e nem mesmo na bibliografia se fazem tão presentes, enquanto **Claudia** trata muitas vezes dessas questões. Com isso se conclui que, apesar de todos os limites que um espaço como "a maior revista feminina do país" poderia oferecer, os

⁶⁰⁷ Essa questão será melhor abordada adiante neste capítulo. **Claudia**. São Paulo, nº 322, Ano 27, julho de 1988, p. 144-147.

debates referentes ao trabalho doméstico feminino foram muito bem explorados, em muitas ocasiões inclusive de forma mais profusa que nas fontes feministas.⁶⁰⁸

O tom conciliador que atravessa a abordagem ao feminismo em **Claudia** dentro do recorte da pesquisa, até 1989, esteve em muitos sentidos presente no material de militância feminista do período também. A ausência de palavras de ordem e chamados revolucionários mais inflamados não parece, no saldo geral da observação, ter borrado ou ocultado da revista questões fulcrais para os feminismos do período referentes ao trabalho doméstico. Voltando para a escrita de Carmen, existem alguns pontos de seu feminismo percebidos a partir de 1970 que se destacam independente da organização das quatro fases que ela nos

⁶⁰⁸ É sempre importante ressaltar, sobre essas informações, que essa pesquisa, como são as pesquisas, é parcial e apresenta seus limites. Trabalhei diretamente com três dos periódicos feministas mais citados do período, o **Brasil Mulher** (1975-1980), o **Nós Mulheres** (1976-1978) e o **Mulherio** (1981-1988), citados em bibliografia e acessíveis em arquivos. Mas tanto a bibliografia quanto esses arquivos se localizam no Sudeste (leia-se Rio de Janeiro e São Paulo), onde estão os maiores centros urbanos do país e onde a maior parte dos discursos sobre essa história do feminismo foi produzida. A lista da bibliografia consultada, nessa pesquisa e na anterior (MELLO, S. Op. Cit. 2010), é extensa, mas de forma geral ela também é produzida com foco no Sudeste ou vem de países industrializados do Hemisfério Norte, ou então de capitais latino americanas. Digo isso para deixar claro que quando se afirma, no decorrer da tese, que não foram encontrados determinados discursos em material feminista, por exemplo que esses feminismos não dedicaram atenção às mulheres de camadas médias, é uma afirmação baseada na consulta de extenso *corpus* documental, mas não significa que essas questões não tenham absolutamente existido, no decorrer dos vinte anos do recorte da pesquisa, no Brasil como um todo. As histórias dos feminismos brasileiros nas décadas de 1970 e 80 para além do eixo Rio – São Paulo vem sendo escritas nos últimos anos, mas o recorte específico de minhas pesquisas, voltadas ao trabalho doméstico, e o diálogo com **Claudia**, uma revista com distribuição nacional mas estabelecida também no Sudeste, acabaram mantendo meu olhar nessas produções mais centrais, hegemônicas se podemos assim chamar, dos feminismos brasileiros do período. Para maiores informações sobre a imprensa feminista no Brasil nas décadas de 1970 e 80, ver CARDOSO, Elizabeth da Penha. **Imprensa feminista brasileira pós-1974**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2004. Disponível em <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27142/tde-17052004-165710-pt-br.php>> Acesso em 02/11/2015.

apresenta. Pontos como a identidade feminina, com grande foco na individualidade, na constituição do eu da mulher como pessoa plena de direitos e capaz de assumir os deveres dos indivíduos em sociedade, como mencionado anteriormente, perpassam toda a sua escrita. Os padrões de feminilidade e os condicionamentos sociais para que eles pudessem existir também foram abordados inúmeras vezes pela autora, padrões que não se coadunavam com o que ela chamava de "um papel mais ativo na sociedade". Por vezes ela discutiu pontos específicos da feminilidade, como o caso da "intuição feminina" – que avaliou como uma resposta social esperada de um ser criado e educado para servir, que tinha que adivinhar o que os outros queriam ou precisavam antes mesmo que lhe dissessem qualquer coisa.

Por outro lado, os padrões de masculinidade que depositavam sobre os homens expectativas inatingíveis, inumanas, são também debatidos diversas vezes em "A arte de ser mulher". Ser sempre forte, seguro, sempre saber o que fazer, sustentar a casa sozinho em tempos de crise, nunca se deixar afetar pelo lado emocional, são características esperadas dos homens que a autora comentou e questionou, argumentando que a "nova mulher" e mais tarde o feminismo seriam fenômenos que libertariam também os homens, e não apenas as mulheres. Não foram, em contrapartida, uma ou duas as ocasiões em que ela escreve diretamente para os homens, dialogando com eles. Começaremos a observar mais detalhadamente os escritos de Carmen a partir de um desses casos: "Carta ao homem brasileiro. Quem avisa, amigo é", de abril de 1970.

Antes, todavia, é importante ponderarmos que não é a toa que Carmen da Silva é mencionada, de um modo ou de outro, do princípio ao fim desta tese. Um estudo voltado a discutir um dos vieses feministas de **Claudia** não poderia se dar de outra forma. Entretanto, a presente observação traz um recorte bem particular: não foram encontradas em bibliografia ou mesmo na publicação uma relação entre a autora e o trabalho doméstico. Entre ela e o trabalho feminino – fora de casa, remunerado, formal – sim, e rápidas menções à sua aversão pessoal aos trabalhos domésticos também. Mas as posições, análises e questões que Carmen propôs a respeito do trabalho doméstico feminino aparentemente não foram foco de reflexão até aqui, a não ser quando o trabalho doméstico intervinha ou se relacionava com o trabalho feminino fora do lar ou principalmente quando a função doméstica funcionava como um lugar-comum para a identidade das mulheres. Entretanto, como poderemos observar, a materialidade do trabalho

doméstico e muitos dos seus triviais pormenores foram sim, ao longo dos anos, abordados pela autora, que desse modo estabeleceu um diálogo com **Claudia** de forma mais ampla, uma vez que a revista em tantos momentos se voltou aos pormenores do trabalho doméstico. Mantendo essa perspectiva em vista, observaremos com maior acuidade alguns dos artigos de Carmem da Silva focados na problemática do trabalho doméstico feminino sob diferentes ângulos.

5.1.1. A leitura dos artigos

Reproduzo a seguir um trecho de "Carta ao homem brasileiro (...)", cujo subitem, "Você, e essa sua falta de preparo para a vida doméstica, para o cotidiano", deixa transparecer bem o tom dos escritos de Carmen da Silva sobre a temática, principalmente em suas primeiras fases.

A culpa não é totalmente sua e sim da formação que você recebeu dos exemplos que a sociedade lhe dá. Você não foi preparado para enfrentar as nimiedades da vida doméstica, o prosaísmo do cotidiano que se desenrola dentro de quatro paredes. Sabe lutar na arena ampla do mundo, mas dentro de casa sua mãe o habituou desde pequeno a não mover um dedo nem para apanhar um copo de água: sempre havia em torno de você mãos femininas para realizar o milagre do feijão pronto na hora, das camisas impecáveis, da ordem, da limpeza.

Ocorre que sua mulher pretende comunicar-lhe as experiências dela, pois opina que isso faz parte do casamento. E essas experiências abarcam entre outras coisas o copo de água, o feijão pronto na hora, a camisa impecável, a ordem, a limpeza. E quiçá não abarquem muito mais do que isso, pois você é o primeiro a prendê-la, achando que o lugar dela é o lar e que toda veicidade de transcendência deve ser desestimulada. Ora, eis que esse mundinho das coisas materiais começa a irritá-lo. Você tenta outro tipo de diálogo, mas fracassa; ela pouco sabe da luta lá fora – e nem você quer que ela saiba; ela tem menos instrução que você – e foi ignorante que você a quis, feita para olhá-lo com

olhos deslumbrados de admiração; os interesses dela são limitados, como convém a uma mulher criada e condicionada para ser apenas esposa e mãe – o tipo de mulher que você escolheu precisamente por ela ser assim. (...) (sic)⁶⁰⁹

O artigo é finalizado com um dos argumentos que marcam repetida presença em "A arte de ser mulher"

Prezado Homem Brasileiro: você é muito dono de continuar fazendo o que bem entender – quem sou eu para impedi-lo? A única coisa que digo é que quando incito as mulheres a serem **gente**, não é contra você, mas sim em seu próprio interesse: é de pessoa total a pessoa total que vocês vão poder confiar um no outro sem surpresas, respeitar-se e conviver. Interprete como quiser – sem esquecer entretanto de que quem avisa amigo é. (sic)⁶¹⁰

Dentre os aspectos que chamam a atenção nesse artigo, ainda temos outro subitem intitulado "Você, e essa mania de achar que eu fomento uma guerrinha que é muito antiga", em que Carmen da Silva lembra que o antagonismo entre homens e mulheres no sentido de "guerra dos sexos" é muito anterior a qualquer de seus argumentos, e vai no sentido exatamente contrário daquilo que ela propõe. Em seguida ela traz um discurso bastante conciliador, pregando o melhor entendimento, considerando que "(...) o homem e a mulher deveriam poder comunicar-se em outro nível, não como antagonistas e sim como aliados, pois para isso a natureza os destinou e por essa aliança clamam os melhores sentimentos dos dois." Seu argumento prossegue esclarecendo que, sem dúvida, ela contesta o "preconceito da 'superioridade' nata de um sexo sobre outro" (sic), mas não o faria por um senso abstrato de justiça, mas sobretudo por "tôda a infelicidade concreta, tôda a frustração real que nele se originam" (sic).

Destarte, podemos observar no artigo de 1970 uma série de argumentos que se repetiram no decorrer da década e também nos anos 80 na coluna, com o acréscimo e desenvolvimento de determinados conceitos. Um aspecto que parece importante frisar é que, ao mesmo

⁶⁰⁹ Carta ao homem brasileiro. Quem avisa, amigo é. **Claudia**. São Paulo, n° 103, Ano IX, abril de 1970, p. 71.

⁶¹⁰ Idem. Grifo da autora.

tempo em que Carmen buscava mostrar às leitoras – e nesse caso, também aos leitores – uma "visão nítida, cruel de si mesmas"⁶¹¹, ela estava em frequente negociação com o veículo. **Claudia** certamente não carregava discursos neutros, mas estes eram tampouco homogêneos. A colunista precisou atuar dentro do ideal de modernização conservadora que guiava o projeto editorial da revista, o qual permitia pequenos avanços, desde que não representassem uma ruptura com o modelo tradicional de feminilidade.⁶¹²

Desse modo, aborda-se "a formação que você recebeu", o condicionamento dos homens, retirando deles individualmente a culpa total pelos privilégios que recebiam, da mesma forma que anos depois o sistema patriarcal é apontado como o culpado por determinadas situações, e não os homens individualmente. Essa posição não impediu que Carmen ainda assim chamasse a parte de responsabilidade para os homens, como fez já nesse artigo de 1970, mas essa parece ter sido uma de suas ferramentas para amenizar os textos, deixá-los aceitáveis para o veículo e também para as leitoras, além de pensar no caráter estrutural e coletivo dessas desigualdades. Outro tema recorrente na seção foram as vantagens para os homens de ter uma companheira que pudesse ser "gente", um indivíduo completo, um ser humano que pudesse se desenvolver sem tantas limitações. Ou seja, ela não colocava a busca por direitos das mulheres como uma atitude "egoísta" das mulheres, apresentando a questão do ponto de vista conciliador. A partir desse ponto podemos perceber também que "incitar as mulheres a serem **gente**" ainda não recebia nome. O artigo de 1970 não menciona nem mesmo a emancipação feminina.

Três meses após sua publicação, entretanto, Carmen publica "Qual é a sua posição dentro do casamento?", artigo que surge em resposta às cartas recebidas comentando "Carta ao homem brasileiro (...)". Agora, a "situação feminina no mundo", assim como a "emancipação feminina" são sim mencionadas, dentre um conjunto realmente amplo e complexo de questões referentes às mulheres nos lares. Sob uma imagem bastante icônica, de uma modelo vestindo uma insinuante camisola branca, sentada com semblante sério, descalça, em uma palma de mão masculina, o texto busca, através dos condicionamentos sociais masculinos e femininos e com muito apoio da psicanálise, explicar por que Carmen recebeu tantas cartas inflamadas de mulheres contra homens em decorrência de seu artigo anterior, que ela

⁶¹¹ DUARTE, A. Op. Cit., 2005, p. 109.

⁶¹² Ibidem, p. 169.

mesma considerou "uma advertência serena, isenta"⁶¹³ endereçada aos homens. O ponto central de Carmen no artigo seria que a sociedade – e nesse aspecto ela cita inclusive a cultura de massa – investiria no interesse de manter as mulheres em casa, encarceradas, ignorantes, o que justificaria seus menores salários, sua situação subalterna. Isso construiria mundos completamente díspares para homens e mulheres desde a infância, e então é claro que seu convívio quando casados seria complicado, em tom de "guerra", e que seria de fundamental importância que as mulheres não deixassem essa "conversa fiada" separar homens e mulheres em "castas sexuais", que "nos tornem inimigas de nosso companheiro, nosso aliado natural".

Para chegar a essa conclusão, para contextualizar a "guerrilha-nada-santa, a antiga e lamentável inimizade homem-mulher", entretanto, Carmen da Silva percorre inúmeras questões centrais para os feminismos brasileiros na década de 1970 a respeito do trabalho doméstico, mas que as produções feministas só vão abordar meia década mais tarde.

Sua história começa no lar. A divisão tradicional de papéis põe a mãe a ocupar-se da casa e dos filhos enquanto o pai ganha a vida lá fora. Esse "lá-fora" está aureolado de prestígio: é a proeza, a aventura, o ignoto. Estou certa de que muitas crianças de hoje, durante as "horas de expediente" (e sabe lá uma criança o que é isso!) imaginam o papai voando sobre os telhados com capa de Batman ou distintivo de Superman no peito: longe da vista e da compreensão, o lá-fora se tingia de fantasia idealizadora. (sic)⁶¹⁴

A menção aos super-heróis é muito interessante e faz recordar uma charge publicada em 1990, em um periódico feminista paraguaio, chamado **La Micrófona**⁶¹⁵, que poderia ilustrar o texto de Carmen da Silva. Na charge se vê justamente um menino e uma menina lendo um livro escolar e imaginando o pai saindo voando de casa com sua capa de super-herói enquanto a mãe acena, vestida em trajes humildes, lenço na cabeça, com um bebê nos braços ao lado de uma vassoura na porta de

⁶¹³ **Claudia**. São Paulo, nº 106, Ano IX, julho de 1970, p. 37.

⁶¹⁴ *Ibidem*, p. 33.

⁶¹⁵ *La Micrófona*. Asunción, Ano 1, nº 6, junho de 1990, p. 10 Apud MELLO, S. Op. Cit., 2011, p. 37.

casa. A permanência dessas questões muitas vezes nos tocam, e a descrição daquilo que as feministas anos mais tarde sistematizaram como uma crítica à divisão de esferas pública e privada, como primordialmente masculina e feminina, está presente na continuação no texto de Carmen

A atitude materna tende a reforçar tais ilusões. Com algo de razão (quem trabalha todo o dia merece um fim de jornada tranqüilo) e algo de subserviência de quem é mantido pelo trabalho alheio, a mãe rodeia de cerimonial o regresso do pai ao lar. Tudo tem de estar em ordem, todo mundo banhado, arrumado, perfumado, bem comportado, quieto; nada de barulho, discussões e estripulias; é a hora sagrada do repouso do guerreiro.

Em contraste com a superimagem paterna, a mãe é a pessoa-que-está-aí: cotidiana, repetida, sem mistério. Sempre à mão para o tô-com-fome, tô-com-sede, me-dói-o-dente, mãe-óia-o-Juca-tá-implicando-comigo – receptáculo de solicitações que não acabam nunca. É a pessoa que se agacha quarenta vêzes por dia para apanhar a bola do nenê debaixo do sofá e que cose até queimar as pestanas para terminar o vestido que a adolescente quer porque quer estrear amanhã sem falta. É a que dá banho, muda as fraldas, abre e fecha botões e zíperes, amarra os cordões dos sapatos, distribui a sopa, prepara a lancheira do escolar, passa mercúrio-cromo nas esfoladuras, pincela a garganta. É também a que fiscaliza, ralha, castiga, ordena, proíbe, arenga – e às vezes o faz com tal frequência que sua autoridade se desgasta no uso, os filhos já não a atendem mais e ela tem de recorrer à instância suprema: "Deixa estar, você vai ver quando seu pai chegar" – inflando ainda mais o mito paterno. (sic)

Essa descrição das tarefas da dona de casa é de fato mais detalhada e mais preocupada com as implicações psicológicas do trabalho doméstico do que muitas das descrições encontradas nos periódicos feministas de maior circulação no Brasil no período analisado. Ao mesmo tempo, como pode-se observar na continuação da citação, Carmen não considera que a presença de empregadas

domésticas resolva a questão de modo geral. Ainda assim, o modo desqualificante com que se refere ao trabalho doméstico, muito presente em sua escrita nos anos 1970, não encontra paralelo nas publicações feministas observadas.

As mulheres que executam pessoalmente todo o trabalho caseiro costumam delegar pequenas tarefas aos filhos (e sobretudo às filhas) que já têm idade de ajudar; é uma boa disciplina, mas contribui para fixar no espírito infantil a noção de que trabalho de mulher é tão simples que até uma criança pode fazer. Havendo empregadas, são tantas outras pessoas do sexo feminino a realizarem lidas rudimentares e sem atrativo; em geral só as classes economicamente mais favorecidas empregam homens no serviço doméstico, porque a remuneração deles é bem mais alta – ponto que convém registrar. (...) Enfim, o mero transcorrer da existência num lar tradicional já basta para dar à criança uma visão prestigiosa do homem em contraste com uma visão mesquinha e desvalorizada da mulher. (...) (sic)

O riquíssimo artigo⁶¹⁶ avança explicando como se constroem esses mundos tão antagônicos, masculino e feminino

⁶¹⁶ No começo desse artigo, Carmen da Silva comenta que precisava repetir seus argumentos muitas vezes porque os homens entendiam a teoria mas sempre alegavam que "com a mulher deles era diferente, ela já estava acostumada..", e então era necessário insistir, mostrar a questão por diferentes ângulos, para que o "clic" se produzisse entre eles. A princípio pensei que o uso do "clic" fosse uma referência ao texto de inauguração da **Ms. Magazine**, "*The housewife's moment of truth*" (O momento da verdade da dona de casa), de Jane O'Reilly, em que o "*click*" (em inglês) é apontado como o momento de despertar das donas de casa, quando elas se percebiam de forma coletiva, vítimas de determinadas discriminações porque eram mulheres. Esse texto circulou bastante, é muito importante para o feminismo estadunidense e é citado por diferentes textos de referência quando o assunto são os feminismos de Segunda Onda na América do Norte. Entretanto, percebi que o artigo "Qual é a sua posição dentro do casamento?", de abril de 1970, é anterior à primeira edição da **Ms.**, lançada em 20 de novembro de 1971. O "clic" então parece ser apenas um termo comum utilizado no período para o entender, o despertar, nosso atual "caiu a ficha", sobre determinada questão. O texto de Jane O'Reilly está

(...) dos fogões e panelinhas de brinquedo ela passa aos de verdade para aprender o desempenho das chamadas "taferas inerentes a seu sexo" – e é assim que ouvi de uma criança de onze anos, filha da classe média acomodada, a declaração de que para casar-se só lhe faltava a idade, pois cozinhar, limpar a casa, lavar e engomar ela já sabia!

Quando adolescentes, as diferenças seriam tantas que meninos e meninas pareceriam criaturas de distintos planetas, eles sendo preparados para a carreira, a afirmação pessoal, a participação na sociedade e elas para a conquista do homem, a domesticidade, os filhos. A maioria das mulheres identificaria a realização e autonomia com a perda da feminilidade, "ingresso numa terra-de-ninguém em que não se é nem homem nem mulher, senão uma paródia monstruosa". Esse ponto, especificamente, é bastante trabalhado por Betty Friedan em **Mística feminina**, de forma especialmente tocante quando ela explica que desistiu de uma bolsa de doutorado e da continuidade na carreira acadêmica em psicologia porque seu então namorado terminou seu relacionamento com ela alegando que ele jamais conseguiria uma bolsa daquelas. Por medo do desamor ela abriu mão da carreira que havia escolhido para si.⁶¹⁷

Carmen também comenta como, diante dessas circunstâncias, as mulheres não ousavam ser elas mesmas, sempre buscando adequar suas personalidades ao homem escolhido (ou que as escolheu), cultivando um exagerado narcisismo físico. No final das contas, ela argumenta, a responsabilização dessas mulheres conservadoras e limitadas, sem ajuda paterna, pelos cuidados das crianças em toda a primeira infância prejudicaria, do ponto de vista psicológico, tanto as mães quanto as próprias crianças. Então ela volta novamente seu discurso aos interesses da sociedade em manter as mulheres como esteio do conservadorismo, passando às novas gerações a educação que suas avós receberam. Seres menosprezados que recebiam como consolo o status do papel de mãe, que era "sagrado".

disponível em <http://nymag.com/news/features/46167/> Acesso em 02/11/2015.

⁶¹⁷ FRIEDAN, B. Op. Cit., 1971, p. 63.

Exatamente um ano depois, em julho de 1971, Carmen da Silva atualiza um pouco esse discurso em "O que é uma mulher livre"⁶¹⁸, acrescentando o desempenho das mulheres como consumidoras nos interesses por trás dessa manutenção do papel tradicional feminino. No artigo, ela resenha a **Mística feminina** em função da visita de Betty Friedan ao Brasil em abril daquele ano para lançamento e divulgação da obra. Comenta os destratos recebidos pela americana na imprensa brasileira, os estereótipos e inverdades divulgados a seu respeito, e endossa o conteúdo da obra, citando pesquisa divulgada em um meio de grande circulação nacional que trazia dados semelhantes, sobre a insatisfação, o "mal sem nome" em donas de casa sem ocupações fora do lar também no Brasil. A foto que acompanha o artigo é novamente muito interessante, uma dona de casa, muito bem vestida e arrumada, olhando séria de dentro da janela da sala, em pé, algemada com grilhões. O quadro pendurado ao fundo, as flores impecáveis sobre uma mesinha com toalha de renda, o batente da janela e as plantas na floreira indicam a representação de um lar ideal, uma casa bem equipada e bem cuidada.

É um artigo em que Carmen começa comentando uma grande passeata de mulheres nos EUA em agosto de 1970, e suas reivindicações por trabalho e instrução, paridade de salários, direito ao aborto e abertura de creches em regime integral. São mencionados também, no texto, termos como "manifestações feministas", "machismo" e "Movimento de Libertação Feminina", e Simone de Beauvoir é citada – "já não se sabe se as batatas fritas se destinam ao marido ou o marido às batatas fritas". Em entrevista supracitada, Carmen da Silva comenta que levou oito anos até empregar a palavra feminismo, "fazendo a dancinha dos sete véus, até assumir".⁶¹⁹ Como, para essa pesquisa, não foram consultados todos os números de **Claudia**, não tenho certeza se foi exatamente nesse artigo de julho de 1971 que ela "inaugurou" o uso destes termos na seção. Seja como for, certamente abordar feminismo e machismo falando das americanas, e não das brasileiras, seria a princípio um caminho mais seguro e aceitável, especialmente no contexto da ditadura.

O artigo do próximo número, de agosto de 1971, trabalha em continuidade com "O que é uma mulher livre": "Por que é preciso ser livre".⁶²⁰ Inclusive a fotografia que o acompanha é da mesma modelo,

⁶¹⁸ **Claudia**. São Paulo, nº 118, Ano X, julho de 1971.

⁶¹⁹ Entrevista realizada a 07/03/1978, no Rio de Janeiro, por Maria Lygia Q. de Moraes N. NEHRING, M. Op. Cit., 1981, p. 136.

⁶²⁰ **Claudia**. São Paulo, nº 119, Ano X, agosto de 1971.

com a mesma produção, no mesmo cenário, mas agora sorrindo, na frente da janela do lado de fora da casa, com os braços erguidos e os grillhões rompidos. O texto se volta às brasileiras e busca, através das quatro reivindicações elencadas pela passeata das estadunidenses – trabalho e instrução, paridade salarial, aborto e creches –, pensar no caso específico do Brasil. Algumas expressões utilizadas pela autora chamam a atenção, como quando ela opõe atividade socialmente útil a parasitismo⁶²¹ ou chama a dona de casa de governanta de tempo integral. Faz ponderações sobre a situação das mães proletárias, mas indica que "o Movimento de Libertação da Mulher ainda não chegou ao nível do proletariado", por enquanto sendo uma "típica reivindicação de classe média". Em um meio-caminho em que busca debater o direito ao trabalho profissional, ao aborto e às creches públicas e acessíveis, Carmen traz a seguinte descrição do trabalho das mães no cuidado das crianças

Se a pressão econômica não fôr inescapável, as mães de família dedicam-se exclusivamente aos filhos. Sem dúvida, eles proporcionam muitas alegrias, muitas compensações: não estamos discutindo aqui os aspectos positivos da maternidade. Mas reconheçamos que ocupar-se deles em tempo integral é uma tarefa absorvente e massacrante que, não raro, acaba por minar justamente a parte mais positiva do vínculo. Trata-se de dispensar cuidados físicos constantes e completos – higiene, alimentação, abrigo, segurança, etc.; atender às necessidades materiais e afetivas, às vezes simultâneas e quase sempre imediatas de várias crianças; satisfazer os desejos e disciplinar os caprichos; moderar ocasionais brigas e ciúmeiras; fiscalizar correrias e travessuras; prevenir perigos e acidentes sem cercear a expansão das energias e o exercício da curiosidade infantil na exploração do mundo em torno; remediar os desastres que ocorrem apesar

⁶²¹ O apreço de Carmen da Silva pelo trabalho produtivo pode ser identificado em diferentes momentos no magazine. Mais de uma vez se citou o pequeno trecho de um de seus romances, **Sangue sem dono**: "Eu é o sujeito do verbo trabalhar, do verbo viver". Dessa forma, se enfatizava a importância do trabalho profissional da vida dela. Uma dessas citações pode ser encontrada em **Claudia**. São Paulo, nº 308, Ano XXVI, maio de 1987, p. 216.

das precauções; participar de brinquedos monótonos ou fisicamente cansativos; adaptar o próprio raciocínio à mentalidade infantil, embotar a inteligência à força de falar o dia inteiro temas de criança em linguagem de criança. Em suma, não poder dispor de si nem mesmo para pensar durante as 24 horas do dia. (sic)⁶²²

Em seguida no próximo tópico do texto, ela já encadeia o argumento afirmando que "Nenhuma mulher se sente realizada *só* com isso. Digam o que disserem (...)". A presença da obra de Betty Friedan nesse texto é irrefutável, quando se levantam considerações como que "a maternidade a impede de se realizar em outros campos como pessoa total", ou que a mulher que era exclusivamente mãe, por viver e se realizar através dos filhos, acabava mutilando suas personalidades, e que as melhores mães eram aquelas que desempenhavam também outras atividades, satisfatórias para si e úteis para a sociedade (daí a necessidade das creches). A divisão igualitária do trabalho doméstico com o esposo não é citada, assim como não é tópico em **Mística feminina**.⁶²³ Podemos também perceber como se desmerecem as atividades domésticas, outro sinal de apropriação da obra de Betty Friedan mas que até este momento era muito presente na própria Carmen, uma postura que os periódicos feministas no Brasil, anos mais tarde, evitaram. Além disso, temos a lembrança do quadro do Apêndice 1 desta tese: quantas tarefas descritas naquele quadro são também aqui descritas por Carmen da Silva? Quantas não poderiam ser acrescidas no quadro em decorrência apenas desse trecho citado?⁶²⁴

No decorrer da primeira metade da década de 1970, Carmen da Silva continua abordando temas como: o papel sempre secundário da mulher na sociedade, propagado e incentivado pela mídia de massa; a ideia de oposição entre os sexos como estereotipada; muitos exemplos de mulheres se organizando ao redor do mundo (principalmente na América do Norte e Europa); ou ainda o movimento por creches no

⁶²² **Claudia**. São Paulo, nº 119, Ano X, agosto de 1971.

⁶²³ Na minha leitura da obra, só percebi uma ligeira menção a "pedir ajuda" ao marido e aos filhos, na página 301.

⁶²⁴ Lembrando que o quadro, no qual se listam cerca de 1100 diferentes atividades das donas de casa que surgem em **Claudia**, disponível no Apêndice 1 desta tese, foi realizado se excluindo as seções "Cozinha experimental de Claudia" e também "A arte de ser mulher".

Brasil.⁶²⁵ Mesmo em 1975, quando o Ano da Mulher é instituído pela ONU e se desenvolve o movimento feminista mais organizado no país, com suas características particulares que já foram abordadas repetidas vezes nesta tese, a perspectiva de um feminismo liberal que desqualificava bastante o trabalho doméstico gratuito da "classe média acomodada" ainda⁶²⁶ estava muito presente em seus escritos. Temos exemplos nesse sentido em "Afiml, somos realmente livres?", de setembro de 1975, e em "A caça", em dezembro do mesmo ano.

No primeiro exemplo, o texto se apresenta falando dos problemas comuns das mulheres no Ocidente (discriminação, coisificação), e daqueles que variavam enormemente segundo os grupos sociais diversos de onde essas mulheres eram oriundas. Assim ela explicava que não estava se dirigindo à brasileira de forma geral, mas à de classe média e média-alta, setor majoritário de seu público, "objeto sexual e doméstico". No meio de seu artigo ela afirma que

O que ela ainda não conseguiu entender é o trabalho como uma imposição social. O fato de que o mundo só funciona com o trabalho, graças ao trabalho. Que quem quer que viva numa comunidade, recebendo os bens e serviços que ela proporciona, sem contribuir em absolutamente nada para sua produção, é um parasita, um peso morto. A mulher brasileira descobriu o trabalho como solução pessoal mas não assumiu ainda uma genuína consciência de responsabilidade e participação social.⁶²⁷

⁶²⁵ Importante colocar que este foi um movimento de mulheres, que não se posicionou como feminista.

⁶²⁶ Outro tipo de discurso presente nesse momento – 1975 – e que se modifica com os anos nos escritos de Carmen da Silva é a ideia de que as mulheres muitas vezes apanhavam de seus companheiros nos estratos sociais mais baixos. Os casos de grande destaque de violência contra mulheres e os movimentos e pesquisas feministas certamente interviram nesse ponto de vista, que quase não aparece nos próximos anos – observei apenas em setembro de 1979. Isso ocorre a ponto de um dos artigos de Carmen, de novembro de 1980, em memória às vítimas do machismo, incluir depois do nome das vítimas um "nós" no título, apontando que a questão afetaria as mulheres de modo geral, e não apenas as das classes trabalhadoras.

⁶²⁷ **Claudia**. São Paulo, nº 168, Ano XIV, setembro de 1975, p. 142.

No segundo exemplo, retirado do artigo "A caça", Carmen traz um histórico geral da socialização das mulheres explicando como elas foram excluídas do trabalho produtivo através da mistificação da feminilidade, e aponta que "Do ponto de vista sócio-econômico, a marginalização da mulher é desastrosa. As que não produzem bens e serviços – mas que os consomem e utilizam – representam um *gravoso peso morto* para toda a sociedade."⁶²⁸ Essa é uma leitura marcadamente discrepante daquela de feministas norte americanas que sinalizaram a centralidade das donas de casa como consumidoras para o sucesso da economia industrializada em expansão. Entretanto, no prosseguir do artigo Carmen utiliza um argumento que pode, novamente, ser associado à **Mística feminina**, do desperdício de potencial científico, artístico e acadêmico que havia nessa meia população trancada nos lares ou condenada a trabalhos menores.

Em 1976 essa postura ainda pode ser encontrada nos escritos de Carmen da Silva, que questiona a associação entre feminilidade e o lar, indagando por exemplo que, se feminilidade representava beleza, onde ficaria o trabalho doméstico – atividade vil, menor – nisso?⁶²⁹ Ou que, independente das belíssimas representações femininas na literatura, na vida real "elas continuam sendo domésticas sem instrução nem perspectivas, vivendo um dia-a-dia de encerrar o chão e ariar panelas".⁶³⁰ Ao denunciar a dupla jornada feminina, mesmo em casais com jornadas de trabalho equivalentes fora de casa, ela se volta novamente ao mito da feminilidade para atestar que "(...) sublimidade acaba sendo apenas um rótulo bonito para que você agache o lombo no tanque sem protestar".⁶³¹

Por outro lado, apesar da forte presença de aspectos de um feminismo de linha mais liberal e sua subsequente visão depreciativa das tarefas domésticas, novas terminologias no que se refere ao trabalho doméstico vão surgindo em "A arte de ser mulher". Nesse mesmo artigo, "A caça",⁶³² Carmen já debate a ideia das mulheres como exército de

⁶²⁸ **Claudia**. São Paulo, nº 171, Ano XV, dezembro de 1975, p. 160. Meus grifos.

⁶²⁹ **Claudia**. São Paulo, nº 172, Ano XV, janeiro de 1976.

⁶³⁰ **Claudia**. São Paulo, nº 174, Ano XV, março de 1976.

⁶³¹ Idem.

⁶³² É importante sinalizar que esse artigo é a síntese de uma conferência proferida no encontro "A Gaúcha no Ano Internacional da Mulher", organizado pelo Conselho Estadual de Entidades Femininas de Porto Alegre em 1975, o

reserva na força de trabalho, ponto bastante trabalhado pelos feminismos de orientação marxista do período.⁶³³ No artigo "Norma Bengell – de vedete a feminista"⁶³⁴, de abril de 1975, ela entrevista a atriz brasileira⁶³⁵ que, ao recebê-la, pede desculpas por não ter muito para oferecer em casa e, em resposta à pergunta de quem cozinhava ali, comenta que era conforme a disposição das pessoas, que ali ninguém "fazia infraestrutura" para ninguém. Esse termo passa a ser usado por Carmen algumas vezes a partir de então, para se referir ao trabalho doméstico, como por exemplo em setembro de 1975. Sistema patriarcal ou cultura de massa patriarcal, ou seja, o conceito de patriarcado, também tão importante para os feminismos desta geração, marca do mesmo modo maior frequência em seus escritos a partir de então.

Outra importante apropriação de debates feministas que a seção traz a partir de 1976 é a figura da dona de casa como produtora de mão de obra.⁶³⁶ Entretanto, Carmen pensa na manutenção do trabalho produtivo provido pelas donas de casa apenas até aí, até a reprodução no ventre e criação das crianças, não se referindo ao cozinhar, lavar, passar, limpar, atender aos doentes e outras atividades domésticas como reprodutoras também da força de trabalho já adulta. As teorias feministas, por sua vez, apresentam a perspectiva de que o trabalho doméstico como um todo reproduz a força de trabalho, não apenas no sentido literal de reprodução, de ter filhos, mas de manter e renovar com os cuidados básicos que provém descanso, saúde e disposição ao trabalhador.

Esses são anos em que na seção se questiona repetidamente a naturalização do trabalho doméstico como feminino, e muitas vezes a socialização desses serviços, através de aparelhos sociais como creches

que demonstra a atuação de Carmen da Silva para além de **Claudia** e os diálogos que estabeleceu entre essa atuação e os seus textos.

⁶³³ Exemplo em SAFFIOTI, H. Op. Cit., 1978, p. 183-197.

⁶³⁴ **Claudia**. São Paulo, nº 163, Ano XIV, abril de 1975, p. 142-150.

⁶³⁵ Norma Bengell se exilou em Paris em 1971, participando lá de grupos feministas, fato que não é comentado por Carmen em seu artigo, provavelmente para evitar a censura. No artigo se comentam as dificuldades financeiras extremas que a atriz enfrentou até a adaptação na França, mas tudo como sendo um projeto pessoal de se aperfeiçoar na profissão e de escapar da imagem de símbolo sexual que tinha no Brasil, onde por isso seu trabalho não era reconhecido como sério. Provavelmente esses fatores fizeram de fato parte da trajetória da atriz, mas certamente a perseguição política pesou na sua decisão de se mudar e nas subsequentes dificuldades que enfrentou.

⁶³⁶ Exemplos em março, maio e dezembro de 1976.

ou lavanderias coletivas, é apontada como uma solução. A ideia de que as mulheres da "classe média esclarecida" poderiam formar uma espécie de vanguarda feminista, invadindo o mercado de trabalho e impondo a força as necessidades e reivindicações de *todas* as mulheres também surge e se repete nesse momento, e a divisão igualitária das tarefas no lar, no caso de casais que cumprem a mesma jornada fora de casa, incluindo os filhos dentro de suas possibilidades, também surge nos textos.

Em setembro de 1976, outra mudança de perspectiva importante para os fins desta tese é percebida no discurso de Carmen da Silva. Em "Carta aberta aos homens", artigo novamente dirigido ao público masculino, a autora investe nos argumentos de que desqualificar tanto assim a pessoa que se escolhe como companheira para a vida toda, ou que foi responsável pela sua criação, simplesmente porque são as pessoas encarregadas de tarefas que se julgam desprezíveis – ainda que indispensáveis –, não faria muito sentido, seria uma injustiça e que no plano geral da sociedade todos seríamos vítimas da discriminação, uma vez que "não se pode conceber a felicidade do homem sem a felicidade da mulher".⁶³⁷ O que chama a atenção no artigo é que, apesar do título de um de seus itens, voltado ao trabalho doméstico, reiterar o desmerecimento do mesmo ("Um tópico chato mas indispensável: a domesticidade"), ao comentar o caráter menor dessas atividades, Carmen não assume mais totalmente o discurso, o transferindo para a figura do homem a quem dirige seu texto

A verdade é que *os homens atribuem* uma conotação desdenhosa aos trabalhos domésticos. Ocupar-se de uma casa, administrá-la, fazê-la funcionar bem seriam "coisas de mulher": não exigem (*pensam eles*) inteligência nem criam nada permanente. Este segundo aspecto é certo: limpa-se para tornar a sujar, arruma-se para desarrumar, leva-se duas horas cozinhando para consumir em vinte minutos.⁶³⁸

Seguindo cronologicamente as publicações em "A arte de ser mulher", entre o final de 1976 e começo de 1977 a coluna publicou artigos especiais sobre a mulher italiana, em decorrência da visita de

⁶³⁷ **Claudia**. São Paulo, nº 180, Ano XV, setembro de 1976, p. 200.

⁶³⁸ *Idem*. Meus grifos.

Carmen da Silva ao país, com frequentes analogias à situação da mulher brasileira. O primeiro desses artigos, de novembro de 1976, se intitula "A mulher italiana ainda é a 'mamma'"⁶³⁹, e o último deles, de fevereiro de 1977, focado nas reivindicações do feminismo italiano – que incluíam a socialização do trabalho doméstico e o debate sobre salários para donas de casa⁶⁴⁰ –, foi intitulado "A mulher italiana quer deixar de ser a 'mamma'". Em meio a essa série, temos "Falta um homem nesta cozinha!", de dezembro, muito concentrado no problema da dupla jornada de trabalho feminina e conforme já indica sua chamada, com grande crítica à divisão sexual do trabalho nos lares.

A imagem que acompanha o artigo é a fotografia de um amontoado de louça suja em cima de uma mesa: duas panelas, garrafas vazias, copos, pratos, talheres, coador de café e cinzeiro usados. O texto se constrói falando muito sobre o trabalho profissional das italianas, contando o caso específico de três mulheres, uma artista, uma dona de um bar familiar, ambas casadas, e uma médica solteira. As desigualdades e discriminações no mercado de trabalho, muito semelhantes ao caso brasileiro, são bastante discutidas, com argumentos que foram comuns nos feminismos contemporâneos a sua publicação: mulheres como exército de reserva de mão de obra; as formas como os salários mais baixos das mulheres prejudicavam toda a força de trabalho, beneficiando apenas os capitalistas; os interesses dos setores dominantes em manter as mulheres em casa reproduzindo gratuitamente

⁶³⁹ **Claudia**. São Paulo, nº 182, Ano XVI, novembro de 1976.

⁶⁴⁰ Importante mencionar que Carmen da Silva, ao expor o debate feminista italiano sobre os salários para as donas de casa, menciona o trabalho doméstico como reprodutor da força de trabalho também adulta, no sentido de manutenção do trabalhador. Mas isso só ocorre dessa forma, falando na terceira pessoa. Quando ela se coloca sobre o tema sempre dirige a questão para a reprodução biológica e a educação das crianças, o que nos leva a inferir que ela não era totalmente de acordo com o ponto de vista de que o trabalho produtivo dependia diretamente do trabalho doméstico. São questões que não são totalmente explicitadas nas fontes, mas sua insistência na necessidades de aparelhos públicos para prover a "infraestrutura" (conforme seus termos) proporcionada pelas donas de casa, faz pensar que o comer fora, ou o usar lavanderias, fossem opções para adultos que poderiam diminuir drasticamente essa necessidade de infraestrutura no lar. Tanto a história pessoal de Carmen quanto leituras como a **Mística Feminina** – onde se repete muitas vezes que o trabalho de casa não toma tanto tempo assim, que há maneiras de se fazer todo o trabalho em duas horas por dia etc. – podem ser apontados como fatores que se conciliam na construção desse ponto de vista.

mão de obra abundante; empregos de meio turno para mulheres como problemáticos; sendo o caminho de solução apontado, além da divisão de tarefa nos lares, a disponibilidade de creches públicas e acessíveis e outros tipos de infraestrutura social.

Em junho de 1977 Carmen da Silva publica um artigo interessantíssimo, com base em sua observação dos homens daquilo que ela costumava chamar de classe média esclarecida: "Desconfie do homem que se diz feminista (é mais um truque do machão!)". Durante um bate papo em um pequeno grupo de casais, dentre os quais todas as mulheres eram feministas atuantes e recebiam apoio de seus companheiros, ela teve a ideia para escrever o artigo ao perceber como os homens ficaram incomodados quando foi comentada uma reunião só de mulheres para discutir algumas questões feministas. Partindo da analogia de que nenhum daqueles homens se incomodaria em não estar presente em uma reunião do sindicato de metalúrgicos, por exemplo, a autora começa a construir um texto extenso que, observando outros casais de sua convivência, chega à conclusão que mesmo esses homens comprometidos com os princípios de igualdade, não queriam perder o privilégio de sempre parecerem melhores – maiores, mais engajados politicamente, enfim, de crescerem na proporção em que as mulheres ao seu redor, em especial a conjugue, se encolhiam.

É um texto que repete muitos dos argumentos elencados anteriormente na seção, mas sua observação da divisão conjugal do trabalho em "lares feministas", por assim dizer, levanta pontos até então pouco abordados de modo geral em **Claudia**, assim como nas publicações feministas contemporâneas. Na chamada do artigo já se lê

Você já deve ter ouvido, do seu próprio marido, esta solene declaração: eu sou um feminista. E ele diz até que acha um absurdo recebermos um salário menor do que os homens, que devemos ter as mesmas oportunidades, etc. e tal. Mas, dentro de casa, ele não é tão feminista assim: quando chega a hora de lavar a louça ou de cuidar das crianças, reage como o mais autêntico machão. Discutir e mostrar essa contradição é o nosso objetivo.⁶⁴¹

⁶⁴¹ **Claudia**. São Paulo, nº 189, Ano XVI, junho de 1977, p. 164.

Carmen faz uma separação entre o que seriam "injustiças sociais" – salários mais baixos por trabalho igual, por exemplo, no geral questões estatisticamente palpáveis – e o que ela chama de "desigualdades sexistas propriamente ditas" – cotidianas e não quantificadas até então. Ela não utiliza esses termos, mas a posição dos homens feministas que ela observa nos meio em que circula, de lutar contra a primeira situação e fazer de conta que a segunda não existe, mostra uma preponderância do ponto de vista masculino da importância da esfera pública em relação à privada (ou como seria mais fácil se dizer feminista em público, se mostrar atualizado e solidário com as injustiças, sem modificar seus privilégios masculinos cotidianos). Ela relata, ao observar o apoio masculino à criação de infraestrutura social para aliviar as mulheres das tarefas domésticas – creches, escolas, centros comunitários e esquemas de serviços coletivos –, como não há seguimento desse apoio quando se trata "da sua mulher" e "da sua rotina".

(...) na maioria das vezes não lhes ocorre pensar que enquanto não se realizam as ainda remotíssimas condições adequadas, a divisão conjugal do trabalho no lar aliviaria grandemente a carga feminina. Sim, as feministas que têm maridos "arejados" conseguem, com muito esforço, que eles ajudem um pouco em casa – e isso já é algo, pois uma ou duas gerações atrás tal colaboração seria impensável. Mas eles se limitam a dar uma ajuda passiva, automática, sob a fiscalização da mulher, sem assumirem qualquer responsabilidade ou iniciativa. Ou então funcionam na conhecida base do esquema prefixado, isto-cabe-a-mim, isto-a-você, tais-dias-são-meus, tais-são-seus; pude observar na prática que nenhuma circunstância especial modifica a favor da mulher essa rígida programação: no "dia dela", o neném pode cair dormindo no chão enquanto ela toma banho, que ele não vai se mexer; mas ele sabe muito bem que pode contar com todas as exceções necessárias (trabalho extra, reunião profissional, etc.) ou simplesmente agradáveis (encontro com amigos, jogo do seu time) apoiado na boa vontade dela.⁶⁴²

⁶⁴² Ibidem, p. 166.

O artigo traz também outras novidades no que diz respeito a apropriações de debates feministas do período, como pensar a origem econômica do patriarcado (uma leitura feminista de **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**⁶⁴³ de Friedrich Engels) como argumento insuficiente para alegar que a resolução dos problemas econômicos gerais sanariam as discriminações contra as mulheres; e trazendo a ideia de fraternidade de mulheres, algo que Carmen trabalhará mais no decorrer dos próximos anos. De modo geral, entretanto, é um texto voltado a pensar como as então recentes alterações a favor das mulheres eram mais aparentes que reais, propondo a busca por maneiras concretas através das quais essas alterações pudessem se efetivar, junto com os homens.

Em março de 1979 Carmen da Silva publica um artigo que de certa forma complementa esse de junho de 1977, o qual busca as atitudes antifeministas nas mulheres feministas, e não nos homens. "Na luta para se afirmar a mulher tem que ser... Super mulher!" é um artigo riquíssimo, desses que dão vontade de indicar sua leitura ainda em nossos dias, pela atualidade das questões e qualidade dos argumentos. A fotografia que acompanha o artigo poderia muito bem ilustrar uma "capa" desta tese, como se pode observar na Figura 44.

O texto começa descrevendo a dona de casa ideal do passado, casa impecável, pratos irresistíveis, filhos e marido sadios e felizes. Essa imagem do passado, distanciada pelas necessidades da vida moderna e o incentivo ao consumo não existiria mais. Mas isso não queria dizer que as "escravas da perfeição" não estivessem por aí, entre nós, se desdobrando em mil direções diferentes, e não só no lar como no passado: seriam as feministas.

⁶⁴³ ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

Figura 44



644

A própria leitura, na descrição do artigo, das mil e uma facetas nas quais as feministas buscavam perfeição, por se entenderem como porta vozes de todas as feministas e mulheres emancipadas, parece causar por si só exaustão. Seria necessário se sobressair nos estudos, para justificar que não estavam roubando a vaga de um homem, que supunha-se que precisava daquele diploma para sustentar uma família. No trabalho ocorria o mesmo. Tentando fugir do estereótipo de mulheres masculinizadas, simpatia e boa aparência seriam indispensáveis para as feministas, assim como o cuidado da casa, do esposo e dos filhos, para reafirmar que as feministas, além de femininas, também não eram contra a família. O fato de todos ao seu redor (listam-se sogra, marido e filhos, parentes e amigos) acusarem as feministas em

644 **Claudia.** São Paulo, nº 210, Ano XVIII, março de 1979, p. 168-169. Aproveito a oportunidade para comentar que nem sempre as imagens que acompanhavam os artigos de Carmen da Silva dialogavam bem com os mesmos. Muitas vezes pareciam seguir mais o padrão do magazine do que das considerações de Carmen, com fotografias de modelos superproduzidas ou gravuras piegas associadas à feminilidade. Em outros casos, todavia, imagens interessantes também surgiram nesse mesmo espaço, como essa de março de 1979.

bloco perante a menor negligência dessas mulheres em qualquer das esferas de suas vidas apenas reforçava esse comportamento defensivo.

Do ponto de vista psicológico, a contradição que as feministas enfrentavam é trabalhada por Carmen no sentido de observar que "ao sexo *coletivamente* opressor pertencem os *indivíduos* que ela mais ama e que são sua maior fonte de gratificação emocional e sexual".⁶⁴⁵ O foco seria a estrutura e a mentalidade opressoras, e não os indivíduos, às vezes desavisados. Esse é um ponto que permeia os argumentos de Betty Friedan em **A Segunda etapa**, publicado no Brasil anos mais tarde, e que não nos deixa esquecer não somente o caráter sempre conciliador desse feminismo propagado em **Claudia**, mas também sua inquestionável heteronormatividade.

Focando especificamente no trabalho doméstico, dupla ou tripla jornada e acúmulo de funções da "mulher moderna" ou "mulher liberada", o artigo traz uma profusão de argumentos e exemplos relevantes, e foi um pouco difícil escolher, sobre esse aspecto, qual reproduzir aqui. Entretanto, a descrição de um fato vivido por Carmen, como exemplo para a crítica à noção tão atual de "supermulher", se destacou por ser uma das marcas de seus artigos, que iam e voltavam do particular para o geral para observar as questões propostas.

Quatro feministas (atividade remunerada, casa, marido, filhos) viajaram do Rio a São Paulo para apresentarem a uma fundação um importante trabalho acadêmico de sua autoria. Na atrapalhão do embarque, filhos pegados nas saias, despedidas, recomendações, a confusão habitual de carregadores, empurrões, apertos – uma delas esqueceu de apanhar uma valise que estava nas mãos do marido: ele veio alcançá-la no último momento pela janelinha do trem. Acontece com qualquer um – mas foi o bastante para que as quatro começassem logo a recriminar-se, embora em tom divertido, acusando-se de ineptas e avoadas: "Vejam só que mancada, e a gente que se esforça tanto por ser capaz e independente..." Antes da viagem, cada uma delas, além das providências relativas ao trabalho, havia tomado as seguintes precauções em casa: instruções por escrito à empregada e/ou babá; provisãoamento

⁶⁴⁵ Ibidem, p. 172.

completo da despensa e da geladeira; arrumação das roupas das crianças em pilhas por ordem de uso; lista dos remédios habituais com os respectivos horários, indicações para o uso eventual de medicamentos de emergência; lista dos telefones de pediatra, dentista, escola, eletricista, bombeiro, lavanderia, etc.; e mais um alerta dirigido à mãe ou à sogra, à amiga ou à vizinha, com o pedido de "dar uma olhadela" e, se necessário, prestar assistência. Tudo isso por uma ausência de três dias!

Naturalmente, são essas "ineptas e avoadas" que arrumam as malas dos maridos quando *elas* têm de viajar. Sem falar na parte que cabe às secretárias deles: comprar passagem, reservar hotel, selecionar e ordenar papéis de negócios, anotar endereços importantes, verificar talão de cheques, cartão de crédito, dinheiro vivo em bolso seguro e um troco miúdo ao alcance da mão para o cafezinho e para os jornais.

Será que esses homens se julgam dependentes, incapazes, trapalhões? De modo nenhum: a isso eles chamam "boa infra-estrutura" – e sentem-se muito orgulhosos de contar com ela.⁶⁴⁶

Nesse trecho temos a descrição detalhada de atividades que, talvez com a exceção apenas da obra de Danda Prado,⁶⁴⁷ não foram foco dos feminismos brasileiros contemporâneos aos escritos de Carmen da Silva, mas representavam o trabalho doméstico das mulheres de camadas médias. Muitas dessas atividades sem dúvida eram desempenhadas por donas de casa de diferentes camadas sociais, mas quando voltadas a mulheres feministas nos lembram que, independente das diferenciações que se pudessem salientar entre as feministas e a classe média, como observamos anteriormente no discurso de Rose Marie Muraro (nota 605), de modo geral as feministas faziam parte sim da classe média, inclusive no âmbito dos costumes – âmbito no qual elas teoricamente seriam mais esclarecidas. A comparação das feministas com os seus maridos nos remete às assimetrias de julgamento baseadas no gênero que podemos encontrar ainda em nossos dias, referente ao trabalho feminino dentro e fora do lar.

⁶⁴⁶ Ibidem p. 170-172.

⁶⁴⁷ PRADO, D. Op. Cit., 1979.

Recuando um pouco na cronologia, em outubro de 1977 Carmen publica "Será que Amélia é mulher de verdade?", um importante artigo sobre a situação das donas de casa. Já em seu princípio, citam-se cartas de leitoras que alegavam sentir desconforto e mesmo tristeza ao ler a coluna porque, por estarem com filhos pequenos, esperariam ainda muitos anos para que pudessem ingressar ou reingressar no mercado de trabalho e, assim, "se emancipar".

(...) "Para mim e milhares de mulheres como eu, você traz todo mês um pouco de amargura, um certo descontentamento e um pouco de autocomiseração que somente ajudam a piorar as coisas."

Outra me escreve: "Que adianta querer ser livre e independente quando se tem três filhos entre 2 e 6 anos, uma casa para cuidar... Acabo o dia esgotada e nem quero pensar no que seria se ainda fosse trabalhar fora... A preocupação de melhorar a sociedade e a posição da mulher só serviria para me trazer mais dores de cabeça..."⁶⁴⁸



Figura 45⁶⁴⁹

O artigo segue trabalhando com a questão do despertar feminino, como era

lugar-comum na coluna, nos tópicos "Vale a pena acordar para a vida?" e "Viver nem sempre é fácil, mas é bom negócio". Neles se questiona as representações de feminilidade submissa construídas por uma cultura

⁶⁴⁸ Será que Amélia é mulher de verdade? **Claudia**. São Paulo, nº 193, Ano XVII, outubro de 1977, p. 225.

⁶⁴⁹ *Ibidem*, p. 224-230.

masculina, em diálogo com a imagem que acompanha o artigo em todas as suas páginas, reproduzida na Figura 45. Para os fins da análise que se apresentam nesta tese, chama a atenção o tópico "O trabalho é fundamental mas não é tudo", o qual começa explicando a "necessidade do trabalho como base material indispensável pra uma completa emancipação, além de ser um fator de auto-estima e até de preservação das relações amorosas". Como apontado em outros momentos em seus textos, a autora alerta que a transformação do relacionamento amoroso em uma relação de manutenção do sustento em muitos momentos levava as mulheres às mais humilhantes concessões. Contudo, ela traz ponderações que demonstram compreensão à situação das mães de família

No entanto, em face de certas circunstâncias concretas, acho perfeitamente aceitável que a mulher com filhos pequenos afaste-se durante um período da produtividade social. Nossa sociedade não oferece uma infra-estrutura de serviços que garanta um atendimento adequado às crianças enquanto suas mães trabalham. Se bem seja certo que a maioria não tem escolha, as que a têm não deveriam sentir-se culpadas por ficar em casa alguns anos enquanto sua presença for a melhor ou talvez a única solução. Entendamo-nos: falo da necessidade real e não de pretextos; digo "alguns anos" e não toda a vida.⁶⁵⁰

É interessante observar que ao mesmo tempo em que Carmen da Silva tenta tranquilizar as leitoras para não se sentirem tão culpadas, ela traz essa culpa de volta no caso das mulheres que, do seu ponto de vista, se "acomodavam" ao papel apenas de donas de casa. A participação do pai no cuidado das crianças em casa, a possibilidade do homem se afastar do trabalho produtivo – depois do período de amamentação, por exemplo – para cuidar das crianças e a mulher trabalhar fora e sustentar financeiramente a família nem mesmo é mencionada. Talvez fosse uma ideia muito chocante para a **Claudia** de 1977, talvez fosse inviável devido aos salários tão mais baixos das mulheres em comparação aos homens, ou talvez não fosse mesmo, naquele ponto, uma questão para a autora.

⁶⁵⁰ Ibidem, p. 227.

No seguimento do texto, Carmen aponta possíveis caminhos, através de uma posição que não era muito comum – talvez inédita até então – em sua seção: chamando as mulheres para se organizarem, e as chamando para se organizarem *especificamente como donas de casa*.

De qualquer modo, jovens mães de classe média que passam o dia inteiro às voltas com mamadeiras, fraldas, panelas, vassouras etc. e sentem "um pouco de amargura, descontentamento e autocomiseração" por estarem temporariamente marginalizadas de outras atividades, não deveriam olhar com ressentimento e má vontade os anseios femininos de libertação. Muito pelo contrário, sua experiência pessoal deveria fazer delas aliadas naturais dessa causa, porta-vozes dos problemas e reivindicações que lhes são próprios. Não podem trabalhar porque são mães? Eis aí já traçado seu roteiro de luta, seu setor de participação. Não se trata de poder começar a trabalhar fora para *só então* pensar em emancipação; trata-se de dar *desde já* sua contribuição para mudar um estado de coisas que diretamente as afeta, impondo-lhes uma opção justa entre realizarem-se *apenas* como mães ou *apenas* como seres sociais, sempre obrigadas a renunciar a este ou àquele aspecto fundamental de sua existência.

Essas mulheres têm amigas nas mesmas condições, reúnem-se, visitam-se, conversam nas praças e parques enquanto vigiam seus filhos. Pois bem, em vez de ficar cada uma delas remoendo amarguras no fundo da alma, que compartilhem seus sentimentos, que examinem juntas suas pautas de vida, que conscientizem as causas de seus problemas comuns e debatam possíveis soluções. Que tratem de influir em seu grupo, seu bairro, suas organizações comunitárias, nas reuniões da escola: não faltam esferas de ação. Se só encontrarem saídas a longo prazo, lutem por elas desde agora e estarão facilitando o caminho de suas filhas, das gerações futuras; com isso sentir-se-ão mais participantes e realizadas. Hostilizando as aspirações de suas companheiras de sexo, não estarão fazendo nada. Ajudando-as

dentro de sua medida, nada desdenhável, estarão também beneficiando a si próprias.⁶⁵¹

Esse longo trecho, ainda do tópico "O trabalho é fundamental mas não é tudo", é exemplar para observarmos como a disseminação dos feminismos na década de 1970, no Brasil e também em outros países, é apropriada por Carmen da Silva em seus escritos. O problema das mulheres precisarem escolher entre família ou carreira, tão trabalhado por Betty Friedan anos depois em **A segunda etapa** e tão presente em diversos países, surge em conjunto com uma noção de solidariedade entre mulheres, de opressão comum que sofriam por serem mulheres. A ideia de se reunirem para conversar sobre suas experiências e perceber quais seriam comuns, para se conscientizarem e buscar soluções, nos remete diretamente aos grupos de consciência ou reflexão dos feminismos desta geração. Algumas noções de que as donas de casa desempenhariam uma função privada apenas – como se só servissem à sua família, e não a toda a sociedade – são percebidas quando se separa, na redação, o papel de mãe daquele que teriam os "seres sociais". Contudo, pode-se verificar neste artigo uma noção muito mais ampla da possível participação social das donas de casa do que geralmente se encontrava nos textos da coluna, em conjunto com uma crítica de determinada cultura masculina que enquadrava e limitava as mulheres.

A ideia comum entre as mulheres (e provavelmente fomentada pelos homens) de que "libertação" consistira unicamente em trabalhar fora, amesquinha a vasta complexidade dos problemas femininos e escamoteia questões candentes, importantíssimas para nossa emancipação: questões que exigem a colaboração maciça das mulheres, mesmo as que por qualquer motivo não trabalham. (sic)

O status de "não-trabalho" do trabalho doméstico, para a autora, se evidencia nesse trecho. Ao mesmo tempo, enquanto neste artigo Carmen da Silva deixa muito claro que o trabalho fora, apesar de indispensável no plano de vida, não era o único meio através do qual as mulheres poderiam lutar por seus direitos ou buscar sua emancipação, o fato é que minha leitura de "A arte de ser mulher", assim como aquela das leitoras que escrevem a Carmen, também me deixou essa impressão.

⁶⁵¹ Idem. Destaques da autora.

O "trabalhar fora" se tornou um fenômeno manifesto, neste período, entre as mulheres, fossem elas feministas ou não. Talvez as mais conservadoras ou marcadamente antifeministas fizessem questão de não trabalhar fora de casa, mas como a própria Carmen colocou, não eram algumas horas diárias no escritório que levariam as mulheres à emancipação. Entretanto, a insistência da colunista em incentivar as mulheres em sua busca por independência financeira, reiterada durante tantos e tantos anos, levava a pensar, entre outras questões, que a mulher emancipada era sim aquela que trabalhava fora.

No próximo tópico do artigo, "Vamos descobrir quem somos e onde estamos", importantes questões dos feminismos são abordadas, como os interesses de grandes empresas em se manter determinadas expectativas e insatisfações nas mulheres, no sentido de fazê-las sempre comprar mais – com foco em tratamentos de beleza em busca da eterna juventude, que só reforçariam a situação submissa, de objeto e não indivíduo, feminina. Mas é no último tópico, "Até a maternidade não é privilégio nosso", que ela retoma a questão do trabalho doméstico, dessa vez sob outro viés: a questão do pátrio poder. Questionando a naturalização das funções domésticas femininas, tão embasada na noção de maternidade santificada, Carmen buscou desconstruir a relação entre o lar, o enclausuramento e a feminilidade, alegando que, apesar de serem os ventres femininos que produzem os herdeiros dos homens, aqueles que continuariam seus nomes e seriam os braços que trabalhariam para eles,

(...) eles simplesmente nos roubam a maternidade deixando-nos apenas o que ela implica em ônus e compromisso: os cuidados materiais e o atendimento constante aos filhos, as preocupações do dia-a-dia com doenças, problemas de comportamento, estudos, a presença vigilante que exige confinamento ao lar, o abandono das oportunidades culturais, profissionais, sociais. Apropriam-se da nossa maternidade no que ela tem de significativo e gratificante em termos de escolha e realização pessoal, transformando-a em fator de poder e prestígio para si próprios.

Termina o artigo lembrando, mais uma vez, que os homens não teriam pessoalmente, individualmente, culpa dessas questões, que seriam também manipulados pelo sistema patriarcal. Contudo, não deixa

de por fim questionar a dupla moral, de santidade *versus* desprezo, entre a mãe casada e a mãe solteira, assim como a falta de escolha de quando e quantos filhos as mulheres queriam ter. Essa falta de opção era impulsionada pelos altos custos das opções disponíveis, acessíveis apenas a uma minoria: a indústria dos abortos clandestinos e as perigosas pílulas anticoncepcionais, com sua imensa lista de efeitos colaterais.

A maternidade como opção, aliás, é discutida por Carmen da Silva em um artigo inteiro em maio de 1979, em uma espécie de especial do mês das mães: "Maternidade não é uma obrigação. É escolha". Em agosto do mesmo ano, entretanto, um artigo que a primeira vista não seria tão focado na questão, intitulado "A mulher avança, apesar dos fantasmas no seu caminho", traz importante consideração da autora sobre as vantagens da paternidade sobre a maternidade

Nossos homens, por exemplo, reclamam filhos sem perguntar se realmente os desejamos, ou se o momento nos é oportuno. (E, atrás deles, toda a sociedade reforça a cobrança: "Como é, ainda não há novidades? Para quando?") Filhos de que nos ocuparemos o dia inteiro, praticamente sem ajuda paterna, e que serão "os *teus* filhos", sublinhado o possessivo com um acento acusador, quando chorarem, fizerem barulho, incomodarem.

Deles é o nome, o sangue, o orgulho, o retratinho na carteira e o pátrio poder; nossa é a responsabilidade e a "má" educação.

Eles nos exigem conforto, organização doméstica, tranqüilidade em casa no fim do dia. Aliás, seus fins de dia são sagrados: homem quer ser paparicado, compensado dos incômodos e irritações que sofreu lá fora, e isso cabe à mulher, sejam qual forem os incômodos e irritações que ela possa ter sofrido. (sic)⁶⁵²

Uma ideia de emancipação feminina como simples acúmulo de funções, que inclui as desvantagens da maternidade em relação à paternidade, é de fato uma questão que as mulheres apontaram sobre as conquistas dos feminismos desta geração, como podemos perceber pelas

⁶⁵² A mulher avança, apesar dos fantasmas no seu caminho. **Claudia**. São Paulo, nº 215, Ano XVIII, agosto de 1979, p. 207.

leitoras de **Claudia** mas também em outros exemplos.⁶⁵³ Foi um ponto de certo modo trabalhado pelos periódicos feministas brasileiros quando questionaram a dupla jornada de trabalho feminina, a divisão sexual do trabalho e a dupla moral sexual – sempre ressaltando as desvantagens das mulheres em relação aos homens. Em 1978, Carmen da Silva nos traz a dimensão que esses debates estavam alcançando na esfera pública, no centro do poder político do país, quando em março e em abril publica dois artigos, "O Brasil está começando a descobrir a mulher" e "Homem = Gente Mulher = Gente – Mulher = Homem", ambos sobre a CPI da Mulher.⁶⁵⁴ O documento da CPI traz, entre depoimentos de mulheres destacadas na sociedade e veículos da imprensa, também a contribuição de feministas importantes de sua geração, como Carmen Barroso, Fúlvia Rosemberg, Romy Medeiros, Heloneida Studart, Moema Toscano e a própria Carmen da Silva.

No artigo de março, "O Brasil está começando a descobrir a mulher", apresenta-se uma espécie de resumo dos debates da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito sobre a Mulher, com grande número de estatísticas e muitas denúncias concretas de desigualdade, conforme já podemos perceber na chamada do mesmo

(...) Os deputados ouviram depoimentos de pessoas – principalmente mulheres – representativas das variadas camadas da sociedade brasileira, especialmente convocadas para fornecer subsídios a tão importante discussão. Os resultados, nada animadores, demonstram que nós, mulheres, somos discriminadas no trabalho, na sociedade e até na vida pessoal. Os números são impressionantes: 80% da população ativa feminina concentram-se em atividades desvalorizadas – serventes, balconistas, domésticas, professoras primárias, etc. Um estudo da Universidade de São Paulo mostrou que na indústria paulista o salário-

⁶⁵³ Como os inúmeros depoimentos listados por FRIEDAN, B. Op. Cit., 1983.

⁶⁵⁴ Resultado dos trabalhos que se desdobraram por seis meses, entre abril e setembro de 1977, está disponível na íntegra em <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/84968>> Acesso em 15/12/2015.

hora dos homens era 57% mais elevado do que o da mulher. (...) ⁶⁵⁵

A chamada termina denunciando os limites da CPI, que trouxe dados importantes e inaugurou um âmbito inédito de investigação do Estado sobre a mulher brasileira, mas suas conclusões e ponderações foram profundamente marcadas pelo conservadorismo, pela tradicional imagem da mulher. Isso se reafirma adiante, nas ponderações que Carmen traz no artigo do mês seguinte, de abril de 1978

(...) a CPI, de certo modo, foi mais "rica" pelo que deixou transparecer nas entrelinhas do que pelas recomendações concretas apresentadas ao final. (...) Aquelas entrelinhas puseram em evidência as ambivalências e temores existentes, reais, com os quais teremos de contar ao longo da luta por nossa emancipação. ⁶⁵⁶

Mas antes de avançarmos para o artigo de abril, vale a pena apontar algumas das constatações que a columnista elenca ainda em março, especialmente sobre o trabalho doméstico. Ela o faz com base no documento da CPI, mas também nos momentos em que esteve em Brasília, acompanhando de perto os debates.

Essa trabalhadora oprimida e desvalorizada presta ainda uma importante contribuição econômica que a sociedade não computa: o serviço doméstico. "Ofício que, embora indispensável à comunidade, é por ela olhado por cima do ombro: dona-de-casa. A mulher que, sem qualquer preparação específica e sem remuneração, se responsabiliza pela manutenção e preservação de um lar... Executa ou supervisiona os trabalhos necessários à conservação e organização da residência, ao conforto e à saúde dos membros da família...

⁶⁵⁵ O Brasil está começando a descobrir a mulher. **Claudia**. São Paulo, nº 198, Ano XVII, março de 1978, p. 134. Outros números são apontados, referentes à educação, ao mercado de trabalho, ou à gritante escassez de creches (na época eram apenas 500 em todo o país), e também abordam-se questões como o pátrio poder.

⁶⁵⁶ Homem = Gente Mulher = Gente – Mulher = Homem. **Claudia**. São Paulo, nº 199, Ano XVII, abril de 1978, p. 174.

Provê a formação dos filhos como futuros cidadãos, dá apoio e estímulo ao marido para realizar-se" (Leda Collor de Mello).

Economistas norte americanos calculam que o valor da atividade de uma dona-de-casa representa não menos que 25% do produto nacional bruto. Em termos domésticos, pensemos no preço que teríamos de pagar – mesmo em níveis salariais depreciados – a uma governanta, uma cozinheira, uma arrumadeira, uma faxineira, uma lavadeira, uma babá, uma educadora, uma enfermeira eventual, todas elas sem horários nem folgas – e quem sabe alguém que faça também pequenos consertos de eletricidade e mecânica.

Nas classes pobres, essas tarefas, já de si esgotadoras, complicam-se ainda mais pelas limitações econômicas e o conseqüente desconforto: lava-se com água carregada em baldes, cozinha-se – o que houver e não o que for mais fácil – em braseiro ou em fogão de lenha, engoma-se com ferro de carvão, as roupas têm de ser costuradas e remendadas ao infinito. Na classe média, as disponibilidades são mais amplas, mas também o são as exigências: variedade, sabor e apresentação dos alimentos, melhor padrão na casa e nas roupas e, sobretudo, maior solicitação dos filhos, que – como aliás é justíssimo – pedem companhia, apoio, ajuda nos estudos, orientação psicológica, "luxo" com que o filho da operária não pode nem sonhar. (sic)⁶⁵⁷

No primeiro parágrafo desta citação Carmen da Silva usa o texto da CPI em si, ou discurso proferido em Brasília durante as investigações⁶⁵⁸, não assinando diretamente as afirmações. Contudo, é interessante pensar que a desvalorização do trabalho doméstico e o sempre presente apoio da mulher para a realização pessoal de seu esposo foram dos pontos escolhidos por Carmen como destaque, considerando que a CPI gerou um documento com 660 páginas. Muitas teorias

⁶⁵⁷ Ibidem, p. 135-136.

⁶⁵⁸ O depoimento de Leda Collor de Mello, citado por Carmen, começa na página 431 do documento, disponível em <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/84968>> Acesso em 15/12/2015.

feministas contemporâneas ao documento certamente poderiam questionar a ideia de que as donas de casa não possuíam "qualquer preparação específica", mas a partir do segundo parágrafo da citação, onde a redação é toda de Carmen, encontramos um interessantíssimo diálogo com os conteúdos das publicações dos feminismos dos anos 1970 sobre trabalho doméstico no Brasil. No segundo número do **Nós Mulheres**⁶⁵⁹, em 1976, questionamentos semelhantes sobre o valor social do trabalho gratuito das donas de casa são feitos e, o terceiro parágrafo, ao menos até se voltar à rotina específica das mulheres de camadas médias, poderia ter sido publicado tanto no **Brasil Mulher** quanto no **Nós Mulheres** naqueles anos.

O artigo de março ainda traz importante consideração de Moema Toscano sobre as dificuldades de se encarar a dupla jornada de trabalho, citando em seguida a sistemática falta de creches e a naturalização das funções domésticas femininas. Sempre se apresentam contrapontos que foram levantados durante as reuniões da CPI e que de certo modo mostravam a visão mais conservadora, do senso comum, sobre o lugar social das mulheres; seguidas de respostas mais progressistas, feministas, da própria Carmen ou através de falas de outros membros da Comissão. Carmen também questiona, no texto, os problemáticos encaminhamentos da CPI, sem desmerecer a importância do acontecimento em si. Entretanto, no artigo seguinte, em abril de 1978, o tom se altera bastante, e a autora se mostra bastante indignada ao constatar que o que não se admitia, no final das contas, era o caráter de ser humano – aquele que os homens possuíam – das mulheres, negado com base no que ela chama de ideologia patriarcal, a qual havia se expressado na CPI tanto através de homens quanto através de mulheres.

Reiterando que a exploração das mulheres tinha base econômica (leia-se material), mas a justificativa da exploração teria base psicológica (leia-se ideológica, para muitos dos feminismos contemporâneos ao seu texto, ou subjetiva, cultural, do nosso ponto de vista), ela constata que

Tomando aquele ilustre auditório como representativo da mentalidade dominante nos círculos ilustrados, eu diria que *há uma resistência em abandonar a imagem feminina tradicional: esposa, mãe, dona-de-casa, pilar da*

⁶⁵⁹ **Nós Mulheres**. São Paulo, nº 2, setembro/outubro de 1976.

família, esteio moral da sociedade. Admite-se, isso sim, acrescentar-lhe mais uma faceta: a trabalhadora (...) (sic)⁶⁶⁰

Não cabe questionar aqui, mais uma vez, o fato de que donas de casa eram, com base nas teorias feministas, mulheres trabalhadoras. Carmen da Silva destacou muito, neste artigo, a necessidade de superar a ideia da mulher como objeto, como ser que existia apenas para servir aos homens e à família. Ela comentou bastante a forte presença do antifeminismo⁶⁶¹ nas reuniões da CPI, além do quão infrutíferas (porque absolutamente evidentes) eram as constatações de que mulheres e homens eram diferentes, e que isso não teria nenhuma relação com a busca por igualdade de direitos. Ela também contra-argumenta sobre questão levantada por um senador em concordância com uma deputada: a ideia de que as mulheres trabalhariam apenas para "suas joias e seus alfinetes", mas quem sustentaria de fato a casa seria o homem. Essa posição foi caracterizada pela colunista como "viver no mundo da lua", e ela o faz utilizando como base pesquisa de Eva Blay que indicava que: entre 80 e 90% das mulheres contribuíam financeiramente para a manutenção do lar; 20 a 30% delas cobriam metade do orçamento doméstico; e 30 a 40% eram a única ou principal fonte de rendimento em seu domicílio. Carmen também utilizou um dado apresentado pela própria deputada que havia "passado recibo à gratuita acusação de parasitismo e frivolidade do sexo feminino", em que apontava uma pesquisa feita em um juizado de menores em Porto Alegre, que demonstrava que 90% das mães que lá se apresentavam eram as únicas provedoras de suas famílias.

Neste ponto é interessante observarmos a mudança de discurso de Carmen da Silva a respeito de determinado "parasitismo e frivolidade" femininos. Claro, a importância do trabalho formal e da independência financeira ainda eram fulcrais para a autora, mas certamente há uma transformação em seu discurso sobre as donas de casa de classe média.

⁶⁶⁰ Homem = Gente Mulher = Gente – Mulher = Homem. **Claudia**. São Paulo, nº 199, Ano XVII, abril de 1978, p. 170.

⁶⁶¹ Carmen da Silva argumenta contra este antifeminismo citando Simone de Beauvoir, e relata a atitude dos membros da CPI em evitar a todo custo o uso da palavra feminismo. Questiona a insistência em mencionar a queima de sutiãs, assim como a noção de "feministas raivosas" e sua associação com Betty Friedan que, para a autora, naquele ponto, já havia se tornado "um tanto conservadora e 'superada'".

Em entrevista à **Claudia**, em 1984, Carmen comentou como sua experiência como esposa, "mulher de marido"⁶⁶², modificou bastante a visão que tinha – que podemos entender quase como masculina – das atividades e responsabilidades que preenchem o dia-a-dia de uma dona de casa, assim como da importância das mesmas. Sem dúvida seu maior contato com os feminismos com o passar do tempo, inclusive aqueles de inspiração diferencialista, a afastou do ponto de vista liberal de feminismo e a aproximou de uma maior solidariedade com as mulheres. Com *todas* as mulheres, pelo fato de serem mulheres. Podemos inferir que seu contato de longa data com as mulheres de camadas médias, através principalmente das cartas em **Claudia**, também a tenha sensibilizado nesse sentido.

Essa mudança de postura em "A arte de ser mulher" já pode ser percebida com maior evidência em setembro de 1979 quando, comemorando os dezoito anos de **Claudia**, Carmen da Silva apresenta um balanço de seus debates no magazine mas também das modificações na mentalidade, nas percepções das mulheres que pôde observar nos dezesseis anos de atuação naquele espaço. As linhas que encerram esse artigo anunciam a quarta fase de seu trabalho, cuja sistematização ela apresenta três meses depois, em dezembro, no supracitado "O que seria do mundo sem nós, mulheres?".

(...) nós conquistamos juntas uma certeza que vale um mundo: *o diálogo é possível, o diálogo existe.*

Pelo menos – creio que a ressalva é necessária – o diálogo entre mulheres. Isto é, entre seres que, sejam quais forem suas diferenças sócio-econômicas, intelectuais e psíquicas, têm em comum duas coisas fundamentais. Uma delas é o vínculo imediato e carnal com a realidade. Mulher é o corpo que menstrua, ovula, recebe, gesta, pare, amamenta; é a mão que faz e serve a comida, que trata e veda a ferida, que tece, costura e veste as roupas, que tira e lava as roupas, que rega as plantas e põe as flores no vaso – enfim, que cria, conserva, preserva e embeleza a vida. Outra é sua situação específica de indivíduo secundário – *ainda* secundário – dentro da sociedade: desde a alta burguesa "colunável", cartaz do *status* do

⁶⁶² **Claudia**. São Paulo, nº 274, Ano XXIII, julho de 1984, p. 54.

marido, satisfações narcisistas e nenhuma expressão pessoal, até a proletária que, após o trabalho, cozinha o feijão para ele, serve-lhe de objeto sexual e talvez também de saco de pancadas.

Começamos a dialogar em uma época em que ainda imperava a pieguice, o "querida amiga" usado como preâmbulo meloso à mensagem convencional, à defesa dos valores estabelecidos porque sim, sem nenhum exame crítico. Há dezesseis anos estamos aqui debatendo problemas espicaçando-nos, estimulando-nos, apoiando-nos, ajudando-nos mutuamente a crescer. Obra de mutirão: não conheço outra mais bonita.⁶⁶³

Entretanto, como já mencionado anteriormente, essa abertura a determinado essencialismo não é absoluta em seus escritos, no sentido de que não se sobrepõe totalmente a determinados pontos de vista sobre o feminismo e o condicionamento das mulheres com os quais Carmen da Silva veio trabalhando no decorrer dos anos. Por isso aponto que a noção de soma, de acréscimo, de inclusão de uma percepção mais essencialista (juntamente com aquela mais marxista, que também veio crescendo no transcorrer dos anos 70) se dá em conjunto com a manutenção de uma busca pela emancipação das mulheres de cunho mais igualitarista ou liberal (que sempre esteve presente no seu trabalho), por mais paradoxal que isso possa parecer. Em interessantíssimo artigo para discutir o trabalho doméstico, "Ah! O abominável fim-de-semana chegou!", de março de 1980 (quer dizer, seis meses após a publicação da citação acima e apenas três meses após a publicação de "O que seria do mundo sem nós, mulheres?"), a autora comenta as dificuldades das mulheres em se dedicar ao lazer, sempre preocupadas com obrigações domésticas e sociais em seu tempo livre, e que

Precipitar-se a tirar daí conclusões sobre a natureza, o caráter, o temperamento feminino, é entrar no terreno da conversa fiada. A natureza nada tem a ver aqui. Se atentarmos para o condicionamento cultural da mulher, veremos que

⁶⁶³ Lá se vão 18 anos... E nós aqui, brigando, debatendo, crescendo. **Claudia**. São Paulo, nº 216, Ano XVIII, setembro de 1979, p. 249. Grifos da autora.

desde a mais tenra idade ela é adestrada para servir, ser útil, fazer coisas práticas. (...) ⁶⁶⁴

Ou seja, apesar da apropriação de noções de um feminismo mais diferencialista, o caráter cultural, construído, de muitos dos comportamentos femininos e masculinos continua sendo argumento presente em seu discurso. Esse artigo já dialoga com a supracitada matéria "Que bom, amanhã é domingo! (Ou: ai, meu deus, domingo outra vez!)" ⁶⁶⁵ de 1979, que não possuía conteúdo propriamente feminista mas deixava claro que organizar os finais de semana familiares para atender às expectativas de todos os membros da família – inclusive da própria dona de casa – seria uma trabalho feminino. Entretanto, "Ah! O abominável fim-de-semana chegou!", de Carmen da Silva, apresenta uma interlocução realmente rica com conteúdos de diferentes publicações do feminismo do período. Charges e artigos foram publicados nos periódicos feministas, no Brasil e em outros países do Cone Sul também ⁶⁶⁶, questionando o significado prático das férias, feriados, passeios e atividades de lazer familiares para as donas de casa. Partindo da observação de que o trabalho doméstico nunca termina, de modo a se fundir no próprio viver das mulheres, essas publicações apontaram como o descanso familiar se traduzia em trabalho multiplicado para as mães de família.

Carmen da Silva, sobre esse aspecto, discorre

(...) É possível que ambos adorem o sítio no campo ou na montanha, o chalé na praia ou à beira-rio, mas essa é uma opção que também tem seus bemóis – e não só referentes à gasolina. Enquanto para o homem é só descanso e curtidão, a mulher enfrenta uma boa trabalhadeira que já começa na véspera, quando tem de fazer as previsões, as compras, as listas de comida e bebida, material de limpeza, repelente, remédios de emergência, abrigos para as noites mais frescas, toalhas para um número incerto de

⁶⁶⁴ **Claudia**. São Paulo, nº 222, Ano XIX, março de 1980, p. 192.

⁶⁶⁵ **Claudia**. São Paulo, nº 217, Ano XIX, outubro de 1979. Citada no primeiro capítulo desta tese.

⁶⁶⁶ Diferentes exemplos sobre a questão podem ser encontrados em MELLO, S. Op. Cit., 2011, principalmente no item "1.4 - Condições de trabalho. Uma profissão invisível: dona de casa", p. 68-87.

banhistas – os da família, os convidados e os extras que aparecem. Se houver uma caseira, a dona-de-casa reza para estar tudo limpo e em ordem, sem maiores rombos nas provisões das despensas; se não houver, todo o trabalho ficará por conta dela. Não é de surpreender que muitas mulheres de repente façam finca-pé: não, este fim de semana eu fico mas é em casa mesmo para descansar. (sic)⁶⁶⁷

Embora bastante focada na realidade da classe média, o que não era praxe nos periódicos feministas desse período, essa descrição encontra ainda muitos paralelos com as problematizações desses feminismos sobre o trabalho doméstico e o tempo livre das mulheres. A autora fala muito, em diferentes momentos do artigo, sobre a educação diferenciada de meninos e meninas, como as brincadeiras das meninas apenas as ensinavam a trabalhar e se preocupar com os outros – quer dizer, ensinavam a servir –, assim como a criar um senso de responsabilidade não apenas com o ambiente doméstico como também com as pessoas ao seu redor e com as sociabilidades, sobretudo familiares. Enviar cartões em datas festivas, visitar amigos ou parentes hospitalizados, não deixar nunca de atender à família não apenas nuclear, mas também estendida, seriam preocupações que ocupariam sempre as mulheres.

Talvez na transição entre a saída da adolescência e o começo do namoro sério, algumas mulheres pudessem experimentar por curto espaço de tempo a noção de lazer, de liberdade, da qual desfrutavam os homens. Mas a dificuldade, conforme Carmen indica em artigo anterior, seria em "continuar sendo gente *apesar* de casada", no sentido de que esta noção de lazer e liberdade não era encontrada em absoluto em mulheres adultas, sobretudo nas esposas. Afirmando que naqueles dias, "só alguém muito ignorante ou muito cara-de-pau pode[ria] desconhecer que a finalidade da educação feminina tradicional nunca foi propriamente educar e sim *domesticar*", Carmen se embasa em Elena Belotti⁶⁶⁸ para explicar como "a família, a escola, a sociedade, a ideologia reinante no mundo patriarcal funcionam em conjunto como uma enorme usina de produção de anjos-do-lar."⁶⁶⁹ Nesse sentido, um

⁶⁶⁷ **Claudia**. São Paulo, n° 222, Ano XIX, março de 1980, p. 189.

⁶⁶⁸ BELOTTI, E. Op. Cit., 1981.

⁶⁶⁹ **Claudia**. São Paulo, n° 222, Ano XIX, março de 1980, p. 193.

dos tópicos do artigo se destaca pela riqueza dos exemplos apresentados para trazer à tona a noção feminista de trabalho doméstico como trabalho sem fim, função de 24 horas, de domingo a domingo, que nunca acaba: "O preço da feminilidade é a eterna vigilância". Reproduzo o tópico aqui praticamente na íntegra, pela importância de seu conteúdo ao debate acerca do trabalho doméstico

A psicóloga americana Judith M. Bardwick, professora universitária, pediu às alunas – de várias idades, solteiras e casadas – que durante um minuto fechassem os olhos e *imaginassem que eram homens*, e logo relatassem a fantasia que lhes passara pela mente. Uma das alunas levantase em seguida: "Eu me vi saindo da peça mais recuada da casa, atravessando corredores, salas e quartos sem recolher uma roupa, um brinquedo, um copo sujo, um cinzeiro usado, sem fechar armários ou gavetas que estivessem abertos, sem reparar em objetos fora do lugar, fiapos no tapete, flores murchas nos vasos, plantas precisando ser regadas. Ia caminhando até a porta da rua, indiferente e cega, saía e fechava a porta atrás de mim sem uma única preocupação na cabeça".

Creio que qualquer mulher em condições não particularmente privilegiadas pode identificar-se com essa fantasia. Ela é importante porque expressa de modo muito claro *a relação da mulher com o ambiente imediato como uma relação de compromissos, de obrigações concretas*. O homem não alienado, aberto e participante, se engaja com a sociedade, com a coletividade humana em geral; isso pressupõe assumir uma posição filosófica, definir uma linha coerente de conduta (...) Mas esse engajamento amplo e abstrato não acarreta pequenas obrigações de cada momento, miúdas cobranças cotidianas, em constante envolvimento com os aspectos materiais do aqui-e-agora.

Na realidade, o homem se compromete com uma concepção global do universo, enquanto a mulher, *além disso*, compromete-se também com o ambiente físico que a rodeia, com a realidade em torno, com o mundo mais próximo, com os objetos, as necessidades, as urgências. Ilustrando

em termos das experiências comezinhas do dia-a-dia: talvez o homem tenha a mais generosa preocupação com os problemas sociais: a miséria, a fome, a doença; talvez ele se empenhe mesmo em ações tendentes a transformar a sociedade a longo prazo. Mas, quando ele pessoalmente tem fome ou sede ou dor de cabeça ou mal-estar de estômago ou camisa sem botão, *isso é problema da mulher*: é dela que ele espera providências, é a ela que ele vai reclamar soluções. Talvez ele seja o maior paladino da fraternidade universal, das relações cordiais entre as pessoas; mas, quando o casal entretém amigos, ele se empolga com o papo humanista e esquece o resto, enquanto o olho da mulher está vigiando que todos tenham comida, bebida, cinzeiros limpos, conforto e descontração – tudo isso que a gente trata de proporcionar aos amigos porque lhes quer bem e o amor universal bem entendido começa pelos mais próximos e não pelos mais distantes.⁶⁷⁰

Assim sendo, Carmen novamente trabalha com a noção de condicionamento cultural, psicológico, para então focar nos resultados materiais deste para as mulheres: trabalho sem fim, eterna vigilância, vida servil. Ao afirmar que a "feminilidade" excluiria qualidades como criatividade, imaginação, iniciativa, senso de aventura, impulso de explorar o mundo, capacidade de inovar e concepção do universo como um espaço para exercer a própria liberdade, ela aponta que a mulher precisaria conquistar esses "dons" do modo mais árduo, "à medida que vai enfrentando os sucessivos desafios da existência: estudo, trabalho, vida pessoal e familiar, maternidade ou não, definições em todos os campos". Conclui o artigo com a percepção de que

O senso de culpa acompanha cada passo dessa trajetória. É angustiante fazer coisas para e por si quando se foi treinada na servidão aos interesses alheios: ao pensar com a própria cabeça, afirmar-se, reivindicar direitos, procurar satisfações pessoais e profissionais, a mulher sente-se como uma usurpadora. Presa desde a infância ao senso da responsabilidade, ela jamais se desliga desse

⁶⁷⁰ Idem.

peso: os homens cometem muita insensatez e abusos (endividar-se, chantagear com a guarda dos filhos, etc.) contando com que a mulher será sempre um muro de solidez.

Creio que mulher precisa começar a aprender o prazer, a alegria, a leveza de alma, a gratuidade – não só em função de seus fins de semana como também de sua orientação vital.⁶⁷¹

"Ah! O abominável fim-de-semana chegou!" foi o último artigo de Carmen, na minha observação das fontes, cujo tema central era a problemática do trabalho doméstico. Antes de partir para os próximos artigos, que abordam a questão mas não são focados nela, é importante ressaltar sobre isso o fato de que minha amostragem de revistas **Claudia** da década de 1980 é muito menor do que da de 1970, numa proporção de 60% contra 80% do total de números publicados. Por outro lado, Carmen da Silva falece em abril de 1985, o que por si só faz com que nesta década o número de artigos seus publicados no magazine caísse a menos da metade do número da década anterior. Ainda assim, apesar dessa desproporção na amostragem, minha leitura das fontes deixou a impressão de que a temática do trabalho doméstico perdeu força em "A arte de ser mulher" na década de 1980, não somente nos artigos focados na questão mas também como tema habitual, recorrente, que perpassava a seção mensalmente.⁶⁷² Esse apontamento surge aqui para de certo modo justificar os poucos exemplos que trago de debates acerca do trabalho doméstico, nos escritos de Carmen da Silva, dos anos 80. Esses exemplos, em contrapartida, nos ajudam a visualizar como se deram

⁶⁷¹ Idem.

⁶⁷² Na minha sistematização das fontes, em "A arte de ser mulher", destaquei 26 artigos com debates sobre o trabalho doméstico na década de 1970, e apenas 4 na década de 1980. Alguns desses artigos da década de 70 não foram utilizados no texto deste item, 4.1, desta tese, como "Você se acha independente?", de setembro de 1978. Nele, Carmen compara de certa forma os papéis sexuais das mulheres aos papéis de classe da classe trabalhadora. Ela também se posiciona do ponto de vista de um feminismo liberal quando indica de forma desqualificante o papel de mãe, ao afirmar que procriar seria reproduzir o já existente, algo menor que criar coisas novas – o que em teoria os homens fariam em suas ocupações produtivas. No subitem desse artigo intitulado "Ela assumiu deveres mas não conquistou direitos", há, vale registrar, uma descrição das tarefas de dona de casa que se encaixam em muitas das categorias de trabalho doméstico elencadas por Danda Prado (1979). **Claudia**. São Paulo, nº 204, Ano XVII, setembro de 1978, p. 241-245.

essas discussões não apenas na seção, mas também nos feminismos brasileiros do período. Quer dizer, os exemplos de certa forma sintetizam os debates que Carmen veio desenvolvendo em todo decorrer da década de 1970, ao mesmo tempo em que dialogam com as publicações feministas daqueles anos, que também abordaram muito menos o trabalho doméstico na década de 1980 do que na anterior.

Dos artigos em que a temática central não foi o trabalho doméstico mas este foi debatido, publicados depois de "Ah! O abominável fim-de-semana chegou!", apresento três exemplos⁶⁷³ da década de 1980: uma entrevista de Carmen com Fernando Gabeira, de junho de 1980; uma crítica que ela faz a artigo de Luís Fernando Veríssimo publicado na **Playboy**, de outubro de 1982; e uma resposta a uma carta de um leitor sobre a temática do aborto, de outubro de 1983. São artigos que discutem feminismo, machismo e antifeminismo.

Fernando Gabeira retorna ao Brasil em 1979 após a Lei da Anistia. Na sua entrevista, em decorrência do lançamento de seu livro **O que é isso, companheiro?** em 1979, mas principalmente devido às declarações feministas que ele vinha dando à imprensa desde então, chama a atenção a associação que o entrevistado faz entre a experiência do exílio e a solidariedade com a causa das mulheres.⁶⁷⁴ Para além dos diferentes costumes com os quais teve contato nos numerosos países onde viveu, às vezes menos machistas ou tradicionais que os do Brasil, Carmen da Silva relaciona a posição de estrangeiro, de exilado, de cidadão de segunda categoria a qual ele foi submetido, à experiência feminina.

Apesar de ter convivido no Brasil com situações de maior igualdade entre homens e mulheres, assim como ter lido aqui **O segundo sexo** de Simone de Beauvoir, Fernando Gabeira declarou que o confinamento que viveu em decorrência da clandestinidade, antes mesmo do exílio, "Foi o momento em que compreendi a brutalidade da

⁶⁷³ Não estão inclusos nesses exemplos os artigos comemorativos, em decorrência dos aniversários de **Claudia** ou da seção "A arte de ser mulher", que já foram citados até aqui.

⁶⁷⁴ Para mais sobre a relação de Fernando Gabeira com o feminismo ver WOLFF, Cristina Scheibe. De guerrilheiro a feminista. A trajetória de Fernando Gabeira através de sua obra autobiográfica. Brasil, 1964-1981. In: VIANA Jr., Mário M.; SILVEIRA, Viviane T.; NICHNIG, Claudia R. (et. al.) (org.). **Por linhas tortas: gênero e interdisciplinaridade - II**. Fortaleza: Instituto Frei Tito de Alencar, 2011, p. 49-60.

vida de uma dona-de-casa, incessantemente reduzida à sua rotina."⁶⁷⁵ Essas observações são muito interessantes quando pensamos nos diferentes depoimentos de mulheres de esquerda que declararam que foi no exílio que perceberam quão profundas eram as desigualdades entre elas e seus companheiros, principalmente no que se refere às obrigações domésticas, mesmo que elas o tenham percebido em circunstâncias distintas (principalmente pelo fato de não existir mais a "ajuda", a mão de obra de outra mulher que liberava a esposa de classe média, no Brasil, para a participação política, acadêmica, profissional).

As impressões de Carmen da Silva sobre a – rara – sinceridade do feminismo masculino de Fernando Gabeira, a percepção dela de uma solidariedade genuína com as mulheres por parte dele, não é sentimento presente no artigo que discute o texto de Luís Fernando Veríssimo na **Playboy**: "Resposta a um machão sutil". Nele, Carmen comenta como fazer piada do machão caricato, ridicularizar um machismo tão extremo e absurdo que praticamente não estava presente no dia-a-dia das mulheres, não abordava nem abalava, de fato, nenhuma das nefastas consequências do machismo para as mulheres, de certo modo inclusive invisibilizando essas consequências. Sobre a questão do trabalho doméstico, chama a atenção neste artigo o tópico "Os meninos são criados escravizando as mulheres da sua casa", no qual se destacam alguns pontos já tratados por Carmen em ocasiões anteriores

(...) Desde a infância, o menino recebe um condicionamento baseado na noção de que masculinidade é um privilégio e outorga direitos especiais; ele é paparicado e, como um pequeno feitor, escraviza todas as mulheres da casa – mãe, empregadas, avós, tias, irmãs maiores ou menores – em benefício de seu conforto, sua comodidade, quando não de seus caprichos; de modo mais ou menos explícito, ele vê estimulados seu egoísmo, sua agressividade, a competição desenfreada, a sexualidade incosequente, a repressão afetiva. (...) (sic)⁶⁷⁶

⁶⁷⁵ O que é isso, Fernando Gabeira? **Claudia**. São Paulo, nº 225, Ano XIX, junho de 1980, p. 228. Importante destacar que um dos tópicos do artigo de Carmen da Silva neste número se intitulava exatamente "Na clandestinidade, Gabeira percebeu como o trabalho de uma dona-de-casa é brutal".

⁶⁷⁶ Resposta a um machão sutil. **Claudia**. São Paulo, nº 253, Ano XXII, outubro de 1982, p. 348.

Muito semelhantes, por sua vez, são as observações que Carmen da Silva aponta a um leitor que a escreve indignado por seu artigo de junho de 1983, "Nossos corpos nos pertencem". Para além dos apontamentos sobre o direito ao aborto, Carmen elenca, em "O pior machismo é aquele que se disfarça", de outubro de 1983, diferentes questões colocadas na carta que recebeu de um cirurgião mineiro. Partindo do fato de que o leitor situara machismo e feminismo no mesmo plano, como "o mal daquele século", Carmen vem trazendo dados, situações corriqueiras e estatísticas apontando a necessidade e as urgências do feminismo diante da situação de desigualdade em que viviam as mulheres. Ela lista nomes de referência para indicar ao leitor que estude e se informe sobre o trabalho feminino no Brasil: Eva Blay, Heleieth Saffioti, Jacqueline Pintanguy, Moema Toscano, Valéria Junho Pena e a Fundação Carlos Chagas. Em determinado momento de seu artigo, onde se lê o texto destacado "Só sabe o custo das mordomias alheias quem paga por elas", seus comentários à carta do leitor se voltam especificamente ao trabalho doméstico.

(...) Quanto à aposentadoria em tempo menor, não seria privilégio nenhum. O trabalhador homem termina sua jornada de labor e dedica-se ao descanso ou ao lazer, atendido e paparicado por uma mulher que, embora também trabalhe fora, limpa e ordena a casa, lava, passa e costura a roupa, alimenta a família, cuida das crianças. Em alguns lugares da roça, ela ainda cultiva um pedaço de terra para garantir a alimentação familiar, perfazendo assim não duas, mas *três* jornadas de trabalho.

(...) Mesmo as poucas donas-de-casa que ainda têm empregada em tempo integral, precisam dirigir, ensinar, fiscalizar e, quase sempre, fazer as compras em pessoa para garantir o equilíbrio do orçamento doméstico. Cabe-lhes, sobretudo, uma tarefa delicada e indelegável: compensar em *qualidade* de presença as longas horas passadas longe dos filhos, ouvi-los, comunicar-se com eles, descobrir seus problemas e dificuldades, dar-lhe segurança emocional. Muitas vezes com a preocupação de não fazer barulho para "não incomodar papai, que está cansado". Enquanto o homem chega em casa, se refestela e acha que as

coisas caem do céu. Só sabe o custo das mordomias alheias quem paga por elas.⁶⁷⁷

Podemos observar, nesse trecho, questões inúmeras vezes citadas por Carmen da Silva na publicação, como a dupla jornada de trabalho feminina ou o fato de que a presença de empregadas ou diaristas não eximiam as donas de casa das responsabilidades domésticas. Por outro lado, a abordagem à tripla jornada de trabalho da mulher do campo, por exemplo, parece ser resultado do contato da autora com estudos e pesquisas sobre o trabalho feminino, como ela mesma indica nesse artigo, uma vez que não era tema comum em seus escritos e não parecia ser a realidade das leitoras que a ela escreviam. Ao mesmo tempo, o equilíbrio do orçamento doméstico como trabalho da dona de casa surge em franco diálogo com o conteúdo não feminista de **Claudia**, que expôs inúmeras vezes essa questão. É interessante, também, observarmos como nesse caso ela focou no trabalho emocional que a mãe de família oferecia aos filhos, e em outros momentos o cerne de sua preocupação foi nesse mesmo trabalho, mas voltado ao esposo, ainda que em termos muito semelhantes: reconfortar angústias, investigar necessidades, fortalecer a autoestima. Esse apoio seria sempre função feminina. Ela segue comentando a condição da mulher como produtora de mão de obra, de cérebros, de braços para o desenvolvimento de uma sociedade que "não lhe dá em troca nem as creches estipuladas por uma lei que 'não pegou!'".

Desse modo, independente da citada aversão pessoal pelo trabalho doméstico, uma avaliação de seus escritos nos leva a concluir que Carmem da Silva foi uma grande apoiadora das donas de casa. De fato ela dedicou décadas de sua vida e seu trabalho a essas mulheres, e talvez não haja figura do feminismo de sua geração tão dedicada a elas quanto Carmen. Entretanto, seu apoio às mães de família não era como aquele que Nancy Kissinger – esposa do então secretário de Estado estadunidense Henry Kissinger – manifestou em **Claudia** em março de 1976, afirmando que achava que "a mulher deve ficar em casa", que deveria se orgulhar de sua atividade e então declarando: "Sou uma defensora das donas-de-casa" (sic). Quer dizer, um apoio pra mantê-las em seu espaço, sua função tradicional.

Carmen ofereceu um tipo de apoio a essas mulheres difícil de encontrar nos meios de comunicação de grande circulação, no sentido de

⁶⁷⁷ O pior machismo é aquele que se disfarça. **Claudia**. São Paulo, nº 265, Ano XXIII, outubro de 1983, p. 270. Grifos da autora.

promover seu crescimento individual, pessoal, através de um aporte psicanalítico e sociológico, para entenderem que poderiam e deveriam ser mais do que donas de casa. Não era uma posição de inimiga, nem delas nem mesmo do trabalho que elas exerciam, cuja importância parece ter ficado mais evidente para a jornalista com o passar dos anos. Mas, certamente, Carmen foi inimiga declarada do lugar, das expectativas, do papel social, do mito, da produção subjetiva da dona de casa de período integral, devido às limitações, às coerções, à incompletude e dependência que essa posição trazia às mulheres. Ana Rita Fonteles Duarte nos ajuda a entender essa posição da autora levando em consideração "as experiências e opções que lhe permitiram a construção de projeto diferenciado de existência"; como uma mulher que "lutou contra os limites impostos pela cultura de submissão e convenções sociais" e "optou pela construção do projeto de autonomia em que vivesse mais que a condição de boa esposa e mãe zelosa."⁶⁷⁸ Não é a toa que em outubro de 1976 Carmen chama o feminismo de "outra saída para a vida".

A já citada e evidente desproporção de artigos debatendo o trabalho doméstico em "A arte de ser mulher" entre as décadas de 1970 e 1980, assim como a desproporção da riqueza desses debates, não foi um fenômeno observado em **Claudia** como um todo. Inclusive, parece que de certo modo a ausência de Carmen da Silva na publicação na segunda metade dos anos 80 abriu mais espaços para os debates feministas. Ou ao menos, eles cresceram fora da seção quase na mesma proporção em que nela vinham diminuindo. O papel que Carmen cumpriu de eximir a revista em tocar com seriedade no assunto não pôde ser ocupado após seu falecimento, mesmo com a criação da seção "Feminismo", assinada por Rachel Gutiérrez. Talvez uma maior popularização do feminismo também fosse responsável por essas matérias, reportagens, entrevistas e resenhas de obras feministas que se multiplicaram na década de 1980 na publicação. Contudo, concomitantemente, como mencionado anteriormente, diante do crescente antifeminismo das "mulheres liberadas" nesses anos, essa hipótese pode ser questionada. No próximo item observaremos com maior acuidade os debates de orientação ou inspiração feminista acerca do trabalho doméstico, em **Claudia**, para além de "A arte de ser mulher", de modo a refletir sobre como a publicação se apropriou de conteúdos feministas que circularam nesses anos, e as contendas, diálogos e reverberações dessas apropriações.

⁶⁷⁸ DUARTE, A. Op. Cit., 2005, p. 171.

5.2. FEMINISMO E TRABALHO DOMÉSTICO: PARA ALÉM DE CARMEN

Todo o trabalho doméstico público é desempenhado por especialistas, ambos mulheres e homens. – Marte, um planeta feminista, descrito por Henry Olerich, 1893⁶⁷⁹

Trabalho doméstico? disse ele, *Trabalho doméstico? Ah meu deus, quão trivial você consegue ser. Um artigo sobre trabalho doméstico.* – Esposo de teórica feminista, 1970⁶⁸⁰

"É verdade que vocês perderam o entusiasmo?" perguntou-me um motorista de táxi recentemente. "Espero que não. Mudaram minha vida, mas tenho novos problemas. Sou um pai *que trabalha*."⁶⁸¹

Durante a década de 1970 a revista **Claudia** fez uso da presença de Carmen da Silva para se esquivar, a maior parte do tempo, do tema feminismo – ou ao menos segregar o assunto ao *gueto* de sua seção, "A arte de ser mulher". Isso ocorreu, contudo, principalmente com um feminismo declarado e voltado à realidade brasileira porque, nesses anos, podemos perceber muitas apropriações indiretas do ideário

⁶⁷⁹ Epígrafe extraída do capítulo "Widening Circles of Reform", em HAYDEN, D. Op. Cit., 1981, p. 134. Minha tradução.

⁶⁸⁰ Epígrafe extraída do capítulo "Feminist Politics and Domestic Life", em HAYDEN, D. Op. Cit., 1981, p. 290. Minha tradução. Apesar de Dolores Hayden não citá-la diretamente quando usa a epígrafe – talvez por este texto ser muito reconhecido dentro do feminismo de Segunda Onda estadunidense –, originalmente esta epígrafe encerra um clássico artigo do movimento feminista americano, "*The Politics of Housework*", escrito por Patricia Mainardi e publicado em 1970 pelo controverso grupo feminista radical *Redstockings*. O grupo é fundado em 1969, como resultado de um racha de outro grupo feminista radical, o *New York Radical Women*, e seu nome traz referência a mulheres intelectuais e à esquerda revolucionária. São indicadas como suas fundadoras Sulamith Forestone (que no mesmo ano se retira do grupo) e Ellen Willis. O texto completo de Patricia Mainardi está disponível em <http://uic.edu/orgs/cwluherstory/CWLUArchive/polhousework.html> Acesso em 22/09/2015.

⁶⁸¹ FRIEDAN, B. Op. Cit., 1983, p. 138.

feminista na publicação, inclusive no que diz respeito ao trabalho doméstico.

O primeiro exemplo que pude observar, no recorte da pesquisa, de reportagem focada no movimento feminista em **Claudia**, é absolutamente carregado de estereótipos. Foi publicado em setembro de 1970 sob o título "Não faça amor, faça guerra", bem destacado em caixa alta sobre a foto de uma mulher sem maquiagem, vestindo um lenço na cabeça e um quimono, treinando caratê e encarando com semblante sério a leitora da revista. Em destaque podemos ler afirmativas como "Não vamos precisar de homens nem para ter filhos" ou "Mulher apaixonada não pode fazer revolução". É uma reportagem sobre o feminismo estadunidense – que menciona o termo feminismo, além de revolução das mulheres entre outros – e traz depoimentos de diferentes feministas de destaque, como Roxanne Dunbar, Sulamith Firestone, Ti-Grace Atkinson e Betty Friedan.⁶⁸² Apresenta-se sob a chamada "Dez mil mulheres americanas estão querendo acabar com a supremacia dos homens, nem que seja a tapa. Para isso estão estudando, trabalhando, lutando. (...) "⁶⁸³

Há um evidente relevo da matéria no que poderia se encontrar de inusitado ou pitoresco no comportamento das feministas: o radicalismo de determinados grupos e militantes, informações como o fato da maior parte dessas mulheres serem divorciadas, ou ainda um dos relatos mais elaborados e fantasiosos que já li sobre o episódio da queima dos sutiãs. É uma redação que seria alvo fácil de crítica feminista, por exemplo por atribuir a um senador o estopim do movimento das mulheres. Lê-se que, "querendo ser muito gentil", este sugeriu que fosse acrescentada a palavra *sexo* todas as vezes que aparecesse a palavra *raça* em uma lei trabalhista que garantia a igualdade de salário para trabalho igual, assinada pelo presidente Kennedy. Ao afirmar que "Foi o que bastou. As mulheres acordaram e verificaram o quanto estavam desvalorizadas, e passaram a exigir o que a lei lhes garantia",⁶⁸⁴ se atribui a conquista do "salário igual para trabalho igual", tanto para negros quanto para mulheres, a homens brancos e poderosos.

⁶⁸² A reportagem também traz a foto e depoimento de uma liderança feminina dos Panteras Negras, Rose Mary Byrd, mas não especifica se ela atuava em grupos feministas. Diferente do caso das demais feministas citadas, não encontrei informações sobre ela na Wikipédia ou na pesquisa na *Web* de modo geral.

⁶⁸³ **Claudia**. São Paulo, nº 108, Ano IX, setembro de 1970.

⁶⁸⁴ *Idem*.

Felizmente não encontrei outro artigo, nos números de **Claudia** analisados, tão sensacionalista assim, tão recheado de clichês sobre o feminismo. E mesmo nessa reportagem, algo de informativo pôde ser encontrado, como o apelo das feministas mais conservadoras pela oportunidade de "viver como ser humano num mundo em que só o homem tem valor". Ou, então, a demanda de uma associação de donas de casa por um sindicato, apontada como fator mais surpreendente do que a própria queima de sutiãs

(...) Seus objetivos já estão bem definidos na lei dos Direitos das Donas de Casa: 1º) sindicalização; 2º) semana de trabalho de seis dias; 3º) licença maternidade; 4º) seguro de saúde; 5º) férias pagas; 6º) instituto de previdência social; 7º) melhores condições de trabalho; 8º) creches abertas dia e noite.

Não encontrei informações sobre a citada lei, compreendendo portanto que esta seria o resultado alcançado a partir da pauta de reivindicações dessa associação. Seja como for, esses são reclamos que não ganharam grande força na história dos feminismos brasileiros daquele período, sendo geralmente comentados por eles como exemplo de reivindicação de grupos de americanas ou italianas. Ainda assim, sua citação em 1970 – quando os movimentos feministas não estavam ainda organizados no Brasil – e sua consideração de que trabalho doméstico era trabalho são muito importantes, tanto pelo contexto do período quanto por estar dentro da revista **Claudia**. Em seguida, na matéria, se encerra o texto com uma visão mais positiva e menos estereotipada da questão.

A luta está aberta, mais de cem cidades americanas têm um ou mais de um grupo feminista organizado. Mais de dez publicações já estão circulando pelas bancas de jornais americanas, tôdas batendo insistentemente na mesma tecla: "Os homens precisam aprender a compartilhar a humanidade com as mulheres. As mulheres precisam participar dos grande empreendimentos. Talvez os homens nem tenham culpa, pode ser até que êles tenham um grave defeito hereditário que não os deixa entender as

coisas. De qualquer maneira, teremos bastante tempo para corrigir tudo." (sic)⁶⁸⁵

A próxima matéria que destaque não menciona feminismo ou direitos das mulheres. Talvez ela nem mesmo possa ser considerada uma apropriação direta de debates feministas, já que é de 1970, mas o diálogo que estabelece com esses debates, que surgem no Brasil anos depois, fica muito evidente. "Nenhuma dona de casa é de ferro"⁶⁸⁶ se apresenta sob a chamada "Você é uma dona de casa: levanta cedo, começa a trabalhar e não pára mais. De repente, você vê que está nervosa, com uma porção de dores e doenças. Veja aqui como evitar que o excesso de trabalho acabe com você." A matéria começa com uma descrição do atarefado dia-a-dia de uma dona de casa que não sabemos se é ou não fictícia, Sílvia, e seu trabalho que nunca termina. Em seguida encontramos uma descrição que lembra, em muito, denúncias encontradas nos periódicos feministas brasileiros na segunda metade da década de 1970

Como Sílvia, milhões de mulheres do mundo inteiro enfrentam a dura tarefa de ser uma dona de casa. Como Sílvia, milhões de mulheres sofrem de um cansaço que parece não ter começo nem fim, fazendo tarefas em ambiente pouco propício, perturbadas por uma infinidade de pequenas e grandes complicações imprevistas.

No entanto, são as trabalhadoras menos reconhecidas e mais negligenciadas. Não têm horário, salário, férias, previdência social. E muito menos qualificação – de acordo com as estatísticas profissionais, mulher que trabalha é só aquela que faz um trabalho remunerado.

Como consôlo (triste consôlo), de algum tempo para cá a dona de casa tem preocupado a medicina: qual será a influência do trabalho doméstico sobre a saúde da mulher? (...) (sic)⁶⁸⁷

A própria imagem que ilustra a matéria não diverge em muito das representações imagéticas de donas de casa encontradas nas publicações

⁶⁸⁵ Idem.

⁶⁸⁶ **Claudia**. São Paulo, nº 110, Ano X, novembro de 1970, p. 149.

⁶⁸⁷ *Ibidem*, p. 150.

feministas, como podemos observar na Figura 46, adiante: uma mensagem de sobrecarga e preocupação. Assim, abordam-se questões centrais no debate acerca do trabalho doméstico dos feminismos dessa geração: as condições de trabalho, como jornada, equipamentos, ambiente e descanso apropriado; a ausência de direitos que outros tipos de trabalhadores/as tinham, como férias, previdência, salário; a invisibilidade – inclusive estatística⁶⁸⁸ – do trabalho doméstico como trabalho; e as consequências físicas dessa situação para as trabalhadoras domésticas.

Cita-se pesquisa realizada por uma associação de médicos europeia para listar as principais consequências físicas que as donas de casa sofriam devido sua ocupação, muitas delas associadas à tensão (ponto também tratado por Betty Friedan em **Mística feminina**). Do mesmo modo, menciona-se "o número real de atividades exercidas por uma dona de casa: trinta", sem entretanto especificar quais seriam. A energia dispensada para determinadas atividades é listada, em calorias, lembrando também como eram comuns as jornadas de 14 horas no trabalho doméstico. É interessante que, diferente dos escritos feministas do período, "orientar a empregada" surge entre as listas de atividades comentadas, não necessariamente como um desafogo, um alívio na frenética jornada de trabalho das donas de casa, e sim como mais uma tarefa a ser cumprida.

⁶⁸⁸ Debates nesse sentido, anos mais tarde, foram publicados no Brasil, por exemplo, em AGUIAR, N. Op. Cit., 1984.

Figura 46



NENHUMA DONA DE CASA É DE FERRO

Lá vai Sílvia, correndo pela escada abaixo. A mesa de café está em ordem. Lá vai Sílvia, subindo a escada, correndo. Ajudar a vestir as crianças. Lá vai Sílvia correndo, despachar o marido para o trabalho, as crianças para a escola. Lá vai Sílvia correndo fazer compras, falta carne, falta pão. Lá vai Sílvia correndo, ver se a casa ficou em ordem, a empregada pôs o feijão no fogo. Lá vai Sílvia orientar o almoço, ajudar na cozinha, telefonar ao médico. A tarde costurar botões, arrumar ao menos o armário de brinquedos, levar o caçula ao dentista, as crianças precisam tomar lanche, é hora de banho... Sílvia ainda tem que providenciar o jantar. Lá está Sílvia, cansada, mal-humorada, esperando o marido. *Segue*

689

As soluções apontadas para a questão, como era praxe nos escritos não feministas em **Claudia**, foram bastante conciliadoras e conservadoras, como: simplificar o trabalho com a ajuda de eletrodomésticos ou contratando pessoas para executar algumas tarefas que as donas de casa faziam – como costurar cortinas –; não ser tão exigente com o próprio desempenho – como rodar a feira inteira para achar um tomate um pouco mais barato, apesar de que "gastar bem" era parte das funções esperadas das dona de casa –; e até contar com a ajuda

⁶⁸⁹ **Claudia**. São Paulo, nº 110, Ano X, novembro de 1970, p. 149.

eventual do esposo. Mas o que chama mesmo a atenção em "Nenhuma dona de casa é de ferro" são as denúncias, a listagem dos problemas, e a facilidade que encontramos em associar essas denúncias com aquelas encabeçadas pelos feminismos dessa geração no Brasil, alguns anos depois.

Também em "Quanto você vale como dona de casa"⁶⁹⁰, de julho de 1971, pode-se estabelecer uma associação com o material de orientação feminista brasileiro dos anos 70 e 80. Entretanto, o desfecho do artigo em **Claudia** deixa bem evidente o lugar no qual aquele conteúdo estava sendo veiculado assim como os objetivos editoriais da publicação no começo da década de 1970, completamente divergentes daqueles dos grupos feministas. O texto se apresenta sob a chamada "Quanto você ganharia, na sua profissão de dona de casa, se recebesse um salário? Qual a economia dêse seu trabalho, no orçamento da casa? Ou seja, quanto você economiza para seu marido? Veja aqui o resultado surpreendente dessa pesquisa" (sic). Na própria chamada já percebemos que o esposo é visto como de fato o chefe da família, e a redação se dirige a uma dona de casa de período integral. A suposta economia que ela possa oferecer não é associada ao grupo familiar, mas sim ao marido, o que evidencia a posição da esposa antes como dependente do que como trabalhadora.

A matéria traz uma espécie de cronograma com atividades desempenhadas pela dona de casa do decorrer do dia, o que também foi encontrado em diferentes fontes feministas⁶⁹¹, das 7 da manhã até às 22 horas. Nesse total de quinze horas de trabalho, identificaram-se treze atividades profissionais diferentes, algumas de tempo integral e outras parcial ou ainda atividades ocasionais, mensais: arrumadeira, cozinheira, pajem, garçom, professora particular, lavadeira, passadeira, costureira em casa, enfermeira em casa, secretária, motorista particular, jardineira e trabalhos pesados, nesses termos e nessa ordem. Isso somaria um total de Cr\$ 2415,00, em um período em que o salário mínimo era de Cr\$ 225,60.⁶⁹² Quer dizer, mais de dez salários mínimos.

Certamente essa seria uma forma interessante de demonstrar como o trabalho da dona de casa deveria ser valorizado, se o seguimento

⁶⁹⁰ **Claudia**. São Paulo, nº 118, Ano X, julho de 1971.

⁶⁹¹ Exemplo na Figura 2 desta tese. **Brasil Mulher**. São Paulo, Ano 2, nº 8, 1977, p. 14.

⁶⁹² Informação disponível em <http://www.uel.br/proaf/informacoes/indices/salminimo.htm> Acesso em 23/12/2015.

do texto não fizesse uma conta semelhante com gastos com aulas de ginástica, salão de beleza e cosméticos. Tal matemática tinha o objetivo de provar que, apesar dos gastos com a manutenção da beleza da dona de casa serem altos – calculou-se Cr\$ 667,00, quase três salários mínimos –, ela ainda estaria "economizando" Cr\$ 1748,00 "para seu marido". Seria um argumento para apresentar ao esposo quando ele reclamasse que ela usava o dinheiro dele para gastos consigo mesma aos quais, por "ser apenas uma dona de casa" (leia-se não trazer dinheiro para o orçamento doméstico), não teria direito.

De fato, o texto principia narrando como a dona de casa se sentia desvalorizada por se ver ao fim da jornada com o cabelo sem brilho e a pele descuidada. Nesse caso, tratamentos e produtos de beleza poderiam resolver a questão, sem se discutir a fundo a desvalorização das donas de casa e, ao mesmo tempo, resolvendo as questões com soluções de consumo, indicação tão comum nas revistas femininas. Entretanto, o ato de se calcular quanto valiam no mercado os serviços prestados pelas donas de casa, ou ao menos se perguntar a respeito, foi encontrado não somente em Carmen da Silva, em artigo supracitado⁶⁹³ de 1978, como também no periódico feminista brasileiro **Nós Mulheres**⁶⁹⁴ em 1976. No decorrer da escrita, tenho focado tanto em observar as apropriações de **Claudia** dos materiais feministas, que me surpreendeu encontrar esse caso em que, talvez, o caminho inverso tenha se dado. Certamente podemos pensar que a atitude de **Claudia** de calcular o preço no mercado do trabalho da dona de casa para justificar seus gastos com beleza, que poderia ser um tipo de conteúdo comum em revistas femininas, tenha sido apropriado pelos feminismos para apontar o valor deste trabalho.

Este é também um exemplo muito interessante porque envolve aspectos que inspiraram o projeto de pesquisa desta tese: o fato de que tanto a imprensa feminina comercial voltada ao lucro quanto a produção

⁶⁹³ O Brasil está começando a descobrir a mulher. **Claudia**. São Paulo, nº 198, Ano XVII, março de 1978.

⁶⁹⁴ No segundo número do **Nós Mulheres**, a matéria principal na folha central do jornal se intitula "Nós Mulheres: donas de casa – A rainha do lar não tem cetro nem coroa...?", a qual começa questionando: "Se fizéssemos uma gigantesca exposição, em que mostrássemos todo o trabalho invisível da dona de casa – comida, roupa lavada, fraldas, tricô, crochê, e tudo o mais – em quanto seria estimado esse trabalho? Quanto vale o trabalho desvalorizado e desprestigiado da dona de casa, e quem se beneficia dele?" **Nós Mulheres**. São Paulo, nº 2, setembro/outubro de 1976, p. 8-9.

feminista voltada à revolução dos costumes focavam na valorização das mulheres e do seu trabalho prestado à sociedade. Quer dizer, buscavam de certa forma ajudar as mulheres. Amy E. Farrel comenta inclusive, a esse respeito, que o propósito das revistas femininas era exatamente tornar a carreira doméstica suportável para todas as mulheres casadas.⁶⁹⁵ As formas e os objetivos através dos quais se construía essa valorização ou ajuda foram, contudo, na imprensa comercial e feminista, na maior parte do tempo opostas. Na maior parte do tempo mas não sempre.

Em abril de 1976 **Claudia** publica "Mulher quase não tem direitos. Isto é direito?"⁶⁹⁶, em que se alega que antes de conquistar direitos seria importante as mulheres conhecerem o Código Civil. Durante o artigo o feminismo surge em dois momentos: ao mencionar conquistas dos primeiros movimentos feministas no Brasil; e através da fala da advogada consultada, neste caso apenas como alvo de repúdio, pois ela entendia que o feminismo daquela geração representava uma luta entre homem e mulher. Esse fato é importante porque, além do supracitado artigo "Não faça amor, faça guerra", de setembro de 1970, essa foi a única das fontes selecionadas para pensar feminismo e trabalho doméstico em **Claudia**, nos anos 1970, para além de Carmen da Silva, em que se cita a palavra feminismo. Claro, há menções sobre feminismo em entrevista com Jane Fonda por exemplo, e em algumas outras partes da publicação focadas em personalidades, comportamento, sexualidade. Mas é surpreendente que, buscando associar feminismo e trabalho doméstico, eu tenha encontrado apenas duas matérias ou reportagens que de fato citavam feminismo, ao excluir "A arte de ser mulher", num universo de consulta de 95 números praticamente completos e mais algumas matérias soltas dos anos 70.

Ainda assim, "Mulher quase não tem direitos. Isto é direito?" não é um artigo especificamente voltado ao trabalho doméstico, mas discute questões muito ligadas às problemáticas feministas acerca deste, como o pátrio poder, o conceito de "cabeça do casal" ou a dependência legal das mulheres transferida do pai para o marido. As desigualdades no mercado de trabalho que acabariam agindo de modo a manter as mulheres como "rainhas do lar" são explicadas como algo fundamentado mais no social do que no legislativo, o que poderia apresentar alguma semelhança com os debates feministas a esse respeito no período. Entretanto, as preocupações acerca dos efeitos que a igualdade teria para as mulheres

⁶⁹⁵ FARREL, A. Op. Cit., 2004, p. 45.

⁶⁹⁶ **Claudia**. São Paulo, nº 175, Ano XV, abril de 1976, p. 76-78.

no que se refere à "perda de privilégios" – pensão em caso de divórcio não ser mais obrigatória; trabalho noturno ou insalubre ser permitido para homens e também mulheres etc. – em determinados momentos carrega o texto com uma visão mais conservadora.

"Ser mãe é padecer no paraíso (e outros mitos semelhantes)"⁶⁹⁷ é outro artigo que, apesar de não ser focado no trabalho doméstico, traz muitos pontos centrais dos questionamentos feministas a esse respeito. O texto de outubro de 1978, assinado por Graciela Karman, apesar de não mencionar o termo feminismo no decorrer de suas quatro páginas, elenca questões que podem ser entendidas como apropriações dos debates feministas, a começar pelo próprio título. Questionar os mitos ao redor da maternidade foi um dos principais caminhos dos feminismos dessa geração para desconstruir a ligação das mulheres com o lar, para desnaturalizar sua associação ao trabalho doméstico, à esfera privada, ao cuidado. São listados sete mitos, que são questionados e comentados individualmente: 1. Mulher só se completa com um filho; 2. Mãe só tem uma; 3. Os filhos são a alegria do lar; 4. Ser mãe é padecer no paraíso; 5. Mãe não tem sexo; 6. Coração de mãe nunca se engana; 7. Mãe nasce feita.

O comentário que se segue ao primeiro mito, de que a mulher só se completaria com um filho, é muito interessante. Sugere que naqueles dias, diferente do passado, um filho não seria a única contribuição que a mulher poderia oferecer à sociedade, e com a tecnologia também não seria mais uma fatalidade biológica. Entretanto,

(...) Desde criança, brinquedos, anúncios, discos, peças, filmes e livros infantis vão lhe passando o mesmo recado: o mundo espera que tenha filhos. Mesmo quando se prepara para uma carreira, a expectativa se mantém. Ela pode ser uma boa profissional, por que não? *Contanto* que seja boa mãe.

Por mais que se considere feliz e realizada com sua carreira, suas ocupações, seu marido, sua vida social, sempre há de haver alguém (os pais, os amigos, a vizinha) sacudindo a cabeça e comentando: "Fulana? Coitada! Diz que não quer filhos. Deve ter algum problema. Ou, vai ver, é o marido que não pode."

⁶⁹⁷ **Claudia.** São Paulo, nº 205, Ano XVIII, outubro de 1978, p. 233-238.

O que se vai fazer? Certas pessoas dificilmente entendem que uma mulher pode ser mais completa e realizada sem filhos do que a mãe que os trouxe ao mundo sem ter jamais chegado a se perguntar se era *realmente* isso o que queria da vida.⁶⁹⁸

Os condicionamentos sociais que faziam (e fazem) com que as mulheres não enxergassem a possibilidade de não serem mães se evidenciam nesse trecho. Isso ocorre de modo a se pensar *a maternidade como escolha*, um dos motes dos chamados feminismos de Segunda Onda. Entretanto, o encaminhamento da redação traz resquícios desses mesmos condicionamentos que são criticados, ao afirmar que a mulher sem filhos poderia ser mais completa e realizada do que a mãe *que nunca pensou se realmente os queria*. Essa sentença em destaque deixa implícito que uma mulher realizada sem filhos nunca é tão realizada quanto aquela que escolheu conscientemente ter filhos e os teve. A própria noção de realização aqui poderia ser questionada, como muitas outras postas no artigo. Contudo, para pensar as questões referentes ao trabalho doméstico, parece interessante focar nos dois últimos mitos trabalhados: que coração de mãe nunca se enganaria e que mãe nasceria feita.

São pontos que explicitavam que cuidar de crianças, parte tão importante das funções domésticas femininas, não era uma habilidade nata, não eram funções que as mulheres saberiam desempenhar apenas por serem mulheres. E, como todas as funções que as pessoas desempenham, seriam passíveis de erros. Desconstruir o instinto materno, a noção de que as mães sabem o que é melhor para seus filhos porque sentem, porque simplesmente sabem, ajuda a compreender o cuidado com as crianças como um trabalho que é desempenhado pelas mulheres e que exige treino, aprendizagem, como qualquer trabalho. Essa visão do trabalho doméstico como não nato abre a possibilidade para que homens também o exerçam, mas eles não são mencionados nesse artigo. Na transferência das funções de mãe, se mencionam a avó ou uma babá apenas, mas o marido não.

Em fevereiro de 1983, **Claudia** levanta a mesma questão através de um resumo da obra *The reproduction of mothering* (A multiplicação

⁶⁹⁸ Ibidem, p. 233. Grifos da autora.

da maternidade), de Nancy Chodorow.⁶⁹⁹ O questionamento do mito "mãe só tem uma", no artigo em **Claudia** de 1978, já antecipa algumas das questões tratadas por Nancy Chodorow, por exemplo de que crianças que recebiam atenção e carinho de mais de uma pessoa seriam psicologicamente mais saudáveis. Entretanto, essa "mais de uma pessoa", para Nancy Chodorow, não seria apenas a avó ou a babá, uma espécie de substituta, feminina e temporária, da mãe. A autora fala da importância para a individualidade e independência da criança que a maternidade – no sentido de funções de cuidado e atenção – fosse exercida por mais de uma pessoa em quem a criança confiasse, de ambos os sexos, para além da mãe e do pai. Tios/tias, primos/as, são sugeridos, o que de fato não ocorre no artigo de 1978. Ainda assim, algumas das afirmativas de "Ser mãe é padecer no paraíso..." lembram muito escritos feministas, como podemos observar a seguir.

*O fato é que mãe não nasce feita. Ser mãe é viver um papel determinado pela sociedade. Um papel que se aprende. Se algumas mulheres sabem lidar melhor com crianças, nada indica que tenham nascido melhor dotadas do que outras. O mais provável é que sua atitude seja reflexo da maneira como suas mães as tratavam. Ou da experiência adquirida no convívio com seus irmãos, com outras crianças.*⁷⁰⁰

Aqui podemos encontrar de forma clara a assertiva feminista de que as funções domésticas femininas – ainda que no caso limitadas àquelas que envolviam o cuidado de crianças – eram uma questão cultural, histórica e socialmente construída e, portanto passível de transformação. Assim, separar a maternidade biológica da maternidade social, como o artigo faz, carrega o texto com um caráter profundamente

⁶⁹⁹ Quanto mais mães o seu filho tiver, melhor! **Claudia**. São Paulo, nº 257, Ano XXII, fevereiro de 1983, p. 170-174. No artigo se cita um trecho em que a autora afirma que a maternidade – em seus termos sociais – é um dos poucos elementos universais de perpetuação da divisão sexual do trabalho. Ao mesmo tempo, esse trabalho seria pilar de toda a organização social. A obra veio a ser publicada no Brasil apenas anos depois, em 1990, com o título **Psicanálise da maternidade**. CHODOROW, Nancy. **Psicanálise da maternidade: uma crítica de Freud a partir da mulher**. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1990.

⁷⁰⁰ **Claudia**. São Paulo, nº 205, Ano XVIII, outubro de 1978, p. 238. Meus grifos.

transformador. Esse aspecto não se dilui mesmo estando dentro de um artigo com um diálogo muito conciliador e tranquilizador entre as mulheres e a maternidade, algumas vezes tendendo ao conservadorismo. Na verdade, antes de diluir as características transformadoras, esse fator parece ilustrar bem as formas como repetidas vezes a publicação abordou questões polêmicas, que talvez fossem consideradas pelas leitoras como progressistas demais: a negociação entre o avançado e o tradicional; a modernização conservadora.

No último desses artigos destacados da década de 1970, a "ajuda" do esposo no trabalho doméstico é retomada, dessa vez como foco. É interessante observarmos que muito se escreveu sobre trabalho doméstico na revista na nos anos 70, mas foram raras as ocasiões em que se trouxe, nesses escritos, uma perspectiva que poderia ser de algum modo identificada com o feminismo.⁷⁰¹ Em dezembro de 1979, beirando os anos 1980, "Meu marido não me ajuda! Como evitar esta frase"⁷⁰² faz isso de modo muito interessante. Acompanhados pelas imagens reproduzidas na Figura 47 (a primeira delas abrindo o artigo, apresentando o problema, e a outra fechando, com uma situação ideal), são descritos três depoimentos de famílias diferentes.

⁷⁰¹ Na minha seleção das fontes, contei 6 artigos da década de 1970 e 15 da de 1980.

⁷⁰² **Claudia**. São Paulo, nº 219, Ano XIX, dezembro de 1979, p. 23-25.

Figura 47



No primeiro, o esposo de fato assume o papel da dona de casa para que ela faça um curso de aperfeiçoamento em outra cidade. Há a ajuda da empregada, mas a administração da casa, as compras, o cuidado com a filha do casal no final do expediente – quando a

⁷⁰³ Ibidem, p. 23; 25.

empregada voltava para sua casa – ficavam sob responsabilidade do esposo. Há um comentário da psicóloga consultada, Maria Luísa Eluf, sobre cada um dos casos e, neste primeiro, ela admite que "maridos compreensivos" ainda eram minoria. Mesmo trazendo a perspectiva de que dividir essas tarefas seria dividir a vida, num processo no qual todos cresceriam e aprenderiam juntos, essa noção de "marido compreensivo" mostra que Carlos, o esposo nesse casal, estaria fazendo um favor à Bernadete, sua esposa.

Ainda assim, os apontamentos para esse ideal ser alcançado são indicados, pela psicóloga, com atenção ao modo como as leitoras educavam suas crianças, de um ponto de vista muito semelhante ao apresentado por diferentes grupos feministas do período.

(...) Esta conscientização precisa existir, inicialmente, de forma autêntica, no pai ou na mãe, para que os filhos sintam o ambiente no qual vivem. No entanto, sabemos que os rapazes, quando vão estudar fora de casa, cuidam do seu quarto, da sua roupa e até fazem comida. Mas depois que se casam... pronto! Já sentem que arrumaram uma empregada e jamais se propõem a fazer aquilo que faziam com tanta naturalidade. Por isso, acho importante a forma pela qual estamos educando os filhos. (...) ⁷⁰⁴

A voz autorizada deste artigo retoma o argumento da educação das crianças em seu comentário do segundo exemplo, no qual a esposa era dona de casa sem trabalho fora. Nele, o esposo assumia que não ajudava em casa mas se justificava: porque ela tinha empregada, porque o trabalho doméstico não devia ser tão cansativo quanto as mulheres alegavam ser, porque sua esposa não ajudava em nada nas suas funções masculinas (como pagar uma conta no banco, dar um telefone importante) etc. Nesse caso se consulta apenas o esposo, não a esposa.

A insistência na analogia entre dona de casa e empregada que se encontra nesse artigo, assim como o necessário enfoque na educação das crianças para mudar a situação, são referências encontradas em charges, tirinhas e escritos feministas, na década de 1970 mas também na de 1980. Entretanto, como comentado anteriormente nesta tese, culpabilizar as mães pela criação conservadora das crianças foi fator criticado

⁷⁰⁴ Ibidem, p. 23.

também dentro destes feminismos. Sob essa perspectiva, apontar que são as mães quem "criam os homens machistas" só retomaria a visão conservadora de que a educação e criação das crianças é tarefa exclusiva das mulheres. Apesar disso, os comentários de Maria Luísa Eluf se mostram bastante progressistas no contexto da publicação, de um ponto de vista feminista. Sobre esse segundo caso e o depoimento do esposo ela comenta

(...) Alguns entendem que proporcionar boas empregadas para a esposa é o suficiente. Mas as tarefas de administrar uma casa são complexas e ininterruptas. Para um jantar no sábado, alguém tem que planejar e definir tudo. Por que o homem não poderia auxiliar? A mulher precisa começar a trabalhar com a família o sentido da cooperação. Se ela ficar o tempo todo catando brinquedos ou objetos espalhados pela casa, como pretender colaboração da família em outra ocasião? Além disso, mães que fazem as vezes de empregadas dos filhos estão apenas criando neles a mesma mentalidade que suas sogras criaram nos maridos. Acho difícil, às vezes, que a mulher obtenha ajuda do marido. Talvez não esteja preparada para planejar isto com ele. Mas deve tentar com seus filhos. Por que não ensiná-los, por exemplo, a preparar o próprio lanche ou a desocupar as lancheiras, quando forem maiorzinhos? A mulher precisa ter direito ao seu tempo livre, para cuidar dela mesma, da sua cultura ou mesmo do seu lazer.⁷⁰⁵

A indicação de ausência de tempo livre na vida das donas de casa também é ponto abordado repetidas vezes pelos feminismos desta geração. No último caso comentado, uma mãe que enviuvou muito cedo ensinou os quatro filhos homens a repartir as tarefas de casa e o caçula, inclusive, virou um tipo de "dono de casa" na medida em que todos os outros saíram para trabalhar. Sobre esse caso, a psicóloga retoma a ideia de criação diferenciada para meninos e meninas, da dupla moral sexual, do caráter social da associação entre trabalho doméstico e as mulheres, e

⁷⁰⁵ Ibidem, p. 25.

também do respeito ao tempo livre e ao descanso – ao menos algum descanso – da dona de casa, como podemos observar a seguir.

(...) em todas as situações em que a vida nos pede opções, devemos considerar o ser humano como ele é, independente do seu sexo e do papel social que este sexo precisa representar, pois nem sempre as convenções impostas são racionais e justas. (...) não há nada de errado no fato de um homem ter jeito para cozinhar. Os valores sociais é que, direta ou indiretamente, vão criticá-lo e ele acabará se sentindo marginal, exótico, diferente dos outros. Por isso devemos vigiar nossos preconceitos e evitar que produzam julgamentos com rótulos do tipo *homem pode; mulher não pode*. Podem até existir, mas não devem dominar nossos julgamentos. (...) Acho que a mãe, aquela que não trabalha fora, pode e deve se responsabilizar pelas tarefas domésticas. Ou, então, se tiver empregadas, deve se responsabilizar pela administração da casa. Mas acho também que esta mulher tem direito de almoçar sem interrupções do tipo pegar um copo de água, uma faca, etc. Tem direito também ao descanso semanal com a família sem ser necessário o almoço num restaurante, mas, sim, que todos colaborem e não vejam a mãe como uma empregada.⁷⁰⁶

O conselho termina dizendo que as mulheres devem experimentar em suas casas, criar laboratórios nos lares através dos quais a criatividade e liderança feminina pudesse mobilizar a colaboração de todos. Ou seja, termina novamente retomando a noção de modernização conservadora, quando impõe sobre a mulher sozinha a solução da questão. Ao mesmo tempo, as repetidas analogias depreciativas entre a dona de casa a uma empregada em nenhum momento questionam as condições de trabalho das empregadas, sua humanidade ou direito ao descanso, questão para a qual os feminismos brasileiros ofereceram grande atenção nos anos 1970. Ainda assim, ao situarmos o artigo dentro da revista e fora da seção de Carmen da Silva, podemos perceber

⁷⁰⁶ Idem. Grifos do original.

diferentes formas através das quais os discursos feministas começam a circular com maior intensidade na publicação.

Nos primeiros anos da década de 1980 é possível notar isso ocorrendo de forma repetida mas pontual, em espaços da revista que estavam discutindo questões para além do trabalho doméstico. Em "Nós, brasileiras, e a revolução sexual", de setembro de 1980, se entrevistam mulheres com diferentes ocupações e vozes autorizadas masculinas sobre seus pontos de vista a respeito da temática. Uma das perguntas da entrevista foi "A dependência financeira da maioria das mulheres casadas influencia sua submissão a uma vida sexual insatisfatória?", à qual a dona de casa entrevistada responde "Acho que as mulheres dependentes são as que mais fingem. É como diz minha sogra: 'Após um dia inteiro de trabalhos domésticos, esta é a última obrigação da dona-de-casa'." (sic)⁷⁰⁷ Nessa passagem, dentro de um compilado de opiniões sobre um assunto que nenhuma relação parecia ter com trabalho doméstico, encontramos o relato de uma das funções de dona de casa indicadas por Danda Prado em **Ser esposa: amais antiga profissão**⁷⁰⁸, que também é abordada por publicações feministas periódicas nos anos 1970.

No número comemorativo de vinte anos de **Claudia**, em outubro de 1981, se comenta de passagem artigo publicado em abril daquele ano, em número que não pude consultar: "Tarefas domésticas: se o marido ajuda, é fácil trabalhar fora".⁷⁰⁹ Dois meses depois, em dezembro de 1981, entrevista publicada com a poetisa Adélia Prado traz como título "A mulher que não enfrenta o fogão também é oprimida"⁷¹⁰, sem entretanto se debater trabalho doméstico de fato no decorrer da entrevista. Mas é em outubro de 1982, em entrevista exclusiva com Betty Friedan, que mais surpreendeu a falta de enfoque na temática do trabalho doméstico. Sob o título "Uma feminista cansada de guerra"⁷¹¹, essa confusa entrevista se baseia muito na noção de segunda etapa ou segundo estágio apresentada por Betty Friedan em sua segunda obra, supracitada⁷¹², que a essa altura ainda não havia sido publicada no Brasil. Entretanto, diferente do que pude observar em outras entrevistas, fica evidente que esta ocorreu sem a leitura prévia do livro por parte da

⁷⁰⁷ **Claudia**. São Paulo, nº 228, Ano XIX, setembro de 1980, p. 264.

⁷⁰⁸ PRADO, D. Op. Cit. 1979.

⁷⁰⁹ **Claudia**. São Paulo, nº 241, Ano XXI, outubro de 1981, p. 34.

⁷¹⁰ **Claudia**. São Paulo, nº 243, Ano XXI, dezembro de 1981, p. 21.

⁷¹¹ **Claudia**. São Paulo, nº 253, Ano XXII, outubro de 1982, p. 351-357.

⁷¹² FRIEDAN, B. Op. Cit., 1983.

entrevistadora, o que resultou em um conteúdo pouco claro, ao menos em relação à proposta do livro.

O primeiro contato que tive com esta entrevista⁷¹³, ao observar as fontes de pesquisa, também foi antes de ler **A segunda etapa**, e confesso que tive um pouco de dificuldade em apreender sobre o que exatamente se estava discutindo. A entrevista fala de um feminismo que inclui os homens, em superar os excessos do passado, que era indispensável que o feminismo tivesse a família como foco, mas não explica a premissa básica do livro. Esta seria o fato de que a preocupação dos feminismos norte-americanos dos anos 1960 e 70 com a ocupação feminina do mercado de trabalho e das esferas de poder públicas não foi acompanhada, ao menos não na devida proporção, por um debate sobre a divisão de tarefas no lar. Isso de certo modo resultou em uma geração de mulheres que se via obrigada a escolher entre ter uma carreira satisfatória ou ter uma família, porque essas atividades se tornavam incompatíveis.

Certamente outros grupos feministas poderiam interpretar como petulância do feminismo liberal estadunidense pensar que descobriu, em 1980, o problema da divisão de tarefas no lar e da dupla jornada de trabalho feminina. Ao mesmo tempo, a estruturação dos empregos com bons salários dentro da lógica que, quem tinha um emprego daqueles, tinha uma esposa em casa para suprir toda a infraestrutura que permitiria a alguém dedicar tantas horas ao trabalho formal, é questionada no livro. É curioso porque a entrevista começa comentando os três meses de negociações necessários para que esta pudesse acontecer, mas a impressão que fica é que ela ocorreu sem um preparo prévio adequado, e que se desperdiçou uma grande oportunidade de debater questões sobre a divisão de responsabilidades familiares, financeiras e domésticas entre homens e mulheres. Essa sensação de desperdício é percebida tanto através de uma leitura atenta da obra – **A segunda etapa** – quanto levando em conta os diferentes debates realizados dentro da própria **Claudia** no decorrer dos anos anteriores sobre trabalho doméstico e divisão de tarefas, assim como a própria trajetória de Betty Friedan, muitas vezes abordada na publicação.

Em setembro de 1983, por outro lado, em um dos poucos números que consultei de **Claudia** que não estavam completos, pois

⁷¹³ É interessante citar que dentre a publicidade que interrompe a entrevista, há um anúncio de geladeira Consul cujo exórdio dialoga com a temática feminista: "As pessoas acham que a Consul é a mais avançada. Já os alimentos acham que ela é a mais conservadora."

faltavam páginas, pude observar a última página de um artigo – ou talvez apenas parte de uma reportagem maior – assinado por Cristina Bruschini⁷¹⁴ sobre trabalho feminino. A autora é apresentada na assinatura do texto primeiro como casada e mãe de dois filhos, e apenas depois surgem seus dados profissionais, atuação feminista e acadêmica. O foco da redação está no trabalho produtivo, mas no trecho que pude consultar a autora utiliza a associação entre mulheres e o trabalho doméstico para explicar porque as mulheres ocupavam determinadas áreas segregadas no mercado de trabalho, e também para abordar a dupla jornada. Em apenas uma página, ela fala sobre a industrialização e a subsequente divisão de esferas pública e privada, assim como sobre o surgimento da noção de trabalho produtivo e reprodutivo: a divisão sexual do trabalho. Comenta como a ideologia atuou para naturalizar as funções domésticas femininas, mas ressalta que "não é o fato dela ter filhos que a obriga a passar roupa ou ir para a cozinha, isso é uma construção histórica".⁷¹⁵ Inclusive o salário para donas de casa é debatido, mas não como uma opção viável, pois entende-se que institucionalizaria o trabalho doméstico feminino.

Sua consideração sobre a divisão de tarefas no lar com o esposo chama a atenção

(...) É hora também de repensar a divisão de tarefas no lar. Não é mais questão de discutir se o marido (ou a mulher) é feminista ou não. Se é o marido que está desempregado, ele precisa perder o ranço de dizer "mulher minha não trabalha fora". É preciso mexer um pouco as coisas dentro de casa e tentar analisar com o companheiro a

⁷¹⁴ Cristina Bruschini é um dos principais nomes no que se refere aos estudos sobre trabalho feminino no Brasil. Sua atuação na Fundação Carlos Chagas, desde a década de 1970 até seu falecimento, em janeiro de 2012, é indicado por diferentes pesquisadoras como central para essa área de estudos, assim como para a consolidação da instituição como referência no campo. Os **Cadernos de Pesquisa** publicaram, no começo de 2012, depoimentos de suas parceiras profissionais em sua homenagem, nos quais constam maiores detalhes sobre sua trajetória. Cristina Bruschini. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 42, n. 145, p. 284-297, Abr. 2012. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742012000100016&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 04/02/2016.

⁷¹⁵ **Claudia**. São Paulo, nº 264, Ano XXII, setembro de 1983.

situação da microempresa que é o lar. Por outro lado, se a mulher é uma psicóloga, com um consultório montado, e tem possibilidade de expandir isso para uma clínica, enquanto o marido está desempregado, por que não discutir com ele a possibilidade de ele assumir temporariamente a casa, as crianças, a administração das coisas junto com ela? (...)⁷¹⁶

Claro, como Carmen da Silva apontou, que as mulheres poderiam se afastar do mercado de trabalho *temporariamente* para cuidar da casa⁷¹⁷, a solução quando indicada aos homens também era temporária. Ainda assim, a presença feminina – junto com o esposo – na administração dos assuntos domésticos se mantém, mas não porque seriam obrigações intrinsecamente femininas, e sim na busca por estruturar aí uma situação ideal. Quer dizer, quando as mulheres ficavam em casa em função dos filhos, 24 horas por dia, esperavam que os esposos as ajudassem quando sua jornada de trabalho terminava, inclusive em assuntos de decisão e administração domésticas, uma vez que a jornada da dona de casa não terminava em oito ou dez horas diárias. Portanto, à mulher que se ocupasse com atividade produtiva, como única provedora financeira da casa, se esperaria o mesmo. Essa proposição, ainda que "forçada" – em função do desemprego masculino – sem sombra de dúvida foi ousada para os padrões de **Claudia**. Tanto que, em 1990, sete anos mais tarde, ano em que se discutiu a paternidade mais de uma vez na publicação, é publicada em novembro uma reportagem sob o título "Pai em tempo integral", para se referir aos pais que "em função das crianças, optaram por trabalhar menos horas por dia".⁷¹⁸ Ou seja, uma concessão muito menor do que interromper a carreira para cuidar das crianças, opção esta sempre aberta às mulheres na publicação.

Outro trecho que chama a atenção nesta página solitária assinada por Cristina Bruschini se segue, abordando o papel do trabalho produtivo na emancipação feminina

⁷¹⁶ Idem.

⁷¹⁷ Será que Amélia é mulher de verdade? **Claudia**. São Paulo, nº 193, Ano XVII, outubro de 1977, p. 225. Nesse artigo, Carmen também fala da importância do trabalho profissional para a emancipação feminina, apesar de indicar que este não seria "tudo", ou requisito único, para esta emancipação.

⁷¹⁸ **Claudia**. São Paulo, nº 350, Ano 29, novembro de 1990.

(...) Nisso tudo, há dois fatores que eu acho importante a mulher reconhecer: o trabalho fora de casa não é uma salvação total da mulher, mas sim uma condição necessária, por dois motivos: primeiro, saindo de casa, ela entra em contato com outras mulheres, com a mesma problemática que ela, provocando uma mobilização que não aconteceria se ficasse encerrada entre quatro paredes. Segundo, com a dupla jornada de trabalho, a mulher começa a questionar uma série de problemas e conseqüentemente a reivindicar. No dia-a-dia, se ela fica em casa, acaba assumindo tudo; mas, se precisar se dividir em dezenas de tarefas, vai pedir ao marido uma *ajuda* na compra do supermercado, na troca de fraldas do bebê, etc. (sic)⁷¹⁹

A noção de ajuda, de contribuição masculina que mantém o entendimento que este é um trabalho feminino, foi questionada pelos feminismos, incluindo a própria Cristina Bruschini, anos mais tarde. Não saberia localizar se esta é uma crítica que ela já apresentava em 1983 e contudo usou esses termos no texto devido ao conservadorismo do veículo onde seria publicado, ou se de fato foi um questionamento que ela levanta apenas anos depois. Seja como for, esse trecho me saltou aos olhos durante a leitura porque se relaciona com um ponto tratado por **Claudia** mais de uma vez na década de 1980, e que não encontrei nas fontes feministas: se a liberação feminina estaria diretamente relacionada ao trabalho fora, em termos de imprescindibilidade. Ou, como questiona o título do artigo publicado no magazine em fevereiro de 1987, na seção "Feminismo", "É possível ser feminista sem trabalhar fora?". Rachel Gutiérrez, que assina o artigo, não dá uma resposta direta. Ela cita Simone de Beauvoir para falar da importância do trabalho profissional na independência das mulheres, mas comenta que simplesmente trabalhar fora e viver a vida "esperando pelo príncipe encantado" não faria de nenhuma mulher feminista. Quer dizer, ela aponta que donas de casa sem trabalho fora poderiam ser mais feministas que trabalhadoras que lutavam pela sua subsistência, mas junto com essa afirmação frisa a importância do trabalho produtivo.

Uma reflexão que podemos desenvolver a respeito dessa indagação, se "é possível ser feminista sem trabalhar fora?" é que,

⁷¹⁹ **Claudia**. São Paulo, nº 264, Ano XXII, setembro de 1983. Meu grifo.

apesar de ser uma questão-chave, digamos assim, nos debates sobre o trabalho doméstico, e não ser uma questão comumente levantada pelos feminismos brasileiros fora de **Claudia**, ela não foi acompanhada por outra questão-chave sobre a temática: se seria possível ser feminista às custas das empregadas domésticas. Essa segunda questão, por mais que tenha sido em muitos sentidos evitada pelos feminismos no Brasil nos anos 1970 e 80, esteve presente indiretamente nos debates sobre as condições de trabalho no serviço doméstico, e muito mais presente no feminismo internacional dessa geração. Essa constatação se coaduna com a observação de que "ser feminista sem trabalhar fora" parece uma questão muito mais voltada para "o pessoal é político" do que para as questões gerais presentes nos feminismos do Brasil. No país, só encontrei esse tipo de debate, dentre as fontes de pesquisa e bibliografia acerca do trabalho doméstico consultadas, na revista **Claudia**. Amy Farrel comenta, em sua obra sobre a **Ms. Magazine**, que essa discussão foi pontualmente abordada na revista, mas que de fato houve um certo descaso do feminismo de sua geração com as mulheres que optavam por não trabalhar fora e se manter ocupadas apenas como donas de casa. Em muitos sentidos esse descaso é observado também em Rachel Gutiérrez na **Claudia**, quando ela não responde diretamente, de forma positiva, à questão posta no título do artigo.

As cobranças pelas quais passavam uma dona de casa de tempo integral por não trazer dinheiro para o orçamento familiar são comentadas, nesse mesmo artigo na seção "Feminismo", assim como a noção de feminilidade atrelada ao trabalho doméstico, com especial foco na maternidade

Trata-se de combater a ideologia que, não podendo nos convencer de que a tarefa de lavar pratos é sagrada, tenta nos convencer de que a maternidade, sim, é sagrada. E ser mãe, para muitas e muitas, ainda significa conviver com as caçarolas e os espanadores, num serviço sem fim, isolado – e por isso alienante – no confinamento, numa vida quase marginal.⁷²⁰

Rachel Gutiérrez ainda aborda questões importantes, como a indispensabilidade do trabalho doméstico para a vida humana, ou o fato

⁷²⁰ **Claudia**. São Paulo, nº 305, Ano XXVI, fevereiro de 1987, p. 173.

deste ser um trabalho desvalorizado porque associado às mulheres⁷²¹, sempre vistas como cidadãs de segunda categoria. Entretanto, ela aborda todas essas temáticas muito brevemente, de passagem, e passa a maior parte de seu texto explicando através de exemplos referentes a direitos reprodutivos ou sexualidade o que significaria ser feminista. É interessante observarmos como os textos da seção "Feminismo", que surge como uma espécie de substituição para "A arte de ser mulher", não se aprofundavam muito nas questões. Em comparação com os textos de Carmen da Silva, a fonte é maior, o espaço ocupado na revista, em páginas, é menor, e a densidade dos debates parece incomparável. Claro que não seria o caso de comparar o estilo da escrita, em uma atribuição mais pessoal de cada autora, mas o fato é que as entrevistas publicadas com feministas nesses anos em **Claudia**, por exemplo, traziam debates muito mais elaborados do que a seção "Feminismo".

Um exemplo claro disso pode ser encontrado em entrevistas comemorativas, de março de 1988 e brevemente supracitadas neste capítulo, apresentadas sob o selo "20 anos de feminismo": "A maturidade de uma revolução". São entrevistadas Molly Yard, então presidente da *National Organization for Women* (NOW) estadunidense, Vilma Espin Guillois, em 1988 já há trinta anos presidente da Federação das Mulheres Cubanas, e quatro feministas brasileiras: Rose Marie Muraro, Marina Colasanti, Zulaiê Cobra Ribeiro e Silvia Pimentel. Chama a atenção na primeira entrevista, com Molly Yard, exatamente a questão que o artigo de Rachel Gutiérrez levanta pouco mais de um ano antes mas não responde diretamente: "É possível ser feminista sem trabalhar fora?".⁷²² A norte-americana responde prontamente, do alto de seus oitenta anos: "É claro." Ela afirma que feminista é quem acredita na igualdade entre homens e mulheres, e se a pessoa faz algo para alcançar isso ou como faz seria uma questão individual. Como exemplo ela cita um grande número de pessoas que doavam dinheiro para a NOW mas jamais militarizavam na organização, enquanto outras faziam questão de serem militantes. Daí conclui sua resposta "Portanto, existem inúmeras maneiras de ser feminista. Até dentro de casa."

A entrevista com Molly Yard ainda toca em pontos importantes para se refletir a respeito do trabalho doméstico feminino, como que as reivindicações feministas já teriam sido todas alcançadas (ela discorda!),

⁷²¹ Ponto também ressaltado por Carmen da Silva no magazine em dezembro de 1975.

⁷²² **Claudia**. São Paulo, nº 318, Ano 27, março de 1988, p. 142.

a questão das mulheres serem as responsáveis por criar os/as futuros adultos machistas, a licença-maternidade e a dificuldade para aprová-la nos EUA, bebês de proveta e uma declaração de Betty Friedan alegando que o movimento feminista estaria esgotado. As colocações da entrevistada vão sempre na linha de um feminismo liberal, conciliador com a família e os homens, mas que mostrava ter clareza da persistência das desigualdades.

Outra questão que chamou a atenção em sua entrevista, para os fins desta tese, foi a seguinte: "A rotina diária de uma casa combina com os valores feministas?". Ela afirma que não se sentia qualificada a responder pois seus filhos já haviam saído de casa há muito tempo, assim ela ignorava os serviços domésticos. Segundo seu relato, nas reuniões familiares ela cozinhava e o resto da família limpava, e então usa o caso de sua filha, que dividia o trabalho de casa e com a neta com o marido, como um exemplo de arranjo justo. Certamente uma pessoa vivendo sozinha necessita de algum trabalho doméstico em seu lar, mas aparentemente Molly Yard não quis falar sobre isso, sem especificar suas soluções pessoais para a questão (almoçar fora, terceirizar funções, a presença de faxineiras/empregadas etc.).

A entrevista com Vilma Espin Guillois, por sua vez, foi muito mais curta, provavelmente respeitando algumas diretrizes do governo cubano. Sua presença em **Claudia** é muito interessante e destoa da maior parte do material encontrado na pesquisa, sendo um claro indicador da abertura política⁷²³ nas páginas da revista que até então "não falava de política", a não ser através de suas ausências. Nessa entrevista, chama a atenção a questão, voltada para a realidade cubana: "Como marido e mulher dividem as tarefas domésticas?", à qual se responde

Muitos casais já participam por igual das tarefas domésticas, e nós procuramos criar em cada integrante da família a consciência de que é preciso dividir as funções do lar. Claro que não se consegue isso apenas com o nosso desejo – afinal, trata-se de derrubar séculos de velhas concepções. Contraditoriamente, é comum que as próprias mulheres peçam a seus maridos para sair da cozinha, porque não sabem fazer as coisas, e são

⁷²³ Os diferentes debates sobre a Constituinte que surgem em **Claudia** nos anos 1980 são outros desses indicadores.

elas mesmas que educam de formas diferentes o filho e a filha na hora de realizar os serviços domésticos.⁷²⁴

Não encontrei circulação dos debates sobre o lar ou a cozinha como espaços de poder das mulheres nesses anos. Já a questão das mulheres como "educadoras machistas" se repetiu muitas vezes nas fontes observadas. As similitudes do relato da cubana com o caso brasileiro são encontradas também na questão sobre a inserção das mulheres no mercado de trabalho – com a especificidade de que se alegou que em Cuba se recebia salário igual por trabalho igual. Por outro lado – e nesse ponto precisamos lembrar que a entrevistada se mostra evidentemente alinhada com o governo cubano, passando uma imagem positiva do país – comenta-se a partir da observação da queda dos percentuais de natalidade que o planejamento familiar, incluindo o aborto, eram direitos humanos garantidos às mulheres em Cuba, muito diferente do Brasil. Fala-se também sobre como o serviço doméstico das empregadas domésticas havia sofrido uma drástica transformação desde a revolução, se tornando uma ocupação como as demais, e deixando de ser um espaço de estigma e desvalorização das mulheres pobres, o que sem dúvida se apresentava como um grande avanço do ponto de vista feminista.

Em seguida, nos depoimentos das quatro brasileiras, todos eles muito mais breves que as entrevistas, encontramos também referências sobre o trabalho doméstico. Enquanto Rose Marie Muraro, em 1988 já muito conhecida por sua atuação feminista, apenas comentava que "não somos mais as *amélias* de tempos atrás", Marina Colasanti, jornalista, percebia que o que faltava eram as mudanças no dia-a-dia. Ela indicou a injustiça de se apontar como culpadas as mulheres que tinham discursos feministas mas criavam filhos e filhas com educação machista, quando estas agiam apenas como estações repetidoras de um modelo estabelecido pelo sistema. O sistema afetaria a todas/os nós e, portanto, essas seriam questões difíceis de desconstruir, mesmo para as feministas.⁷²⁵ Zulaiê Cobra Ribeiro, advogada, apontou como grande

⁷²⁴ Ibidem, p. 145.

⁷²⁵ Nesse ponto, Marina Colasanti se mostrou muito mais condescendente com as feministas e suas atitudes do que Carmen da Silva costumava fazer anos antes, sempre tentando chamar a atenção para os paradoxos, para os diferentes níveis, camadas, ou esferas de opressão com os quais suas leitoras conviviam, muitas vezes sem perceber. Eram provocações no sentido de disparar

derrota do movimento não se ter colocado na Constituição a valoração do trabalho doméstico como qualquer outro trabalho, enquanto Silvia Pimentel, também advogada, percebia que no setor das tarefas domésticas a evolução no sentido feminista ainda era muito lenta. A participação dos homens no trabalho doméstico, segundo ela, ainda era vista como uma concessão, e pouquíssimos eram, em 1988, os homens que assumiam sua parcela nessas tarefas de modo natural.

Na segunda metade da década de 1980 encontramos ainda, em **Claudia**, muitos exemplos de comentários feministas acerca do trabalho doméstico em artigos, reportagens ou entrevistas não necessariamente focados na temática. Podemos interpretar essa espécie de "continuidade difusa" como uma permanência da importância da questão para as mulheres, mesmo em anos em que o trabalho doméstico parece ter perdido espaço para debates como saúde, sexualidade, direitos reprodutivos e violência. Em novembro de 1986, por exemplo, entrevistam-se oito mulheres, entre atrizes, feministas e líderes comunitárias, em "Elas nos dizem o que devemos exigir da nova Constituição".⁷²⁶ As diferentes abordagens à problemática do trabalho doméstico nessa ocasião chamam a atenção. Já no segundo depoimento se lê

O trabalho da dona-de-casa tem que virar profissão

Sugere Ana Ligia Mello Pereira, diretora da Federação das Associações de Moradores do Rio de Janeiro: "A dona-de-casa exerce uma função de extrema importância e não ganha nada com isso. Cabe ao poder público elaborar uma política que possibilite a infra-estrutura necessária para a formação e consolidação da família. Acho que é importante também legislar sobre o casamento, estabelecendo igualdade de direitos e deveres com relação à administração familiar, aos filhos e ao próprio patrimônio do casal."⁷²⁷

questionamentos pessoais – e consequentes mudanças no comportamento cotidiano – em suas leitoras. Por outro lado, podemos observar neste depoimento como o conceito de sistema patriarcal, tão utilizado por Carmen, continuava a circular na publicação ainda em 1988.

⁷²⁶ **Claudia**. São Paulo, nº 302, Ano XXVI, novembro de 1986, p. 284-285.

⁷²⁷ *Ibidem*, p. 284.

Este depoimento elenca exigências que praticamente não foram encontradas, nesta pesquisa, em fontes feministas brasileiras do período. Isso ocorre não somente com a questão do possível salário para donas de casa, como também no que se refere à legislação sobre os deveres familiares do casal, administração do lar etc. Creches, a discriminação no trabalho e em casa, assim como a licença-maternidade aparecem em diferentes depoimentos, mas Silvia Pimentel traz o interessante apontamento de que a licença-paternidade poderia diminuir o preconceito contra a mulher no trabalho. Entretanto, ela o faz sem mencionar a importância da licença-paternidade especificamente para as questões ligadas ao trabalho doméstico. Logo em seguida, todavia, a advogada comenta a necessidade de se regulamentar o trabalho da dona de casa e também da empregada doméstica na nova Constituição, retomando portanto a importância da temática para ao país.

Zuleika Alambert, por sua vez, comenta que a constituição deveria estabelecer educação igualitária para meninos e meninas, para que ambos fossem preparados para as problemáticas privadas e também sociais. Além das creches e maternais, ela comenta a necessidade de cursos de atualização para as mães quando voltassem do período de cuidado dos filhos, num evidente enfoque na questão do trabalho feminino. Para encerrar se apresenta depoimento de Jacqueline Pintaguy, frisando a necessidade de se abolirem todas as leis discriminatórias, como aquela que permitia ao marido "rescindir o contrato de trabalho da mulher em proveito do lar". Quer dizer, podemos observar que o trabalho feminino, doméstico e assalariado, abordado por diferentes frentes, foi foco de preocupação das brasileiras na construção da nova Constituição.

Nesse mesmo número, de novembro de 1986, em entrevista concedida pela romancista Isabel Allende, ela comenta a condição de desigualdade da mulher latino americana, inclusive observando como o acúmulo de jornadas era pessoalmente pesado para ela, questão que naquele ponto já havia renegociado com sua família. Em janeiro de 1987, na seção "Feminismo", se discute as expectativas inalcançáveis dos homens em "Resposta aos homens: queremos amor sem dominação".⁷²⁸ No artigo há uma crítica à imagem de supermulher, que tudo podia na esfera pública mas que mantinha suas atribuições no lar de esposa ideal, mãe cuidadosa e "repouso do guerreiro", algo realmente impossível de se equilibrar. Chama a atenção um quadro em destaque no

⁷²⁸ **Claudia**. São Paulo, nº 304, Ano XXVI, janeiro de 1987, p. 164-167.

texto, afirmando que "Os espaços que ocupamos não eram deles, eram nossos. Não usurpamos nada, eles é que tinham privilégios demais." Esta pode parecer uma afirmação óbvia, mas de fato era mais comum encontrar na revista, nos anos anteriores, as queixas masculinas sobre a presença feminina no mercado de trabalho do que este tipo de evidente constatação. Do mesmo modo, em agosto de 1988, Marta Suplicy resenha uma publicação voltada a oferecer lições de sexo para adolescentes, comentando rapidamente o machismo entre as mulheres através de um exemplo referente ao trabalho doméstico: "É bastante comum uma mulher ficar com vergonha de a vizinha ver seu marido lavando pratos ou a roupa (...)"⁷²⁹ Assim, observando pequenos trechos publicados em diferentes números de **Claudia**, podemos montar uma espécie de mosaico, por momentos bastante rico, de problematizações feministas acerca do trabalho doméstico.

Dentro desse mosaico, os padrões de feminilidade que discutiam indiretamente a temática do trabalho doméstico são repetidamente abordados, como em "Mães de aluguel – a polêmica de gerar um bebê para outra mulher"⁷³⁰, em que se debate algo que Betty Friedan chamou de "a nova mística feminina".

Nos últimos cinco anos, as mulheres norte-americanas – e, pelo que se sabe, também as inglesas – têm sido expostas ao que se poderia chamar de "vexame da infertilidade". "Se você está beirando os 35 anos e não tem um filho, de nada adianta seu diploma (ou diplomas), nem sua independência econômico-financeira, porque você faliu como mulher", apregoam os meios de comunicação de massa, incluindo o cinema. (...)⁷³¹

O artigo segue explicando

Betty Friedan chama esse movimento – que na sua opinião gostaria, caso fosse economicamente possível, de mandar as mulheres de volta para casa – de *A Nova Mística Feminina*. Inoculando com o vírus da culpa essas mulheres que abriram mão da maternidade para seguir uma carreira, essa

⁷²⁹ **Claudia**. São Paulo, nº 323, Ano 27, agosto 1988, p. 144.

⁷³⁰ **Claudia**. São Paulo, nº 328, Ano 28, janeiro de 1989, p. 44-47.

⁷³¹ *Ibidem*, p. 47.

nova mística faz com que o desejo natural de um filho reflita, muitas vezes, um condicionamento social opressivo, que considera como devastadora a condição de infertilidade.⁷³²

Podemos estabelecer aqui um diálogo com o movimento de incentivo de "volta para a casa" das mulheres, observado em **Claudia** na segunda metade da década de 1980, e trabalhado no segundo capítulo desta tese. O texto continua explicando o argumento de Betty Friedan, de que a discriminação no mercado de trabalho aliada à falta de apoio e infraestrutura, como licença-maternidade ou creches, levavam as mulheres americanas a se decidirem pela maternidade perto dos quarenta anos – quando havia alguma estabilidade em suas carreiras e condições financeiras de deixar o trabalho por alguns anos. Isso aumentava as dificuldades biológicas, a procura por clínicas e tratamentos de fertilidade, e ao mesmo tempo alimentava essa nova mística. Não se especifica, em **Claudia**, se esse debate foi retirado de entrevista com Betty Friedan, diretamente de alguma obra – poderia ser de **A segunda etapa** – ou de alguma publicação periódica estadunidense, por exemplo. Apenas cita Betty Friedan no meio do artigo. O fato é que, na segunda metade da década de 1980, o último debate mais profundo sobre trabalho doméstico em **Claudia** foi encontrado, dentro da pesquisa aqui apresentada, em entrevista com Shere Hite em julho de 1988, que aparentemente era focada em discussões sobre sexualidade e "vida a dois", e não no trabalho doméstico.

É citada em destaque, como se fosse o título da entrevista, a afirmação "Não quero guerra entre os sexos. Busco o entendimento"⁷³³, logo abaixo de uma foto de rosto de Shere Hite, apontando mais uma vez a busca por uma visão conciliadora por parte da edição de **Claudia**. Em determinados momentos, uma postura quase antifeminista se evidencia por parte da entrevistadora, a repórter Kátia Pigossi, que realizou a entrevista em Washington nos EUA. Esse flerte com o antifeminismo pode ser observado ao perguntar se a beleza de Shere Hite ajudava ou atrapalhava na vida profissional, se a imagem tradicional de feminista mudou – uma vez que ela era atraente e feminista –, ou por que ela não teve filhos. Há um momento também em que a entrevistada comenta que "todo mundo quer ser a prioridade, a

⁷³² Idem.

⁷³³ **Claudia**. São Paulo, nº 322, Ano 27, julho de 1988, p. 144-147.

pessoa 'número um' na vida do outro". Em destaque em fonte maior, o artigo repete esse trecho com outras palavras, salientando uma conotação antifeminista: "Ser sempre a número um na vida de seu homem. É o que toda mulher deseja".⁷³⁴ Inclusive se utilizam as aspas, e logo abaixo se vê outra fotografia de Shere Hite, dando a impressão de que é uma citação literal dela. As respostas da entrevistada, todavia, são repletas de argumentos feministas consistentes, muitos deles voltados à questão do trabalho doméstico.

Indagada sobre a revolução cultural da qual sua obra tratava, por exemplo, ela responde, entre outras questões, que

Essa revolução de que falo, em resumo, quer dizer duas coisas. A primeira é que as mulheres estão redefinindo a própria identidade. A segunda é que, por causa disso, a família entrou em processo de transição. Onde o processo vai dar é difícil prever. Ou teremos uma unidade social totalmente diferente, ou uma versão revista da família tradicional. Não há dúvida, porém, de que haverá transformação. Nunca houve democracia na família, e o engraçado é que ninguém percebe nem acha que isso é importante. A família sempre foi e continua sendo uma instituição monárquica. O homem, obviamente, está no papel do rei. Agora as mulheres estão brigando para que as coisas sejam mais equilibradas. Infelizmente, os homens ainda não aceitaram isso.⁷³⁵

A temática da democracia na família surge na seção "Feminismo" nesses anos⁷³⁶, e também é discutida em publicações feministas no Cone Sul⁷³⁷, mas não foi um debate encontrado em bibliografia brasileira

⁷³⁴ Ibidem, p. 146.

⁷³⁵ Ibidem, p. 145.

⁷³⁶ Eu pude ver indiretamente a página de chamada dessa discussão reproduzida em miniatura em um número comemorativo de **Claudia**, mas não tive acesso ao número que discuti a questão da democracia em casa.

⁷³⁷ Alguns exemplos de charges feministas que debateram a democracia no lar, da Argentina, Bolívia e Uruguai, também da década de 1970 mas principalmente de 1980, são encontrados em CRESCÊNCIA, Cintia Lima; MELLO, Soraia Carolina. O trabalho dignifica o homem, mas e a mulher? O riso na imprensa feminista do Cone Sul. **Revista Ártemis**, v. 15, p. 44-58, 2013.

consultada do período ou nos periódicos feministas daqui observados⁷³⁸. Mais adiante na entrevista, Shere Hite também traz ponderações muito importantes sobre o trabalho emocional prestado pelas mulheres nas relações com os homens. Não é a toa que, das sete categorias de trabalho prestado ao esposo por suas esposas, especificadas em obra de Danda Prado⁷³⁹ na década de 1970 e supracitadas⁷⁴⁰, as tarefas de tipo psicológico são as primeiras a serem listadas. A entrevistada primeiramente critica as teorias masculinas sobre o comportamento feminino – citando como exemplo Freud – que alegavam que o apoio emocional que as mulheres sempre davam aos homens seria um sinal de fraqueza, de masoquismo. Ela interpreta esse apoio de forma mais simples e direta, como dedicação e lealdade, as quais as mulheres também esperavam receber de volta dos homens – quer dizer, não seriam características especificamente femininas.

Em outros momentos da entrevista Shere Hite fala em limpeza emocional. Esta se daria em atitudes como perguntar sempre como foi o

Disponível

em

<<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/artemis/article/view/16637/9494>>

Acesso em 06/01/2016.

⁷³⁸ **Brasil Mulher** (1975-1980), **Nós Mulheres** (1976-1978) e **Mulherio** (1981-1988).

⁷³⁹ Relembrando, eram tarefas do tipo: **1. Psicológico:** admiração; reforço de seu ego; status social; competição com terceiros etc. **2. Sexual:** disponibilidade tornada obrigatória por lei, pela religião e pelo condicionamento psicológico da mulher através dos conceitos atuais do casamento (romantismo, sensualidade, amor). **3. Reprodução biológica e social:** garantia da paternidade. **4. Reprodução psicológica e afetiva:** manutenção do laço entre pai e filhos. **5. Manutenção e reprodução de sua força de trabalho.** Atendimento em caso de: doenças, velhice, relações familiares, relações sociais, ajuda psicológica etc. Tarefas específicas: trabalho caseiro, cozinha, pequenos consertos caseiros (em francês – bricolage), secretariado, orçamentos, compras etc. **6. Cooperação no trabalho do marido:** (seja no comércio, na profissão liberal, rural, artesanal etc.), secretária, trabalhos no campo, criação, hospedagem, relações públicas, caixa, substituta etc. **7. Educação dos filhos:** a) transmissão de valores: sociais, religiosos, morais, sexuais. b) educação escolar: recuperação escolar, deveres, atividades artísticas, esportes, divertimentos, feriados, férias. c) cuidados físicos: aplicação de receitas médicas, descoberta de anomalias, prevenção de acidentes, higiene, limpeza, alimentação etc. d) cuidados psicológicos: equilíbrio mental, descoberta de anomalias. e) vida sexual: informação, medidas preventivas para os problemas morais e sexuais. PRADO, D. Op. Cit. 1979, p. 96-97.

⁷⁴⁰ No capítulo 1.

dia, como a pessoa estava se sentindo etc., sendo um trabalho emocional indispensável na relação, mas cuja responsabilidade recaía somente sobre as mulheres. Ela aponta aí mais um aspecto da desigualdade, da assimetria, inclusive ao afirmar que ao menos metade do trabalho emocional deveria ser assumida pelos homens. Assim, traz uma noção de equidade e de compartilhamento de tarefas também para o psicológico, ao mesmo tempo em que apresenta a palavra trabalho como algo mais amplo do que comumente ocorria na publicação ou mesmo nos debates feministas brasileiros. Em outro momento da entrevista, ainda, ela indica que, por mais que o arranjo tradicional do homem trabalhando fora e a mulher cuidando da casa pudesse parecer uma divisão justa, ela nunca de fato o foi. Isso porque o trabalho emocional, não só referente ao esposo e à relação do casal como à toda a família, sempre recaiu sobre a mulher, independente do volume de trabalho doméstico que ela enfrentava todos os dias. Isto é, "no plano emocional, nunca houve igualdade".

Em resposta a outra daquelas questões que flertavam com o antifeminismo, sobre a importância dos filhos na vida da mulher, se a ajudavam a superar obstáculos etc., Shere Hite prontamente afirmou que filhos eram tão importantes na vida da mulher quanto do homem, e ainda emendou o comentário que se segue sobre a figura da supermulher e o acúmulo de jornadas

(...) No caso da mulher, existe o mito da supermãe, que diz que a mulher pode fazer tudo – trabalhar e criar os filhos. Basta ela querer. Isso é impossível para qualquer ser humano. Levando em conta a maneira como nossa sociedade está organizada, eu diria que ter filhos dificulta bastante a realização profissional da mulher. Como é que ela pode trabalhar oito horas por dia, cuidar dos filhos, do marido, olhar as roupas, o supermercado e ainda estar linda, fresca para o sexo quando o marido deseja? Não dá. *O problema não é que as mulheres estejam fazendo demais. São os homens que estão fazendo de menos.* Qual é o problema dos homens ajudarem a cuidar das crianças, trocar fraldas, ajudar no dever em casa etc.? As estatísticas nos EUA são horrorosas. Para cada cinco ou seis horas de

trabalho que a mulher coloca no serviço de casa, o homem põe no máximo duas.⁷⁴¹

A entrevista segue e pergunta sobre as mulheres que não trabalham fora de casa, e Shere Hite persiste no argumento

Mesmo quando a mulher não trabalha fora de casa, especialmente se tem filhos pequenos – até 10 anos de idade –, os cuidados que essas crianças exigem já são um trabalho de período integral. Portanto, quando o marido volta do trabalho ele tem tanta responsabilidade quanto a esposa de executar serviços domésticos. Eu acho engraçado ouvir alguns homens contarem que "ajudam" em casa, como se isso fosse a coisa mais liberada do mundo. Os homens não vêem o trabalho de casa, ou com os filhos, como sendo parte das responsabilidades deles. As mulheres, seja nos EUA, nos países árabes, no Brasil ou na África, estão fazendo todo esse trabalho. Não é justo que elas tenham que escolher entre a carreira e a maternidade.⁷⁴²

Aqui, Shere Hite traz a questão central de **A segunda etapa**, também presente nos debates sobre infertilidade supracitados: a divisão desigual de tarefas no lar e a falta de apoio (através da socialização das funções domésticas), estava fazendo com que as mulheres precisassem, necessariamente, escolher entre carreira ou maternidade, sem condições de se integrar plenamente nas duas esferas. Este, certamente, nunca foi um problema que afetou os homens. Claro que no Brasil e também em outros lugares da América Latina, para as mulheres de camadas médias, o preço acessível do serviço doméstico sempre ofereceu uma opção, diferente dos casos das norte-americanas relatados na publicação. Desse modo, no Brasil, o feminismo pôde manter a discussão muito mais na esfera pública, porque a presença do serviço doméstico barato não obrigava as feministas brasileiras – ao menos não a maioria delas – a discutirem em casa, com seus companheiros, todos os dias, sobre quem iria lavar a louça. Ainda assim, esses debates "de fora", como pudemos observar até aqui, estiveram muito presentes em **Claudia**, de modo que

⁷⁴¹ **Claudia**. São Paulo, nº 322, Ano 27, julho de 1988, p. 147. Meu grifo.

⁷⁴² Idem.

de alguma forma estavam presentes no Brasil. No que se refere à divisão de tarefas no lar a ao trabalho emocional prestado pelas mulheres, são discussões que dialogaram muito bem com o caso brasileiro.

Quando, quase no fim da entrevista, Shere Hite é indagada sobre as soluções para a questão, os apontamentos que ela traz nos remetem às propostas dos feminismos do Brasil, mas com um enfoque maior na participação masculina – e nas injustiças causadas pela falta dessa participação – nas tarefas domésticas.

Parte da culpa é da sociedade, que não estrutura as coisas de maneira diferente. Ou os homens deveriam dizer às esposas que trabalhem naquilo que gostam, sem deixar de ter filhos, porque eles vão fazer a parte deles, ou o Estado, reconhecendo que as mulheres não são tratadas com igualdade dentro de casa, poderia fazer creches para os filhos das mulheres que trabalham fora. Até lá, a mulher continuará dividida entre uma coisa e outra, entre filhos e carreira. Muitos consideram minha visão "anti-homem". Eu não. *A situação tem sido desigual por muito tempo e os homens vão ter de aprender a fazer a parte deles.*⁷⁴³

Desse modo, podemos perceber como nessa entrevista de 1988, onde o assunto aparentemente se limitava à vida conjugal heterossexual, a questão do trabalho doméstico ganha destaque, justamente porque o trabalho doméstico parecia ser, diante da larga inserção das mulheres no mercado de trabalho, o cerne de muitos dos problemas conjugais. Shere Hite também comenta, em sua entrevista, que as desigualdades no mercado de trabalho faziam com que as mulheres divorciadas empobrecessem, indicando a associação entre divórcio e feminização da pobreza.⁷⁴⁴ Mas, ainda assim, metade dos casamentos nos EUA resultavam em divórcio. Isto é, as mulheres estavam escolhendo migrar de classe social a conviver com as situações desiguais nos lares que

⁷⁴³ Idem. Meu grifo.

⁷⁴⁴ O que nos remete à colocação de Christine Delphy (1978) supracitada no primeiro capítulo, de que a classe social do esposo não correspondia à da esposa, justificando a constatação da condição tradicional de esposa antes como serva do que como companheira.

persistiam – na divisão de tarefas e também na dupla moral sexual – apesar dos avanços feministas.

Diante dos debates expostos até aqui, parece claro que o trabalho doméstico feminino, abordado de um ponto de vista feminista, teve seu espaço na revista **Claudia**, mesmo fora da seção de Carmen da Silva. Isso se dá com maior intensidade na década de 1980, exatamente quando a ausência de Carmen é sentida na publicação. A seção "Feminismo", criada para suprir esta ausência, não parece ter sido suficiente nesse sentido. Entretanto, outros espaços se abriram para os feminismos no magazine. As maneiras como os discursos feministas se difundiram por artigos, matérias e reportagens não focadas no feminismo podem ser interpretadas como um avanço na direção de aceitação dessas ideias de forma mais ampla – e não apenas nos *guetos* como "A arte de ser mulher".

Concomitantemente, pudemos observar uma série de debates feministas acerca do trabalho doméstico que tiveram mais força em **Claudia** do que nas publicações dos feminismos brasileiros do período, isso quando não surgiram apenas em **Claudia**. Foi algo que ocorreu, às vezes, por serem questões importadas dos países desenvolvidos, dos feminismos hegemônicos, e às vezes, por serem questões referentes ao trabalho doméstico das mulheres de camadas médias, as quais receberam pouca atenção dos feminismos locais. Estes sempre se mantiveram focados nas mulheres das classes desfavorecidas, por mais que fossem feminismos integrados, majoritariamente, por mulheres de camadas médias. Desse modo, questões como "é possível ser feminista sem trabalhar fora?", ou debates sobre o peso do trabalho emocional prestado pelas donas de casa ao esposo e à família, parecem ter sido exclusividade da produção impressa de cunho feminista de **Claudia** nesses anos. Por outro lado, como também pudemos observar, há um grande volume de debates que são apropriados, no magazine, de forma muito direta das produções feministas contemporâneas à sua publicação.

Por conseguinte, pode-se concluir que a relação de **Claudia** com os feminismos, brasileiros e internacionais, no que se refere ao trabalho doméstico, foi muitas vezes dúbia, paradoxal ou multifacetada. Como também o foram esses mesmos feminismos. Para além das negociações, sempre presentes, na modernização conservadora desse veículo tão central no mercado editorial voltado às mulheres no país, o fato é que **Claudia** sempre apresentou muitas revistas em uma revista. A própria divisão dos capítulos desta tese nos ajuda a perceber melhor esse caráter multifacetado da publicação. Essa característica talvez tenha sido

indispensável para que debates tão complexos, de um ponto de vista feminista, sobre a condição⁷⁴⁵ das donas de casa, cumpridoras de dupla jornada ou não, pudessem ser veiculados nesse espaço. Ao mesmo tempo, o potencial de difusão e multiplicação dessas ideias e desses debates, nas apropriações e leituras das 200 a 400 mil cópias mensais espalhadas por todos os estados do Brasil, nas décadas de 1970 e 80, não podem ser por nós sequer estimadas.

⁷⁴⁵ Para usar um termo que circulou nas fontes consultadas, principalmente como "condição da mulher". O uso deste termo aqui não indica qualquer associação à naturalização ou essencialismo, se aceitando tal "condição" como histórica e culturalmente localizada, construída.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Adulta, *contemporânea*, alto astral, a leitora de CLAUDIA quer crescer pessoal e profissionalmente. (...) Exigente no *que escolhe para si e sua família*, gosta de se cuidar, de se sentir bonita, amada. (...) Consumidora *inteligente*, tem a atenção voltada para os melhores produtos e serviços que o mercado oferece para elevar sua cada vez mais alta qualidade de vida. (...) Sente-se *menos culpada* em não exercer mais somente o papel de provedora da educação, da saúde e do amor familiar (...). Por isso *acumula tarefas e não se sente estressada por isso*.⁷⁴⁶

Lê-se acima a apresentação comercial de **Claudia** em 2002. Em anos em que o feminismo esteve bastante fora de moda, a figura da supermulher pôde ser mais explorada pela editora, e o acúmulo de jornadas – sem efeitos colaterais! – foi vendido com uma imagem positiva, assim como a noção de qualidade de vida atrelada ao consumo. Hoje, no *site* da Abril, todas as revistas voltadas a mulheres ficam concentradas sob o título "M de Mulher"⁷⁴⁷, uma seção especial, na qual há inclusive um *link* intitulado "Feminismo".⁷⁴⁸ Curioso observar que em junho de 2015 o *link* "Feminismo" estava em destaque no "M de Mulher", mas em janeiro de 2016 não o encontrei mais na página principal, apesar de ele ainda estar acessível quando copio e colo o endereço. Isto é, não é um *link* fixo como "Moda", por exemplo. O espaço do feminismo na página ainda está em negociação. Não segui com constância as publicações do *site*, mas trabalho doméstico não me pareceu ser um tema comum ali quando o tópico é feminismo. Sem embargo, o feminismo certamente retornou ao amplo debate público, "está em alta", e a chamada "primavera das mulheres" de 2015, marcada por manifestações e debates públicos sobre diferentes reivindicações

⁷⁴⁶ EDITORA ABRIL. *Conheça o Grupo Abril*. Disponível em <http://www.abril.com.br>. Acesso em 03/08/2002. Apud WIDHOLZER, Nara. A publicidade como pedagogia cultural e tecnologia de gênero: abordagem lingüístico-discursiva. In: FUNCK, S. Op Cit., 2005. Grifos de Nara Widholzer.

⁷⁴⁷ Disponível em < <http://mdemulher.abril.com.br/>> Acesso em 13/01/2016.

⁷⁴⁸ Disponível em < <http://mdemulher.abril.com.br/tudo-sobre/feminismo>> Acesso em 13/01/2016.

feministas, reitera essa constatação. O citado retorno do feminismo pode ser percebido, também, na mudança de postura da editora Abril, que não traz mais em seu *site* discursos como o supracitado de 2002 e que, possivelmente, encontraria resistência de algumas leitoras ao tentar vender **Claudia** hoje através de apresentações como essa.

Ainda que para a historiografia, diante de seus séculos de desenvolvimento, a imprensa e, em particular, a imprensa especializada em mulheres, não possa ser chamada de fonte de pesquisa tradicional ou oficial, em nossos dias certamente é um tipo de fonte muito comum e, nos estudos feministas parece ser dos objetos de análise mais saturados. Os discursos dirigidos especialmente para as mulheres, encontrados nos inúmeros "cara amiga" e "querida leitora" das revistas femininas, invariavelmente chamam a atenção quando os problemas de pesquisa se voltam ao "segundo sexo": essa parcela da humanidade que nem sempre é representada ou se percebe como sujeito, invisibilizada nos incontáveis enunciados que se utilizam do universal masculino. Levando isso em conta, **Claudia** pode parecer uma fonte de pesquisa óbvia demais: utilizada em inúmeros estudos, revista feminina de maior circulação e respaldo no país no período analisado. Qual seria o interesse em esmiuçá-la novamente, em mais uma tese, passados 35 anos da publicação de tese de Maria Lygia Quartim de Moraes sobre revistas femininas no Brasil? Por outro lado, entretanto, a riqueza do diálogo que pude estabelecer entre as problematizações acerca do trabalho doméstico em **Claudia** e nas fontes periódicas e bibliográficas feministas do período certamente oferece um contraponto a essa perspectiva.

Ao mesmo tempo, dentro do campo dos estudos feministas, acredito que as temáticas abordadas neste trabalho possam passar a impressão de já terem sido discutidas incontáveis vezes. Inclusive na época em que eu estava elaborando o projeto de pesquisa do doutorado, quando conversava com alguém a respeito, as pessoas me perguntavam se já não havia sido realizada uma pesquisa sobre isso. Bem, o fato é que eu não encontrei nenhuma. As pesquisas sobre trabalho doméstico gratuito no país já são, por si só, muito mais raras que aquelas voltadas ao trabalho doméstico remunerado ou trabalho feminino profissional; e não observei nenhuma delas que utilizasse revistas femininas como fonte. Considerando minha trajetória, pude perceber que as análises com as quais cruzei, até então, sobre trabalho doméstico e publicações para mulheres no Brasil, não traziam respostas satisfatórias aos problemas de pesquisa que vim construindo desde a iniciação científica. Não me deparei com análises historiográficas sobre o trabalho doméstico gratuito na segunda metade do século XX, nem com problematizações

relevantes sobre a transversalidade dessa problemática nos diferentes marcadores de classe – pelo menos não nos casos latino-americanos. Uma tradição historiográfica que privilegiou as bases da pirâmide social parece ter esquecido determinados sujeitos que não estavam na base, mas sim no centro ou no topo dessa pirâmide – apesar de que em posições de servas, como colocaria Christine Delphy, e não de fato membros integrantes desses estratos sociais mais elevados. Por outro lado, toda a teoria que eu li em diferentes ocasiões para pensar a historicidade do corpo, da sexualidade, da autonomia das mulheres, os textos sobre as contingências do fazer histórico, os conceitos teóricos fluidos e dinâmicos como a produção de subjetividades, que pareciam ferramentas muito mais apropriadas para pensar o passado na contemporaneidade, não estavam presentes na bibliografia local sobre o trabalho doméstico gratuito das donas de casa que eu vinha encontrando.

Em suma, a combinação dona de casa de camada média, produção cultural de massa voltada para as mulheres e historiografia feminista – que levasse em conta teorias pós-estruturalistas e debates como os da virada material – pareceu uma contribuição que, de algum modo, veio tentar suprir uma ausência que eu, como leitora da temática, senti dessa conjunção de questões na contemporaneidade. Desnecessário lembrar o quão subjetivas são as sensações de ausência, as lacunas percebidas por uma leitora específica, de uma bibliografia que certamente não é global mas, ao mesmo tempo, admito haver certo conforto em refletir como questões debatidas nessa tese, dentro de seus limites e incompletudes, podem contribuir para o campo.

Do ponto de vista moderno – e aqui novamente confluem os liberais e os marxistas –, as temáticas que se entrecruzam nesta tese só poderiam encaminhar sua escrita para uma análise dos setores mais conservadores da sociedade: a cultura de massa, cultura "menor", que em nada acrescentaria à sociedade; e as mulheres, mas não quaisquer mulheres, e sim as donas de casa, ainda com o adendo de pertencerem à "classe média acomodada". Donas de casa da classe trabalhadora, por exemplo, do ponto de vista de um marxismo mais ortodoxo, teriam seu potencial revolucionário devido a classe a que pertencem. Mas as mulheres que são socializadas desde a tenra infância para encontrar um bom marido – e nesse bom se lê a possibilidade de lhe prover uma vida confortável –, "fisgá-lo" o quanto antes e cercar para sempre seu "nato espírito livre" – as quais Joan Hollows comenta observando os padrões das narrativas do cinema neorrealista inglês da década de 1960 – nada

poderiam oferecer à revolução. E se tivessem algo a oferecer, seria no âmbito dos costumes, no âmbito cultural apenas.

O analisar das fontes, por sua vez, me permitiu refutar com segurança essas duas premissas: que as questões feministas dessa geração fossem de ordem basicamente cultural, e que nada além de conservadorismo poderia ser esperado de um veículo – e também de suas leitoras – como a revista **Claudia**. É preciso afirmar que a desconstrução das citadas premissas é em inúmeros sentidos tributária das teorias feministas, e só pôde se dar diante da apropriação de elementos de diferentes disciplinas – história, filosofia, psicologia, ciências sociais, entre outras – no decorrer da escrita. Do mesmo modo, tanto tempo estudando o trabalho doméstico, uma questão tão material, tão calcada na experiência, na corporeidade, no tempo, no labor, não me deixa afirmar que as questões feministas da geração dos 1970 sejam simplesmente culturais. Parece bastante tendencioso, mas eu diria que não apenas tendencioso, e sim absurdo, negar a materialidade das funções domésticas femininas, que persistem até nossos dias. As razões para manter as mulheres prestando gratuitamente esse tipo de trabalho podem ter escusas culturais, mas certamente são também muito materiais. O quanto seriam onerados os sistemas econômicos ao redor do mundo se as mulheres parassem de garantir a infraestrutura do mundo produtivo através do seu "trabalho chamado amor"?

Negar a materialidade das funções domésticas também é negar o seu valor. Desse modo, é a partir de um tema estigmatizado, porque quer ser chamado de trabalho mas não é produtivo; realizado por sujeitos estigmatizados, porque não possuem o *status* de produtor valorizado pela esquerda, nem as posições de poder valorizadas pela direita; e através ainda de uma fonte estigmatizada, por não ter um conteúdo considerado sério, por ser um produto trivial e de massa; que essa tese se construiu. Uma lição que talvez deva ser indicada a partir dessa análise é exatamente a de não abraçarmos a premissa liberal, moderna e masculina de que as mulheres são conservadoras e, assim, às de classe média, que não teriam a legitimidade – também moderna, mas não liberal, e sim marxista – da luta de classes para conter seu conservadorismo, seriam tão conservadoras a ponto de não merecer a atenção de uma historiografia feminista.

Independente das fundações modernas do feminismo, a crítica feminista contemporânea precisa ser capaz de superar o medo ou a vergonha dos termos pejorativos dirigidos a certos grupos de mulheres – fúteis, frívolas, limitadas, conservadoras porque centradas no lar e na família – e compreender que as desigualdades que atingem as mulheres,

inclusive as "frívolas", devem ser seu foco de preocupação. Os paradoxos que, por exemplo, uma dona de casa, explorada na figura de serva da família, e exploradora na figura de patroa de uma empregada doméstica "portas adentro" podem trazer a uma pesquisa, deveriam servir como estímulo, instigar a investigação e a curiosidade, antes de simplesmente negação.

As ciências humanas e o estabelecimento de seu olhar voltado aos "de baixo" parecem ter selecionado durante muitos anos quais objetos de pesquisa seriam mais bem quistos, mais aceitáveis. Diante disso, os estudos feministas, tantas vezes acusados de "perfumaria", de se dedicar a questões de pouca relevância para a sociedade de forma geral – o argumento de "mais da metade da população" nunca pareceu suficiente para os críticos –, se calcaram nas classes trabalhadoras e nas mulheres politizadas envolvidas em diferentes resistências, ou então em áreas que são amplamente aceitas como importantes, como as artes, resguardando assim parte de sua legitimidade diante do campo acadêmico. Dentro dessa perspectiva temos ainda a persistência de outra premissa moderna que faz com que, inclusive, uma história de personalidades femininas, algo como "grandes mulheres" em contrapartida à história positivista voltado aos heróis e "grandes homens", pareça ter ainda mais espaço no campo acadêmico do que as corriqueiras, superficiais, conservadoras e pouco interessantes mães de camada média. Não foi a toa que, para escrever sobre elas, Betty Friedan não utilizou informações de textos de história, sociologia, antropologia. Laudos psiquiátricos, revistas femininas e principalmente pesquisas de institutos voltados ao marketing e à propaganda foram suas fontes nos anos 1960.

Sim, porque se as ciências sociais não consideraram esses sujeitos como dignos de pesquisa, os institutos que perceberam neles a base do controle do consumo nos lares não se contentaram com o senso comum ou as presunções de que "sabemos o que elas pensam, o que elas querem e como elas são". Por mais que o consumo regule em muitos sentidos nossas economias, sua associação com as mulheres e a esfera privada parece que sempre o manteve como coadjuvante da esfera pública, da produção. Especialmente no caso brasileiro, onde os feminismos estudados foram fenômenos encabeçados por mulheres de camadas médias, é visível a segregação que se fez entre conscientizadas e "classe média acomodada", a primeira de alguma forma se entendendo como parte do processo de mudança, mais próxima à dona de casa de classe trabalhadora do que à segunda, uma espécie de figura patética com quem, aparentemente, só Carmen da Silva teve paciência de dialogar.

Essas mulheres de camadas médias, que se dedicaram a socializar crianças, e foram foco de preocupação da Doutrina de Segurança Nacional da ditadura militar exatamente por esta questão, foram de alguma forma negligenciadas pelos feminismos dos anos 1970 e 80, o que é compreensível dentro do contexto em que se formaram esses movimentos. O que não seria muito compreensível, por outro lado, seria considerarmos hoje ainda essa como uma decisão conscientemente acertada.

Apesar dos avanços tímidos no que se refere à problemática do trabalho doméstico gratuito prestado pelas mulheres, conforme comentado inúmeras vezes no decorrer da tese, é fundamental termos a perspectiva da importância desses avanços, fruto das mobilizações feministas. Um exemplo global bastante palpável, que pôde ser percebido no decorrer das últimas décadas e da atual, é a inclusão ou ao menos o cálculo do valor desse trabalho no PIB de diferentes países. As estimativas no Brasil, considerando dados entre 2001 e 2011, indicam que o trabalho doméstico gratuito corresponderia a pouco mais de 12% do Produto Interno Bruto (PIB).⁷⁴⁹ Isso corresponderia ao PIB do estado do Rio de Janeiro, que no Brasil só perde para o estado de São Paulo, e é maior que o PIB produzido pela agricultura no país, que gira em torno dos 10% do total. Não podemos esquecer que as teorias que alicerçam esses avanços em nossos dias, as bases de toda a problemática feminista sobre o tema, nascem do conjunto de debates dos feminismos dos anos 1960 até os 80. Mesmo abordagens mais atuais, como aquelas ligadas ao uso do tempo e da conciliação vida e trabalho – ou esfera produtiva e reprodutiva – são teoricamente tributárias dos chamados feminismos de Segunda Onda.

Certamente a inserção das mulheres no mercado de trabalho trouxe à tona a discussão sobre o trabalho doméstico. Desse modo, as apropriações em **Claudia** dos debates feministas sobre a questão surgem também para aplacar o mal-estar que essas transformações no trabalho feminino vinham provocando. Mas apesar disso, e apesar do imenso volume de conteúdo conservador que encontrei em **Claudia** na coleta das fontes dessa pesquisa, foi animador e surpreendente observar que

⁷⁴⁹ MELO, Hildete Pereira de; CONSIDERA, Cláudio M.; SABBATO, Alberto di. **10 anos de mensuração dos afazeres domésticos no Brasil**. Artigo apresentado na 35ª Conferência da Associação Internacional para Pesquisas de Uso do Tempo (IATUR), Rio de Janeiro, Brasil, 7 a 9 de agosto de 2013. Disponível em <<http://www.spm.gov.br/area-imprensa/documentos-1/versaoartigopibafazeredomesticossitespm.pdf>>. Acesso em 04/02/2016.

praticamente todos os tópicos sobre trabalho doméstico gratuito⁷⁵⁰ que elenquei a partir das fontes feministas em anos anteriores de pesquisa foram abordados, de uma forma ou de outra, no magazine, como: a dupla jornada, a maternidade, a dependência da esfera produtiva do trabalho doméstico, sua desvalorização, o peso físico e emocional desse tipo de trabalho, as jornadas sem fim, as complicações familiares quando as mulheres questionavam o fato de serem as únicas a desempenhá-lo, etc. Assim sendo, podemos pensar que se abriram pequenas brechas para o tema para "apaciar o mal-estar" causado pelas mães de família trabalhando fora, mas os espaços abertos foram ocupados da forma mais ampla e complexa possível, talvez no limite do aceitável dentro do veículo. A presença de Carmen da Silva certamente foi essencial nesse sentido.

Esta tese foi escrita, de modo genérico, na ordem em que está organizada. Um parágrafo ou outro foi adiantado com alguma ideia ou vislumbre, desses que surgem nos momentos de intervalo, enquanto se prepara um sanduíche, lava a louça, estende a roupa ou toma banho antes de dormir. Este parágrafo surgiu assim. Curiosamente, levando em conta o foco deste estudo, as tarefas domésticas parecem ser espaço fértil para tais vislumbres, ou talvez ocorra mais uma dessas tentativas inconscientes de fugir das obrigações cotidianas. Seja como for, o grosso do trabalho, a separação e análise da extensa lista de fontes, ocorreu de maneira mais ou menos segmentada por capítulo, em períodos diferentes, separados por meses ou anos. Parece-me importante apontar essa característica metodológica porque o resultado dessas leituras segmentadas, talvez mais em mim do que em quem lê a tese, me trouxe a impressão de revistas completamente diferentes, às vezes de pesquisas completamente diferentes. Senti isso de forma mais intensa principalmente neste último capítulo, focado no trabalho doméstico sob um viés feminista. Certamente foi a imersão em um mundo diverso daquele dos capítulos anteriores.

O segundo capítulo, em especial, me causou uma espécie de cansaço que muitas vezes se traduziu em pontual ou temporário arrependimento, pela escolha da fonte, pelo recorte temporal extenso. Foi o capítulo que mais me exigiu tempo de observação das revistas como um todo, ao menos o todo que eu havia fotografado das originais, que relacionei com trabalho doméstico. Além da noção ampla de

⁷⁵⁰ Com exceção da relação entre empregadas e patroas, que quando abordada o foi de forma bastante pontual.

trabalho doméstico que fiz questão de adotar me fazer fotografar grande parte das revistas⁷⁵¹, dei grande atenção aos índices e editoriais. Confesso que me senti irritada e desconcertada, mergulhada durante tanto tempo em conteúdo tão conservador e repetitivo. Não que muitas vezes eu não tenha parado para ler uma receita de bolo ou de limpeza por interesse pessoal, e provavelmente não parei em nenhuma das dicas de maquiagem ou beleza porque quase não as fotografei das revistas. Mas na generalidade foi um momento de desamores com as fontes, falta de paciência e muita reflexão: o quanto da revista realmente liam as mulheres? O quanto o trabalho de casa, a família, a dupla jornada e outras questões absorviam uma assinante a ponto de ela não perceber como, na prática, as edições de janeiro pareciam todas iguais? Quanta atenção davam para as inúmeras sugestões, na década de 1970 de trabalhos manuais e tarefas domésticas, e na de 1980 de soluções psicologizantes para os problemas familiares e maritais?

O primeiro capítulo envolveu revisão bibliográfica e pensar nas tarefas de casa de forma específica, que por serem meu foco de pesquisa não me causaram sensações tão desconcertantes, ainda que tenham envolvido a produção do extenso quadro do Apêndice 1. As fontes do terceiro capítulo, por serem peças publicitárias, eram mais curtas, com discurso mais direto, que comunicavam muito pela imagem. Reproduziam em muitos sentidos o conservadorismo e a repetição que me incomodaram durante a escrita do segundo capítulo, mas traziam questões diferentes, e assim não me pareceu tão maçante. Observar as fontes do quarto capítulo, por outro lado, foi uma experiência totalmente diferente. Coloco aqui como experiência porque o volume das fontes fez com que essas observações e anotações antes de começar a escrever cada capítulo durassem semanas. Foi um trabalho feito em casa e, quando o cansaço não me vencia, em repetidas ocasiões, era a última tarefa que eu fazia antes de dormir e a primeira de manhã depois do café. Se, por um lado, é uma leitura que muita pouca gente tem a oportunidade de fazer de uma revista – uma leitura temática, recortada, que atravessa os anos –; por outro, pôde me ajudar a perceber diferentes modos em que era possível se dar as leituras de **Claudia** quando foi publicada. Certamente as leituras contemporâneas às fontes muitas vezes também foram recortadas e segmentadas.

⁷⁵¹ Fazendo um cálculo bem por cima, dividindo o total de fotografias que tenho pelo número de revistas consultadas, há uma média de 61 fotografias por exemplar, inúmeras delas de duas páginas simultâneas.

Seja como for, parece-me que as sensações provocadas pelas fontes do quarto capítulo são importantes às considerações finais dessa análise, em especial o comparando com os capítulos anteriores. Há uma diferença marcante entre fazer um crítica feminista historiográfica de determinado conteúdo escrito para mulheres e fazer uma crítica historiográfica de conteúdo feminista escrito para mulheres. Quer dizer, eu pude fazer os conteúdos do último capítulo dialogarem diretamente com a crítica feminista, pensando as temporalidades. Enquanto nos capítulos anteriores o ofício parece ter se voltado mais a pensar, a partir do feminismo, a história dessa revista comercial e a produção subjetiva midiática da dona de casa média, no quarto capítulo me senti escrevendo mais uma parte da história dos feminismos. Foram relações muito diferentes, as fontes me lembravam muito a consulta e crítica a fontes impressas feministas, que foi praticamente tudo sobre o que eu já havia escrito até a entrada no doutorado. Todo esse relato de experiência e impressões passadas pelos diferentes recortes que estabeleci sobre as fontes certamente me dão segurança para fazer algumas afirmações, por exemplo sobre a importância da revista **Claudia** na circulação de conceitos, ideias, *slogans* e críticas feministas dentro de alguns dos mais conservadores lares brasileiros. Ou o fato de que as donas de casa de camadas médias também desempenhavam jornadas diárias de 14 horas no trabalho doméstico.

Certamente o nome corporativo da Abril e o conservadorismo sempre presente na revista, que tanto me incomodou durante a construção do segundo capítulo, possibilitou essa ampla circulação das temáticas feministas. As cartas de leitores homens, às vezes se colocando como feministas ou simpáticos à causa, às vezes não, que Carmen da Silva repetidamente comentou, retrucou, esmiuçou, nos oferecem alguma dimensão da amplitude e do alcance desses debates. Principalmente na figura de Carmen, mas também em resenhas de livros feministas importantes e entrevistas com feministas brasileiras e estrangeiras, muitas das discussões centrais acerca do trabalho doméstico das donas de casa encabeçadas pelos feminismos, como já comentado, se fizeram presentes em **Claudia**. O fato desses debates estarem disponíveis em bancas de jornais, consultórios médicos e casas de patroas, alguns meses com quase 400 mil exemplares distribuídos em todo o território nacional, não pode ser menosprezado. Mesmo que o conteúdo feminista representasse 1%, às vezes menos, do conteúdo total de cada edição.

A qualidade dessas discussões às vezes pode deixar a desejar. Podem ser repetitivas, podem ser paternalistas. Mas também o foram nos periódicos feministas. Inclusive porque, quando as questões persistem, não se resolvem, não avançam, os debates também persistem, mesmo buscando novas soluções. Outrossim, como trago no primeiro capítulo, às vezes é mais fácil defender a valorização do trabalho doméstico, apontar sua importância e indispensabilidade para o bom andamento das sociedades, inclusive o seu papel central na produção, através do conteúdo de **Claudia** do que de conteúdos feministas, por mais que essa valorização e entendimento do privado articulado ao público tenham sido e ainda sejam bandeira de luta de determinados segmentos feministas.

Não é o caso de pensarmos que Carmen da Silva ou os debates feministas acerca do trabalho doméstico fora de sua seção em **Claudia** tenham resolvido todos os problemas das mulheres no Brasil. Nem todos os problemas das mulheres de camadas médias. Mas não há sombra de dúvida que esses espaços ofereceram pontos de intervenção cruciais, aos quais não seria prudente, de um ponto de vista feminista, abríamos mão. Ao mesmo tempo, é importante não esquecermos que **Claudia**, dentro da sua proposta conservadora e voltada ao consumo, se sobressaiu entre as publicações voltadas a mulheres pelo trabalho que realizou de valorização das donas de casa. Em um cenário no qual, socialmente, essas mulheres foram costumeiramente desmerecidas, abre-se uma possibilidade, um vislumbre de empoderamento, mesmo em um veículo que, do ponto de vista feminista, fosse encarado com desconfiança. Por outro lado, evidencia-se que a presença de Carmen da Silva e dos demais debates marcadamente feministas na publicação, ainda que fossem minoritários, aguarda ainda uma importante pesquisa sobre sua recepção, para que se possa refletir de modo mais complexo sobre a temática e sua circulação.

7. FONTES

Brasil Mulher. São Paulo, Ano 2, nº 8, 1977.

Claudia. São Paulo, números 1, 2, 101, 103, 104, 106-111, 116, 118-123, 125-131, 133- 139, 141-145, 147-154, 156, 159, 161-165, 167-169, 171, 174-185, 187-190, 192-232, 234, 236-238, 240-244, 246-248, 252-255, 257-259, 262, 264, 265, 272, 274, 282, 284, 299-302, 304-310, 312, 314, 315, 317-319, 322-332, 334, 335, 339, 341,346, 347, 349-351, entre outubro de 1961 e dezembro de 1990. De forma mais regular e com a maior parte dos números completos, entre fevereiro de 1970 e dezembro de 1989, anos IX a XXIX, números 101 a 339.

Entrevista realizada com Ângela Xavier de Brito, em 28 de novembro de 2005, em Paris, por Joana Maria Pedro.

Especial – Mujer Ilet. Santiago do Chile, nº 13, setembro de 1984.

Folhetim. São Paulo, nº 216, domingo, 8 de março de 1981.

Mulherio. São Paulo, Ano 1, nº 3, setembro/outubro de 1981.

Mulherio. São Paulo, nº 17, Ano IV, julho/agosto de 1984.

Mulherio. São Paulo, Ano 7, nº 29, maio/junho de 1987.

Nós Mulheres. São Paulo, nº 1, junho 1976.

Nós Mulheres. São Paulo, nº 2, setembro/outubro de 1976.

Persona. Buenos Aires, Ano 1, nº 3, dezembro de 1974.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Maira. Nosotras: feminismo latino-americano em Paris. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 2, p. 553-572, nov. 2013. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2013000200007>> Acesso em 23/07/2015.

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

AGUIAR, Neuma (org). **Mulheres na força de trabalho na América Latina**: análises qualitativas. Petrópolis: Vozes, 1984.

ALMEIDA, Heloísa Buarque de. Trocando em miúdos: gênero e sexualidade na TV a partir de Malu Mulher. **Rev. bras. Ci. Soc.**, São Paulo, v. 27, n. 79, p. 125-137, June 2012, p. 133. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092012000200008&lng=en&nrm=iso> Acesso em 04/07/2015.

ALVAREZ, Sonia E. Para uma "coreografia" democrática: cultura, política e cidadania. In : ARAÚJO, Angela M. C. (org). Trabalho, cultura e cidadania. São Paulo: Scritta, 1997, p. 243-8 Apud SCAVONE, Lucila. Estudos de Gênero e Feministas: um campo científico? **Anais do XXXI Encontro Anual da ANPOCS**, 2007, Caxambú. São Paulo: ANPOCS, 2007, p. 1-23.

AZEREDO, Sandra Maria da Mata. Relações entre empregadas e patroas: reflexões sobre o feminismo em países multiraciais. In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina (orgs). **Rebeldia e submissão**. Estudos sobre condição feminina. São Paulo: Vértice / Revista dos Tribunais / Fundação Carlos Chagas, 1989.

BANNER, Olivia P. Book Review. **Signs**, v. 34, n. 3, 2009, p. 713-717. Apud COSTA, Claudia de Lima. Os estudos culturais na encruzilhada dos feminismos materiais e descoloniais. **Estud. Lit. Bras. Contemp.**, Brasília, n. 44, p. 79-103, dez. 2014.

BARBOSA, Livia. Apresentação à edição brasileira. In: SLATER, Don. **Cultura do consumo e modernidade**. São Paulo: Nobel, 2002.

BARBOSA, Livia; CAMPBELL, Colin. O estudo do consumo nas ciências sociais contemporâneas. In: _____ (org.). **Cultura, consumo e identidade**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

BARTHES, Roland. *Mitologias*. Rio de Janeiro: Difel, 2010.

BASSANEZI, Carla. **Virando as páginas, revendo as mulheres**: revistas femininas e relações homem–mulher 1945-1964. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**: Fatos e Mitos. Vol 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1970.

BELOTTI, Elena Gianini. **Educar para a submissão**: o descondicionamento da mulher. 3ª edição. Petrópolis: Vozes, 1981.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: _____. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

BENSTON, Margareth. A political economy of womens´ liberations. **Monthly Review**, vol. 21, n. 4, september 1969.

BORGES, Joana Vieira. **Para além do tornar-se**: ressonâncias das leituras feministas de O Segundo Sexo no Brasil. Dissertação (Mestrado em História Cultural), Florianópolis/UFSC, 2007.

BORGES, Joana Vieira. **Trajetórias e leituras feministas no Brasil e na Argentina (1960-1980)**. Tese (Doutorado em História), Florianópolis/UFSC, 2013.

BRUSCHINI, Maria Cristina A. **Articulação trabalho e família**: famílias urbanas de baixa renda e políticas de apoio às trabalhadoras. São Paulo: FCC/DPE, 2008.

BRUSCHINI, Maria Cristina A. (et al). Trabalho, renda e políticas sociais: avanços e desafios. In: BARSTED, Leila Linhares; PITANGUY, Jacqueline (orgs.). **O progresso das mulheres no Brasil 2003-2010**. Rio de Janeiro: CEPIA; Brasília: ONU Mulheres, 2011.

BRUSCHINI, Maria Cristina A.; RICOLDI, Arlene Martinez. **Revendendo estereótipos: o papel dos homens no trabalho doméstico**. São Paulo: FCC/DPE, 2010.

BITONI, Dulcília H. S. **Mulher de papel: a representação da mulher na imprensa feminina brasileira**. São Paulo: Edições Loyola, 1981.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CALDAS-COULTHARD, Carmen Rosa. O picante sabor do proibido: narrativas pessoais e transgressão. In: FUNCK, Susana Bornéo e WIDHOLZER, Nara. **Gênero em discursos da mídia**. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2005.

CALDAS-COULTHARD, Carmen Rosa e LEEUWEN, Theo van. Discurso crítico e gênero no mundo infantil: brinquedos e a representação de atores sociais. **Linguagem em (Dis)curso – LemD**, Tubarão, v. 4, n.esp, p. 11-33, 2004.

CAMPBELL, W. Joseph. **Getting it Wrong**. Berkley/Los Angeles/London: University of California Press, 2010.

CARDOSO, Elizabeth da Penha. **Imprensa feminista brasileira pós-1974**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2004. Disponível em <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27142/tde-17052004-165710/pt-br.php>> Acesso em 02/11/2015.

CARDOSO, Elizabeth. Imprensa feminista brasileira pós-1974. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis: 12 (N.E.), set./dez. 2004.

CARRASCO, Cristina. **Estatísticas sob suspeita**: proposta de novos indicadores com base na experiência das mulheres. São Paulo: SOF, 2012.

CARRASCO, Cristina. Por uma economia não androcêntrica: debates e propostas a partir da economia feminista. In: SILVEIRA, Maria Lucia da; TITO, Neuza. **Trabalho doméstico e de cuidados**. Por outro paradigma de sustentabilidade da vida humana. São Paulo: SOF, 2008.

CHARTIER, Roger. A história das mulheres, séculos XVI-XVII. Diferenças entre os sexos, e violência simbólica. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (orgs.). **As mulheres e a História**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995.

CHODOROW, Nancy. **Psicanálise da maternidade**: uma crítica de Freud a partir da mulher. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1990.

COSSE, Isabella. *Claudia*: la revista de la mujer moderna en la Argentina de los años sesenta (1957-1973). **Mora**. Buenos Aires: vol. 17 n. 1, jan./jul. 2011. Disponível em <http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1853-001X2011000100007&lng=pt&nrm=iso&tlng=es> Acesso em 27/02/2012.

COSTA, Claudia de Lima. O sujeito no feminismo: revisitando os debates. **Cadernos Pagu**. (19) 2002.

COSTA, Claudia de Lima. Os estudos culturais na encruzilhada dos feminismos materiais e descoloniais. **Estud. Lit. Bras. Contemp.**, Brasília, n. 44, p. 79-103, dez. 2014. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-40182014000200005&lng=pt&nrm=iso> Acesso em 13/05/2015.

COSTA, Maria Paula. **Entre o sonho e o consumo**: as representações femininas na revista *Claudia* (1961-1985). Tese (Doutorado em História), UNESP/Assis, 2008.

COSTA, Mariarosa Dalla; JAMES, Selma. **El poder de la mujer y la subversión de la comunidad**. Ciudad de Mexico: Siglo Veintiuno, 1975.

COSTA, Suely Gomes. Proteção social, maternidade transferida e lutas pela saúde reprodutiva. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis: vol 10, n 2/2002, CFH/CCE/UFSC.

CRESCÊNCIO, Cintia Lima. **Quem ri por último, ri melhor**: o humor na imprensa feminista do Cone Sul durante as ditaduras civis-militares (segunda metade do século XX). Texto submetido e aprovado pelo Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal de Santa Catarina, no exame de qualificação (Doutorado em História). Florianópolis/UFSC, 2014.

CRESCÊNCIO, Cintia Lima; MELLO, Soraia Carolina. O trabalho dignifica o homem, mas e a mulher? O riso na imprensa feminista do Cone Sul. **Revista Ártemis**, v. 15, p. 44-58, 2013. Disponível em <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/artemis/article/view/16637/9494>> Acesso em 06/01/2016.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DELIGNE, Allan. De que maneira o riso pode ser considerado subversivo? In: LUSTOSA, Isabel (org). **Imprensa, humor e caricatura**: a questão dos estereótipos culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 29-46.

DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013.

DOUGLAS, Mary. O mundo dos bens, vinte anos depois. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre, v. 13, n. 28, p. 17-32, Dec. 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832007000200002&lng=en&nrm=iso> Acesso em 04/05/2015.

DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron C. **The world of goods**. New York: Basic Books, 1979.

DOUGLAS, Susan. **Where the girls are**: growing up female with the mass media. New York: Random House, 1994.

DUARTE, Ana Rita Fonteles. **Carmen da Silva: o feminismo na imprensa brasileira**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2005.

DELPHY (DUPONT), Christine. O inimigo principal. In: **Liberação da mulher: ano zero**. Belo Horizonte: Interlivros, 1978.

DURAN, Maria Angeles. **A dona de casa: crítica política da economia doméstica**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

DURÁN, María Ángeles. **O valor do tempo: quantas horas te faltam por dia?** Brasília: SPM, 2010.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

FARIA, Nalu; NOBRE, Miriam. **Economia Feminista** (Cadernos Sempreviva). São Paulo: SOF, 2002.

FARREL, Amy Erdman. **A Ms. Magazine e a promessa do feminismo popular**. São Paulo: Barracuda, 2004.

FÁVERI, Marlene de. O Mundo é das Mulheres – Heloneida Studart e o Feminismo na Revista Manchete. **Ártemis**, v. 18, p. 103-115, 2014.

FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de consumo e pós-modernismo**. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O estatuto pedagógico da mídia: questões de análise. **Educação & Realidade**, Porto Alegre (RS), v. 22, n. 2, 1997, p. 59-79.

FOUGEYROLLAS-SCHWEBEL, Dominique. Trabalho doméstico, serviços domésticos. In: FARIA, Nalu; NOBRE, Miriam (orgs). **O trabalho das mulheres: tendências contraditórias**. São Paulo: SOF, 1999, p. 62-93.

FOUGEYROLLAS-SCHWEBEL, Dominique. Trabalho doméstico (verbete). In: HIRATA, Helena [et al.] (orgs). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: UNESP, 2009.

FREITAG, Barbara. **A teoria crítica: ontem e hoje**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

FRIEDAN, Betty. **A Mística Feminina**. Petrópolis: Vozes, 1971.

FRIEDAN, Betty. **A segunda etapa**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

GASTALDO, Édison. A representação do espaço doméstico e papéis de gênero na publicidade. In: FUNCK, Susana Bornéo e WIDHOLZER, Nara. **Gênero em discursos da mídia**. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2005.

GOIDANICH, Maria Elisabeth. **Mamãe vai ao supermercado: uma abordagem etnográfica das compras para o cotidiano**. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas), UFSC, 2012.

GOLDBERG, Anette. Tudo começou antes de 1975: Idéias inspiradas pelo estudo da gestação de um feminismo ‘bom para o Brasil’. In: **Relações Sociais de Gênero X Relações de Sexo**. São Paulo: Núcleo de Estudos da Mulher e Relações Sociais de Gênero – USP, 1989.

GOMES, Laura Graziela. *Madame Bovary* ou o consumo moderno como drama social. In: BARBOSA, Livia; CAMPBELL, Colin (org.). **Cultura, consumo e identidade**. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p. 65-88.

GONÇALVES, Maria E.; PEREZ, Elisenda R., WAJNMAN, Simone. **Taxas de Participação (Formal e Informal) Feminina no Mercado de Trabalho das Regiões Sudeste e Nordeste: uma análise a partir das PNADs, 1992-2002**. Trabalho apresentado no XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambú- MG – Brasil, de 20-24 de Setembro de 2004. Disponível em <http://www.abep.nepo.unicamp.br/site_eventos_abep/PDF/ABEP2004_84.pdf> Acesso em 06/08/2013.

GUATTARI, Félix. Da produção de subjetividade. In: PARENTE, André (org.). **Imagem-máquina: a era das tecnologias do virtual**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994, p. 177-191.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis, Vozes, 2010.

HAHNER, June E. **A mulher no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

HALL, Catherine. Sweet home. In: ARIÈS, F.; DUBY, G. (orgs). **História da vida privada IV**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

HARRISON, John; SECCOMBE, Wally; GARDINER, Jean. **El ama de casa bajo el capitalismo**. Barcelona: Anagrama, 1975.

HAYDEN, Dolores. **The Grand Domestic Revolution: A History of Feminist Designs for American Homes, Neighborhoods, and Cities**. Cambridge, MA: MIT Press, 1981.

HEMMINGS, Clare. Contando estórias feministas. **Revista Estudos Feministas**, vol. 17. n. 1, 2009 : 215-241.

HENAUT, Mirta. **De la rueca a la red**. La economia sumergida. Buenos Aires: Ediciones Corregidor, 2001.

HIRATA, Helena. Pesquisas sociológicas sobre relações de gênero na França. In: **Relações sociais de Gênero x Relações Sociais de Sexo – Núcleo de Estudos da Mulher e Relações Sociais de Gênero**, USP, 1989.

HIRATA, Helena. Reorganização da produção e transformação do trabalho: uma nova divisão sexual? In: BRUSCHINI, Cristina e UNBEHAUM, Sandra. **Gênero, democracia e sociedade brasileira**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas/Editora 34, 2002.

HIRATA, Helena. Trabalho doméstico: uma servidão “voluntária”? In: GODINHO, Tatau; SILVEIRA, Maria Lúcia da. **Políticas públicas e igualdade de gênero**. São Paulo: Prefeitura de São Paulo – Coordenadoria Especial da Mulher, 2004.

HIRATA, Helena e KERGOAT, Danièle. A divisão sexual do trabalho revisitada. In: MARUANI, Margaret e HIRATA, Helena (orgs.). **As novas fronteiras da desigualdade: homens e mulheres no mercado de trabalho**. São Paulo: Senac, 2003, p. 111-123.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 595-609, set/dez. 2007.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Impressões de viagem: CPC, vanguarda e desbunde (1960/70)**. Rio de Janeiro, Aeroplano, 2004.

HOLLOWS, Joanne. **Domestic cultures**. Berkshire: Open University Press, 2008.

HUNT, Lynn. **A invenção dos direitos humanos: uma história**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

INTERNACIONAL SITUACIONISTA. **Situacionista: teoria e prática da revolução**. São Paulo: Conrad, 2002.

KANG, Jaeho. O espetáculo da modernidade: a crítica da cultura de Walter Benjamin. **Novos estud. – CEBRAP**, São Paulo, n.84, p. 215-233, 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002009000200012&lng=en&nrm=iso> Acesso em 11 de maio de 2015.

KLANOVICZ, Luciana Rosar Fornazari. História, Gênero e Ciência: mulheres engenheiras no sul do Brasil. **Revista Venezolana de Estudios de la Mujer**, v. 16, p. 105-122, 2011. Disponível em <http://academia.edu/1282722/Historia_Genero_e_Ciencias_mulheres_e_engenheiras_no_sul_do_Brasil_History_Gender_and_Science_Female_Engineers_in_Southern_Brazil> Acesso em 10/04/2013.

KLEIN, Naomi. **Sem logo: a tirania das marcas em um planeta vendido**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

KOSELLECK, Reinhard. **Futuro passado**. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio, 2006.

LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo**. Corpo e gênero dos gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LARGUIA, Isabel; DUMOULIN, John. **Para uma ciência da libertação da mulher**. São Paulo: Global, 1982.

MANSANO, Sonia Regina Vargas. Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade. **Revista de Psicologia da UNESP**, 8(2), 2009.

MARCUSE, Herbert. Acerca del problema de la ideologia en la sociedad industrial altamente desarrollada. In: Lenk, Kurt. El Concepto de Ideologia. Buenos Aires: Amorrortu, 1971, p. 357. Apud ORTIZ, Renato. A escola de Frankfurt e a questão da cultura. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, v. 1, 1986.

MARCUSE, Herbert. **A ideologia da sociedade industrial**. O homem unidimensional. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1982.

MARX, Karl. **Capital**. Nova Iorque: International Publishers, 1967, p. 76-77. Apud KANG, Jaeho. O espetáculo da modernidade: a crítica da cultura de Walter Benjamin. **Novos estud. – CEBRAP**, São Paulo, n.84, p. 215-233, 2009, p. 227.

MATTELART, Armand; MATTELART, Michèle. **História das teorias da comunicação**. São Paulo: Loyola, 1999.

MELLO; João Manuel Cardoso de; NOVAIS, Fernando A. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). **História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea**. V. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 559-658.

MELLO, Soraia Carolina de. Diálogos feministas sobre a moral (1964-1988). In: DUARTE, Ana Rita Fonteles; LUCAS, Meize Regina de Lucena (org.). **As mobilizações do gênero pela ditadura militar brasileira – 1964 -1985**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2014.

MELLO, Soraia Carolina de. **Feminismos de segunda onda no Cone Sul problematizando o trabalho doméstico** (1970 - 1989). Dissertação (Mestrado em História Cultural), Florianópolis/UFSC, 2010.

MELLO, Soraia Carolina de. **Trabalho doméstico: coisa de mulher?** Debates feministas no Cone Sul (1970-1989). Rio de Janeiro: Multifoco, 2011.

MELO, Hildete Pereira de; CONSIDERA, Cláudio M.; SABBATO, Alberto di. **10 anos de mensuração dos afazeres domésticos no Brasil**. Artigo apresentado na 35ª Conferência da Associação Internacional para Pesquisas de Uso do Tempo (IATUR), Rio de Janeiro, Brasil, 7 a 9 de agosto de 2013. Disponível em <<http://www.spm.gov.br/area-imprensa/documentos-1/versaoartigopibafazeredomesticossitespm.pdf>>. Acesso em 04/02/2016.

MILLER, Daniel. Consumo como cultura material. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre, v. 13, n. 28, p. 33-63, Dez. 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832007000200003&lng=en&nrm=iso> Acesso em 23/07/2015.

MILLER, Daniel. The poverty of morality. **Journal of Consumer Culture**, v. 1, n. 2, nov. 2001, p. 269. Apud BARBOSA, Livia; CAMPBELL, Colin (org.). **Cultura, consumo e identidade**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

MITCHELL, Juliet. Mulheres: a revolução mais longa. **Revista Civilização Brasileira**, Rio de Janeiro: ano III, nº 14, julho de 1967.

Mulheres brasileiras e gênero nos espaços público e privado. Pesquisa de opinião pública. SESC /Fundação Perseu Abramo, agosto de 2010.

NECKEL, Roselane. **Pública vida íntima: a sexualidade nas revistas femininas e masculinas** (1969-1979). Tese (Doutorado em História), PUC/SP, 2004.

NEHRING, Maria Lygia Quartim de Moraes. **Família e feminismo**: reflexões sobre papéis femininos na imprensa para mulheres. São Paulo. Tese (Doutorado em Ciências Políticas), USP, 1981.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, vol.8, n.º 2/2000, p. 9-42.

NOVELLI, Daniela. **A branquidade em Vogue (Paris e Brasil)**: imagens da violência simbólica no século XXI. Tese (Doutorado) – UFSC/DICH, Florianópolis, 2014.

NOVELLI, Daniela. Discutindo o privilégio racial [branco] na moda de luxo: Imagens da branquidade em Vogue Brasil. In: GESSER, Marivete; ZANDORÁ, Jair. **Diversidades, diferenças e interculturalidades**. Material didático – especialização Gênero e Diversidade na Escola. Florianópolis: IEG/UFSC/MEC, 2015.

Organização Internacional do Trabalho (OIT) – Escritório no Brasil. **Notas da OIT sobre trabalho e família** – 1. Brasília: OIT, 2009. Disponível em <http://www.oitbrasil.org.br/content/equil%C3%ADbrio-entre-trabalho-e-fam%C3%ADlia>>. Acesso em 25/01/2015.

ORTIZ, Renato. A escola de Frankfurt e a questão da cultura. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, v. 1, 1986.

OSTRANDER, Heles. Women using other women. *Contemporary Sociology*. 16(1), jun. 1987, p. 52. Apud AZEREDO, Sandra Maria da Mata. Relações entre empregadas e patroas: reflexões sobre o feminismo em países multiraciais. In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina (orgs). **Rebeldia e submissão**. Estudos sobre condição feminina. São Paulo: Vértice / Revista dos Tribunais / Fundação Carlos Chagas, 1989.

PADRÓS, Enrique Serra. Repressão e violência: segurança nacional e terror de Estado nas ditaduras latino-americanas. In: FICO, Carlos (et. al.). **Ditadura e democracia na América Latina**: balanço histórico e perspectivas. Rio de Janeiro: FGV, 2008.

PAOLETTI, Jo Barraclough. **Pink and blue**: telling the boys from the girls in America. Bloomington: Indiana University Press, 2012.

PASSERINI, Luisa. **A memória entre política e emoção**. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

PATEMAN, Carole. Confusões patriarcais. In: _____ **O contrato sexual**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

PEDRO, Joana Maria. Narrativas fundadoras do feminismo: poderes e conflitos (1970-1978). **Revista Brasileira de História**. São Paulo: ANPUH, vol. 26, n° 52, jul/dez 2006.

PEDRO, Joana Maria. Os sentimentos do feminismo. In: ERTZOGUE, Marina Haizenreder e PARENTE, Temis Gomes (orgs). **História e sensibilidade**. Brasília: Paralelo 15, 2006, p. 255-270.

PEDRO, Joana Maria. Relações de gênero como categoria transversal na historiografia contemporânea. **Topoi**, v. 12, n. 22, jan.-jun. 2011.

PEDRO, Joana Maria; WOLFF, Cristina Scheibe. Nosotras e o Círculo de Mulheres Brasileiras: feminismo tropical em Paris. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 9, n. 14, p. 55-69, jan.-jun. 2007.

PINSKY, Carla Bassanezi. Estudos de Gênero e História Social. **Revista Estudos Feministas**, Vol. 17, n. 1/2009, p. 159-189.

PINSKY, Carla Bassanezi. Mulheres dos anos dourados. In: Priore, Mary Del (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010.

PINTO, Ziraldo Alves. **The Supermãe**. São Paulo: Abril, 1981.

POESCHL, Gabrielle. Desigualdades na divisão do trabalho familiar, sentimento de justiça e processos de comparação social. **Análise Psicológica**, (2010), 1 (XXVIII) : 29-42.

PRADO, Danda. **Ser esposa** – a mais antiga profissão. São Paulo: Brasiliense, 1979.

SAFFIOTI, Heleieth. **Emprego Doméstico e Capitalismo**. São Paulo: Vozes, 1978.

SANT'ANNA, Mara Rúbia. De perfumes aos pós: a publicidade como objeto histórico. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 32, n. 64, p. 299-324, Dez. 2012. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882012000200016&lng=en&nrm=iso> Acesso em 17/05/2015.

SANTOS, Marinês Ribeiro dos. **O design pop no Brasil dos anos 1970**: domesticidades e relações de gênero na revista Casa & Jardim. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas), Florianópolis/UFSC, 2010.

SARTI, Cynthia Andersen. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12, n. 2, jan. 2004. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2004000200003/7860>>. Acesso em 23/10/2015.

SARTI, Cynthia e MORAES, Maria Lygia Quartim de. Aí a porca torce o rabo. In: BRUSCHINI, Cristina e ROSEMBERG, Fúlvia (orgs). **Vivência** - história, sexualidade e imagens femininas. São Paulo: Fundação Carlos Chagas/Editora Brasiliense, 1980.

SCAVONE, Lucila. Estudos de Gênero e Feministas: um campo científico? **Anais do XXXI Encontro Anual da ANPOCS**, 2007, Caxambú. São Paulo: ANPOCS, 2007, p. 1-23. Disponível em <http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=2952&Itemid=231> Acesso em 09/10/2015.

SCOTT, Joan. **A cidadã paradoxal**: as feministas francesas e os direitos do homem. Florianópolis, Ed. Mulheres, 2002.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, 16(2). Jul/Dez, 1990.

SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter (org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992.

SILVA, Carmen da. **Histórias híbridas de uma senhora de respeito**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

SILVEIRA, Maria Lucia da. Reflexão coletiva sobre quatro experiências de organização das mulheres na socialização do trabalho de alimentação. In: SILVEIRA, Maria Lucia da; TITO, Neuza. **Trabalho doméstico e de cuidados**. Por outro paradigma de sustentabilidade da vida humana. São Paulo: SOF, 2008, p. 55-66.

SLATER, Don. **Cultura do consumo e modernidade**. São Paulo: Nobel, 2002.

SOARES, Cristiane; SABOIA, Ana Lucia. Tempo, trabalho e afazeres domésticos: um estudo com base nos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios de 2001 e 2005. **Textos para discussão**. Diretoria de Pesquisas. Número 21. Rio de Janeiro: IBGE, 2007.

SOIHET, Rachel. Pisando no "sexo frágil". **Nossa História**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, Ano 1, nº 3, janeiro de 2004, p. 14-20.

SOIHET, Rachel. Preconceitos nas charges de O Pasquim: mulheres e a luta pelo controle do corpo. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 9, n. 14, p. 39-53, jan.-jun. 2007.

SOIHET, Rachel. Zombaria como arma antifeminista: instrumento conservador entre libertários. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 3, jan. 2005. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2005000300008>. Acesso em 18/10/2015.

SORJ, Bila. Trabalho, gênero e família: quais políticas sociais? In: GODINHO, Tatau; SILVEIRA, Maria Lúcia da (orgs.). **Políticas públicas e igualdade de gênero**. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher, 2004, p. 143-148.

SORJ, Bila; FONTES, Adriana; MACHADO, Danielle C. Políticas e práticas de conciliação entre família e trabalho no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 573-594, set./dez. 2007.

SOUZA, Julia Filet-Abreu de. Paid domestic service in Brazil. **Latin American Perspectives**, 7(1): 35-63, 1980.

SPIGEL, Lynn. **Make Room for TV: Television and the Family Ideal in Postwar America**. Chicago: University of Chicago Press, 1992. Apud HOLLOWS Joanne. **Domestic cultures**. Berkshire: Open University Press, 2008.

TELES, Amelinha; LEITE, Rosalina Santa Cruz. **Da guerrilha à imprensa feminista: a construção do feminismo pós luta armada no Brasil (1975 – 1980)**. São Paulo: Editora Intermeios, 2013, p. 64.

THÉBAUD, Françoise. Introdução. In: DUBY, Georges & PERROT, Michelle. **História das mulheres no Ocidente**. Porto: Edições Afrontamento, 1991.

THEBÁUD, Françoise. Políticas de gênero nas Ciências Humanas. O exemplo da disciplina histórica na França. **Espaço Plural**. Ano X, n. 21, 2º semestre, 2009.

TODARO, Rosalba. El tiempo en disputa: trabajos y sistema de cuidado. In: CEM Cuadernos de Investigación 4: **¿Malos tiempos para un buen trabajo?** Calidad del trabajo y género. Santiago: CEM, 2010. Disponível em <<http://www.gemlac.org/recursos/Todaro-El tiempo en disputa en CEM 2010.pdf>> Acesso em 05/07/2013.

TODARO, Rosalba. El trabajo doméstico ¿Tarea de mujeres? Representou o Círculo de Estudios de La Mujer em encontro sobre trabalho doméstico assalariado em 31 de agosto de 1981, em Santiago do Chile. **ISIS – Boletín Internacional**. Itália/Suíça, nº 11-12, outubro/dezembro de 1982, p. 16-17.

TODARO, Rosalba. Introducción general – Ampliar la mirada: trabajo y reproducción social. In: TODARO, Rosalba; YÁÑEZ, Sonia. **El trabajo se transforma: relaciones de producción y relaciones de género**. Santiago: CEM, 2004, p. 15-32. Disponível em <http://www.cem.cl/pdf/trabajo_interior.pdf> Acesso em 05/07/2013.

TORRES, Cristina. **El trabajo doméstico y las amas de casa – el rostro invisible de las mujeres**. Mujer y Trabajo nº 2. Montevideo: CIEDUR, 1988.

Trabalho remunerado e trabalho doméstico – uma tensão permanente. Data popular / SOS Corpo, dezembro de 2012. Disponível

em

<http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/images/stories/PDF/pesquisas/pesq_trabalho_data_popular_sos_corpo.pdf> Acesso em 01/04/2013.

UNIFEM – Fondo de Desarrollo de las Naciones Unidas para la Mujer. **El progreso de las mujeres en el mundo**. Informe Bienal. New York: UNIFEM, 2000.

VESTERGAARD, Torben; SCHRODER, Kim. **A linguagem da propaganda**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

VIECELI, Cristina Pereira. **Mulher e trabalho no Brasil**: características, avanços e permanências (1960 - 2009). Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Economia), UFRGS, 2011.

WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WIDHOLZER, Nara. A publicidade como pedagogia cultural e tecnologia de gênero: abordagem lingüístico-discursiva. In: FUNCK, Susana Bornéo e WIDHOLZER, Nara. **Gênero em discursos da mídia**. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2005.

WOLFF, Cristina Scheibe. De guerrilheiro a feminista. A trajetória de Fernando Gabeira através de sua obra autobiográfica. Brasil, 1964-1981. In: VIANA Jr., Mário M.; SILVEIRA, Viviane T.; NICHNIG, Claudia R. (et. al.) (org.). **Por linhas tortas**: gênero e interdisciplinaridade - II. Fortaleza: Instituto Frei Tito de Alencar, 2011, p. 49-60.

WOOLF, Virginia. Profissões para mulheres. In: _____. **Profissões para mulheres e outros artigos feministas**. Porto Alegre: L&PM, 2013, p. 9-19.

Links

1968: Atlantic City Bra Burning. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=kDGGcrXnd8Y>> Acesso em 04/10/2015.

ANTUNES, Ricardo. A revolta da sala de jantar. **Estadão.com.br** 30/03/2013. Disponível em <<http://www.estadao.com.br/noticias/suplementos,a-revolta-da-sala-de-jantar,1015042,0.htm>> Acesso em 02/04/2013.

COUTINHO, Laerte. Tirinha sobre "ideologia de gênero". Disponível em <http://4.bp.blogspot.com/-QSYIP_4hedo/VXsPMEozpsI/AAAAAAAAAH14/Mwn5kvqU5TA/s400/laerte-ideologia-de-genero.jpg> Acesso em 17/06/2015.

CPI da Mulher. Disponível em <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/84968>> Acesso em 15/12/2015.

Cristina Bruschini. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 42, n. 145, p. 284-297, Abr. 2012. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742012000100016&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 04/02/2016.

Divisão do trabalho em casa tem avanços só da porta para fora. **O Globo online**. 03.11.2012. Disponível em <<http://oglobo.globo.com/economia/divisao-do-trabalho-em-casa-tem-avancos-so-da-porta-para-fora-6628065>> Acesso em 01/04/2013.

Dona de casa. Verbetes Dicionário *online* Michaelis. Disponível em <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=dona>> Acesso em 14/09/2014.

Dona de casa. Verbetes **Wikipedia**. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Dona_de_casa> Acesso em 14/09/2014.

EDITORIA ABRIL. M de Mulher. Disponível em <<http://mdemulher.abril.com.br/>> Acesso em 13/01/2016.

GONÇALVES, Marcos Augusto. Desbunde foi alternativa à rigidez da esquerda. **Folha Ilustrada**. Folha On Line, 21/03/2004. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u42609.shtml>> Acesso em 19/01/2016.

LEE, Jennifer. Feminism has a bra-burning myth problem. **Time**. 12/06/2014. Disponível em <<http://time.com/2853184/feminism-has-a-bra-burning-myth-problem/>> Acesso em 04/10/2015.

LEVY, Ariel. Lift and separate. Why is feminism still so divisive? **The New Yorker**. 16/11/2009. Disponível em <<http://www.newyorker.com/magazine/2009/11/16/lift-and-separate>> Acesso em 04/10/2015.

Links de publicações do GEM-LAC (Grupo de Gênero e Macroeconomia da América Latina). Disponível em <<http://www.gemlac.org/publicaciones.asp#USO>> Acesso em 25/05/2013.

MAINARDI, Patricia. The Politics of Housework. **Redstockings**. 1970. Disponível em <<http://uic.edu/orgs/cwluherstory/CWLUArchive/polhousework.html>> Acesso em 22/09/2015.

Manufatura de Brinquedos Estrela. Verbete **Wikipedia**. em <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Estrela_\(empresa\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Estrela_(empresa))> Acesso em 25/07/2015.

Marco Feliciano diz que direitos das mulheres atingem a família. **O Globo online**. 20/03/2013. Disponível em <<http://oglobo.globo.com/pais/marco-feliciano-diz-que-direitos-das-mulheres-atingem-familia-7889259>> Acesso em 02/04/2013.

Ms. Magazine. "No Comments". Disponível em <<http://msmagazine.com/nocommentarchive.asp>> Acesso em 12/07/2014.

O'Reilly, Jane. The housewife's moment of truth. **New York Magazine**. 20/12/1971. Disponível em <<http://nymag.com/news/features/46167/>> Acesso em 02/11/2015.

PLAN. Resumo executivo da pesquisa "Por ser menina no Brasil". Disponível em <http://primeirainfancia.org.br/wp-content/uploads/2015/03/1-por_ser_menina_resumoexecutivo2014.pdf>. Acesso em 04/02/2016.

Projeto permite até 30 faltas no trabalho para cuidar de filho. Disponível em

<<http://www.senado.gov.br/noticias/senadonamidia/noticia.asp?n=841753&t=1>> Acesso em 08/07/2013.

SAGE Journals. Disponível em
<http://lap.sagepub.com/cgi/pdf_extract/7/1/35> Acesso em 07/07/2009.

Salário mínimo 1970-2001. Disponível em
<<http://www.uel.br/proaf/informacoes/indices/salminimo.htm>> Acesso em 23/12/2015.

Senac. Disponível em <<http://www.senac.br/institucional/senac.aspx>>
Acesso em 07/02/2015.

Senado aprova proposta que amplia direito de domésticas. **O Povo online.** 20/03/2013. Disponível em
<<http://www.opovo.com.br/app/opovo/radar/2013/03/20/noticiasjornalradar.3025469/senado-aprova-proposta-que-amplia-direito-de-domesticas.shtml>> Acesso em 02/04/2013.

Site da **Claudia** no sítio da Abril. Disponível em
<<http://www.publiabril.com.br/marcas/claudia/revista/informacoes-gerais>> Acesso em 25/01/2015.

Site da **Nova** no sítio da Abril. Disponível em
<<http://www.publiabril.com.br/marcas/nova/revista/informacoes-gerais>>
Acesso em 25/01/2015.

Site da **Veja** no sítio da Abril. Disponível em
<<http://www.publiabril.com.br/marcas/veja/revista/informacoes-gerais>>.
Acesso em 25/01/2015.

Site do GEM-LAC (Grupo de Gênero e Macroeconomia da América Latina). Disponível em <http://www.gemlac.org/quienes_somos.asp>
Acesso em 25/05/2013.

Site do Projeto e-Psico, do Departamento de Psicologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Disponível em
<<http://www.ufrgs.br/e->

[psico/subjetivacao/perdidos_espaco_index.html](#)> Acesso em 27/07/2015.

Site sobre Malu Mulher no sítio da Rede Globo
<<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/seriados/malu-mulher.htm>> Acesso em 25/01/2015.

9. APÊNDICES

Apêndice A

Quadro das atividades de trabalho doméstico (ou prestado ao marido, casa, família ou filhos/as do marido) descritas por **Claudia**

1. Tarefas de cunho *psicológico*: admiração; reforço de seu ego; status social; competição com terceiros etc.⁷⁵²

Manter seu casamento feliz e saudável; conciliar lar e trabalho; saber como agir durante a crise no casamento; vencer os ciúmes; "reconquistei meu marido deixando de ser uma menina mimada"; não perder o marido por esconder os sentimentos; não perder o marido por comodismo; salvar o casamento; "amar melhor"; viver melhor a dois ou conhecer a arte de viver a dois ou cativar a vida a dois; não se separar por culpa dos sogros; não deixar o filho dele acabar com seu casamento; conhecer o roteiro para um marido feliz; voltar a ser a mulher que ele amava; superar o medo de perder o marido; enfrentar a infidelidade do marido; fomentar o diálogo para melhorar o casamento; lidar com o alcoolismo do esposo; lidar com a ejaculação precoce e impotência do marido; fazer o marido aceitar seu trabalho; discutir a submissão ao marido antes de ir trabalhar; ter certeza de que "ficar inteligente" vai ser aceito pelo seu esposo; saber como o trabalho da mulher (de meio período) pode unir o casal; como arranjar emprego mesmo casada, com filhos e não tendo uma profissão; ser independente sem sair de casa; como trabalhar fora sem sentir culpa; compreender a coragem necessária para largar o emprego e voltar pra casa; enfrentar as dificuldades de ser mulher de executivo; lidar com a violência em família; ajudar a família a se adaptar à casa nova em caso de mudança; adaptar a família a uma mudança para o interior; não fazer do seu marido um filho; ser cordial com o esposo; saber o que os esposos esperam de nós;

⁷⁵² O que está em negrito foi retirado de PRADO, Danda. **Ser esposa** – a mais antiga profissão. São Paulo: Brasiliense, 1979, p. 96-7. O que não está em negrito foi retirado da revista **Claudia**, Números consultados: 101, 104, 106-111, 116, 118-123, 125-131, 133-136, 138, 139, 141-145, 147-154, 156, 159, 161-165, 167-169, 171, 174-185, 187-190, 192-232, 234, 236-238, 240-244, 246-248, 252-255, 257-259, 262, 264, 265, 272, 274, 282, 284, 299-302, 304-310, 312, 314, 315, 317-319, 322-332, 334, 339.

entender o "casamento hoje"; conciliar os filmes que o casal quer ver; não achar que existe um "supermarido"; saber o que fazer quando você quer filhos e seu marido não; entender a "psicologia masculina"; lidar com a insegurança masculina quando você ganha mais.

2. Tarefas de cunho *sexual*: disponibilidade tornada obrigatória por lei, pela religião e pelo condicionamento psicológico da mulher através dos conceitos atuais do casamento (romantismo, sensualidade, amor).

Strip-tease doméstica; competir com outras mulheres pelo seu esposo; "como prender seu marido sem usar isca" (nº171); eliminar o fantasma da frigidez do seu casamento; "Esposas confessam: sexo como obrigação" (nº 204); lidar com a noite de núpcias; fugir da rotina para ter um casamento saudável; criar ambientes aconchegantes para o casal; ser uma boa amante; entender de sexualidade; ter "aulas de sexo"; tratar doenças venéreas, em você e no parceiro; saber como manter a chama após a crise no casamento.

3. Reprodução *biológica e social*: garantia da paternidade.

Tratar dela, do marido ou do casal, em caso de esterilidade; entender e lidar com a esterilidade masculina; conhecer os métodos contraceptivos e escolher o mais adequado; conhecer os mais novos métodos contraceptivos; saber como engravidar e facilitar o processo; comprar teste de gravidez; conhecer a possibilidade do parto em casa; engravidar, parir e criar os filhos; lidar com a criança prematura; não jogar fora o instinto materno; ser mãe por tempo integral.

Começar meses antes a se preparar para o casamento; entender o contrato do casamento; fazer o enxoval.

Saber como adotar um bebê; entender a adoção como um ato de amor; debater a polêmica das mães de aluguel; "Bebê de proveta: querem nos tirar o privilégio de gestar" (nº206).

Conciliar o primeiro filho na vida do casal; evitar que o filho separe o casal; construir uma família feliz; combinar malhas entre mãe e filha; encarar a maternidade aos 40.

Estar informada sobre as implicações do desquite ou divórcio; lidar com o divórcio (frisam que é desvantagem para a mulher); ter

ou não ter filhos no segundo casamento; encontrar a felicidade no segundo casamento; enfrentar a separação; conhecer o difícil papel da mãe desquitada.

4. Reprodução psicológica e afetiva: manutenção do laço entre pai e filhos.

Inclui manutenção do próprio casamento: saber como resolver as crises no casamento; incentivar o diálogo entre os pais e as crianças e entre o casal; garantir que o pai seja presente para os filhos; evitar desentendimentos familiares; não envolver as crianças nas brigas conjugais; divertir-se com a família em casa; saber que o papel dos avós é papificar; ajudar o esposo a ser um novo pai.

Tirar e cuidar das fotografias; organizar os álbuns de família; comprar brinquedos que simulem a profissão do pai; comprar roupas iguais para pai e filho; aprender receita simples para a filha cozinhar e fazer uma surpresa (!) pra mãe no dia das mães; manter as tradições de Natal; continuar prendada apesar de ter vida pública; não ser a "sogra megera"; não deixar o pai se sentir culpado por ser muito bom com as crianças.

5. Manutenção e reprodução da força de trabalho. Atendimento em caso de: doenças, velhice, relações familiares, relações sociais, ajuda psicológica etc.

Tarefas específicas: trabalho caseiro, cozinha, pequenos consertos caseiros (em francês – *bricolage*), secretariado, orçamentos, compras etc.

Tirar migalhas da mesa; aspirar a casa; desodorizar e descongelar a geladeira; encerar o chão; passar roupa mais depressa; eliminar maus odores da casa; regar plantas penduradas; eliminar cheiro de tinta fresca; eliminar cheiro de fritura; tirar cheiro de queimado do forno; amolecer flanelas de limpeza; proteger metal dourado; tirar odor de cafeteiras automáticas; "enfrente a rotina da limpeza com um sorriso" (nº165); dar brilho às molduras douradas; dar mais vida às velas; se livrar da poeira; saber usar bem a enceradeira; impermeabilizar rolhas; tirar odores desagradáveis da porcelana; lavar cortinas; perfumar a casa; conhecer truques de limpeza; cuidar da segurança da casa; manter as portas bem trancadas; entender como o ladrão "trabalha; eliminar o mofo da

casa; impermeabilizar estofados; dar brilho às madeiras da casa; acondicionar devidamente os alimentos; perfumar carpetes.

Limpar: pentes e escovas; cinzeiros; sapatos de camurça; carpetes; limpar e polir peças de latão; sapatos com creme de beleza; fotografias com miolo de pão; as janelas mais depressa; as janelas de forma segura; vasos de cristal com chá; mármore; brinquedos de pelúcia; panela com comida grudada; telefone; o disco do telefone; objetos de prata; cristais; teclas do piano; gavetas; o mofo dos sapatos; plantas com pano úmido; móveis de couro; ralador; móveis entalhados; móveis de bambu; luvas; peças esmaltadas; veludo; vasos; portas; peças do banheiro; vidros, madeiras e metais; rejunte; a palhinha dos móveis; geladeira; ferver a rolha das garrafas térmicas; a vela do filtro; pergaminho de abajur; talheres de prata com sal; azulejos com amido; porcelana; lâmpadas elétricas; objetos de zinco; peças de ouro; facas com cabo de osso; garrafas; o fogão com álcool; bolsas de couro amarelo; objetos de marfim; frigideiras de ferro; lavar paredes.

Tirar manchas: dos móveis; de queimado; de café; de roupas variadas; sal de cozinha para manchas de nicotina; evitar manchas dos cabides nas roupas; de sapatos com batata crua; de ferrugem; da frigideira com maçã; de tinta dos móveis com batata crua; de chuva dos sapatos; de mofo do banheiro; chamuscados da madeira; manter as panelas brilhando; dos tapetes; de suor das roupas.

Cozinhar: desde a entrada à sobremesa; hoje para servir amanhã; diferentes aperitivos; beterrabas; variar o cardápio; aprender novas receitas, desde econômicas e super práticas até as muito sofisticadas; "alimentar os filhos com amor"; doces para a páscoa; receitas fáceis para a recém-casada não se atrapalhar na cozinha; comprar a instalar extensão do telefone para não deixar a comida queimar; fazer gelo com gosto especial; inventar receitas; saber escolher um bom peixe; mudar os pratos conforme a estação do ano; conhecer receitas que ficam prontas em 30 minutos; saber preparar *drinks*; saber usar os temperos; conhecer a cozinha ao ar livre do camping; fritar ovos do mesmo tamanho; pelar tomates; manter a comida quente fora do fogão; tirar gosto do arroz queimado com pão; fazer uma salada de batatas mais bonita; fazer conservas; conservar a cerveja; corrigir maionese talhada; cortar queijo sem esmigalhar; amaciar a carne; não salgar alimentos que serão congelados; conservar fresco um limão partido; verificar se os ovos são frescos; saber preparar um *buffet*; preparar petiscos para as visitas; cultivar temperos no jardim; descamar peixe; conhecer o vocabulário da

culinária; fazer um jantar em casa mesmo como se estivesse em Paris; reavivar folhas das saladas; escolher frutas e verduras; evitar que o doce de coco açucare; limpar galinha com água e vinagre; cozinhar pratos da moda; cultivar batata doce; fazer macarrão; escolher e usar diferentes queijos; fatiar o queijo mais fino; usar o moedor de carne; conservar os vegetais fora da geladeira; fazer coalhada em casa; limpar e fatiar o peixe que seu marido pescou; congelar alimentos; conhecer receitas de baixa caloria; trabalhar o menos possível na cozinha nas férias, uma vez que não trabalhar é impossível; caprichar na decoração da comida; usar bebidas como tempero; preparar bebidas quentes no inverno; fazer panetone; capeleti e ravioli em casa; saber mudar o cardápio sem mudar os ingredientes; saber o necessário para facilitar a vida na cozinha; conhecer melhor os ovos; evitar desastres na hora de cozinhar; organizar o menu da semana.

Organização: saber a melhor maneira de guardar pregos; deixar a caixa de costura em ordem; "Organize seu trabalho e tenha tempo para tudo"; organizar objetos espalhados; guardar linhas; guardar botões; manter os remédios em ordem; manter as tesouras em ordem; organizar produtos de limpeza; deixar tudo em ordem depois das festas; encontrar o equilíbrio entre ser maníaca por ordem e desordeira; conhecer a melhor maneira de guardar as compras; manter os utensílios de cozinha em ordem.

Viagens: organizar roteiros; reservar hotéis; pensar em passatempos para os dias de chuva; fazer as malas; organizar as malas no carro; saber o que é preciso levar para a família se a viagem for de trem, carro ou ônibus, e caso as crianças enjoem; saber quais são as férias ideais de verão ou inverno; lua de mel; organizar uma viagem de *trailer*; saber qual barraca escolher para o *camping*; manter a umidade das plantas quando viajar; evitar problemas de saúde na família nas viagens; cuidar da casa mesmo estando fora; garantir a segurança da casa durante as férias (viajar sem "dar bandeira"); distrair as crianças durante as viagens de carro; facilitar a vida do marido caso ele não viaje com a família de férias; visitar parques temáticos para crianças; revisar o carro antes de viajar; trazer um pouco de sonho às férias do casal; saber o que levar para as férias.

Orçamento doméstico: controlar/gerenciar o orçamento doméstico; economizar de forma geral; reduzir as despesas da casa; esticar o dinheiro do orçamento; economizar reaproveitando a

comida do dia anterior em novos pratos; usar as sobras do tender; usar sobras da cozinha para adubar plantas; decorar com móveis de estilo sem gastar muito; saber como e quando pedir coisas ao marido (geralmente para a casa, não para si); trabalhar nas horas vagas (capa nº 131); fazer pesquisa e estocar alimentos para combater a inflação; fazer pão; usar retalhos para limpar o pó; aproveitar os laços dos presentes de casamento para montar a primeira árvore de Natal do casal; economizar óleo; reaproveitar papel de embrulho; economizar pasta de dente; conservar vassouras; enfrentar a crise financeira; economizar no supermercado; aproveitar os pedaços de sabão; conciliar o orçamento doméstico com a necessidade de estar sempre bonita; economizar energia ao usar o ferro de passar; dirigir melhor para economizar gasolina; pensar na possibilidade do aquecimento solar para reduzir a conta de luz; conhecer listas de ideias para economizar na cozinha, aproveitar suas roupas, fazer trabalhos manuais sem gastar nada e economizar em tudo; conhecer "a arte de ser turista numa época de economia" e como economizar gasolina; aproveitar sobras de lã; saber investir o 13º salário (seu ou do marido); "ganhe dinheiro sem horário e sem patrão"; reaproveitar vassouras velhas; aproveitar o lixo para fazer brinquedos; fazer a cera do assoalho render mais; caprichar no tempero para economizar; fazer horta; economizar óleo e produtos de limpeza usando panelas antiaderentes; "comprar bem"; fazer produtos caseiros de limpeza; saber lidar com a inflação; saber como financiar uma casa; controlar o orçamento para combater a inflação; usar cupons de desconto; saber usar o cartão de crédito; saber comprar a crédito; economizar gás, luz e telefone; tirar proveito das pontas de estoque; viver com a pensão; enfrentar a crise com o marido desempregado.

Comprar: alimentos; eletrodomésticos; roupa de cama; material de limpeza; louça; tecidos; linhas; lã; produtos de higiene pessoal para toda a família; utensílios domésticos; panelas; lâmpadas; pano de copa; roupas para família, de inverno, de dormir, de banho, de verão, para prática esportiva, uniforme escolar, eventos formais, sempre que possível na moda; diferentes tesouras para todo o tipo de utilidade doméstica; cristais; extensões elétricas; a leiteira que apita para não sujar seu fogão com leite; a escrivanhinha que ajuda seu filho a passar de ano; máquina de costura; uma cama que acompanha o crescimento da criança; afiadores de facas; facas para corte; cotonetes; coador de papel; as malas ideais para sua família; selador de sacos plásticos; válvula de descarga de banheiro; conhecer "a gostosa arte de receber e dar presentes"; "Vestir-se bem, vestir bem a

casa"; cosméticos específicos para crianças; sabão para a lava-louças; saber quais mercadorias não podem faltar na dispensa; faca elétrica; saber quais são os cuidados para uma boa compra; ser uma consumidora atenta; checar prazos de validade; saber comprar brinquedos; conhecer louças de grife; azulejos antigos; conhecer os serviços de atendimento ao consumidor; comprar aquecedor; feiteira.

Costurar; consertar zíper; trocar elásticos das roupas; prender botões; conhecer as novas estampas para as camisas dele.

Manutenção da saúde familiar, bem como sua própria: Cuidar da nutrição e dietética familiar; saber como evitar o câncer; saber a utilidade dos chás, ervas e plantas medicinais; conhecer a homeopatia; conhecer as propriedades das verduras e legumes; entender o que é e lidar com a febre; conhecer e tratar as doenças do calor; saber usar medicamentos; saber tratar gripe; prevenir doenças hereditárias; combater alergias, rinite; cozinhar com fibras e óleos saudáveis; conhecer dietas naturais para toda a família; fazer doces para diabéticos; evitar o botulismo; conhecer alimentos que ajudam a sarar a gripe; entender dores psicossomáticas; tratar machucados; prevenir e driblar as doenças mais comuns. Especificamente para o esposo: controlar a digestão dele; saber como evitar um enfarte; salvar o marido do enfarte (inclusive com massagem cardíaca); saber controlar o colesterol; "trate bem o coração dele" (proteger o marido das doenças cardíacas); manter o marido em forma e com saúde; identificar se o marido é alcoólatra.

Administração e manutenção doméstica: prever quando o bujão de gás ficará vazio; improvisar um varal com um guarda-chuva virado para cima nos dias de chuva; conhecer novos produtos para a casa e alimentos; lubrificar o moedor de carne; não deixar o açúcar empedrar; utilizar móveis práticos como mesas elásticas; saber agir em emergências no lar; ganhar tempo com os eletrodomésticos; conservar cristais e louças; conservar móveis; conservar rendas e deixá-las mais resistentes; proteger objetos de couro; não deixar as cadeiras arranharem o chão; conservar a geladeira; usar melhor os eletrodomésticos; não passar toalhas; untar as cordas das persianas com parafina; fazer um curso de técnica em economia doméstica "Que tal ser dona de casa com diploma e tudo?" (nº174); saber ganhar tempo na rotina doméstica; saber aproveitar e conservar o liquidificador; conservar tesouras; evitar acidentes no banheiro; cuidar da casa depois da chuva; manter giletes afiadas por mais

tempo; conservar peças de barro; ser síndica do condomínio (já que mulher já sabe resolver 1001 problemas domésticos); organizar e fazer mudanças; conservar o aspirador de pó; saber como guardar peças finas do enxoval; saber mexer e cuidar do aparelho de som; cuidar dos discos; saber como convencer o marido a ajudar em casa; desentupir pias e ralos; conhecer nove ideias para administrar melhor a casa; saber usar a lava-louças; saber qual é o melhor clima para limpar os vidros; saber usar trituradores de lixo; usar roda de carro como suporte para mangueira; calcular o prazo de validade dos produtos; ter e saber usar o forno micro-ondas; saber manusear o ferro a vapor; entender direitos e deveres dos condôminos; saber que facas elétricas não são boas para cortar abóboras; prevenir incêndios; avaliar a possibilidade de viver em condomínios fechados; usar o microcomputador para organizar a vida doméstica; fazer um *check-up* na lava-louças antes do técnico chegar; saber usar o multiprocessador; não perder tempo falando ao telefone; aprender a viver sem empregada.

Bricolage: restaurar, consertar e pintar móveis velhos; comprar colas e fitas para reparos em casa; pregar peças na parede; transformar o berço do bebê que cresceu em um divã; deixar o fio do abajur mais curto; arrumar seletor de canais da TV com lápis de cera; vedar torneiras com fita plástica; recuperar brinquedos de plástico; remover verniz de um móvel; pintar cômodos; colar mármore; colar borracha; fazer de uma das paredes do quarto das crianças uma tela para que possam pintar, estimulando sua criatividade; consertar encanamentos; fazer pequenos consertos elétricos; reformar cadeira de palhinha; reformar panela de pressão; consertar cortina de plástico; consertar estofados; instalar um olho mágico; fixar pregos; consertar cano de água arrebentado; recuperar prateleiras tortas; fazer emendas no papel de parede; retirar fitas adesivas da parede sem deixar marcas; saber usar a furadeira; fazer trabalhos de marcenaria, como brinquedos, berços e móveis infantis, além de móveis rústicos; resolver problemas com armários embutidos; consertar janelas que deixam a chuva entrar; consertar trincas na pintura do teto; conhecer primeiros socorros (e consertos) para eletrodomésticos; restaurar quadros e objetos de couro.

Manutenção das roupas: saber tirar chiclete dos tecidos; lavar a seco em casa mesmo; aproveitar o verão para renovar os cobertores; lavar as roupas conforme instrução do fabricante; conservar o sapatinho do bebê; renovar tapete de pano; tirar mofo e cuidar de roupas de lã; conservar roupas e acessórios por mais

tempo; conservar meias; saber como alvejar roupas brancas; lavar corretamente roupas pretas; passar roupa branca; conservar a sola dos sapatos; amaciar couro das botas; saber usar a secadora de roupa; deixar roupas de veludo sem marcas; proteger os casacos de pele; conhecer truques para lavar e passar a roupa; seguir um roteiro para lavar a roupa; amaciar roupas; manter o moletom sempre bonito.

Evitar infestações de: baratas; formigas; insetos em geral; se livrar das pragas das plantas; evitar picadas de insetos em toda a família.

Dirigir; saber o que fazer quando o carro não pega; consertar o carro; cuidar dos pneus do carro; saber usar o extintor do carro; saber como dirigir com crianças no carro; buscar as crianças na escola; pensar na família na hora de escolher um carro; conhecer os diferentes carros; saber como escolher um carro usado, diante da crise; não arranhar a porta do carro; tirar ferrugem do carro; limpar o carro.

Cuidar dos idosos e de seu bem estar.

6. *Cooperação no trabalho do marido:* (seja no comércio, na profissão liberal, rural, artesanal etc.), secretária, trabalhos no campo, criação, hospedagem, relações públicas, caixa, substituta etc.

Inclui eventos e socialização:

Organizar as festas variadas: infantil, 15 anos, noivado, bodas, coquetel, jantar formal, *brunch*, segundo a etiqueta; saber como vestir toda a família para as diferentes festas; comprar convites; fazer convites; saber dar um jantar perfeito; saber escolher os convidados; comprar copos e pratos descartáveis para festas infantis; receber os convidados para um jantar; ter diferentes ideias para receber em casa; conhecer o jantar americano; conhecer a "delicada arte de receber"; saber escolher e servir vinhos; dar uma "festa no Havaí"; receber em um almoço só para mulheres; conhecer cardápios para receber bem; garantir que suas festas sejam um sucesso; saber quem convidar para o aniversário de seu filho; organizar a festa de aniversário do seu filho na escola e festas temáticas para as crianças.

Preparar a festa toda do Natal, da Páscoa, o almoço de dia dos pais e dia das mães; ceia e festa do Ano Novo; organizar um chá de cozinha; deixar tudo preparado antes para aproveitar a sua festa; fazer o bolo para o seu casamento; tocar piano em festas de família.

Comprar e escolher presentes: de Natal, ovos de Páscoa; dia

das mães (ao menos escolher); dia dos pais; dia das crianças; aniversário; de chá de cozinha; casamento; saber encontrá-los "de última hora"; dar doces feitos em casa de presente de Natal; "vencer a batalha dos presentes de Natal".

Embrulhar presentes; fazer e enviar cartões de Natal, aniversário, bodas.

Etiqueta: Não fazer confidências em público; conhecer os segredos da etiqueta; conhecer a etiqueta moderna; não cometer gafes em reuniões sociais; agradar com sorrisos e gestos nas reuniões sociais; frequentar cursos de atualização para a dona de casa superar a "conversa cri-cri"; utilizar a etiqueta no dia a dia; conhecer "a arte de entreter convidados"; se portar com etiqueta também nas ruas; aprender etiqueta para o seu marido; saber o que cada família deve pagar na festa do casamento; se portar adequadamente ao telefone; conhecer a etiqueta para cada tipo de festa; saber como sua família deve se portar quando hospedada na casa de amigos e parentes; saber como se portar em uma visita ao hospital; saber as melhores saídas para situações delicadas.

Realizar trabalhos de caridade; realizar trabalho voluntário "para se sentir mais útil".

Ler para ter assuntos para conversar; entender o jogo de futebol; fazer cursos para distrair ou para atualizar; conhecer histórias de Natal; lidar com as crianças em dias de visita.

Fazer sucesso em qualquer reunião (não profissional, ao menos não da mulher).

7. Educação dos filhos:

a) *transmissão de valores: sociais, religiosos, morais, sexuais.*

Ensinar o filho que é errado roubar, mas não chamá-lo de ladrão; lidar com a filha que chega tarde em casa; lidar com as mentiras dos filhos; evitar que os filhos sejam vítimas das drogas; saber dizer não (sem magoar); comprar despertador para "o sucesso dos filhos"; teste: você conhece bem o seu filho?; ensinar as crianças como serem pedestres conscientes e evitar acidentes de trânsito; saber disciplinar filhos adolescentes; ensinar às filhas afazeres domésticos; socializar a filha em "assuntos femininos"; dar o exemplo na educação; saber como educar os filhos e especificamente o filho único; não criar maus hábitos no seu filho;

saber o papel do pai na educação dos filhos; lidar com o mau comportamento do filho; documentar as fotografias de seus filhos; controlar seu filho sem exagerar; saber o que é melhor para os filhos adolescentes; não deixar a escola substituir você; usar a autoridade sem massacrar os filhos; ponderar se é bom ou não ter armas em casa; questionar se há lugar para Deus na escola de seus filhos; ensinar as crianças a produzirem seu visual; conhecer as carreiras que "dão futuro"; ajudar o filho a escolher a profissão; confiar e conversar com os jovens; conhecer as drogas; saber ouvir seus filhos; entender como as crianças veem a Aids; saber responder as perguntas das crianças; disciplinar com muito amor; entender seu filho roqueiro; saber quando deixar dormir na casa do amiguinho; não procurar segredos no quarto do filho; adultos devem evitar se contradizer na frente das crianças; dar limites; conter os excessos dos adolescentes; lidar com as brigas das crianças; saber o que fazer se seu filho pequeno está roubando.

b) *educação escolar: recuperação escolar, deveres, atividades artísticas, esportes, divertimentos, feriados, férias.*

Comprar brinquedos, educativos ou não; dar o brinquedo certo; se exercitar com as crianças para incentivá-las; organizar *picnics*; cozinhar "comida de férias"; ensinar arte aos filhos; aprender yoga para crianças; levar as crianças a parques; levar as crianças a cursos de artesanato; encontrar escolas maternas e saber escolher creches; entender as mudanças no ensino; conhecer as diferentes linhas pedagógicas disponíveis nas escolas; comprar um violão para o seu filho não cair nas drogas ou criminalidade; levar a família para acampar; conhecer as brincadeiras infantis; conhecer escolas que dão atendimento individual; ajudar seu filho a ser criativo; aulas de natação para o bebê; ajudar os filhos a irem à escola; comprar material escolar; saber sair da rotina e fugir da monotonia nas férias; abrir o mundo dos livros para seus filhos; conduzir seu filho para a alegria de ler (ensiná-lo); comprar jogos que ensinam trabalhos manuais para as meninas; "sua filha vai bordar brincando"; escolher colônia de férias para os filhos; "o sucesso de seu filho na escola depende de você"; saber que boa alimentação também ajuda o aprendizado; se exercitar entre mãe e filha; ensinar ecologia também em casa; garantir que seus filhos convivam com a natureza; dosar a TV dos filhos; ajudar seu filho no primeiro dia de aula; ajudar o filho a vencer o vestibular; dieta para o filho no ano do

vestibular; conhecer dicas práticas para ajudar seus filhos nos estudos; escolher roupas bonitas e confortáveis para as crianças; acertar na escolha da primeira escola do filho; não comparar o aprendizado do seu filho com o do vizinho; dar atenção aos sapatos da criança para a escola; colocar nome nos pertences das crianças para não perder; estimular a criatividade e liberdade dos filhos; programar as férias para as crianças; levar a família ao museu; utilizar estímulos ambientais para as crianças; garantir que seu filho brinque mas esteja por dentro da moda; saber como "caminhar no caos de métodos e teorias da educação moderna"; saber qual é o momento certo de colocar o filho na escola; escolher a melhor escola; escola pública ou particular?; "escola pública não é o fim do mundo"; ter animais para ajudar no desenvolvimento dos filhos; saber dosar o computador e vídeo game na vida das crianças; ginástica olímpica para as meninas; judô para os meninos; conhecer as vantagens do bicicross para seu filho; não fazer a lição de casa para seus filhos; ajudar seu filho a gostar da lição de casa; saber como brigas conjugais afetam o desempenho escolar de seu filho; oferecer aulas de inglês para as crianças; conhecer opções baratas para as crianças praticarem esportes; caratê para as crianças; programar a diversão dos filhos.

c) *cuidados físicos: aplicação de receitas médicas, descoberta de anomalias, prevenção de acidentes, higiene, limpeza, alimentação etc.*

Bebê: preparar o enxoval inteiro antes do bebê nascer; saber quando os filhos devem parar de chupar dedo; identificar os motivos que levam o bebê a chorar; saber alimentar o recém-nascido; enfrentar as dificuldades na alimentação do bebê; saber dar banho da maneira certa; garantir que o bebê não escorregue na banheira durante o banho; identificar doenças; sempre dar muito carinho ao bebê; saber recebê-lo no dia em que chega da maternidade; dar o leite "certo" na falta do leite materno; conhecer o desenvolvimento do feto a cada mês; saber como tratar doenças/emergências do bebê antes que o médico chegue; ter a embalagem adequada para a comida do bebê; colocar muito amor e higiene na comida do bebê; esterilizar mamadeiras; comprar fraldas; manter o bebê na moda; vestir o bebê com carinho; conhecer as novidades em produtos para bebês; conhecer as etapas da higiene do bebê; adormecer o bebê; controlar a boa formação do bebê; saber o que fazer nos três primeiros meses do bebê; acompanhar os primeiros passos do bebê; ter lições de

puericultura; parar de fumar pelo bebê; saber como utilizar as fraldas; conhecer o problema do banho no bebê após a mamada; lidar com as cólicas do bebê; saber em qual posição deixar o bebê no berço; cuidar do ouvido do bebê após o banho; tratar problemas do bebê ainda no útero; combater as cáries já antes do bebê nascer.

Segurança: Comprar e saber usar kits de primeiros socorros; comprar cadeirinha pra andar de carro "como se estivesse em seus braços"; proteger as crianças no carro de forma geral; afastar das crianças sacos plásticos, pregos e produtos químicos; evitar acidentes no quarto das crianças; ter seguro de saúde; esconder o termômetro pois é perigoso para crianças.

Saúde: evitar e tratar doenças; tratar resfriados sem confundir com gripe; evitar e tratar dor de dente em crianças; ter amplas informações nutricionais para crianças; garantir que seus filhos não estejam muito magros; garantir que seus filhos não estejam com sobrepeso; não superalimentar a criança; entender a diferença entre ter peso e desnutrição; ensinar o filho a gostar do dentista; saber quando levar o filho ao pronto socorro; tratar os ferimentos dos filhos; detectar quando a criança precisa de óculos; levar a filha ao ginecologista aos 10 anos (nº 142); tratar ferroadada de abelhas; evitar e tratar meningite; vigiar a gordura dos filhos "nas quatro idades perigosas" (focado nas meninas); fazer de tudo para seu filho comer bem; saber o que seu filho deve comer; cuidar da dentição do seu filho; enfeitar os remédios para as crianças quererem tomar; garantir a qualidade do ar que seu filho respira; saber agir em caso de envenenamento por produtos domésticos; salvar o filho das drogas (o marido pode ajudar); tratar sapinho; acompanhar o crescimento de seu filho; conhecer dieta de baixa caloria para crianças, para emagrecerem brincando; cuidar de crianças com problemas respiratórios; comprar doces sem açúcar para evitar cáries nas crianças; passar protetor solar nas crianças; ajudar o filho a vencer a bronquite; como tratar os pés chatos dos filhos; conhecer o reimplante dentário para crianças; conhecer as doenças que atrapalham a alfabetização; saber se seu filho é estrábico; lidar com a hiperatividade; saber a hora certa de levar a filha ao ginecologista; tratar dores de garganta; diagnosticar cedo problemas auditivos; levar os filhos ao médico ou dentista, de rotina ou não.

Ensinar a criança a beber sozinha; dar banhos divertidos nas crianças; fazer a criança dormir na hora certa; regular os horários das refeições das crianças.

Salvar os filhos da poluição; conhecer e comprar repelentes de insetos específicos para crianças.

d) cuidados psicológicos: equilíbrio mental, descoberta de anomalias.

Comprar gibis, livros e discos e contar historinhas para as crianças; consultar especialistas sobre a criação dos filhos; não tratar as crianças como adultos; saber como julgar as crises dos adolescentes; garantir que seus filhos não tenham medo de você; lidar com a agressividade das crianças; saber lidar com os filhos em caso de divórcio ou desquite; conhecer, amar e entender os adolescentes; ajudar o filho a escolher a profissão; cultivar a individualidade dos filhos gêmeos; não comparar os filhos entre si; saber como os bebês veem o mundo; lidar com filhos adotivos; respeitar a personalidade do bebê; escutar os filhos; saber o que é regressão infantil; lidar com o filho deficiente; ajudar a filha a crescer sem medo; não proteger em excesso a criança; fazer os filhos entenderem a morte sem angústias; dar carinho, dar colo, dar amor; amenizar a vida dos filhos em caso de divórcio; incentivar os filhos em todas as fases da vida; vencer as dificuldades afetivas das crianças; ser bem orientada para seus filhos terem a chance de serem felizes; saber qual é o papel do carinho no desenvolvimento da criança; lidar com filhos mongoloides; respeitar a noção de tempo da criança; ajudar as crianças na transição de escolas (da particular para a pública, devido à crise); conhecer a importância da figura do pai na educação das crianças; acabar com os medos dos filhos pequenos; lidar com filhos agressivos; conhecer a terapia para crianças; lidar com as crianças nos finais de semana em caso de pais separados; criar filhos independentes; entender o jovem contestador; lidar com filho limítrofe; respeitar a autonomia dos filhos.

e) vida sexual: informação, medidas preventivas para os problemas morais e sexuais.

Orientar o namoro das filhas "Até onde pode ir a intimidade?"; lidar com o filho homossexual; falar de sexo com os filhos; saber o que fazer quando a criança descobre o sexo; não interferir no namoro dos filhos; saber como agir ao descobrir que a filha está tomando anticoncepcionais; oferecer lições de sexo para seus filhos; perceber abuso sexual em casa.

Categorias acrescentadas àquelas de Danda Prado, com base nos diferentes tipos de trabalho doméstico que aparecem em **Claudia**:

8. Decoração: fazer da casa um espaço funcional e sempre agradável, acolhedor e aconchegante para toda a família, com especial atenção à volta pra casa, das crianças da escola e do marido do trabalho.

Escolher o melhor piso; ocupar bem o espaço; escolher carpete; escolher móveis; escolher cortina; escolher tinta; escolher papel de parede; comprar metais para o banheiro; comprar roupa de banho combinada; escolher forros; escolher revestimentos; combinar roupa de cama, mesa e banho; instalar lareiras; usar materiais higiênicos nos revestimentos da cozinha; decorar gastando pouco; eliminar bolhas de ar do papel de parede; pintar a casa sem remover o carpete; revestir estofados com os tecidos da moda; deixar o escritório mais bonito; atualizar a roupa de cama; mesa e banho; manter a sujeira e o barulho longe do lar.

Cuidar das plantas; perfumar a casa com flores; usar uvas como peças de decoração; conservar as flores bonitas por mais tempo; jardinagem de forma geral; fazer um mini jardim aquático; saber quais plantas são ideais para dentro de casa e como cultivá-las; fazer um terrário; cultivar rosas; fazer um jardim suspenso; reformar o jardim; cultivar plantas decorativas; "reformar" as plantas".

Saber decorar, montar ou melhorar a cozinha; quarto das crianças (inclusive quando dividem o quarto); tornar a cama uma peça decorativa; decorar uma casa pré-fabricada; economizar espaço de forma geral, na cozinha ou nos armários; decorar o banheiro; distribuir e escolher quadros; transformar um quarto em uma sala; fazer do quarto o refúgio das crianças; decorar com azulejos; fazer decoração prática; embelezar a casa; fazer com que a decoração traduza a personalidade e estilo de vida de sua família; planejar os móveis da primeira casa; aproveitar o teto na decoração; decorar o banheiro com papel higiênico estampado; conhecer peças funcionais/decorativas; fazer do quarto das crianças um *playground*; mudar o quarto da criança conforme a idade.

Decoração sazonal: montar a árvore de Natal; montar presépio; acompanhar a moda na decoração; decorar a casa para a

Páscoa; reformar a casa.

9. Auto manutenção da mulher, para que ela sempre possa estar disponível à família, seja para trabalhar para ela, seja para ser exibida em eventos sociais.

Na gestação: usar cintas para ajudar na gestação; costurar os próprios vestidos para se sentir bonita quando grávida (inclui trabalhos manuais); conservar a beleza e se manter na moda durante a gravidez e depois; "viver bem a gravidez"; saber o que pode fazer ou não na gravidez e o que não comer durante a amamentação; relaxar e ficar tranquila para o bebê também ficar; manter-se ativa; conhecer os perigos da cafeína para o bebê; manter-se saudável e saber se cuidar na gravidez; saber o que levar na mala para a maternidade; fazer dieta na gravidez; combater as estrias; realizar exames para saber se o bebê vai nascer perfeito; entender de gravidez e viagens; saber a hora de ir para a maternidade; saber o que prejudica o feto; saber quanto peso se deve ganhar na gravidez.

Tomar cuidado com a tensão para estar sempre bem ou tratar dos nervos para não ficar doente; combater o stress com otimismo; livrar-se do mau humor; emagrecer depois do Natal; livrar-se da dor nas costas; manter-se depilada; descarregar a raiva rasgando jornal para evitar a insônia; encarar o trabalho fora como prazer, *hobbie*; cuidar da higiene íntima como "um ato de amor"; saber enfrentar a depressão; saber que atrizes famosas são também donas de casa; ser feliz para ser uma boa mãe; "saber envelhecer"; emagrecer; parar de fumar; aproveitar as tarefas domésticas para se exercitar; superar a agorafobia; combater o alcoolismo feminino; ter um diploma para superar complexo de burra; fazer um bico para sair da rotina; ficar em casa pronta para sair; ter informações sobre cirurgia plástica; combater a celulite; lidar com a TPM; hidratar as mãos depois do trabalho; usar luvas de borracha para trabalhar.

10. Escolher, ter, cuidar dos animais domésticos.

Dar biscoitos especiais ao cachorro; afugentar o gato do sofá; lavar cachorros com vinagre; usar sal para as pulgas do cachorro; controlar parasitas nos cães; saber como dar remédio líquido para o cachorro; encontrar hotel para cães; encontrar escolas de adestramento para cães; dar banho no cachorro; comprar ração para o cachorro; escolher a raça do cachorro da família; cuidar de um cão

Chihuahua; cuidar de porquinhos da índia; cuidar do gato; cuidar das crias da cadelinha; considerar ter plano de saúde para cães.

11. Artesanato e trabalhos manuais: formas de economizar no orçamento doméstico, deixar o lar aconchegante e demonstrar amor aos membros da família.

Fazer: mobílias; bordados; tapetes; almofadas de tricô; crochê (inclusive cortinas); brinquedos; esfregões com toalhas de banho velhas; fazer portas-copo com os nomes dos convidados; mini-posters; banquetas; arranjos florais; pacotes de presente personalizados; tricotar roupas da moda, para si e para a família; tricotar também no verão; um acolchoado feito de almofadas; murais para as crianças; um porta-encharpe; fantasias de carnaval, para as crianças e para você; uma colcha em ponto-cruz; arranjos para decorar a mesa; velas de Natal; almofadas para os filhos brincarem; poltronas com jeans velho; poltronas; flores secas; tapetes de retalhos; um avental; colchas para seus filhos; casinha de boneca; aplicações; um balanço para seu filho; presépios; enfeites de Natal; "presentes que embrulham presentes"; no verão, redes e mantas; um avental para cuidar das plantas; vitrais; cabides para as crianças; um saco de dormir para acampamento; panos para o Natal; você mesma o presente de dia dos pais; uma mesa que é uma flor; uma pasta escolar e uma lancheira para o filho; um tapete com sacos de farinha; berço; um aparador com a tábua de passar; bonecas de pano; guirlandas; pacotes e laços; cortinas.

"Crianças preferem brinquedos feitos por você"; "tricotar para não deixar a família sentir falta de carinho nesse inverno"; começar a preparar os presentes de Natal em outubro; aproveitar as férias para fazer trabalhos manuais; conhecer "o carinho das coisas feitas em casa"; ensinar as crianças a criarem seus próprios brinquedos; consertar tapetes; revestir objetos com cortiça; dar mais alegria às roupinhas das crianças; fazer brinquedos de papel *machê*; pintar porcelana; pintar ovos de páscoa para os filhos; não embarçar a linha do tricô; desenhar em tecido.

12. Contratar prestação de serviço

Conhecer lugares que fazem reparos em roupas; saber onde comprar pronta a ceia de Natal; encomendar serviços para sua festa; contratar animadores para festas infantis; conhecer "hospital de bonecas"; saber o que é necessário para se ter uma boa empregada; ensinar a empregada a usar os eletrodomésticos; estabelecer as relações de trabalho com a empregada; tomar cuidado com as falsas domésticas; conhecer restaurantes da moda; contar com a ajuda da babá por dia; saber escolher entre berçário ou babá; utilizar serviço de entrega de comida congelada a domicílio; saber onde encontrar comida pronta de qualidade; conhecer grandes magazines; saber utilizar os serviços do banco; saber onde restaurar porcelanas, cristais, roupas, guardas chuva, tapetes persas, carteiras e bolsas; saber onde recuperar relógios.